



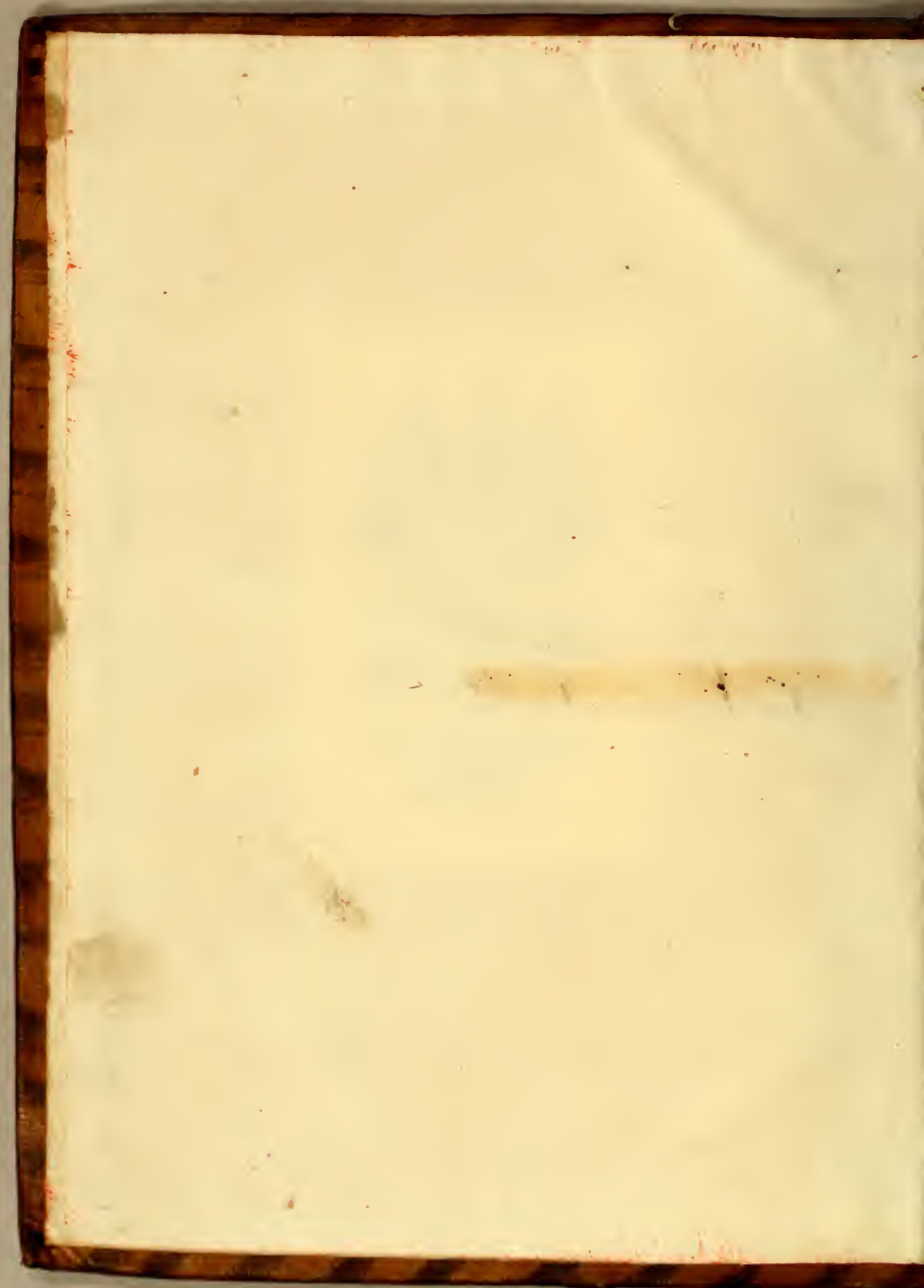
988/hj



John Carter Brown
Library
Brown University

£ 1

£ 24 v.



M A R I A R O S A M Y S T I C A .

EXCELLENCIAS, PODERES , E M A-
ravilhas do seu Rosario,

C O M P E N D I A D A S

EM TRINTA SERMOENS ASCETICOS,
& Panegyricos sobre os dous Evangelhos desta solennidade
Novo, & Antigo:

O F F E R E C I D A S

A SOBERANA MAGESTADE DA MESMA

S E N H O R A

Pelo P. A N T O N I O V I E I R A

~~da~~ DA PROVINCIA
do Brasil , em cumprimento de hum voto feito, & repetido em gran-
des perigos da vida , de que por sua immensa benignidade, &
poderosissima intercessão sempre sahio livre.

Da obra mystica I . P A R T E .



L I S B O A .

NA Officina de MIGUEL DES LANDES, Na Rua da Figueyra.
A custa de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros.

M. DC. LXXXVI.

Com todas as licenças , & Privilegio Real.

ROSA MYSTICA

CONTENTS

OF THE

SEVENTH

ANTONIO VIAL



*Censura do M. R. P. M. Dom. Rafael Bluteau, Clerigo Regular
Theatino, Qualificador do Santo Officio.*

ILLVSTRISSIMO SENHOR;

POr ordem de vossa Illustrissima li este primeiro Tomo das excellencias do Rosario, intitulado, *Maria Rosa Mystica*, composto pelo Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesu, Prêgador de Sua Magestade, & não achando nelle cousa alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes, a censura, que lhe dou, he, que todos (na minha opiniaõ) se poderão queixar deste Livro: os Leitores, porq̃ terão tanto, que admirar, que lhe faltará tempo para ler; & os Escritores, porque terão tanto, que observar, que não lhe ficará lugar para escrever. No frontispicio deste Livro, diz o Author, que o compoz em cumprimento de hum voto feito em grandes perigos da vida. Pouco receava os naufragios do corpo, quem com elles preparava triunfos ao seu engenho; nem ha para que nos lastimemos de tormentas, que nos trouxerão com estas excellencias do Rosario, huma mare de Rosas. Desmente pois esta obra as obras da natureza, porque sendo cada folha deste Livro huma Rosa, não ha em todas estas Rosas hum espinho. Bem podêra o Author ter escrupulo de dar aos entendimentos tanto gozto; mas quero supor, que não ignora, que a piedade, com que se ensina, canoniza a elegancia, com que se escreve. Porém tão fôra estou de o poder desculpar, que he forçoso, que o torne a arguir de dous crimes; da enveja, que do seu talento toda a Europa em a Portugal, & da desesperaçã, em que mete os Oradores, de poder imitar o seu estilo. E ainda assim entendo que he justo, que em descanço, & sem limite corra, o parto de hum engenho, que tanto voa.

Este he o meu sentir, Vossa Senhoria Illustrissima ordenará o q̃
lhe parecer mais conveniente. Lisboa no Convento de Nossa Se-
nhora da Divina Providencia. 4. de Dezembro de 1685.

Dom Rafael Bluteau.

*Censura do M. R. P. M. Frey Thomè da Conceyção, da Sagrada Or-
dem do Carmo, Qualificador do Santo Officio.*

ILLVSTRISSIMO SENHOR,

LI por mandado de Vossa Illustrissima esta primeira Parte de
Sermoens do Rosario, compostos pelo Padre Antonio Vieira,
da Sagrada Religião da Companhia de Jesu, & meritissimo Prêga-
dor de Sua Magestade: não li nelles cousa algũa que encontre nos-
sa Santa Fè, ou bons costumes; em cada hum dos Sermoens se vê
com admiração a fineza do Engenho deste singular Prêgador, &
em todos juntos a fecundidade de seu discurso; pois sendo o as-
sumpto hum só, nelle, & delle desentranhou materia para quinze
Sermoens diversos, sem em algũ d'elles repetição que diz em ca-
da hum; emfim he empenho, a que este grande talento (como
diz no principio do Livro) se obrigou por hum voto, & por isso
fae nelle com o melhor. Parece-me dignissimo da licença que se pe-
de para se dar á estampa, para gloria da santa, & maior devação
do Rosario. Lisboa no Convento do Carmo 5. de Janeiro de
1686.

Frey Thomè da Conceyção.

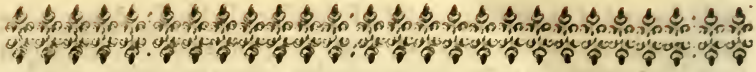
*Censura do M. R. P. Doutor Bertholameu do Quental, Preposito da
Congregação do Oratorio.*

SENHOR,

Vossa Magestade me mandou que visse a primeira Parte dos
Sermoens do Rosario, que compoz o Padre Antonio Viei-

ra da Sagrada Companhia de Jesu, Prêgador de Vossa Magestade, pondo nelles o meu parecer; & logo no primeiro Sermão topei com hũa voz tão altas, & levantadas, que o primeiro, que me pareceo foi, que não podia chegar a perceber, & muito menos averiguar a altura dos pontos a que chegavaõ estas vozes; a mulher das Turbas levantou a voz: *Extollens vocem quædam mulier de turba*; & este Evangelico Prêgador, de quem podemos dizer o que o Grande Bautista de si, que era voz, *Ego vox*, assim levantou a sua, que parece chegou a ponto mais alto do que a mulher das turbas: o certo he que ambas estas vozes chegãrão a pontotaõ alto, que não será facil achar Prêgador, q̃ chegue com a sua voz ao ponto destas vozes, nem mulheres das turbas, que saibaõ rezar por este Rosario com taes extremos; emfim Marcella era Santa, & nos louvores de Maria Santissima, & seu Bemditissimo Filho chegaõ a muito altos pontos as vozes das Santas, ainda que sejaõ das turbas, mas obrigado do preceito de Vossa Magestade, digo que esta obra he dignissima de se imprimir, porque não soando em algum ponto contra o Reyno, seria grande magoa ficarem em silencio vozes tão altas, & sonoras, que com a sua harmonia recreaõ os ouvidos, & com os seus clamores despertaõ o nosso descuido para a nossa reforma: persuadindonos para ella com razoes, & com exemplos hum meyo tão efficaz como a devação do Rosario da Senhora, & ensinandonos ao rezar bem, unindo a oração vocal cõ a mental, as vozes exteriores cõ a consideração interior dos seus mysterios, porq̃ a oração mental he a alma da vocal, & assim como o corpo sem alma he cadaver, & não homem, a oração vocal sem a mental he só cadaver de oração, mas não oração viva, & efficaz. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa, Congregação do Oratorio. 12. de Fevereiro de 1686.

Bertholameu do Quental.



LICENÇAS

Da Religião.

E U Antonio de Oliveyra, da Companhia de Jesu, Provincial da Provincia do Brasil, por especial commissão que tenho de nosso M. R. P. Carlos de Noyelle, Preposito Géral, dou licença, para que se possa imprimir este Livro, da Primeira Parte dos Sermoes do Rosario do Padre Antonio Vieira, da mesma Companhia, Prégador de Sua Magestade, o qual foi revisto, examinado, & approvado por Religiosos doutos della, por nós deputados para isso. E em testemunho da verdade, dei esta assinada com meu final, & sellada com o Sello de meu Officio. Dada na Bahia aos 15. de Novembro de 1684.

Antonio de Oliveyra.

Do Santo Officio.

Vistas as informações, podemse imprimir os Sermoes de que nesta petição se faz menção, & depois de impressos tornarão para se conferir, & dar licença, que corraõ, & sem ella não correrão. Lisboa 8. de Janeiro de 1686.

Jeronymo Soares. João da Costa Pimenta.

Do Ordinario.

Podemse imprimir os Sermoes, de que a petição faz menção, & depois tornarão para se conferirem, & se dar licença para correr,

correr, & sem ella não correrão. Lisboa 13. de Janeiro de 1686.

Serrão.

Do Paço.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario. E depois de impresso tornará a esta Mesa, para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 15. de Fevereiro de 1686.

Marquez P. Lamprea. Marchão.

Visto constar do despacho atrás da primeira folha do P.M. Qualificador Fr. Thomê da Conceição estar conforme com seu Original, pôde correr. Lisboa 9. de Novembro de 1686.

João da Costa Pimenta. Fr. Vicente de Santo Thomás.

Pode correr. Lisboa 10. de Novembro de 1686.

Serrão.

Taxaõ este Livro em doze tostoens. Lisboa 12. de Novembro de 1686.

Roxas. Lamprea. Marchão. Azevedo. Ribeyro.



Erratas desta Primeira Parte do Rosario.

Paginas.	4.	Se na mental	& na mental.
	7.	Devoção	Devacão.
	95.	Quando forem mais	altos. Quanto forem mais altos.
	110.	Só o podéra.	Só o poderá.
	147.	Engazadas.	Engrazadas.
	151.	<i>Qued.</i>	<i>Quod.</i>
	162.	Vniversidade.	Vniversalidade.
	162.	Alcançaráo.	Alcançariao.
	178.	De todos.	De todo.
	195.	A que.	A quem.
	358.	Mesma faô.	A mesma faô.
	390.	Religiosissimo.	Irreligiosissimo.
	472.	Que mais tem naõ) elles, se naõ os seus) filhos.	Que mais tem, que elles, os seus filhos.



SERMAM I.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO
exposto.

Loquente Iesu ad turbas, extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit, & ubera quæ suxisti. At ille dixit: Quinimò, beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud. Luc. II.

I.

REGANDO
Christo Redemptor nosso
a hũa grande
multidão de bons, & maos
ouvintes, depois de ter con-
vencido com força de evi-
dentes razões a rebeldia dos
maos, levantou a voz hũa
boa mulher, dizendo: *Beatus venter qui te portavit, & ubera quæ suxisti*: Bemaventurado o ventre que trouxe dentro em sy tal Filho, &

bemaventurados os peitos, a
que foy criado. Não negou
o Senhor o que disse a de-
vota mulher, porque eraõ
dignos louvores da bemdi-
ta entre todas as mulheres;
mas porque no rompimen-
to daquellas vozes mostrava
bem o inteiro juizo, que fize-
ra do que tinha ouvido, res-
pondeo o Mestre Divino:
Quinimò, beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud: Antes, te digo, que bẽ-
aventurados saõ, como tu fi-
zeſte, os que ouvem a pala-

A

vra

Sermão I.

vra de Deos , & a guardaõ. Isto he pontualmente, & letra por letra, tudo o que nos refere o Evangelista S. Lucas no Texto que propuz, largo para thema, mas breve para Evangelho, & mais em dia de tão grande solemnidade.

2. O que nelle noto , & me admira muito, he que em tal tempo, & em tal concurso esta molher fallasse com Christo, & Christo lhe respondesse. Não he ponderação minha, senão do mesmo Evangelista: *Factum est autem, cum hæc diceret, extollēs vocem quædam mulier de turba, dixit illi.* Aquelle termo, *Factum est autem*, he huma prefação, em que mostra o Evangelista, que passa a dizer hum caso raro, notavel, novo, q̃ de nenhum modo se podia esperar; nem presumir. E assim foy. Que no meyo da prégação falle hũa molher, não he novidade: mas que levante a voz: *Extollens vocem*; & que falle não com outrem, senão com o mesmo Prégador: *Dixit illi*? Caso foy muito notavel. Porém que o Prégador,

sendo Christo, no meyo, & no fio da prégação: *Cū hæc diceret*: não só de ouvidos á molher, mas lhe responda, & pelos mesmos termos: *Beatus venter, Beati qui audiunt*? Mayor caso, & mais notavel ainda. Mas assim havia de ser, & assim importava que fosse. Porque, ou para que? Para que os Prégadores, que nos mysterios, & solemnidades da Virgem Senhora nossa temos tanto trabalho em accomodar os Evangelhos; tivéssemos hum Evangelho muito proprio, muito proporcionado, muito natural, & muito facil, cõ que prégar do seu Rosario. E esta he a razão, porque a Igreja Catholica allumiada pelo Espirito Santo, instituindo novo Officio, & nova Missa do Rosario, mandou cantar nella não outro, senão o Evangelho que ouvistes, & eu referi todo. Assim que este Evangelho he o mais proprio, & accomodado; & este, na sua mesma brevidade, o mais capaz de se poder prégar nelle a Devação santissima do Rosario, & se declararem por elle a essencia,

& excellencias de tão soberana Oração.

3. S. Ioaõ Chrysostomo, & S. Gregorio Nisseno, dous grandes Lumes da Igreja, & seus Interpretes, definirão a perfeita Oração desta maneira. S. Chrysostomo fallando da Oração em commum no livro primeiro, *De orando*

Deum; diz que a perfeita Oração he hũ colloquio do homem com Deos: *Colloquium anime cum Deo*. E S. Gregorio Nisseno commentando particularmente a Oração do Padre Nosso, que he a primeira, & principal do Rosário, diz que a Oração perfeita he hũa pratica, & conversação com Deos: *Est conversatio, sermocinatioque cum Deo*. E que fundamento tiverão estes grandes Doutores, a quem segue S. to Thomás, & todos os Theologos, para definir a Oração com nome de colloquio, de conversação, & pratica com Deos? O fundamêto, que ambos tiverão, foy, porque o colloquio, a pratica, & a conversação, não só he fallar, senão fallar, & ouvir: he dizer de hũa

parte, & responder da outra; & nesta communicacão reciproca consiste a essência, & excellencia da perfeita Oração. Na Oração menos perfeita falla o homem com Deos; na perfeita, & perfeitissima falla o homem com Deos, & Deos com o homẽ. E isto he o que reciprocamente exercita o Rosário, como Oração perfeitissima, nas duas partes de que he composto. O Rosário compoemse de Oração Vocal, & Mental; Vocal nas Orações que reza, Mental nos mysterios que medita: em quanto rezamos, fallamos com Deos; em quanto meditamos, falla Deos connosco. O nosso rezação saõ vozes, o nosso meditar he silencio: mas neste silencio ouvimos melhor, do que somos ouvidos nas vozes; porque nas vozes ouvenos Deos a nós, no silencio ouvimos nós a Deos.

4. Tal he o colloquio da Oração perfeita, tal a pratica do Rosário, & tal có toda a propriedade o dialogo do nosso Evangelho. A molher fallou com Christo,

& Christo respondeo á mulher: a mulher disse da sua parte: *Dixit illi*; & Christo tambem disse da sua: *At ille dixit*: ella disse Bem, porque disse: *Beatus venter*: o Senhor disse melhor, porque disse: *Quinimò, beati*. E porque na parte Vocal ouve Deos, se na Mental ouve o homem; ella levantou a voz, para que o Senhor ouvisse as suas palavras: *Extollens vocem*: & o Senhor louvou os ouvidos, com q̃ ella tinha ouvido as palavras de Deos: *Qui audiunt verbum Dei*.

5. Supposto pois que no caso do presente Evangelho temos hystoriado o Rosário, & resumida com tanta propriedade a idéa de sua admiravel composição, assim como Deos primeiro formou o corpo de Adão, & depois lhe infundio a Alma; o mesmo farey eu. A parte Mental, que he a Alma do Rosário, ficará para outro discurso; neste tratarey só da Vocal, que he o corpo: queira Deos que me caiba nelle. O assumpto não ha de ser meu, senão de quem le-

vantou a voz: *Extollens vocem*. A mesma, que levantou a voz, levantou o assumpto. Assim que o que determinò mostrar, & havemos de ver hoje, será: que a Oração Vocal do Rosário, em quanto Vocal, he a mais alta; & levantada de todas: *Extollens vocem*. Para que a Senhora nos assista com sua Graça, offereçamoslhe agora hũa vez, o que tantas repetimos no Rosário. *Ave Maria*.

II.

Extollens vocem.

6. **P**ara comprehender a excellencia, & alteza de qualquer Oração Vocal; nas mesmas vozes, ou palavras, de que he composta, se devem considerar tres respeitos, ou tres partes essenciaes. O que se pede, a quem se pede, & por quem se pede: o que, a que, & por quem. Esta mesma distincão observou a mulher do Evangelho. A sua Oração foy panegyrica, & laudatoria, & na voz, que levantou; *Extollens vocem*; tocou

Do Rosario.

5

os mesmos tres pontos, & os mais altos, a que podia chegar o mais levantado Espirito. O que louvou, foy o myfterio altissimo da Encarnação; a quem louvou, foy a Pessoa do mesmo Verbo encarnado; & por quem o louvou, foy pela Mãe, que o concebeo em suas entranhas, & o criou a seus peitos: *Beatus venter qui te portavit*. Não poderamos dezejar, nem melhor Texto para dividir o nosso discurso, nê melhor guia para o seguir. A Oração Vocal do Rosario fo se distingue desta do Evangelho pelo fim: porque o fim desta Oração, como panegyrica, foy louvar; & a do Rosario, como deprecatoria, he pedir. Aquella voz foy altissima na consideração do que louvou, a quem louvou, & por quem louvou: & do mesmo modo he altissima a voz do Rosario na consideração do que pede, a quem pede, & por quem pede. E estas fero as tres partes do nosso discurso. Alta, & altissima a Oração Vocal do Rosario pela alteza das petições, que nella

fazemos: *Extollens vocem*: alta, & altissima pela alteza da Magestade, a quem as apresentamos: *Extollens vocem*: & alta finalmente, & altissima pela alteza da intercessão, de que nos valemos: *Extollens vocem*. Oração agora com attenção os devotos do Rosario, & com inveja, & arrependimento, os que o não forem.

III.

7. **C**onsiderando pois em primeiro lugar a alteza da Magestade, a que apresentamos nossas petições, & começando (para mayor clareza) por onde começa o Rosario: qual he a sua primeira voz? A primeira voz do Rosario he: *Pater noster, qui es in caelis*: Padre nosso, que estás em os Ceos. E voz, que chega da terra ao Ceo, & ao Ceo, onde está Deos; vede se he alta, & altissima: *Extollens vocem*?

Matth. 6.9.

8. Nós não reparamos nesta que parece vulgaridade; mas o mayor Mestre de orar, que foy David, faz grande reparo nella: *Voce mea ad Domini*

Ps. 3. 5.

minum clamavi, & exaudivit me de monte sancto suo.

David era grande contemplativo, mas nesta occasião (que foy quando fugia de feu filho) orou vocalmente. Isto quer dizer, *Voce mea*, Oração Vocal. É o que muito pondéra, he que esta sua voz saindo do Valle de Cedron, por onde caminhava, fosse ouvida no Monte Tabôr da Gloria, onde Deos té o trono de Sua Magestade.

D. Athanas. ibi.

De caelo, & sublimi throno gloriæ suæ: commenta Santo Athanasio. O Ceo, onde Deos tem o trono de Sua Magestade, não he algũ dos Ceos, que vemos, senão outro Ceo sobre estes quasi infinitamente mais levantado, & sublime: por isso não dizemos, *Qui es in Cælo*, senão, *Qui es in Cælis*. Da mesma frase usou Christo, quando disse, que os Anjos, que assistem na terra em nossa guarda, sempre vem a Deos, que está; não no Ceo, senão nos Ceos: *Semper vident faciem Patris, qui in Cælis est.*

Matth. 18. 10.

E combinando hum Texto com outro, he prerrogativa verdadeiramente admiravel,

que onde chegaõ os Anjos com a vista, cheguem os homens com a voz. A esfera da voz he sem comparaçõ mais limitada que a da vista. Mas isto se entende da voz, com que fallamos, & não da voz, com que oramos. A voz, com que fallamos, mal se estende a toda esta Igreja, & a vista tem tanto mayor, & mais alta esfera, que chega ao Firmamento, onde vemos as Estrellas. Porém a voz, com que oramos, não só chega ao Firmamento, que vemos, que he o Ceo das Estrellas, mas ao mesmo Empyreo, que não vemos, que he o Ceo de Deos. O Ceo, que vemos, he o Ceo da terra, o Ceo, onde está Deos, he o Ceo do Ceo: *Cælum Cæli Domino*. E isto he o que ponderava, & admirava David na voz da sua Oração: *Voce mea ad Dominum clamavi, & exaudivit me de monte sancto suo.*

Pf. 113. 16.

9. Mas daqui mesmo se vê, que a alteza desta voz, ainda he mais maravilhosa nos que rezaõ o Rosario. David diz, que clamou, & bradou com a sua voz: *Voce*

mea

mea ad Dominum clamavi; & no Rosário não he necessário clamar, nem ainda soar. Anna Mãe de Samuel foy hũa excellente figura dos q̃ rezaõ o Rosário. Della diz o Texto Sagrado, que multiplicando as preces, sómente selhe viaõ mover os beiços, mas a voz de nenhum modo se ouvia: *Cum multiplicaret preces coram Domino, tantum labia illius movebantur, & vox penitus non audiebatur.* O mesmo passa cá pô-tualmente. Anna multiplicava as suas preces; & quem reza o Rosário, também as multiplica, porque repete muitas vezes a mesma Oraçãõ. A Anna só selhe viaõ os movimentos da boca; porém a voz não se ouvia: & vós rezais o vosso Rosário com hũa voz tão interior (& por isso mais devota) que nem os que estão muito perto vos ouvem, nem vós mesmos vos ouvis. E quádo vós não ouvis a vossa mesma voz, he ella tão alta, & sobe tão alto, *Extollens vocem,* q̃ chega ao Ceo dos Ceos, onde está Deos: *Qui es in celis.*

10. Não faltará porém quem diga, que esta circumstancia de orarmos a Deos, em quanto está no Ceo, parece hũa cerimonia superflua, & não só não necessaria, mas nem ainda conveniente. Commentando Santo Agostinho estas palavras, que em seu tẽpo ainda não eraõ do Rosário, mas eraõ as mesmas; diz assim: *Non dicimus Pater noster, qui es ubique, cū & hoc verum sit, sed Pater noster, qui es in Cælis.* Deos por sua immensidade está em toda a parte, & não só comnosco, senão em nós em qualquer lugar onde estivermos. Logo não he necessário invocar a Deos em quanto está no Ceo, pois também o temos na terra: quanto mais que invocallo no Ceo, parece que he afastarmos a Deos de nós, & orar de longe; quando fora mais conveniente, & mais conforme ao affecto da devoção fazello de perto. Não he mais conveniente fallarmos com Deos, onde elle está, & nós estamos, que onde elle está, & nós não? O mesmo David tão grande mestre

*D Aug.
de modò
orandi
Deum
Epist.
122.*

ps. 118.
169.

tre desta arte pedia a Deos, que a sua Oração chegasse muito perto do seu Divino acatamento: *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo*. E o Rosario antes de as Ave Marias convertidas em rosas lhe darem este nome, chamavase o Psalterio da Virgem; porque o de David se compoem de cento & cincoenta Psalmos, & o da Senhora de outro tanto numero de Saudações Angelicas. Pois se David no seu Psalterio pede a Deos, q̃ a sua Oração chegue muito perto delle: *Appropinquet deprecatio mea in conspectu tuo*; como nós no Psalterio da Virgem nos pomos tão longe de Deos, ou a Deos tão longe de nós, quanto vay da terra ao Ceo: *Qui es in Caelis*?

II. Digo, que não he diferente o nosso ditame, senão o mesmo, que o de David. E porque? Porque quanto o que ora se poem mais longe de Deos, tanto a sua Oração chega mais perto delle. Poem-se a Oração, & o que ora diante de Deos, como em duas balanças: &

quanto o que ora mais se abate, & fica mais longe, tanto a Oração mais sôbe, & chega mais perto: elle mais longe por reverencia, & ella mais perto por aceitação. Foraõ dous homens ao Têplo a orar, diz Christo, hum Fariseo, & outro Publicano. O Fariseo, como Religioso que era daquelle tempo, chegou-se muito perto do Altar, & do Sancta Sanctorum, & alli representava a Deos suas boas obras. O Publicano pelo contrario poz-se lá muito longe: *Stans a longe*; & sem se atrever a levantar os olhos ao Ceo, batia nos peitos, & pedia perdão dos seus peccados. Esta foy a differença dos oradores, & das orações: & qual foy o successo? *Descendit hic justificatus ab illo*. O que se chegou muito perto do Altar, & de Deos, ficou a sua Oração muito longe, porque foy reprovada: & o que se poz muito longe: *Stans a longe*: chegou a sua Oração muito perto de Deos. porque foy aceita. Elle longe por respeito, & a sua Oração perto por agradando: Luc. 18.
13.
Ibidem
14.

Do Rosário.

9

Beda in
eum lo-
cuna.

do: elle longe por reveren-
cia, & ella perto por aceita-
ção. *Non audebat appropin-*
quare, ut Deus ad eum appro-
pinquaret: diz o Veneravel
Beda. E isto he o que nós
fazemos logo no principio
do Rosário. Ainda q Deos
está em toda a parte, não o
invocamos de perto, em
quanto assiste na terra por
immensidade, senão de lon-
ge, & tão longe, em quanto
preside no Ceo por Magestade:
Qui es in Cælis: &
quanto nós, como heração,
mais nos abatemos, tanto a
voz da nossa Oração mais se
levanta: *Extollens vocem*.

12. He verdade, como
ponderava São Agostinho,
que para a efficacia da nossa
Oração bastava orar a Deos
na terra, mas para a digni-
dade não. Porque Deos na
terra está só por presença co-
mo immenso, no Ceo está
por Magestade como Altis-
simo. Esta foy a differença,
que considerou, & distinguio
o Prodigio na sua Oração:
Peccavi in Cælum, & coram
te: Pequey contra o Ceo, &
na vossa presença. E porque
fez aquelle moço, já bem

entendido, esta differença de
lugar a lugar, & de Deos a
Deos? Porque na terra reco-
nhécia a sua presença, & no
Ceo considerava a sua Ma-
gestade. No *Coram te*, con-
fessava a presença offendi-
da; no *Peccavi in Cælum*, a
Magestade leza. E como
Deos na terra está só por
presença como immenso, &
no Ceo por Magestade co-
mo Altissimo: *Tu solus Al-*
tissimus in omni terra: por is-
so o Divino Autor desta Di-
vina Oração, para que co-
nhecessemos o modo de o-
rar altissimo, que nos ensina-
va, nos mandou que orasse-
mos a Deos, não em quanto
está por presença em todo
lugar, mas em quanto está
por Magestade no Ceo dos
Ceos: *In Cælis*. O Publica-
no, que orou bem, mas a mo-
do da Ley Velha, diz o E-
vangelista, que nem os olhos
se atrevia a levantar ao Ceo:
Nolebat nec oculos ad Cælum
levare: porém o Mestre Di-
vino da Ley da Graça, não
fêquer, que levantemos os
olhos, & as mãos ao Ceo,
mas que logo no principio
da nossa Oração a presente-

Ps. 82.
19.

Luc. 11.

Luc. 11.
13.

Luc. 15.
18.

mos

mos no Ceo dos Ceos diante do Divino acatamento, & que onde Deos assiste por Magestade como Altissimo, lá entre confiadamête a nossa Oração, & lá suba, & se levante a nossa voz: *Extolens vocem.*

IV.

13. **E** Se esta voz, ou esta Oração Vocal do Rosario se levanta tão to, & he tão alta, quando dizemos: *Qui es in Calis*: quem poderá bastantemente declarar a alteza, não só inacessível, mas tremenda, aonde se levanta, & remonta a mesma voz, quando cõ ella se atreve a lingua mortal a pronunciar *Pater noster*? O grande S. Pedro Chrysologo, cujas palavras por antonomasia foraõ chamadas de ouro, subindo hũa dia ao pulpito de Ravenna, onde como Arcebispo seu era visto frequentemente, começou desta maneira: *Hodie quod audituri estis, stupent Angeli, miratur Calum, pavet terra, caro non fert, auditus non capit, non attingit*

Petr.
Chrysol.
sermon.
72. in
Orationem Dominice
Mynicã.

mens, tota non potest sustinere creatura, ego dicere non audeo, tacere non possum. O que trago hoje para prégar, & o que haveis de ouvir (diz Chrysologo) he hum caso, de que palmaõ os Anjos, de que se assombra o Ceo, de que tem medo a terra, de que se estremecem as carnes: he hum caso, que não cabe nos ouvidos, que não alcãgaõ os entendimentos, que não tem hombros para o suportar toda a maquina das creaturas, & que eu me não atrevo a dizer, nem posso callar: *Dicere non audeo, tacere non possum.* Tende maõ, Demostenes Divino. E que exordio he este tão defusado? Que caso tão novo, tão inaudito: tão tremendo para a terra, tão espantoso para o Ceo, & para homens, & Anjos tão estupendo? Ainda he mayor do que tenho representado, & mayor que quanto se pôde encarecer, nem imaginar. E qual he? He (conclue o grãde Theologo, & eloquentissimo Orador) he que se pôde atrever a lingua humana a dizer a Deos: *Pater noster.* Pois dizer

dizer a Deos, Padre nosso, esta voz tão breve, este nome tão amoroso, he aquelle trovão, que faz estremecer o Ceo, & a terra, o pasmo dos Anjos, o assombro dos homens, o horror de todas as creaturas? Sim. E se nós tivéssemos entendimento para comprehender o mesmo, que dizemos, quando olhássemos para as alturas, aonde se levanta a nossa voz: *Extollens vocem*; antes havíamos de emudecer, que pronunciálla, & dizer como Chrysologo: *Dicere non audeo*.

14. Ainda depois de Christo nos mádar orar por estes termos, ainda depois de Sua Magestade nos dar esta licença, & seu amor esta confiança, vede o tento, a sumissão, o recato, & o sagrado horror, com que o faz a Igreja Catholica: *Præceptis salutaribus moniti, & divina institutione formati, audemus dicere, Pater noster*. Obrigados, Senhor, do vosso preceito, amoeitados da vossa doutrina, & instruidos na fôrma da vossa Divina Instituição, ouzamos a

vos dizer: que? *Pater noster*.

De sorte, que invocar a Deos com o nome de nosso Pay, he hũa cousa tão alta, tão sublime; tão superior a toda a capacidade humana, que ainda depois de instruidos, & amoeitados, & obrigados com preceito a orar por estes termos, & a invocar a Deos com este nome, lhe chama a Igreja ouzadia: *Audemus dicere*. Tão grande ouzadia, que se não fora preceito, era a mayor arrogancia; & se não fora fé, a mayor soberba. Assim o entendeo Santo Agostinho, quando disse: *Non ergo hic arrogantia est, sed fides; non superbia, sed devotio*. Invocarmos a Deos com o nome de Pay nosso, he graça, & doutrina de seu proprio Filho: logo não he arrogancia, senão fé: logo não he soberba, senão devação. Mas fé, & devação tão alta, que a soberba de Lucifer se precipitou do Ceo, só porque entendeo, q̃ havia de haver hum homem, que chamasse a Deos Pay. E esta altura, de que elle cahio, he a mesma, a que nós subimos: muito alta, quando dize-

August.
citra 119.

dizemos : *Qui es in Cælis* ; mas immenſa , & infinitamente mais alta, quando dizemos : *Pater noſter*.

15. E porque ? A differença he manifeſta. Porque quando dizemos : *Qui es in Cælis* : ſóbe a noſſa Oração no Ceo até o trono de Deos ; mas quando dizemos : *Pater noſter* : ſóbe a meſma Oração em Deos até o ſeyo do Padre. O ſeyo do Padre he o lugar de ſeu Unigenito Filho : *Unigenitus qui eſt in ſinu Patris* : & onde o Filho tem o aſſento por natureza , quis que nós tiweſſemos o acceſſo por graça : & que ao meſmo Pay, de quem elle he Filho, diſſeſſemos nós com verdade : *Pater noſter*. Affim o enſina com toda eſta eſpecialidade, não meños que o Apolto S. Paulo : *Non enim accepiſtis ſpiritum ſervitutis iterum in timore , ſed accepiſtis ſpiritum adoptionis filiorum, in quo clamamus : Abbá, Pater*. Exhortanos o Apolto a que vivamos conforme a dignidade do noſſo eſtado, não com eſpirito de temor, & ſervil, como os da

Joan. 1.
18.

Rom. 8.
15.

Ley Velha, mas com eſpirito de amor, & filial, como naciſcos na Ley da Graça : advertindo (diz) que vos levantou Deos ao lugar de ſeu proprio Filho, adoptandovos por taes , como bem ſe moſtra na conſiança, com que as noſſas vozes dizem, ou nós dizemos a vozes, Padre noſſo : *In quo clamamus : Abbá, Pater*. Primeiro que tudo notay o *Pater*, & o *Clamamus* : o *Clamamus*, que he proprio da Oração Vocal, & o *Pater*, que he a primeyra voz do Roſario. Mas ſe Moyſes, Joſué, David, Elias, Eliſeu, & os mais tambem oravaó, & oravaó ao meſmo Deos, que nós invocamos , em que conſiſte eſta differença, ou excellencia da noſſa Oração, que S. Paulo tanto encarece em comparação da ſua ? Conſiſte , como declara o meſmo Apolto , em que na noſſa Oração chamamos a Deos , Pay : *In quo clamamus : Abbá, Pater*. Na Ley Velha, nem em Deos era conhecido o nome de Padre , nem o Padre tinha communicado aos homens a adopção de filhos. Húa, & outra

outra cousa fez Christo. Deu a conhecer o nome do Padre: *Pater, ego manifestavi nomen tuum hominibus*: & deu aos homens a graça de poderem ser Filhos do mesmo Padre: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri*: & por isso os da Ley Velha, como servos, oravaõ a Deos como Deos, & os da Ley da Graça, como filhos, oramos a Deos como Pay.

16. Grande Texto na mesma Pessoa do Filho, & com intelligencia pouco observada, & por ventura não sabida. Quatro vezes orou Christo na sua Payxaõ, mas não pelos mesmos termos. Tres vezes orou a Deos como Pay, & hũa vez como Deos. No Horto como Pay: *Pater, si possibile est*: quando o pregavaõ na Cruz, como Pay: *Pater, dimitte illis*: quando finalmente espirou, como Pay: *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum*. Porém quando se lamentou de se ver desamparado, & deixado, não chamou a Deos Pay, senão Deos, & Deos repetidamente: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquif*

ti me? Pois se Christo, se o Filho do Eterno Padre em tantas outras occasiões o invocou com o nome de Pay, como agora lhe não chama Pay, senão Deos? Mayor duvida ainda, & mais nova. As outras oraçoens, em que Christo usou do nome de Pay, todas refere o Texto Sagrado, assim Grego, como Latino, na mesma lingua vulgar; & só esta, em que o Senhor usou do nome de Deos, le o Evangelho na lingua Hebraica: *Eli, Eli, Lãmã sabathani*. Qual he logo a razão de hũa, & outra differença, ambas tão particulares, & tão notaveis? A primeira (torno a dizer) porque só nesta Oraçaõ chama Christo ao Padre Deos? A segunda, porque só esta Oraçaõ se escreve na lingua Hebraica? Direy Christo Redemptor nosso na Cruz, como quem actualmente estava pagando pelos peccados de todo o genero humano, representava em sua Pessoa os dous Povos, de que o mesmo genero humano se compunha, o Judaico, & o Gentilico. E como

Idem

Idem

Theoph.
ibi.

mo Deos naquella hora deixava, & lançava de sy o Povo Judaico; por isso Christo em quanto representava o mesmo Povo, se lamentava de se ver deixado: *Ut quid dereliquisti me?* Assim expõem este Texto Theophilato, & creyo entêderão todos os Doutos, que he o sentido mais proprio, & mais literal d'elle: *Ut quid dereliquisti me, id est, meum genus, meum populum, qui secundum carnem mihi cognati sunt.* E daqui ficaõ finalmente respondidas ambas as nossas questões. A de se referir só este Texto na lingua Hebraica; porque Christo naquella occasião representava o Povo Judaico deixado, & em seu nome se lamentava. E a de orar então a Deos como Deos, & não como Pay; porque os do mesmo Povo, por mais santos, & favorecidos que fossem, não fallavaõ a Deos como Pay, senão como Deos. He pontualmente tudo o que dizia S. Paulo. Elles porque viviaõ á ley de servos, *In spiritu servitutis*, oravaõ a Deos como Deos; nós que vive-

mos em foro de filhos, *In spiritu adoptionis filiorum*, oramos a Deos como Pay: *In quo clamamus: Abbá, Pater.* É notay outra vez a palavra *Clamamus*, que não só significa voz, senão voz muito alta, & levantada. Porque aquella grande altura, aonde nunca podêrão chegar as Orações; & vozes dos maiores Patriarchas; por essa começamos nós hoje com a primeyra Oração, & a primeira voz do Rosario: *Extollens vocem.*

V.

P Assando á segunda parte do nosso discurso, vejamos agora como a mesma voz, ou Oração Vocal do Rosario, não he menos alta, & altissima pela alteza das petições, que nella fazemos. As do Padre nosso, antes de chegar a Ave Maria (em que fazemos hũa só) são sete; & as três por onde começamos (para que as ponderemos por junto) muito notaveis. A primeira, *Sanctificetur nomen tuum*, em que pedimos a Deos a santificação de seu nome: a segunda, *Adveniat Regnum*

tuum,

tuum, em q̃ pedimos a propagação universal do seu Reyno: a terceira, *Fiat voluntas tua, sicut in Cælo, & in terra*, em que pedimos a execução da sua vontade tão inteiramente na terra, como no Ceo. Mas estas petições, se bem se considerão, parece que o não são. Quem pede a Deos (como bem argue aqui S. Gregorio Nisseno) ou pede o remedio de suas necessidades, ou o soccorro de seus trabalhos, ou o augmento, & conservação de seus bens, ou outra coisa sua, & para sy. Mas nestas petições nada he nosso, nem nos pertence a nós: tudo he do mesmo Deos, a quem pedimos: *Nomen tuum*, o teu nome: *Regnum tuum*, o teu Reyno: *Voluntas tua*, a tua vontade. Pois se tudo isto he seu, & não nosso, se tudo pertence a Deos, & não a nós; porque lho pedimos a elle? Porque esta he a alteza altissima da Oração Vocal do Rosario: *Extollens vocem*. O mais alto ponto, a q̃ se pôde levantar, & subir a oração humana, não he pedir a Deos para nós, he pe-

dir a Deos para Deos.

18. Quando Christo Senhor nosso ajuntou ao numero dos Apostolos o dos setenta & dous Discipulos, disselhes assim: *Messis quidem multa, operarii autem pauci: rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam*. A seara, q̃ vos mando cultivar, he muita; mas os operarios, ou lavradores, são poucos: pelo que rogay ao Senhor da seara, q̃ mande mais operarios á sua seara, ou á seara sua: *In messem suam*. Este *Suam*, & aquelle *Ergo*, parece que não fazem boa consequencia. Se Christo he o Senhor da seara: *Dominum messis*: se a seara he sua: *In messem suam*; como nós manda a nos, que lhe roguemos, & peçamos a elle, que mande operarios. Não he o mesmo Senhor aquelle vigilante Pay de familias, que madrugou muito cedo, & em todas as horas do dia sahio em pessoa á praça a chamar, & alugar operarios para a vinha, não por outra razão, senão porque era sua: *Ite & vos in vineam meam*? Pois se a cultura,

Lut. 10.

Math.
20. 4.

ra,

ra, & a colheita da sua seara está á conta da sua providência, & do seu cuidado, porque a encommenda ás nossas Oraçoens : *Rogate Dominū messis?* Se a seara fora nossa, então nos incumbia a nós rogar, & pedir a Deos nos dêsse os meynos para ella : mas que sendo a seara de Deos, nós hajamos de rogar ao mesmo Deos, que se lembre da cultura da sua seara : *Ut mittat operarios in messem suam?* Bem se mostra, que o mesmo Autor do Padre nosso he o Mestre desta doutrina. Manda, que sendo a seara de Deos, & não nossa, sejamos nós os que roguemos por ella : porque a Oração perfeita, & perfeitaissima, não he pedirmos nós para nós, he pedirmos a Deos para Deos. Pedirmos nós para nós, he procurar os nossos interesses ; pedirmos a Deos para Deos, he solicitar a sua gloria. E isto he o que fazemos nas primeiras tres petições do Rosario. Se dizemos : *Sanctificetur* ; para gloria de Deos, *Nomen tuum* : se dizemos *Adveniat* ; para gloria de Deos outra

vez, *Regnum tuum* : se dizemos *Fiat* ; para gloria de Deos do mesmo modo : *Voluntas tua*.

19. Hum Rey ouve no mundo tão soberbo, & tão louco, que tudo isto quis para sy. Quis a exaltação de seu nome, fazendo-se chamar Deos ; quis a dilatação de seu Reyno, tratando de o estender por todo o mundo, quis a execução universal da sua vontade, mandando que ella só, & nenhũa outra fosse obedecida. Já sabeis q̃ fallo de Nabucodenezor, mais que bruto quando entrou neste pensamento, que quando pastava no campo. Tinha cercado a Cidade de Bethulia, mais apertada já da sede, q̃ do mesmo sitio : orou Judith a Deos : mas como orou ? Lastima he q̃ o não fizesse com hum Rosario nas mãos. Mas por isso disse S. Paulo, que tudo o q̃ se fazia na Ley Velha, era figura da Nova : *Omnia in figura contingebant illis*. A Oração, que fez depois de allegar as maravilhas de Deos em favor, & defença do seu Povo, foy nesta forma :

1. Cor.
10. 11.

Judith.
9. 11.

Ibidem.

ma: *Erige brachium tuum sicut ab initio, & allide virtutem illorum in virtute tua, cadat virtus eorum in iracundia tua.* Levantay, Senhor, voffo omnipotente braço como antigamente, quebrantay o poder de nossos inimigos com a força do voffo, & finta a soberba, & violencia dos seus exercitos o jufto rigor da vossa ira. Isto he o q pede a Oração de Judith, agora se seguem os motivos, que allega a Deos: *Qui promittunt se violare sancta tua, & polluere tabernaculum nominis tui, & dejicere gladio suo cornu altaris tui.* Porque vem prometendo, & ameaçando, que haõ de violar o fagrado de voffo Santuario, que haõ de profanar o Tabernaculo de voffo santissimo nome, & que com o ferro das suas armas haõ de destruir, & arrazar os vossos Altares. Pois, Senhora, isto he o que fõ allegais a Deos? Muito mais he o que promette, muito mais o que ameaça o inimigo; de que eftá cercada, & tão apertada Bethulia. Ameaça, que ha de affaltar a Cidade, & le-

vala á viva força: ameaça, que a quantos a quizerem defender naõ ha de perdoar a vida, mas ferem passados todos ao fio da efpada: ameaça, que o sacco, & de pojos haõ de fer a rica preza de seus soldados, em que a voffa casa terá mais que roubar: ameaça, que os poucos, que escaparem da primeira furia, grandes, pequenos, homens, mulheres, mininos, haõ de ficar cativos (ou naõ haõ de ficar) porque todos feroẽ levados em cadeas ao defterro remotissimo da terra dos Affirios. Pois se isto, & muito mais he o que ameaça o exercito de Olofernes, & a fama, & terror de feu nome; como vós fõ allegais a Deos os sacrilegios do feu Santuario; as injurias do feu Tabernaculo, a deffolação de seus Altares? E ifaqui porque na Oração de Judith, & nestas tres allegações, que faz a Deos, se representarão as tres petições do Rosário. Nada teme, & nada perde a Deos para fy, tudo teme, & tudo pede a Deos para Deos Affim como nós dizemos: *Nomen tuum, Regnum*

B *tuum,*

tuum, voluntas tua : assim Judith não diz, nem representa outra cousa a Deos, senão: *Sancta tua, tabernaculum nominis tui, cornu altaris tui.*

20. E se alguém me disser, que somos humanos, & não divinos; de carne, & não espiritos; que padecemos trabalhos, necessidades, misérias; & que assim como pedimos a Deos para Deos, devemos também pedir a Deos para nós: Respondo, que assim he verdade, & que nem por isso devemos perder a devação ao Rosario, nem a piedade ao Padre nosso. Deixada a quarta petição para melhor lugar, assim como nas tres primeiras só pedimos para Deos, assim nas tres ultimas só pedimos para nós. Nas tres primeiras tudo para Deos: *Nomen tuum, Regnum tuum, voluntas tua*: nas tres ultimas tudo para nós: *Dimitte nobis, ne nos inducas, libera nos.* Mas em que se ve a ordem, & differença de hũa a outras petições, dignissima da Sabe-doria de seu Divino Autor? Vcsc (como bem notáraõ

D. Tko-
mas.
D. Bona
vent.

Santo Thomás, & S. Boaventura) vese em que as que nos pertencem a nós, vão em segundo lugar, & as que pertencem a Deos, no primeiro. Oh se guardássemos esta ordem, como seriaõ aceitas nossas Orações! Mas muitos rézaõ o Rosario, & o Padre nosso ás aveças. E queira Deos que não haja alguns, que todo seu emprego ponhaõ na quarta petição mal interpretada, & só tratem do *Panem nostrum*, quando não seja do alheio. Deixados porẽm estes; os que rézaõ o Padre nosso ás aveças, saõ os que poem em primeiro lugar o que lhes toca a elles, & no ultimo o que pertence a Deos. Na mesma Bethulia, & sem sair das linhas do fitio, temos o exemplo. Já ouvimos a Oração de Judith, ouçamos agora a dos outros cercados, & não só guiados pelo seu ditame, senão pelo dos mesmos Sacerdotes, que he o que mais me escandaliza: Cubríraõ os Sacerdotes os Altares de luto, & de cilicio, & fizeraõ a sua Oração desta maneira: *Clamaverunt ad*

Judith.
4.18

Do-

VI.

Dominum unanimiter, ne darentur in prædam infantes eorum, & uxores eorum in divisionem, & civitates eorum in exterminium, & sancta eorum in pollutionem. Vede por onde acabaõ, & por onde começaráõ. Clamáraõ a Deos, diz o Texto, pedindo que seus filhos não ficassem cativos, que suas mulheres não fossem divididas delles, & desterradas, q̃ suas Cidades, & casas não fossem destruidas, & que as cousas sagradas não fossem profanadas. Pois agora? Sim: agora. O sagrado, & o de Deos no ultimo lugar, nós, & o nosso no primeiro. Oraõ os homens, como vivem. Os interesses, & conveniencias temporaes diante de tudo, como se faz na vida; o de Deos, o da consciencia, o da Alma lá para o fim, como se faz na morte. E esta ordem, ou desordem tão encontrada com a disposiçaõ das petiçoẽs de Christo, não he de quem reza quinze vezes no Rosario a Oraçaõ do Padre nosso, nẽ de quem sabe o que pede, ou como o ha de pedir.

21. **M** As vamos ás tres ultimas petiçoẽs tambem por junto, porque não sofre outra cousa a brevidade: & veremos, que ainda que em todas ellas tratamos de nós, nem por isso a voz de cada hũa he menos alta, & levantada: *Extollens vocem.* A primeira he altissima na confiança, a segunda altissima na generosidade, a terceira altissima no juizo, & todas tres altissimas na importancia. *Dimitte nobis* (diz a primeira) *sicut & nos dimittimus debitoribus nostris*: perdoaynos as nossas dividas, assim como perdoamos aos nossos devedores. Quem ha de dizer que falla com Deos quem assim falla? Ha tal modo de pedir? Ha tal resoluçaõ? Ha tal confiança? Isto he pormonos nós a Deos por exemplo, isto he dizermos a Deos, que nos imite a nós, & que faça o q̃ nós fazemos. Assim o nota em proprios termos S. Gregorio Nissen: *Ut Deus facta nostra imitetur: ut dicas,*

*Nissen.
ibidem*

B ij ego

ego feci, Domine fac; solvi, solve dimisi, dimitte. Não se poderá arguir, nem encarecer melhor. Mas não diz isto o Santo, & doutíssimo Padre para estranhar a confiança da petição, senão para declarar a alteza, a que Deos nos levanta, mandandonos orar em tal forma. Quando Christo nos manda, que lhe peçamos perdão, allegando juntamente, que nós também temos perdoado; cuidava eu que era o mesmo que fazer a petição como folha corrida. Porém os Santos, que o entendem melhor, não querem q̃ seja tão pouco.

*Chrysosol.
Serm. 67.*

22. S. Pedro Chrysologo escrevendo sobre esta mesma petição, diz, que quando perdoamos as offensas, que nos fazem nossos inimigos, nós mesmos nos damos o perdão das offensas, que temos feito a Deos: *Homo, intellige, quia remittendo alijs, tu tibi veniam dedisti.* Com razão disse o Santo: *Homo, intellige*: Homem, entende; porque isto parece, que se não pôde entender. Dar perdão de peccados he jurdição, ou regalia sómente de

Deos: *Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus?* Logo como me posso eu dar a mim mesmo o perdão de meus peccados? *Tu tibi veniam dedisti?* Fundase esta sentença naquella promessa de Christo: *Dimittite, & dimittemini*: perdoay, & fereis perdoados. E como esta promessa he condicional, & a condição depende de mim; quando eu cumpro a condição, eu sou o que me perdoou. Deos não me pôde perdoar as suas offensas, sem que eu perdoe as minhas: & se eu perdoou as minhas, não pôde Deos deixar de me perdoar as suas. Daqui vem, que o perdão mais depende de mim, que de Deos; porque Deos está obrigado á sua promessa, & eu não estou obrigado á condição. Deos não pôde faltar ao perdão, ainda que quizesse, & eu posso não perdoar, se quizer. Tanto assim, que não duvidou Hugo Cardeal de proferir hũa proposição, que não sey como coube no juizo de hum Theologo tão douto, & tão insigne.

*Luc. 5.
21.*

*Luc. 6.
37.*

*Hugo
Cardi-
nalis
in ex-
positio-
ne hu-
jus pe-
nitentiæ*

23. Diz que ao homem, que

que perdoa, o faz Deos seu Senhor. As palavras são estas: *Jubet remittere, ut conscientiam purget: promittit veniam, ut statuatur in spe: & te facit Dominum suum.* Mandate Deos perdoar, para te purgar a consciencia: promettete o perdão, para te confirmar na esperança: *Et te facit Dominum suum:* & te faz Deos seu Senhor. Mas como se pôde entender, ou defender, que Deos neste caso faça ao homem seu Senhor? A razão, ou sutileza deste pensamento he: que como Deos se poz a sy mesmo aquella ley de perdoar a quem perdoa; o homem fica livre, & Deos obrigado; o homem fica Senhor da ley, & Deos fogeito a ella. E quando o homem he Senhor da ley, & Deos não; fica o homem por este modo Senhor do mesmo Deos: *Te facit Dominum suum.* Explica Hugo o seu ditto, accrescentando em nome de Deos: *Sicut decreveris de eo, & ego de te decernam:* assim como tu julgares de quem te offendeo, assim julgarey eu de ti. Parece este privilegio com

o das chaves de S. Pedro: mas S. Pedro julgava como Vigario, & o que perdoa, como Senhor, & como Senhor neste caso, não de outrem, senão do mesmo Deos: *Te facit Dominum suum.* Isto he, em hũa palavra, fazello Deos Senhor do seu poder, o qual se não distingue delle. E como os que rézaõ o Rosário, dizendo tantas vezes: *Sicut & nos dimittimus;* demittem de sy o Senhorio, que tem sobre aquella ley, & por este modo sobre o mesmo Deos. Vede, se he alto, & altissimo, o ponto, a que sobe, & se levanta a voz desta petição: *Extollens vocem?*

VII.

E Se esta he altissima pela confiança do que diz, & do que suppoem pedindo; a que se segue não he menos alta pela generosidade do que pede, & do que não pede. *Et ne nos inducas in tentationem:* & não nos deixes cair em tentação. Notay o que pedimos, & o que não pedimos. Não pedimos a Deos, que nos tire,

ou nos livre das tentações ; pedimos que nos não deixe cair nellas. Nenhũa Versão traduzio melhor o *Ne nos inducas*, que a nossa Portugueseza. Cair dizemos, & não derrubar; porque o derrubar, he força, & impulso alheio, o cair, fraqueza, ou descuido proprio. Quem diz, não nos deixes cair, de sy se teme mais, que do inimigo, contra sy pede o soccorro, que pede para sy. Mas se na tentação está o perigo, não seria mais conveniente, & mais seguro, pedirmos a Deos que nos livrasse de ser tentados? Não. O mal não está em ser tentado, está em ser vencido. Se fora melhor não ser tentado, como bem discorre Cassiano, não permittira Deos as tentações: mas quer que haja batalhas, porque nos tem aparelhada a coroa. O soldado generoso estima a guerra, porque dezeja a vitoria; & não recusa o combate, porque aspira ao triumpho. Por isso diz Santiago (& he a primeira couza que diz) que não havemos de receber as tentações com horror, & tristeza; senão com

Cassian.
collat.
24. & 25.

alvoroço, & alegria: *Omne gaudium existimate cum in tentationes varias incideritis.* O cavallo generoso (como se descreve no Livro de Iob, com mayor elegancia do q o podéra pintar Homero) em ouvindo o final da guerra, sita as orelhas, quebra as foltas, bate a terra, enche de relinchos o ar, não lhe cabem os espiritos pelas ventas, treme todo de fogo, & de coragem com o alvoroço, & brios de sair á batalha. Este he o instinto da generosidade, ainda onde falta a razão: & esta he a razão, q nós temos para pedir a Deos, não que nos não deixe tentar, mas que nos não deixe cair.

25. Se Deos nos deixará tentar, mais do que podem as nossas forças, então tinhamos justa causa de recusar as tentações: ouvi porém o seguro, que nos da S. Paulo: *Fidelis Deus est, qui non patietur vos tentari, supra id quod potestis*: Deos he fiel, o qual não consentirá já mais, que sejais tentados, sobre o que podeis resistir. E diz nomeadamente o Apóstolo

Iacob. 1.
2.

Iob 39.
19.

I Cor.
10 13.

tolo neste caso, que Deos he fiel: *Fidelis Deus est*, porque o contrario seria especie de engano, & meternos Deos na sillada para cairmos nella. He verdade, como nota o mesmo S. Paulo, que a nossa luta nas tentações não he de homem a homem, senão de homens de carne, & sangue contra o poder, & astucia dos espiritos das trevas: *Nō est nobis colluctatio adversus carnem, & sanguinem, sed adversus Principes, & Potestates tenebrarum harum contra spiritualia nequitie*. Mas para que possamos fair vencedores em hũa luta tão desigual, vede como iguala Deos os partidos, & lhe modera a elles o excessõ das forças, & as mede com as nossas.

26. Lutou com Iacob aquelle Anjo, o qual Origenes, & outros querem que fosse Anjo mau; mas pelo que toca ás tentações, tanto importa ser Anjo, como Demonio, porque não são os mais feos, os que mais tentão. O que faz ao nosso caso he, que sendo Iacob homem, & o Anjo, com quem lutava, espirito; como po-

de ser, que lhe podesse resistir, & prevalecer contra elle? Muitos mil homens não tem parelha nas forças com hum só Anjo, como se vio no exercito dos Assirios, em que hum só Anjo em hũa noite matou mais de cento & oitenta mil homens. Pois se as forças de Iacob eraõ tão inferiores ás do Anjo, como lutou com elle: tão forte, & porfiadamente, & o aperitou de tal sorte, que finalmente o venceo. A razão he, porque não permitio Deos ao Anjo, que usasse de todas as forças naturais, que tinha, mas sómente em tal medida, & proporção, que Iacob com as suas lhe podesse resistir, & prevalecer. Isto mesmo he o que diz S. Paulo: *Non patietur vos tentari, supra id quod potestis*. E isto, & pelo mesmo modo, he o que Deos faz em todas as tentações, não permittindo já mais que sejaõ tão fortes, & poderosas, que as nossas forças ajudadas da sua graça (com que nunca falta) as não possaõ resistir, & fair com vitoria. E como desta parte estamos seguros; não

B in j quer

Ephef. 6
12.

Origenes
ibi.

quer Deos que lhe peçamos nos livre das tentações como timidos, & fracos, senão sómente que nos não deixe cair nellas : & que como valentes, & generosos Soldados, nos ponhamos em câpo por feu serviço, em defenſa de ſua ley, & para gloria de feu nome. Aos homens, ou os tenta Deos para os provar, ou os tenta o Demonio para os perder, ou os tentão os outros homens para os opprimir. Se Deos não tentára a Abrahão, como ſeria a ſua obediencia tão celebrada? Se o Demonio não tentára a Iob, como ſeria a ſua paciencia tão glorioſa? Se Saul não tentára a David, como ſeria a ſua charidade tão heroica, & a ſua humildade tão exaltada? Por iſſo não pedimos a Deos, nê Chriſto quer que lhe peçamos, que nos livre de tentações, ſenão ſómente, que nos não deixe cair: reconhecendo porêm, & confeſſando a noſſa fraqueza; para que ſobre o baxo deſte fundamento ſuba mais ſeguramente ao alto a voz de noſſa Oração: *Extollens vocem.*

27. **F**inalmente a terceira, & ultima petição he altiffima no juizo. E porque? Porque entendemos, julgamos, & declaramos, que todo o mal he o peccado, & que entre todos os que vulgarmente ſe chamaõ males, ſõ o peccado verdadeiramente he mal: & deſte mal pedimos a Deos, que nos livre, quando dizemos: *Sed libera nos à malo.* Oh ſe os homens acabafſem de ſe perſuadir, & penetraſſem inteiramente, ou ſe deſſaſſem penetrar deſta grande verdade! Com quaõ differente affecto fariaõ a Deos eſta petição, & deſejariaõ o que nella ſe pede! Todas as infellicidades do mundo, dõde cuidais que tem a ſua primeira raiz? Todas naſcem da equivocação de dous nomes: todas naſcem daquelle engano, & erro gèral, com que anda equivocado em todas as linguas o nome do mal, & o do bem. Por iſſo ſe lamentava, & bradava Iſaias: *Ve qui dicitis malum bonum,* *& bonum malum:* Ay de vós os que

que chamais bem ao mal, & mal ao bem ! Não ha outro bem neste mundo , que seja verdadeiramente bem, senão a graça de Deos ; nem outro mal, que seja verdadeiramente mal, senão o peccado. Porestes dous artigos de Fé se ata o fim do Padre nosso com o principio da Ave Maria. Como começa a Ave Maria ? *Ave gratia plena, Dominus tecum.* Pois, Anjo tão bem entendido como bemaventurado , não tendes outro titulo mais alto , não tendes outro nome de mayor magestade, com que saudar a vossa Rainha ? Não. Porque na graça, de que está chea, se incluye todo o bem, assim como no peccado , a q nunca esteve fogueita, foy livre de todo mal. A graça não póde estar junta com o peccado, & como Maria desde o instante de sua conceição sempre foy chea de graça ; nesta graça, & nesta izenção de peccado consiste toda a soberania da sua grandeza, ainda mayor que a de fer Máy de Deos, que eu lhe venho annunciar. Tão grande bem he a graça , tão

grande mal he o peccado.

28. E para que ninguem duvide, que este mal, de que pedimos a Deos nos livre, he todo o mal, & não ha outro ; ouçamos ao mesmo Mestre, que assim nos ensinou a pedir , & cerrou todas as outras petições com esta, como a chave, & mais importante de todas. Naquella myste-riosa Oração , que Christo fez a seu Eterno Padre sobre a ultima Ceá , recômandando muito debaxo de sua divina protecção os Discipulos, de quem se apartava , a clausula, com que rematou a recommendação, foy esta : *Non rogo, ut tollas eos de mû-* Ioan. 17.
do, sed ut serves eos à malo : 15.
Não vos peço, Pay meu, que os tireis do mundo, para cuja conversão são necessarios ; mas o que muito vos rogo, he que os guardeis , & livreis de mal. Esta foy a Oração , & parece verdadeiramente , que não foy ouvida. Que pobreza, que fome, que sedes : que perseguições, que carceres, que desterrros : que affrontas ; que desprezos , que ignominias : que calumnias, que accusações, que

que injustiças: que açoutes, que tormentos, que martyrios, não padecêraõ aquelles mefmos Apostolos em todas as partes do mundo, & em todos os dias, & horas da vida, até finalmente a perderem cruel, & affrontosamente, huns crucificados, como Pedro, outros aspadados, como André, outros esfolados, como Bertholameu, & todos sem exceção de hum só, tão barbara, & deshumanamente atormentados, quanta era a impiedade, & odio infernal dos tyranos? Pois se todos os trabalhos, misérias, desgraças, afflicções, penas, deshonras; emfim se todõs os males do mundo se unirão, & conjurarão contra estes homens, & se empregarão, & apurarão nelles; sem que Deos o impedisse, nem os livrasse, deixandoos padecer, & morrer; como se cumprio (pois não podia deixar de ser ouvida) a verdade da Oração de Christo: *Ut serves eos à malo*? Elles padecêraõ todos os males, & o Padre livrou-os de todo o mal? Sim. Porque confirmandoos em graça, livrou-

os do peccado, & todos os que o mundo chama males, não são males, só o peccado he mal. *Non dicit, ut serves eos à tribulationibus, ab odijs, à persecutionibus, sed à malo; hoc est, à peccato, quod simpliciter est malum*: diz o Cardenal Caietano: & não era necessario, que nem elle, nem outro algum o dissesse.

29. Este he o mal, de que pedimos a Deos nos livre, & esta a coroa, em que Christo rematou a sua Oração, para que dissesse o fim cõ o principio. No principio disse: *Pater noster*: no fim diz: *Sed libera nos à malo*: & este foy unicamente o mal, de que o Eterno Padre, como Pay, livrou unicamente a seu Filho. Não o livrou das po brezas, nem dos trabalhos, nem das perseguições, nem dos desterrros, nem dos odios, nem das injurias, nem dos açoutes, nem da morte, & morte de Cruz; o de que só o livrou, foy o peccado, dando á Humanidade de Christo a uniaõ hypostatica, cõ que a fez impeccavel. E como o altissimo juizo desta ultima petição, mete debaxo dos

pés

pés todo aquelle mundo de horrores, a que o mesmo mundo chama males, & dizendo: *Libera nos, à malo*; só reconhece por mal o pecado, por ser offensa de Deos; nem na terra, nem no Ceo, nem dentro do mesmo Deos pôde haver conceito mais levantado, que o deste juizo, nem voz mais alta, que a desta petição: *Extollens vocem.*

IX.

30. **V**oltando agora atraz, & pondo-nos na quarta petição, que para este lugar reservamos; o que ella diz, he o que se não podia entender; quando se disse. O que se entendeo então, foy que o Senhor fallava só do pão ordinario, & usual, com que se sustenta o corpo; mas depois que o tomou em suas sagradas mãos, & o consagrou, então se manifestou, que fallava principalmente de seu proprio Corpo, o qual nos deu debaixo das especies de pão para sustento da Alma. Por isso S. Lucas lhe chamou pão quotidiano com o nome

commun, & S. Matheus cõ vocabulo novo, & proprio daquelle mysterio, Pão subsustancial: *Panem nostrum* ^{Matth. 6} *super substantialem da nobis* ^{11.}

Chamalhe sobrefustancial, & nosso, sendo que não cae; nem diz bem o nome de nós, na mesma petição, em que o pedimos. Mas por essa mesma razão he nosso, por que he sobrefustancial. He pão sobrefustancial; porque os accidentes, que vemos, são de pão; mas a sustancia não he de pão, senão do Corpo de Christo, que he sustancia sobre toda a sustancia. E porque esse pão he Christo, por essa mesma razão he pão nosso; porque o mesmo Christo já era nosso antes q fosse pão. Foy pão depois do Sacramento, & já dantes era nosso desde o Nascimento: *Parvulus natus est nobis*; ^{Iſai. 9. 6.} *& Filius datus est nobis*.

31. Mas este mesmo pão sobrefustancial, & nosso, que pedimos; porque razão, pôz Christo na quarta petição, ou com que proporção, & mysterio lhe deu este lugar, quando parece que por todos os titulos lhe era devido

Hugo
Card.
ibidem.

vido o primeiro? Hugo Cardeal nesta observação mais que nunca eminentíssimo, notou, que entre as sete petições do Padre nosso a quarta he a do meyo, & diz com singular pensamento, que finalou o Senhor este lugar áquelle sagrado Paó, para que posto no meyo como na raya, & orizonte de dous emisferios, os alumiasse a ambos, & confinando por este modo assim com as petições, que vão dirigidas ao Ceo, & a Deos, como com as que pertencem a esta vida, & a nós, em hūas, & outras nos confortasse igualmente com sua divina virtude: *Media petitio, scilicet panem nostrum da nobis, est communis, & quasi confinium utrarumque confortans, & dirigens transeuntem de vita temporali ad eternam.* Nas tres primeiras petições só tratamos do Ceo, & de Deos, pedindo a santificação de seu nome, a dilatação de seu Reyno, & a execução de sua vontade: nas tres segundas, ou ultimas, tratamos desta vida, & de nós, pedindo que nos perdoe nossas

dividas, que nos não deixe cair nas tentações, & que nos livre do peccado: & para tudo isto nos fortalece, posto em meyo, o Diviníssimo Sacramento: *Hic panis datur de Cælo, & comeditur in terra*: Este Paó (continúa o mesmo Autor) dáse do Ceo, & comese na terra. Em quanto se dá do Ceo, elevamos a Deos; em quanto se come na terra, confortanos a nós: a Deos; para que sobre tudo procuremos sua gloria: a nós; para que contra tudo evitemos suas offensas. E este he o unico, & duplicado fim, porque pedimos o Santíssimo Sacramento no quarto lugar, & no meyo de hūas petições, & das outras.

32. Vejamos có os olhos a admiravel proporção de ser este lugar entre sete o quarto. Criou Deos o Sol, & não o poz no primeiro, nem no segundo, ou terceiro, senão no quarto Ceo. Pois o Sol Rey dos Planetas, pay, & fôte de toda a luz, no quarto lugar? Sim: diz excellentemente Philo, como quem trouxe a filosofia no nome: *Cum Planetarū quisque plus*

Philo
Hebra-
us.

Spem-

splendoris habeant, lucidissimos ad terram usque mittunt radios, sed præcipuè Sol eorum medius. Nec male conjicere mihi videtur, qui Soli medium locum tribuunt, tres supra eum, totidem infra locando. Os Planetas, como todos sabem, são sete; & por isso [diz Philo] poz o Autor da natureza o Sol no quarto lugar, & no quarto Ceo, para que ficandolhe tres Planetas acima, & tres abaixo, & elle no meyo, dalli os allumiasse melhor a todos, & lhe communicasse igualmente os effectos; & influencias da sua luz. Nem mais, nem menos Christo nas sete petições do Padre nosso. Poz no quarto lugar, & no meyo dellas a petição do Sâtissimo Sacramento: *Panem nostrum super substantialem da nobis*; para que dalli alumiasse igualmente a todas; & lhe influísse a virtude de sua luz; & tanto astres de cima, como as tres debaxo: *Tres supra eum, & totidem infra.* As tres petições de cima são as primeiras, que sobem a Deos: *Sanctificetur nomen tuum: Adveniat Regnum tuum. Fiat.*

voluntas tua: as tres debaxo são as ultimas, que descem a nós: *Dimitte nobis debita nostra: Ne nos inducas in tentationem: Libera nos à malo*: & assim como para as primeiras nos eleva como pão sobrestancial; assim para as ultimas nos conforta como pão nosso. Ainda têm mais semelhança com o Sol no quarto Ceo. Porque do mesmo modo que o Sol alumia huns, & outros Planetas, não só de dia, senão de noite; nem só quando está descoberto a nós; senão quando eclipsado, & cuberto de nuvens; assim Christo no Divi no Sacramento eclipsado, & encuberto debaxo da nuvem dos accidentes, & na noite deste mundo, & escuridade da Fé, tanto nos fortalece os affectos, no que pedimos a Deos para Deos; como nos communica, & estabelece os effectos no que pedimos a Deos para nós.

33. Esta foy a primeira imagem deste mysterio, que Deos pintou no Ceo, que he o seu Templo; & esta foy tambem a segunda, que collocou no dezenho da sua Igreja,

Igreja, que he o nosso. No Templo de Salamaõ, & antes delle no Tabernaculo de Moyfes, mandou fabricar Deos aquelle famoso Candelabro, que defronte dos paens da proposição alumia-va o Sancta Sanctorum. A materia era de ouro purissimo, a fôrma como de hũa arvore arteficial, de cujo trôco em igual proporção sahiao de hũa, & outra parte, tres ramos meyo arqueados, no remate dos quaes, como tambem no do tronco, que era direito, ardiaõ sete lumes. Este Candelabro pois, diz S. Prospero, que significava o Santissimo Sacramento, & o mesmo sentido, & argumento seguiu, & estendeo moderadamente com summa erudição Theophilo Raynau-do. Nota porém este diligê-tissimo Autor, que sendo miudissima a Escritura em descrever todo o arteficio, & partes do Candelabro, & ainda os instrumentos exteriores, que a elle pertenciaõ, só da baze não faz menção. *Præterijt Scriptura basim Candelabri, ita ut, ametsi adeo solícite reliquas Candelabri*

partes quasi dissimilares expresserit, basis tamen nusquam meminerit. Pois se esta famosa obra da architectura divina traçada, & mandada lavar pelo mesmo Deos, se descreve parte por parte tão exacta, & accuradamente; da baze porque se não faz menção, sendo muitos os lugares da Hystoria Sagrada, & não menos de vinte, os que fallão neste Candelabro? Tornielo, Saliano, Cornelio, & os demais suppoem que o Candelabro tinha baze, cançandose muito em adevinhar a figura de que era formada. E eu não posso deixar de estranhar, & ainda de me doer de que Theophilo faça o mesmo, privandose de hũa grande prova, & da mais elegante confirmação do seu argumento.

34. Digo pois, que a Escritura não faz menção da baze do Candelabro, porque o Candelabro não tinha baze: & digo que a não tinha, assim como Melchisedech não teve pay, nem mãy. De Melchisedech diz S. Paulo, que não teve pay, nem mãy, não porque os não tivesse, mas

D. Prof.
per. lib.
2. de
promis-
sionib.
cap. 2.

Theo-
philus
Raynau-
dus de
Euchar.
sect. 1.
cap. 6.

Torniel.
Salian.
Cornel.

Hebræ.
ev. 7.3.

mas porque a Escritura não faz menção delles. E porque não faz a Escritura menção do pay, & mãy de Melchisedech? Porque Melchisedech era figura de Christo, o qual no Ceo não tem Mãy, & na terra não tem Pay. Da mesma maneira no nosso caso. O Candelabro tinha baze; mas não faz menção della a Escritura, como se a não tivera. Porque? Porque o Candelabro era figura do Sacramento. E como no Sacramento estarem os accidentes sem fôgeito he a mesma maravilha, que sustentar-se o Candelabro sem baze; por isso calla a Escritura, & não faz menção da baze do Candelabro, como se a não tivera, para que a figura se parecesse com o figurado.

35. Provada pois esta excellentissima figura, & a grande semelhança daquelle soberano mysterio do Altar com o Candelabro do Templo, quem não vê nos sete lumes delle o que o Divino Sacramento obra nas sete petições do Padre nosso. Assim como no Candelabro os tres lumes de hũa parte, & os tres lumes

da outra, todos sahão do mesmo tronco, onde estava o lume do meyo; assim as tres primeiras petições do Padre nosso, para serem aceitas a Deos, & as tres ultimas, para que sejaõ proveitosas a nós, toda a sua luz, & calor, todo o seu valor, & efficacia recebem do Paõ sobrefustacial, que pedimos no meyo dellas. As primeiras, em que pedimos para Deos, nascem daquelle Sacrosanto mysterio, em quanto Sacrificio, cujo fim he o Culto Divino; & as ultimas, em que pedimos para nós, nascem do mesmo mysterio, em quanto Sacramento, cujo fim he o nosso remedio.

36. E para que não faltasse á mesma figura a mais particular, & não imaginada propriedade, assim o tronco, como os ramos do Candelabro, em que se sustentavaõ os lumes, qual vos parece, que seria o lavor, de q̃ estavam ornados? Era hum lavor torneado em Contas, & esculpido em rosas: *Sphaerulae per singulos, & lilia.* Em lugar de *Lilia* Vilhalpando, & Lipomano lem *Rosas*: & em

Exod.
25.34

em lugar de *Sphaerula* vertem outros com mayor expressão, *Globuli*: que he o proprio nome das Contas, por onde rezamos. Para que na mesma figura do Candelabro, nem as Contas, nem as rosas faltassem à primeira, & principal Oração do Rosário, como nem o numero mysterioso de suas petições á proporção, & consonancia altissima de suas vozes: *Extollens vocem*.

X.

37. **R**esta a terceira, & ultima parte do nosso discurso, a que sinto muito chegar tão tarde: mas a minha brevidade, & a vossa devação, farão toleravel este defeito. Prometti provar neste ultimo ponto, quam alta, & altissima he a Oração Vocal do Rosário pela alteza da intercessão, de que nos valemos: & esta valia, & intercessão, he a da Virgem Santissima Senhora nossa, cujo poderosissimo patrocinio tantas vezes imploramos, quantas são as Ave Marias do Rosário, repetindo no

mesmo dia cento & cincoenta vezes: *Sancta Maria Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus*. O Tribunal, diante do qual intercede a Rainha dos Anjos, he o supremo Confissatorio da mesma Magestade Divina, a quem presentamos nossas petições, & a quem na primeira palavra do Rosário invocamos com o nome de Pay, como proprio da piedade, & misericordia, em que como peccadores temos posta toda a confiança. Os titulos finalmente, em que se funda a efficacia da intercessão, que pedimos, como se vê da mesma supplica, são tres: Santa Maria Mãe de Deos, roga por nós: que rogue por nós como Santa, que rogue por nós como Maria, que rogue por nós como Mãe de Deos. Todos estes titulos declarou o Anjo na sua embaxada com a mesma distinção, & pela mesma ordem: primeiro o de Santa: *Gratia plena*: depois o de Maria: *Ne timeas Maria*: ultimamente o de Mãe de Deos: *Paries Filium, & Filius Altissimi vocabitur*. E nas mesmas tres palavras, se bem

notar-

notardes , se inclue inteiramente toda a Oração da Ave Maria , resumida cada clausula a hũa só palavra : porque ao *Ave Maria* responde Maria : ao *Gratia plena* responde Santa : & ao *Benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus ventris tui*, responde Mãy de Deos.

38. Com razaõ dizemos logo, que a Oração Vocal do Rosário, tambem por esta intercessão , de que nos valemos, he alta, & altissima : *Extollens vocem* ; porque sendo altissimo na Senhora o titulo de Santa , altissimo o de Maria, & altissimo o de Mãy de Deos , todos juntos, & huns sobre os outros, que altura faraõ ? Agora tomára eu tempo para os combinar, & comparar entre sy, & excitar sobre elles outras tantas questões: Se he mais forte para interceder, o titulo de Santa , ou o de Maria ? Se he mais suave para obrigar, o nome de Maria , ou o de Mãy de Deos ? Se he mais poderoso para conseguir, o respeito de Mãy de Deos, ou o de Santa ? Mas seja resoluçãõ o que

Tom. 5.

podéra ser disputa. E digo, que cada titulo em seu genero comprehende em grao altissimo as perfeiçõs de todos. O de Santa ; porque a santidade de Maria depois da santidade de Deos , he a mayor santidade : O de Maria ; porque o nome de Maria depois do nome de Deos, he o mayor nome : O de Mãy de Deos ; porque a dignidade de Maria depois da dignidade de Deos, he a mayor dignidade. Intercedendo pois por nós, posto que peccadores , a mayor santidade, o mayor nome, & a mayor dignidade, como poderá resistir a Divina Justiça, nem negarse sua misericordia a hũa taõ forte , taõ suave, & taõ poderosa intercessão ?

39. A intercessão, como o significa o mesmo nome, he hum meyo entre dous extremos : & para ser poderosa, & efficaz , ha de tocar a ambos : áquelle, com quem intercede, que neste caso he Deos, & áquelles por quem intercede, que sãõ os peccadores. E a Senhora posta entre Deos , & os peccadores,

C

quão

quaõ chegada he a hum , & outro extremo ? He taõ chegada a Deos, com quem intercede , que só lhe falta o fer Deos; & taõ chegada aos peccadores, por quem intercede, que só lhe falta o peccado. S. Mattheus recendo a genealogia da Virgem Maria , fello com tal artificio , que poz a Senhora entre Deos, & os peccadores , fazendoa filha de peccadores, & Mãy de Deos , como verdadeiramente he. He filha de peccadores por natureza, & Mãy de Deos por graça ; mas por tal modo de graça, que a mesma natureza , que recebo dos peccadores para ser sua filha , foy a segunda natureza, que deu a Deos para ser sua Mãy. E sendo intercessora , & medianeira entre Deos , de quem he Mãy, & entre os peccadores, de quem he filha, vede, que graça se poderá negar a hũa intercessãõ taõ estreita por natureza ? Essa foy a ventura de hum Ladrão, & a desgraça do outro no Calvario. Christo estava no meyo de ambos : mas em meyo da Cruz de Christo, & da Cruz

do Bom Ladrão estava a Senhora; em meyo da mesma Cruz de Christo, & da cruz do Mao Ladrão, não estava. E onde entre o peccador, & Deos mediou a Mãy de Deos, salvouse o peccador ; onde não mediou , não se salvou. E esta he a força da mediação, de que nos valemos, esta a intercessãõ altissima, que pedimos, quando dizemos : *Sancta Maria Mater Dei ora pro nobis peccatoribus.*

40. Não posso porẽm deixar de reparar muito , que neste caso invoquemos a intercessãõ , & patrocínio da Senhora com nome de Mãy de Deos, & não de Mãy nossa. Assim como já atamos o fim do Padre nosso com o principio da Ave Maria; atemos agora o fim da Ave Maria com o principio do Padre nosso. Se quando invocamos a Deos, dizemos : *Pater noster* : quando invocamos a Senhora , porque não dizemos tambem , *Mater nostra*, senão, *Mater Dei*: Temos ouzadia, como dissemos, para chamar a Deos nosso Pay, & não temos confiança para chamar á Senhora, nossa

nossa Mãy? Sim temos. Não he falta de confiança, he fineza de saber allegar, & pedir. Muito mais adiantamos, & encarecemos a intercessão, que pedimos, invocando a Senhora como Mãy de Deos, que como Mãy nossa. Porque se intercedéra por nós como Mãy nossa, empenhara-se por nós como por filhos seus: mas intercedendo por nós como Mãy de Deos, empenhase por nós como por filhos de seu Filho, que he muito mais. Quando nós dizemos, *Pater noster*, quem he nosso Pay, & de quem somos filhos? Somos filhos do mesmo Deos, de quem a Senhora he Mãy: logo muito mayor empenho he o do seu amor intercedendo por nós, em quanto filhos de seu Filho, que em quanto filhos seus.

41. Quando Jacob lançou a benção a todos seus filhos, applicou a benção de cada hum á pessoa do mesmo filho: a de Ruben, á pessoa de Ruben, a de Simeão, á pessoa de Simeão, a de Leví, á pessoa de Leví, & assim nos demais; mas quando chegou a

Joseph, não lhe applicou a benção a elle, senão aos filhos do mesmo Joseph, Manassés, & Efraim. Pois se aos outros os abençoou em sy mesmos, em Joseph porque mudou de estilo, & em vez de lhe applicar, & dar a benção a elle, a dá, & applica a seus filhos? Porque a Joseph amava mais que a todos os outros: & mayor empenho, & demonstração foy do seu amor, o dar a benção a Manassés, & Efraim, que erão filhos de seu filho, do que se a dera ao mesmo Joseph, que era filho seu. Dando a benção a Joseph, satisfazia só ao seu amor; mas dandoa aos filhos de Joseph, satisfazia ao seu amor, & mais ao amor do mesmo Joseph; porque não só mostrava amar muito ao filho, senão aos filhos do filho. No nosso caso ainda he mayor a razão, & infinitamente mayor. A Senhora, ainda que como Mãy nossa nos ama muito, como Mãy de Deos ama infinitamente muito mais a Deos: logo muito mais segura fica a sua intercessão, & muito mais poderosa, & efficaz, in-

tercedendo por nós como filhos de seu Filho, que como filhos seus; porque não só intercede por nós com o grande amor, com que nos ama a nós, senão com todo o amor, cō que ama a Deos.

42. Sendo isto verdadeiramente assim, & da parte da mesma Mãy de Deos, & Mãy nossa com mayor certeza, & affecto, do que se póde encarecer, nem imaginar; o que só resta, he que todos nos valhamos do altissimo, & poderosissimo patrocínio de tão soberana intercessora, com aquella confiança, que nos assegura a grandeza de sua piedade, & com aquella efficacia, & instantia, que requiere a grandeza da nossa pertençaõ. O que em summa pertendemos em tantas, & tão varias petições, he o Reyno do Ceo: *Adveniat Regnum tuum*. De conseguir, ou não conseguir esta pertençaõ, não he menos o que depende, que a felicidade, ou infelicidade eterna. Vede, se he grande a importancia, & qual deve ser o nosso cuidado. E posto que o Supremo

Senhor, diante de quem requeremos, seja Pay, & invocado como Pay: *Pater noster, qui es in Calis*: se nos faltar a intercessão da Mãy, muito podemos temer, que nos não valha, nem baste o nome de filhos. Dous filhos tinha David pertensores ambos ao mesmo Reyno, Adonias, & Salamaõ: & qual levou a Coroa? Adonias, que tinha de sua parte a prerogativa de Primogenito, perdeoa: & Salamaõ foy o herdeiro do Reyno, não com outra razão de preferencia, mais que a intercessão de sua Mãy: *Egredimini, filie Sion, & videte Regem Salomonem in diademate, quo coronavit eum mater sua*. Assim o deixou escrito, para eterna memoria do caso, o mesmo Salamaõ: Sahi, Filhas de Ierusalem, & vede a ElRey Salamaõ triunfante com a Coroa, com que o coroou sua mãy. Lease a Historia dos Reys de Israel, & acharseha, que o mesmo David pay de Salamaõ foy o que o nomeou por Rey, & o mandou coroar. Pois se consta da Escritura, que o pay. coroou a Sala-

Salamaõ , como diz o mesmo Salamaõ, que o coroou a mãy ? Porque se não fora a intercessão da mãy, não havia elle de herdar o Reyno. E entendo Salamaõ, como tão sabio , que mais devia a coroa á intercessão da mãy, que á graça , & nomeação do pay. E que foy tudo isto, se não hũa representação no theatro da terra, do que pas-

sa, & nos ha de acontecer no Reyno do Cco? He verdade, como cré , & confessa a nossa Fé, q o Reyno do Ceo, que pedimos, não se alcança senão por graça de Deos, que he o Pay; mas quer o mesmo Deos, que entendamos, que só por intercessão de sua Mãy se alcança essa Graça nesta vida , & a Coroa da Gloria na outra.



SERMAM II.

Extollens vocem quaedam mulier. Luc. II.

I.

43.



Em temia eu (como logo disse) que as primeiras excellencias do Rosario, ou o alto, & altissimo delle, em quãto Oraçãõ Vocal, me não havia de caber em hum só discurso. Mas nem por isso a faz menos nobre a necessidade de outro. O não caber he argumento da grandeza das coufas: assim succede ás notavelmente grandes. Aquella Machina Grega protento da industria do nosso Ulysses, porque não cabia pelas portas de Troya, foy necessario que se lhe rompessem os muros. O mesmo Christo quando entrou pelo Ceo, como homem, coube pelas

portas: *Attollite portas, Principes, vestras*: mas quando desceo, como Deos, foy necessario que os Ceos se rompessem: *Utinam dirumperes Caelos, & descenderes.* Coube pelas portas em quanto homem, em quanto Deos não coube. Não fora a Arca do Testamento figura da Mãe de Deos, se coubera no Tabernaculo de Moyses: por isso acrescentou Deos á primeira idéa a segunda, & mandou edificar o Templo de Salamaõ. Acolá estava estreitada a sua grandeza, aqui dignamente ostentosa a Sua Magestade.

44. Mas se ambas as idéas eraõ de Deos, porque foy necessario acrescentar a segunda sobre a primeira? Porque até o entendimento, & a mão divina o faz assim nas grandes

Gen. 37. grandes obras suas. Mostrou
5.9. Deos a Ioseph as grandes
fortunas, para que o tinha
destinado, & não em hum só
dezenho, senão em dous: hū
na eyra, outro no firmamen-
to. A primeira vez adorado
nas paveyas, que elle atava
com os Irmãos, a segunda no
Sol, na Lua, & nas Estrellas,
que igualmente o adoravaõ.
Dan. 2. A grandeza do Imperio de
29. seu filho mostrada já sobre a
Daniel. Estatua dos quatro metaes,
7.3. tambem a tornou a mostrar
Deos segunda vez nas quatro
Feras, ou Monstros, que re-
presentavaõ as quatro Mo-
narchias do mundo? Pois se
o mesmo mundo o criou
Deos, & fez de hũa vez, es-
toutes obras suas, porque as
não mostra em hũa só vizaõ,
ou figura, senão em duas?
Porque no fazer obra Deos
segundo as medidas da sua
Omnipotencia; no mostrar,
& dar a conhecer, segundo a
capacidade da nossa vista.
Porque nós não somos capa-
zes de ver tudo de hũa vez,
supre Deos na segunda idéa
o que faltou na primeira. Na
primeira adoração de Io-
seph mostrou a baxa condi-

ção dos adoradores, na segun-
da a alteza, & lustre do ado-
rado. No primeiro abatimẽ-
to dos quatro metaes da Es-
tatua mostrou a riqueza de
hūas Monarquias, & a fortá-
leza das outras: no segundo
dos quatro Monstros, não
mortos como os metaes, se-
não vivos, & feros; na vida
mostrou a duraçaõ, & na
fereza a tyrania.

45. Parece-me, Senhores,
que me tenho declarado. Pa-
ra não caberem as excellen-
cias do Rosário Vocal em
hum só discurso, bastava a
insufficiencia do Prégador:
mas não foy essa a principal
causa, senão a eminencia da
materia, & sua grandeza.
Quando o Principe dos Pré-
gadores S. Paulo, debaxo do
nome do Deos desconheci-
do, que os Athenienses ado-
ravaõ, lhes deu a conhecer
a Divindade, & Humanida-
de do Deos verdadeiro; dif-
ferença no Areopágo aquelles,
que eraõ reputados pelos
mais sabios homens do mun-
do: *Audiemus te de hoc ite-* *At. 17*
rum: outra vez vos ouvire- *32.*
mos sobre isto mesmo. E co-
mo as cousas com excessõ

grandes, nem em Athenas se pôdem ouvir bastantemente de hũa só vez; outra vez também me haveis de ouvir sobre o mesmo ponto; que não será em tudo dessemelhante ao de S. Paulo. Aquella devação dos Athenienses era tão commũa, & tão vulgar, que o mesmo Apostolo lhes disse, que passando por hũa rua da sua Cidade, vira o Altar do Deos desconhecido com o titulo por cima: *Ignoto Deo*. Taõ commum, & tão vulgar he entre nós o Rosario. Mas hoje acabaremos de ver, que não está ainda bem conhecido na nossa Athenas: & que lhe quadra em grande parte (posto que seja tão divino) o titulo de Ignoto. *Ave Maria.*

Ibidem
23.

II.

Extollens vocem.

46. **N**A Oração Vocal do Rosario, ou no Rosario em quanto Oração Vocal, consideramos, se bem nos lembra, a alteza de sua perfeição, já

por parte das petições, que nella fazemos, já por parte das Magestades, a que as apresentamos, já por parte da intercessão, de que nos valem: & nestas tres considerações, em que toda se comprehende, a mostrámos, não só alta, senão altissimamente levantada: *Extollens vocem*. E esta alteza altissima pode-se ainda altear, & tem mais para onde subir? Sim. Porque no discurio passado ponderámos só o que diz o Rosario; hoje havemos de examinar o modo, com que o diz: *Consummata sapientia est, quid quo insequaris modo*. A sabedoria perfeita, & consummada (diz Santo Agostinho) não só consiste nas cousas, que se dizem, senão no modo com que se dizem: não só no *quid*, senão no *quomodo*. Este foy hum dos maiores privilegios (se não foy o mayor) que Christo concedeo aos seus Apostolos. Quando fordes levados ajuizodiante dos Principes, & Tribunaes do mundo em defesa da minha Fé, & da vossa doutrina; não vos canceis, diz o Senhor, em meditar,

*Aug.
epist.
ad
Dionetria
dem.*

ditar, nem estudar o que haveis de dizer, nem o modo com que o haveis de dizer, porque naquella hora vos será dado: *Nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini, dabitur enim vobis in illa hora.* Notay o *quid*, & o *quomodo*, & primeiro o *quomodo*, que o *quid*. Pois não bastava que Deos infundisse naquella hora aos Apostolos a sciencia das cousas, que haviaõ de dizer, senão também do modo com que as haviaõ de dizer? Não bastava. Porque não só a intelligencia, senão a mesma grandeza, & energia das cousas, que se dizem, depende muito do modo, cõ que se dizem. A razão deu em outro lugar o mesmo Santo Agostinho tão douta, & bem assentada como sua: *Parum, & nimium duo sunt inter se contraria: parum est quod minus est quam oportet: nimium est quod plus est quam oportet: horum in medio modus est.* Quer dizer: o defeito, & o excesso no dizer são dous contrarios. O defeito diz menos do que convem, o excesso diz mais do que convem: & no meyo

destes dous extremos está o Modo, o qual emenda o defeito, para que não diga menos, & modera o excesso, para que não diga mais.

47. Sendo esta pois a inteireza, & perfeição do Modo, não ha duas cousas, em que o mesmo Modo seja mais difficuloso de se guardar, & em que tenha mayor perigo de se perder, ou perverter, que no louvar, & no pedir. No louvar, por menos, porque de nenhũa cousa são mais avarentos os homens, que do louvor: & no pedir, por mais; porque de nenhũa são mais prodigos, que do desejo de receber. E como os dous fins, & intentos do Rosario Vocal são louvar a Deos, & á Mãe de Deos, & pedir merces a ambos; este he o segundo ponto, que pede novo discurso, & novo exame. No primeiro ponderámos a alteza das vozes do Rosario no que dizem; agora examinaremos o fino, ou afinado dellas no modo com que o dizem. A muitos parecerá, que em parte dizem mais, & em parte menos, que são os dous extremos,

tremos, entre os quaes consiste o Modo, & a Sylla, & Caribdes, em que he difficil acertar com o meyo: & a todos satisfaremos. Christo Senhor nosso para dizer mais do que disse, ou exclamou a Oradora do Evangelho, replicou sobre o que ella tinha ditto, acrescentando ao *Beatus venter o quinimo Beati*: & o mesmo farey eu. Sobre todas as tres considerações do discurso passado arguirey, & replicarey o que parece digno de reparo, tanto por parte do defeito, como do excesso: & assim como já vimos a alteza da Oração Vocal do Rosario, no que dizem as suas vozes, assim a veremos agora, no modo com que o dizem. No que dizem, alta, & altissima sobre todas: no modo com que o dizem, alta, & altissima sobre sy mesma. Em summa, que a mesma voz do Evangelho, que já ouvimos, he a que tornaremos hoje a ouvir, mas em diverso tom, porque será hum ponto mais levantada: *Extollens vocem*.

III.

48. **C**omeçando pois pela Magestade, a que presentamos nossas petições (que foy a primeira consideração do discurso passado) a primeira cousa tambem, em que se póde reparar, he o modo tão nú, & seco, com que no Rosario invocamos a Deos, dizendo somente: *Pater noster*: sem outra prefração, nê apparato de exordio. No exordio das outras Orações sêpre a Igreja costuma allegar a Deos, ou os seus attributos, ou os seus beneficios, ou as nossas necessidades, ou tal vez o nosso merecimento. Mas orar a Deos, & pedir-lhe merces sem da sua, nem da nossa parte allegar motivo algum, com que conciliemos a sua benevolencia, & façamos propicia a sua graça? Bem mostra nisto a primeira Oração do Rosario ser ditada pelo Filho de Deos, & idéa soberana de seu entendimêto. Quando nos ensina a invocar a Deos, calla o nome de Deos, & o de Senhor (que he o principio ordinario das ou-
tras

tras Orações) calla os attributos da misericordia, & da bondade, calla os titulos de Creador, Redemptor, Iustificador, & tantos outros, de que nos poderamos valer, & só quer que lhe chamemos Pay. Porque? Porque esta allegação tão breve, tão simples, & ao parecer tão nua, & desarmada, he a que mais significa, a que mais move, a que mais entenece o coração de Deos, & a que não pôde resistir todo seu poder. Todas as outras allegações juntas não chegam a comprehender, nem exprimir o que diz esta palavra, Pay.

49. Desenganado o Prodigio, & cansado de servir o mundo com o pago, que elle costuma dar, o que disse dentro em sy, depois que tortou em sy, foy: *Surgam, & ibo ad Patrem meum*: tempo he já de me levantar da miseria, em que estou cahido, querome ir para meu Pay. Para meu Pay? Tomalhe a palavra da boca S. Pedro Chrysologo, & argue contra elle assim: *Ad Patrem meum?* *Qua spe?* *Qua fiducia?* *Qua confidentia?* A teu

Pay, dizes, filho ingrato, descomedido, perdido? A teu Pay, dizes, a quem quizeste herdar antes da morte? A teu Pay, a quem deixaste, & de quem fugiste, como se fora inimigo? A teu Pay, a quem afrontaste có tâtas vilezas tão indignas da nobreza de teu nascimento? *Qua spe*: como esperas que te ha de reconhecer? *Qua fiducia*: como cres que te ha de admittir? *Qua confidentia*: como confias que te não ha de lançar de sy? *Ea qua Pater est*: responde o Santo. A esperança com que isto espera, a fe com que isto cre, a confiança com que isto confia, não he outra, senão o ser Pay: *Ea qua Pater est*. He Pay? Pois ainda que o Prodigio não traga semelhança do que dantes era, ha-o de reconhecer: He Pay? Pois ainda que seja indigno de entrar em tua casa, ha-o de recolher: He Pay? Pois ainda que tenha faltado ás obrigações do nascimento, & do sangue, ha-o de meter nas entranhas: He Pay? Pois ainda que tenha deixado de ser filho, elle não ha de de-

xar de ser Pay : *Ego per didi quod erat filij , tu quod Patris est , non amisisti*. E hũa causa tão contingente, tão improvavel, tão desesperada, quem a ha de vencer? Hum Avogado (diz Chrysologo) não estranho, nem de fóra, senão tão natural , & tão de dentro, que o mesmo Pay o té no peito : *Apud Patrem non intercedit extraneus : intus est in Patris pectore ipse , qui intervenit , & exorat affectus*. He hum Avogado mudo , mas mais elo quẽte que Tullio, nem Demosthenes : hum Avogado , que sem fallar , ora ; que sem arreoar , persuade ; que sem allegar , convence ; que sem interceder , consegue ; que sem rogar , manda ; que sem julgar , sentença , & sempre absolve. E quem he, ou como se chama este Avogado ? Amor de Pay : *Intus , intus est in Patris pectore , ipse qui intervenit , & exorat affectus*.

50. Mas donde concebeo aquelle moço esta fê , & donde fundou em materia tão duvidosa hũa tão firme esperança ? Fundou-a nas experiencias passadas do mes-

mo amor , o qual em quem he Pay , não passa , nem se muda, nem enfraquece, sempre he o mesmo. Pedira elle ao Pay , que o herdasse em sua vida, & lhe dêsse a parte dos bens, que lhe pertencia, ou havia de pertencer. E que fez o Pay ? Deulhe o que verdadeiramente não devia, & fez , segundo parece , o que não devera. Porque a hũ moço tão inimigo da sogeição, tão appetitoso da liberdade, & de tão pouco juizo, & tão verde, que não levando em paciencia a larga vida do Pay , não soube dissimular a impiedade deste despejo, & porque não lhe podia apressar a morte, quis anticipar a herança ; que outra cousa era meterlhe nas mãos a fazenda , senão armallo contra a virtude, & contra a honra, darlhe poder, & materia para os vicios, & pollo na carreira da perdição? Pois se todas estas razões tinha o Pay para lhe negar o que pedia , porque lhe fez a vontade em tudo ? Porque era Pay, diz o mesmo Santo. *Patris est non negare*. O amor não sabe negar. E porque o amor

amor de Pay he o mayor amor, nem soube, nem pode, nem teve coração para negar ao filho o que lhe pediu. E como elle tinha exprimê-tado no amor do Pay, que não bastá-rao tantas razões, para lhe negar o que então pedira, por isso também agora teve confiança, que não ferião necessarias razões para lhe conceder o que esperava. Quem tendo razões para negar, não negou; para não negar, & conceder, não ha mister razões. Como se differa o moço, já fizudo, & entendido: muita razão tem meu Pay para me não admittir em sua casa, muita razão tem para me não ver, nem consentir em sua presença, muita razão tem para me não conhecer, antes para me negar de filho: razão pelas minhas ingratições, razão pelas minhas locuras, razão pelas minhas vilezas, razão pelas minhas intemperanças; mas sobre todas estas razões está a razão de Pay. Contra esta razão não ha razão. E esta he a que me anima, esta a que me dá confiança: *Ibo, ipo ad Patrem meum.*

51. Agora nos digaõ todos os Padres, & Expositores, este Pay, & este filho quê são. O Pay he Deos, o filho somos nós. E para que nós entendessêmos, que a mais alta prefação, & o mais sublime exordio, com que podemos invocar a Deos, & o mais efficaz motivo, q̃ lhe podemos propor, & a mais poderosa razão, que lhe podemos allegar, & o mais amoroso titulo, com que lhe podemos conciliar a graça, & render o coração, he o titulo, o motivo, & a razão de Pay: por isso na primeira palavra do Rosário o invocamos com o nome de Pay, & não como nas outras Orações com os soberanos titulos de Deos, ou Senhor. Deos como Deos he misericordioso, & justo; mas como Pay he misericordioso sem justiça: Deos como Senhor he poderoso para perdoar, & para castigar; mas como Pay, poderoso para o perdão, & não para o castigo: como Deos, & como Senhor em fim, pôde negar, & pôde conceder; mas como Pay só sabe conceder, não sabe negar:

Patris

Patris est non negare. Sendo pois tantas, & tão grandes as petições, que no Rosario presentamos ao Consistorio Divino, acertado, & acertadissimo he o modo, cõ que as fazemos, não debaxo dos titulos da Magestade, senão do nome do amor, não como a Deos, & Senhor, senão como a Pay: *Pater noster.* E para que saybamos a confiãça, com que devemos pedir a este soberano Pay, & o desejo, que elle tem de lhe pedirmos, ouçamos ao mesmo Pay a mayor cousa, que se pôde imaginar nesta materia.

*Psalm. 2.
7-8.*

52. Falla Deos com seu proprio Filho o Verbo Eterno feito Homem, & diz assim: *Filius meus es tu, ego hodie genui te: postula à me, & dabo tibi gentes hereditatem tuam:* Sois meu Filho, porque vos gerey hoje: pedime a vossa herança, que são todas as gentes do mundo, & eu vo la darey. Tres cousas quando menos dignas de grande reparo contém estas profundas palavras. Se Deos gerou seu Filho ab æterno, como diz que o gerou ho-

je: *Ego hodie genui te?* Se diz que a herança he sua: *Hereditatem tuam;* como quer que elle lha peça: *Postula à me?* E se diz que lha dará: *Et dabo tibi;* porque lha não dá sem a pedir? Tudo são demonstraões de quanto Deos, como Pay, dezeja dar. Muito dezeja dar quem pede que lhe peçaõ. Nós somos requerentes de Deos, para que nos dê, & Deos he requerente nosso, para que lhe peçaamos. Mas isto só o faz como Pay a filhos. O Filho, que o Padre gerou ab æterno, era Filho, a quem não podia dar, nem elle podia pedir, porque era Deos. Mas fez, que esse Filho se fizesse Homem: Para que? Para ter hum Filho, que como Homẽ lhe podesse pedir, & a quem elle como Pay podesse dar. A elle deulhe a herança como a Primogenito, & a nós tambem no la quer dar como a filhos segundos, mas com a mesma condiçaõ de que a peçaamos. E não fora mayor liberalidade dar sem esta condiçaõ, & sem esperar que pedissemos primeiro? Não. Porque quer dar

dar de tal modo, que não só satisfaga a sua vontade, senão também o nosso desejo. Quem me dá o que não peço, mede a dadiva pela sua vontade: quem me dá o que peço, mede a pela minha. Mais faz Deos. Mede pela minha vontade a sua, que he medida sem medida, porque quer, & se obriga a querer quanto eu pedir. Por isso quis o soberano Pay que pedissemos, & por isso nos ensinou o Filho este modo de pedir a seu Pay.

53. El Rey Assuero offereceo á Rainha Esther, que pedisse o que quizesse, mas esta largueza, ou de liberalidade, ou de amor, quando cuidou que a estendia, então a limitou, porque dizendo:

Quid vis: acrescentou: Etiam si dimidiam partem Regni

petieris, dabitur tibi: q̃ ainda

que pedisse ametade do seu Reyno, lho daria. Pouco dá, & pouco quer quem do que tem, & do que pôde, offerece só ametade. Não assim o Pay a quem pedimos, porque hũa só partida do q̃ quer que lhe peçamos nesta mesma Oração do Padre nosso,

naõ he ametade do seu Reyno, senão todo: *Adveniat*

Regnum tuum. Assuero era ^{Matth. 6. 10.}

Rey, & esposo: em quanto Rey, fallou nelle a liberalidade, em quanto esposo o amor: & he tanto mayor em Deos a liberalidade, & amor de Pay, que quando a liberalidade de Rey, & o amor de esposo não chega mais que a prometter ametade do Reyno, a liberalidade, & amor deste soberano Pay não dá menos que todo. E notay, que quando lhe pedimos o Reyno, não dizemos, q̃ nos dé o seu Reyno, senão que o seu Reyno venha a nós. Porq̃? Porque pedimos como filhos a Pay, & o Reyno do Pay vem aos filhos. Esta he a razão porque diz o Pay, que dará a sua herança ao Filho: *Dabo tibi hereditatem tuam.*

A herança vem aos filhos, não lha dão os Pays: pois porque diz este Pay, que dará ao Filho a sua herança? Porque he Pay immortal. Quando os pays são mortaes, a herança he pura herança, & vem por morte dos pays aos filhos. Mas quando o Pay he immortal como Deos, a herança

rança dos filhos he herança com propriedade de doação *inter vivos*, & a doação do Pay he doação com propriedade de herança. Com propriedade de herança, porque de Direito vem aos filhos, & cõ propriedade de doação, porque verdadeiramente a dá o Pay: *Dabo tibi hereditatem tuam*.

54. Só resta dentro no mesmo Padre nosso hũa objecção, que, parece, desfaz claramente o que atégora dissemos. Dissemos, que não allegamos a Deos outro titulo, nem outro motivo nem outra razão da sua, ou da nossa parte, senão sómente o ser Pay: & na mesma Oraçãõ do Padre nosso pedimos a Deos, que nos perdoe, assim como nós perdoamos: logo ainda que da parte de Deos só lhe representamos o ser Pay, da nossa parte allegamos o perdaõ dos inimigos, que não he pequeno, nem facil merecimẽto. Tãõ fóra está isto de ser objecção, que antes he mayor confirmação do que digo. Suppor o perdaõ dos inimigos, não he allegação, he justificação.

Ora vede. Para pedir aos Principes da terra, não he necessario justificar primeiro o que na petição se allega? Sim. Pois do mesmo modo para pedir a Deos, a quem só allegamos o ser Pay, he necessario justificar tambem que elle verdadeiramente he Pay nosso, & nós filhos seus? E esta justificação só se prova com o perdaõ, & amor dos inimigos. O mesmo Christo o disse: *Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos; ut sitis filij Patris vestri, qui in celis est*: Amay a vossos inimigos, & fazey bem aos que vos querem mal, para que sejais filhos de vosso Pay, que está no Ceo. De vosso Pay, que está nos Ceos, diz, assim como nós dizemos: *Pater noster qui es Celis*. E esta he a razão porque em toda a Oraçãõ do Padre nosso, & em todo o Rosario nenhũa outra cousa, ou acção nossa deduzimos, ou supponmos, senão o perdaõ dos inimigos sómente: *Sicut & nos dimittimus debitoribus nostris*; porque o nosso intento não he allegar algum titulo de mereci-

Matth.
5.44

Matth.
6.9

Ibidem
12.

recimento da nossa parte, senão só justificar que Deos, a quem invocamos como Pay, verdadeiramente he Pay nosso; para que as petições, que debaxo deste nome se seguem, fiquem correntes, & não sayão escuzadas. Oh q̃ boa advertência esta para todos os que rezaõ o Rosario! Quando começo, dizendo: *Pater noster*, supponhaõ que o primeiro despacho he, Justifique: & se justificarem com o perdão, & amor dos inimigos, que estão em estado de filhos, então esperem confiadamente, que o Pay do Ceo, que invocaõ, lhes concederá tudo o q̃ pedem.

IV.

55. **E** Sta he a primeira parte do modo, com que apresentamos nossas petições á Magestade Divina, não como a Deos, nem como a Senhor, senão como a Pay. A segunda parte, & não menos excellente, he que lhas não apresentamos só como a Pay, senão como Pay nosso: *Pater noster*. O

Tom. 5.

em que aqui reparo, he em dizermos, nosso, & não meu. Fundase a duvida não menos que nas palavras do mesmo Christo, quando ensinou o Padre nosso, que são estas: *Tu autem cum oraveris, intra in cubiculum tuum, & clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito, & Pater tuus, qui videt in abscondito, reddet tibi*. Tu quando orares, entra no apozento mais secreto da tua casa, & com a porta fechada ora a teu Padre, & teu Padre, para cuja vista não ha lugar occulto, nem escondido, te dará o que lhe pedires. Pois se o mesmo Christo hũa, & outra vez chama ao Padre, não nosso, senão meu: *Patrem tuum, & Pater tuus*; porque razaõ continuando o mesmo Texto, & dando o modo, & a fórma, com que havemos de orar, diz que oramos, dizendo: Padre nosso: *Sic ergo vos orabitis: Pater noster, qui es in Caelis*. Deos. ^{Ibidem} 9.
he Pay nosso, & de todos, porque he Pay de cada hum; pois se he Pay de cada hum; porque não dirá cada hum quando ora, Pay meu, senão

D

Pay

Pay nosso? Que digamos Pay nosso, quando oramos em commum, assim pede a mesma communidade que seja; mas quando ora hum só em particular, porque não ha de dizer, Pay meu? Porque Deos, que assim o mandou, quer que oremos deste modo. Quer que em commum, & em particular digamos sempre, Pay nosso; para que em comum, & em particular nos lembremos sempre, que todos somos filhos do mesmo Pay.

*Hugo
bi.* *Ut nemo applaudat sibi de nobilitate generis; omnes enim filij Dei sumus:* commenta Hugo Cardeal. Quer, & manda Christo, que nos lembremos, quando oramos, que somos filhos do mesmo Pay Deos, porque não haja algum tão ignorante, ou tão desvanecido, que pela chamada nobreza de sua geração cuide que he melhor, ou mais honrado que os outros. Oh que altissimo ponto este, & mais para os vossos pontos! Dizeyme, Senhores, os que vos tendes por taes; quando tomais o Rosario na mão, & trazeis en-

tre os dedos esta primeira Conta, dizendo, Padre nosso, fazeis a cõta, que Deos quer, que façais sem differença de vós a qualquer outro homem?

56. Dirmeheis, q Deos não vos manda desconhecer a vossa calidade, nem negar a vossa nobreza? & que se todos somos iguaes em ter a Deos por Pay, vós tendes de mais a nobreza dos pays, de que nascestes, & que esta vos distingue, & desigualda dos outros homens; & vós faz de melhor, & muito superior condiçã. A resposta he muito propria do vosso entendimento, mas não muito digna da nossa Fé. E esses pays, ainda que fossem Reys, & Emperadores, pôdem entrar em consideração para fazer differença, com quem tem a Deos por Pay? Quizerá chamar a isto Gentilidade, mas nem a resposta merece tão pequena censura, nem os Gentios tamanha afronta. Gentio era Alexandre Magno, & soberbo com os successos daquella sua grãde fortuna, querendo ser tido, & adorado por Deos: Que

Que fez ? Intitulou-se Filho de Jupiter, & mandou que ninguém dalli por diante o nomeasse por filho de Felippe. E este Felippe quem era? Não só era Rey de Macedonia, mas o mais insigne Rey, que os Macedonios nunca haviaõ tido : grande amplificador do seu Imperio, famoso Conquistador de muitos Reynos, & Provincias, & tão celebrado por seus heroicos feitos em armas, que o mesmo Alexandre envejava suas vitorias, & as festejava com lagrimas. Pois de hum Rey tão grande, tão poderoso, tão temido, & respeitado na Grecia, tão famoso, & celebrado em todo o mundo, se despreza Alexandre de ser filho, & não quer ser conhecido, nem nomeado por tal? Sim. E obrára muito contra a razão, se assim o não fizera, quando se intitulava Filho de Jupiter. Quem se chama Filho de Iupiter, & tem a Iupiter por Pay, todos os outros titulos, que por qualquer via lhe compitaõ, por mayores, & mais Reaes que sejaõ, mais faõ para o desprezo, que pa-

ra a estimação, mais para o esquecimento, que para a memoria, mais para o silencio, que para a jaçtancia. Até entre os Gentios, & no Gentio mais soberbo, quem tem a Deos por Pay, não toma na boca outros pays. E se isto era conforme á razão, onde o Deos Pay, era tão falso Pay, como falso Deos, que será onde o verdadeiro Deos he o verdadeiro Pay? Não só he falta de Fé, senão de entendimento, & juizo.

57. Mas vamos á Fé, & ouçamos o que ensina sobre este ponto o mesmo Mestre Divino, Autor do Padre nosso, & Commentador del-
le : *Patrem nolite vocare vo-*
bis super terram: unus est enim
Pater vester, qui in Cælis est.
Não queirais (diz Christo) chamar pays aos da terra, porque só tendes hum Pay, que he o que está no Ceo. Grande, & admirável sentença, & que, parece, diz mais do que diz, dizendo muito mais do que parece. Christo, que isto ensina, não he o mesmo Deos, que nos manda honrar os pays? Sim: pois se os manda honrar, co-

Matth.
23 9.

mo diz que lhe não chame-
mos pays? Havemos delhe
dar a honra, & tirarlhe o
nome? Assim o mostra a ra-
zaõ, que o mesmo Senhor
acrescenta: *Unus est enim Pa-
ter vester, qui in Calis est*:
não chameis pays aos da ter-
ra, porque só o do Ceo he
vosso Pay. Logo se só o do
Ceo he nosso Pay, a elle só
devemos dar o nome de Pay,
& a nenhum outro. E senão,
pergunto: Muitos, que po-
déraõ ser pays, & o deze-
jaõ ser, porque o não são?
Porque Deos, como respon-
deõ Jacob a Raquel, he o
que dá os filhos: & tambem
para que esses mesmos, que
não são pays, conheçaõ, que
o ser, que tem, o não devem
a seus pays, senão a Deos.
Que vem logo a ser os que
chamamos pays, pois não
são elles, senão Deos, o que
nos dá o ser? Vem a ser hũa
estrada geral ordenada pelo
mesmo Autor da natureza,
por onde passa o ser, que elle
nos dá. Profunda, & elegan-
temente S. João Chrysosto-
mo: *Non initium vitæ habemus à parentibus, sed transitus vitæ per eos accipimus*. O

D. Chry-
sost. ci-
tans ab-
Abulêsi,
& Hugo-
ne hic

principio do ser, que temos,
não fae, nem vem dos pays,
porque todõ o recebemos de
Deos, passado sõmente por
elles: *Sed transitus vitæ per
eos accipimus*. Vem a ser pro-
priamente o nosso ser, como
as águas, que enchem, & fa-
zem os Rios. O Nilo, ou o
Tejo não devem as suas cor-
rentes ás terras, por onde pas-
saõ, senão á fonte, donde nas-
cêraõ. Assim nós entramos
neste mundo passados pelos
pays da terra, ou pela terra
dos pays: a fonte porẽm dõ-
de trazemos o ser, he so o
Pay do Ceo: *Unus est enim
Pater vester, qui in Calis est*.
Oh que alto nascimento, &
que grande obrigação, mas
que mal guardada! Por isso
em vez de sabermos á fonte,
fabemos á terra.

58. Ainda sondou este
pêgo, & lhe achou mayor
fundo o Profera Isaias. Falla
em nome do Povo de Israel,
& pede a Deos, que use com
elle de suas antigas miseri-
cordias, de que, parece, esta-
va esquecido; & allega des-
ta maneira: *Tu enim Pater
noster, & Abraham nescivit
nos, & Israel ignoravit nos*.
Por;

Isai. 6.
16.

Porque vós, Senhor, sois nosso Pay, & Abrahaõ, & Jacob não nos conheceraõ. Todo aquelle Povo de nenhũa cousa mais se prezava, que de serem filhos de Abrahaõ, & Jacob: pois como agora dizem, que só Deos he seu Pay, & não Abrahaõ, nem Jacob: & a razaõ, com que o provaõ, he que nem Abrahaõ, nem Jacob os conheceraõ: *Abraham nescivit nos, & Israel ignoravit nos?* Fallou Iſaias altissimamente, & allegou a mayor, & mais interior differença, que ha entre o Pay Deos, & os pays homens. Deos conhece aquelles, a quem dá o ser, os homens, ainda que lho deſsem, não os conhecem. Conhecem os filhos depois de nascidos, mas antes de gerados não: & quem me faz o beneficio sem me conhecer, não mo faz a mim: pouco lhe devo: não foy eleição, foy caso. Tanto assim, que por isso nascem a muitos pays taes filhos, que antes tomáraõ q̃ não fossem seus. E como Abrahaõ, & Jacob não conheciaõ os filhos, que delles nasceraõ, & Deos sim: Tom. 5.

essa he a differença altissima porque allega Iſaias, que só Deos he o seu Pay, & não Abrahaõ, nem Jacob. Logo do mesmo modo tãbem nós só devemos reconhecer por pay ao Pay do Ceo, que nos deu o ser, & nos conheceo, & não chamar pays aos da terra, que nem no lo deraõ, nem nos conheceraõ: & isto he o que soaõ as palavras de Christo: *Patrem nolite vocare vobis super terram: unus est enim Pater vester, qui in Cælis est.*

59. Por isso eu disse, q̃ esta sentença parecia, que diz mais do que diz, dizendo mais do que parece, como agora veremos. Não diz Christo Senhor nosso, nem quer dizer, que neguemos aos que nos geráraõ, o nome de pays: só diz, & só quer dizer, que esses pays não os tragamos sempre na boca, como muitos fazem, prezãdose, & jactandose delles, & cuidando que por este accidente, que não he da natureza, senaõ da fortuna, são melhores, & mais honrados que os outros homens. A demonstração, có que o Senhor con-

convence a vaidade deste pensamento, he manifesta: *Vnus est enim Pater vester, qui in Cælis est*: Não vos jacteis dos pays da terra, porque o vosso Pay do Ceo he hum só. São tres razões em tres palavras. Por ser Pay, por ser do Ceo, por ser hum. Se he Pay, que verdadeiramente vos deu o ser, porque vos haveis de prezar dos q̃ chamais pays, & vo lo não deirão? Se he do Ceo, & he Deos, porque vos não haveis de gloriar mais de ser seus filhos, que dos pays da terra, que são homens? E se he hũ só Pay de todos, porque vos não haveis de estimar, & honrãr todos com amor, & igualdade de irmãos? Esta ultima he a principal consequencia, que o Senhor pretendeo persuadir; porque a infirio tendo ditto: *Omnes autem vos fratres estis*. Pois se todos somos irmãos, & filhos do mesmo Pay, & tal Pay: que fundamento tem, ou pôde ter a soberba para hum Christão desprezar a outro Christão, & se reputar, ou inchar de mais bem nascido? Responde a mesma soberba,

Matth.
23. 8.

que se o Pay do Ceo he hum, os pays da terra são muitos, & de muy diferentes fortunas: como se Christo, que disse, *Vnus est Pater vester*, não soubera esta distincão. Mas nenhum caso fez della, porque todas essas fortunas, nem por altas, nem por baixas, pôdem acrescentar, ou diminuir nobreza em quem he filho de Deos. Ponde em hũa balança de hũa parte a Deos só, & da outra a Deos, & todo o mundo; & perguntay a Santo Thomás qual peza mais? Tanto peza hũa, como outra; porque todo o mundo, & mil mundos juntos a Deos, em respeito de Deos só, nem acrescentaão pezo, nem fazem mayoria. O mesmo passa no nosso caso. Tanta nobreza he ser filho de Deos sómente, como ser filho de Deos, & do mayor Monarcha do mundo. Taõ nobre he Ioão filho de Deos, & de hum pescador, como o Emperador Arcadio filho de Deos, & de Constãtino Magno. Cuydar alguém o contrario, não só he ignorancia, & locura, mas falta, ou desprezo da Fé.

Ouçãõ

Paschas.
in ex-
posit.O.
vnt.Do-
minic.

60. Oução a S. Pascha-
sio estes idolatras da vaidade:
Si vera fide hæc paternitas veneraretur, & amaretur, nunquam fraternitas carnis amplius valeret apud aliquos, sed præferrent nobilitatem ex Deo, darentque operam, ne degeneres existerent, & tanto parente indigni propter vetustatem carnis. Se os Christãos crêraõ com verdadeira fé, & estimáraõ, como devem, o que he ter a Deos por Pay, de nenhum modo desprezariaõ aos que por este soberano parentesco são seus irmãos: mas porque muitos se prezaõ mais da geraçaõ dos pays da terra, por isso são, & se fazem indignos de ser filhos do Pay do Ceo. De sorte, que desses, que vós desprezais, he Deos Pay, & vós porque os desprezais, deixais de ser filhos. He Pay seu, mas não he Pay vosso. Entaõ ouvir a estes rezadores cegos com o Rosario na mão: *Pater noster, qui es in Cælis*: desprezando elles no mesmo tempo aos filhos do mesmo Pay? Isto não he rezar o Padre nosso, he brasonar os Padres vossos. He

offender, he injuriar, he afrontar o Pay do Ceo, pois vos prezais mais dos pays da terra. Se o fim porque Christo nos ensinou a dizer, *Pater noster*, foy para que todos como filhos do mesmo Pay, nos estimássemos, & honrássemos como irmãos; os q os não trataõ, nem estimaõ como taes, como pôdem dizer, Padre nosso? Não pôdem. E vede se o provo. Morto Jacob, vieraõ a Joseph seus irmãos, & disseraõ-lhe desta maneira: *Pater tuus præcepit nobis, antequam moreretur, ut hæc tibi verbis illius diceremus: obsecro, ut obliviscaris sceleris fratrum tuorum, & peccati, atque malitiæ, quam exercuerunt in te.* Vosso pay antes de morrer nos mandou vos dissessemos em seu nome, que elle vos rogava muito vos não lembrassemos do mal que vos tinhaõ tratado vossos irmãos, & lhe perdoássemos. Reparay, se já não tendes reparado, na palavra, *Pater tuus*, vosso Pay. Jacob igualmente era pay de Joseph, & de todos os outros irmãos, que lhe davaõ o recado em seu no-

Gen. 50.
16. 17.

me : pois se era pay de Ioseph, & tambem pay seu delles ; porque não dizem nosso pay , senão vosso pay : *Pater tuus*? Porque estes mesmos irmãos tinhaõ tratado a Ioseph taõ indignamente, como sabemos : & irmãos , que não estimaõ, nem honraõ a seus irmãos, como devem , ainda que sejaõ filhos do mesmo pay, não pôdem chamar a esse pay , Pay nosso. Por isso não disseraõ, *Pater noster*, senão, *Pater tuus*.

61. Oh soberba ! Oh pouca Christandade ! Oh falta grande de fé ! Oh ignorancia intoleravel da Ley , & verdade, que professamos ! Os grandes , que se estimaõ por mais nobres que os pequenos, os Senhores, que se tem por mais honrados que os seus escravos, os mesmos Reys , que cuydaõ que são melhores que o menor de seus vassallos, guardemse de dizer a Deos, Padre nosso. Se querem que Deos se não offenda, & os ouça, desçaõse primeiro desse pensamento, que na mayor Alteza he altivo, reconheçaõ a todos por irmãos, & por seus iguaes na

nobreza como filhos do mesmo Pay ; porque este he o foro, em que Christo nos igualou a todos , quando a todos sem differença nos mandou dizer : *Pater noster*.

E porque não pareça, que ao menos os Reys pela soberania do seu estado pôdem ser exceiçaõ desta regra ; ouçaõ o que prégava S. Ioaõ Chrysostomo aos Emperadores em Constantinopla explicadolhes o Padre nosso, & ensinandoos como o haviaõ de

rezar : *Unam Regis cum paupere æqualitatem honoris ostendit ; cunctis enim unam, atque eandem nobilitatem donavit Deus, cum dignatus est Pater omnium vocari*. Quando Deos nos concede a todos, que igualmente o invocassemos com nome de Pay nosso , juntamente nos deu tal igualdade de honra, & de nobreza a todos, sem differença algũa , que taõ nobre, & taõ honrado he o pobre, que pede esmola pelas portas, como o Rey, que está assentado no trono , & com a coroa na cabeça : *Unam Regis cum paupere æqualitatem honoris ostendit : unam, eandem*.

D. Chrysost. in exposit. Orat. Domin.

demque nobilitatem cunctis donavit. Para que finalmente se veja se foy altissimo modo de orar o com que Christo ajuntou o *nosfer* ao *Pater*, pois sem abater a Alteza dos Principes Soberanos, a que o mundo chama baxeza, levantou, & sublimou a mesma baxeza á igualdade dos mesmos Principes: & tudo isto com hũa só palavra, *Nosfer: Extollens vocem.*

V.

62. **P**Assando á segunda consideração, que he das petições, que fazemos a Deos; nellas mais claramente ainda parece que excedemos o equilibrio, ou o meyo proporcionado, & justo, em que consiste o modo: porque em hũas pedimos muito mais, & em outras muito menos do que devemos pedir.

63. Quanto ás primeiras, seja exemplo aquella, que comprehende a todas; na qual pedimos a Deos, que seja feita a sua vontade, assim na terra, como no Ceo: & este modo de pedir que não vê, que he fóra de todo o

modo? Se disseramos sómente: *Fiat voluntas tua:* & pararamos alli; entendersehia, que dezejavamos, & pediamos a Deos, que se fizesse a sua vontade na terra, segundo a fraqueza da terra, de que somos compostos, & segundo o estado da terra, em que vivemos; ou em que lutamos dentro, & fóra de nós, com as misérias da mesma vida: porèm dizer, & acrescentar que seja feita a vontade de Deos, *Sicut in Celo,* Matth. 6 *& in terra,* assim na terra, como no Ceo; he pedir o que se não pôde pedir, nem se pôde dezejar; nem pôde ser. O Ceo não só he incapaz de peccado, mas nem ainda da menor imperfeição: todós lá fazem a vontade de Deos. perfeitissimamente, vendo ao mesmo Deos, & revendose na mesma vontade: & esta he a melhor parte da sua mesma Bê-aventurança. Pelo contrario na terra, nem ainda os maiores Santos, & confirmados em Graça, estão livres de imperfeições, & de algũs peccados leves proprios da fragilidade humana, por onde

1. Ioan.
1. 3.

de disse S. Ioaõ, sendo elle o que mais amou, & o mais amado de Christo: *Si diximus, quoniam peccatum non habemus, ipsi nos seducimus, & veritas in nobis non est.* A razão desta differença he, porque Deos no Ceo he amado por vista, na terra he amado por Fé: & a vista necessita a vontade, a Fé deixa livre o alvedrio. Logo se na terra, nem se faz, nem se pôde fazer a vontade de Deos, como no Ceo; pedir que se faça na terra, como no Ceo, he pedir o impossivel.

Matth.
5. 48.

64. A esta objecção só pôde satisfazer o mesmo Mestre Divino, que nos ensinou a dizer: *Sicut in Cælo, & in terra:* & responderá a hum *Sicut* com outro *Sicut*. Exhortâdonos Christo Senhor nosso à perfeição, que dezeja nos observadores da sua Ley, diz que sejamos perfeitos assim como o Padre Celestial he perfeito: *Estote ergo perfecti, sicut & Pater vester cælestis perfectus est.* lá vedes, como hum *Sicut* responde ao outro. Mas se a perfeição do Eterno Padre he infinita, & immensa, & a nossa, ainda

que fôssent os Anjos, por mais alta, & excellente que seja, sempre he de creaturas, & por isso finita, & limitada, como nos proprioem o Senhor por exemplar de nossas acções não outra perfeição menor, senão a do mesmo Padre, & diz que sejamos perfeitos, como elle he perfeito? Por ventura ouve já mais, ou he possivel haver creatura, que possa chegar, nem de muito longe, não digo á igualdade, mas nem ainda á semelhança de tão inaccessible perfeição? Claro está que he impossivel: mas propçemos Christo hum exemplar impossivel, quando nos exhorta á imitação d'elle, para que aspirando ao impossivel, venhamos a conseguir o possivel. Bem sabe o soberano artifice, que nos fez, o que podemos com sua Graça, & por isso nos exhorta ao que não podemos, para que cheguemos ao que podemos. E se isto tem lugar na comparação do homem a Deos: *Sicut Pater vester:* quanto mais na comparação da terra ao Ceo: *Sicut in Cælo, & in terra?* O que importa,

porta, he que nós digamos de veras: *Fiat voluntas tua.*

65. Não falta porém quem argua esta petição ao menos de superflua, & ociosa. Deos assim no Ceo, como na terra sempre fez, & faz, & ha de fazer o que quer:

Psalm. 134. Omnia quęcūque voluit Dominus, fecit in Celo, & in terra:

logo superflua couſa he, inutil, & ociosa, pedir a Deos que faça a ſua vontade, pois elle a ha de fazer ſempre, ainda que nós não queiramos, nem lhe peçamos que a faça. Muito me admira, q̃ tenha grandes Autores eſta replica, & tão grandes, que por ſua authoridade os não nomeyo. Nós não pedimos a Deos que faça a ſua vontade: pedimos-lhe que ſeja feita: *Fiat voluntas tua.* E que mais tem ſer feita a vontade de Deos, que fazer Deos a ſua vontade? Muito mais. Porque o que não póde fazer a vontade de Deos fazendo, faz ſendo feita. He penſamento profundiffimo de S. Bernardo; & o prova com a criação, & bemaventurança dos Anjos: *Voluntas Domini, quę prius Angelos crea-*

vit, faciens eodẽm, poſtmodũ in eis facta beavit. A vontade de Deos, que fazendo os Anjos, os fez Anjos, ſc̃do feita nelles, os fez Bemaventurados. De forte, que a vontade de Deos fazendo, pode fazer Anjos, mas fazellos Béaventurados, não o pode fazer fazendo; ſenão ſendo feita: *Faciens creavit Angelos, facta beavit.* A razão he: porque para hũa creatura racional ſer, he neceſſario que a vontade de Deos a faça, mas para ſer bemaventurada, he neceſſario que ella faça a vontade de Deos. Criou Deos no Ceo a Lucifer, & criou a Miguel, que foraõ as duas obras da mão divina as mais nobres, as mais excellentes, as mais parecidas com ſeu proprio artifice, & as mais enriquecidas de todos os dotes, & graças da natureza, que no teatro das Gerarchias ſe eſtremáraõ ſobre todas. Isto fez a vontade de Deos fazendo. E ſendo feita, ou não feita, que fez? Não ſendo feita, fez que Lucifer, que havia de ſer Bemaventurado, foſſe o mayor Demônio: & ſendo feita, fez que Miguel,

guel, que tambem podéra ser Demonio, fosse o mayor. Bemaventurado. Por isso pedimos a Deos, não que faça a sua vontade, senão que seja feita : *Fiat voluntas tua.*

66. E em que ha de ser feita, ou em que pedimos q̃ seja feita a vontade de Deos? Este he o ponto mais subido desta altissima petição. Pedimos, que seja feita a vontade de Deos em tudo quanto Deos quer, ou póde querer, se exceção, sem limite, se replica. No particular, & no commum; no proprio, & no alheio; no prospero, & no adverso; no presente, & no futuro; no temporal, & no eterno. S. Paulo distingue na vontade de Deos tres vontades, hũa boa, outra melhor, outra perfeita : *Quæ sit voluntas Dei, bona, & beneplacens, & perfecta.* Com a vontade boa quer Deos o que manda, com a vontade melhor quer o que aconselha, com a vontade perfeita quer o que nem aconselha, nem manda, mas ou o executa por sy, ou o permite por outros : & a todas estas vontades se fogeita, & com todas

Rom. 12.
2.

te conforma quem diz : *Fiat voluntas tua.*

67. Na Ley Velha só hũ homem achou Deos, que fizesse todas as suas vontades, que foy David : *Inveni virũ secundũ cor meum, qui faciet omnes voluntates meas.* Na Ley da Graça quer Deos que todas as suas vontades as façamos todos. Todos, & todas por arduas, por diffcultosas, por encontradas que sejaõ. Hũa vez quer Deos o gosto, outra o desgosto : hũa vez quer a riqueza, outra a pobreza : hũa vez a honra, outra a afronta : hũa vez o applauso, outra a perseguição : hũa vez a bonança, outra a tempestade : hũa vez a fortuna, outra a fome : hũa vez a faude, outra a doença : hũa vez a vida, outra a morte. E assim como todos estes encontros se concilião na vontade de Deos, donde saem; assim quer se recebaõ sem repugnancia na nossa, onde todos se aceitaõ. Se foy pay, & quer Deos tirar-vos o filho mais amado, como Isaac a Abrahaõ : *Fiat voluntas tua* : Se foy Esposo, & vos quer Deos levar a companhia

panhia mais estimada, & a
prenda mais querida, co-
mo Rachel a Jacob: *Fiat volun-
tas tua*: Se fôis Rey, & vos
quer Deos privar da pro-
pria coroa, & pelo instru-
mento mais injusto, & mais
ingrato, como a David por
Absalaõ: *Fiat voluntas tua*:
Se fôis valente, & famoso
nas armas, antes o milagre
da valentia, & vos quer Deos
entregar fraco, maniatado,
& afrontado nas mãos de
vossos inimigos, como Sam-
saõ: *Fiat voluntas tua*: Se
fôis finalmente homem, &
muyto grande no mundo,
& não so vos quer Deos ti-
rar o poder, a grandeza, & a
magestade, senão a mesma
figura humana, & ufo della,
& que paiseis entre os bru-
tos, como Nabucodenezor:
Fiat voluntas tua.

68. Póde Deos ainda
querer mais? Sim póde. Pó-
de querer, que todos effes
trabalhos, todas effas penas,
todas effas dores, que divi-
didas atormentariaõ mortal-
mente muitos homens, se
ajuntem todas em vós: &
padecendo essa vida peor
que a morte, ou vivendo essa

morte bastante a tirar mil
vidas: que haveis de fazer,
ou dizer? *Fiat voluntas tua*.

Outros creyo se contenta-
riaõ com isto, & parariaõ
aqui; mas para mim ainda
entre as vontades de Deos
ha hũa, que mais fere, & mais
penetra o coração, mais ri-
gurosa, & mais aspera de so-
frer, & de mais difficultosa
conformidade. E qual he? A
que Iudas Machabéo ante-
poz á vida, & julgou por
mais dura de tolerar que a

morte: *Melius est mori* 1. Mach. 3-59.
in bello, quam videre mala ge-

tis nostræ: Melhor he, disse
aos companheiros, morrer
na guerra, que viver, & ter
vida, nẽm vista para ver os
males, & calamidades da Pa-
tria, & as afrontas, & abati-
mentos da nossa Naçaõ. Oh
animo verdadeiramente leal,
fiel, generoso, heroico! Mas
se succeder, & Deos quizer,
que a Patria se abraze, como
Troya, que se confunda, co-
mo Babilonia, que se sover-
ta, como Ninive, que não fi-
que nella pedra sobre pedra,
como Ierusalem, & que se
sepulte hũa, duas, & tres ve-
zes debaxo de suas ruinas,
como

Ibidem
60.

como Roma? Ainda no tal caso, responde o generoso Machabéo, não desmayará, nem cahirá o meu coração, porque ficará em pé a vontade divina: *Sicut autem fuerit voluntas in Cælo, sic fiat.*

69. Tanto como isto quer dizer, & tanto como isto dizemos no Padre nosso, quando dizemos: *Fiat voluntas tua.* Mas ainda não chegámos mais que á ametade da petição. E bastará, que todos estes males, todas estas calamidades particulares, & publicas, nossas, & de todos, as levemos com paciencia, as soframos com constancia, as aceitemos com conformidade na vontade de Deos? Não basta: porque ainda quer, & diz mais o mesmo Deos: *Sicut in Cælo, & in terra: a* minha vontade ha se de fazer, ou ser feita na terra, assim como se faz, & he feita no Ceo. Como se vem desde o Ceo, & como se recebem, & aceitam lá todas estas calamidades do mundo? Não só com perfectissima conformidade, senão com summa alegria. Rebellouse

Lucifer no Ceo, & levou consigo ao inferno toda a sua parcialidade dos Espiritos Apostatas. E que sentimento causou nos outros Anjos a infelicidade de tão estranha, & universal ruina? Todas as tres Gerarchias ficaram desfeitas, & todos os nove Coros diminuidos, não menos que na terceira parte: mas na gloria, & alegria dos Anjos obedientes á vontade divina, nenhũa diminuição, nem mudança ouve: tão gloriosos, & tão alegres continuaram a câtar os louvores de Deos, como agora o fazem, & farão eternamente. Como Eva, peccou Adão, & foram ambos lançados do Paraíso da terra criado para restauração das cadeiras do Ceo: & os Anjos da guarda particularmente do mesmo Adão & da mesma Eva, que demonstração fizeram por aquella desgraça? Se elles não foram os mesmos Cherubins, que com montantes de fogo lhes prohibião a entrada do Paraíso, tanta foy a alegria, em que perseveraram na perda dos seus recomendados, como se elles se tiverão conser-

servado na felicidade , em q
 lhe forão entrêgues: Todos
 os Reynos, & Imperios, co-
 mo consta do Profeta Da-
 niel, tem seus Anjos tutela-
 res, que os assistem, gover-
 nãõ, & defendem. Passou
 pois o Imperio dos Assyrios
 aos Persas, & que fez o An-
 jo tutelar dos Assyrios? Pas-
 sou o Imperio dos Persas aos
 Gregos, & que fez o Anjo
 dos Persas? Passou o Impe-
 rio dos Gregos aos Roma-
 nos, & que fez o Anjo dos
 Gregos? Passa finalmente o
 Imperio dos Romanos (que
 ainda se não sabe para onde)
 não apparecendo já delle
 mais que a sombra, nem se
 ouvindo mais que o nome!
 & que fez o Anjo dos Ro-
 manos? Todos se alegraõ
 igualmente nestas ruínas,
 como se alegravaõ no mayor
 auge de suas felicidades;
 porque na vontade de Deos,
 a quem estaõ vendo, vem tã-
 bem todo o motivo da sua
 perpetua alegria: Mayor ca-
 so ainda. Todas as especies
 de criaturas, que nascem, ou
 vivem, ou se movem, ou se
 não movem na terra, tem
 seus Anjos particulares, a

quem incumbe o cuidado de
 sua conservaçaõ. Mandou
 Deos sobre o mundo o dilu-
 vio universal, em que todos
 os homens perecêraõ; & to-
 das essas criaturas se destru-
 raõ: & quando parece que
 sãõ os Anjos da guarda de
 Noé, & seus filhos, haviaõ
 de ficar triunfantes, & ale-
 gres, & todos os mais des-
 consolados, & tristes; taõ
 universal foy a alegria em
 todos os Anjos, como o cas-
 tigo em todos os homens.
 Não vós parece muito tudo
 isto, & mais que muito? Pois
 nada tenho dito atêgora.
 Padece Christo os mayores
 tormentos, & afrontas, mor-
 re finalmente prêgado em
 hũa Cruz; & posto que o
 Ceo por esta parte inferior
 se cubrio de luto, eclypsan-
 dose o Sol, na parte de si-
 ma, que he a do Empyreõ,
 que sentimento fizeraõ os
 Anjos, vendo morrer a seu
 Deos? Oh affombro! Oh
 prodigio nunca imaginado
 da conformidade com a vo-
 tade divina! Morre Deos, &
 sendo os Anjos as criaturas
 que melhor entendem, &
 mais o amaõ, nem per hum

só momento cessarão entã
as festas, & cantares dos
mesmos Anjos; tão alegres
na morte do seu Criador;
como n.º seu nascimento;
tão alegres no seu enterro,
como na sua Resurreição.

7.º. Isto he, nem mais,
nem menos, o que significa
no Padre n.º sobre a pri-
meira parte da petição, *Fiat*
voluntas tua; a segunda; &
mais sublime, *Sicut in Cælo*,
& in terra. Se tudo quanto
acontece, ou póde acon-
tecer no mundo, por adverso,
por terrivel, por lastimoso,
& triste que seja, nenhum
abalço faz no Ceo; & não só
se aceita lá sem dor, senão
com igual, & constante ale-
gria; o mesmo professamos
nós, & para o mesmo nos of-
ferecemos a Deos, se com
verdade lhe dizemos, que
seja feita á sua vontade, assim
na terra, como no Ceo. Tan-
to assim, diz S. Ioaõ Chry-
sostomo; que por força des-
tas palavras nos máda Chri-
sto que antès de irmos ao
Ceo tragamos o Ceo a nós,
& façamos da terra Ceo:

D. Chry-
sost. ho-
m. 1.º.
in Matt.

*Antequam ad Cælum perve-
niatur, ipsam terram iussit fie-*

ri Cælum, per hoc quod dicit,
Fiat voluntas tua, sicut in Cæ-
lo, & in terra. E porque não
pareça este pensamento de-
mãsiadamente encarecido;
ainda tenho em prova delle
outro melhor Autor; & ou-
tro melhor Ioaõ, que Chry-
sostomo. S. Ioaõ Evangelis-
ta no seu Apocalypse diz;
que vio hum Ceo novo, &
húa terra nova, & que a Ci-
dade do Ceo descia á terra:
Vidi Cælum novum, & terrã
novam, & Sanctam Civita-
tem Ierusalem novam descen-
dentem de Cælo. Mas, como
póde isto ser? Ha Deos de
mudar a architectura, & fa-
brica do Ceo, & da terra, &
trocarlhe os lugares? Não:
dizem todos os Expositores,
& o podêrão provar do mes-
mo Texto; porque quando
S. Ioaõ vio descer o Ceo á
terra, não lhe chama Ceo,
senão Cidade: *Vidi Civita-*
tem: para mostrar, que havia
de descer, não localmente,
senão civilmente. Não local-
mente; porque o Ceo não
havia de mudar de lugar pas-
sando á terra: mas civilmen-
te; porque a terra havia de
mudar de costumes, viven-
dose

Apoc.
21.1.

Ibidem
q.

dose na terra, como no Ceo. E esta semelhança civil da terra com o Ceo em que cõsiste? O mesmo Evangelista o declarou: *Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum: & mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* Nesta Cidade descida do Ceo á terra, ainda que haja trabalhos, misérias, enfermidades, mortes, haversehaõ com tudo nella os homens, como se nada disto lhe tocára, porque não haverá dor, nem queixa, nem tristeza, nem lagrimas. E terra, onde todas as causas de dor se recebem sem dor, & todas as causas de tristeza com alegria; já não he terra como terra, senão terra como Ceo: *Sicut in Cælo, & in terra.* Tanta he a virtude da vontade de Deos, quando a nossa se conforma com a sua: *Fiat voluntas tua.*

71. Agora perguntára eu aos devotos do Rosario, ou aos que cuidaõ que o saõ, como rezaõ o Padre nosso, & como dizem a Deos: *Fiat voluntas tua, sicut in Cælo, & in terra?* Primeiramente se

Tom. 5.

dizem isto, os que não fazem a vontade de Deos, nê guardaõ sua Ley; he falsidade, he hipocresia, he mentira. Taõ longe estaõ de fazer a vontade de Deos, como se faz no Ceo, que nem a fazem, como se faz no inferno. No inferno tambem se faz a vontade de Deos, não por vontade, mas por força. E quantos ha, que nem por vontade, nem por força fazem a vontade de Deos na terra? Estes se falláraõ verdade, haviaõ de dizer a Deos: Faça-se a minha vontade, & não a vossa. Mas ainda aos timoratos, & que vivem Christãamente fizera eu a mesma pergunta. Vós os que fazeis na terra a vontade de Deos, como a fazeis? Como a fazeis, digo, porque o que Christo principalmente nos ensinou no Padre nosso, não he só o fazer a sua vontade, senão o modo de a fazer: *Sicut.* Se a fazeis por temor da pena, & por não ir ao inferno: isso não he fazer a vontade de Deos, *Sicut in Cælo, & in terra;* porque no Ceo não ha temor do inferno. Se a fazeis pela esperan-

E

ça

ça do premio: tambem não he fazer a vontade de Deos, *Sicut in Cælo, & in terra*; porque no Ceo não se espera o premio, já se possue. Se a fazeis finalmente só por ver a Deos, que parece acto mais puro: nem esse chega a fazer a vontade de Deos, como se faz no Ceo; porque lá todos vem a Deos, & com segurança de o ver eternamente. Pois como havemos de fazer a vontade de Deos, para que seja feita, assim na terra, como no Ceo? Avemola de fazer, assim como diz David que a fazem os Anjos: *Benedicite Domino omnes Angeli ejus, potentes virtute, facientes verbum illius ad audiendam vocem sermonum ejus*. Os Anjos no Ceo fazem a vontade de Deos só por fazer a vontade de Deos: sem outro fim, sem outro motivo, sem outro interesse. E porque este modo de fazer a vontade divina não he impossivel á vontade humana perfeitamente deliberada; por isso o mesmo David pedia a Deos o ensinasse a fazer a sua vontade deste modo: *Doce me*

Pf. 102.
20.

Pf. 142.
10.

facere voluntatem tuam, quia Deus meus es: Ensinayme, Senhor, a fazer a vossa vontade, só porque vós sois Deos meu; & porque a vossa vontade he vossa. E este he o modo altissimo, com que Christo nos ensinou a dizer: *Fiat voluntas tua, sicut in Cælo, & in terra*: não pedindo mais do que devemos pedir, mas levantando a voz da nossa Oração ao ponto mais subido, onde pôde chegar: *Extollens vocem*.

VI

72. **D**Esta maneira se contém as petições, que fazemos a Deos no Rosario, dentro dos limites do modo, sem o exceder por pedir mais. Agora vejamos como tambem se não desviao delle em o não igualar por pedir menos. A petição, que logo se segue, he: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie*: O pão nosso de cada dia nos dá hoje. Mas assim da parte de Deos, a quem pedimos, como da nossa, para quem pedimos, ninguem haverá, que não julgue

Lut. 1
3.

julgue que diz esta petição muito menos do que devêra. Pedir a Deos o pão de hũ só dia, & no mesmo dia, antes parece que he afrontar a sua liberalidade, que acudir á nossa necessidade. A hum Deos tão grande, tão poderoso, tão magnifico; a hum Deos, que se chama Deos, porque a sua natureza he dar; não he presumir indignamente de sua liberalidade, & grandeza, pedir-lhe tão pouco? Assim pede hum mendigo ás portas de hum lavrador: mas tão baixa, & tão escassa petição já mais a fez a seu Rey o vassallo mais pobre. Se a nossa necessidade, como supponmos, & dizemos, he de cada dia, & por isso chamamos quotidiano ao pão, que pedimos: que remedio, ou que soccorro he o que lhe procuramos, pedindo só para hoje, & não para mais dias? Anoitecer hoje sem pão, porque se acabou o pedido, & amanhecer á manhã sem pão, porque se ha de tornar a pedir, mais he viver da necessidade, que sustentar a vida. Até á ordem da charidade parece que fal-

tam os nesta, & nas outras petições do Padre nosso. A charidade bem ordenada começa de sy mesmo, & em tudo quanto pedimos, ninguém pede para sy, senão para todos: *Panem nostrum, debita nostra, da nobis, dimitte nobis, ne nos inducas, libera nos.* Isto he enervar a efficacia da Oração, porque quem pretende para sy, procura cõ o affecto, com que se ama a sy: & a ninguém lhe doe tanto a dor de todos, como a sua. Finalmete para ver quanto menos pedimos, do que deveramos, consultemos as petições sem numero, de que estão importunados os altares, os tribunaes, os Principes, & todos os que podem dar; das quaes todas no Padre nosso não se diz, nem se ouve hũa só palavra. Logo he cousa evidente, & sem duvida, que muito menos pedimos a Deos nesta sua Oração, do que fóra della havemos mister, & solicitamos por outras vias.

73. Com tudo he sentença commum de todos os Doutores, & Santos Padres, que nenhũa cousa ha, que se

E ij possa

Abulēf.
in Mat.
th.6.11.

possa pedir, nem dezejar, a qual se não contenha nas petições do Padre nosso. *Sapientissime in ea oratione collecta sunt omnia, quæ petenda, & appetenda sunt*: diz Abulenſe, aquelle doutiſſimo, & eminentiſſimo Expositor das Eſcrituras, em cujos immenſos eſcritos se não acha já mais exaggeração, ſenaõ o ſentido proprio, & literal dos Textos Sagrados. O meſmo dizem Santo Thomás, & S. Boaventura, laureados ambos com o caracter de Doutores da Igreja: & o meſmo differaõ muitos ſeculos antes delles S. Gregorio Niſſeno, S. Cypriano, S. Pedro Chryſologo, Santo Agostiinho, & antes do meſmo Agostiinho com toda a ſeveridade do ſeu juizo, o grande Tertulliano. Mas perguntára eu a eſtes Doutores (que por iſſo alleguey tantos, & todos da primeira Gerarchia) ſe nas petições do Padre noſſo ſe contém tudo o que ſe pôde pedir, & appetecer: onde eſtaõ no meſmo Padre noſſo todas as outras couſas, que os homens com tanto ardor appetecem, com

D. Tho-
mas.
D Bo-
navent.

Niſſen.
Cyprian
Chryſol.
Auguſt.
Tertul.

tanto deſvello ſolicitaõ, & com tanta inſtancia, & importunação pedem a Deos, & aos homens? Não appetecem honras? Não appetecem riquezas? Não appetecem dignidades, Seculares, & Eccleſiaſticas? Não appetecem a ſaude, a vida, a ſucceſſaõ, a poſteridade, & tudo o que faz a vida deleitosa, & a morte toleravel? E para alcançarem deſtas couſas, ou as que ſó pôde dar Deos, ou as que pôdem dar Deos, & os homens, não metem por interceſſores os Santos, que ajudem as Orações, com que as pedem, & os meſmos Sacriſcios do Corpo de Chriſto, que a eſſe fim offerecem? Em que parte logo do Padre noſſo ſe contém as petições deſtas couſas, que ſaõ as que mais oradores, & mais devotos têm em todo o mundo?

74. Quem mais agudamente que todos apertou, & reſolveo eſte ponto, foy Santo Agostiinho, o qual reſponde, que ſe oramos, ou rezamos, como convem, todas eſtas couſas, que tanto appetecemos, & pedimos, perten-

Angi-
ad P
bam.
Orat
Ep. 1

cem á ultima petição do Padre nosso : *Sed libera nos à malo.* Onde pedimos a Deos, que nos livre de todo o mal, alli oramos a Deos por todas estas cousas. Ouçamos ao Lume da Igreja por suas proprias palavras : *Qui dicit in oratione, Domine, multiplica divitias meas, aut da mihi tantas, quantas illi, aut illi dedisti, aut honores meos auge, & fac me in hoc seculo præpotentem, atque clarentem, &c. puto eum non invenire in Oratione Dominica, quò possit hæc vota coaptare:* Aquelle, que pede na Oração riquezas, honras, dignidades, mandos, & outras semelhantes vaidades, q̃ o mundo estima, & tem por lustrosas, entendendo, diz Santo Agostinho, que em toda a Oração do Padre nosso não achará lugar, em que possa accomodar, & introduzir estes seus desejos, & petições: mas eu lho darey, diz o Santo. E qual he? *Quam ob rem pudeat saltem petere quæ non pudet cupere: aut si hoc pudet, & cupiditate vincit, quanto melius hoc petitur, ut etiam ab hoc cupiditatis malo liberet, cui dicimus, Libera*

Tom. 5.

nos à malo. A primeira coufa, que aconselho, diz Agostinho, aos que taes cousas pedem, he que pois se não envergonhão de as dezer, ao menos se envergonhem de as pedir. Mas se vencidos da cubica, & ambição as quere pedir com tudo, applicuem ás suas mesmas petições a ultima do Padre nosso, *Sed libera nos à malo,* & peçaõ a Deos que os livre desse mal.

75. Oh que mal conhecem os homens o mal, & quaõ erradamente o entendem! Pedem honras: & a honra foy a que enganou, & destruiu o primeiro homem, & nelle a todos: *Homo cum in honore esset, non intellexit, comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis.* Pedem riquezas: & quẽ perdeo ao Filho Prodigio pela prodigalidade, & ao Rico Avarento pela avareza, & a todos pelo abuso dellas? Por isso de todos, sem exceção, disse Christo: *Væ vobis divitibus:* Ay de vós Ricos. Pedem dignidades Seculares, & Ecclesiasticas, das quaes só pelas pedir faõ indignos. E quem foraõ os que

E iij con-

condenáraõ , & crucificáraõ
ao mesmo Christo, senaõ os
que tinhaõ as duas mayores
dignidades Ecclesiasticas de
Jerusalem, Annáz, & Caifáz;
& as duas mayores Secula-
res, Herodes, & Pilatos? Pe-
dem faude, sem advertirem,
que a chamada faude he a
mais perigosa enfermidade:
& não sabem, que o reme-
dio, com que Deos a cura,
saõ as doenças, segundo o
aforismo do mesmo Medico
Divino declarado na receita
de Jezabel: *Non vult penite-
re à fornicatione sua: ecce mit-
tam eam in lectum.* Pedem vi-
da, sem reparar em que a fe-
licidade da vida não está em
ser larga, senaõ em ser boa, &
que a vida he, & não a mor-
te, a que leva os homens ao
inferno: devendo entender,
que a morte anticipada he
final da predestinação, & que
costuma Deos encurtar aos
que ama, a vida temporal,
porque lhe quer segurar a
eterna: *Raptus est, ne malitia
mutaret intellectum ejus: pla-
cita enim erat Deo anima il-
lius: propter hoc properavit
educere illum de medio ini-
quantum.* Pedem finalmente

filhos, & successão: & não se
lembraõ, que o primeiro fi-
lho de Adão foy Caim, & o
primeiro de Jacob Ruben, &
ambos a primeira causa de
seus mayores desgostos. E
para que vejaõ quaõ mal se-
gura deixaõ a posteridade
nestes refens: Absalaõ, & Ro-
boaõ foraõ os dous mayo-
res inimigos, que tiveraõ seus
pays; porque hum tirou a
coroa a David, & outro des-
truíu a casa de Salamaõ.

76. Assim que se não de-
vem admirar os que re-
zaõ o Rosario, de que Deos
muitas vezes lhe não conce-
da o que pedem; porque
cuidando que pedem bem,
pedem mal. He sentença ex-
pressa de Fé, ensinada, & pu-
blicada ao mundo pelo A-
postolo Santiago: *Petitis, & Iacob.
non accipitis, eo quod malè pe- 4.3.
tatis.* Sabeis porque não al-
cançais o que pedis a Deos,
porq' vós pedis mal, & Deos
não vos quer dar senaõ bem.
E esta he a razão porque o
mesmo Senhor no Padre
nossõ nos não ensinou a pe-
dir nenhũa dessas cousas, q'
vós appetiteis, & pedis. Ain-
da que muitas dellas sejaõ
ja.

Apoc 2.
21. 22.

Sap 4.
21. 14.

Do Rosário.

71

indifferentes ; pedidas por-
rêm com o fim para que or-
dinariamente se pedem, ver-
dadeiramente são mal : &
não era razão , que pedisse-
mos a Deos o mal, & muito
menos na mesma Oração ,
em que lhe pedimos nos li-
vre do mal. Por isso nos con-
cede o que pedimos na sua
Oração , & nos nega o que
pedimos nas nossas. Se no Pa-
dre nosso pedimos, que nos
livre do mal, & fóra do Pa-
dre nosso pedimos o que
verdadeiramente he mal , &
nos está mal , quem podia
duvidar, que como Pay nos
ha de conceder o que pedi-
mos por seu conselho, & não
o que pedimos por nosso ap-
petite. Peçamos pois o que
elle nos manda pedir sómen-
te: & não cuide ninguém ,
que pede menos do que de-
ve pedir , pois pede o que só
lhe convem.

VII.

77. **E**M pedir o paõ de
hoje sómente, po-
sto que seja , ou pareça tão
pouco , também não pedi-
mos menos do que requiere a

necessidade de quem o ha-
mister , nem a grandeza , &
liberalidade de quem o ha-
de dar. Isto he pedirmos nós
como filhos, & a Deos como
Pay. Ao sustento do filho
pertence o presente , á Pro-
videncia do pay o futuro.
Mais nos dá Deos no paõ de
cada dia , que se no lo dera
para muitos dias : porque
dandonos o sustento de ho-
je, nos livra do cuidado de á
manhãa. Não he pensamen-
to meu, senão advertencia q̃
nos fez o mesmo Christo :
Nolite solliciti esse in crastinũ Matt 6:34
Se vos mando pedir só o paõ
de hoje, não vos dẽ cuidado
o de á manhãa , porque esse
corre por minha conta. O
paõ , & o cuidado são duas
cousas muito encontradas. O
paõ sustenta a vida: os cui-
dados a affligem , a dimi-
nuem, a tiraõ. É que partido
póde estar melhor ao homẽ,
q̃ darlhe Deos a elle o paõ,
& tomar para sy o cuidado?
Lacta super Dominum curã psalm 54:23
tuam, & ipse te enutriet. Quer
Deos, que o paõ nos sayba a
paõ ; porque o que se come
com cuidados, tem outro sa-
bor, & causa muito differẽ-

E iij tes

Luc. 8. 7

tes humores. Na parábola do Semeador compára Christo as espinhas aos cuidados, & diz, que as espinhas, que nascérao juntamente com o trigo, o affogárao: *Et simul ex-*

ortæ spinæ suffocaverunt il-

lud. O que acontecéo aqui ao trigo, lhe succede também depois que he paõ; porque a terra, & o homem ambos saõ terra. O paõ cria sangue, & as espinhas tiraõno; & o peor he, que o não de-
xaõ criar. Assim como ao paõ semeado o affogaõ as espinhas, assim ao paõ comido o não deixaõ digerir os cuidados. Por isso nos tira Christo o cuidado, quando nos dá o paõ, não só para que o comamos, senão também para que nos preste. A causa natural de se nutrirem melhor, & terem menos doenças os animaes, he porque comem sem cuidado. Assim o notou Plinio: o qual diz no mesmo Capitulo, que he cousa ridicula cuidarem os homens, que sendo Deos summamente superior, tenha cuidado

Plinius
hist. na-
tural. l. 1.
cap. 7.

*Irridendum verò age-
re curam rerum humanarum
illud quidquid est summum.*

Fallou como Gentio sem Fé. Mas em nós, que a temos, & cremos o contrario, quem não terá por verdadeiramente ridiculo o cuidado, com que fiamos mais do nosso, que do de Deos? O Sol nasce cada dia, & ninguém desconfiou de que a sua luz se acabe hoje, porque sabe, que ha de tornar á manhã. Pois assim como nos deitamos seguros á noite, sem que nos tire o sono este cuidado; assim no lo não deve tirar o anoitecer sem paõ, porque o mesmo Deos, que cada dia nos dá o Sol, nos dará o paõ cada dia.

78. Eu não nego, que o mesmo nome de cada dia mais parece significar dieta, que fartura. Mas quando os fogueitos saõ tão enfermos como nós; não seria tão Divina a Providencia, que nos dá o paõ, se no lo não medira, ou receitára com tal regra, que juntamente fosse alimento, & mais medicamento. Quando choveo o Maná do Ceo, mādou Deos por Moyses a todo o Povo, que ninguém o recolhesse senão para aquelle dia sómente, nem o dei-

Exod.
16.19.

Id. 20.

o deixasse para o outro: *Nulus relinquat ex eo in mane.* Parece que he propriedade do pão do Ceo, fer pão de hoje. Ouve com tudo algus desobedientes, que o guardárao para o dia seguinte, & diz o Texto Sagrado, que todo o guardado se corrompeo logo, & se converteo em bichos: *Dimiserunt quidam ex eis usque mane, & scatere cepit vermibus, atque computruit.* O Maná de sua natureza não era corruptivel, ao menos tão depressa. Provase do que guardou o mesmo Moyses na Arca do Testamento, o qual durou muitos seculos, & não se sabe se durara, & persevera ainda com a mesma Arca. Pois porque ordenou Deos, que o Maná contra sua propria natureza se corrompesse milagrosamente, & não durasse mais q̃ doze horas, nem se podesse guardar de hum dia para o outro? Porque a gente, a qué se dava, era incredula, avarenta, & ingrata: & todos estes vicios quis Deos curar nella com lhes dar o pão para hum só dia. Se sois incredulos; crede, que quem vos

deu o pão hoje, tambem vo lo dará á manhãa. Se sois avarentos, & vos parece pouco, & quereis mais do que podeis comer; contentayvos com o que basta. E se sois ingratos, & não reconheceis a mão, de que recebeis o beneficio; a mesma necessidade, & dependencia vos obrigará a quea bejeis muitas vezes, & por força, ou por vontade vos mostreis agradecidos.

79. Daqui tirou Santo Ambrosio hum excellente documento para os Principes, que prezandose de liberaes desprezaõ a sua mesma liberalidade, impossibilitandose com ella para a continuar: *Modus liberalitatis tenendus est, ut quod benefacis, quotidie facere possis, ne subtrahas necessitati, quod indulseris effusioni.* Não haõ de dar os Reys tão prodigamente hoje, que lhe não fique que dar á manhãa. Como ha de dar todos os dias, quem dá tudo em hum dia? Cuydaõ que dando tudo, ganhaõ a muitos, & perdem a todos: porque não ha fe sem esperança, nem firmeza sem de-

D. Am-
brosio l. 2.
officior.
cap. 16.

pen-

pendencia, nem ainda amor
tao cego, que não abra os
olhos para o futuro. Por isso
Deos, que he Senhor de tudo,
dá com reserva, & para
freio da nossa fugeição nos
poem a taxa na boca. Dá-nos
o necessario, & não o super-
fluo, porque nos quer bem
mantidos, mas não enfastia-
dos. Até o Demonio nunca
farta aos que tenta, porque
os tem mais seguros na fo-
me, que no fastio. A fome he
dezejo, o fastio desprezo: &
isto compra com o super-
fluo quem dá mais do neces-
sario. He bem verdade, que
não dando Deos no Maná
mais que o necessario para
cada dia, os que o comião
com tudo se enfastiáráo del-
le: *Nauseat anima nostra su-
per cibo isto.* Mas aquelle fas-
tio não foy da natureza, foy
da enfermidade. O doente
até do necessario se enfastia.
E em prova de ser doença,
& doença mortal; de tres
milhoes de homens, que sa-
hírao do Egypto, & comé-
rao o Maná, só tres chegá-
rao vivos á terra de Promis-
saõ.

80. Oh se os homens me-

dissem o paõ com a vida, co-
mo he certo, que lhe não pa-
receria pouco o paõ de hoje!
Seneca tem por infelices os
que não medem a sua fome
com o seu estamago: *Infeli-
ces qui non intelligitis vos
maiores famem habere, quam
ventrem.* E mais infelices são
ainda, & menos entendidos,
os que não medem o seu paõ
com a sua vida. O paõ de ho-
je prometteo Deos a todos
os que lho pedirem, a vida
de hoje a ninguem a pro-
metteo. *De manè usque ad* ^{Isai. 38}
vesperam finies me: dizia El- ^{13.}
Rey Ezechias. E se as vidas
mais bem guardadas, & mais
bem mantidas, podem aca-
bar antes da noite, tambem
do paõ de hoje lhe pôde so-
bejar o da Cea. Esta foy a ig-
norancia daquelle nescio, q
porque se achava com mui-
tos moyos de paõ, os media
com muitos annos de vida:
*Anima mea, habes multa bo-
na in annos plurimos: comede,* ^{Luc. 12}
bibe, epulare. O paõ seria para ^{19.}
muitos annos, mas a vida era
para tao poucos dias, que da
noite, em que isto sonhava,
naõ chegou a ver a manhã:
Stulte, hac nocte repetunt ani- ^{Ibid. 20}
mam

Do Rosário.

75

Grego-
rius Nis-
senus de
Orat.
Domin.
Orat. 4.
Ovid. 2.
Metam.

Argil.
n Rosá.

mam tuam à te. Disse S. Grego-
rio Niffeno com taõ dis-
creta frase , como profundo
juizo, que este nescio metê-
ra no mesmo celeiro o pão,
& mais os annos: *Longos an-
norum ambitus spei vanitate
in horreis simul concludens.* Se
os annos, os dias, as horas não
estão no palacio do Sol, se-
não nos thesouros de Deos;
que importa, que nos celei-
ros do homê se guarde mais
pão que o de hoje? Não de
balde, senão cõ grande myf-
terio, este mesmo instituto,
de que fallamos, se chama
Rosário. Toda a vida , ou
idade da rosa não he mais
que hum dia: *Quam longa
una dies etas tam longa rosá-
rum.* A Aurora lhe dá o ber-
ço, nascida, & fresca; a noi-
te a sepultura , murcha, &
seca. De forte, que quando
no Padre nosso repetidamê-
te, & por partes pedimos o
pão de hoje; todo o Rosário
nos está pégando, que de
hoje á manhã se pôde aca-
bar a vida. Logo para a vida,
que he de hoje, & esse hoje
ainda incerto, bem lhe basta
o pão de hoje.

81. Altissimamente ex-

hortava S. Paulo aos Chris-
tãos primitivos, que se apro-
veitassem da vida, em quan-
to tinhaõ o sobrenome de
hoje: *Donec hodie cognomi-
natur, ut non obduretur quis
ex vobis.* E porque chamou
S. Paulo ao hoje sobrenome
do homem: *Donec hodie cog-
nominatur?* Porque o nome
do homem he mortal, &
nenhum mortal, quando vi-
ve, pôde ter outro sobreno-
me. O sobrenome de Dias
até no Cyde foy improprio,
porque contra a morte não
ha valor. Todos os outros
apellidos são falsos, só o de
hoje he verdadeiro. Hoje so-
mos, á manhã pôde fer que
não. *Sera dies nimis est cras-
tina, vive hodie:* disse mais
Christãamente do que nós o
entendemos, o Poeta Gen-
tiõ. Ha homens de hoje, ho-
mens de á manhã, & homê-
s de nunca. E quaes são os de
nunca? Os de á manhã? He
futilissima advertencia de
Santo Agostinho. Porque
quando chega o dia de á ma-
nhã; já não he á manhã, he
hoje. E se os que somos, ou
nos prezamos de ser homê-
s, devemos ser homê-
s de hoje,
por;

Hebr. 3.
13.

Martin.
lis.

Augusti

porque nos não contentaremos com o pão de hoje : & porque cuidaremos, que pedimos menos, do que devemos pedir , quando dizemos a Deos : *Panem nostrū quotidianū da nobis hodie ?*

82. Mas esta petição (dizem os Ricos) he só para os pobres, & não para nós, que temos pão para muitos dias, & para todos : & não só para hũa vida, senão para muitas, para a nossa, & para as de nossos descendentes. Só lhes falta dizer, que Christo não advertio nisto , quando ensinou a todos o pedir o pão de hoje. Este mesmo pão, que tendes , ou cuidais que tendes , se Deos vo lo não der hoje , não o tereis. Em hum dia perdeu Dario a Monarchia dos Persas : em hũa noite perdeu Balthasar a dos Assyrios : & em hũa hora perdeu Job os gados , os escravidãos, as searas, a casa, os filhos : & sendo o mais rico entre todos os do Oriente , ficou tão pobre , não como outro, senão como o mesmo Job, exemplo não só da maior pobreza, mas da última miséria. E se Deos em cada

hora deste mesmo dia vos pôde tirar quanto tendes , justiça tem para vos mädar, que lhe peçaes o pão de hoje. Por isso lhe pedimos, que nos dé o pão nosso : *Panem nostrū*. Pois se he nosso, & elle no lo deu já, porque lho havemos de tornar a pedir ? Porque não só o pão , q̃ não tendes, senão o que tendes , não o tereis, nem será vosso, se elle vo lo não der hoje. Assim como Deos em todos os momentos nos está dando o ser, assim em todos nos está dando o comer : & he excessão de favor, & liberalidade , contentar-se que lhe peçaamos para todo o dia , o que elle nos está dando, & nós lhe devemos pedir todos os momentos. Não pedimos logo menos do que devíamos, senão muito mais do que devemos.

83. Só resta a objecção de pedirmos para todos , & não cada hum para sy. Mas este he o mais sublime modo de pedir, & o mais certo de alcançar. Ninguém pede melhor para sy, que quem pede para todos. Entrou o Sacerdote Zacharias no Templo a orar,

a orar, & offerecer o incenso á hora costumada, quando lhe appareceo á mão direita do Altar o Anjo Gabriel, & lhe disse da parte de Deos, que a sua Oração fora ouvida, & lhe nasceria hum filho, que foy o Baptista: *Exaudita est deprecatio tua, & uxor tua Elisabeth pariet tibi filium.* Não ha Santo antigo, nem Expositor moderno, que não repare na coherencia deste Texto. A Oração, que naquella hora fez Zacharias, não era particular, senão publicá pelo bem commum de todo o Povo, o qual também acompanhava a mesma Oração cõ as suas: *Et omnis multitudo populi erat orans foris.* Pois se Zacharias nesta Oração não orava por sy, senão por todos, & não pedia para sy filho, senão para todo o Povo o bem universal delle, como lhe diz o Anjo, que fora ouvida a sua petição, promettêdolhe aquillo, que não tinha pedido? Respondem graves Autores, que posto que Zacharias, quando agora orou, não pediu a Deos successão (da qual pela sua velhice, & pela

esterilidade de sua mulher estava tão desesperado, que ainda depois de promettida ficou incredulo, & em pena da incredulidade mudo;) com tudo que antigamente quando ambos estavaõ em idade de ter filhos, entãõ o pedira a Deos, & esta antiga Oração he a que agora foy ouvida. Mas se esta mesma Oração (torna a duvida com mayor força) se esta mesma Oração não foy ouvida, nem despachada entãõ; porque foy ouvida, & otorgada agora? Porque agora orava Zacharias para todos, entãõ orava para sy: & o que não cõfeguio, nem mereceo, quando orava para sy, agora o mereceo, & alcançou, porque pedia para todos. Onde se deve notar, & reparar muito, que o que agora alcançou, não o pediu agora. De sorte, que quando orava para sy, não mereceo alcançar o que pedia, & quando orava para todos, mereceo alcançar o que não pedia: porque entãõ pedia filho; & agora não. Tanto melhor, & mais efficaç Oração he, como Christo nos ensina, o pedirmos para

para todos, que cada hum para sy.

84. Mais digo. Monta tanto diante de Deos o pedir para todos, que ainda quando Deos nos nega o que pedimos para todos, nos concede o que não pedimos para nós. Pede Abrahão a Deos, não com hũa, nem com duas, senão com muitas, & importunas instancias, que perdoe ás cinco. Cidades de Sodoma, & Gomorra, mas não o conseguiu. Chove fogo do Ceo, abrazaõse as Cidades, & que fizeraõ os Anjos executores desta justiça? Tomão pela mão a Loth sobrinho de Abrahão, & assim a elle, como a toda a sua familia, o livraõ do incendio. E Abrahão por ventura tinha orado por Loth? Não se le tal Oraçãõ na Escriitura, referindose miudissimamente todas as outras. Pois se Deos não livra as Cidades, pelas quaes intercedeo, & orou Abrahão, porque livra o sobrinho de Abrahão, pelo qual não orou, nem intercedeo? Porq̃ ainda quando Deos nos nega, o que pedimos para todos, nos con-

cede no mesmo caso o que não pedimos para nós. Advertidamente Oleastro: *Nō legimus Abraham pro nepote orasse, & legimus Deum ejus gratiā illum ab incendio liberasse.* Foy tão agradavel, & tão aceita a Deos a Oraçãõ, que Abrahão fez por todos, que ainda quando negou á sua Oraçãõ, o que pediu para todos, lhe concedeo sem Oraçãõ o que não pediu para sy. Altissimo he logo, assim nesta petiçãõ, como nas outras, este modo de pedir, & altissima em todas as do Rosario a voz, com que sempre assim pedimos: *Extolens vocem.*

VIII.

85. **S**empre chego tarde á terceira, & ultima consideraçãõ do discursõ. Mas como a materia he tão grande, mais queixoza a imagino do muito que deixey de dizer, & podera, que da largueza do que disse, poupando sempre palavras, quanto me foy possível. Considera esta terceira parte a intercessãõ, de que
nos

nos valemós, q̃ he a da Virgem Senhora nossa, cujo poderofissimo patrocínio tantas vezes imploramos, quantas repetimos no Rosário; Ave Maria. Mas se na Oração do Padre nosso parecéo que excedemos o modo de pedir, ou pedindo mais, ou menos do que deviamos; na da Ave Maria, que he tão diversa, quem não dirá, que totalmente perdemos, ou encontramos o mesmo modo, pois nenhũa cousa pedimos? O que só dizemos na Ave Maria á Mãe de Deos, he que rogue por nós: *Sancta Maria Mater Dei ora pro nobis*. Pedimoslhe q̃ peça, mas não dizemos o que ha de pedir: logo não pedimos nada.

86. Primeiramente respondendo, que não ha mais nobre, nem mais alto modo de pedir, que não pedindo. Martha, & Maria amavaó muito a Lazaro, & dezejavaó muito de o tornar a ver vivo, & criáo que Christo o podia refuscitar: pois porque não pediráo ao Senhor que o refuscitasse? Porque sabião como nobres, & illuf-

tres que, eráo, que o mais cortez modo de pedir he não pedindo. Assim responde por ellas S. Bernardo, depois de as arguir. *Si fratrem vestrum*

amatis, cur ejus misericordiã non flagitatis, de cujus potentia dubitare, pietate diffidere non potestis? Respondent: *sic melius, tanquam non orantes, oramus.* Se amais a vosso irmão, & não podeis duvidar do poder, nem desconfiar do amor de Christo, porque não pedis por elle? Mas a isto respondem (diz o Santo) que assim pedem, & pelo melhor modo, porque pedir não pedindo he o melhor modo de pedir: *Si melius, tanquam non orantes, oramus.* Assim oráo então as duas mais bem ensinadas discipulas de Christo: & assim oramos nós.

tambem no Rosário, que a escolla de sua Mãe he a mesma. Repetindo tantas vezes a Ave Maria, nenhũa cousa representamos á Virgem Santissima, nem de necessidade, nem de remedio, nem de favor, ou que nós peçamos, ou que a mesma Senhora haja de pedir por nós: mas quando assim oramos sem pedir, então

D. Bernardus de gradib. humilit.

tão oramos melhor, porque não pedimos: *Sic melius, tanquam non orantes, oramus.*

87. A razão he, porque orando assim, oramos á Mãe de Deos, pelo mesmo modo com que devemos orar a Deos. A Deos (dizia o Oraculo da Filosofia Socrátes) não se ha de pedir cousa alguma determinadamente; porque elle sabe melhor o que ha de dar, do que nós o que devemos pedir: *Te totum celestium arbitrio permitte, quia qui tribuere bona ex facili solent, etiam eligere aptissime possunt.* Não só ha de ser de Deos o dar, senão também o eleger. Em esperar delle a merce, suppomos a sua liberalidade; em a deixar na sua eleição, honramos a sua sabedoria. E assim fazemos, quando oramos á Mãe de Deos. Pedimos que peça, mas não dizemos o que ha de pedir, para que assim como a intercessão ha de ser sua, seja também sua a eleição. Dezejava entrar na Ordem de S. Domingos Reginaldo, Deão da Cathedral de Orlens, & famoso Cathedrático da Vniuersidade de

Socrates

París, quando cahio mortalmente enfermo. Não cessava porém o Santo Patriarcha, & toda a Ordem de rezar o Rosario por esta tenção: quando na ultima desconfiança da enfermidade appareceo a Soberana Rainha dos Anjós no mesmo apozento do enfermo, & disse a Reginaldo, que pedisse o que quizesse, porque alli estava em Pessoa, & tudo lhe seria concedido. Suspenso, tanto da visão, como da promessa, ficou atalhado o grande Doutor, não se sabendo resolver no que pediria: porém Santa Cecilia, & Santa Catharina, que de hũ, & outro lado acompanhão a Senhora, aconselhárão ao enfermo, que nenhũa cousa pedisse, & que todo se pozesse em suas mãos. Fello assim Reginaldo, dizendo: Soberana Rainha do Ceo, o que Vossa Magestade for servida de mim, isso he o que só quero, & nas mãos de vossa bondade, & clemencia có toda a reverencia, & humildade me ponho todo. Então as duas Virgens, que não só como as prudentes do Evangelho

gelho deraõ o côselho, sennaõ tãbem o oleo, presetaraõ de joelhos á Senhora duas redomas, em q̃ o traziaõ, & a piedosissima Mãe de Deos ungindo o enfermo cõ as mesmas mãos, em q̃ elle se tinha posto, naõ só o livrou da morte, q̃ aguardava por instantes, mas no mesmo momento o restituio á inteira saude, & forças, q̃ he o que naquelle estado poderá dezejar, & pedir, mas naõ pedira. Naõ foy excellente modo este de pedir naõ pedindo? Pois isto he o que tantas vezes fazemos no Rosario em cada Ave Maria que rezamos.

88. Pedir por este primoroso modo, naõ só he pedir se pedir, mas he pedir, & jutamente dar. He pedir, porq̃ pedimos a intercessaõ: & he dar; porque damos a eleição. Na intercessaõ, que pedimos, reconhecemos na Mãe de Deos a sua dignidade, na eleição que dimittimos de nós, renunciemos na mesma Senhora a nossa vontade. No Padre nosso pedimos a Deos, o que elle quer que peçamos, na Ave Maria pedimos a Mãe de Deos, o

que ella quizer pedir. E este he o mayor primor, a mayor cortezia, & a mayor delicadeza, & perfeiçaõ do orar. E porque? Ensinou-o maravilhosamente meu Santo Patriarcha Ignacio naquella sua famosa Epistola aos Portuguezes, que em genero de Espirito he hũa das mayores cousas, que se tem escrito na Igreja. A razãõ he [diz o Santo] porque quem pede o que quer, prefere-se por hũa parte, ainda que se fogeita por outra. Em pedir, fogeitase; porque o pedir he acto de fogação; mas em declarar o que quer, prefere-se; porque o proprio querer he acto de liberdade, & de preferencia. Tanto assim (diz profudamente S. Bernardo allegado pelo mesmo Santo) que quando o subdito consegue do Prelado o que quer, naõ he o subdito o que obedece ao Prelado, sennaõ o Prelado o que obedece ao subdito: *Nec enim in ea re ipse Prælati, sed magis ei Prælati obediunt.* Em pedir, fogeitase elle ao Prelado; mas em pedir o que quer, quer que o Prelado se fogeite a elle, & assim o

D. Bernard.

consegue. De forte, que o mesmo pedir por tal modo, he pedir, & mandar juntamente. Daqui se entenderá a propriedade, com que falla a Escritura, quando diz que obedeceo Deos á voz de Josué: *Obediente Domino voci hominis*. Obediencia suppoem mandado de hũa parte, & fogueiã da outra: pois como podia ser que Deos obedeceffe a hum homem? Porque Josué, como consta do Texto, pedio, & mandou juntamente: *Loquutus est Josué Domino, dixitque: Sol contra Gabaon ne movearis*. E como Josué pedio mandando: em quanto pedio, concedeolhe Deos o que pedia; em quanto mandou, obedeceo ao que mandava. Isto he o que faz quem não só pede, mas pede o q quer. Logo para pedir com a mayor cortezia, com o mayor primor, & com a mayor perfeiçã, não se ha de declarar em nada a propria vontade, mas fogueitar-se em tudo, & portudo a quem pede, & á sua disposiçã, & arbitrio, como nós fazemos ao da Mãy de Deos.

Josue 10
14.

ibid. 12

89. Excelente lugar de David: *Subditus esto Domino, & ora eum*: Fazeyvos subdito de Deos, & entãõ oray. Pois quem ora, & pede a Deos, não se fogeita a elle? Distingo. Se pede o q quer, fogeita-se em parte, & no tal caso não he perfeito subdito, porque usa da sua liberdade: porẽm se pede, & não diz o que quer, entãõ se fogeita inteiramente, & se faz perfeito subdito de Deos, porque renuncia nelle a sua vontade. O mesmo Texto o declara com bem advertido reparo de Hugo Victorino. *Propterea non dixit tibi, ora eum hoc, vel illud, sed tantum ora eum*. Notay o que diz, & o que não diz o Profeta. Não diz que oremos, & peçamos a Deos isto, ou aquillo, mas só diz que oremos, & que peçamos; porque este he só o modo de orar, & pedir como subdito: *Subditus esto Domino, & ora eum*. E que mais? A consequencia he digna de taõ grande Autor, & em proprios termos a nossa. *Cum ergo oras, quem petas potius, quam quid petas cogitare tibi dulce sit*. Logo todo o nosso

Pf. am
36.7.

Hugo
Victorino
in an
tar. e
den.

o nosso cuidado quando oramos ha de ser por os olhos em a quem pedimos, & não no que pedimos: *Quem petas potius, quam quid petas.* E isto he o que faz a nossa Oração todas as vezes que repete no Rosario: *Mater Dei ora pro nobis.* Olha só para a soberana intercessora, a quem pede; mas não tem olhos para ver o que ha de pedir, porque seria grande desprimor nosso, & menos reverencia da Suprema Magestade da Mãe de Deos, não deixar tudo á sua Providencia, & ao seu arbitrio. Por isso pedimos, que peça por nós, & não o que ha de pedir.

90. Mas em dizermos que peça, parece que tambem trocamos hum modo por outro, & deixamos o de mayor dignidade pelo menos digno. A dignidade da Mãe de Deos he tão soberana, que ainda em respeito do mesmo Deos, como Mãe a Filho, não só pôde alcançar quanto pedir, senão mandar o que quizer. Assim o pronunciaõ expressamente muitos dos Santos Padres,

& he já tão vulgar esta grãde supposiçaõ entre os Doutores, que não necessita de authoridades a prova della. Pois se a soberania da Mãe de Deos he tão poderosa, que pôde mandar, porque lhe não pedimos, que mande, senão que peça, & rogue: Roga por nós? Tambem esta circumstancia de orar he novo modo de primor, com que mais nos empenhamos a estimar toda a merce, & favor, que por intercessão da mesma Senhora alcançarmos. Toda a merce pedida por quem a pôde dar, ainda que tenha igual preço dada, merece mayor estimaçaõ por pedida. Já vimos o primeiro primor de Martha, & Maria em não quererem pedir a resurreiçaõ de Lazaro. Acrecentou porèm Martha, que ella sabia muito bem, que tudo o que Christo pedisse a Deos, lho havia de conceder: *Et nunc scio, quia quæcumque poposceris à Deo, dabit tibi Deus.* ^{Ioan. 11. 22.} E como o Senhor replicasse, que elle era a vida, & a resurreiçaõ, & lhe perguntasse se o cria assim: *Credis hoc?* Respondeo

ibid. 27.

Martha, que tempo havia, que tinha crido q̃ o mesmo Christo era Filho de Deos: *Utique Domine, ego credidi, quia tu es Christus Filius Dei vivi.* Pois se Martha sabia, que Christo era Deos, & como Deos podia dar a vida a seu irmão, porque não allega, que lhe podia dar como Deos, senão que a podia pedir a Deos como homem? Porque era muito mayor favor neste caso, o pedir, que o dar: & ficava muito mais autorizada a mesma resurreição como pedida, que como dada. Assim o fez o Senhor: Primeiro orou publicamente (o que não tinha feito nas outras resurreições) & depois resuscitou a Lazaro: porque como o amava tanto, que lhe tinha custado lagrimas, quiz que fosse dobradamente autorizada a sua resurreição, não só como dada por elle, mas como pedida. *In speciem precantis compositis rebus ipsis auctoritatem manifestat:* diz S. Basilio de Seleucia.

S. Basil.
Seleuc.
Orat.
42.

91. Esta he a primeira razão, porque no Rosario pedimos á Mãe de Deos, não

que dé, senão que peça; & não que mande, senão que rogue, para lhe devermos mais a estimação desta circumstancia. A segunda ainda he muito mais alta, & de mayor fundo. Pedimos á Senhora, que rogue, quando lhe chamamos Mãe de Deos: Santa Maria Mãe de Deos, roga por nós; porque se Maria gerando a Christo deu a Deos o ser humano; rogando, dálhe o divino, quanto póde dar a criatura. Ora notay. Se ha cousa, que de algũ modo possa dar Divindade, não he outra, senão o rogar. Quiz Nabucodonozor ser Deos de todo o mundo, & que não ouvesse outro Deos senão elle, & o meyo, que tomou para estabelecer a sua Divindade, foy mandar por hum decreto universal, que só a elle podessem rogar os homens, & a nenhum outro: *Nunquid non constituisti, ut omnis homo, qui rogaret quemquam de Dijs, & hominibus, nisi te, Rex, mitteretur in lacu leonum?* Assim o mandou aquelle potente Rey, & assim lho aconselhárao os mayores Sabios de sua Monarchia: enten-

Dani
6, 12.

entendendo huns, & outros, que só o ser rogado lhe podia cõciliar o ser Deos. Queriam ser Deos, & só: para ser Deos, roguemno todos; para ser só, ninguém rogue a outro: *Ut non rogaret quemquam; nisi te, Rex.* Este foy o pensamento (& pôde ser que tomado daqui) cõ que disse discretamente o Poeta, que os Deoses não os faz quem lhe fabrica as imagens, ou lhe levanta os altares, senão quem os roga: *Non facit ille Deos, qui rogat ille facit.* Os Deoses dos Gentios eraõ de Pão, ou de Pedra, ou de Metal, obras das mãos dos homês, como diz o Profeta: & quem os fazia Deoses? Não os faziaõ Deoses os Escultores, senão os Rogadores. Quando esculpidos, quando lavrados, quando formados, ainda eraõ paos, & pedras; mas quando rogados, entãõ começavaõ a ser Deoses: *Deos qui rogat ille facit.*

92. Grande lugar de Minucio Feliz: naquella famosa Apologia sua em nõme de Octavio: *Ecce funditur, fabricatur, sculpitur non*

dum Deus est. ecce plumbatur, construitur, erigitur: nec adhuc Deus est. Ecce ornatur, consecratur, oratur: tunc postremo Deus est. Toma o Escultor o metal nas mãos, derreteo, fundeo, lançaõ nos moldes, dálhe fõrma: he já Deos? Ainda não: *Nondum Deus est.* Tirao fõra já formado, compoemlhe os membros, distinguelhe as feiçoës com toda a arte: & limado, & polido, & chumbado, para que se tenha em pé, eriguido, & direito: he já Deos? Nem ainda agora: *Nec adhuc Deus est.* Ornaõ, consagraõ, fazlhe Oraçaõ: he já Deos? Agora sim. *Oratur: tunc postremo Deus est.* Quando he orado, & rogado, entãõ he Deos. Dayme licença, Virgem Santissima do Rosário, para que destas Estatuas sem ser, vos forme, & levante hũa. Posto que voffo Bemditissimo Filho sempre foy Deos verdadeiro: em todos os mysterios do Rosário pôde parecer só homem; mas quando vós chegais a lhe rogar por nós, ninguém pôde negar, que he Deos. Humanado Christo,

nascido, apresentado, perdido, & achado no Templo; poderá dizer quem o não conhece: *Nondum Deus est*: Suando sangue, atado á columna, coroado de espinhos, carregado com a Cruz; & pregado nella; & também resuscitado, & subido ao Ceo; ainda poderá persistir no mesmo: *Nec adhuc Deus est*: porêm vendo que vós, Senhora, sendo quem sois, o rogais; assim como atégora lhe confessava o ser humano; já lhe não pôde negar o Divino. Fallo com toda a Corte do Ceo.

93. Acclamava a Christo toda a Corte do Ceo, Anjos, & Santos, em figura de Cordeiro: & ouviu S. João no seu Apocalypse, que todos á hũa voz diziaõ assim: *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & Divinitatem*: Digno he o Cordeiro, que se sacrificou pelo genero humano, de receber o poder, & a Divindade. Parece, que não concordar esta Theologia do Ceo com a nossa. Christo, que he o Cordeiro desde o

instante de sua Encarnação, recebeu a Divindade; porque sempre foy Deos: nem então se pôde dizer que foy digno de receber a mesma Divindade; porque a uniaõ da humanidade ao Verbo, nem a mereceo, nem a pôde merecer. Pois se já tinha, & sempre teve a Divindade, & sem merecimento proprio; porque diz agora a hũa voz todo o Ceo, que he digno de a receber: *Dignus est Agnus accipere Divinitatem*? E se a recebeu outra vez depois de já recebida, que novo modo de receber a Divindade foy este? Respondem todos os Theologos, & Expositores, que o modo de a receber outra vez, foy o reconhecimento, o conceito, & a voz universal de todos os homens, & Anjos, que com aquelles applausos o confessavaõ. Logo muito mais, & muito melhor recebe Christo a Divindade, sendo rogado só de sua Mãe, que sendo reconhecido, & acclamado de toda a Corte do Ceo. He consequencia manifesta. Porque a mayor

Apoc. 5
82.

Magestade, & a mayor Soberania, que ha no Ceo, & na terra, abaxo de Deos, he a Pessoa de Maria: Logo aquelle, a quem Maria roga, não pôde ser senão Deos. E se o ser Christo reconhecido, & acclamado como Deos pelos obsequios, & applausos de toda a Corte do Ceo, he novo modo de receber a Divindade: *Accipere Divinitatem*: muito mais alta, & magestosamente recebe Christo a mesma Divindade, quando he rogado por Maria; porque Maria, & a sua authoridade, excede muito a de toda a Corte do Ceo. E daqui se fica concluindo com a mesma evidencia o que eu dizia: que se gerado Christo por Maria recebo della, em quanto Mãy sua, a humanidade; também rogado por Maria recebe della, em quanto intercessora nossa, a Divindade. Em quanto Mãy, porque o gerou; em quanto intercessora, porque o roga. Vede agora, & julguem todos, se he alto, & mais que altissimo este modo de pedir: & quanto se levanta

nesto ponto sobre sy mesma a voz altissima do Rosario: *Extollens vocem.*

IX.

94. **T**enho acabado o meu discurso, & por ultima recommendação do que fica ditto, só peço aos devotos da Senhora do Rosario, não deixem de advertir nelle quaõ necessaria nos he a todos a intercessão da mesma Senhora. Basta, que nos seja taõ necessaria como o pão para a boca? Pois advirtaõ, que ainda he mayor a necessidade, que della temos: & nós mesmos o confessamos em hũa, & outra Oração do Rosario, por ventura sem o advertir. No Padre nosso pedimos o pão para cada dia: *Panem nostrum quotidianum*: na Ave Maria pedimos a intercessão da Senhora para cada hora, & para cada instante: *Nunc, & in hora mortis nostræ*. O *nunc* significa instante, a hora da morte he, & pôde ser cada hora. E se o pão o pedimos para cada dia, & a intercessão da

Senhora para cada hora, &
para cada instante; não ha-
ja hora, nem instante no dia,
em que não digamos de to-
do coração a poderosissi-

ma Mãe de Deos, & nossa:
Sancta Maria, Mater Dei,
ora pro nobis peccatoribus, nunc,
& in hora mortis nostrae.
Amen.



SERMAM III.

COM O SANTÍSSIMO SACRAMENTO

exposto.

Quinimò, Beati qui audiunt verbum Dei.

LUC II.

I.

95.  Vanta he a differença, q̃ tem (posto que este jaõ taõ juntos.) na rosa o cheiro, & a virtude: na arvore a folha, & o fructo: no mar a concha, & a perola: no Ceo a Aurora, & o dia: no homem o corpo, & a Alma: & para que o digamos por seus proprios termos; quanta he a ventagem, que faz o entendimento á voz; tanta he a que tem (posto que irmãas entre sy) a Oraçaõ Mental sobre a Vocal. A Vocal he o exterior da Ora-

çaõ; a Mental o interior: a Vocal he a parte sensivel, a Mental, a que não se sente: a Vocal he hum corpo formado no ar, a Mental o espirito, que o informa, & lhe dá vida. A Vocal recita preces, a Mental contempla mysterios: a Vocal falla, a Mental medita: a Vocal le, a Mental imprime: a Vocal pede, a Mental convence. A Vocal póde ser forçada, a Mental sempre he voluntaria: a Vocal póde não sair do coração, a Mental entra nelle, & o penetra; & se he duro, o abranda. A Vocal exercita a memoria, a Mental discorre com o entendimento,

to, & move a vontade: a Vocal caminha pela estrada aberta, a Mental cava no câpo, & não só cultiva a terra, mas descobre thesouros.

96. No Templo de Salomão havia dous Altares, hũ interior junto ao Sancta Sanctorum, em que se queimavaõ timiamas, outro exterior no Atrio, em que se matavaõ rezes. Os que oraõ mentalmente, diz Origenes, sacrificaaõ no Altar de dentro: os que oraõ com vozes, no de fora: *Cum corde oravero, ad altare interius ingredior; cum autem quis clara voce, & verbis cum sono prolatis; offerre videtur hostiam in altari, quod foris est.* Apenas ha figura no Testamento Velho, em que se não veja retratada esta grande differença. A Oraçaõ Vocal he a voz do Precursor no deserto, a Mental he o conceito da mesma voz, que reconhece o Messias, & lhe manda seguir os passos: a Vocal he a boca do Leão de Samsão, a Mental saõ as abelhas, que nella fabricaaõ os favos, mais doces pelo mysterio, que pelo mel: a Vocal he o esta-

lo da funda de David, a Mental he a pedra, que rompeo a testa ao Gigante, & porque lhe penetrou o cerebro, o deitou em terra: a Vocal saõ as trombetas de Jericó, que batem os muros, a Mental he a espada de Josué, que degola os inimigos, & sacrificaa os despojos: a Vocal he o pregaõ de Saul, a Mental he a guerra apregoadã: a que debella os Amonitas, que liberta Jabès, & descativa os cercados. Emfim da Vocal sobem ao Ceb vapores, da Mental se acendem lá relápagos, & descem rayos: que allumiaõ os olhos, que ferẽ os peitos, que amortece as paixões, & desfazem em cinza os vicios.

97. Estes saõ os effeitos da Oraçaõ do Rosario, que não só devemos celebrar, mas distinguir em quanto Vocal, & Mental. Em quanto Vocal, he mayor no numero, em quanto Mental, no pezo: em quanto Vocal, reza muitas vezes duas Orações; em quanto Mental, contempla, & medita quinze mysterios: em quãto Vocal, falla, & sollicita o cuida-
do

do de Christo com Martha, em quanto Mental está sem nenhum outro cuidado aos pés de Christo, & ouve com Maria. Hũa orava com a boca, & outra orava com os ouvidos. E isto he o que determino dizer, & declarar hoje. Já vimos quaõ alta he a Oraçã Vocal do Rosario, hoje veremos quaõ profunda he a Mental. Marcella disse: *Beatus venter*: Christo respondeo: *Beati qui audiunt*: Marcella levantou a voz, para que Christo a ouvisse, & o Senhor abriolhe os ouvidos, para que ella aprendesse. Aquelle notavel *Quinimo* bem mostrou que a liçã era nova, & mais subida: & assim o será tambem a do nosso discurso. No passado vimos, como se reza o Rosario com a boca: *Extollens vocem*: neste veremos, como se ha de rezar o mesmo Rosario pelos ouvidos: *Beati qui audiunt*. Para que nos ouça a Virgem Santissima (cuja he a obra, & o invento) & nos assista com sua Graça, digamos: *Ave Maria*.

II.

Beati qui audiunt verbum Dei.

98. **R**ezar o Rosario pelos ouvidos, como prometti, he o assũpto deste Sermaõ, mais novo pelo desuso, ou abuso, que pela novidade da materia. Este foy o fim principal para que se instituio a devaçã do Rosario, de poucos bem rezado, & de quasi todos mal entendido. Naõ foy instituido só para nós fallarmos cõ Deos, & Deos nos ouvir a nós, senaõ para que Deos falle comnosco, & nós ouçamos o que nos diz Deos: *Qui audiunt verbum Dei*. Para restituir pois o Rosario á sua primitiva perfeiçã, ou para persuadir esta novidade aos que a tiverem por tal, & para fallar em materia de fỹ naõ muito clara com toda a clareza, dividirey o discurso em tres partes. Na primeira mostrarey, que o Rosario se póde rezar pelos ouvidos: na segunda, que se deve rezar pelos ouvidos: na terceira, como se ha de rezar

zar pelos ouvidos : *Beati qui audiunt.*

99. Começando pela possibilidade, no primeiro mysterio do mesmo Rosario, & na soberana Instituidora d'elle, temos o mayor, & mais perfeito exemplar da grande parte, que nesta altissima obra té os ouvidos. De dous modos concebeo a Virgem Maria o Verbo Divino, que tambem de dous modos he palavra de Deos : *Verbum Dei.* Concebeo-o no vêtre, & concebeo-o na mête. Concebeo-o no ventre sacratissimo com privilegio singular a nenhũa outra criatura concedido : *Beatus venter qui te portavit :* & concebeo o na mente, com aquella eminentissima perfeição, a que nenhũa outra Alma pôde chegar, nem aspirar, posto que todas sejaõ capazes de conceber o mesmo Verbo mentalmente. E para que vejamos quanta parte tiveraõ os ouvidos em hũa, & outra conceição, ouçamos a S. Bernardo : *Missus est coluber tortuosus à Diabolo, ut venenum per aures mulieris in ejus mentem transfunderet :* no prin-

cipio do mundo foy mandada a serpête pelo Demonio, para que pelos ouvidos da molher lhe infundisse na mente o veneno. E depois? (Vede a elegancia da contraposição.) *Missus est Gabriel Angelus, à Deo, ut Verbum Patris per aurem Virginis in ventrem, & mentem ipsius eructaret :* E depois foy mandado o Anjo Gabriel por Deos, para que pelos ouvidos da Virgem, assim no ventre, como na mente se introduzisse o Verbo do Padre. E a razão, proporção, & correspondência porque a Divina Sabedoria o traçou, & dispoz assim, foy : *Uteâdem viâ & antidotum intraret, qua venenû intraverat :* para que pelo mesmo sentido do ouvir, por onde entrâra a peçonha, entrasse tambem a triaga. Eva ouviu, Maria ouviu: Eva ao Demonio, Maria ao Anjo: Eva recebeo na mente o engano, & no ventre o fruto malditto: Maria concebeo na mente a verdade, & no ventre o fruto bemditto: *Benedictus fructus ventris tui :* & com esta admiravel contraposição de Demonio a Anjo,

Anjo, de molher a Virgem, de fruto a fruto, de corpo a corpo, & de mente a mente; assim como pelos ouvidos da primeira molher entrou no mundo o veneno, & a morte, assim pelos ouvidos da segunda (& sem segunda) veyo ao mesmo mundo o remedio, & a vida.

100. E se além da proporção, & correspondencia quizermos especular, & apurar mais, com que propriedade, & energia ordenou Deos, que os ouvidos da Senhora tivessem tanta parte neste primeiro mysterio, d'onde manárao todos os outros do Rosario; da natureza, & officio do mesmo sentido de ouvir, tirou a resposta S. Bruno, filosofando excellentemente, & fallando com a Virgem desta maneira: *Suscipe Verbum in corde, & in utero, ô Virgo, quia per aurem ingreditur in te, quod nascetur ex te: Verbum enim est, & via verbi auris est.* Ouvi, ô Virgem, o Anjo; recebey o que vos diz, & annuncia, na mente, & nas entranhas; & não duvideis, que o Filho, que ha de nascer de vós, ha-

ja de entrar pelos ouvidos em vós. Porque? Porque esse Filho, que ha de ser vosso, he a Palavra do Padre, & a porta, & o caminho, por onde entra a palavra, são os ouvidos: *Verbum enim est, & via verbi auris est.*

101. Deste modo rezaõ o Rosario pelos ouvidos, aquelles que o exercitaõ todo, & não de meyas: isto he, aquelles, que não se contentaõ só com repetir de boca as Orações vocaes; mas cõsideraõ, & meditaõ attentamente os mysterios, & ouvẽ com a mesma attençaõ o que nelles lhes inspira, & falla Deos. A Senhora primeiro considerou o mysterio: *Co-*^{Luc. 8.}
gitabat qualis esset ista saluta-^{29.}
tio: & depois pelos ouvidos concebeo o Verbo: *Fiat mi-*^{ibidem}
hi secundum verbum tuum: & nós da mesma maneira considerando primeiro mentalmente aquelle mysterio, & os outros do Rosario, concebemos pelos ouvidos o mesmo, & não outro Verbo; porque ouvimos o que por meyo da meditação dos mesmos mysterios falla Deos connoço.

Suc-

Ecclef.
24.5.

102. Succede na nossa meditação, em admiravel prova do que dizemos, o mesmo que ao Eterno Padre na producção do Verbo Divino. O Verbo Divino, que he a Eterna Palavra de Deos, de que modo vos parece q̃ sae da boca do Padre: *Ego ex ore Altissimi prodixi*. Não póde haver semelhança, nem propriedade mais propria. Contempla o Eterno Padre dentro em sy mesmo a essencia, os attributos, as perfeições, & todos os outros mysterios da Divindade, que só elle comprehende; & desta contemplação comprehensiva, com que Deos cuida em sy, & se conhece, & vê a sy, nasce o Verbo Divino, que he a Palavra de Deos, & todo o seu dizer. *Dicere Deo est cogitando intueri, in quantum, scilicet, intuitu cogitationis divinae concipitur Verbum Dei*: diz Santo Thomás. Pois assim como da cõprehensão, com que Deos contempla intuitivamente os mysterios da Divindade, se produz, & nasce o Verbo; assim da meditação, cõ que nós na parte Mental do Ro-

D.Th. 1.
p. 9. 34.
art. 1.
ad 2.

fario contemplamos os mysterios da Humanidade, unida á mesma Divindade, nasce o Verbo, & Palavra de Deos, com que interiormente nos falla, & nós interiormente concebemos, & mentalmente ouvimos: *Qui audiunt verbum Dei*.

103. Altamente está dito: mas quem nos confirmará esta tão sublime verdade? Seja o mayor, & mais experimentado Espirito em hũa, & outra Oração. *Auditam fac mihi manè misericordiam tuam*: Fazey, Senhor, (diz David) que eu de manhã ouça a vossa misericordia. Dous grandes reparos encerrão estas quatro palavras. Todos, quando oraõ, pedem a Deos, que por sua misericordia os ouça: porèm David não diz, que a misericordia de Deos o ouça a elle, senão que elle ouça a misericordia de Deos: *Auditam fac mihi misericordiam tuam*: Fazey que a vossa misericordia seja ouvida de mim. De sorte, que a misericordia de Deos, he a que ha de fallar, & David o que ha de ouvir. A razão deste extraordinario

psalm.
142

rio modo de pedir, ou dizer, depende do segundo reparo. *Auditam fac mihi manè*: Fa-

zey que eu ouça a vossa mi-

sericordia pela manhã. E q̃

mais tem para este requerimento a hora da manhã, que

as outras? David orava pela

manhã, ao meyo dia, & á

tarde: *Vesperè, & manè, &*

meridie narrabo. David ora-

va sete vezes no dia: *Septies*

in die laudem dixi tibi. Pois se

David orava tantas vezes, &

em tão diferentes horas do

dia, porque não pede, nem

requere, ou porque não pre-

fume, nem espera, que Deos

lhe falle a elle, & elle ouça

a Deos, senão na hora de pe-

la manhã: *Auditam fac mi-*

hi manè misericordiam tuam?

Deos lhe havia de fallar a elle, & elle havia de ouvir a Deos: *Auditam fac mihi manè misericordiam tuam*. Tão certo he, que com os que meditaõ falla Deos, & porque meditaõ, & quádo meditaõ, o ouvem.

III.

104.

D Aqui se segue,

que quádo fo-

rem mais altos os mysterios,

que meditarem, tanto mais

altas seraõ tambem as illuf-

traçoës, com que Deos lhes

fallará aos ouvidos. Qual era

a materia das meditaçoës de

David naquelle tempo? *Me-*

ditatus sum in omnibus operi-

bus tuis: in factis manuum

tuarum meditabar. Meditava

nas obras universais da Om-

nipotentia, com que Deos

criára, & sustentava o mun-

do, & nas particulares da

Providencia, com que esco-

Psalm.

142.5.

Psalm.
4. 18.Psalm.
64.Psalm.
2. 7.

mo Deos respondesse a ella, & fosse ouvido de quem as meditava; que juízo se deve fazer das inspirações, dos impulsos, & das fallas interiores, com que Deos penetrará os corações, & baterá suavemente os ouvidos dos que attentamête meditaremos os altísimos mysterios da Encarnação, do Nascimento, da Vida, da Morte, da Ressurreição do Filho de Deos, que são os de que se compoem o Rosário? Se as obras da Criação, que só custára a Deos húa palavra, fallava, & era com tanta admiração ouvidas de quem as meditava; as obras da Redempção, que custára á mesma Palavra de Deos o sangue, do qual sangue, diz S. Paulo, que falla melhor q̃ o de Abel: *Melius loquentem quam Abel*: que vozes seraõ as suas na attenta, & profunda meditação dellas, & quanto mais se faraõ ouvir? O mesmo Profeta, que antevia os futuros, que não chegou a ver, o disse: *Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam, & salutare tuum da nobis: audiam quid loquatur in me Do-*

Hebr. 12
24.

Psal. 84. 8.9

minus Deus. Acabay, Senhor, de mostrar aos homens até onde chegaõ os estremos de vossa misericordia: acabay de nos dar, & mandar ao mundo o nosso, ou o vosso Salvador, pois he vosso Filho: *Salutare tuum da nobis.* E entã quando elle vier (se vier David em vossos dias) & nascer, & morrer, & obrar todos os outros mysterios da Redempção, que he o que esperais da sua vinda, & da vista, & consideração desses mesmos mysterios? O que principalmente espero, & sobre tudo dezejo, he o que hey de ouvir interiormente, quando elle dentro em mim me fallar: *Audiam quid loquatur in me Dominus Deus.* Notay o que diz David, & o que não diz. Não diz, que suspirava com tantas ancias pela vinda do Messias, para ouvir o que elle havia de prégar exteriormente ouvido; senão para ouvir o que lhe havia de fallar interiormente meditado: *Audiam quid loquatur in me.* Como se dissêra: não me alvoroça o que ha de dizer a todos, senão o que me ha de dizer a mim:

mim: nem tanto o que me ha de dizer a mim, quanto o que me ha de dizer em mim: *In me.* A Moyses falloulhe Deos da Garça, a Job falloulhe de hũa nuvem, ao Summo Sacerdote fallavalhe do Propiciatorio: ao que medita não lhe falla Deos de outra parte, nem de fóra, senão dentro nelle: *In me:* porque dentro delle está a meditação, por meyo da qual lhe falla. Combinay o *Loquatur in me* com o *Meditabor in te:* eu meditarey nelle, & elle fallará em mim: eu com o silencio, & elle com a voz: eu callando, & elle fallando: elle dizendo, & eu ouvindo: *Audiam quid loquatur in me.*

105. Isto he o que considerava aquelle tão grande Rey, como Profeta: o qual porém não chegou a ter a ventura de ver, & ouvir o porque tanto suspirava. Por isso aos Apostolos, que a tiverão, disse o Senhor: *Dico vobis, quòd multi Prophetæ; & Reges voluerunt videre quæ vos videtis, & non vident; & audire quæ auditis, & non audierunt.* Para que

Tom.5.

conheçais, & estimeys o bem de que gozais, vos digo, que muitos Profetas, & Reys dezejáráo ver o que vós vedes, & não o viraó; & ouvir o q vós ouvís, & não o ouviraó. Hum destes Reys, & hum destes Profetas, & o principal de todos elles foy David, de qué o mesmo Christo era, & se chamou Filho: & esta ventura, que tanto dezejou, & não alcançou o Rey mais mimoso, & o Profeta mais alumiado de Deos, he a que gozaó. os Professores da devação do Rosario, se se applicaó a ella tão inteiraméte como devem. David dezejava ver os mysterios de Christo, & ouvir o q interiormente lhe dizia: *Audiam quid loquatur in me:* & todos os que attentamente meditaó os mysterios do Rosario, por meyo da mesma meditação vem a Christo, & ouvem a Christo. Vem a Christo, porque meditando seus mysterios, o fazem presente: & ouvê a Christo, porq os mesmos mysterios meditados fallaó: & se algué não ouve o q o Senhor lhe diz por elles, he q os não medita.

G Dirá

106. Dirá porêm algum dos que se tem por exercitados nesta meditação, que elle medita, mas não ouve. E para escuzar este silencio, ou falta de ouvir, dirá tambem que os mysterios do Rosario todos são obras de Christo, & não palavras, & que a meditação póde representar, & ver o que elle fez, mas não póde representar, nem ouvir o que elle não disse. A este argumento, que não parece totalmente sofisticico, responde Santo Agostinho, & com tanta agudeza como sua. Quem he Christo? He o Verbo de Deos, & a Palavra do Padre: logo ninguem póde considerar suas obras, nem meditar seus mysterios que o não ouça. E porque? Porque a palavra não póde obrar senão fallando; & como todas as obras da palavra fallaõ, todas se ouvem: *Quia ipse Christus Verbum Dei est, etiam factum verbi verbum nobis est.* Porque Christo he palavra de Deos, tambem as obras dessa palavra são palavras, porque a palavra não pode obrar senão fallando. E se essas obras, que

são palavras, alguém as não ouve, he porque lhe não entende a lingua: *Habent enim, si intelligentur, linguam suam.* Reparay na exceição de Agostinho, com que ficaõ excluidos os que dizem que meditaõ, & não ouvem. Essas obras, & esses mysterios de Christo: *Si intelligentur:* se se entendem, fallao: se se não entendem, são mudos. As palavras que sómente são palavras, podemse ouvir, ainda que senão entendaõ: as obras, que são palavras, se não se entendem, não se ouvem. Por isso vós não ouvis, porque não entendeis; & a causa porque não entendeis, he porque não meditais. Meditay, & observay bem o que se vos representa em cada mysterio, & logo ouvireis. A mesma Palavra Divina o diz assim: *Beatus homo qui audit me:* Bemaventurado o homem que me ouve. E que ha de fazer o homem, Palavra Divina, para vos ouvir? Duas cousas: Vigiar, & observar às minhas portas: *Qui vigilat ad fores meas, & observat ad postes ostij mei.* A palavra tem duas portas, hũa por

August.
tract.
24. in
Joan.

Prov. 8

34

Ibidem

por onde fae , & outra por onde entra : a porta, por onde fae, he a boca, & no nosso caso o myſterio: a porta, por onde entra, he o ouvido, & no nosso caso a meditação. Se vós não meditais, como quereis ouvir? Meditay, & observay vigilante, & attentamente o myſterio, & logo entêdereis, & ouvireis o que Deos vos diz nelle. *Qui vigilat : qui observat : qui audit.* É ouvindo desta maneira se-reis dobradamente bemavê-turado por testemunho de ambas as Escrituras : *Beatus homo qui audit me : Beati qui audiunt verbum Dei.*

IV.

107. **T**Emos declarando a theorica do Rosário rezado pelos ouvidos. Mas antes que passemos á praxe, para que a recebamos, & aceitemos melhor, será bem que vejamos as razões, porque deve ser praticado por este mesmo modo, não só vocal, senão mentalmente; não só rezando, senão meditando; nem só fallando, senão ouvindo.

Digo pois que se deve rezar o Rosário pelos ouvidos, não só por ser mais conveniente, & mais util, mas por ser totalmente necessario. Mais conveniente da parte de Deos; porque assim lhe he mais agradavel: mais util da parte nossa; porque assim nos he mais proveitoso: & totalmente necessario da parte do Rosário; porque fallando só, & não ouvindo, não será Rosário.

108. Prova esta ultima proposição (pela qual he bem comecemos, como fundamento das demais) aquelle antiquissimo Filosofo Sophar, hum dos tres amigos de Job, & distingue, & aperta o ponto com tal energia, que ninguem em toda a Escritura o fez melhor: *Nunquid qui multa loquitur, non audiet? Aut vir verbosus justificabitur? Utinam Deus loqueretur tecum, & aperiret labia sua tibi!* He possivel, que tu, que fallas muito, não queres ouvir? E cuí-das, que o teu muito fallar te ha de fazer justo? Oh se Deos abríra a boca, & fallára comtigo! Cada pa-

lavra desta sentença he hũa declarada censura contra o abuso gèral, com que se reza o Rosario. O Instituto Santissimo, & prudentissimo desta soberana devação dividio-a em Orações, & mysterios, para que nós como compostos de corpo, & alma, ora fallassemos vocalmente com Deos, ora o ouvíssemos mentalmente. E seria bem fallarmos nós tudo, & não ouvirmos nada: *Nunquid qui multa loquitur, non audiet?* Pois isto he o que fazem, ou desfazem, os que só fallão, & não meditação, os que só rezão com a boca, & não pelos ouvidos. Toda a Oração, como já a definimos com S. Gregorio Nisseno, he hum colloquio, & conversação do homem com Deos: & a Ley da boa, & cortez conversação he fallar, & ouvir. E se a personagem, que nos admitte á pratica, for muito superior, que ensina a cortesia, & a reverencia? Fallar pouco, & ouvir muito. Notavel cousa he, que goste Deos de conversar com os simples: *Cum simplicibus sermocinatio ejus*:

Prov. 3.
32.

Não he muito mais apazível a conversação dos doutos, dos eruditos, dos discretos? Para Deos, não. Effes fallão muito, & ouvem pouco; os simples fallão pouco, & ouvem muito. Effes ouvemse a sy, & Deos quer quem o ouça a elle. Por isso gosta da conversação dos simples:

109. O homem, que mais cortezmente soube fallar cõ Deos, foy Abrahão: *Loquar ad Dominum, cum sim pulvis, & cinis*: & vede, como fallava, & como ouvia. A primeira vez que Deos appareceo a Abrahão, foy em Haran, & diz o Texto: *Dixit autem Dominus ad Abram*: disse o Senhor a Abrahão. A següda vez appareceolhe em Siché, & diz o Texto: *Apparuit autem Dominus Abram, & dixit ei*: Appareceo o Senhor a Abrahão, & disselhe. A terceira vez appareceolhe em Canaan, & diz o Texto: *Dixitq; Dominus ad Abram*: & disse o Senhor a Abrahão. A quarta vez appareceolhe na mesma terra, & diz o Texto: *Factus est sermo Dñi ad Abram, dicens: dixitq; Abram, Domine*

Gen. 12.
27.

Gen. 12.

ibidem
7.

Gen. 12.
14.

Gen. 12.
1. 2.

Do Rosario.

101

Domine Deus : Disse Deos a Abrahaõ, & Abrahaõ disse a Deos. Naõ sey, se reparais nestas quatro apparicoes, & se achais nellas algũa differença? Eu confesso, que tenho lido estes Textos algũas vezes, & nunca adverti o que advertio Cayetano, & pede a todos que advirtaõ: *Considera, prudens Lector, quod in præteritis tribus visionibus sæper Abraham fuit auditor tantum, in hac autem quarta, & audit, & respondet.* Considere o prudente Leitor, diz Cayetano, que Abrahaõ nas primeiras tres apparicoes de Deos, ouviu, & naõ fallou palavra, & só nesta quarta ouviu, & fallou. Pois se fallou nesta, porque naõ fallou tambem nas outras? Porque fallava com Deos. Quem falla com Deos, ha de ouvir muito, & fallar pouco: para fallar hũa vez, ha de ouvir quatro. E quem tanto ouve, & taõ pouco falla, merece q̃ Deos lhe appareça muitas vezes. Ide agora, & fallay o Rosario inteiro sem pausa, sem aguardar compasso, sem dar lugar a Deos, a que tambem elle vos diga algũa cou-

Tom. 5.

sa: & se vós fallais tudo, & Deos naõ falla, como o haveis de ouvir?

110. Vay por diante Sophar. *Aut vir verbosus justificabitur?* Por ventura cuidais, que essa verbosidade, & esse muito fallar vos ha de fazer justo? Naõ. O justo naõ o faz, o muito que falla, senaõ o fallar o muito que medita:

Os justi meditabitur sapientiam, & lingua ejus loquetur judicium. Encontrada cousa

Psalm. 36 30.

parece attribuir a meditaçaõ á boca, & o juizo á lingua: o juizo he o que medita, a boca, & a lingua a que falla. Mas o justo de tal maneira ajunta a Meditaçaõ com a Oraçaõ, & o Mental do juizo com o Vocal das palavras, que ainda com a boca, & com a lingua medita; & naõ porque falla muito, senaõ porque medita muito, he justo. Naõ justo, porque falla muito: *Nunquid vir verbosus justificabitur*: mas justo, porque medita muito: *Os justi meditabitur sapientiam.* Mas para que he ir buscar a prova nas Escrituras, se a temos mais perto na experiencia. Contay os que re-

G iij

zaõ

zaõ o Rosario, & contay os justos. São tantos os justos, como os que rezaõ o Rosario? He certo (ainda mal) que por cada cento que rezaõ o Rosario, me não dareis hum justo. E donde vem esta desigualdade tão grande, tão enorme, & tão indigna? He porque *Vir verbosus non justificabitur*. Rézaõ, & não meditaõ, & o rezar sem meditar, não he orar, he fallar: em vez de fer Oraçaõ, he verbosidade. O que se reza sem meditaçaõ, sae da boca, o que primeiro se medita, sae do coração; & ainda que seja hũa so palavra, he offerta, que se pôde dedicar a Deos: *Eruçtavit cor meum verbum bonum, dico opera mea Regi*. Entaõ cuidaõ os que isto fazem, que a devaçaõ do Rosario está em o rezar, ou fallar todo inteiro Os que assim o rezaõ sem meditar, falsamente se arrogaõ o nome de devotos da Senhora, & do seu Rosario. O Rosario, que a Senhora instituio, não he esse: logo não são devotos do Rosario. Pois que são? Quando muito são rezadores; & por isso, ou cegos, ou

mercieiros; mas justos não. Lembremse daquella sentença: *Cum oratis, nolite multū loqui*: Quando orais, não falleis muito. E de quem he esta sentença? He do mesmo Christo, que diz: *Oportet semper orare*: Importa orar sempre: & o mesmo Senhor que nos manda orar sempre, manda que quando oramos, não fallemos muito, porque o fallar não he orar. Por isso, nem elle nos ouve, nem nós o ouvimos.

III. Oh se ouvirmos algũa vez a Deos! Isto he o que dezejava, & exclamava Sophar: *Utinam Deus loqueretur tecum, & aperiret labia sua tibi*! Oh se Deos abríra hũa vez a boca, & fallára cõtigo! E qual era a razaõ deste seu dezejo? Porque fallava com os que fallão muito, & não querem ouvir: & sabía, que tanto que ouvissem a Deos, mais haviaõ de querer ouvir que fallar. Com fer Deos Autor da natureza, no fallar, & no ouvir tem muy differentes effeitos. Todo o mudo naturalmente he surdo, & todo o que ouve a Deos, naturalmente emmudece,

psalm.
44. 2.

dece. A natureza aos que privou do fallar, tirallhe o ouvir, & Deos aos que concedeo o ouvir, tirallhe o fallar. Quando Deos appareceo a Moyses na çarça, & o mandou com a embaxada a Faraó, escuzouse Moyses, com que não sabia fallar: *Non sum eloquens ab heri, & nudius tertius*. Mas contra isto está o que se refere nos Actos dos Apostolos, que Moyses tinha estudado todas as sciencias dos Egypcios, & era nelas, & na sua lingua poderosamente eloquente: *Et eruditus est Moyses omni sapientiâ Egyptiorum, & erat potens in verbis*. Pois se Moyses era tão sabiamente eloquente, & tão eloquentemente sabio, como diz agora que não sabe fallar. Elle mesmo deu a razão: *Ex quo loquutus es ad servum tuum, impeditioris, & tardioris linguæ sum*. He verdade, Senhor, que eu antes deste dia fallava expeditamente: mas depois que vós vos dignastes de me fallar, & eu vos ouvi, no mesmo póto se me tolheo a fallar, & atou a lingua. E porque Sophar sabia os segredos

desta Filosofia, por isso de-
zejava que fallasse Deos húa
vez aos que só fall ô, & não
ouvem: *Nunquid qui multa
loquitur, non audit? Utinam
Deus loqueretur tecum!* A Vir-
gem Senhora nossa não in-
stituiu o seu Rosario, só para
fallarmos rezando, senão pa-
ra ouvirmos meditando: &
o Rosario, que he só de bo-
ca, & não de ouvidos, he tão
diminuto, & imperfeito, que
não merece o nome de Ro-
sario, porque não meditan-
do os mysterios, falta a parte
principal, & essencial delle.
Antes quero a terça parte do
teu Rosario meditado, disse
a Senhora a hum seu devo-
to, & ainda menos da ter-
ceira parte, que todo elle in-
teiro sem meditação. E este
conselho não só devem to-
mar todos, mas he necessario
que o tomem, sobpena de o
seu Rosario não ser Rosario.

112. Podemme dizer cõ
tudo alguns dos que rézaõ,
& não meditaõ, que rezan-
do o Rosario sem meditar os
Mysterios, sentem com tu-
do grandes affectos em seu
espirito, assim de compun-
ção para com Deos, como de

piedade , & confiança para com sua Santíssima Mãe. Oh como vos enganais comvolco mesmos , mas venturosamente ! Pergunto: E esse cuidar em Deos , & na Virgem Maria , não he parte de meditação , posto que breve ? Assim o prova , & convence a Santa Madre Thereza cõtra os mesmos , que em seu tempo rezavaõ vocalmente , & tinhaõ medo da Oraçaõ Mental. Os affectos de devaçãõ , & piedade , que sentem , quando assim rêzaõ , tambem faõ effeitos da meditação , posto que imperfeita , & vozes , ou sonidos breves , & sutilissimos , com que Deos entãõ lhes falla , ou passa pelos ouvidos. Por isso no Livro de Job se chamaõ estas fallas de Deos , não vozes , senãõ susurros , & esses , que se ouvem furtivamente:

Job 4.
32. *Et quasi furtivè suscepit auris mea venas susurri ejus.* Assim que quando sentis esses affectos , já , sem o entender , começais a rezar pelos ouvidos : que por isso diz : *Suscepit auris mea* : & faõ huns como furtos , que faz a Oraçaõ Vocal á Mental , saindo-

se da sua esfera : que por isso diz : *Quasi furtivè* : & faõ as veyas do sonido , que ainda não chegaõ a ser voz de articulada : que por isso diz : *Venas susurri ejus.* Mas dahi mesmo se colhe , que se taõ doce he o que se chupa nas veyas , que será o beber na fonte ? E se tanto obraõ na Alma , só os susurros , as vozes declaradas , que faraõ ? Necessario he logo á essencia do Rosario , que perfeita , & inteiramente se reze pelos ouvidos , para ser verdadeiro Rosario.

V.

113. **E** Se da parte do Rosario he totalmente necessario rezar-se pelos ouvidos , da parte de Deos não he menos conveniênte , porque só rezado assim lhe agrada , & he aceito. Nenhũa cousa Christo Senhor nosso mais dezeja de nós , que a justa estimaçaõ , & ponderaçaõ do muito que fez , & padeceo por nós : *Utinam appenderentur peccata mea , quibus iram merui , & calamitas , quam patior in statéra.*

Quasi

Quasi arena maris hæc gravior appareret. Oh quem medera, que as penas que padeço, & os peccados porque padeço, se puzeraõ em fiel balança ! E se veria claramente, que excede tanto o pezo das penas ao dos peccados, quantas são as areas do mar ! Isto disse Job em nome de Christo, ou Christo por boca de Job ; porque fô em Christo se verifica, & em Job de nenhum modo. Em Job não ; porque qualquer mal de culpa, ainda que seja venial, excede sem comparação a todo o mal de pena, quanto he possível. E em Christo sim ; porque a minima acção de Christo, por ser de preço infinito, excede infinitamente a todos os peccados do mundo, pelos quaes padecéo, & pagou. E como bastando a minima acção de Christo para remir mil mundos, foy tal o seu amor para com os homens, que quiz nascer, morrer, & obrar todos os outros mysterios de humildade, paciencia, & charidade, que no Rosario se representaõ, & considerão ; a meditação attenta,

& a justa ponderação de todos elles, he o que mais deseja de nós o Soberano Redemptor, & para isso nos pede os pezos em fiel balança : *Utinam appenderentur in statêra !*

114. Mas que parte tẽ, ou pôdem ter nesta balança os ouvidos ? Muito grande. Assim o declaraõ as mesmas palavras, na lingua em que fallou Job : & he hũa Filosofia tão admiravel, como natural. Onde a nossa Versão lé *In statêra*, o Texto original tem *In bilancibus*, *In auribus*. *Bilances*, são os dous escudos da balança, em que as cousas se pezaõ : *Aures* são as orelhas, instrumentos dos ouvidos. E porque se comparaõ, ou declaraõ os dous ouvidos pelos dous escudos da balança ? Porque este he o officio, que lhe deu a natureza, & a fôrma, & o lugar, em que os collocou. Como a natureza poz a razão, & o juizo, que he o fiel da balança, na cabeça, poz-lhe tambem de hũa, & da outra parte os ouvidos, como dous escudos da mesma balança, & como dous assessor

*Pineda
in hunc
locum.*

res do mesmo juizo. Mas antes que fechemos o passo, ouçamos o grande Commẽtador de Job o doutissimo Pinéda: *Cum trutinam requirit, certè æquum auditorem, & incorruptum aurium iudicium requirit: est enim inter aures veluti inter duas lances media trutina rationis, & iudicij, quod in capite residet. Ergo duæ aures, ut quæ audiuntur, diligenti mentis trutinâ expendenda sint, homini concessæ sũt.* Quer dizer: Deu o Autor da natureza ao homem dous ouvidos, & polos de hũa, & outra parte da cabeça; porque na cabeça tem seu assento a razaõ, & o juizo; & assim o juizo posto no meyo, & os ouvidos de hũa, & outra parte, vem a fazer hũa balança natural, em que as cousas se pezaõ fielmente. Esta he pois a razaõ porque o benignissimo Redemptor, que tomou sobre sy a satisfacão de nossos peccados, & pagou tanto mais do que devia, & padeceo tanto mais do que era necessario, & obrou em todos os mysterios de nossa Redempção tantos excessos, quantos só podia inventar o

seu amor para mais obrigar o nosso: esta he a razaõ, porque tanto dezeja, que na attẽta meditaçaõ os pezemos, & porque com nome de balanças nos pede os ouvidos, para que como em justas balanças pôderemos os mesmos mysterios, & como por attentos ouvidos ouçamos o que elles nos dizem: *Utinam appenderentur in bilancibus, in auribus.*

115. E para que veja-mos em proprios termos, quanto Christo Senhor nosso mais dezeja, & estima no Rosario esta ponderaçã dos ouvidos, que a reza sômente Vocal do mesmo Rosario; assim como já ouvimos por boca de Job o seu dezejo, ouçamolo agora por boca de Salamaõ. Trata altamente Salamaõ esta differença no primeiro Capitulo dos Cantares: & como as suas comparações alli sãõ tão extraordinarias, a que vos parece que compararia hũa Alma devota do Rosario, das que só o rézaõ vocalmente? Comparou-a a hũa rola com o Rosario ao pescoço: *Gene tæ sicut turturis: Eis ahi a rola:*

Cant. 9.

rola: *Collum tuum sicut mollia*: Eis ahi o Rosário. E porquenaõ pareça, que dar nome de Rosário ao que alli se chama collar, he interpretação alhea do Texto; o original Hebréo, em que escrevêo Salamaõ, diz que era feito de perlas furadas, & enfiadas. *Margaritas perforatas, & filo copulatas*: treflada Sanctes Pagnino, doutíssimo naquella lingua. Assim que nem o Rosário podia ser mais proprio, nem mais precioso. Era tambem rezado com grande piedade, & devaçãõ; que por isso quem o trazia ao pescoço, he comparada á rola, cujos arulhos são piedosos, & mais gemidos, que vozes: *Sicut turturis*.

115. Isto he o que disse o Esposo, que he Christo, á Esposa, que he a Alma; mas o que logo se segue, & acrescentou o mesmo Esposo, he digno de grande consideração, & reparo: *Muremulas aureas faciemus tibi, vermiculatas argento*: O que agora vos hey de fazer, Esposa minha, são hũas arrecadas para as orelhas, & essas haõ de ser

de ouro, esmaltadas de prata. Naõ reparo em Christo sobrepratear o ouro, como nós sobredouramos a prata, posto que isto tenha o mysterio, que logo veremos. Mas o que primeiro faz ao nosso caso, he a consequencia destas palavras, sobre as que acabamos de referir. Se o Esposo acaba de louvar as perolas do collar, & os gemidos da rola: se o collar he o Rosário, & os gemidos a Oraçãõ Vocal, piedosa, & devota, como explicaõ S. Grego-
rio, S. Basílio, Theodoreto, & todos os Padres commun-
mente; porque se naõ dá por satisfeito disto o Esposo, & querêdo ornar, & enriquecer a Esposa com novas joyas, as que trata de lhe fazer, naõ saõ outras, senaõ as arrecadas? Porque as arrecadas, diz S. Bernardo, são joyas, & ornato dos ouvidos. E como pelos ouvidos entraõ á Alma as fallas interiores de Deus na meditação: ainda que o Rosário, que a Esposa traz ao pescoço, seja de perolas, & a voz com que o reza, de rola piedosa, & enternecida, naõ se satisfaz o Senhor inteiramente,

Gregor.
Basíl.
Theodoret.
ret.

D. Bernar-
dus.
serm. 4.
in Cant.

mête, de que o reze só de boca, senão também pelos ouvidos. De boca sim repetindo devotamente as Orações Vocaes, em que a Alma falla com Deos; mas muito mais pelos ouvidos, meditando attentamente os mysterios, em que Deos falla cō a Alma, & ella ouve o que lhe diz.

117. E para que se veja, que estes mysterios não são outros, senão os do Rosario, todos de Deos em quanto Homem; por isso as arrecadas eraõ de ouro sobreprateado: *Aureas vermiculatas argento*. O ouro he a Divindade, a prata a Humanidade: & está o ouro debaxo da prata, porque debaxo da Humanidade de Christo está encuberta a Divindade. Mas porque a mesma Divindade, em quanto o Senhor vivéo neste mundo, de tal maneira andava encuberta debaxo da Humanidade, q̃ não deixava de reluzir nas obras da Omnipotencia: essa he também a propriedade, & elegancia, com que o prateado não era todo continuo, senão aberto a partes

a modo só de esmalte, ou filigrana, que isso quer dizer *Vermiculatas*. Mayor advertencia ainda, & mayor propriedade. Onde a Vulgata lê *Vermiculatas*, diz a Versão chamada *Quinta Editio*, *Cum distinctionibus argenti*: Com distincões de prata. De sorte, que nas joyas, com que de novo se ornáraõ os ouvidos da Esposa, havia distincões: & essas distincões estavaõ na prata, & não no ouro. Porque? Excellentemente. Porque na Divindade, que he sustancia simplicissima, não ha distincão, & na Humanidade, & seus mysterios sim; & mais nos do Rosario, de que propriamente fallava: huns Gozofos, outros Dolorosos, outros Gloriosos, & em cada hũa destas distincões outros cinco mysterios também distintos: *Cum distinctionibus argenti*. Em summa: que assim como em todos estes mysterios por meyo da meditação falla Deos distintamente á Alma; assim para todos, & cada hũ delles lhe quer ter bem dispostos, & preparados os ouvidos; & não só ornados, mas

mas sobornados : *Murenu-
las aureas faciemus tibi.* Até-
qui o Esposo.

118. Agora falla a Es-
posa; & diga ella tambem o
que o Esposo lhe diz, quan-
do lhe falla aos ouvidos. *Vox
dilecti mei pulsantis : Aperi-
mibi soror mea, amica mea, co-
lumba mea, immaculata mea.*
Fallá a voz de Christo, &
bate ás portas da Alma, que
são os ouvidos : *Vox dilecti
mei pulsantis :* o que lhe pe-
de, he que lhe abra : *Aperi-
mibi :* & os motivos, ou titu-
lós, que lhe allega para a per-
suadir, he chamalhe irmãa :
Soror mea : Amiga : *Amica
mea :* pomba, & immacula-
da : *Columba mea, immacula-
ta mea.* E porque allega
Christo estes titulos, & não
outros, quando bate com a
voz aos ouvidos da Alma ?
He cousa verdadeiramente
maravilhosa. Allegalhe estes
titulos, & não outros, porque
nelles se contém distinta, &
nomeadamête todos os myf-
terios do Rosario : no pri-
meiro titulo os Gozofos, no
segundo os Dolorosos, no
terceiro os Gloriosos. Assim
o notou muito antes de ha-

ver Rosario, Justo Orgelita-
no, & o declarou tão fuccin-
ta, como elegantemente :
*Soror, quia de sanguine ejus :
amica, quia per mortē ejus re-
conciliata : colūba, quia de Spi-
ritu Sancto immaculata.* Cha-
malhe irmãa, porque na En-
carnação unindo a sy o Ver-
bo a nossa humanidade, se
fez irmão nosso : *Soror, quia
de sanguine ejus.* E estes são
os primeiros mysterios do
Rosario. Chamalhe amiga,
porque por meyo da Mor-
te, & Payxaõ de Christo se
reconciliou a natureza hu-
mana com Deos : *Amica,
quia per mortem ejus reconci-
liata.* E estes são os segundos
mysterios. Chamalhe final-
mente pomba, & immacula-
da ; porque por meyo da
vinda, & graça do Espírito
Santo se lhe tiráão as ma-
nchas do peccado : *Columba,
quia de Spiritu Sancto immac-
culata.* E estes são os tercei-
ros mysterios. Com estes ti-
tulos, & motivos de seu amor
bateo o Esposo ás portas da
Alma, para que lhas abrisse,
& com estes sómente, & com
 nenhuns outros, porque não
tem Christo outra machina,
nem

*Justus
Orgeli-
tanus
ibi.*

nem outra bataria mais forte para render nossas Almas, que os mysterios do Rosario. Os nossos ouvidos são os batidos, & a sua voz he a que bate: *Vox dilecti mei pulsantis.*

119. Mas porque a Espo-
sa nesta occasião se mostrou
menos diligente em acudir á
voz do Esposo, & lhe abrir
as portas: que faria o Aman-
te Divino, para profeguir,
& conseguir a empresa, em
que tão empenhado estava
o seu amor? Caso sobre todo
o encarecimento notavel, &
no mesmo Deos estupendo!
Torna o Senhor a instar no
mesmo requerimento, & os
motivos, que de novo alle-
ga, não são outros, senão os
mesmos mysterios do Rosa-
rio mais vivamente repre-
sentados: *Quia caput meum*
plenum est rore, & cinnini
mei guttis nocturnum. Compa-
deceivos de mim, (diz) Es-
posa minha, porque trago a
cabeça cuberta de orvalho,
& me estão correndo pelos
cabellos em fio as gotas das
noites. E que orvalho, & que
gotas, não da noite, senão das
noites, são estas? O orvalho,

diz Philo Carpacio, he o da
madrugada gloriosa, em que ^{Ph}
Christo refuscitou: *Caput in*
Christi plenum est rore in Re-
surrectione, que mane facta
est, cum ros in terrâ descendit.
As gotas das noites não são
mister Commentador, por-
que bem se está vendo, que
são as gotas das lagrimas na
noite do Nascimento, & as
gotas do sangue na noite do
Horto: *Et factus est sudor* ^{L. u.}
ejus sicut gutta sanguinis de- ⁴⁴
currentis in terram. De ma-
neira, que nas lagrimas do
Presepio acompanhadas de
musicas de Anjos, lhe alle-
gou os mysterios Gozofos:
nas gotas do sangue espre-
midas da dor, da afflicção,
& da agonia no Horto, os
mysterios Dolorosos; & no
orvalho da madrugada da
Resurreição alegre, & triun-
fante, os Gloriosos. E não
allegou, nem disse mais o Es-
poso; porque para penetrar
os nossos ouvidos, & render
os nossos corações, em che-
gando a nos representar, &
repetir hũa, & outra vez os
mysterios do Rosario, não
tem Christos mais que alle-
gar, nem mais que dizer. Ain-
da

Do Rosario.

III

da desta segunda vez se ef-
cuzou com tudo a Esposa, &
naõ abrio, mas tanto que cõ-
siderou, & meditou o que
tinha ouvido, naõ só abrio a
porta, mas saindo de casa, &
como fõra de sy, pelas ruas,
sendo de noite, & pelas por-
tas da Cidade, estando cer-
cadas de guardas, roubada, &
sobre roubada ferida, assim
foy buscar o Esposo, até que
o achou. E se tanto caso faz
Deos, & tanto consêgue de
nós pelos mysterios do Ro-
sario ouvidos, & meditados;
que muito he q̃ estime mais,
& lhe seja mais aceito o Ro-
sario por este modo, que re-
zado só vocalmente.

VI.

120. **F**inalmente, que
da nossa parte
nos seja mais util esta mes-
ma meditação dos myste-
rios, & ouvir o que Deos nos
diz por ella; so o podéra
duvidar, quem ignore o que
todos sabem, que por falta
de consideração se perde o
mundo. Já dissemos, ou já
nos disse David, que na sua
meditação lhe fallava Deos.

E se lhe perguntarmos quae
eraõ os effeitos, que expri-
mentava neste meditar, &
neste ouvir; elle mesmo no
lo dirá, & naõ sem grande
confusão dos que rézaõ o
Rosario, & o perdem, por-
que o naõ meditaõ: *Conca-*
luit cor meum intra me, & in
meditatione mea exardescet
ignis. Meditey (diz David)
& por meyo da meditação se
me acendéo no peito tal fo-
go, que o meu coração den-
tro em mim ardia. Nota aqui
advertidamente o Cardeal
Hugo, & repara muito, em
dizer David que o seu cora-
ção ardia dentro nelle: *Cor*
meum intra me: O meu co-
ração dentro em mim. Pois
onde havia de estar o vosso
coração, David, senaõ den-
tro em vós? Podia estar lá,
por onde elle andou noutro
tempo, quando eu naõ medi-
tava; podia estar lá, por on-
de andaõ tambem os cora-
ções de muitos, que rézaõ o
Rosario sem meditação, no
mesmo tempo em que o ré-
zaõ: *Multi enim sunt, qui non*
habent cor intra se, sed extra,
ad temporalia, & mundana
quæcumque, nec possunt cale-
fieri.

Psalm.
38. 4.

Hugo
Cardi-
nalis
hic,

feri. Diz David, que o seu coração, quando meditava, ardia dentro nelle: porque muitos não tem o seu coração dentro em sy, senão fóra de sy, & muito longe. Fora de sy; porque não cuidão em sy: & muito longe de sy, porque todos seus cuidados andão só attentos, & applicados ás cousas temporaes, & mundanas, que amaõ. Dõde vem, que assim divertidos, & esquecidos do que só importa, não pôdem conceber o fogo divino, que de frios os aquece, de duros os abrande, & de cegos os alumie: que são os dous efeitos da meditação. O primeiro, tirar; & trazer o coração de lá por onde anda distraído, & perdido, & metelo dentro em nós: *Cor meum intra me*: o segundo, de frio, duro, & cego, pegar nelle o fogo do Amor Divino, alumialo, acendelo, & abraçalo: *Et in meditatione mea exardescet ignis.*

121. Isto he o que faz a meditação, & nenhũa mais propria, & efficazmente, que a dos mysterios do Rosário. Nos primeiros, & Gozoso

da Infancia de Christo, como não se acenderá o fogo nas palhas do Presépio? Nos segundos, & Dolorosos da Payxão, como não se ateará com muito mais força nos espinhos, & lenhos da Cruz? Nos terceiros, & Gloriosos da Resurreição, & Ascensão, como não subirão as chamas até o Ceo, donde desçam por reflexão, como descerão, em linguas de fogo? Couza digna de grande reparo he, que descendo o Espirito Santo, viesse em fôrma de fogo, & em figura de linguas. Mas assim havia de ser para obrar o a que vinha. Em fogo; porque vinha acender os nossos corações: & em linguas; porque para acender os corações, ha de entrar pelos ouvidos. Onde porém acharey eu algum meyo, que convença a verdade desta conclusão, & a persuada efficazmente a todos os que rezão o Rosário?

122. Muito ha, Senhor, que parece me esqueço, de que estais presente, pois não recorro aos auxilios de vossa Divina Sabedoria, para dar a maior authoridade a quanto

tem

tem ditto o meu discurfo. Mas advertidamente me fuy dilatando até este ponto, que he mais particularmête voffo. Encarnado, & sacramentado, sempre foy Verbo, & posto que no silencio desse Sancta Sanctorum parece q não fallais, tambem ahi quereis fer ouvido. E como o intento de voffo amor nessa esfera de fogo, posto que cuberta de neve, he acender nossos corações; daymê licença, para que prégue a este auditorio, que mais quereis fer ouvido, que commungado. Se mais vos agrada o Rosário dos ouvidos, que o da boca, porque não direy eu o mesmo desse Sacramêto? Assim o digo, Fieis, & assim o provo, ou assim vos explico, & declaro, o que tão provado está em nós, quanto não devéra: *Ignem veni mittere in terram, & quid volo, nisi ut accendatur.* Diz Christo que veyo lançar fogo á terra, & que nenhuma outra cousa quer, senão que se accenda. Pois se este fogo divino está todo naquella Garça, & multiplicado em todas as partes da terra.

ra, como se não accende a terra? *Nunquid potest homo abscondere ignem in sinu, ut vestimenta illius non ardeant?* Prov. 6. 27. Por ventura, diz o Espirito Santo, póde hum homem esconder o fogo no seyo, sem que se lhe abracem as vestiduras? Pois como recebemos nós tantas vezes, & metemos dêtro no peito aquelle fogo, sem que o mesmo peito se abraze? A razão deste lastimoso milagre, he porque não ouvimos a quem commungamos. Commungamos a Christo, mas não ouvimos a Christo; & Christo para accender corações, mais efficacia tem ouvido, que commungado. Vede-o claramente.

123. Caminhava Christo para Emaús tambem disfarçado como alli está, até que os dous Discipulos fizeram alto para passar a noite. Deixouse o Senhor convidar, assentouse á mesa, consagrou o pão, partio-o entre ambos, & conhecido desapareceu. Tudo isto encerra grandes mysterios; mas o q eu considéro, ainda espera pela segunda parte da histo-

ria. Voltaó os dous Discipulos para Jerusaleem, já não tristes, mas cheyos de alegria, & alvoroço, já não fracos na esperança, mas confirmados na Fé, & conferindo o q̃ lhe tinha succedido, diziaõ entre sy: *Nonne cor nostrum ardens erat in nobis, dum loqueretur in via?* Não vistes, como nos ardia o coração; quando nos fallava pelo caminho? Tende mãõ: aqui reparo, & arguo os mesmos Discipulos. Duas cousas tinha Christo feito, hũa no caminho, outra na mesa, & esta ainda mayor, porque no caminho praticava com elles, na mesa deulhe seu proprio Corpo sacramentado. Pois se dizem que lhe ardia o coração, quando o Senhor lhes fallava; porque não dizem, que lhe ardia, quando commungáraõ seu Corpo? Quando commungáraõ, estava Christo mais perto do seu coração, quando lhes fallava, estava mais longe: quando commungáraõ, estava dentro nelles, quando lhes fallava, hia sómente cõ elles: *Ibat cum illis*. Pois se lhe não ardia o coração, quã-

LUC. 24.
32.

Ibidem
151.

do commungáraõ, porque lhe ardia, quando sómente o ouviaõ? Por isso mesmo: porque o ouviaõ. E para acender, & abraçar corações, parece, tem mais efficacia Christo ouvido, que Christo commungado. Commungado desce ao peito, ouvido acende o coração. E se ouvido em hum sô mysterio do Rosario, que era o da sua Resurreição, causa tão prodigiosos effeitos, que será em todos os mysterios? Ouçamos a Christo no Rosario, & ouçamolo no Sacramento; & para ouvirmos o que nos diz, meditemos aquelles mysterios, & meditemos este, que ainda que parece mudo, todo he vozes.

124. Ouvi agora o que muitas vezes ouvistes, & reparay no que nunca reparastes. He o Psalmo vinte & oito: *Afferte Domino Filij Dei, afferte Domino filios arietum. Afferte Domino gloriã, & honorem, afferte Domino gloriam nomini ejus, adorete Dominũ in atrio sancto ejus*. Offerecey ao Senhor, filhos de Deos, offerecey ao Senhor cordeiros, offereceylhe honra,

honra, & gloria, & adorado no seu santo Templo. Dizem communmente os Expositores, que exhortava aqui o Profeta a frequencia dos Sacrificios do seu tempo. Mas eu digo, que nem fallava com os homens do seu tempo, nem dos Sacrificios do seu tempo, senão do nosso; & provo hũa, & outra cousa. Não fallava com os homens do seu tempo, porque lhe chama filhos de Deos: *Afferte Domino, filij Dei*: & o ser filhos de Deos, he proprio dos Christãos, & da Ley da Graça, como diz S. João: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri*. Nem fallava dos Sacrificios da Ley Velha; porque faz menção de hum só Sacrificio, & este de cordeiro, que he o de que também disse o outro S. João: *Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi*. E não encontra a propriedade desta significação o fallar em plural; porque essa he hũa das maravilhas deste Sacrificio, & deste Cordeiro, ser hum só, & estar multiplicado em toda a parte, como se foraõ muitos. Isto posto, lede ago-

ra o resto de todo o Psalmo, & vereis, que em todo elle não faz outra cousa o mesmo Profeta, que encarecer-nos a voz, & as muitas vozes do Senhor: *Vox Domini* ^{ps. 28. 3.} *super aquas: vox Domini in virtute: vox Domini in magnificentia: vox Domini confringentis cedros: vox Domini intercidentis flammâ ignis: vox Domini concutientis desertum: vox Domini præparantis cervos*. Pois se o thema, & o assumpto do Profeta, he o Sacrificio, & Sacramento do Altar, como todo o seu discurso, nem he da verdade, & realidade do mysterio, nem do amor, nem da fineza, nem das maravilhas, & infinitos milagres, q nelle se encerraõ, senão das suas vozes, & mais vozes, sete vezes repetidas? Que tem que ver o Sacramento com as vozes, ou as vozes com o Sacramento? Esta mesma admiracão mostra bẽ o mal, que entendemos no Divinissimo Sacramento, o que primeiro que tudo, & mais que tudo deveramos entender. Cuydamos, que Christo no Sacramento está

Hij mudo,

mudo, & sua presença alli toda he vozes. Cuidamos, q̃ satisfazemos à nossa obrigação com sacrificar, com adorar, com commungar, sem tratarmos de ouvir, & isto he o que o Senhor mais dezeja, & espera de nós. Por isso o Profeta, deixando tudo o mais, que pudera dizer de suas excellencias, só nos préga, & apregoa as suas vozes, como eu tambem faço agora, porque esta he a doutrina, & o avizo mais importáte á nossa desattenção, & o espertador mais necessario aos nossos ouvidos. Muito estima Christo no Sacramêto o ser adorado, o ser venerado; o ser servido, & festejado, & sobre tudo o ser cômungado; mas o ser ouvido, muito mais

125. Mais que isto parece que dizem outras palavras do mesmo David; mas não dizem mais que isto; & o provaõ admiravelmente: *Sacrificium, & oblationem noluiſti, aures autem perfecisti mihi.* Vós Senhor (diz David) não quizestes oblações, nem sacrificios; mas aperfeiçoastes-me os ouvidos. Quando Deos em frase da

Pſalm.
39.7.

Escritura diz, que quer hũa cousa, & não quer outra, não quer dizer, que não quer totalmente esta segunda, senão, que antes quer, & mais quer a primeira. Assim diz: *Miſericordiam volo, & non ſacrificium:* não porque Deos não queira o sacrificio; mas porque quer mais que o sacrificio a misericordia. E do mesmo modo se ha de entender a sentença proposta de David: *Sacrificium, & oblationem noluiſti, aures autem perfecisti mihi.* Quer dizer: Vós, Senhor, mais quizestes a perfeição dos meus ouvidos, que a oblação dos vossos sacrificios. De sorte, q̃ sêdo o Sacrificio, & Sacramêto do Altar a mayor cousa, q̃ Deos pôde receber de nós, em quãto Sacrificio, & a mayor q̃ nós podemos receber de Deos, em quãto Sacramêto, diz cõ tudo Deos, q̃ mais quer os nossos ouvidos, & q̃ por isso no los aperfeiçoa: *Aures autem perfecisti mihi.* Vede, se tive eu fundamêto para dizer, q̃ mais quer Christo de nós o ser ouvido, que o ser cômungado. Mas qual he, ou pôde ser a razão? Commun-

gar

gar a Christo, he receber o q̃ Christo he; ouvir a Christo, he perceber o que Christo diz. Como póde logo ser melhor ouvir o que diz, que receber o que he? A instancia he forte; mas a soluçãõ facil, & verdadeira está nas mesmas palavras: *Aures autem perfecisti mihi*. Ha ouvir com ouvidos perfectos, & ouvir com ouvidos imperfectos: ouvir com ouvidos imperfectos, he ouvir sómente sem obrar; ouvir com ouvidos perfectos, he ouvir, & effectuar o que se ouve. E quando se ouve desta maneira, melhor he ouvir a Christo, que commungar, & receber a Christo. O mesmo Christo o disse. A moher do Evangelho louvou a Senhora por trazer dentro em sy a Christo: *Beatus venter qui te portavit*: & o Senhor replicou, dizendo: *Quinimò beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*: Que melhor era ouvir a palavra de Deos, & guardala. Logo melhor he ouvir a Christo, guardando o q̃ diz, q̃ cõmungar a Christo, recebendo em sy o que elle he.

Tom.5.

126. E daqui ficaõ convencidos, todos os que rezão o Rosario, quanto mais util, & importante lhe he rezalo pelos ouvidos. Que comparaçãõ tem o Rosario sómente rezado com a boca, com o mesmo Christo, & todo Christo, não só tomado na boca, mas passado ao peito, & recebido, & entranhado dentro em nós? Pois se Christo no Sacramento antes quer ser ouvido, que cõmungado, como não quere rá, & estimará, mais no Rosario o ser ouvido, que ouvi-lo rezar? E se a razãõ desta differença he ter mais efficacia Christo ouvido para penetrar, & accender nossos coraçõs: que coraçãõ haverá tão frio, tão duro, tão cego, que não queira receber pelos ouvidos este divino incendio? O que importa logo a todos os que rezão o Rosario, he applicar os ouvidos meditando, & aperseçoalos executando o que ouvirem: *Aures autem perfecisti mihi*; porque deste modo se farão dignos de ouvir da boca de Christo: *Beati qui audiunt verbum Dei*.

H iij

Pa-

VII.

127. **P** Arceme , que supposta a evidencia destes tres motivos : da parte nossa, cujo proveito devemos procurar , tão util: da parte de Deos, a qué queremos agradar , tão conveniente; & da parte do mesmo Rosario , cuja devação professamos, tão necessario ; nenhum entendimento haverá, que se não deixe vencer, & nenhũa vontade, que não esteja afeiçoada ao inteiro, & perfeito exercicio do mesmo Rosario , não só rezando as Orações, mas meditando os mysterios ; nem só fallando vocalmente com Deos, mas ouvindo mentalmente o que elle nos diz.

128. Vindo pois á praxe desta grande obra (grande, mas nem por isso difficiltofa) quem melhor, & mais claramente a praticou, foy o Profeta Habacuc, o qual no Capitulo segundo , & no Texto original diz desta maneira : *Super speculam meam stabo, & figam gradum super gyrum , & contemplabor , ut videam quid dicatur mihi , &*

Habac.
2. 1.

quid respondeam ad arguentem me. Subirey (diz o Profeta) á minha atalaya : assim chama ao lugar da Oração; porque ella he alta , & esta vida milicia : & como da vigilancia da sentinella depende a segurança da Cidade, sem Oração, & vigilante Oração, não está a Alma segura : *Super speculam meam stabo.* A palavra *Speculam*, donde tomou o nome a especulação, declara o genero da Oração, de que falla ; & que não falla da Oração Vocal , senão da Mental , cujo officio he especular, considerar, meditar. Suppoem que esta atalaya da Oração, a que sobe, he formada em hum circulo (como se tratára propriamente do Rosario) & diz , que não ha de rodear , & correr o circulo, senão parar , & fixar o pé nelle : *Figam gradum super gyrum* ; porque os que rézaõ só vocalmente , vão dando volta ao circulo do Rosario sem parar ; porém os que meditaõ , & especulaõ, páraõ com a consideração a cada mysterio. Assim parado pois, diz que ha de cõtemplar, *Contemplabor* : &

& q̃ o fim de toda a sua cõ-
templaçãõ serà ouvir o que
Deos lhe falla: *Ut videam
quid loquatur mihi*: & saber
o que ha de responder,quã-
do o mesmo Deos o arguir:
*Et quid respondeam ad arguẽ-
tem me.*

129. Isto he o que diz,
& o que fazia o Profeta, &
isto o que, sem dizer, nem
fallar, ha de fazer quem me-
dita os mysterios do Rosa-
rio. Parar a cada hum, me-
ditando-o, & ouvir o q̃ Deos
lhe diz, & o que lhe argue:
Quid loquatur mihi: & ar-
guentem me. Ponhamos o exẽ-
plo desta praxe nos primei-
ros mysterios. No mysterio
da Encarnaçãõ dizme Deos,
que se fez homem por amor
de mim, & para me fazer fi-
lho de Deos. E de que me
argue? De que fazendo por
mim, o que não fez pelos
Anjos, & devendo eu como
filho de Deos, viver hũa vi-
da divina, nem vivo como
filho de Deos, nem vivo co-
mo Anjo, nem vivo como
homem, senão tal vez como
bruto. No mysterio da Visi-
taçãõ o que me diz, he que
no mesmo instante, em que

se vio feito homem, partici-
pando ás montanhas a santifi-
car o Bautista, & livralo do
peccado original. E de que
me argue? De que indo elle
antes de nascer a tirar do pec-
cado hum homem, que ain-
da não era nascido; cu tẽ-
nha tão pouco horror ao
peccado, não alheio, senão
proprio; não original, senão
actual; & o que he peor ain-
da, habitual: que me dei-
xe estar, & continuar nelle,
sem temor, sem cuidado,
sem pena; antes alegre, &
contente, como se alegrou o
Bautista. No mysterio do
Nascimento o que me diz,
he que nasceo em hum por-
tal por não ter casa, & esteve
reclinado em hũa manged-
oura por não ter berço. E
de que me argue? De que eu
me não contente com a cõ-
modidade natural, & com o
necessario para a vida, senão
com a superfluidade, com o
luxo, com os excessos, es-
quecido de que nasci para a
Alma morar no Ceo, & o
corpo na sepultura: não fal-
lando na ambiçãõ dos que
edificaõ palacios soberbos,
nem na enveja dos que os não

podem edificar. No mysterio da Presença no Templo diz-me que obedecio á Ley sem ser obrigado a ella, & que aos quarenta dias de nascido se consagrou todo a Deos. E de que me argue? De que comparados aquellos quarenta dias com os meus quarenta annos, & cô os meus cincoenta, & ainda mais, eu me lembre tão pouco do que prometti quando me disserão: *Ingrederi in Sanctam Ecclesiam*: & que havendo renunciado a Satanas, & a todas suas pompas, essas faço as que mais professo: não se sabendo em que ley vivo, ou se tenho algũa ley, & se o Templo, & Altar que adoro, he o de Deos, ou do idolo. No mysterio emfim do Menino bem perdido, & melhor achado, o que me diz, he que deixou sua propria Mãe (& tal Mãe) por tratar só de Deos, & defender sua causa. E de que me argue? De que quem o perdeu sem culpa, o buscasse com tanta dor, & que não tenha eu dor de o ter perdido tantas vezes, & por tão graves culpas, & tão repeti-

das: que o perca por muito meu gosto, & podendo-o achar tão facilmente, o não busque: & sobre tudo, que ame tanto minha propria perdição, que buscandome elle por tantas vias, eu me não deixe achar.

130. E se tão sentidamente falla, & tão penetrantemente argue a infancia de hum Deos menino, que só neste ultimo mysterio fallou, & nos primeiros ainda não tinha lingua para fallar, que será nos outros mysterios, em que bradão as prições, os açoutes, os espinhos, os cravos, a Cruz, o sangue! E que vozes levantarão até o Ceo as chagas conservadas no Corpo glorioso, & levadas ao Empyreio, para de lá tornarem a apparecer no dia do Juizo? O pasmo q̃ todas estas cousas causão em quem profundamente as medita, & o horror com que estes espantosos brados se sentem tinir nos ouvidos: *Ut tinniant aures ejus*: só o mesmo Profeta o soube declarar dignamente, & o faz no Capitulo seguinte.

labac.
XX.

131. A este capitulo, q he singularmente notavel, (& para que todos o notassem) com estilo nunca usado, nem do mesmo, nem de outro Profeta, poz elle por titulo, *Oratio*, Oração: & diz assim: *Domine audiui auditionem tuam. & timui: consideravi opera tua, & expavi.* Senhor, eu ouvi a vossa audição (digamolo assim, pois a nossa lingua não tem outra palavra com que explicar a do Profeta) Senhor, eu ouvi a vossa audição, & temi: cõfideray as vossas obras, & fiquey mudo de pavor, & de pasmo. Elle pasmou, & o Texto de todo o capitulo he muito para nós pasmar-mos. Primeiramente se o Profeta lhe tinha posto por titulo Oração, porque não diz, que Deos o ouviu a elle, senão q elle ouviu a Deos? Porque não diz: Senhor, vós ouvistes a minha Oração, senão: Senhor, eu ouvi a vossa audição: *Audiui auditionem tuam*? Aqui vereis, como o mesmo Profeta, que pouco antes disse que contemplava, o seu modo de orar era pelos ouvidos. Orava sy, mas

naõ fallava: Deos era o que fallava, & elle sómente ouvia: & por isso a sua Oração era audição: *Audiui auditionem tuam, & timui.*

132. Mas se o seu temor, & o seu horror era causado do que ouvia a Deos; & o q Deos lhe dizia, era tirado do que elle meditava, & o que meditava, eraõ as obras de Deos: *Consideravi opera tua, & expavi*: que obras eraõ estas tão temerosas, & espantosas, que o assombravaõ, & enchiaõ de horror? Por ventura criar o Ceo, & a terra, & tudo quanto nella vemos, cõ hũa palavra: & lançar do Paraíso ao primeiro homem, & todos seus descendentes pelo fruto só de hũa maçãa? Por ventura alagar o mesmo mundo com o diluvio universal, matando tudo quanto nelle vivia, & salvaõ todo dentro em hũa arca? Por ventura abrir o mar vermelho com o golpe de hũa vara, para que o seu Povo o passasse a pé enxuto, & afoagar nelle todo o poder dos exercitos de Faraõ, & seus carros? Nenhũa destas cousas, nem infinitas cousas que Deos

Deos. obrou do mesmo genero, eraõ as que assombráraõ o Profeta. Pois quaes eraõ? Se elle o não dissiera, ninguém o podéra entender, nem ainda imaginar. Eraõ sómente. as obras de Deos, de que se compoem o Rosario, & meditamos nos seus mysterios.

133. Eraõ os mysterios da Encarnação, em que Deos para reparar o homem, não só se fez homem, mas menino, & criança, que foy infinitamente mais que criar cõ hũa palavra o mundo: *In medio annorum notum facies: in medio duorum animalium cognosceris.* Deos nascido, & reclinado nas palhas em meyo de dous animaes, & ahi reconhecido de Anjos, de Pastores, de Reys. Eraõ os mysterios da Payxão, & da Cruz, em que destruhio o peccado, a morte, & o Demonio; & salvou o genero humano: que foy mais que afogar o mundo com o diluvio, & salválo em hũa arca: *Cornua in manibus ejus, ibi abscondita est fortitudo ejus. Ante faciem ejus ibit mors, & egredietur Diabolus ante pe-*

Habac.
3.1.
LXX.

Ibidem
4.5.

des ejus. Deos com os braços pregados em hum madeiro, mas alli com a morte, & o Demonio maniatados, & postrados a seus pés. Eraõ os mysterios da Resurreição, em que, como Deos, sahio da sepultura vivo, immortal, & glorioso, & como triunfador do inferno, rico de despojos: que foy muito mais q abrir o mar vermelho, sepultar nelle os carros de Faraõ, & levar tantos milhares de cativos libertados no seu triunfo: *Suscitans suscitabis arcum tuum, juramenta tribus que locutus es: ascendens super equos tuos, & quadrigæ tue salvatio.* Deos resuscitando a sua humanidade, que foy o arco com que pelejou, & resuscitando-a como tinha promettido aos mesmos Tribus que o crucificáraõ, & trazendo apoz sy em carroças triunfaes os que tinha libertado dos carcereos do Limbo.

134. Estas eraõ as obras mais maravilhosas de Deos, estes os mysterios do mesmo Deos feito homem gozosos, dolorosos, & gloriosos, que o Profeta contemplava,

plava, & meditava, pasmado, & mudo : estas erão as vozes que ouvia, nascidas da consideração dos mesmos mysterios (que são todos os do Rosario) & a este modo de meditar, & ouvir, chamou elle por excellencia Oração, *Oratio*; porque o mais excellente modo de orar não he vocalmente, & com a boca, senão mentalmente, & pelos ouvidos : *Audivi auditionem tuam.*

VIII.

135. **A**gora parece q se seguia exortar a esta mesma praxe de rezar o Rosario não só rezando, senão meditando, & ouvindo. Mas porque eu não quero desacreditar, nem a devação, nem o juízo dos que atégora o não exercitáráo assim, os quaes supponho persuadidos; sómente satisfarey a duas difficuldades (quando não sejam tentações do Demonio) que são as que só se pôdem offerecer para impedir tão santo, & tão importante exercicio. Quem as

aponta não he menos que o Espirito Santo por boca do mesmo Profeta que acabamos de allegar, & no mesmo capitulo. Já disse que este capitulo tinha por titulo; *Oratio*, Oração. E diz mais alguma cousa? Duas, & ambas notaveis. Húa no Texto Latino: *Oratio pro ignorantibus*: Oração para as ignorácias: & outra no Texto Hebreo: *Oratio pro occupationibus*: Oração para as occupaçoës. Pois esta Oração em que se reza o Rosario pelos ouvidos, & este titulo extraordinario que lhe poz em cima o Profeta, só traz o sobrescrito para as ignorácias, & para as occupaçoës, & só para ellas foy particularmente composto? Sy. Porque estas são as duas escuzas, porque os mysterios do Rosario se não meditão. Huns dizem, que não meditão, porque não sabem meditar: *Pro ignorantibus*: outros dizem que não meditão, porque tem muitas occupaçoës, & não pôdem: *Pro occupationibus*: & eu não quero outra pegorção, senão mostrar a estes ignorantes, & a estes

eltes occupados, que huns, & outros se enganão, & se mentem a sy mesmos.

136. Enganaõse os que dizem que não meditão, porque não sabem: *Pro ignorantijs*; & he engano, ou illusão manifesta. Meditar não he outra cousa que cuidar hum homem no que lhe importa, ou dezeja, & nenhum ha que não medite. O pleiteante medita na sua demanda, o requerente medita no seu despacho, o mercador medita nos seus commercios, o estudante medita nos seus estudos, o pay de familias medita no sustento de sua casa, o official, o marinheiro, o lavrador, o soldado, todos meditão. De sorte, que para meditar não he necessario ser Anacoreta, nem Santo. Os muito viciosos tambem meditão nos seus mesmos vicios: os vãos meditão na vaidade: *Meditati sunt inania*: os falsos meditão nos enganos: *Dolos tota die meditabantur*: o inimigo medita nos odios: *Meditatur discordias*: o ladrão medita nos roubos: *Rapinas meditatur*: & todo o mau de qualquer

genero medita na sua maldade: *Iniquitatem meditatus est in cubili suo*. Tão facil como isto he meditar os mysterios do Rosario. Cuiday, & consideray nelles, & meditastes. Nem importa, ou faz differença que aquelles mysterios sejam obras, & acções de Christo, & não vossas; porque todas as fez nossas o seu amor: & quando fossem alheas, nem por isso difficultarião a meditação. Não discordeis vós, & ajuizais sobre as acções do Rey, do General, do Prelado, do Ministro, do Prégador, & sobre todas quantas vedes no vosso visinho? Pois olhay do mesmo modo para as acções de Christo, consideray com attençaõ quem he, o que faz, o que diz, o que padece, & por amor de quem: & os sentimentos, & affectos que esta mesma consideração vos excitar no entendimento, ou na vontade, estas são as vozes interiores com q̃ Deos vos falla, & se vós as ouvis, como deveis, fizestes hũa perfeita meditação.

137. Assim que não só he engano dizerdes que não fa-
beis

Psal.
2. 1.

Psal.
37. 13.

Prov.
17. 19.

Prov.
24. 2.

beis meditar, mas antes vos digo, que muitas vezes meditais sem o saber. Dizey-me: quando pelo Natal visitais hum Presépio, não vos entenece aquella pobreza, aquella humildade, aquelle desemparo? Quando pela Quaresma vedes hũa procissão dos Passos, aquella temerosa, & lastimosa figura de Christo com a Cruz ás costas, não vos move a piedade, & compunção? E quando no dia da Ascensão assistis á hora, a subida daquelle Senhor ao Ceo não vos faz faudades, & desejos de outra hora, em que vades tambem estar com elle? Pois tudo isto he meditar, & em todas as tres differenças dos mysterios do Rosário. Mas succedevos o mesmo que a Samuel nos seus principios. Tres vezes fallou Deos a Samuel chamando-o por seu nome, & elle cuidou, que era Heli, & não Deos; porque ainda lhe não conhecia a fallar, diz o Texto Sagrado. *Porrò Samuel nec dum sciebat Dominum, neque revelatus fuerat ei sermo Domini.* Assim vos falla Deos, & o ou-

vis, & meditando cuidais q não sabeis meditar, porque tendes merido no conceito que a meditação, & a Oração Mental he hũa cousa muito difficultosa. Fazey isto mesmo sempre, & com mais vagar, & mayor attenção em todos os mysterios, & quando tomares o Rosário na mão, dizey somente a Deos o que Heli ensinou a Samuel, que disseste: *Loquere Domine, quia audit servus tuus.* Fallay Senhor, porque vosso servo ouve.

Ibidem
10.

138. A escuza das occupaões: *Pro occupationibus*: ainda tem menos fundamento, & de que se ha de dar mais estreita conta a Deos. Lembrame a este proposito, que no dia da famosa batalha de Viremberga, em que perdeu a liberdade, & o vaõ nome de Emperadór o Eleytor de Saxonia, tendo durado o conflicto nove horas, correo fama que o Sol estivera parado por algum espaço: & perguntando El-Rey de França ao Duque de Alva, que fora o General do exercito Cesareo, se era verdade o que se dizia do Sol,

Sol, respondeo: Sire, eu nesse dia tive tanto que fazer na terra, que me não ficou lugar de olhar para o Ceo. Assim o cuidaõ (posto que o não digaõ tão discretamente) os que se escuzaõ de não meditar por muito occupados. E certo que as occupaçoẽs que impedem o olhar para o Ceo, não devem de ser muito accommodadas para ir ao Ceo. A Josué que governou mayores exercitos que quem isto disse, & que ganhou mais vitorias que seu amo Carlos, & de quem se não duvida que fez parar o Sol; o que Deos lhe encõmendou sobre tudo, foy que de dia, & de noite meditasse na sua Ley: *Non recedat volumen legis hujus ab ore tuo, sed meditaberis in eo diebus, ac noctibus.* E a razã que o mesmo Deos lhe deu, he muito para ser advertida dos que tem grandes occupaçoẽs: *Ut intelligas cuncta quæ agis:* para que entendas tudo o q̃ ouveres de fazer. Por isso não he de maravilhar que se vejaõ tâtas cousas feitas sem entendimento, & contra todo o entendimento, pois os

que se occupaõ, ou saõ occupados nellas, não meditaõ no que devem. E se Josué q̃ conquistou trinta & tres Reynos na terra de Promissaõ, & a repartio a seiscentas mil familias dos doze Tribus, no meyo de tantas, & tão graves occupaçoẽs militares, politicas, & economicas tinha tempo de dia, & tempo de noite para meditar, bem se deixa ver quaõ falso, & quaõ affectado he o pretexto dos que se escuzaõ da meditaçaõ com a occupaçaõ.

139. Examinemse as occupaçoẽs dos mais occupados, & acharse ha que deixaõ tempo para o jogo, & tempo para a comedia, & tempo para a conversaçaõ, & tempo para outros divertimentos, que levaõ mais o cuidado, & só para a meditaçaõ dos mysterios, & da vida do Filho de Deos, & de sua Mãy com que reformar a nossa, não deixaõ tempo. Se no meyo das mayores occupaçoẽs sobrevem a doença, não se trata da cura? Se no meyo das mayores occupaçoẽs bate o inimigo ás portas,

Josue
1.8.

Ibidem
7.

portas, não se tomaão as armas? Sendo pois a meditação o remedio mais efficaz de todas as enfermidades do espirito, & a arma mais de prova contra todos os combates com que nos faz guerra o Demonio; quem será taõ inimigo de sy mesmo, q̃ deixe a meditação pela occupação? A hora de comer, & as horas de dormir, nenhũa occupação as impede; & qual he o sustento, & sono da Alma, senão a meditação interior, & quieta das cousas divinas? Nas mesmas occupações temporaes, se cõcorrem muitas juntas, não se deixaão as que menos importaõ, para acudir á de mayor importancia? Porque haõ logo de impedir as occupações do mundo a que não importa menos que a propria salvação? Será bem, diz Tertuliano, que viva só para os outros, quem ha de morrer para sy? *Nemo alijs nascitur moriturus sibi.* A mayor occupação que ha, nem pôde haver no mundo, he a do Pastor universal de toda a Igreja. E vede o que escreve S. Bernardo ao Papa

Eugenio nos livros da confideração: *En quo trahere te habent occupationes istae maledictæ, si tamen pergis ita dare te totum illis, nihil tui tibi relinquens.* Se Vossa Santidade

*Bern.
lib. 1. de
confid.
ad Eugen.*

continúa a se dar todo ás occupações, sem deixar nada de sy para sy, essas malditas occupações o levarão aonde vaõ os malditos. E se este nome merecem as occupações do governo Ecclesiastico, santo, & santissimo, quando por demasiada applicação a ellas chegaõ a impedir a meditação, & consideração do que toca á Alma propria, escuzayvos lá de meditar com as vossas occupações em tudo temporaes, & do mundo?

140. Supposto pois que nem a occupação, nem a ignorancia pôdem servir de escuza para não meditar; importa que todos os devotos do Rosário se occupem, & empreguem na meditação, & consideração de seus soberanos mysterios, & que em tudo sigão o exemplo, & praxe do Profeta, que dizia: *Contemplabor ut videam quid dicatur mihi: Meditarey, &*

*Habac.
2.º*

con-

contemplarey para ver, & ouvir com evidencia o que Deos me diz. E para que ninguém cuide, que só com rezar as orações, satisfaz á obrigação do Rosario, oução todos o que na mesma Missa agora instituida para a solemnidade propria do Rosario diz, & pede a Deos a Igreja. Na primeira Oração publica diz assi : *Ita ipsius Rosarii sacra mysteria contēplemur in terris, ut post huius vitæ cursum eorū fructus percipere mereamur.* E na ultima tambem publica : *Concede per hæc sancta Rosarii Genetricis tuæ mysteria, ut continuè eadem contemplantes, perpetuè nobis fiant causa letitiæ.* E na Oração secreta : *Sanctissime Matris tuæ Rosarii solemnia recolentes, interiori Spiritus Sancti invocatione sanctifica.* De sorte, que em toda a Missa do Rosario, não fazendo meção algũa a Igreja das orações vocaes, & exteriores, só pede graça, & favor a Deos para a meditação interior, & contemplação dos mysterios : *Mysteria contēplemur : mysteria contemplantes : interiori Spiritus*

Sancti invocatione sanctifica. Porque na meditação, confideração, & contemplação dos mysterios do Rosario consiste a parte principal, sustancial, & essencial desta soberana devação : & esta parte mental, & interior he a que dá vigor, & efficacia á parte exterior, & vocal, como a Alma ao corpo. A razão he ; porque Deos não costuma ouvir senão a quem o ouve. Assim o mostrou o milagroso crucifixo que despregando as mãos, tapou os ouvidos, dizendo ao que lhe pedia perdaõ, & não tinha perdoado : *Non audiam te, quia non audisti me.* E como nós na parte mental meditando, ouvimos a Deos, tambem Deos nos ouve a nós na vocal. Tanto depende a impetração das Orações do Rosario da meditação dos mysterios, ou tanto depende o Rosario rezado pela boca, do Rosario rezado pelos ouvidos.

IX.

141.

O Que só resta, he que abramos

os

os ouvidos, & os applique-
mos com grande attenção, &
devação ao que Christo Se-
nhor nosso nos diz em to-
dos os quinze mysterios do
Rosario, que são os princi-
paes passos de sua Vida,
Morte, & Ressurreição glo-
riosa. E posto que em algũs
delles, assim antes, como de-
pois de nascido, parece que
o Senhor está mudo, & não
falla, todos os mesmos pas-
sos fallaõ, & todos tem voz,
& nos dão vozes. Depois de
peccarem os primeiros Pays,
diz o Texto Sagrado, que
ouviraõ a voz de Deos que
pasleava pelo Paraíso: *Cum*
38. *audissent vocem Dei deambu-*
lantis in Paradiso: qual fosse
esta voz, não o declara o
Texto: mas a exposição mais
literal he que era o som dos
mesmos passos com que o
Senhor em figura humana
vinha buscar o homem per-
dido: esta foy a voz que el-
les ouviraõ, & os obrigou a
se esconderem. Em nenhum
passo esteve Christo mais
mudo, q̃ no do Nascimento,
& por isso os Anjos disseraõ
aos Pastores, que achariaõ no
Presépio hum menino, que

Tom.5.

naõ fallava: *Invenietis infan-*
tem. Mas neste mesmo passo, ^{Luc. 2.}
ou mysterio do Rosario, ve-
de como o infante que naõ
fallava, fallou, & de quanta
importancia foy o que disse.

142. Offerecêraõ os Reys
os tres diferentes doês, em
que eraõ significados os
mysterios do Rosario, no Ou-
ro os gozosos na Mirra os
dolorosos, no Incenso os glo-
riosos. E que he o que ouvî-
raõ, & a quem? *Responso ac-*
cepto in somnis, ne redirent ad ^{Matth. 2.}
^{12.}

Herodem; per aliam viam re-
versi sunt in Regionem suam.

A quem ouviraõ (como no-
ta S. Jeronymo) foy ao mes-
mo Christo, que mudo no
exterior, lhes fallou interior-
mente aos ouvidos da Alma,
& por isso, *In somnis*, na ma-
yor abstracção, & silencio de
todos os sentidos do corpo.
E o que ouviraõ foy que
naõ tornassem a Herodes, de
cuja tyrania se podiaõ justa-
mente temer, & que por ou-
tro caminho. voltaassem se-
guros para a sua Patria, como
fizeraõ: *Per aliam viam re-*
versi sunt in Regionem suam.
Isto he o que ouviraõ na
meditação de hum só myste-

rio do Rosario aquelles tres
Reys sabios. E digo na me-
ditação; porque não lemos
no Evangelho, que fallassem
alli vocalmente hũa só pa-
lavra, & só lemos as que ou-
viraõ. Ouviraõ o que lhe im-
portava á vida, & ouviraõ o
que lhe importava á Alma.
Vieraõ Gentios, adoráraõ
Fieis, & tornáraõ Santos. Oh
quantas vezes tem obrado a
meditação do Rosario esta
mesma maravilha! Quantos
que andavaõ muito desvia-
dos do caminho do Ceo, que
he a nossa Patria, depois que
meditáraõ aquelles sagrados
mysterios, conhecêraõ a dif-
ferença, & erro de seus cami-
nhos, & tomáraõ a verdadei-
ra estrada da salvação! O
fim para q̃ o Filho de Deos

veyo ao mundo, foy para
nos ensinar o caminho do
Ceo: & isto he o que nos
ensinaõ todos os passos de
sua vida. Não ouçamos as
vozes destes passos de Deos
para fugir, & nos esconder,
como fez Adão, que por is-
so perdeo o Paraíso. Ouça-
molas para imitar, & seguir
os mesmos passos, & emen-
dar os nossos, como fazia
David: *Cogitavi vias meas,*
& converti pedes meos in tes-
timonia tua: porque este he
só o caminho certo, & segu-
ro por onde se consegue a
bemaventurança, que o mes-
mo Senhor só promette aos
que ouvem, & observaõ suas
palavras: *Beati qui audiunt*
verbum Dei, & custodiunt
illud.



SERMAM IV.

*Extollens vocem quadam mulier de turba,
dixit illi : Beatus venter qui te portavit,
& ubera qua suxisti. Luc II.*

I.

43. **N**ÃO basta que as
coufas que se di-
zem sejaõ gran-
des; se quem as
diz não he grande. Por isso
os dittos que allegamos se
chamaõ authoridades, por-
que o Autor he o que lhe dá
o credito, & lhe concilia o
respeito. As proposições fi-
losoficas para serem Axio-
mas, haõ de ser de Aristote-
les: as Medicas para serem
Aforismos, haõ de ser de
Hypocrates: as Geometricas
para serem Theoremas haõ
de ser de Euclides. Tanto
depende o que se diz da au-
thoridade de quem o diz.

Dizerse que a pintura he de
Apelles, ou a estatua de Fi-
dias, basta para q̃ a estatua se-
ja immortal, & a pintura não
tenha preço. Mas esse valor,
& essa immortalidade a qué
se deve? Mais aõ nome que
aõ pincel de Apelles; mais á
fama, que á lima de Fidias.
E o mesmo que succede ao
pincel, & á lima, he o que
exprimentaõ igualmente a
voz, & a penna. Se o que diz
he Demostenes, tudo he
eloquencia: se o que escreve
he Tacito, tudo he politica:
se o que discorre he Seneca,
tudo he sentença. Tal vez
acertou a dizer o rustico, o
que tinha ditto Salamaõ;
mas no rustico não merece

I ij ouvi-

ouvidos, em Salamaõ he oraculo. De forte, como dizia, que não basta que as cousas que se dizem sejaõ grandes, se quem as diz he pequeno. Ellas haõ de ser grandes, & o Autor tambem grande. E isto he o que temos no Evãgelho com hũa, & outra differença, ambas notaveis.

144. O mais alto pregação com que se publicáraõ já mais os louvores de Christo, & sua Mãy, foy aquella animosa sentença: *Beatus venter quite portavit, & ubera que suxisti*. E he cousa digna de admiração o muito caso, & o pouco caso que entaõ, & depois, se fez destas mesmas palavras. Ouviraõ-nas os Escribas, & Fariseos, de quem o Senhor estava cercado: & nem como emulos se indignáraõ, nem como inimigos as reprehenderaõ, nem como zeladores da ley as castigáraõ. Pois assim se sofre ás portas de Jerusalem, & diante dos mesmos ministros Ecclesiasticos, que hũa molherzinha canonize publicamente hum homem, & hum homem criminado naquella mesma ac-

ção, de que tinha trato com o Demonio? Sim: & por isso mesmo. Porque era hũa molherzinha sem nome a que isto disse: *Mulier quædam*. Se fora Nicodemus, ou Gamaliel o que dissesse o mesmo, ou muito menos, entaõ se puxaria logo pela propozição: mas como a proferente era hum fogeito taõ humilde, nenhum caso se fez daquella voz. Quanto a voz se levantou no que disse, taõ se abateo na boca de quem o disse. Era muito pequena boca para palavras taõ grandes.

145. Pelo contrario fez tanto caso dellas o Evangelista S. Lucas, que não só as notou, & escreveo com as mesmas clausulas, mas como parte gloriosa do seu Evangelho as consagrou á eternidade nelle: E a Igreja Catholica as celebra com tanto applauso, que com ellas não hũa só vez, senaõ repetidamente nas mayores solennidades da Mãy de Deos nos ensina a levatar do mesmo modo a voz, & cantar ao mesmo compasso o infavel de seus louvores. Mais fez

fez a Igreja. Porque comen-
tando, & declarando o mes-
mo Texto, o torna a cantar,
& inculcar comentado : &
seguindo com o seu contra-
ponto os assentos da mesma
voz, entoa em outra mais al-
ta : *Beata viscera Mariæ Vir-
ginis, quæ portaverunt æter-
ni Patris Filium , & beata
nbera quæ lactaverunt Chris-
tum Dominum.* Pois se estas
palavras foraõ dittas por
hũa mulher sem nome , ou
com o nome só de mulher,
que ainda he menos : *Mulier
quedam* : se o fogeito que
pronunciou tal sentença, era
taõ humilde, & rasteiro , &
de taõ pouca, ou nenhũa au-
thoridade ; como a Igreja,
Mestra da Fé, & da doutri-
na Christãa : como os Evan-
gelhos, que são os livros sa-
grados por onde ella nos en-
fina a mesma doutrina : co-
mo fazem tanto caso, & esti-
mação, & veneraõ , & reve-
renceaõ tanto este mesmo
ditto ? Porque nem o Evan-
gelista , nem a Igreja olhá-
raõ nelle para quem as disse.
Quem as pronunciou , foy
hũa mulher sem nome : quem
as ditou a essa mulher, & as

Tom. 5.

disse por sua boca , foy o Es-
pirito Santo. He o que ti-
nhã promettido Christo aos
defensores de sua Fé para
semelhantes conflictos : *Non enim vos estis qui loquimini ,
sed spiritus Patris vestri, qui
loquitur in vobis.* De manei-
ra , que na boca da mesma
mulher q levantou aquella
voz, a voz era hũa, & as fallas
eraõ duas : hũa que fallava
nella, que era a do Espirito
Santo, & outra com que el-
la fallava, que era a sua. A sua
de pouca, ou nenhũa autho-
ridade , & por isso despreza-
da dos ministros da Synago-
ga : a do Espirito Santo de
summa, & infinita authori-
dade, & por isso taõ estima-
da. & venerada dos Evange-
listas, & da Igreja. Assim q a
grandeza das cousas que se
dizem, ou cresce, ou dimi-
nue, segundo a dignidade de
quem as diz.

146. Isto supposto, qual
vos parece, Senhores, que se-
rá a dignidade do Rosario,
do qual atégora falley sem o
nomear ? Muitas vezes , &
por muitos modos tenho
mostrado nas orações de que
se compoem o Rosario, quam

grandes são as cousas que nellas se dizem. Hoje veremos que se são grandes pelo que dizem, ainda são mayores por quem as disse: & não mayores de qualquer modo, senão infinitamente mayores. Taõ grande, & taõ alto como isto he o assumpto: *Extollens vocem*. Para que a mesma Senhora do Rosario me ajude com sua graça ao saber declarar, digamos: *Ave Maria*.

II.

Salvian
lib. 1. ad
Eccles.

147. **S** Alviano, aquelle forte, & zelosissimo espirito taõ grande defensor da Christandade, como perseguidor dos abusos introduzidos nella, queixava-se em seu tempo, de que tinhaõ chegado a tal corrupção os juizos dos homẽs, ou que os homẽs de tal modo tinhaõ perdido o juizo, que na lição dos livros importantes á salvação, em vez de considerarem o que liaõ, sô consideravaõ cujo era o que liaõ: *Tam imbecilla sunt iudicia huius temporis, & penè jam nulla, ut hi, qui legunt,*

non tam considerent quid legant, sed cuius legant. E sendo a lição, & oração duas irmãs, & companheiras inseparaveis, a mayor queixa pelo contrario que eu tenho dos juizos do nosso tempo, he, que na eleição das orações com que se encomendão a Deos, não considerem, nem attendão a cujas são: & nas que ensinou, & ditou o mesmo Deos, não lhe valha o serem suas, para que as não deixem por outras. Este, he o abuso, ou ignorancia, que no presente discurso determino convencer. E se Deos me ajudar em hum ponto taõ importante, espero que do verdadeiro conhecimento d'elle resulte hoje hũa tal mudança nas devações, & orações que cada hum costuma rezar (não por obrigação, mas por eleição propria) que todas se troquem, & se convertão em Rosarios.

III.

148. **P** Ara, intelligencia desta verdade, & fundamento de tudo o que hey de dizer, se deve suppor

suppor como certo, & de Fé, que o Autor das orações de que se compoem o Rosario, he Deos. Deos he o Autor do Padre nōsso, & Deos o Autor da Ave Maria. E como a obra era tão grande (posto que aos ignorantes o não pareça) de tal maneira se empenhou nella todo Deos, que todas as Pessoas da Santissima Trindade a repartirão entre sy. A Pessoa do Filho fez inteiramente o Padre nōsso pronunciado por sua propria boca: a Pessoa do Padre começou a Ave Maria pronunciada por boca do Anjo, & a Pessoa do Espirito Santo a continuou por boca de Santa Isabel, & a acabou por boca da Igreja. Assim foy, & assim havia de fer, para que não fossem menos privilegiadas nesta parte as orações que se rezaõ no Rosario, que os mysterios q nelle se meditaõ. Os mysterios que se meditaõ no Rosario, todos pertencem á Vida, Morte, & Ressurreiçãõ de Christo: & com tudo os gozosos particularmente se attribuem ao Padre, que pela Encarnação nos deu a seu

Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret*: os dolorosos particularmente se attribue ao Filho, que pela Payxaõ nos deu seu sangue, & com elle nos remio: *Et tradidit semetipsum pro nobis*: & os gloriosos particularmente se attribuem ao Espirito Santo, que para nossa justificação se nos deu a sy mesmo, descendo do Ceo: *Spiritu Sancto misso de Celo*. E como em todas as obras da Providencia, & Sabedoria Divina, o que mais resplandece, & manifesta a soberania de seu Autor, he a admiravel proporção com que se correspondem; justo era, & não só conveniente, mas ainda necessario; que assim como toda a Trindade se tinha empenhadõ na parte mental do Rosario, assim se empregasse tambem toda na parte vocal.

149. Daqui se entenderão duas notaveis revelações, ou visões, hũa da mesma Santissima Trindade, outra de Christo, ambas a Santa Getrudes. Em dia da Assupção da Virgem Senhora

nossa foy levada ao Ceo S. Getrudes, para ver como lá se celebrava aquella grande solennidade : & que vio ? Vio que toda a Corte do Ceo, os Anjos, & os Santos, postrados diante do trono da sua Rainha, cantavaõ aquelle responsorio tirado das palavras do nosso Thema : *Beata es Virgo Maria, que omnium portasti creatorem* : & logo que toda a Santissima Trindade a tres vozes unidas em hũa, dizia á mesma Senhora : *Ave Maria gratia plena, Dominus tecum : Benedicta tu in mulieribus*. Póde haver, ou imaginar-se cousa mais digna de assombro, & pasmo ? Não póde. Mas assim se lê no livro quarto das revelações da mesma Santa, capitulo quarta & nove, para que ninguém duvide de tão irrefragavel testemunho. De sorte, que assim como a Santissima Trindade foy a Autora das orações do Rosario ; assim as repete no Ceo como obra sua, louvando Deos a sua Mãe hũa, & muitas vezes com ellas. E se me perguntais porque repetio a

Santissima Trindade estas palavras sómente, & não as demais ? A razão he muito clara ; porque as outras foram feitas sómente para nós, & não tem lugar em Deos. Havia de dizer a Santissima Trindade : *Ora pro nobis peccatoribus* ? Havia de dizer : *Dimitte nobis debita nostra* : Havia de dizer : *Panem nostrum quotidianum da nobis*, ou *Libera nos à malo* ? As palavras em que pedimos, são só para nós ; as que louvão a Virgem Senhora nossa, são para nós, & também para Deos, que como Filho louva a sua Mãe com ellas. E por isso deixou também as que pertencem ao mesmo Filho. Vede agora quanto se comprazera de q̃ nós o acompanhemos nos mesmos louvores, & que responda o coro dos devotos do Rosario ao que canta no Ceo a mesma Trindade.

150. A visão de Christo foy, que appareceo de gala com hum collar de pedras de inestimavel valor, dizendo que nunca já mais o apartaria do peito por ferprenda do amor de Getrudes :

Revel. S.
Getru-
dis lib. 4.
cap. 49.
& lib. x.
cap. 4.

des: *In signum amoris, quo spōsam meam Getrudem prosequor, continuò hoc monile gestabo.* E qual era o artificio deste collar? *Monile hoc erat triangulum instar trifolij*: era de forma triangular cōposto de Rosas de tres folhas. Não se poderá melhor pintar, ou entalhar o Rosário, nê escrever, ou esculpir melhor o nome de seu Autor. Era composto de Rosas de tres folhas engazadas, ou enca-deadas entre sy, porque o Rosário consta de tres partes, como de tres folhas, cada húa de diferentes pedras, & diferentes cores, correspondentes aos tres mysterios: os gozofos de esmeraldas, os dolorosos de rubis, os gloriosos de diamantes. E toda a fôrma era triangular: *Monile hoc erat triangulū*; porq̃ era obra, não de outro artifice, senão da mesma Trindade.

151. Notão todos os Theologos com S. Dionisio Areopagita, & Santo Agostinho, que assim como os famosos artifices em todas as suas obras escrevem o seu nome, assim Deos em todas as

suas imprimio o caracter da sua Trindade. Da mayor obra de Deos, que foy o cōposto ineffavel de Christo, diz S. Joáo que o mesmo Deos o sigillou com o seu caracter: *Hunc enim Pater signavit Deus.* E este caracter, como altamente notou S. Bernardo, he o Corpo, a Alma, & a Divindade do mesmo composto, com que Deos o fez trino, & uno:

Summa illa Trinitas hanc nobis exhibuit Trinitatem, opus singulare inter omnia, & super omnia opera sua: Verbum enim, Anima, & Caro in unam conveniunt Personam: & hæc tria unum, & hoc unum tria.

O mesmo caracter da Trindade imprimio Deos nos Anjos, distinguindo os em tres gerarchias, & cada gerarchia em tres chãos. O mesmo na Alma do homem com as tres potencias de Memoria, Entendimento, & Vontade; & por isso feito á sua imagem, & semelhança. O mesmo em todos os viventes do mundo, huns vegetativos, outros sensitivos, outros racionais. Finalmente a todas as criaturas, ou a todos os entes

(sem

Joan. 6.
27.

Bern.
serm. 5.
de vigilia na.
tiv.

(sem exceção de algum) marcou Deos com a mesma diviza nas tres propriedades universaes de *Unum, verum, bonum*; que são unidade, verdade, & bondade; respondendo, como diz Santo Agostinho, a unidade ao Padre, a verdade ao Filho, & a bondade ao Espirito Santo. E até na mesma bondade, ou no mesmo bem, que se divide em honesto, util, & delectavel, não faltou a expressão do mesmo carácter. E como a figura da Trindade he a firma, & sello real, com que Deos assinala por suas todas as suas obras; para que ninguém podesse pôr duvida a ser obra sua o collar do Rosário, com que Christo appareceo, & prometteo trazer sempre sobre o peito; por isso estava formado em figura triangular: *Monile hoc erat triangulum*. Em summa: que as Rosas que o compunhaõ, eraõ de tres folhas: *Instar trifolij*: para denotar o Rosário, & seus mysterios; & a fôrma era triangular, *Triangulum*; para declarar que o Autor da obra, como carácter particular de to-

das as suas, era a mesma Trindade.

IV.

152. **T**Endo pois o Rosário por Autor a Deos, & a todo Deos em todas as Pessoas Divinas, que o ditãrão; que devaçaõ, que fé, ou que entendimento Christão haverá de tão errado juizo, que anteponha quaesquer outras oraçoões ás do Rosário, por mais approvadas, & qualificadas q pareçaõ debayxo de qualquer outro nome? Os Autores de essoutras oraçoões todas, & todos (que a nenhuma exceptuo) não nego que seriaõ, & foraõ muito pios, & muito santos; mas que comparaçaõ tem, ou pôde ter o que elles ensinãrão com o que ensinou o mesmo Deos? Ouvi a mais admiravel cousa q disse Christo: *Mea doctrina non est mea, sed ejus qui misit me*: A minha doutrina não he minha, senão do Eterno Padre que me mandou ao mundo. Senhor, reparay no que dizeis: (& perdoayme) reparay no que dizeis, & a quem o dizeis. Aos homens que tanto crem,

crem, venerão, & adoraõ a vossa doutrina, dizeis vós que não he vossa? A vossa doutrina não he a mais alta, a mais pura, a mais verdadeira, a mais santa? Não a tendes confirmado, & confirmais cada dia com a fãude dos enfermos, com a falla dos mudos, com a vista dos cegos, com a resurreiçã dos mortos, com o terror, & obediencia dos Demonios, & infinitos outros milagres? Pois porque dizeis que essa doutrina tão qualificada não he vossa, senão do Padre: *Sed ejus qui misit me*? Porque Christo (responde mais literalmente que todos S. Cyrillo) naquelle tempo ainda não estava conhecido por Deos, senão por homem santo sómente: & por mais santos, por mais milagrosos, por mais canonizados que seião os homens, vay tanto do que elles ensinaõ ao que entina Deos, quanto vay de Deos aos mesmos homens. A authoridade dos homens por mayor que seja, sempre he humana, & limitada; a de Deos he divina, & de dignidade infinita: & porque esta

na opiniaõ do mundo ainda faltava á doutrina de Christo, por isso o Senhor a nega de sua, & diz que he do Padre: *Non est mea, sed ejus qui misit me*. Couza maravilhosa he, que para Christo acreditar a sua doutrina, diga que não he sua: sendo que bastava ser sua, ainda que não fora Deos, para exceder com dignidade incomparavel a de todos os homens, & de todos os Anjos. Mas a differença de ser ditada, & ensinada por Deos levantava á tal excesso de authoridade infinita essa mesma doutrina, que com tanto que fosse de Deos, ganhava infinito credito em não ser sua. Tanto importa á dignidade do que se diz ser Deos o que o diz.

153. E agora entendereis quanto he mais o que hoje digo, de quanto tenho ditto atégora. Tenho ditto que as oraçoés do Rosário, pelos louvores que nellas damos a Deos, & a sua Mãe, são as mais altas; tenho ditto, que pela exaltação, & gloria que nellas dezejamos ao mesmo Deos, são as mais santas: tenho

nho ditto, que pelos bens, ou temporaes, ou eternos, que nellas pedimos para nós, são as mais espirituaes, & mais puras: tenho ditto, que pelas extraordinarias, & portentosas merces sobre todas as Leys da Natureza, & da Graça, que por seu meyo alcançamos, são as mais milagrosas. Mas toda esta alteza, toda esta santidade, toda esta pureza, & perfeição, & todos estes effeitos tão prodigiosos, & estupendos, comparados com o Autor das mesmas orações, ou com as mesmas orações em quanto obra sua, são de tão inferior, & desigual dignidade, quanto vay do fera não ser, como *Doctrina mea non est mea*: & isto he o que hoje digo. Oh se os homens nestas mesmas palavras sacrosantas, q̃ tão indignamente trocã por outras, conhecessem o immenso da authoridade, & o infinito do valor que lhe acresce só pela divina origem de seu nascimento? Como he certo, que não só se arrependeriaõ da indignidade de tal eleição; mas infinitamente se envergonha-

riaõ de ter apparecido diante de Deos com outras petições, & lhe ter fallado com outra linguagem! Se todos os Profetas em seus oráculos para lhe conciliar authoridade lhe cortaõ o fio, & os interrompem a cada passo com repetir: *Dicit Dominus, dicit Dominus*: isto diz Deos, isto diz Deos: & se o mesmo Deos em quanto homem, & não conhecido por Deos, para credito de sua doutrina, dizia que não era sua, senão do Padre: *Non mea, sed ejus qui misit me*; que orações pôde haver ditas de qualquer outro entendimento, & debayxo de qualquer outro nome, que possaõ, não digo antepor-se, nem comparar-se, mas escrever-se, nem ouvir-se onde estáõ, & se pronunciaõ as do Rosario, feitas em cada hũa de suas partes por algũa Pessoa Divina, & em todas por toda a Trindade?

V.

154. **D**igo que nem escrever-se, nem ouvir-se, & vede se o provo.
Conta

Conta o Evangelista S. Lucas que saindo Christo hum dia da Oração, lhe pediraõ os Discipulos que os ensinasse a orar, dizendo : *Domine, doce nos orare, sicut docuit & Ioannes discipulos suos*: Senhor, ensinaynos a orar como tambem o Bautista ensinou a orar a seus discipulos. Satisfez o Divino Mestre a este piadoso dezejo, posto que parecia mais nascido da emulação das escolas, que de verdadeiro espirito de devação : & a Oração que lhes ensinou, foy o Padre nosso, acrescentando que o haviaõ de rezar não só hũa, senão muitas vezes. Mas o que na relação deste caso fez reparar muito, & com muita razão a Tertulliano, he que o mesmo S. Lucas, & tambem S. Mattheos escrevêraõ muito por extenso a Oração que ensinou Christo ; & nenhũ delles, nem algum outro Evangelista, ou memoria sagrada dá noticia de qual fosse a Oração, ou modo de orar, que o Bautista ensinava. Pois se a Oração do Bautista foy a que deu occasião aos Dis-

cipulos de Christo a que a allegassem a seu Mestre, & lhe pedissem outra semelhante postilla : & a Oração que Christo ensinou a referem os Evangelistas hũa, & outra vez tão acuradamente; & com todas as suas clausulas ; a do Bautista porque a callaõ, & passaõ totalmente em silencio? Para se conhecer a differença de hum, & outro modo de orar, era necessario que se escrevesse hũa, & outra Oração. Pois porque se escreve só a de Christo, & a do Bautista não? Porque a Oração de Christo era feita, & ensinada por Deos : & onde ha Oração feita por Deos, nenhũa outra he digna de se escrever, ainda que a fizesse hum Santo tão grande, como S. Joã Bautista. Altamente como sempre o mesmo Tertulliano : *Idèò nec extat in quæ verba docuerit Ioannes orare, quæ terrena cælestibus cesserint*? Sabeis porque se calla, & passa em silencio a Oração que ensinou o Bautista a seus discipulos, quando se escreve a que ensinou Christo aos seus? A razão he,

*Tertul.
lib. 6. de
Orat.
cap. x.*

he , porque a Oração de Christo era divina , a do Bautista humana: a de Christo era do Ceo, a do Bautista da terra; & era justo que a Oração da terra cedesse, & não tivesse lugar onde se escrevia a do Ceo: *Quòd terrena caelestibus cesserunt.*

155. Isto he o que responde aquelle grande Autor, & o prova com hũ Texto do mesmo Bautista: *Qui est de terra, de terra est, & de terra loquitur: qui de Caelo venit, super omnes est: & quod vidit, & audivit, hoc testatur.* Sentiaõ muito os discipulos do Bautista , que a fama de Christo crescesse, & a de seu Mestre diminuisse: & como lhe significassem este seu sentimento; que respondeo o grande Bautista? Naõ fora grande, senaõ respondêra ingenuamente o que era. Como Mestre q̃ estimava mais a verdade da doutrina, que a opiniaõ de quem a ensinava, respondeo: que elle era da terra, & fallava como quem era da terra: *Qui est de terra, de terra est, & de terra loquitur*: porẽm Christo q̃ yiera do Ceo, era sobre to-

dos , & por isso fallava do Ceo, como quem de lá viera: *Qui de Caelo venit, super omnes est, & quod vidit, & audivit, hoc testatur.* Logo justo he (conclue Tertulliano com o testemunho da mesma parte) que quando se escreve a Oração de Christo, que he do Ceo, se calle, & se sepulte em silencio a Oração do Bautista , que he da terra: *Nec extat in quæ verba docuerit Ioannes orare, quòd terrena caelestibus cesserunt.*

156. Eis aqui quanto excedem Padre nossos , & Ave Marias , & as Orações do Rosario a quaesquer outras Orações , & de quem quer que sejaõ. Quanto vay do Ceo á terra , & do celestial ao terreno. Mas porque naõ cuide alguẽ, que dissimulo a replica que pôde ter esta supposiçaõ ; eu mesmo quero instar contra ella. A Oração do Bautista era como de seu Autor , & o seu Autor era mandado do Ceo por Deos: *Fuit homo missus à Deo, cui nomen erat Ioannes*: logo a Oração do Bautista tambem era do Ceo, & tudo

tudo o que nella dizia , era celestial ? Assim he. Quanto dizia a Oração que ensinava o Bautista, qualquer que ella fosse, não ha duvida que era celestial, & santo. E com tudo o mesmo Bautista não fô diz que elle era da terra, senão que tambem era da terra quanto dizia: *Qui est de terra, de terra est, & de terra loquitur.* Pois se tudo o q ensinava o Bautista era celestial, & do Ceo, como afirma , & ensina elle mesmo que tudo era da terra ? Porque fallava de sy em comparação de Christo : & quanto dizem os filhos de Adão comparado com o que diz o Filho de Deos, por mais santo, & mais alto, & mais celestial que seja, tudo he terra, & da terra: *Qui de terra est, de terra loquitur.*

157. Sendo pois nesta comparação, o q ensinava a orar o Bautista, Oração da terra, & de terra; bem fizeram os Evangelistas em a sepultar, & lhe lançar terra em cima , para que não apparecesse , nem se lesse , quando escreviao a que ensinou Christo. E senão levantemos ao mes-

mo Bautista da terra, & ponhamolo no Ceo. Assim como o Bautista na terra era o Precursor de Christo , assim no Ceo era o luzeiro do Sol que sae diante delle. E assim como o luzeiro he mayor que todas as Estrellas, assim o Bautista he mayor que todos os nascidos. Mas assim como a luz do luzeiro em apparecendo a luz do Sol desaparece, & se esconde ; assim os Evangelistas esconderão a Oração do Bautista, & não quizerão que apparecesse, porque escreviao, & sahiao a luz com a Oração de Christo. E se á vista da Oração de Christo não tem lugar a do mayor de todos os Santos ; como o terão as de outros por pias , & devotas que sejam , em comparação das Orações do Rosario ditadas pelo mesmo Filho de Deos, & pelo Padre , & pelo Espirito Santo? Eu não condeno, nem posso condenar os que isto fazem ; mas não pôde deixar de me parecer melhor Christandade a que segue o exemplo dos Evangelistas.

158. **O**S Evangelistas julgárao que se não deviaõ escrever outras Orações: vejamos agora (como dizia) os que entenderaõ que senaõ devem ouvir. E de silencio a silencio este segundo por todas suas circumstancias he mais admiravel. Os Serafins que entre todas as Gerarchias, & cores dos Anjos excedem aos que mais sabem, & saõ os que mais amaõ, & tem o supremo lugar junto ao Throno da Magestade Divina, o que fazem continuamente, he estar louvando a Deos, cantando, & repetindo sem já mais cessar: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*. Assim os vio, & ouviu Isaías, assim Ezechiel, & assim S. Joaõ no seu Apocalypse; onde conta hũa cousa muito particular, & de não facil intelligencia. Diz que esta musica dos Serafins parou, & fez pausa, ficando todo o Ceo em silencio por espaço de meya hora: *Et factum est silentium in Cælo quasi media hora*: & que neste tempo appareceo hum Anjo, o

Isai. 6.3.

*Apoc.
8.1.*

qual trazia nas mãos hum turibulo de ouro, & lhe forraõ dados muitos incensos, para que das Orações dos Santos offercesse no Altar que está diante do Throno de Deos & assim se fez. *Et alius Angelus venit habens thuribulum aureum, & data sunt illi incensa multa, ut daret de orationibus Sanctorum omnium super altare aureum; quod est ante thronum Dei. Et ascendit fumus incensorum, &c.* Atéqui a visãõ, em que ha muito que reparar.

159. Primeiramente, porque cessãõ as musicas dos Serafins quando se offercem as Orações dos homens? Não se podiaõ ouvir hũas, em quanto se offerenciaõ as outras: principalmente offerendose em turibulo, & em exalações de fumo, & incenso? O que pede a Igreja por grande favor a Deos, he que as nossas Orações sejaõ admittidas entre as vozes dos Anjos: *Cum quibus & nostras voces, ut admitti jubeas, deprecamur*. Qual he logo a razãõ porque cessãõ as vozes dos Anjos quando as nossas Orações se offercem a Deos

a Deos? Respondem muitos Expositores, principalmente modernos, que são tão agradaveis a Deos as orações que os homens lhe fazem na terra, que para as ouvir só a ellas, manda callar a musica do Ceo. Boa resposta, & de grande consolação para os devotos; mas por ser muito geral, não satisfaz a todas as circumstancias do Texto. O Texto não falla geralmente de todas as orações, senão de algũs: isso quer dizer: *Ut daret de orationibus*. E se este favor, & privilegio se concede não a todas as orações, senão a algũas sòmente, que orações são estas? Digo que são as orações do Rosario, & o prôvo do mesmo Texto, & de suas circumstancias. Primeira, porque são orações multiplicadas, & da mesma especie: *Incensa multa*: o que só nas do Rosario se acha. Segunda, porque o silencio do Ceo foy de meya hora: *Silentium quasi media hora*: & esse he o tempo, que communmente se gasta no Rosario: donde se segue que senão pôde entender de ou-

Tom. 5.

tras orações mais dilatadas, nem das mais breves. Terceira, & mayor de todas, porque hum respeito, & reverencia tão notavel só a pôdem guardar os Serafins ás orações do Rosario, por serem feitas pela Santissima Trindade.

160. Tudo o que cantão os Serafins no Ceo, he em louvor unicamente da Santissima Trindade, que por isso sem mudar, ou alterar a letra, repetem sempre, & tres vezes: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*. Assim o confessão concordemente ambas as Igrejas, a Latina com Agostinho, & a Grega com Nazianzeno. Mas como as orações do Rosario são obra, & composição da mesma Trindade; com muita razão emudecem as vozes dos Anjos, quando no Ceo se ouvem as do Rosario: entendendo os Espiritos Seraficos, que muito mais louvaõ a mesma Trindade emudecendo, que cantando: porque? Porque o que dizem cantando, he seu; & o que ouvem emudecendo, he de Deos: & cõ o mesmo humilde, & reverente

D. Aug.
D. Greg.
Nazian.

rente silencio , assim como adoraõ a alteza infinita das palavras divinas, assim reconhecem a desigualdade das suas. E se quando se escrevem , ou se ouvem as vozes do Rosario : no Ceo emudecem as dos Serafins, & na terra as do Bautista ; a que outras orações não porão silencio estes dous tão notáveis silêncios? Se as outras orações de qualquer Espirito, & de qualquer Santidade que sejaõ, querem agradecer, & louvar a Deos, louvemno emudecendo, & convertendose em Rosarios.

161. Eu bem sey, que os que são affeiçãoõs a outras orações, ou cuidaõ que nellas mayor energia de palavras, ou mayor expressaõ de affectos, ou mayor empenho de offerecimentos, & finezas com Deos. Sendo mais ordinario, & mais certo nestas eleições que o appetite da novidade, o fastio de repetir muitas vezes o mesmo, & a imaginaçãõ de que fallando pouco, não podem dizer muito, he o que desfaffeioa do Rosario aos que querem ser, ou parecer

mais devotos. Mas com que se convence, & pôde emmedar este engano? Cõ o mesmo que temos ditto, & nada mais. Considerem que o Autor do Rosario he Deos, & logo conhecerãõ seu engano. Pergunto: sobre o que disse, & ensinou Deos, pôde alguém acrescentar, & dizer melhor? Claro está que não pôde. E porque razãõ? Hũa, & outra cousa disse Tertulliano forte, & doutamente: *Porro non amplius invenire licet quàm quod à Deo discitur: quod autem à Deo discitur totum est.* Onde o que ensina he Deos, ninguem pôde invêtar, ou dizer mais: porque quando Deos ensina, diz tudo. Notay muito a quelle *Totum*, & a quelle *Invenire*. Por mais que os homês queiraõ inventar sobre o que Deos ensinou, não podem: & a razãõ he, porque quando Deos ensina, diz tudo, & sobre o tudo não ha nada. Depois q̃ Deos inventou o Padre nosso, & a Ave Maria, inventem novas orações os Ambrosios, os Anselmos, os Boaventuras, as Brigidas, & quaesquer outros

ros Santos, & Santas, que por mais pias, & devotas que sejaõ, não pôdem os inventos, ou invenções humanas ter semelhança com as divinas. Vede se aconselha David o que eu prégo: *Confitemini Domino, & invocate nomen ejus: notas facite in populis adinventiones ejus*: louvay a Deos, & invocay seu nome na oração, & prégay ao Povo as invenções de Deos. Pois quando David exorta a que oremos a Deos, manda juntamente que préguemos as suas invenções? Sim: porque ha orações que faõ inventadas pelos homens, & orações que faõ inventadas por Deos; & estas faõ as que se haõ de prégar.

VII.

162. **E** Para que a prégação não seja esteril, & sem fruto; de tudo o que fica ditto tiro duas consequencias. Fica ditto q as orações do Rosário por serem inventadas, & ensinadas por Deos, tem infinita dignidade sobre todas as dos

homens, & Anjos. E daqui se seguem dous privilegios singulares, & proprios das mesmas orações, os quaes se não achão, nem pôdê achar em algũa outra. E que privilegios são estes? O primeiro, que nem os que rézão o Rosário pôdem errar no que pedem a Deos: o segundo, que nem Deos lhe pôde negar o que pedem. Ora reparay bem em hũa, & outra parte desta conclusão; & se qualquer dellas for verdadeira, & muito mais ambas, ninguem haverá, se espera em Deos, & espera d'elle, que se queira privar de hũa graça, que dous tão grandes bens encerra em sy. Mas vamos á prova.

163. S. Paulo, cujas palavras são de Fé, diz absolutamente, que nenhũ homem quando ora sabe o que lhe convem pedir a Deos: *Quid oremus, sicut oportet, nescimus.* R^m. 8. 25. He sentença notavel; mas como bem advertio sobre ella Santo Agostinho, o que he util ao doente, melhor o sabe o medico, que o enfermo: *Quid enim infirmo utile sit, magis novit medicus, quam* Aug. in sent. 212
K ij *ægrotus:*

egrotus. E como os homens não sabem o que lhe convem pedir quando oraõ, daqui vem que oraõ, & errão. Assim errarão os filhos de Israel no deserto, quando pedirão carne, & no povoado, quando pedirão Rey: & Deos os castigou com lhe dar o que pedião. A razão fundamental deste erro he a essencia da mesma oraçã, a qual define S. João Damasceno: *Est petitio decentium à Deo*: que he petição feita a Deos de cousas decentes. Oh se ouvíssemos as orações q̃ assim homens, como molheres fazem a Deos em secreto; quantas indecencias ouviriamos? Discorrey por todos os estados, & por todos os dezejões, & não he necessario que eu o diga, porque tambem seria indecência. Até os Gentios, sendo tão falsas as suas orações como os seus Deoses, conhecêrão este erro. Atenodoro dizia: *Tunc scito esse te omnibus cupiditatibus solutum, cum eò perverneris, ut nihil Deum roges, nisi quod rogare possis pallam*. Então entendey que tendes compostos, & bem ordena-

dos vossos dezejões, quando chegares a não pedir a Deos em secreto, senão o que podêreis pedir em publico. Na mesma Ceyta de Epicúro, que era o menos espirital, ou o mais carnal de todos os Filósofos, havia preceito q̃ ningué podesse orar a Deos senão em voz alta. E porque, ou para que? Para que os professores della, como refere Clemente Alexandrino, pedissem a Deos taes cousas, que nenhũ se envergonhasse de se saber o que pedia. E daqui tirou Seneca aquella sua famosa sentença: *Sic vive cum hominibus, tanquam Deus videat; sic loquere cum Deo, tanquam homines audiant*: de tal maneira vivey cõ os homens, como se vos vira Deos, & de tal maneira fallay com Deos como se vos ouvirão os homens. Tão certo he, ainda sem lume da Fê, & só por razão natural, que a oraçã que se faz a Deos, só deve ser de cousas decentes: *petitio decentium*.

164 Mas porque esta decencia, ou se póde considerar da parte de Deos, ou da nossa; digo que ha de ser de ambas.

Damas-
cen. de
fide or-
thod. c.
28.

Relatus
à Senec.
lib. 1. ep.
10.

Glen
Alex
lib. 2
fron

ambas. Assim o resolve o doutíssimo Salmeirão comentando a mesma definição de Damasceno: *Est autem orare, ut Damascenus ait, petere à Deo quæ illum decet dare, & nos accipere*: orar he pedir taes cousas a Deos, que a elle seja decente o dallas, & a nós o recebellas. Ouvi hum exemplo que excellentemênte declara estas duas decencias. A El Rey Antigo no pediu hum Filosofo Cínico que lhe fizesse merce de lhe mandar dar hum talento, que da nossa moeda são dous mil cruzados: respondeu o Rey, que a hum Filosofo que professava pobreza, não era decente ter tanto. Pois, Senhor, replicou o Filosofo, mandeme Vossa Magestade dar hum dinheiro, que são dous reales de prata: & respondeu outra vez Antigono: a hum Rey não he decente dar tão pouco. Assim refere todo o caso ainda com mais breves palavras Seneca: *Ab Antigono Cinicus petijt talentum. Respondit plus esse quàm Cinicus petere debéret. Repulsus petit denarium. Respondit minus esse*

Tom. 5.

quàm Regem deceret dare. De maneira, que o Filosofo húa vez pediu muito, & outra vez pediu pouco, & nem o muito, nem o pouco alcançou do Rey, porque hem ao Filosofo era decente receber tanto, nem ao Rey dar tão pouco. Húa vez perdeu o que pedia, porque pediu mais, outra vez porque pediu menos, & ambas indecentemente. O mesmo nos succede com Deos no que lhes pedimos, & ainda mais na indecencia das materias, que das quantidades. Erramos no que devemos pedir, & por isso não alcançamos o que pedimos.

165. Pedirão os filhos do Zebedeo as duas cadeiras do Reyno a Christo, & porque lhas não concedeo o Senhor, sendo os mais parentes, & os mais validos. Porque de húa, & de outra parte, assim da sua, como da de Christo, era a petição indecente. Que mayor indecencia da parte delles, que pedirem dous pescadores as primeiras cadeiras do Reyno! E que mayor indecencia da parte de Christo, que ha-

K iij ver

ver de dar cadeiras tempo-
raes a dous Apostolos, a que
tinha promettido as do Rey-
no eterno? Nem a Christo
era decente o dar; nem a el-
les era decente o receber o q
pediao: & por isso a negati-
va da petição a fundou o
Senhor nelles, & mais em
sy: nelles; *Nescitis quid peti-*
tis: em sy; *Non est meum da-*
re vobis. E porque errarão
tanto estes dous Discipulos
no que pedirão; sendo elles,
de tres que erao os mais sa-
bios, os dous? Porque não
pedirão o que o Mestre Di-
vino lhe tinha ensinado a pe-
dir. Quando toda a escolla
de Christo lhe pedio que os
ensinasse a orar; respondeo
o Senhor: *Sic ergo orabitur*:
Pater noster qui es in Caelis:
o modo com que haveis de
orar, he dizer a Deos: Padre
nosso que estais em o Ceo,
&c. & nas sete petições do
Padre nosso ha algũa, em que
se peçao cadeiras, em que se
peçaõ dignidades, & mândos,
em que se peçaõ pom-
pas, grandezas, & ambições
do mundo, ou algũa tempo-
ralidade mais que o susten-
to necessario á vida? Não.

Matth.
26 22.
23.

Matth.
6 9.

Pois porque elles pedirão
fóra do Padre nosso, errarão
como nescios; & por isso nẽ
foubirão pedir, nem alcan-
çarão o que pedirão. A pro-
va que agora darey desta
verdade, nem pôde ser mais
natural, nem mais fina; mas
o pensamento não he meu,
senão de Santo Agostinho.
166. Repara o doutissi-
mo, & agudissimo Padre em
dizer S. Paulo, como já refe-
rimos, que nenhum homem
quando ora a Deos sabe pe-
dir o que lhe convem, me-
tendose o mesmo Apostolo
nesta conta: *Quid oremus si-*
cut oportet, nescimus; & argue
assim Agostinho: *Adhuc*
quæras cur Apostolus dixerit:
quid enim oremus sicut opor-
tet, nescimus: neque enim ullo
modo credendum est, vel ipsum,
vel quibus ista dicebat Domi-
nicam nescisse orationem. Nem
de S. Paulo, nem daquelles a
quem elle escrevia, que erao
os Christãos de Roma, se pô-
de crer, ou imaginar que não
foubessem a Oração do Pa-
dre nosso: pois se na Oração
do Padre nosso nos ensina o
mesmo Deos o que nos con-
vem, & lhe devemos pedir,
como

Aug.
Prob.
ep. 1
de or.
do 1
cap.

como diz S. Paulo que nem elle, nem nós sabemos o que nos convem pedir a Deos? Responde o grande Padre que fallou S. Paulo de todos como de sy: & que se meteu na conta dos que ignorão o que haõ de pedir a Deos como convem; porque elle tambem cahio nesta ignorancia: *Ab hac ignorantia nec se ipsum Apostolus ostendit alienum.* E quando cahio nesta ignorancia o Apostolo, ou donde consta? Consta das tres vèzes que pedio a Christo que o livrasse das molestias do Demonio; o que o Senhor lhe não quiz conceder, porque era mais conveniente á sua perfeição que as padecesse, como elle mesmo lhe revelou. E porque então pedio o Apostolo o que cuidava que lhe convinha, sendo verdadeiramente o contrario; este foy o caso (conclue Agostinho) em q a sua oração errou, & elle não soube o que pedia: *Utique sicut oportet, nesciens quid oraret.* He verdade que por outra via bem sabia S. Paulo na Oração do Padre nosso o que lhe convinha pedir: mas

como esta vez orou fóra della, & pedio por seu parecer outra cousa; por isso, sendo S. Paulo, errou no que pedio, & sendo a S. Paulo, lhe negou Deos o que pedia.

167. E poderá succeder o mesmo aos que rézaõ o Rosario? De nenhum modo. Porque estes são os dous privilegios singulares concedidos unicamente ás suas orações, & a nenhũa outra. Nem pôdem errar no que pedem, porque pedem o que lhe ensinou Deos, nem Deos lhe pôde negar o que pedirem, porque pedem o que o mesmo Deos lhe prometteo. Pedei, & recebereis, diz Christo, empenhado nesta promessa não só sua palavra, mas sua palavra, & mais sua Pessoa:

Et ego dico vobis: petite, & accipietis. E estendendo a mesma promessa universalmente a todos, acrescenta o mesmo Senhor: *Omnis enim qui petit, accipit;* porque todos os que pedem, recebem. Mas com muita razão parece se pôde aqui instar, & dizer, que as palavras são mais largas, & a promessa mais clara que a experiencia:

porque muitos pedem a Deos muitas cousas, & muitas vezes, & exprimentão que não recebem o que pediraõ. Pois se pedem, & não recebem; como promette Christo, que se pedirem, receberão: *Petite, & accipietis*: & como affirma (o que he mais) que todos os que pedem, recebem: *Omnis enim qui petit, accipit*? O reparo desta que parece côtradição, não he totalmente novo; mas o que muito me admira, he que ninguem a desfizesse atégora com a limitação literal que traz consigo a univrsidade do mesmo Texto. Leãse todo o Texto (que he do capítulo onze de S. Lucas) & ver-se ha claramente que Christo Senhor Nosso não fez esta promessa a toda a oração, & petições, que se lhe fizessẽ, senão áquella oração, & áquellas petições de que actualmente fallava. E quaes eraõ estas? Tinha acabado o Senhor de ensinar a oração do Padre nosso, & de exortar a frequência della com varios exemplos: & aos que pedissem o que se pede na Oração do

Padre nosso, & o pedissem não só hũa vez, senão muitas, & como importunado a Deos (que he o que se faz no Rosario) a esses prometteo sómente que receberiaõ o que pedissem. Tinha ditto com particular advertencia: *Sic autem orabitur*: orareis assim: & aos que oraõ assim, & não de outra maneira, a esses prometteo sómente, q alcançaráõ sem duvida o q pedissem, & não a outros. Que muito logo que o que se pede em outras orações senão alcance: se á do Padre nosso sómente foy concedido este privilegio? Logo assim como não pôde errar quem pede nella, porque pede o que Deos ensinou, assim Deos lhe não pôde negar o que pedir, porque pede o q Deos lhe prometteo. He côsequencia do mesmo Santo Agostinho em outro lugar: *Si enim id postulat quod Deus præcepit, & promittit, fiet omnino quod poscit*: quem pede o que Deos manda, & o que Deos promette, impossivel he que não alcance o que pede.

VIII.

168. **M**As quando Deos não tivera empenhado sua palavra, & não se tivera obrigado a nos conceder o que lhe pedissemos; nós o obrigariamos a isso infallivelmente, só com lhe fazermos as nossas petições pelas mesmas palavras que elle nos ditou por sua propria boca, & com que elle nos fez o memorial. Pergunto, se requerendo diante de hum Rey, & pedindo-lhe merces, elle mesmo nos ditasse, & fizesse a petição com tudo o que haviamos de allegar, & pedir, podia deixar o Rey de nos despachar? Claro está que de nenhum modo. Pois isso he o que fez o Filho de Deos, quando nos ensinou a Oração do Padre nosso, & isso he o que fez o Padre, & o Espirito Santo, quando nos ensinárao a da Ave Maria. Pelo contrario (voltay agora) & se esse que pede merces ao Rey, fosse tão ignorante, & descomedido, que lendo a petição que o mesmo Rey lhe tinha ditado, se

não contentasse della, & se fosse ter com hum letrado, para que lhe fizesse outra mais larga, & ao seu parecer mais elegante com outras allegações, & outro Pede, quando o Rey a lesse, & visse que não era a sua, parecevos que a despacharia bem? Vós o julgay. Pois isso he o q succede, & succederá aos que deixaõ de fazer a Deos as orações que elle mesmo nos fez, & lhe fallaõ, & o querem persuadir com outras que fizeirão os homens por mais sabios, por mais pios, & por mais santos que sejaõ.

169. E se esta razão tão natural, & tão evidênte não basta para que todas as outras orações, & devações se convertaõ em Rosarios; como eu prometti, porque assim o esperava; ouçamos a resolução da mesma Senhora do Rosario sobre esta mesma questão, & neste mesmo caso. Prégava em Roma o grãde Patriarcha S. Domingos, sendo o principal assumpto dos seus Sermões em qualquer dia que fosse (que assim prégao os Santos) a devação do Rosario. E posto que

que não só no Povo, & Nobreza, mas também nos Principes Ecclesiasticos, & Seculares fosse recebida com igual piedade, & applauso; ouve com tudo hũa Matrona Romana de vida exemplar, tão empenhada em outras, que nunca o Santo a pode persuadir a que se afeiçoasse a esta. Até nas materias da virtude ha espiritos teimosos, que não querem ir ao Geosenaço pelo seu caminho, né fazer a vontade de Deos, senão pelos ditames, ou appetites da sua. E como esta Senhora era de tanta authoridade, que podia fazer opiniaõ entre as da sua esfera: desconfolado o Santo de a não poder reduzir ao seu partido, a quem se iria queixar? Postrouse por terra diante de hũa Imagem da Virgem, & banhado em lagrimas lhe disse desta maneira. Emfim, Virgem Santissima, que já o vosso Rosario he tido em pouca conta. A culpa he toda minha, pois não tenho talento, nem efficacia para o saber persuadir: nem podia succeder menos, pois escolhestes por Ministro, &

Prégador delle hum fogeito de tão pouco espirito. Pezame muito de vos servir tão mal, & tão inutilmente no que me mandastes; vós Senhora o remediay, que só podeis. Assim orou Domingos desconfolado, mas não tardou muito a consolação, & o remedio Sahio a dizer Misfa o Santo, depois de ter prégado, & no mesmo tempo a Matrona Romana, que se achava presente, arrebatada, & fóra de sy, foy levada a juizo ante o Tribunal Divino. Vio-a Deos com aspecto irado, & tremendo: reprehendeu-a severamente da sua indevação, & contumacia, & mandou aos Demonios que logo a castigassem como merecia.

170. Verdadeiramente, que senão pôderá recear tão rigurosa sentença a hũa molher, não só de boa vida, mas tão exemplar como já disse, & agora veremos. As razões, ou pretextos com que ella se escuzara de rezar o Rosario, era dizer, que jejuava muitos dias, que vestia lã á raiz da carne, & andava cingida de cadeas de ferro, que

visi-

visitava frequentemente as sete Igrejas, & corria as Estações para ganhar as indulgências, & que as orações muitas, & largas que rezava, posto que fossem outras, também eraõ pijs, devotas, & fãtas, com que lhe parecia que não agradava menos a Deos. Vejaõ agora lá os que não rézaõ o Rosário, se terãõ semelhantes escuzas com que se desculpar. Mas se esta Matrona, sendo grande Senhora, era tão alhea de todas as vaidades, & regalos do mundo; tão penitente, tão austera, & tão dada a todas as obras de piedade, & devação, como no juizo divino he reprehendida, tão asperamente, & entregue aos mesmos Demonios, para que a castiguem? Porque o Demonio não só tenta com os vícios, senão também com as virtudes: & tal vez não he menor tentação deixar o bẽ pelo mal, que por não deixar o bom, desprezar o melhor. Por isso dizia S. Paulo: *Emulamini charissimam meliora*. Boas erãõ todas aquellas penitencias, & todas aquellas devações, mas

era cõtumacia digna de grave reprehensão, & de grave castigo antepolas ao Rosário, & deixalo por ellas.

171. Vendose em tão grande aperto a pobre mulher, & não menos que entregue aos Demonios para a castigarem; defenganada já, & reconhecida de seu erro, deu hum grande grito, dizendo: Valeyme, Virgem do Rosário! Suspenderãõ os Demonios ouvindo o soberano nome: & a Senhora, como Mãe de misericordia, que faria? Posto que tão offendida, appareceo logo no mesmo juizo com rosto, não de rigor, mas de benignidade, & agrado: & não só lhe alcançou perdão do castigo, mas para que acabasse de conhecer a differença que faz o Rosário meditado, & rezado como convém, a todas as outras devações; passando-a daquelle lugar temeroso a outro cheo de luz, de alegria, & de gloria, que era o Paraíso; alli lhe mostrou dous coros de Almas bemaventuradas, que coroadas de rosas com alegres, & suavissimas vozes estavão cantando o Ro-

Rosário. Pasmada pois a boa mulher do que via, & nunca imaginára, & muito mais mudada, & arrependida que dantes, então lhe disse a Senhora estas palavras. Ves, filha, todos estes que com cores de tanta fermosura, & gloria estão cantando louvores á Santissima Trindade, a meu Filho, & a mim? Pois estes são os que na vida forão devotos do meu Rosário. E para que acabes de entender o merecimento q

tiverão na terra, & o lugar q tem no Ceo, sabe que assim como eu na gloria excedo a todos os Sâtos, assim a devação do meu Rosário excede a todas. Disse a Senhora: & eu também tenho ditto. Levay nos ouvidos, & no coração estas palavras da Rainha dos Anjos, pois nenhúas pôde haver, nem de mayor consolação para os devotos do Rosário, nem de melhor exhortação para os que o não forem.



SERMAM V.

Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud. Luc. II.

I.



Quelle supremo Senhor, q quando poz o homem no Paraizo, poz ao homem o preceito; esse mesmo nos diz hoje que se guardarmos seus preceitos, nos dará a bemaventurança do Paraizo. O fim para que Deos poz a Adaõ no Paraizo, foy para que o guardasse: *Ut operaretur, & custodiret illum.* E porque o não guardou Adaõ? Não guardou o Paraizo, porque não guardou o preceito. Essa foy a astucia da Serpente: *Cur præcepit vobis Deus?* Fez o tiro ao preceito, para abrir a brecha no Paraizo. Se o pre-

ceito, que era o muro do Paraizo, se não rompêra; nem o Demonio entrára, nã Adaõ sahira. Mas porque elle não guardou o preceito, nem se guardou de o quebrar, o mesmo foy quebrar o preceito, que perder o Paraizo. Grande, & lastimosa desgraça em hum homem tão venturoso, & não sey fe mayor ainda em tantos homens, que antes de ter fer, tiverão parte na mesma desgraça, & nella continuáraõ quatro mil annos. Hoje porém, depois que a segunda Eva com o bemditto fruto de seu vêtre desfez a maldição daquelle primeiro fruto: *Beatus venter qui te portavit;* as mesmas portas do Paraizo que

que fechou a justiça á culpa, abriu a misericórdia á graça ; mas debayxo das mesmas condições, & da mesma Ley. Se Adão perdeu o Paraizo da terra , porque ouviu a Serpente, & não guardou o preceito de Deos, Eu, diz Christo, vos prometto o Paraizo, & bemaventurança do Ceo, se ouvires as palavras de Deos, & guardares seus preceitos: *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.*

173. Esta foy a segunda Ley, & Ley da Graça com que a benignidade, & misericórdia divina reparou as desgraças daquella primeira, & as quebras della. Mas não sey se he menos perigosa, & difficullosa hoje, & tão mais arriscada a se quebrar muitas vezes, quantos mais, são os preceitos, & mais os homens ? Se o primeiro homem criado em justiça original, & com os appetites fogueitos ao imperio da razão, não guardou hum só preceito ; como guardaremos nós tantos, & tão repugnantes á natureza corrupta que delle herdamos tão viciada ? Se Adão cahio

no Paraizo ; em hum mundo tão cheo de laços, de occasiões, de tropeços, quem se sustentará em pé ? Se elle não resistio a hũa tentação tão leve ; como resistiremos nós a tantas, & tão peizadas ? Se o Demonio ainda bizonho o venceo no primeiro combate ; depois de tão exercitado na guerra, quem escapará de suas astucias ? Se na mayor abundancia de tudo não pode soffrer hum homem que lhe fosse vedada hũa fruta ; quem haverá que respeite a prohibição das leys na falta de tudo, contra a durissima ley da necessidade ? Se onde não havia meu, & teu, & ambos eraõ meeyros nos mesmos bens, sem pleito, sem emulação, sem discordia, ambos se priváraõ delles ; quem se poderá conservar na sua fortuna contra a enveja, contra o poder, contra a injustiça ? E se de todos estes males foy causa o amor, & amor licito ; que fará o illicito, o profano, o cego : ou o odio, a ira, a impaciencia, a vingança ? Se a companhia que Deos deu ao homem para o ajudar, o ajudou

dou a perder ; das que são o mayor incentivo da perdição, quem vivirá seguro? Se ella o ensinou a quebrar o preceito, & não obedecer a Deos a quem viaõ, & com quem fallavaõ, nós que não vemos a Deos, & só temos diante dos olhos os exemplos dos homens tão perniciosos como infinitos ; qual se não deixará levar do impeto da multidaõ, correndo com os demais ao precipicio? Finalmente no estado da natureza corrupta, de que nos não izentou a Ley da Graça, sendo fracos, miseraveis, inconstantes, & combatidos de dentro com a rebeldia das proprias payxões; como poderémos guardar tantos preceitos, & em toda a vida, quando Adaõ em tão poucas horas não teve forças, nem valor para guardar hum só?

174. Taes são as difficuldades muitas, & grandes que poderosamente encontram em nós a observancia dos preceitos divinos. E posto que outros Prégadores trabalhão em vão, ou pelas dissimular sendo tão mani-

festas, ou pelas enfraquecer sendo tão fortes : eu porèm as supponho, confesso, & concedo facilmente, porque vos venho inculcar o próprio remedio dellas. Tudo o que fez, ou desfez Eva, restituição, & refez a sempre Virgem Maria Mãy de Deos, & Senhora Nossa. *Mater generis nostri pœnam intulit mundo, genetrix Domini nostri salutem attulit mundo. Autrix peccati Eva, autrix meriti Maria: Eva occidendo obfuit, Maria vivificando profuit: illa percussit, ista sanavit; pro inobedientia enim obedientia commutatur.* A mãy do genero humano meteo no mundo a pena, & o peccado; a Mãy do Redemptor do mundo trouxe a elle o merecimento, & a graça. Eva ferio, Maria sarou: Eva foy causa da enfermidade, Maria da faude: Eva da morte, Maria da vida. E a razão total desta differença he, diz Santo Agostinho, porque Eva inventou a desobediencia dos preceitos divinos, & Maria ensinou a obediencia: *Pro inobedientia enim obedientia commutatur.* Que fez Eva pela de-

August.
serm 21
de annuntia-
tione.

desobediencia? Fez que a terra malditta produziſſe eſpinhas: & que fez Maria pela obediencia? Fez que deſſas meſmas eſpinhas naſceſſem Roſas. Taes ſão, & provados com muitos exêplos os myſterios da Vida, Morte, & Refurreiçãõ do Filho de Deos, que ſe eſſas eſpinhas não ſeraõ, não ſeria Filho de Maria. Deſtas Roſas pois, como flor ſempre medicinal, inventou a Senhora hũa compoſiçãõ de tal virtude para fortalecer a noſſa, que aſſim como Adão ſem eſte remedio, ou não pode, ou não ſoube guardar hum ſõ preceito de Deos; aſſim os filhos de Adão por meyo delle cobraõ taes forças, que pôdem ſuſtentar todo o pezo de ſua Ley, & guardar todos ſeus preceitos.

175. Eſte he (devotos, & não devotos deſta ſolenidade) o novo argumento, que pretendo provar hoje, & não ſõ hũ dos mais illuſtres effeitos do Roſario, ſe não o mais importante de todos. Chriſto Senhor Noſſo diz: ſerá bemaventurado quem guardar os preceitos de Deos:

& a Máý do meſmo Chriſto acreſcenta: guardará os preceitos de Deos quem rezar o meu Roſario. De ſorte, que a devaçãõ do Roſario he o meyo mais efficaç para guardarmos os preceitos de Deos, & para conſeguirmos a bemaventurança prometida aos que os guardaõ: *Beati qui audiunt verbũ Dei, & custodiunt illud.* Só quem não deſejar ſer bemaventurado, não ouvirá com grande alvoroço, & attenção os fundamentos deſta propoſta. A meſma Senhora, cuja he, peçamos a graça. *Ave Maria.*

II.

176. **B** *Enè novit vivere, qui benè novit orare.* He proverbio naſcido na lingua de S. Chryſoſtomo, & confirmado na penna de Santo Agoſtinho, a lingua, & a penna ambas de ouro. Quer dizer: Quem ſabe bem orar, ſabe bem viver. Nem poderá viver bem, quem não orar bem. E qual he a razão de hũa ſentença tão univerſal, & tão abſoluta?

A razão , & a razão da razão tudo deu David, a quem com mayor propriedade podemos chamar o Profeta Orador , que o Profeta Rey. Falla pois David da Oração, como commummente o entendem os Santos Padres, & diz assim: *Os meum aperui, & attraxi spiritum, quia mandata tua desiderabam* : abri a boca para tomar respiração, porque dezejei guardar os mandamentos de Deos. Notavel consequencia ! Primeiramente compara a Oração á respiração : & porque? Porque assim como ninguem pôde viver sem respirar , assim não pôde viver bem sem orar. A vida , & a boa vida ambas dependem do espirito que se attrahe pela boca: a vida , respirando : a boa vida, orando. Esta he a razão. E a razão da razão qual he? *Quia mandata tua desiderabam* : porque dezejei guardar os mandamentos de Deos. Pois porq̃ David dezeja guardar os mādamentos de Deos, por isso julga que lhe he tão necessaria a Oração, como a respiração ? Sim. Porque o viver bem consiste em guardar

Tom. 5.

os mandamentos de Deos : logo se para viver bem he tão necessario o orar , como para viver o respirar : ninguem pôde guardar os mandamentos de Deos, em que consiste o viver bem , senão por meyo da Oração. A Oração he a respiração do viver bem : logo tão impossivel será guardar os mandamentos de Deos sem orar, como viver sem respirar. E esta he a consequencia formalissima com que David dá por causa da sua frequente Oração o dezejo que tinha de guardar os mandamentos de Deos : *Os meum aperui, & attraxi spiritum, quia mandata tua desiderabam.*

177. A fonte donde David bebo profeticamente esta doutrina , foy a Divindade de Christo , como o mesmo Senhor declarou depois por boca da sua sagrada Humanidade: *Oportet semper orare, & non deficere* : he necessario orar sempre , & não faltar. Sempre , & não faltar ? Parece apertado preceito. Mas não he muito que pareça apertado hum preceito, do qual depende a ob-

Luc. 18.

L

ser

fervancia de todos. He necessário orar sempre: *Oportet semper orare*; porque assim como para viver sempre, he necessário respirar sempre; assim para viver bem sempre, he necessário orar sempre. E he necessário não faltar: *Et non deficere*; porque assim como faltando a respiração, não pôde continuar a vida; assim faltando a Oração, não pôde perseverar a boa vida. Não quero o Comêto de S. Chrysostomo, nem de Santo Agostinho; porque tenho o de S. Paulo: *Sine intermissione orate*: oray sem intermissão. Declara o Apostolo; & chama ao orar sempre, orar sem intermissão; porque o orar com intermissão, ou a oração intermittente, he como a respiração intermittente. Vede-o em Lazaro. Em quanto Lazaro respirava, vivia; quando tornou a respirar, tornou a viver, porque resuscitou. E em quanto a respiração esteve intermittente, como esteve Lazaro? Esteve morto. Pois assim como a vida não admite intermissão no respirar, assim a boa vida não consente inter-

missão no orar. E este he o porque da doutrina de Christo em nos mandar que oremos sempre. E o porque deste porque qual he? He porque a boa vida, ou o viver bem, como diziamos, consiste em guardar os mandamentos de Deos: & como os mandamentos de Deos obrigão sempre, para guardar os mandamentos de Deos sempre, he necessário orar sempre: *Oportet semper orare*. Tanta he a connexão que tem entre sy a Oração, & os mandamentos: & tanta he a dependencia que tem a guarda dos mandamentos, do exercicio da Oração.

178. E se quem ouver de guardar os mandamentos de Deos, ha de orar, & orar sempre; quem não orar sempre, ou nunca orar, que lhe acontecerá com os mandamentos? O que lhe acontecerá a Adaão, para que o vejamos, não em outro, senão no mesmo exemplo. Estupendo caso he, que hum homem criado no Paraizo, tão entêdido, tão sabio, & tão obrigado, não guardasse hum só preceito que Deos lhe poz? E

E qual foy naquelle entendimento, & naquella vontade o defeito original de hũa desgraça tão cega? Não sey se o tendes já advertido: mas verdadeiramente he notavel, & tão digno de admiração, como de temor. Nenhum homem ouve que mais occasiões tivesse, nem mais apertadas, & urgentes de orar a Deos, que Adão. E com tudo em toda a sua historia, & em tantos casos tão notaveis della, nem hũa só vez se lê, que fizesse algum modo de Oração. Criou-o Deos, & formou-o com suas proprias mãos, deulhe o dominio dos animaes, & o imperio do mundo, deulhe a companhia de Eva, que era o que só lhe faltava, & o que elle estimou sobre tudo; mas por tantos, & tão repetidos, & tão portentosos beneficios, nunca lhe occorreo a Adão dar graças a Deos. Peccou, & não se compungio, nem bateo nos peitos: estranhoulhe Deos pessoalmête o peccado, & não se lançou a seus pés, nem lhe pedio perdaõ: sentenciou-o, executou-o; lançou o do Paraizo, & em

tantos actos lastimosos, em que se poderá valer como Reo, & como infelice, da sua própria misericordia, não soube entrepor hũa supplica, nem appellar da Divina Justiça para sua Misericordia. É homem tão alheo de todos os modos de orar a Deos, como havia de guardar o preceito de Deos? Em o não guardar, fez como quem era, & em não orar, nem antes, nem depois, nem em hum, nem em outro estado, mostrou o que era. Era hum homem totalmente sem oração, & por isso já então semelhâte aos brutos, sem uzo de razaõ, nem entendimento: *Homo cum in honore esset* (eis aqui o já então) *non intellexit: comparatus est jumentis, & similis factus est illis.* E hum bruto, que não sabia orar, como havia de saber viver? Por isso ouvio a palavra de Deos, & não a guardou: & porque a ouvio, & a não guardou, por isso perdeu a felicidade de que só gozaõ os que a ouvem, & a guardaõ: *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.*

Psalm.
48. 21.

III.

179. **E**sta foy sempre a virtude universal da oração, provada cõ todas as Escrituras, inculcada por todos os Santos, & confirmada com infinitos exemplos. Porém depois que a Virgem Santissima no Instituto, & fôrma do seu Rosario lhe ajuntou todas as outras propriedades especiaes, de que se compoem a oração perfeitissima; entã foy muito mayor a efficacia, energia, & proporção conatural que tê a mesma oração para influir, & conservar nos corações, & acções humanas o respeito, o temor, a obediencia, & a perfeita, & inviolavel guarda dos preceitos divinos. Este he o nosso ponto, & esta a mais gloriosa excellencia do Rosario. Para inteiro, & radical entendimento della, havemos de suppor não só como Theologia certa, mas como principio de Fé definido em muitos Concilios, que para guardar qualquer preceito divino grave, (& muito mais todos) são necessa-

rios dous concursos, hum da parte de Deos, outro da parte do homem: da parte de Deos o concurso, & influxo de sua graça, & da parte do homem o concurso, & consenso do nosso livre alvedrio. De sorte, que nem a graça de Deos em nós sem o nosso alvedrio, nem o nosso alvedrio sem a graça de Deos he poderoso, ainda que quizessemos, para guardar os seus preceitos. Ouvi o que dizia David fallando com Deos: *Iustificaciones tuas confitebor tui: non me derelinquas usquequaque*: Eu, Senhor, quero guardar os vossos mandamentos, & o que vos peço para o poder fazer, he que vós me não deixeis por nenhum modo. Fallou como Mestre de Santo Agostinho, & de Santo Thomás. Porque se Deos de qualquer modo nos deixar, & nos não assistir com sua graça, ainda que nós quizessemos guardar seus mandamentos, de nenhum modo os poderemos guardar. E a razão he, porque a guarda dos mandamentos de Deos, & meritória da vida eterna he obra so-

sobrenatural. E ainda que o alvedrio concorra com todas as forças da natureza, he necessario que a sobrenaturalidade venha de cima, & lha dé a graça.

180. Agora entendereis a propriedade cõ que Christo Senhor Nosso chamou á sua Ley Jugo: *Jugum meum suave est*: diz que he suave, mas jugo. Porém se esta ley a ha de tomar cada hum de nós sobre sy, & cada hum ha de guardar os preceitos, & mandamentos della, como póde ser jugo? O jugo chamase assim, porque o levaõ dous juntamente: pois se eu só levo a ley, como póde ser jugo para comigo? Porque ajunta Deos em mim a sua graça com o meu alvedrio, & o alvedrio, & a graça juntos saõ os que levaõ o jugo da ley. O melhor exemplo que nenhum Theologo já mais achou para declarar esta Theologia, foy hũa famosa representação cõ que a Virgem Senhora nossa naõ só a ensinou, mas a fez visível. Cantavase em Roma aquella Epistola, em que se contém a historia do A-

Tom, 5.

postolo S. Felippe, quando converteo o Eunuchõ da Rainha Candaces, & assistia á Missa outro Felippe, que depois foy tãbem Apostolico, & hoje se chama S. Felippe Benisi. Chegando pois a historia áquellas palavras q o Anjo disse ao Apostolo: *Accede, & adjuuge te ad currum istum*: Felippe, chega, & ajuntate a esta carroça; (q era a em que caminhava o Eunuchõ) arrebatado em espirito o segundo Felippe, vio a Virgem Senhora Nossa como triunfante em hũa carroça dourada, pela qual tiravaõ hũa Ovelha, & hum Leaõ: *In aureo curru, quem ovis, & leo trahabant, sanctissimam Dei genitricem insidentem vidit*. O intento, & significado da visãõ era que Felippe se fizesse servo da Senhora na Religiaõ daquelle mesma Igreja, que se intitula dos Servos da Virgem Maria.

181. Mas a circumstancia que faz mais admiravel, & mysterioso o apparato da representação, saõ os tiradores da carroça triunfante da Mãe de Deos. Admiravel

L iij por

Act. 8.
29.

por serem só dous , admiravel por serem de differente especie , & mais admiravel por ser hũa ovelha , & hum leão : *Ovis, & leo*. Ao menos não seria a ovelha cordeiro, ou o leão leoa, para que a semelhança do sexo os fogueitasse mais facilmente , & os unisse ao jugo ? Não. A carroça em que Deos , & a Mãe de Deos triunfão dos homens , & os fogueitão a fer servas seus (como naquelle caso) he a obediencia de seus preceitos, & os que tirão por esta carroça, & a levaõ , não são mais que dous, & effes de differente especie : a ovelha, que he a graça ; & o leão , que he o alvedrio humano. O leão mais soberbo , mais fero, mais indomito, & mais imperioso, criado, & coroadado entre os monstros da Libia, he o alvedrio do homẽ : tão soberbo , & tão senhor, que até ao mesmo Deos, como Faraó, pode dizer, não quero : mas esta soberba qué a humilha, esta fereza quem a domestica , este senhorio quem o fogueita ? A companhia da graça. A graça, como ovelha mança , lhe tempéra

a furia ; a graça, como ovelha humilde lhe modéra os brios ; a graça, como ovelha fogueita lhe abate os espiritos ; a graça , como ovelha obediente , o faz obedecer, & tomar o jugo. Que era Saulo, senão hum leão desatado, colerico, furioso, que só com o seu bramido metia terror a todo o rebanho de Christo: *Saulus adhuc spirans minarum in Discipulos Domini ?* E este soberbissimo leão quem o rendeo, qué o fogueitou , quem lhe quebrantou a furia, quem o trocou , & fez tão outro , & o atou ao jugo , quando tanto resistia, & recalcitrava ? Elle mesmo o diz : *Non ego, sed gratia Dei mecum* : não eu só, senão a graça de Deos comigo. E tanto que a efficacia da graça se ajuntou com a liberdade do alvedrio , logo se domou o indomito , logo se fogueitou o rebelde , & da ovelha, & do leão se fez hũa parelha tão igual, qual a podia escolher a Mãe de Deos para ella, & seu Filho triunfarem dos homens.

182. Tomay agora o Rosario na mão, ou olhay para

para elle ; & dizyme a que se vos afigura ? David dizia a Deos : *In camo , & fræno maxillas eorum constringe , qui non approximant ad te.* aquelles , Senhor , que se afastão de vós , & não querem tomar o jugo de vossa ley , meteylhe hum freo na boca , & apertaylhe as redeas , que por mais que sejaõ rebeldes , & de dura cerviz , logo a dobrarão. E quem faz este effeito , senão o Rosário ? O mesmo Deos o diz por boca de Isaias : *Laude mea infrænabõ te , ne intereas* : vejo que o teu alvedrio livre , rebelde , & furioso , mais como leão , que como cavallo desbocado , te vay precipitando á perdição , mas eu te meterey hum freo na boca , para que te não despenhes , nem pereças ; & este não será outro , senão o de meus louvores : *Laude mea infrænabo te.* Verás o que fiz por ty , conhecerás as obrigações que me deves , louvarmehas hũa , & muitas vezes por tão soberanos , & divinos beneficios ; & como trouxeres na boca estes meus louvores (que he o que fazemos no Rosário)

elles te refrearão , para que me não offendas , & para que encaminhes todos teus passos pela carreira de meus mandamentos : *Frænum legis , & religionis meæ tibi injiciam , cogamque te ad mei cultum , ut more solito me laudes* : comenta Santo Thomás.

Assim que os louvores divinos entoados no Rosário são os que suave , & fortemente dominaõ a liberdade , & domão a fereza do alvedrio , & a sogeitaõ á ley de Deos.

183. E a graça , sem a qual elle não pôde caminhar direito , nem soffrer o jugo , donde lhe ha de vir ? Do mesmo Rosário. Chamase a Virgem Senhora nossa nos Cantares : *Putcus aquarum viventium* : poço das agoas vivas , que são as da graça. Mas este poço he muito alto , & muito profundo , & nós (dirá alguem) que não temos com que tirar a agoa , como dizia a Samaritana a Christo : *Nequæ in quo haurias habes , & putens altus est.* Assim disse ella em quanto não conhecia com quem fallava , & em parte disse bem ; porque o Rosário até então

D. Thomás ibi apud Corneli.

Cant. 4. 15.

Joan. 4. 11.

ainda era curto, & não tinha mais que o primeiro terço ; porém depois que o mesmo Christo obrou todos os outros mysterios, & a Senhora compoz, & aperfeçoou de todos o seu Rosario, (vede se he muito propria a figura.) o mesmo Rosario assim como ides dando volta ás côras, & dizendo *Ave gratia plena*, ellas são os alcatruzes com que do poço altissimo se vay tirando acima a agoa da graça. No Egypto se cõserva ainda hoje hũa fonte, a qual se chama a Fonte de Jesu, porque della bebiaõ, quando lá estiveraõ desterrados, o Menino Jesu, a Senhora, & S. Joseph: & diz Andrichomio com outros Autores desta tradiçãõ, que por estar a agua muito funda, se tira com hũa roda : *Aquam extrahunt per rotam.* O mesmo fazemos nós por meyo do Rosario: com que elle vem a ser hum instrumento artificiosissimo de dous uzos os mais importãtes: para domar o alvedrio, freo; & para attrahir a graça, roda.

Andri-
chom.
verbo
Eugadi.

184. **T**Ornando pois ao fundamen-
to do que significaõ, ou de-
claraõ estas duas semelhan-
ças exteriores; como para os
homês se fogeitarem a Deos,
& a seu serviço, & á obser-
vancia de seus mandamen-
tos, são precisamente neces-
sarios aquelles dous concu-
sos, que diziamos, da parte
de Deos o da graça divina,
& da parte do homem o do
alvedrio humano; este foy
o altissimo, & sapientissimo
conselho com que a Vir-
gem Senhora Nossa orde-
nou que a oraçãõ do seu Ro-
sario fosse vocal, & mental,
& não só oraçãõ de qualquer
modo, senão oraçãõ, & me-
ditaçãõ juntamente; para
que orando, & pedindo, im-
petrassemos de Deos a gra-
ça, & meditando, & consi-
derando, nos persuadissemos,
& convencessemos a nós,
& conseguissemos de
nós mesmos a fogaçãõ do
nosso proprio alvedrio. Os
Hereges, como em nossos
tempos o impio Calvino,
porque não querem guardar
os

os mandamentos de Deos, dizem que são impossíveis. Mas já antigamente os convenceo Santo Agostinho cõ as mesmas palavras com que depois os anathematizou o Concilio Tridentino: *Deus impossibilia non jubet, sed jubendo monet; & facere quod possis, & petere quod non possis.* Deos em seus preceitos não manda cousas impossíveis; mas quando manda as que são, ou parecem difficiltozas, também nos ensina os meyoas com que as havemos de facilitar; & guardar. E quaes são? *Et facere quod possis, & petere quod non possis:* fazer o que podeis, & pedir o que não podeis. Fazer o que podeis, obrando com as forças naturaes, que são as do alvedrio: & pedindo o que não podeis, sollicitando as forças sobrenaturaes, que são as da graça. E estes são os dous meyoas efficacissimos, que a Virgem Senhora Nossa unio no seu Rosário, ajuntando ás preces da oração vocal as meditações da mental.

185. A materia das meditações do Rosário com-

poemse de quinze mysterios. E porque razão de quinze, nem mais, nem menos? Porque os medio a Senhora pelo numero dos mandamentos, a cuja observancia se ordenaõ. David fallando com os justos, que são os q guardão os mandamentos, exhorta-os a que louvê a Deos, & que o modo de o louvar seja cantando seus louvores ao som do Psalterio de dez cordas: *Exultate justi in Domino. Psalms. 32.1. rectos decet collaudatio: in psalterio decem chordarum psallite illi.* Já dissemos que o Rosário chamado desde seu principio Psalterio da Virgem, foy composto á semelhança do Psalterio de David. Pois se David fez o seu Psalterio de dez cordas, a Senhora porque acrescentou ao seu mais cinco, & fez o seu Psalterio de quinze? Porque assim o de David, como o da Senhora foram ordenados á guarda dos mandamentos: & os mandamentos no tempo de David eraõ só dez, no tempo em que a Virgem instituhio o Rosário, ja eraõ quinze. Eraõ dez do Decalogo, que são

saõ os dez mandamentos da Ley de Deos, & eraõ cinco do Quincalogo, que saõ os cinco mandamentos da Santa Madre Igreja. E como os mandamentos hoje saõ quinze; por isso a Senhora proporcionando o numero com o numero; & os mysterios com os mandamentos; compoz o seu Rosario em tal forma, que a cada mandamento correspondesse hum mysterio. E para que? Para que em cada hum dos mesmos mysterios, como em hum espelho clarissimo, se visse o homem a sy, & visse as suas obrigações, & nenhum ouvesse tão cego, tão ingrato, tão atrevido, quer ouzasse quebrantar os mandamentos contrarios.

186. Não he o pensamento meu; senão do mesmo David, fallando do seu tempo, como santo, & do futuro, como Profeta: *Tu mandasti mandata tua custodiri nimis: vós, Senhor, mandastes que os vossos mandamentos se jaõ guardados com grande pontualidade, & tão grande, & tão exacta que pareça nimia: Utinam dirigantur viae*

meae ad custodiendas justificationes tuas? Oh que ditoso seria eu, & quam singular merce receberia de vossa divina mão, se todas as minhas intenções, & acções fossem dirigidas á perfeita guarda de todos vossos mandamentos. Porém o meyo efficaz com que isto se ha de conseguir, não he para agora, está reservado para outro tempo: *Tunc non confundar, cum perspexero in omnibus mandatis tuis.* Eu agora (diz David) dezejo guardar vossos mandamentos; mas muitas vezes tenho occasião de me confundir, porque os não guardo. Porém quando vier aquelle ditoso tempo, *Tunc*, em que todos os vossos mandamentos tenhaõ diante, & defronte de sy outros tantos espelhos, em que se veja quem os ouver de guardar: *Cum perspexero in omnibus mandatis tuis*: entã cessará essa cõfusão: *Tunc non confundar*; porque ninguem haverá tão descomedido, tão precipitado, tão cego, que olhando para aquelles espelhos, & vendo-se em cada hum a sy, & em todos a todos os vossos man-

Psalm.
118. 4.

Ibidem
5.

dal

mandamentos, se atreva a quebrar o menor delles. E em que fundou David a esperança desta grande promessa, não menos difficultosa de executar que de entender? Fundou-a na efficacia de hũa proposta que elle mesmo tinha feito a Deos não sey se bem advertida, mas muito digna de se notar:

Exurge Domine in præcepto quod mandasti, & synagoga populorum circundabit te: levantayvos, Senhor, do throno de Vossa Magestade, onde estais assentado desde o principio do mundo, & resolveyvos a fazer, & executar por vossa propria pessoa os preceitos que impondes aos homens: *Exurge in præcepto quod mandasti:* & logo os mesmos homens á vista deste exemplo não terão que replicar á prompta obediencia de todos vossos mandamentos; antes todos de tropel, & á porfia, vos seguirão, & acompanharão nelles: *Et synagoga populorum circundabit te.*

187. Isto he o que David profetizando representa-va a Deos: isto he o q̃ Deos

executou fazeñdose homem, & obedecendo a todos os preceitos divinos: & isto he o q̃ a Mãy do mesmo Deos reduzio á pratica na fórma, & disposiçãõ com que ordenou o seu Rosario. Antes de Deos se fazer homem, mandando sòmente, & não obedecendo, quasi dava occasiãõ aos homens de murmurarem dentro em sy, & dizerem: Deos manda tudo o que lhe parece: & posto que tudo seja justo, & muito bem mandado, mãdar lá do Ceo, onde elle está, he muito facil. Elle está em perpetuo descanso, & manda que nós trabalhemos: elle he impassivel, & quer que nós padeçamos: elle sobejalhe tudo, & quer que nos abstenhamos na falta do que havemos mister: elle está ouvindo musicas de Anjos, & quer que nós sofram as injurias que nos dizem, & fazem os homens: elle emfim escreve preceitos cõ o dedo, & quer que nós os executemos com todo o corpo, & com toda a Alma. E porque isto he tão difficultoso, quanto vay de mandar a ser mandado, & de

de não fazer a fazer; por isso tem tão poucos que guardem seus mandamentos. Assim diziaõ, ou podiaõ dizer os homens antigamente; porém depois que Deos se fez homem, & se fogueitou a padecer trabalhos; pobreza, injurias, & nenhũa cousa das que tinha mandado antes, ou das que mandou depois, deixou elle de obedecer, & executar por sua propria Pessoa; nem a razã, nem a sem razã humana tem pretexto algum de se não fogueitar a todos os mandamentos de Deos. E isto he o que a Máy do mesmo Deos nos poem diante dos olhos em tantos mysterios, quantos são os mandamentos, & em tantos espelhos quantos são os mysterios: *Cum perspexero in omnibus mandatis tuis.*

188. No Monte Sinay escreveu Deos as taboas da Ley, & no mesmo monte delineou o modello, & exemplar do Tabernaculo: *Fac secundum exemplar, quod tibi in monte monstratum est.* Mas q̃ successo teve hũa, & outra obra? O exêplar delineado no monte executouse, as leys

escritas no monte quebraraõse. Para lavrar, & accomodar madeiros que não têm sentimento, nem alvedrio, bastaõ exemplares mortos pintados no monte: mas para amoldar, & compor homens que tem entendimento, & liberdade, não basta que as leys se pintem, & se escrevaõ no monte; he necessario que o Legislador deça do monte, & que os exemplares do que manda fazer sejaõ vivos, & animados cõ as suas proprias acções. Assim o fez Deos. E porque exprimentou que tem pouca força as leys para a obediencia, onde faltaõ os exêplos para a imitaçã; por isso desceo do monte onde tinha dado as leys: por isso desceo do Ceo á terra, como em socorro dos seus mandamentos: para que obrando o mesmo que tinha mandado, assim como nos exemplos fosse imitado, fosse tambem nos mandamêtos obedecido. Põdo pois o Rosário os exemplos de Deos á vista dos mandamentos do mesmo Deos, não já como Senhor que os manda, senão como subdito,

to, & companheiro que os obedece; que alvedrio haverá tão livre, tão irracional, & tão rebelde, que meditando nelles, em Deos, & em sy, senão fogeite voluntario, & agradecido á obediencia dos mesmos mandamentos?

V.

189. **M**As porque não basta que o alvedrio convencido pela meditação esteja rendido, se a graça sobrenaturalmente o não elevar aonde elle com as forças naturaes não póde subir; aqui entra o *Petere quod non possis*. E para pedir, & impetrar de Deos a mesma graça, se ordena as orações tão repetidas, & multiplicadas, de que igualmente se compoem o Rosario. Digo tão repetidas, & multiplicadas; porque assim como a Senhora a cada mandamento contrapoz hū mysterio, assim parece que bastava ajuntar a cada mysterio hū oração. Mas a cada mysterio, & a cada mandamento hum Padre nosso, & sobre

elle hūa decada, ou hū decalogo de Ave Marias? Reparo he este, em que já no tempo de Lactancio ha mais de mil & quatro centos annos topárao os Gentios, chamandolhe superstiçã dos Christãos: porque ou o seu Deos os ouve, ou não: se os ouve, basta que digão hūa vez o que pedem: & se os não ouve, superflua, & ociosa cousa he repetirem tantas vezes o mesmo. Quem isto cuida não sabe que o vigor da oração he a perseverança, & que gosta Deos de que lhe peçaõ muitas vezes, porque quer dar muito. Pedir, & tornar a pedir hūa vez, & muitas, chamase entre os homens importunação: mas he proprio da liberalidade de Deos, sendo liberalissimo, querer-se importunado.

190. Pediraõ os Discipulos a Christo, que os ensinasse a orar, & fello o Senhor com hūa notavel parabola. Veyo, diz, hum homem á meya noite bater á porta de hum seu amigo, & pediollhe que lhe emprestasse tres pães, porque aquella hora lhe tinha chegado a casa

casa hum hospede, & não tinha com que o agasalhar. O amigo parece que era mais amigo do seu descanso, & da sua comodidade; & respondeu que estava já recolhido com toda sua familia, que não eraõ aquillo horas de a inquietar, que se fosse embora. Bastante occasião era esta, para que o que pedia os pães desconfiasse, & se fosse, & se acabasse tambem a amizade; mas não o fez assim; final de que eraõ verdadeiramente amigos. Tornou a bater, & instar hũa, & outra vez, até que o de dentro, diz Christo, não tanto por amigo, quanto por importunado, lhe deu o que pedia: & assim haveis de fazer vós quando orardes, & pedirdes o que vos for necessario a Deos: *Et ego dico vobis: petite, & dabitur vobis: quærite, & invenietis: pulsate, & aperietur vobis.* Se esta parabolã não fora da Sabedoria Divina, haviamos de dizer, que não era accõmodada. Para Deos não ha noite: *Sicut tenebræ ejus, ita & lumen ejus*: Deos não dorme: *Non dormitabit, neque*

dormiet qui custodit Israel: as portas de Deos sempre estaõ abertas: *Aperientur portæ tuæ jugiter: die ac nocte non cludentur*: na casa de Deos não pôde haver inquietaçãõ: *Factus est in pace locus ejus, & habitatio ejus.* Pois se todas as difficuldades que se suppoem nesta parabolã não tem lugar em Deos, & Deos he o amigo que nella se introduz, a quem se pedio o soccorro, como diz o mesmo Christo, que finalmente o veyo a dar depois de tanto bater, depois de tanto pedir, depois de tanto instar, & que ainda entãõ o não fez tanto por amigo, quanto por importunado: *Si non dabit illi surgens, eo quod amicus ejus sit, propter improbitatem tamen ejus surget, & dabit*. Aqui vereis como Deos gosta de ser importunado, & quam bem lhe sabia a condiçãõ quem instituhio o Rosario, como quem o tinha criado a seus peitos. Pôde haver mayor importunaçãõ, que pedir a mesma cousa, & pelas mesmas palavras todos os dias, & cento & cincoenta vezes no dia? Pois isto

Luc. 11.

9.

Pf. 138.
12.

Pf. 129.

4.

isso he o que fazemos no Rosario, isso he o que nos mandou fazer a Mãe de Deos, & isso he o de que sobre tudo gosta seu Filho, não por pouco liberal, senão por muito dezeoso de não dar pouco.

191. Este he o sentido literal da parabola, como a entendem todos os Padres: falle por todos S. Jeronymo: *Hujus amici ostium incessanter pulsare debemus, & horis eum inquietare nocturnis, & usque adeo molesti esse, ut importuni etiam videamur.* A este amigo, que he Deos, devemos he bater ás portas sem cessar, & inquietalo a todas as horas, não de dia só, senão também de noite, & ferlhe por este modo tão molestos, que cheguemos a ser julgados por importunos. *Señ non hujus importunitatis vereamur offensam, quia hæc apud Dominum importunitas opportuna est:* não receemos porém, que nesta nossa importunação Deos se haja de offender, porque o que entre os homens se chama importunação, para com Deos he oportunidade. Oppor-

tunidade de pedir, oportunidade de alcançar, oportunidade de ser melhor, & mais gratamente ouvido. E a razão porque Deos se agrada tanto de ser assim importunado, he porque a importunação no pedir, he perseverança no orar, & na Oração como em todas as outras virtudes nenhũa cousa mais agrada a Deos que a perseverança. E se não vede-o (diz Jeronymo) nesta mesma parabola, em que a perseverança foy mais amiga q'o amigo: porque o que a amizade não alcançou, a perseverança o conseguiu: & o que o amigo não deu por amigo, deu por importunado: *Magna perseverantia, quæ quantum importuna est, plus amica est quam amicus. Ecce enim quod amico negatur, perseverantia promeretur.* E daqui se segue (intere o Santo) que se deve continuar, & repetir muitas vezes a mesma Oração, como nós fazemos no Rosario. Porque? Porque a Oração que vay diãte tem a sua perseverança na Oração que se segue atraz: & se esta senão seguir, nem se fizer, perde

perde todo o seu preço, & valor a que já está feita: *Semper igitur petendum est, ne precatio ante acta nihil proficit, si non ad finem eodem, quo cæpit, tenore pervenerit.*

192. Altíssimo pensamêto! De maneira, que a segunda Ave Maria he a que dá o valor á primeira, & a terceira á segunda, & assim as demais successivamente; porque ainda que qualquer dellas por sy mesma seja oração, não por sy só, senão pela que se segue depois, he oração perseverante. São as contas do Rosario como as cifras; que as que vão adiante, acrescentão o valor das que ficão atraz: ou são as Ave Marias que por ellas se rézão como as ondas do mar, que o pezo das que vêm atraz acrescenta mayor impulso ás que vão adiante. Este foy o divino conselho com que a Senhora ordenou que as mesmas orações se repetissem tantas vezes no seu Rosario: & que sendo quinze os mysterios, o numero das orações fosse dez, & onze vezes quinze. Para que na multiplicação das mesmas orações hũas so-

bre outras se segurasse a perseverança dellas, & Deos tantas vezes importunado nos não podesse negar o concurso, & assistencia de sua graça tão necessaria á guarda dos seus mandamentos.

193. Tambem isto disse David, & o comentor com os mesmos termos S. Gregorio Papa. *Clamavi ad te saluum me fac, ut custodiam mandata tua*: Eu, Senhor, clamey a vós, diz David, & pedivos que me deis vossa graça para guardar vossos mandamentos: *Notandum quòd non ait, clamo, sed clamavi.* Notay (diz S. Gregorio) que não diz o Profeta, eu clamo, senão eu clamey; nem diz, eu peço, senão eu pedi. Pois se David actualmente estava clamando, & pedindo, porque não allega o clamor, & oração presente, senão os clamores, & orações passadas? Porque sabia que a oração para ser efficaz ha de ser perseverante, & que Deos para conceder o que se lhe pede, quer ser importunado: & como a perseverança, & a importunação não consiste em hum só clamor, & hũa só

fô oração, fenaõ em muitas hûas sobre outras; por isso quando pede, allega que tê pedido; & quando clama, allega que tem clamado: *Clamavi ad te.* Em proprios termos o grande Pontifice: *Habes in hoc perseverantiæ documentum, ut ab oratione non deficias, sed precibus, & clamori insistas. Vult enim Deus rogari, vult cogi, vult quadam importunitate vinci.*

Consistindo pois a perseverança da oração em se repetirem muitas vezes as mesmas preces, & consistindo o importunar a Deos em se lhe tornar a pedir muitas vezes, o que já se lhe tem pedido; bem se segue, que sendo as orações, que fazemos no Rosário, tão perseverantes por multiplicadas, & tão importunas por repetidas; não poderá Deos negar aos que o rézaõ, o que David lhe pedia, & elles lhe pedem, que he a graça necessária para guardar seus mandamentos: *Clamavi ad te, ut custodiam mandata tua: Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.*

194. **P**areceme que tenho mostrando com o testemunho das Escrituras, com a doutrina dos Santos, & com a evidência das razões, quam propria, & singular virtude he a da devação do Rosario para conseguirmos nesta vida a guarda, & observancia dos preceitos divinos, da qual precisamente depende a bemaventurança da outra, para que fomos criados todos, & tantos perdem por sua culpa. Mas a prova mais legal, & demonstrativa deste glorioso argumento não quiz a Virgem Santissima, que ficasse ao discurso dos Prêgadores, nem á piedade dos seus devotos, nem á cortesia, ou fé dos que o não fofsem, fenaõ que a mesma Senhora, como Autora, & fundadora de hum instituto tão propriamente seu, a tomou por sua conta. E em quem mostrou a Providencia soberana da Máy de Deos a verdade, & efficacia destes poderosos efeitos do seu Rosario? He a prova tão

*Omnia
hæc exē
pla ha-
bentur
apud
Alonf.
Ferna-
dez in
sua ky-
toria
Rosarij.*

universal , & tão particular, que só poderá ser sua. Mostrou esta virtude do seu Rosario nas pessoas que o rezão, mostrou-a nas familias, mostrou-a nas communidades , & mostrou-a finalmente no mundo todo reformado, emendado , & fogeito á obediencia , & observancia das leys divinas por esta milagrosissima devação. Começamos pelo mundo, para que acabemos por nós.

195. Fazendo oraçãõ S. Domingos na Igreja de S. Pedro em Roma, vio a Christo em trono de estranha , & temerosa Magestade, que cõ semblante severo , & irado, & com tres lanças de fogo, que tinha na mãõ direita , queria fulminar o mundo, & abrazalo. Tambem entendo o Santo quaes erãõ as causas : & claro estã que haviaõ de ser aquelles tres vicios entre os capitaes capitalissimos, soberba , cubiga, sensualidade: *Ut uno eorum superbos, avaros altero, tertio libidinosos deleret.* Já antigamente parece que tinha Deos ensayado este castigo em Absalaõ , tão soberbo , que

tirou a coroa da cabeça a seu Pay ; tão cubigoso , que lhe roubou o Reyno ; & tão sensual ; que lhe naõ perdoou ao talamo ; & por isso morto por mãõ de Joab , & traspassado pelo coração com tres lanças. Mas quem acudiria, & entercederia pelo mundo, & quem poria embargos a hũa tão terrivel sentença, senaõ aquella poderosissima Senhora, por cujo respeito o mesmo mundo foy criado , & por cujas orações se conserva , & se sustenta ? Naõ quero allegar para isto Santos, ou Autores Catholicos , que assim o dizem , senaõ a tradiçãõ dos Rabinos antes de o Messias vir ao mundo. Ouvi a Rabbi Onkelos: *Non solium amore Virginis conditus est mundus, sed etiam sustentatur. Ob scelera enim innumera, quæ mundani committunt, nullo pacto consistere possent, nisi ipsum gloriosa Virgo cum sua misericordia, & clementia pro nobis orando sustentaret.*

196. Postrada pois a Mãy de misericordia diante da Magestade justissimamente irada de seu bemditto Filho: para

para que revogasse a sentença, lhe representou sómente dous motivos. O primeiro, & mais enternecido, foy o do sangue, que de suas entranhas tinha recebido, como se disséra: *Projice tela manu sanguis meus.* O segundo, q se as cauças de tão merecido castigo eraõ os peccados, & maldades do mundo, & a ofensa, & desprezo das leys divinas, que a mesma Senhora tomava por sua conta a reforma, & emenda do mesmo mundo, porque tinha hum seruo fidelissimo (apontando para S. Domingos) o qual com hũa nova devaçã quelhe ensinaria do seu Rosario, de tão vicioso, & depravado como estava o mundo, o faria Christão, & Religioso, de soberbo humilde, de cubiçoso esmolero, de libidinoso casto, & de rebelde, & desobediente aos preceitos, & mandamentos de Deos, temeroso, fogeito, & muito observante de todos. Acabou a Senhora de dizer. E não he necessario que nós digamos qual foy a reposta do benignissimo Filho, sendo aquelle bom Se-

nhor, que ainda quádo mais irado, & offendido: *Non vult mortem peccatoris, sed ut magis convertatur, & vivat.* Diz S. Paulo, que Christo Senhor nosso assentado à dextra do Padre está purgando o mundo de seus peccados: *Purgationem peccatorum faciens sedet ad dexteram maiestatis in excelsis.* Quando pois Christo purga o mundo com castigos, purga-o como a prata com fogo: *Argentum igne examinatum purgatum* ^{Hebr. 1.3.} *septuplum:* & assim o queria agora purgar com os raios daquellas tres lanças. Mas como a sua inclinaçã he de perdoar, quando elle queria purgar o mundo com fogo, vede se gostaria muito de que sua Mãe o purgasse com rosas? Aceitou de muito boa vontade o partido, & o effeito foy tão conforme, & tão igual à promessa, como a mesma Virgem Maria o referio.

197. Foy descaindo cõ o tempo, como acontece a todas as cousas boas, a devaçã do Rosario, & tomando a Senhora por restaurador, & reformador della ao São

Frey Alano de Rupe , depois de lhe lançar ao pescoço hum Rosario de pedras preciosas, & lhe fazer outros mayores favores , dissellhe desta maneira. Quando meu servo Domingos começou a prégar o meu Rosario em Italia, França, Hespanha, & outras partes , foy tal a mudança do mundo , que parecia averemse trocado os homens de carne em espiritos Angelicos, ou que os Anjos tinhaõ descido do Ceo a morar na terra. Os Hereges se convertiaõ a milhares : os Catholicos dezejavaõ ardentissimamente o martyrio em defensa da fé: os grandes peccadores confessavaõ, cõ publica detestação suas culpas, & cõ entranhavel dor, & infinitas lagrimas se reduziaõ á vida reformada, & santa: até os mininos , & donzelas de tenra idade faziaõ rigurosissimas penitencias. Desprezava-se a riqueza, o regalo, a liberdade, & povoavaõ-se as Religiões : taziaõ-se muitas esmolas, levantavaõ-se Templos, edificavaõ-se Hospitaes. A guarda da Ley de Deos, a autho-

ridade do Pontifice, a justiça dos Princepes, a paz dos Povos , o honesto trato das familias , tudo florescia com taes exemplos de virtude, & Christãdade , que se não pôde encarecer o ponto em que esteve , não se tendo por Christão, quem em reverencia minha, & culto de meu sagrado Filho não rezasse devotamente o Rosario, nem havendo lavrador , que pegasse no arado, nem official, que puzesse a mão no trabalho de que sustentavaõ a vida, antes de me offerecer este tributo, & a Deos este sacrificio, a sua Divina Magestade tão agradavel.

198, Isto, & muito mais he o que referio a mesma Virgem Maria ao novo , & grande restaurador de seu Rosario Alano, como o mesmo Santo deixou escrito , & firmado de sua mão. Mas ainda o mesmo Autor, & outros muitos contaõ outra maravilha , que eu reputo por mayor , & creyo que tãbem a teraõ por tal todos os que souberem o que são Comunidades. Húa Communidade de Religiosas (das quaes

quaes só se diz que eraõ claustraes, sem se nomear a Religião) estava taõ relaxada, & esquecida de seus institutos, que por nenhum meyo, nem suave, nem violento poderaõ acabar os Prelados que admittissem reformaço. Vio porẽm hũ delles, que de hũa das cellas do mesmo Convento sahiaõ grandes resplandores, dos quaes fugiaõ muitos Demônios, & sem resistencia entravaõ pelas outras. Morava nesta cella hũa Freira de poucos annos, a quem as demais chamavaõ hypocrita, & como tal a desprezavaõ, & perseguiaõ: & as suas hypocrêsias eraõ rezar todos os dias o Rosario da Virgem Santissima com muita devaço, & conservar quanto lhe era possivel a observancia do instituto. Informado pois o Prelado da causa dos resplandores que vira, mandou vir grande quantidade de Rosarios curiosamente guarnecidos, meteo-os na manga, & estando junta a Communidade, disse a todas as Religiosas, que elle com consulta, & conselho dos Pa-

Tom. 5.

dres da Provincia, tinha resoluto de naõ tratar mais da reforma daquelle Convento, pois ellas tanto a repugnavaõ: & que sómente em lugar dos antigos institutos da Ordem, a que se naõ queriaõ fôgeitar, lhes rogava quizessem aceitar como por concerto hũa pensaõ taõ leve, como rezar todos os dias o Rosario da Senhora. Aceitaraõ ellas facilmente a condicoõ, muito satisfeitas de se verem aliviadas para sempre das instancias, ou perseguiço da reforma: & entaõ tirou o Prelado os Rosarios, que pela curiosidade do asseyo, mais que pela devaço foraõ muito bem vistos, & repartidos entre todas se despedio. Mas, ó potencia, ó virtude, ó graça do santissimo Rosario, mais admiravel no que aqui succedee, que na conversaõ de todo o mundo! Poucos mezes havia q se rezava o Rosario no Convento, quando todas as Freiras, já verdadeiramente Religiosas de commum sentimento, sem haver algũa que discrepasse, com grande sumissaõ, & humildade mã-

M iij dâraõ

dáraõ pedir ao Prelado que logo logo quizeffe vir fazer a reforma; porque todas estavaõ, não só dispostas, senão muito dezechos de se conformar com o premittivo espirito da Ordem, & observar pontualmente todas suas Regras, & Institutos.

199. Assim se fez com grande edificação, & applauso. E eu torno a dizer, que foy mayor maravilha do Rosario a reforma desta Comunidade, que a do mundo tão perdido. Porque da perdição á conversão, como afirma S. Gregorio, não he muito difficultosa a passagem; porém da relaxação á perfeição, he totalmente desesperada, & quasi impossivel: *Frigus ante teporem sub spe est: tepor autem post frigus in desperatione.* Allude o grã de Pontifice ao recado, que Christo Senhor Nosso no Apocalypse mandou ao Bispo de Laodicea, dizendo-lhe, que porque não era frio, nem quente, senão tibio, o lançaria, ou vomitaria de sy: *Utinam frigidus esses, aut calidus, sed quia tepidus es, incipiam te evomere.* Nesta sen-

tença da summa verdade he mais facil topar com a experiencia, que achar a razaõ. Porque estando o tibio mais perto do quente, & o frio mais longe, parece que passar do tibio ao quente ha de ser mais facil que do frio. E com tudo na virtude mostra a experiencia o contrario; porque mais facilmente se passa de hum extremo ao outro, que do meyo ao extremo. He o meyo nas materias da perfeição, como nas da politica, em que as resoluções meyas são as peores, porque não atão, nem desatão. Tambem a neutralidade he meyo; & peor he a profissão de neutral, que a de inimigo declarado, como disse o mesmo Christo: *Qui non est mecum, contra me est.* Tal vem a ser o estado da Religião relaxada, que nem totalmente he mundo, nem totalmente Religião, & professando o serviço de Deos, & o desprezo do mudo, mais he do mundo, que de Deos. Ouçamos a Cassiano o mayor, & mais experimentado Mestre dos bens, & males das Religões: *Frequenter vide-*

D. Greg.
3 p. Pas-
vor. ad-
200. 35.

Apoc 3,
15. 16.

L. 4.
23.

Ca.
coli-
cap

mus

mus de secularibus ac paganis, ad spiritualem pervenire fervorem, de tepidis atque animalibus omnino non videmus: frequentemente vemos que homens seculares, & ainda Gentios passaõ a ser perfeitos Religiosos; mas que Religiosos tibios, & imperfeitos passem a ser perfeitos, nunca tal vimos: logo mayor milagre foy do Rosario reformar hũa Communidade relaxada, que converter, & emendar: o mundo, quando estava taõ perdido.

200. Na reformação das familias, reduzindo a economia dellas á observancia da Ley de Deos, não mostra menos seus grandes poderes a devação do Rosario. Em França, onde os animos são taõ orgulhosos, & bravos (& por isso parece que quiz a Senhora, que nascesse o seu Rosario naquella terra) havia duas familias das mais principaes, cujas cabeças se perseguiaõ, & infestavaõ cõ immortaes odios, sendo gravissimos os danos que se tinhamo feito, & mayor ainda o perigo dos que se temião. Por esta causa trabalhou

muito a charidade de S. Domingos por reconciliar estes dous inimigos; mas como erão illustres, poderosos, & offendidos, nunca ouve remedio. Finalmente determinouse o Santo aos render por força, recorrendo ás suas armas, & sem fallar a hum no outro, nem trazer á memoria a questão, affeioou, & persuadio a cada hum em particular, que fossem devotos do Rosario.

201. Nos odios de Esaú com Jacob, como Esaú era mais poderoso, diz o Texto Sagrado, que Jacob dividio o seu poder, & a sua gente em tres terços. Porém S. Domingos, como os dous inimigos, que queria fogueitar cõ as suas armas, erão igualmente fortes, & ambos resis-tião taõ obstinadamente, que nenhum se queria render, contra ambos ordenou tambem, & dispoz os seus terços, que erão os do Rosario, & não pouco parecidos aos de Jacob. No primeiro hia Bala, & Zelpha, hũa, & outra escrava, & representava o primeiro terço do Rosario, que he o dos mysterios da

Luc. 1.
38.

Encarnação, em que a Senhora concebeo o Verbo eterno, dizendo: *Ecce ancilla Domini*. No segundo seguia-se Lia, singular na fecundidade, & representava o segundo terço do Rosario, que he o dos mysterios da Payzaõ, em que a Senhora ao pé da Cruz, debayxo do nome de Joaõ, foy constituida Mãy de todo o genero humano: *Mulier, ecce filius tuus*.

Joan. 19.
26.

O terceiro por fim rematava-se na fermosa, & sobre todas amada Rachel; & representava o terceiro terço do Rosario, que he o dos mysterios da Resurreiçaõ, & da gloria, em que a Senhora foy preferida na graça, & no amor com excessõ infinito a todas as criaturas; & como tal colocada junto á Pessoa do mesmo Christo, como Rachel á de Jacob: *Astitit Regina à dextris tuis*. Estes eraõ os terços, com que de hũa, & outra parte invisivelmente, & sem entender o q̃ faziaõ, nem o pretender fazer, se combatiãõ com armas iguaes os dous inimigos, observando o fim da batalha só quẽ os tinha metido em

Psal. 44 10.

taõ nova, & occulta guerra. E qual foy o successo? A batalha era occulta, mas o successo foy muito publico, & caso verdadeiramente prodigioso.

202. Depois que hum, & outro inimigo continuáraõ em rezar o Rosario, succedeo que vindo de partes oppostas, se encontrãõ ambos em hũa rua, & quando os que os viraõ, & conheciaõ, tiveraõ por certo, que naquelle encontro se acabavaõ de destruir, & matar; eis que ambos levados do mesmo impulso interior, naõ com as espadas nas mãos, se naõ com os braços abertos, se foraõ hum para o outro, & se abraçaraõ estreitissimamente, mais como irmãos, que como amigos, & se deraõ, & imprimiraõ no rosto os mais amorosos sinaes da paz: bem assim como Esaù a Jacob, de quem diz a Escritura: *Currens itaque Esau obviam fratri suo amplexatus est eum, stringensque collum ejus, & osculans, flevit*. As palavras formaes, com que S. Domingos os tinha exhortado a rezar o Rosario, foraõ, que aquella

taõ

tao facil devaçaõ, & que tao pouco tempo occupava, lhes aproveitaria grãdemente para cumprir com as leys de Deos, & de cavalleiros Christãos. E esta foy a razãõ que elles mesmos se deraõ, dizendo que era bem se acabassem entre ambos os odios, pois a Ley de Christo mandava, que se amassem os inimigos. Logo naõ só se perdoáraõ de parte a parte os aggravos, mas sem pleito, nem controversia se restituíraõ os danos de hũa, & outra familia: nas quaes se perpetuou igualmente a amizade, & a devaçaõ a que a deviaõ.

203. Nas pessoas particulares, assim como saõ mais frequentes as quebras dos preceitos divinos, assim o saõ também os effeitos maravilhosos do Rosário na emenda, & mudança das vidas. Hum só exemplo referey succedido naõ muito longe da nossa terra. Havia na Cidade de Caragoga hũ fidalgo poderoso, chamado Dom Pedro, de costumes tao escandalosamente depravados, como o costumaõ ser

aquelles, em que o vicio se ajunta com o poder. Ainda naõ tinha perdido a Fé, porque cria, que havia Infernos: nem tinha perdido o entendimento; porque conhecia o estado de sua vida: mas totalmente tinha perdido a esperanza; porque estava resolutõ, & tinha assentado consigo, que sem duvida se havia de condenar, & por isso em quanto naõ vinha a morte, era daquelles, que dizem a seus appetites: *Convenemur nos rosas antequam* ^{Sapient, 2.8.} *marcescant.* Mas contra estas rosas, que verdadeiramente saõ espinhas, tem Deos outras espinhas, que produzem rosas. Entrou Dom Pedro em hũa Igreja, levado, naõ da devaçaõ, mas da curiosidade, pela fama com que alli prégava S. Domingos. Trabalhava o Santo actualmente, & ponderava com grande energia, & força de espirito aquelle Texto do Evangelho: *Qui facit peccatum, servus est peccati:* ^{Joan. 8. 34} quem commette o peccado, he escravo do peccado: & como eraõ tantos os peccados deste novo ouvinte, outras tantas for

raão as cadeas com que o Santo em feissima figura o vio atado, tiradas todas por Demonios, que em grande multidão o certavaõ. Succedeo isto duas vezes; & para que o miseravel homem se conhecesse, & os demais cobrassem horror ao peccado, pedio o zelosissimo Prégador a Deos, que vissem todos, o que elle via.

204. Oh se succedesse o mesmo neste auditorio, quantos escravos, & escravas do peccado, quantas cadeas forjadas no Inferno, & quantos Demonios se veriaõ? Foy tal o assombro, a confusão, o tumulto com a vista daquelle horrendo espectáculo, que todos, não cabendo pelas portas, fugiaõ da Igreja, dando gritos. Fugiaõ do miseravel os estranhos, fugiaõ os amigos, fugiaõ os criados, & até a triste molher, que tambem se achava presente, fugio. Só elle que não se via, atônito, & palmado, quizera tambem fugir de sy mesmo, mas queria Deos, que entrasse em sy, & para isso lhe mandou S. Domingos por seu companheiro hum

Rosario, com o qual lançado ao pescoço se foy lançar aos pés do Santo, chorando, & confessando seus peccados com a dor, contrição, & lagrimas, que pedia o caso. Consultada a Virgem Senhora Nossa sobre a penitência, que se lhe havia de dar, ordenou, que rezasse o Rosario por toda a sua vida, & que para satisfazer ao escandalo publico, fizesse na mesma Igreja outras penitencias tambem publicas, as quaes elle accitou, & executou com grande sumissaõ, & humildade; pedindo perdaõ a toda a Cidade do mau exemplo, que lhe tinha dado. Continuou a rezar, & meditar todos os dias o Rosario com grande attenção, & devação: & foy tal a mudança de sua vida com esta nova cadea, a que se atou, & tal o fervor de espirito, & perfeição de santidade, que a Senhora lhe communicou por meyo della, que aquelle mesmo Dom Pedro, que tão grande peccador tinha sido, obrava depois cousas milagrosas. E em testemunho da graça a que Deos o tinha sublimado,

na-

naquelle mesma Igreja , em que o tinham visto prezo pelos Demonios , estando em Oração hum dia solemne , vio todo o mesmo Povo , que descia Anjos do Ceo , & lhe punhão hũa coroa de rosas sobre a cabeça. Taes são, Virgem Santíssima , as mudanças , que faz , ainda nos mayores desprezadores das leys divinas , a devação , & virtude do vosso santissimo Rosario.

VII.

205. **A** Mesma mudança , Christãos , (se queremos acabar de o fer) obrará em nós este soberano remedio tão poderoso , & tão provado. Prometteo o Profeta Samuel a Saul , que o espirito de Deos entraria nelle , & elle seria mudado em outro homem : *Insiliet in te spiritus Domini , & mutaberis in virum alium.* Não pôde haver mayor mudança , que aquella em que o mesmo homem he mudado , & trocado em outro. E quando , ou porque meyoys havia de succeder a Saul , &

em Saul esta tão prodigiosa mudança ? O mesmo Profeta o diz , & não são menos prodigiosas para o nosso caso as circumstancias cô que elle o refere , & os sinaes que lhe dá para isso : *Venies in collem Dei , obvium habebis gregem Prophetarum descendentium de excelsu ; & ante eos psalterium , & tympanum , & tibiam , & citharam , ipsosque prophetantes. Et insiliet in te spiritus Domini , & mutaberis in virum alium.* Ireis ao monte de Deos , encontrareis os Profetas , que vem de fazer Oração no mesmo monte , cantando ao som do Psalterio , que trarão diante de sy , acompanhado de hũa cithara , de hum tambor , & de hũa frauta , & então entrará em vós o espirito do Senhor , & sereis trocado em outro homem. Que moute de Deos , que Oração , que Profetas , que Psalterio , & que tres instrumentos são estes de que se compoem a sua harmonia , & com que se ha de seguir em Saul hũa tão notavel mudança ? Caso raro ! O monte de Deos , como declara o Chaldeo , era naquella tem-
po

po o lugar onde estava , & era venerada a Arca do Testamento , bem conhecida Imagem da Virgem Senhora Nossa: *In collem, in quo erat*

Arca Domini. Os Profetas eraõ os Religiosos do mesmo tempo, em que foraõ significados os da Ley da Graça, & particularmente os do espirito Dominicano , que este he o que se prometteo a Saul: *Infiliet in te spiritus Domini*: a Oração, q̃ tinhaõ feito, & vinhaõ continuando , bem se segue, que era o Rosario da Senhora, que desde seu principio se chamou Psalterio da Virgem: *Et ante eos Psalterium*: os tres instrumentos, que acompanhavaõ , & compunhaõ a harmonia, eraõ as tres differenças dos mysterios do Rosario: os Gozosos significados na suavidade da cithara , os Dolorosos nos golpes, & bater do tympano , & os Gloriosos na tibia, que he hum tamboraõ fraudada , dizendo David: *Ascendit Deus in jubilatione, & Dominus in voce tubæ*. E finalmente a

razão porque se seguio em Saul hũa taõ notavel mudança , o

mesmo Texto o diz expressamente: & não foy outra a razão, ou a causa, senaõ porque Saul se ajuntou a rezar, ou cantar com os demais a mesma devação, & Orações, que elles vinhaõ cantando: *Infiluit super eum spiritus Domini, & prophetavit in medio eorum*.

206. Sabeis, Senhores , porque se exprimenta taõ pouca mudança nas vidas, & se vê entre os Catholicos taõ pouca observancia da Ley, & Mandamentos de Deos, he porque falta a devação do Rosario. A mesma Senhora (para que ninguem duvide desta conclusaõ) se dignou de o manifestar assim, acudindo pelo credito de hum instituto taõ propriamente seu. Quando o Rosario se começou a propagar pelo mundo com tanta fama , & honra de seus milagrosos effectos, como vimos; ouve com tudo hũa molher, (que sempre as Evas foraõ instrumentos do Demonio) a qual sendo afeiçãoada a outras devações, não só não recebia, nem estimava esta, antes lhe fazia publica guerra, persuadindo, como

como Dogmatista, o mesmo erro a outras de tão leve juizo como o seu. Castigou-a a Virgem Santissima com hũa larga, & perigosa enfermidade; mas como este açoute não bastasse para desistir, ou sarar de tamanha locura, a Senhora como Mãe de misericordia, depois de lhe mostrar em hũa visão a gloria que gozão no Ceo os devotos do Rosário, & os males que encorrem nesta vida os que o não são; para mais a desenganar, & confundir com a propria experiencia, discorrendo pelos mandamentos, lhe foy mostrando particularmente todos os peccados, que tinha commettido por não rezar o Rosário. Tão certa he a virtude desta sobe-rana devação, & tão propria a efficacia que Deos lhe deu para a guarda de sua divina ley, & observancia de seus mandamentos.

207. Quando Moyses recebeu a Ley de Deos no Monte Sinay, deteve-se alli quarenta dias. E porquê razão tão longo tempo, sendo a ley tão breve? S. Methodio suppoem como cousa certa,

recebida, ou por tradição, ou por revelação, que a causa de tão larga detença foy, porque naquelles dias esteve Deos declarando a Moyses as figuras difficultosas de entender, que pertenciaõ á Virgem Maria: *Non ne Moyses ille magnus propter figuras intellectus difficiles, que te, Virgo, tangebant, diutius in monte commoratus?* A principal figura pois, que consta da Escriitura foy revelada a Moyses naquelle monte; he a Arca do Testamento, chamada assim, porque nella se guardáraõ as taboas da ley. E como nesta Arca se encerravaõ todos os mystérios, & nesta figura todas as figuras da vida da Mãe de Deos, & de seu Filho feito homem; por isso Deos se deteve tantos dias em declarar as mesmas figuras a Moyses. E chamaõ-se estas figuras, que pertenciaõ á Virgem, difficultosas de entender: *Figuras intellectus difficiles*, porque taes eraõ em commum, & em particular. Em commum; porque aquellas figuras representavaõ os mystérios da Encarnação, Vida, Morte, Re.

D. Methodius.

Resurreição, & Ascensão do Filho de Deos, que feito homem havia de vir remir o mundo, & de hũa Virgem, que havia de ser sua Mãe, (que são os mesmos mysterios do Rosario) todos altissimos, profundissimos, & nunca até aquelle tẽpo imaginados dos homens. E em particular; porque o q̃ Deos particularmente fazia no Monte Sinay, era dar leys aos homens, & dezenhar a traça da Arca, em que as mesmas leys se haviaõ de guardar com summa veneratione. E posto que facilmente se entendia como as leys materiaes se podiaõ guardar em hũa Arca; era porẽm muito difficuloso de entender, que as figuras dos mysterios, representados na mesma Arca, ouvessem de ter virtude, para que moralmente se guardassem as mesmas leys. Isto foy pois o que Deos declarou a Moyses no monte, & naõ só com palavras, senaõ com a experiencia, & com o successo das mesmas leys, & da mesma Arca. As leys fellas Deos, & escreveo-as duas vezes por sua propria mão

naquelle mesmo lugar: & que successo tiveraõ hũas, & outras tambem em figura? As primeiras quebrou-as Moyses, as segundas conservou-as a Arca. E entaõ se acabou de entender a virtude, que tinha a Arca, & os mysterios nella figurados, para por meyo della, & delles se guardarem as leys de Deos, & seus mandamentos.

208. Só resta contra tudo o que fica ditto hũa duvida, & naõ pequena. A experiencia mostra, que muitos rezaõ o Rosario, & nem por isso guardaõ as leys de Deos, antes vemos, que assim como todos os dias o rezaõ, assim todos os dias as quebraõ, & muito gravemente: logo naõ tem o Rosario a virtude, que delle pregamõs? Sim tem. E quem nos ha de responder a este argumento naõ he menos Autor, que a mesma Virgem Santissima, que melhor que todos conhece a virtude do seu Rosario, & os defeitos dos que o rezaõ. Quando a Senhora referio ao Santo Frey Alano a grande reformação,

mação, que tinha feito no mundo a devação do Rosário, acrecentou, que eraõ tão reformados na vida, & costumes todos os que o rezavaõ, que se acaço se via algũ Catholico menos observante das obrigações de Christão, & distrahido em vícios, logo se dizia como em proverbio: aquelle, ou não reza o Rosário, ou o não reza com a attenção que deve. Rezar o Rosário não he passar contas: he orar com attenção aos mysterios, q̃ nelle se consideraõ, & com advertencia ao que se diz, & com affecto ao q̃ se pede a Deos, & a sua Mãy. Hum Religioso Cartuxo rezava o Rosário muito apressadamente, & muito divertido, porque tinha hum officio de grande occupação, & ouvio hũa voz do Ceo, que dizia: Estas rosas são muito secas, & murchas, não se aceitaõ cá. E se a pouca advertencia de hum Monge, occupado por obediencia, impedia o fructo do Rosário, que seraõ os divertimentos vãos, os pensamentos ociosos, & os cuidados, & intentões,

naõ só diferentes, & alheos da graça de Deos, que se pede, senão totalmente contrarios? *omne illud quod est contra*

209. Naõ mostrámos no primeiro fundamêto deste discurso, que os mysterios do Rosário foraõ instituidos para nos vermos nelles como em espelhos, & com a consideração de taõ altos, & poderosos exemplos moderarmos nossas payxões, & refrearmos a rebeldia do alvedrio livre, & depravado? Naõ mostrámos, que as orações vocaes, com que se acompaña a meditação dos mysterios, taõ multiplicadas, & repetidas, são para pedir, rogar, & importunar a Deos, q̃ por intercessão de sua Santissima Mãy nos conceda a graça, sem a qual não podemos guardar seus mandamentos? Pois se os mysterios senão meditão, & nas orações não oramos, nem ainda fallamos, porque o pensamento, & o affecto está noutra parte: se a chamada devação da Senhora não he devação, nem o Rosário Rosário: & se os mandamentos de Deos, que por meyo d'elle

havia-

havíamos de guardar, nós mesmos, (& muitas vezes no mesmo tempo, em que passamos as côtas) estamos cuidando o modo com que os havemos de quebrar; como queremos que faça o Rosário em nós os efeitos, que nós mesmos estamos encontrando, & não querendo? Reze-se o Rosário como a Virgem Santíssima ordenou que se rezasse: & se somos peccadores, seja com desejo de o não ser, pedindo com verdadeira confusão

de nossa miséria, & detestação dos mesmos peccados, que Deos nos livre delles como de todo o mal, & nos dê forças, & espirito para resistir às tentações: & deste modo sendo o Rosário Rosário, os seus efeitos serão também os seus: & se verá em nós tal mudança de vida, que por meyo da observância dos preceitos de Deos gozemos a bémaventurança prometida aos que os guardão: *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.*



SERMAM VI.

*Beatus venter qui te portavit : Quinimo
beati qui audiunt verbum Dei, &
custodiunt illud, Luc. II.*

I.

HUma das cousas
mais notaveis, an-
tes a mais nōta-
vel de quantas
disse David, são aquellas pa-
lavras do Psalmo setenta :
*Adjiciam super omnem lau-
dem tuam.* Quer dizer : Eu,
Senhor, vos louvarei de tal
maneira, que sobre todo o
vosso louvor, ainda hei de
acrescentar mais. Chamei
a esta Proposição notavel, &
deveralhe chamar contradi-
tória, & impossivel. Deos he
todo poderoso : & pergun-
taõ os Filósofos, se pôde
Deos fazer tudo quanto pô-

de ? Huns negão, outros af-
firmaõ, & huns, & outros se
implicaõ. Porque depois de
Deos fazer tudo, o que pô-
de, ou pôde fazer mais al-
gũa cousa, ou não ? Se não
pôde, deixou de ser Deos,
porque não ha Deos sem
omnipotencia. E se pôde, se-
gue-se que aquillo que fez,
não era tudo. O mesmo se
inhere desta Proposição de
David, em que diz, que ha
de acrescentar sobre todo o
louvor de Deos. Porque, ou
David ha de acrescentar,
ou não ? Se não acrescenta,
he falsa a sua Proposição : &
se acrescenta, segue-se, que
o louvor de Deos, sobre o

Tom. 5.

N

qual

qual accrescentou, não era todo: porque sobre o que he tudo não pôde haver mais.

211. Assim he có evidencia. E se me perguntais a que fim começo hoje com hum tal exordio? Digo, Senhores, que para me retratar do que disse no Sermão passado: & para confessar, que o que lhe aconteceu a David có os louvores de Deos, me succedeo tambem a mim com os do Rosario. No Sermão passado cuidei que tinha prégado a mayor de todas as excellencias desta soberana devação da Virgem Senhora Nossa. Porém estudando mais em seus milagres, & examinando melhor as maravilhas sobre todo o excesso grandes, & estupendas, que por meyo do seu Rosario tem obrado a mesma Senhora; por cima da que julguei, que era a mayor das mayores, achei ainda outra mayor. E esta he a que hey de prégar hoje. Aos que louvaõ o Santissimo Sacramento, diz Santo Thomas, que não tenhaõ medo de dizer muito, & que se attreyaõ quanto poderem;

porque aquelle Senhor Sacramento he mayor que todo o louvor: *Quia maior omni laude, nec laudare sufficit.* E quem préga de hum Assumpto, que he mayor q̃ todo o louvor, quando cuida que tem dito tudo, ainda acha, como David, que pôde dizer mais: *Adjiciam super omnem laudem tuam.*

212. O que disse, & provei ultimamente, se bem vos lembra, foy, que o meyo mais efficaç para guardar os Mandamentos de Deos, he a devação do Rosario. E como a guarda dos Mandamentos de Deos he o meyo necessario, & unico para alcançar a Bemaventurança, & não ha, nem pôde aver mayor bem, que a mesma Beaventurança; pareceome, que esta excellencia do Rosario era tambem a mayor, que delle se pôde dizer. Mas se o não hẽ, como suppoem a minha Retratação; que excellencia pôde aver, nem imaginarse, que seja mayor que esta? Se vos occorre algũa, folgaria eu muito de a ouvir. Mas porque vos não quero çançar o discurso, nem

suspender a admiração; pergunto: Se ser o Rosario o meyo mais efficaz para guardar os Mandamentos de Deos, he fazer Bemaventurados os que os guardaõ; não seria mayor a sua efficacia, & mais admiravel a sua virtude, se não só fizesse Bemaventurados os que guardaõ os Mandamentos, tenão tambem os que os não guardaõ? Claro está que sim. Pois isto he o que de novo digo, & o que, se Deos me ajuda, hey de provar. A Regra geral de Christo he, que os que guardarem os Mandamentos de Deos alcançará a Bemaventurança: porèm esta regra geral tem hũa exceção, que diz: se a Virgem do Rosario não ordenar o contrario; porque no tal caso até os que não guardáraõ os Mādamentos, seraõ Bemaventurados. Isto posto, com licença do benditissimo Filho da mesma Virgem, assim como o Senhor replicou ao *Beatus venter*, dizendo: *Quinimò Beati*: affim eu me atreverey a replicar tambem por parte da Senhora, & a trocar o lugar ao

mesmo *Quinimò*. Christo disse com regra geral por parte de Deos: *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*: & eu digo com exceção particular por parte da Mãe de Deos: *Quinimò Beatus venter qui te portavit*. Para declarar este altissimo privilegio, que todo he graça, peçamos a da mesma Senhora. *Ave Maria*.

II.

Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud. Quinimò, Beatus venter qui te portavit.

213. **E**Ntaõ he mayor a misericordia, quando? Quando as acções da misericordia se parecem cõ as da injustiça. A misericordia, & a justiça não são virtudes encontradas. Deos infinitamente justo & infinitamente misericordioso, taõ misericordioso he como justo. Mas quanto a misericordia tem menos de justiça, & quanto se parece mais com a injustiça, tanto tem mais de misericordia.

214. Quando Christo Senhor, & Legislador supremo promulgou a sua Ley, (q̃ foy em outro monte como Moyses) a todas as virtudes prometteo por premio a bea-venturança, como aquelle que só a podia dar, & fazer bemaventurados: *Beati pauperes, Beati mites, Beati qui lugent*: & assim das demais. He porém muito digno de reparo, que só aos misericordiosos, & esmoleres prometteo a bemaventurança com nome de misericordia. Aos pobres de espirito prometteo a bemaventurança com nome de Reyno: aos que choraõ seus peccados, com nome de consolação: aos que tem fome, & sede, com nome de fartura: aos limpos de coração, cõ nome de vista de Deos: & só aos misericordiosos com nome de misericordia: *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur*. Pois se a bemaventurança, que a nenhum homem he devida; em todos he misericordia; porque só se chama misericordia, quando se dá aos misericordiosos, & esmoleres?

Matth.
5.3.

Ibidem
3.

Porque só nelles he misericordia de tal genero, que totalmente parece injustiça. Ouçamos a sentença do dia do Juizo: *Venite benedicti Patris mei, possidete Regnum: esurivi enim, & dedistis mihi manducare: sitivi, & dedistis mihi bibere*: Vinde bemditos de meu Padre para o Reyno do Ceo, porque tive fome, & me destes de comer, tive sede, & me destes de beber. Assim ha de dizer o Supremo Juiz aos da mão direita: & voltandose para os da esquerda, dirá tambem do mesmo modo: *Discedite a me maledicti in ignem eternum: esurivi enim, & non dedistis mihi manducare, sitivi, & non dedistis mihi potum*: ide mal ditos para o fogo do inferno; porque tive fome, & não me destes de comer, tive sede, & não me destes de beber. De forte, que toda a sentença do dia do Juizo, assim de hũa, como de outra parte, se vem a resolver em *Dedistis mihi*, ou *Non dedistis mihi*. Se destes, absoltos; se não destes, condenados. E não he isto o que costumão fazer os Juizes injustos, & su-

Ma
25.
35

Ibi
41

subornados? Assim he, & tão
 assim; que não duvidou
 dizer S. João Chrysostomo:
*Judex noster per pauperes cor-
 rumpitur*: que o nosso Juiz
 Christo se deixa subornar, &
 corromper, & que os canos
 por onde recebe os subor-
 nos, são os pobres, a quem
 se dá a esmola. E porque a
 misericordia, com que Deos
 dá a bemaventurança aos es-
 moleres, se parece tanto com
 a injustiça, por isso esta mi-
 sericordia como singular, &
 não só grande, mas superior
 a todas, se chama por excel-
 lencia misericordia: *Beati
 misericordes, quoniam ipsi mi-
 sericordiam consequentur*.

215. Mas ainda este exê-
 plo, sendo tão grande, &
 tão universal, he curto. Va-
 mos ao mayor de todos, &
 que só podia caber na im-
 mensidade do coração de
 Deos. A mayor acção da mi-
 sericordia divina (& que
 ainda depois de obrada, só a
 pode crer a fé, & a razão
 não póde provar, que era pos-
 sível) foy a da redempção
 do genero humano por me-
 yo da Encarnação, & Morte
 de seu proprio Filho. E que

circunstancias concorrião
 nesta prodigiosa resolução
 da misericordia, que não pa-
 reção manifestas injustiças?
 Vender o Filho, para resga-
 tar o escravo? Condenar o
 innocente, para absolver o
 culpado? Matar o justo, pa-
 ra que vivesse o peccador?
 Se esta acção não fora de
 Deos, & a fizera o pay, ou o
 Rey mais Santo, quem have-
 ria que a não julgasse por
 injustissima? Sem sair do
 mesmo caso: porque foy
 injusto Caifaz? Porque foy
 injusto Herodes? Porque
 foy injusto mais que todos
 Pilatos, senão porque exe-
 cutou como sua esta mesma
 sentença? Se Pilatos em
 condenar a Christo, &
 absolver a Barrabaz, cometeo
 a mayor injustiça, que
 menos fez o Eterno Padre,
 condenando a seu Filho, pa-
 ra libertar os filhos de Adão
 do peccado de seu Pay, &
 dos seus? Mais digo. Pilatos
 lavou as mãos; mas o Eter-
 no Padre não as pode lavar.
 Porque Pilatos obrou for-
 çado, & o Eterno Padre
 muito per sua vontade: Pi-
 latos confessou a innocencia

Matth.
127. 24.

11ai. 53.
6.

Luc 1.
78.

Drogo
Hostien-
sis de
Passione
Domini.

de Christo : *Innocens ego sum à sanguine iusti huius* : & o Eterno Padre poz em Christo, & sobre Christo os peccados, & maldades de todos os homens : *Posuit in eo iniquitatem omnium nostrum*. Pois isto quer, isto resolve, isto manda, isto executa hū Deos, que he a mesma justiça, cō tantas circumstancias, ou apparencias de injustiça? Sim; porque assim era necessario, para sublimar, & exaltar Deos a soberania da sua misericordia sobre a mesma justiça. A misericordia, que não excede, & encontra as leys da justiça, he misericordia vulgar, & quasi indigna da piedade infinita de Deos. Qual he logo a misericordia digna do seu coração, ou como lhe chama Zacharias, das suas entranhas : *Per viscera misericordiae Dei nostri*? He hūa misericordia, que verdadeiramente parece injustiça : & quanto mais semelhança tiver de injusta, tanto mais terá de divina.

216. Assim o entendeo altamente Drogo Hostienense, & o declarou por boca do Bom Ladrão como testemu-

nha de vista. Em que fundou o Bom Ladrão a esperança, de que sendo ladrão, & malfeitor, havia de ser Christo tão misericordioso com elle, que lhe desse o seu Reyno? Fundou-a não só na misericordia de Christo, mas no genero de injustiça com que considerou, que a sua mesma misericordia o condemnara : *Video in te magnam, & tuam, hoc est, competentem tibi misericordiam, quæ te mihi ad mei consimilem condescendere fecit miseriam. Ego digna factis recipio, tu autem quid fecisti? Video te mihi in pena similem, quem actu video tam dissimilem*. Vejo em vós, Senhor, (diz o Ladrão) vejo em vós, a quem já reconheço por Deos, hūa misericordia tão grande, tão divina, tão vossa; q̃ só ella pôde ser digna de qué vós sois, pois vos fez meu cópanheiro na mesma miseria. A mim pozme a justiça em hūa Cruz, & justamente, porque sou culpado : a vós pozvos a misericordia em outra Cruz; mas injustamente, porque sois a mesma innocencia : & quando eu vejo, que

que a vossa misericordia foy tão injusta comvosco , que sendo innocente vos fez semelhante a mim na pena ; por isso espero tambem que será tão injusta comigo, que sendo eu culpado , me faça semelhante a vós na gloria. Assim o considerou futilmente o Ladrão, & assim lhe succedeo. De maneira, que a semelhança de injustiça , que o Ladrão considerou na misericordia que condenou a Christo, essa foy a que lhe deu esperança de que a mesma misericordia o salvaria a elle: *Video te mihi in pena similem , quem actu video tam dissimilem.* E esta misericordia q̃ tâtas circumstancias teve, ou tantas apparencias de injusta ; esta mesma, & por isso mesmo foy a mayor misericordia, a mais alta, a mais divina , & a mais digna de quem Deos he, que todas as suas: *Video in te magnam, & tuam, hoc est, competentem tibi misericordiam.* E se aquella misericordia , que tanto se parece com a injustiça, he a misericordia propria das entranhas de Deos: *Per viscera misericordie Dei*

nostri : não será muito que pareça tambem hoje injusta a misericordia da que trouxe a Deos em suas entranhas : *Beatus venter qui te portavit.*

III.

217. **P** Ara que vejamos estas que parecẽ injustiças da Virgem Senhora nossa nas misericordias do seu Rosario ; infinitos sãõ os exemplos, que me offereciãõ as historias Ecclesiasticas, assim nas Chronicas geraes, & particulares da Sagrada Religião de S. Domingos , como em muitos outros Autores, de que só os da nossa sãõ mais de vinte. Deixados pois outros casos do mesmo genero , só referirey hũ que por Real deve preferir aos demais. Ouve hum grande Rey , diz o Beato Alano , & calla o nome da Pessoa, & do Reyno por reverencia da dignidade , a que o mesmo que se coroava com ella nenhum respeito, nem decoro guardava. Era máo, & vicioso de todos os quatro costados, que sãõ as quatro obri-

B. Alano
lib.
1. c. 10.

gações de que se compõem a dignidade Real, ou o Rey digno. A primeira para com Deos, a segunda para com os estranhos, a terceira para com os vassallos, a quarta para consigo. Mas todos estes quatro elementos estavam corruptos naquelle indigno Princepe, com que vinha a fer a peste da sua Republica. Para com Deos era impio, & blasfemo: para com os estranhos ambicioso, & soberbo: para com os vassallos avarento, & cruel: & para consigo todo entregue ás demasias da gula, & ás outras intemperanças que desta se seguem. Assim viveo este monstro coroadado alguns annos, & assim (que assim havia de ser) veyo a morrer sem emenda. Em quanto se celebravão as exequias do corpo presente, foy apresentada a infelice Alma ante o Tribunal Divino, chorando os dous Anjos de sua guarda, & triunfando com tão grande preza a caterva dos Demonios, que a cercavão. Assistia ao pé do Trono S. Miguel com a balança: & foy cousa maravilhosa, ou

lastimosa, que pondo-se de húa parte infinitas más obras, da outra não ouve húa só boa com que se contrapezassem. Condenado pois o miseravel Rey pelos peccados de Rey, que erão es mayores, & pelos de homê, que erão gravissimos, quando já os ministros infernaes lhe hião arrebatando a Alma, para a levar, & sepultar no inferno; eis que apparece cercada de resplandores a gloriosissima Mãe de Deos com hum Rosario na mão. E que Rosario era este? Couza estranha, & não imaginada, & de que no juizo se não tinha feito caso. Se algum final de Christandade havia dado o Rey em sua vida, era trazer sempre pendente do cinto hum Rosario de contas grossas, as quaes porêni nunca rezava. Assim o nota, & pondêra o Santo Historiador, advertindo juntamente, que á imitação do Rey todos usavão tambem trazer publicamente o Rosario, & não só por gala, ou cerimonia como elle, por que todos o rezavão, & o offerecião á Senhora. Este Ro-

sario

fário pois não rezado, mas occasião fômente de que outros o rezassem, poz a Mãe de misericórdia por sua própria mão na outra parte da balança, & foy tal o pezo, que da mesma mão soberana tinha recebido, que logo a inclinou, & levou abaixo, subindo a das más obras, como se foraõ muito leves. Aqui se acabou de entender entãõ a verdade, & propriedade com que tinha ditto o Apostolo Santiago: *Misericordia superexaltat judicium.*

218. O sentido deste texto todos os Padres, & Expositores entendêraõ sempre que queria dizer, que a misericordia prevalece, & he superior á justiça; mas as palavras do mesmo texto parece que senaõ accommodaõ a este sentido; porque ellas dizem, que a misericordia exalta, & levanta a justiça: *Misericordia superexaltat judicium*: logo se a justiça he a exaltada, & levantada, ella he a que fica superior, & não a misericordia. Por esta difficuldade são infinitas as exposições, & ain-

da versões, que se tem inventado para declarar o mesmo texto; mas todas violentas, & improprias. A propria, & verdadeira, he a que se mostra na balança. Porque na balança, a parte que sobe he a vécida, & que fica debayxo, & a q desce a q prevalece, & fica de cima. E este he o modo com que a misericordia levanta a justiça: *Misericordia superexaltat judicium. Si cut in stat era una lanx pondere aliquo depressa elevat alteram, & adversam, ita misericordia elevat judicium*: diz o Cardeal Cayetano. E não he maravilha, que entre todos os Expositores, elle desse unicamente neste pensamento, como Doutor da Familia do Rosário: o qual Rosário no nosso caso o mostrou, & confirmou com taõ milagrosa experiencia.

219. Mas que fariaõ os Demonios á vista desta subita mudança taõ contraria á vitoria, & ao despojo com que já triunfavaõ? Duas cousas refere a historia, ambas notaveis: hũa he, que furiosos arremetêraõ á balança, que tinhaõ carregado cõ

Caietanus ibi
relatus
à Cor.
nelio.

as más obras do Rey, trabalhando com toda a força pela fazer descer, & que pezassem mais que o Rosario: a outra, que não aproveitando nada com todas as suas forças, atrevidos, & blasfemos clamârao contra a Senhora, dizendo a grandes vozes: *Maria, injuste fecisti, fecisti inæqualitatem*: Maria, fizestes hũa grande injustiça, isto não he razaõ, nem igualdade. Mas assim como Deos permite aos Demonios, que o blasfemem, sem por isso lhe dar novo castigo, assim a Mãe de Deos, não fazêdo caso daquellas blasfemias, & voltandose para a Alma do Rey já livre da cõdenaçãõ, lhe disse, que se tornasse a unir ao corpo, & que a vida que dalli por diante se lhe concedia, a empregasse em taes obras, que satisfizessem a culpa, & escandalo das primeiras. Assim se fez: & com assombro de toda a Nobreza do Reyno, que assistia aos officios funeraes, se levantou do tumulo o Rey defunto vivo, dizendo em alta voz, & com as mãos levantadas ao Ceo: *O bene-*

dictum sit Rosarium Virginis Mariæ, per quod sum liberatus à damnatione gehennæ: õ bemditto seja o Rosario da Virgem, pelo qual fuy livrado da cõdenaçãõ do inferno!

220. Este foy o prodigioso caso, de cujas circunstancias só pede o nosso assumpto, que examinemos, & ponderemos a allegaçãõ dos Demonios, a qual, posto que atrevida, & blasfema, parece que foy posta em razaõ, & justificada. E a justiça, & a razaõ, nem ao Demonio se ha de negar. Em outro caso semelhante de hum Ecclesiastico, por nome Baslo, cuja Alma patrocinava a Virgem depois de morto, allegâraõ os Demonios á mesma Senhora, que sendo Mãe da verdade, & da eterna justiça, lhe não podia tirar das mãos aquelle homem, que era seu. E como em prova de que era seu, o accusassem de hum peccado grave, que nunca tinha confessado; diz S. Pedro Damiaõ (que he o Autor da historia) que reconhecendo a Senhora ser assim, parára hum

hum pouco , & não replicá-
ra, como em reverencia da
verdade , posto que afirma-
da pelos pays da mentira :

*Quod peccatum cum Beata
Virgo licet ab authoribus men-
dacijs veraciter recognovisset ,
modeste paulisper obticuit , &
quodammodo veritati reve-
rentiam præbuit.* Assim, que

sem offensa da Mãe de Deos,
posto que os Demonios fo-
raõ os que disseraõ : *Maria
injuste fecisti* ; nem por isso
havemos de deixar sem exa-
me as apparencias de razaõ
que tiveraõ : antes será, não
só licito , mas conveniente ,
argumentar , & instar pela
mesma parte; para que as
misericordias da Senhora, &
do seu Rosário, quanto mais
parecer que envolvem de in-
justiça, tanto mais gloriosa-
mente nós manifestem quão
tem de excellente miseri-
cordia.

IV.

221. **C**onsideradas pois
todas as circun-
stancias da misericordiosa
salvaçãõ, que referimos do
Rey morto, condemnado, ab-

solto, resuscitado, & finalmẽ-
te salvo ; por todas ellas pa-
rece que foy a sentença in-
justa. Injusta por parte das
Leys , injusta por parte do
Reo , injusta por parte do
Juiz, & mais injusta por par-
te da Avogada , & do moti-
vo, que foy a Senhora , & o
seu Rosário.

222. Começando pelas
leys, basta por todas as do
nosso Evangelho : *Beati qui
audiunt verbum Dei, & cus-
todiant illud.* A ley universal
de Christo he, que se salvem
só os que guardarem os mã-
damentos de Deos, & que
sejaõ condenados para sem-
pre, & vaõ penar eternamẽ-
te no inferno os que os não
guardarem. Isto mesmo re-
petem a cada regra todas as
Escrituras, & he artigo de
Fé. Pois se aquelle Rey em
toda a vida não guardou as
leys de Deos , desprezando
taõ impia, taõ insolente , &
taõ escandalosamente não só
hũa (que bastava) senaõ to-
das, & assim perseverou ob-
stinado até a hora da morte
sem emenda, nem arrependi-
mẽto; como se não executou
nelle a pena das mesmas
leys ?

leys? Isto he o que os Demonios chamáraõ injustiça: *Maria injustè fecisti: & o mesmó parece que tinhaõ razaõ de dizer, & clamar todos os condenados do inferno. Que Deos nos condenasse, porque vivemos, & morremos desobedientes a seus mandamentos, he muito justo:*

Ps. 118. 137. Iustus es Domine, & rectum judicium tuum: porèm que não haja de padecer a mesma pena quem commetteo as mesmas, & mayores culpás; que justiça he esta? Até os Bemaventurados do Ceo pôdem fazer a mesma queixa. Naquelles operarios da parábola de Christo chama-dos á vinha a diferentes horas, são significados todos os que se salvaõ, & haõ de salvar; porque todos receberão o Denario, o qual se chama assim, porque he a satisfação, & premio, com que Deos paga a observancia dos dez mandamentos. E com tudo diz o texto, que depois de receberem esta paga, alguns delles murmuravaõ cõtra o Pay de familias; que he Deos: *Accipientes murmurabant adversus Patrem fami-*

Matth.
23. 11.

lias. Mas se estes, que já tinhaõ recebido a paga (como bem replica S. Joáo Chrysostomo) se estes que já tinhaõ recebido a paga, já estavaõ no Ceo, & já eraõ Bemaventurados, & o Pay de familias he Deos, como murmuráraõ cõtra o Pay de familias? No Ceo ha murmuração, ou pôdem os Bemaventurados murmurar contra Deos? He certo, que nem murmurao, nem pôdem; mas declara a parábola com a sem razaõ deste nome, a razaõ verdadeiramente apparen-te com que parece se podiaõ queixar da differença, & desigualdade, que Deos ufou entre huns, & outros: *Hi novissimi una hora fecerunt, & pares illos nobis fecisti, qui portavimus pondus dei, & estus?* Estes vieraõ na ultima hora, nós soportamos todo o pezo do dia, & da calma, & no cabo fazeylos iguaes connosco? Que diriaõ, se fallassem do nosso caso estes mesmos Bemaventurados? Se chamaõ desigualdade a levarem o mesmo premio os que trabalháraõ todo o dia na vinha, &

os

os que vieraõ a ella na ultima hora ; que haviaõ de dizer comparados cõ o mau Rey, que nem na ultima hora veyo, antes todos os dias da sua vida tinha empregado todo seu poder em arrancar, decipar, & destruir a vinha? Vede se tinhaõ apparente, & mais que apparente occasião para se queixar, & murmurar da Máy como do Pay, & dizer pelos mesmos termos á Senhora : *Fecisti inequalitatem.*

223. Mas taes como estas são as que parecem injustiças da misericordia de Deos, & da Virgem do Rosário. O que respondeo o Pay de familias a hum dos murmuradores em nome de todos, foy : *Amice, non facio tibi injuriam : non ne ex denario convenisti mecum? Tolle quod tuum est, & vade. Volo autem & huic novissimo dare sicut & tibi : aut non licet mihi quod volo, facere?* Amigo, eu não te faço injuria, pois te paguey o que prometti, & ajussey contigo. E se pago igualmente a este que não trabalhou tanto, o que lhe dou demaais a elle, não o tiro

aty. Contentate com o que he teu, & do meu deixame fazer o q' quero, pois me he licito. Esta foy a repoffa do Senhor da vinha, tão senhoral, como justificada, & vem a dizer em summa : que a liberalidade não he dívida, & que quando Deos usa de mayor graça, & de mayor misericordia com huns, nem por isso faz aggravo, ou injuria aos outros ; porque a graça não he injuria, nem a misericordia injustiça. Mas se assim he, como he, porque razaõ Christo Senhor Nosso (que foy o sapientissimo artifice da parábola, & a podia formar como quizeffe) porque razaõ onde não havia injuria, introduzio a queixa, & onde não havia injustiça, a murmuração? Por isso mesmo, dizem S. Jeronymo, & S. Gregorio. Porque queria o Senhor encarecer a mesma graça, & a mesma misericordia sua, que era o fim de toda a parábola : & a graça que pôde parecer injuria, he mayor graça, a misericordia que pôde parecer injustiça, he mayor misericordia. Taes são, como dizia, as graças, & mi-

D. Hier.
D. Greg.

misericordias de Deos , & principalmente , quando o Senhor as concede por mão de sua Santíssima Mãe , & procuradas (como no nosso caso) pela mesma Senhora. He novo , & não menor reparo na mesma parábola.

224. Quem sahioa chamar , & conduzir os operarios para a vinha , & quem fez o concerto com elles; foy o mesmo Pay de familias: *Qui exijt primo mane conducere operarios in vineam suam*: porêm as pagas , que occasionárao a murmuração , mandou-as fazer pelo seu Procurador: *Dixit procuratori suo*. Pois se o Pay de familias fez os pactos por sua propria Pessoa; as pagas porque as não fez tambem elle por sua mão ? Porque erao pagas desiguaes , hûas de justiça, outras de graça; & de taõ excessiva graça, que derao occasião á queixa. E posto que o fazer os pactos, & as leys pertença privativamente a Deos , que he o Pay de familias; quando estas leys se haõ de exceder em parte , ou dispensar em todo, estas dispensações , &

graças extraordinarias naõ as costuma Deos fazer immediatamente por si mesmo, senaõ por mão do seu Procurador; ou da nossa Procuradora , que he a Virgem Santíssima. Assim o dizem, & apregoão expressa , & encarecidamente S. Bernardô, S. Anselmo, S. Epifanio, S. Boaventura , & todos os Santos em todos seus escritos. Bastem pelo testemunho de tôdos as palavras de S. Germano Arcebispo de Constâtinapla, que verdadeiramente saõ germanissimas, fallando com a mesma Senhora: *Quis post Filium tuum , ita humani generis curam gerit , sicut tu ? Nullus enim est qui salvus fiat , ô sanctissima , nisi per te : nemo est qui liberetur à malis , nisi per te : nemo est , cujus misereatur gratia , nisi per te*. Quem ha depois de vosso Filho, ô Virgem Santíssima, que assim procure o bem do genero humano, como vós ? Porque ninguem se salva, senaõ por vós; ninguem se livra dos males, senaõ por vós; ninguem alcança misericordia, ou graça, senaõ por vós. De sorte que todas

Matth.
20.1.

Ibidem
8.

Bernardus.
Anselmus.
Epiphanius.
Bonaventura.

S. Germanus.
de Constantino.
Episcopus.

todas as graças, & misericordias, que excedem as leys da justiça, & ainda parece que a encontrao, não as faz Deos immediatamente por sy mesmo, senão por mão de sua Santissima Mãy, Mãy tambem, & Procuradora nossa, como o fez o Pay de familias por mão do seu Procurador: *Dixit procuratori suo.*

225. Isto quer dizer, & encarecer aquelle *Nisi per te, nisi per te, nisi per te*; tantas vezes repetido. Mas porque neste curar de nós, & procurar de nós, dá o Santo o segundo lugar á Senhora, & o primeiro a seu Filho: *Quis post Filium tuum, ita humani generis curam gerit, sicut tu*; pareciame a mim, que no nosso caso se devem trocar estes lugares. No caso da parabola o Procurador só fez o que lhe mandou o Senhor da vinha: porém no nosso caso a nossa soberana Procuradora não só excede o que o mesmo Senhor manda; mas procurou que se fizesse, & conseguisse tudo o contrario. Comparemos em hum, & outro caso o que fez o

Pay das misericordias, que he o Pay das familias, com o que fez a Mãy de misericordia, que he a Mãy do mesmo Pay. O Pay de familias no caso da parabola excede o justo, a Virgem Maria no nosso caso excede o injusto. Ora notay. O Pay de familias aos que chamou em segundo lugar, & dahi por diante não lhe prometteo o jornal de todo dia por inteiro, senão o que fosse justo: *Quod justum fuerit, dabo vobis.* E como aos que só serviraõ poucas horas, ou hũa só hora, deu inteiramente o jornal de todo dia, bem se vê que excede o justo. Porém a Senhora no nosso caso, indo por fóra de todos os exemplos da parabola, & fazendo q̃o mesmo jornal, & a mesma paga (que he o denario da bemaventurança) se desse não só a quem não tinha servido, mas a quem tanto tinha deservido, & offendido a Deos, como aquelle, máo Rey, manifestamente excede o injusto. O dar a quem não servio, he liberalidade: mas o pagar a quem não servio, he injustiça; porque

Matt. 20, 4:

a paga

a paga suppoem serviço, assim como o premio suppoê merecimento. E se pagar a quem não servio, he hũa injustiça; pagar a quem desfervio, & offendeo; são duas, & não só he fazer, senão exceder o injusto. Isto pois que não mandou o Pay de familias, nem fez o seu Procurador, procurou a Senhora do Rosario, & fez que se executasse contra todas as leys geraes do que Deos manda. E quem haverá á vista deste excesso de misericordia, que trocando a blasfemia dos Demonios em louvor digno de o cantarem os Anjos, senão atreva a dizer confiadamente á sua Rainha, & nossa: *Maria injuste fecisti.*

Item a 36. V. o 1.º cap. do 1.º livro de Ezequiel.

226. **O** Que só se póde responder, he, que a Senhora mandou ao Rey, que depois de resuscitado emendasse na segunda vida os erros da primeira. Mas isto mesmo foy quebrar outra ley. A ley universal de Deos he, que os homens não tenham mais que hũa vida.

& hũa morte: *Statutum est* ^{He} *hominibus semel mori.* Tanto ²⁷ assim, que até o mesmo Rosario senão atreva a pedir á mesma Mãe de Deos outra cousa: *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus nunc, & in hora mortis nostrae.* Pedimos á Mãe de Deos, que rogue por nós peccadores, agora; que he esta vida, & mais na hora da morte; porém depois da morte não pede tal cousa o Rosario. Mas não fora a Senhora do mesmo Rosario tão misericordiosa, & tão poderosa como he, se nos não concedera o que pedimos, & o que não pedimos também. Por ventura Martha, & Maria pedirão a Christo, que resuscitasse seu irmão? Nem tal pedirão, nem tal lhe passou pelo pensamento. O que só desejáráo (& não pedirão) foy que o Senhor lhe acudisse antes de morrer, & o farsse da enfermidade. Assim o significava o recado: *Eccè quem amas,* ¹⁰ *infirmatur:* & assim o disse-³ ráo depois hũa, & outra: *Domine, si fuisses hic, frater* ^{ibi} *meus non fuisset mortuus.* Com ²¹ tudo,

tudo sem as irmãs se atreverem a pedir, nem ainda a esperar a resurreição de seu irmão, o Senhor movido de sua propria misericordia o refuscitou: porque? Bem creyo, que nem a vós vos vem ao pensamento a razão. Mas a razão foy; porque nesta resurreição quiz fazer hum ensayo particular, & dar hum testemunho publico das q̃ depois havia de obrar em graça de sua Santissima Mãy.

227. Antes de Christo nesta hora entrar em Betania, parou, & mandou por Martha, que alli o foy receber, que fosse chamar a sua irmã Maria: *Magister adest, & vocat te.* Mas se as duas irmãs tinhaõ repartido entre sy as duas ceremonias daquelle acto, Martha a da cortesia, faindo a receber o Senhor, & Maria a do nojo, & sentimento, ficando encerrada em casa; porque a mãdrou o Senhor chamar, & quiz que viesse primeiro? Excellentemente S. Pedro Chrysologo: *Mittitur Martha ad Mariam, quia sine Maria, nec sugari mors pote-*
Tom.5.

rat, nec vita poterat reparari. Veniat Maria, veniat materni nominis bajula; ut videat homo Christum virginis uteri habitasse secretum: quatenus prodeant ab inferis mortui, mortui exeant de sepulchris. Excellentemente outra vez. Mandou o Senhor chamar a Maria, porque como Lazaro estava morto, & se lhe havia de restituir a vida, nẽ sem Maria se podia lançar fóra a morte, nem a vida se podia restaurar sem Maria. *Quia sine Maria nec sugari mors poterat, nec vita poterat reparari.* Notay muito aquelle *Nec poterat* duas vezes repetido. Não porque Christo Soberano Senhor da morte, & da vida não podesse absolutamente dar agora vida a este morto, como no fim do mundo a ha de dar a todos, mas porque estes mesmos poderes os tem comunicado a sua Mãy com tão irrevocavel delegação, que assim como a Senhora não pôde dispor da morte, & da vida sem o concurso superior de seu Filho, assim o Senhor o não faz já mais sem companhia de sua Mãy. De
Q sorte,

forte, que esta resurreição (diz Chrysologo) não se fez em graça de Maria irmã de Lazaro, senão por graça, & privilegio de Maria Mãe de Deos: *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula*. E para que? Que o porque já está ditto: *Ut videat homo Christum virginalis uteri habitasse secretum, quatenus ab inferis prodeant mortui, mortui exeant de sepulchris*. Agora acabou de dizer o Santo o que só faltava para a inteira propriedade do nosso caso. Para que entendaõ os homens, que o fim porque Deos se fez homem no Sacratio virginal do ventre de Maria, foy para que as Almas dos mortos subaõ do inferno, & os corpos saiaõ vivos das sepulturas: *Quatenus ab inferis prodeant mortui, mortui exeant de sepulchris*.

228. Isto he o que a Senhora do Rosario obrou no nosso caso com mayor privilegio, & mayor milagre, que o da resurreição de Lazaro. Porque sendo Lazaro morto, & o Rey tambem morto, iguaes na resurreição: o inferno de que o Senhor

livrou a Alma de Lazaro; era o Limbo; porẽm o de que a Senhora livrou a Alma do Rey, era propriamente o inferno dos condenados, a que já estava tambem condemnado por sentença do Supremo Juiz: *Quatenus ab inferis prodeant mortui*. Duas vidas deveo Lazaro a Christo: a primeira de que morreo enfermo; a segunda de que morreo martyr, em ambas Santo. Mas as duas vidas que o Rey deveo á Senhora, tem muito mais de misericordia, porque não tiveraõ nada de justiça. A hũ homem que viveo, & morreo justo, justamente se lhe torna a dar vida: mas a hum Rey, o qual tem mayores obrigações que as de homẽ, depois de viver, & morrer em tantas, & taõ enormes maldades, sem nenhum arrependimento dellas, com que justiça se lhe pôde perdoar hũa vida, & conceder outra? Mas estes sãõ os excessos de misericordia com que a Senhora qualifica as do seu Rosario. Vede com quanta razão podia dizer este Rey com o Rey David: *Melior*

Melior est misericordia tua super vitas : labia mea laudabunt te : Eu, Virgem do Ro-

sario, ainda que o trazia comigo, a minha boca não o rezava: mas ella daqui por

diante o fará: *Labia mea laudabunt te :* confessando que á vossa misericordia não só devo a vida, senão as vidas: *Melior est misericordia tua super vitas.* As vidas que devo Lazaro a vosso Filho, foraõ grande misericordia; mas as vidas que eu vos devo, hũa tão boa sobre outra tão má, hũa tão pouco merecida sobre outra de tanto desmerecimento, ainda são mayor misericordia em vós, como melhor em mim: *Melior est misericordia tua super vitas.* Assim o conta, & canta El Rey David, como se fallára literalmente do nosso; & por isso conclue milagrosamente o mesmo Psalmo com a alegria, & triunfo do Rey, & com a tristeza, & confusão dos Demonios, q̃ lhe queriaõ levar a Alma, & tornáraõ sem ella para o inferno: *Ipsi verò in vanum quesierunt animam meam, introibunt in inferiora terre :*

partes vulpium erunt : Rex verò letabitur in Deo.

VI.

229.

A Segunda circũstancia, que parece faz injusta esta misericordia, he a consideração do Reo. Já vimos quam escandalosa era a vida daquelle máo Rey, & quam estragada em todo o genero de vicios, sem outra apparencia de piedade Christãa, mais que trazer o Rosario no cinto. Mas esta mesma apparencia de piedade o fazia mais impio, & mais Reo. *Reatus impij est pium nomen:* disse sentenciosamente S. Salviano. E dá a razão muito propria do nosso caso: *Magis damnabilis est malitia, quam titulus bonitatis accusat.* Os peccados que commettia o Rey não se accusavaõ huns aos outros, mas aquella especie de bondade estava sempre accusando as suas maldades, & as mesmas contas do Rosario com que as queria dissimular, eraõ cento & cincoenta testemunhas contestes, que o condenavaõ. Pois se por isto

O ij mes.

mesmo era mais digno de condenação: *Magis damnabilis*; como foy esta mesma a causa de não ser condenado? Absolver pela mesma razão de condenar, como pôde ser justiça? Apertemos bẽ este ponto, & passemoslhe o Rosario do cinto ao pescoço; que o cinto, & o Rosario ambos podem ser laço.

230. O Rosario trazido, & rezado he devação, mas não rezado, & trazido, he hypocresia: *Omnis hypocrita palliat sanctitatem in veste, quam non habet in mente*: o hypocrita, diz S. Bernardo, traz a santidade no vestido, porque a não tem no espirito. Et tal era a hypocresia deste Rey. Vestia o Rosario, mas não o rezava. Que importa trazer os mysterios nas contas, se as contas não se rézaõ, nem os mysterios se meditaõ? Eraõ os quinze mysterios deste Rosario, como o mysterio, que trazia escrito na testa aquella má mulher do Apocalypse vestida de purpura, chamada por S. Joã a mãy de todas as torpezas, & maldades, cõ que podera ser bẽ

casado este Rey. E se ella foy condenada justissimamente, como pode elle ser absolto com justiça? Chamou hum Anjo a S. Joã, para que fosse ver a condenação daquella má mulher: *Veni, ostendam tibi damnationem meretricis magnæ*. E do mesmo modo nos chama a nós a Rainha dos Anjos, para que venhamos ver a absolvição deste máo homem. Posto pois o absolto á vista da condenada, & sendo as culpas de ambos tão semelhantes, que juizo se pôde fazer de hũa, & outra sentença? Se a condenação executada em hum dos Reos foy tão justificada, a absolvição concedida a outro, como pôde ser justa, não havêdo de differença mais que hum Rosario não rezado?

231. Accrescento, que ainda que fora rezado, & bem rezado, sendo o Rey tão máo como era, aquelle acto de Religião sòmente exterior, não podia ser grato a Deos. A historia sò diz, que o Rosario era grande; mas não diz de que materia fosse: *Portabat illud, & quidem*

S. Bern.

*dem magnum in zona sua, quod tamen non recitabat: & eu digo, que ainda que o rezasse, & o Rosario fosse de calambuco, ou de ambar, não podia cheirar bem a Deos. Do sacrificio que offereceo Noe despois do Diluvio, diz a Escriitura que subio a Deos hum cheiro muito suave: *Odoratus est Dominus odorem suavitatis*. E pelo contrario, dos sacrificios, que se offereciaõ a Deos no Templo em tempo de Isaias, diz o mesmo Isaias, que o incenso era abominavel a Deos: *Ne offeratis ultra sacrificium frustra: incensum abominatio est mihi*. Os sacrificios antigos, ou na Ley da Natureza, como o de Noé, ou na Ley Escrita, como os do Templo, não eraõ outra cousa, que hũa rezes lançadas no fogo, & queimadas. Pois o cheiro das rezes queimadas era suave a Deos, & o cheiro do incenso abominavel? Sim. Porque o olfato de Deos he muito diverso do nosso. Noé era Santo, os Sacerdotes do Templo eraõ sacrilegos: & tudo o que offerecem os bons, ain-*

Tom. 5.

da que seja carne queimada, cheira bem a Deos: pelo contrario, tudo o que offerecem os máos, ainda que sejaõ incensos, & thimíamas cheiralle muito mal. O mesmo passa no Rosario. Ainda que as contas sejaõ calambucos, & o que se reza por ellas, sejaõ roças, se o que se reza he máo, não pôdem cheirar bem, nem ser gratas a Deos.

232. A razão não he outra, senão a que diziamos. Bons exteriores com máo interior são hypocrias: & este he o peccado, que Deos mais aborrece, mais abomina, menos perdoa, & mais condena. Seis vezes repete Christo no Evangelho: *Vae vobis hypocritae*, *vae vobis hypocritae*: Matt. 23. 15. o que não diz de algum outro vicio, nem de todos juntos. E porque razão? Porque aquelle *Vae* na boca do Supremo Juiz he a sentença de condemnação abreviada em hum Ay, que depois será entendido por toda a eternidade: & os hypocritas, como os que não tem fé, antes da condemnação já estão condenados: *Qui non credit, iam* Joan. 3. 18.

O iij judi

judicatus est. Tanto assim, que no foro judicial do Tribunal Divino, hypocrita quer dizer condenado, & condemnado quer dizer hypocrita. Segundo este formulario fallou Isaías, que he o mais curial de todos os Profetas :

Isai. 33.
64.

Possedit tremor hypocritas : quis poterit habitare de vobis cum igne devorante : quis habitabit ex vobis cum ardoribus sempiternis ? E o q̃ mais he, o mesmo Juiz Christo, fallando da condemnação do máo servo : *Dividet eum, partemque ejus ponet cum hypocritis : illic erit fletus, & stridor dentium.* Pois se esta he a justiça do Filho por tantos, & tão temerosos modos ratificada, como póde fazer o contrario justamente a misericordia da Mãe ? Aquelle Rosario, que foy todo o fundamento, ou motivo da absolvição do Reo, não só era hypocrisia, senão dobrada hypocrisia. Húa vez hypocrita dos outros vícios, porque sendo o Rey impio, & blasfemo, o ostentava devoto : & hypocrita de sy mesmo ; porque sendo sómente ostentado, & não rezado,

Matth.
24. 51.

fingia-se Rosario sem ser Rosario. E sendo aquella falsa ostentação dobrada hypocrisia, & por isso dobrada causa de justa condemnação ; com que justiça podia ser absolto o Reo, & absolto depois de já condemnado ? Assim o diz declaradamente a historia : *Cum contra eum daretur sententia. condemnatio nis.* Eu não nego, que a Virgem Senhora Nossa he a unica esperança de todos os peccadores, mas tambem he certo, que se tira por exceiçãõ a esperança dos hypocritas, como está escrito no livro de Job : *Spes hypocritæ peribit.*

VII.

233. **T** Odas estas apparencias de injusta teve no nosso caso a misericordia da Senhora do Rosario considerada da parte do Reo. E se por isso foy mayor misericordia, sendo o Reo tão digno de condemnação, nem por isso foy menos justificada : porque ? Porque ainda que era Reo, era Rey. Bem vejo que vos admira a reposta :

reposta: mas a razão della he, porque tem grande pezo diante de Deos os bons exteriores dos Reys, ainda quando lhe falta o interior da virtude. Mandou Deos pelo Profeta Elias notificar a El-Rey Achab a pena de Taliaõ em castigo da injusta morte que tinha dado ao innocente Nabot com tantas circumstancias de tyrania: & como Achab rasgasse a purpura, & se vestisse de sacco, & cobrisse a cabeça de cinza, bastou esta demonstração para Deos suspender a sentença. Agora pergunto. Esta demonstração de penitencia em Achab foy verdadeira penitencia? Não: que assim o mostráráo logo os effeitos. E a verdadeira penitencia não consiste em rasgar, & mudar os vestidos, senão em mudar, & rasgar o coração: *Scindite corda vestra, & non vestimenta vestra.* Pois senão foy verdadeira penitencia, porque suspendeo Deos o castigo? Porque Achab era Rey, & ainda que no interior não estava penitente, os exteriores eraõ de penitencia. Assim o disse Deos ao

mesmo Elias: *Nonne vidisti humiliatum Achab?* Não viste humilhado a Achab? Humilhado disse, & não humilde: porque a humildade he o interior da humiliação, assim como a humiliação he o exterior da humildade. E bastou q o Rey se mostrasse penitente neste exterior, ainda que o interior lhe faltasse, para que Deos suspendesse a sentença.

234. E se nos he licito entrar nos arcanos dos conselhos divinos, & inquirir que motivos tenha Deos para usar desta razão de estado com os Reys. O mesmo Deos a declarou naquella palavra *Vidisti: nonne vidisti humiliatum Achab?* Não viste humilhado a Achab? Do que os subditos vem no Rey, tira Deos grandes consequencias, & tem grandes utilidades. E taes foraõ as que a Senhora considerou, & estimou no Rosario do nosso Rey. Porque ainda q não era Rosario rezado, era Rosario visto. Taõ poderosos são os bons exteriores dos Reys, & taõ efficaz he nos vassallos a vista só dos

mesmos exteriores. São os
 15. 1. Reys como a Serpente de
 Moyses levantada no meyo
 do Povo, que bastava po-
 Num. 21. 8. rrem os olhos nella; & ser
 vista, para dar faude a quan-
 tos a viaõ: *Pone eum pro sig-
 no: qui percussus aspexerit eũ.*
 São os Reys como os Pro-
 totypos, & exemplares, que
 sõmente vistos, & sem obrar,
 dirigem as acções do artifice,
 & aperfeiçoão as obras:
 Exod. 25. 40. *Inspice, & fac secundum exem-
 plar, quod tibi in monte mon-
 stratum est.* Por isso os He-
 breos sendo governados por
 Deos, pediraõ Rey, que
 fosse diante delles: *Da' no-
 bis Regem, & egredietur ante
 nos:* porque Deos era Rey
 1. Reg. 8. 6, 20. invisivel, & queriaõ Rey
 que podessem ver. E por is-
 so El-Rey David pedindo a
 Deos merces extraordina-
 rias, o que allegava, era que
 o veriaõ: *Videbunt me, &
 letabuntur, quia in verbatua
 super speravi.* Donde intere
 D. Am- 74. brofio: *Quàm pulchrum er-
 go: si videaris, ut pro sis?* Por-
 que não pôde haver cousa
 mais gloriosa, que aprovei-
 tar a muitos sô cõ ser visto.

Isto era o que fazia aquella
 Rey com o Rosario que tra-
 zia publicamente á vista de
 todos, bastando só que fosse
 visto, posto que não rezado,
 para que os demais o rezas-
 sem, como não só refere, mas
 pondéra o mesmo Historia-
 dor: *Videntes universi Regem
 suum Rosarium portare, fece-
 runt & ipsi similiter; & quod
 magis est, illud orabant.*

235. Notay muito estas
 ultimas palavras. Porque o
 Rey trazia o Rosario, todos
 o traziaõ; & posto que elle
 o não rezava, todos o reza-
 vaõ. Quando Moyses vio o
 fogo na Garça, & que a
 Garça não se queimava, dis-
 te: *Vadam, & videbo visio-
 nem hanc magnam:* quero ir
 ver esta grande visaõ. Ide
 embora Moyses, & vede bê,
 que essa visaõ ainda tem
 mais que ver. Dizeis que he
 grande visaõ, mas ainda he
 mayor. E porque era aquella
 visaõ mayor que grande?
 Era grande, porque estando
 o fogo na Garça, não quei-
 mava a Garça: & era mayor,
 porq̃ onde estava não quei-
 mava, & onde não estava,
 santificava. Não queimava a
 Garça,

Garça, & santificava a terra: *Locus enim in quo stas, terra sancta est.* Tal era o Rosário que o Rey trazia no cinto: a elle que o não rezava, não fazia devoto, mas fazia devotos aos vassallos q̃ o viao, & o rezavao: a elle não fazia santo, porque continuava nos vícios, & á sua terra, & ao seu Reyno santificava, porque rezando o Rosário, viviaõ Christãamente: *Locus in quo stas, terra sancta est.* Vede o que faz hũ Rosário trazido no cinto do Rey, & visto nelle, posto que não rezado.

236. Fallando o Profeta Rey com outro Rey mayor que elle, disselhe, que cingisse a espada, porque só a vista de lha verem cingida feria taõ poderosa, que renderia tudo: *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime: specie tua, & pulchritudine tua, intende, prosperè procede, & regna.* Porém S. Joaõ no seu Apocalypse vendo este mesmo Rey (que era o Rey dos Reys) vio que trazia a espada na boca, & que era espada de dous fios: *Et de ore ejus gla-*

dus utraq̃ue parte acutus exibat. E que espada he esta, q̃ não se traz na mão, senaõ na boca, ou na cinta? Outros lhe daõ varios sentidos: todos alegoricos, mas nas circumstancias do nosso discurso nenhum lhe quadra melhor, que ser o Rosário. He o Rosário espada de dous fios, porque como muitas vezes dissemos, por hũa parte he oraçaõ vocal, & por outra oraçaõ mental; & porque por ambas as partes he oraçaõ, por ambas he espada. Se esta espada se traz na boca, he o Rosário rezado; se se traz cingida, he o Rosário no cinto, como o trazia este Rey. Mas basta que se traga no cinto, para ser, não só poderoso, mas poderosissimo: *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime:* basta que se traga no cinto, para que só com a sua vista configure o Rey felizmente todos seus intentos: *Specie tua, & pulchritudine tua intende, prosperè procede, & regna.*

237. Os intentos pois do nosso Rey, em tudo o mais nada pio, eraõ, como diz a sua lenda, de promover, & cul-

Psalm.
825.5.

cultivar a devação do Rosário: *Volens familiam suam inducere ad orandum Beate Mariæ Virginis Rosarium.* O meyo que tomou para esta pia cultura, & lavoura do Ceo na terra, foy semear o mesmo Rosário nos olhos dos seus vassallos. Lá diz a Escriitura, que o semear nas lagrimas, tem muito certa, & abundante a colheita: *Qui seminant in lachrymis, in exultatione metent.* Mas o Rey, com invento novo, semeava o Rosário nos olhos, que por isso o trazia sempre á vista, & de contas muito grandes, para que todos as vissem. E có esta vista só: *Specie tua*; conseguiu taõ felizmente o seu intento: *Intende prosperè*; q̃ primeiro no seu mesmo Palacio (que he a terra mais esteril) & depois em toda a Corte, & ultimamente em todo o Reyno nasceo, cresceo, & se dilatou a devação do Rosário, não só visto, mas rezado: porẽm rezado nos vassallos, porque visto no Rey.

238. Mas como podia ser, que hum Rosário não rezado produzisse Rosários

rezados? A duvida he vossa, & minha: a resposta he de Christo. Ponderou Christo Senhor Nosso, que o grão de trigo morto dá muito fruto: *Si mortuum fuerit, multum fructum affert*: & neste caso imitou a graça a natureza. O Rosário que trazia o Rey, era morto, porque o não rezava; semeado porẽm nos olhos dos vassallos, produzia frutos vivos, & muitos. Nem podia deixar de ser, sendo o lavrador soberano. Quando os antigos Consules de Roma, depois de levarẽ diante de sy as varas, & as segures, tornavaõ a cultivar o seu câpo, diz Plinio, q̃ vendose a terra lavrar com arados laureados, respondia com mais copiosas novidades. O mesmo acontecia ao nosso lavrador coroado na cultura das suas terras. Com cada conta (que na lingua Latina se chamaõ Grana) hia semeando Rosários: & assim como no anno de mil & quinhentos, & setenta & cinco nasceo em Hibernia hũa arvore, que dava Rosários inteiros, & enfiados por fruto; assim foraõ infinitos

os que daquelle Rosario do Rey nascêraõ , & se multiplicaraõ em todo o seu Reyno. De cada conta nascia hũa arvore, de cada Rosario Rosarios sem conto.

239. E daqui se fica bem entendendo a razãõ de justiça, & igualdade, ou quando menos de equidade, que teve da parte da Senhora a quelle excesso de misericórdia, que os Demonios accusavaõ de injusta , & iniqua: *Fecisti injuste, fecisti inaequalitatem.* Verdadeiramente parecia grande desigualdade, que posto hum só Rosario na balança, & esse não rezado, pezassem tanto como todas as maldades do Rey. Mas não era assim: porque aquelle Rosario não era hum só Rosario, senão hum numero grandissimo de Rosarios, quantos eraõ os vassallos do Rey, que á sua imitação o traziaõ. E não era hũ só Rosario não rezado, senão muitos, & rezados, porque todos suppondo , pelo que viaõ no exterior, que o Rey o rezava, elles tambem o rezavaõ. E finalmente não era hum só Rosario junto cõ

más obras, senão hũa grande multidaõ de Rosarios juntos nos que devotamente o rezavaõ , com muito boas obras a que a virtude do mesmo Rosario os excitava. E como estes effeitos de piedade , & religião eraõ consequencias do Rosario que o Rey trazia publicamente a fim de promover em todo o seu Reyno a devação da Senhora, sendo o mesmo exemplo do Rey hum pregaõ mais poderoso que qualquer outro preceito , ou ley com que efficazmente obrigava os vassallos, & o mesmo Rosario hum Prégador mudo, mais efficaz que toda a eloquencia, com que todos os dias os excitava, ensinava , & persuadia a ser o que elle não era; não ha duvida, que esta demonstraçaõ tão continuada em hũ Rey, posto que não chegasse a ser merecimento, era com tudo hũa disposiçaõ muito relevante diante de Deos, & de sua Mãy , para vir a conseguir ultimamente a grande misericórdia que alcançou.

240. Não rezava o Rosario, he verdade, mas considero

dero eu, que poreste modo rezava o *Miserere*, se bem cõ a ordem trocada. Para David alcançar perdaõ de seus peccados, não sò pedia a Deos a sua misericordia grande, senão a multidaõ de suas misericordias : *Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam : & secundum multitudinem miserationũ tuarum dele iniquitatem meam.* E que he o que offerencia, & promettia a Deos este Rey peccador, quando tanto lhe pedia ? Offerencia, & promettia a Deos, que em agradecimento, ou recompensa de tamanhas misericordias, ensinaria os mãos a ser bons, & os impios a ser pios : *Doceto iniquos vias tuas, & impij ad te convertẽtur.* Por aqui acabou David aquella sua petição, & por aqui começou o nosso Rey a sua. Com o exemplo do seu Rosario prégava todos os dias a devação do Rosario a seus vassallos ; & por meyo do mesmo Rosario ensinava-os a conhecer os erros dos caminhos de suas vidas : *Doceto iniquos vias tuas : & que tendo sido impios, se con-*

Psalm.
50.3.

Ibidem
15.

verteessem a Deos : *Et impij ad te convertentur.* E como este Rey fazia o que o Rey David promettia a Deos, injustamente he accusada a Senhora, de que por aquella grande Rosario lhe alcançasse a misericordia grande : *Miserere mei secundum magnam misericordiam tuam :* & que por aquella multidaõ de Rosarios lhe alcançasse a multidaõ de misericordias : *& secundum multitudinem miserationum tuarum dele iniquitatem meam.*

VIII.

241. **A** Terceira circumstancia, que será tambem a ultima, (porque as outras duas que propuz, vão insertas nestas tres) he da parte do Juiz. E nesta parte tanto mais apparencias tẽ de injusta a sentença, & absolvição do Rey, quanto o Juiz que primeiro o condenou, & depois o absolveo, não só he justo, senão a mesma justiça. Ameaçando David aos Reys, & avizandolos, que vejaõ como vivem, & como satisfazem a suas obri-

obrigações: *Et nunc Reges intelligite: erudimini qui iudicatis terram*: o que principalmente lhe poem diante dos olhos, he que a vara do Juiz que os ha de julgar, he de ferro: *Reges eos in virga ferrea*. De ferro; porque he vara, que se não dobra: & de ferro; porque elles são vasos de barro, & os pôde quebrar facilmente: *Et tanquam vas figuli confringes eos*. Pois se a vara do Supremo Juiz he tão recta, que se não dobra, & tão forte, que ninguem a pôde dobrar; como se dobrou tão de repente no nosso caso? E se os Reys como mais poderosos são aquelles a quem principalmente ameaça a justiça desta vara; como essa mesma justiça se trocou de tal sorte em tudo, que tendo condenado hum Rey morto; seguindo o merecímêto de seus delitos, condenado, o absolueo do inferno, & morto o restituhio á vida. A primeira sentença não ha duvida, que foy justa, & justissima. E se foy justa, & justissima a primeira, como pode não ser injusta a segunda? Per-

doarlhe depois de condenado, não foy absolver o Reo, foy condenar a condenação: & já não cae a segunda condenação sobre o julgado, senão sobre o Juiz, & sobre a sentença.

242. O tempo, & lugar em que foy revogada, ainda se oppoem mais ás leys da justiça; porque foy em tempo em que já não tem lugar a misericordia. Pede misericordia a Igreja ao Justo Juiz; mas quando, ou para quando lha pede? *Iuste Iudex ultionis, donum fac remissionis ante dilationis*. Antes do dia da conta, se pôde alcançar perdão do Justo Juiz: mas depois de tomada a conta, examinada a causa, & pronunciada a sentença em juizo donde não ha appellação, instando, & clamando a parte, & pedindo justiça, como se lhe pôde negar justamente? O Rosario que appareceo depois, nenhum merecimento accrescentou à causa, nem fez variedade nella; porque ainda que foy novo para os accusadores, não foy novo para o Juiz, de quem nada se esconde. Pois se o pro-

processo, & os autos na primeira, & na segunda sentença eraõ os mesmos, como podiaõ ser ambas justas, sendo taõ contrarias?

243. E senaõ, considere-mos ao mesmo Juiz como Juiz, & como julgado. Assim o confidéra Santo Agostinho elegantemente: *Sedebit*
August. *Judex qui stetit sub judice, & damnabit reos qui falso damnatus est Reus.* No juizo universal, em que Christo ha de julgar a todos, & no particular, em que julga a cada hum, estará assentado como Juiz, o que já esteve em pé diante do Juiz, & condenará justamente os reos, o que injustamente foy condenado por Reo. Mas em que consistio esta injustiça, que Pilatos usou com Christo? Todos dizem, que em condenar o innocente conhecido por tal: & assim foy na execução. Porém no ditame do juizo, em que propriamente consiste a justiça, ou injustiça, ainda foy mais injusto Juiz Pilatos. E porque? Porque julgou, que pelos mesmos autos podia condenar, ou absolver a Christo. *Nescis*

(Ihe disse) *quia potestatem habeo crucifigere te, & potestatem habeo dimittere te?* Não sabes que tenho poder para te crucificar, & que tenho poder para te absolver? Não Pilatos: não sabe isso Christo, ainda que sabe tanto como Deos. O Juiz só pôde condenar o culpado, sendo culpado, & absolver o innocente, sendo innocente; mas condenar, ou absolver o mesmo homem pelos mesmos autos, isso não pôde ser em nenhum juizo. E, isto que não pôde ser, he o que temos no nosso caso. O mesmo Rey, & pelos mesmos autos cõdenado; & o mesmo Rey, & pelos mesmos autos absolto. E que isto fizesse não outro, senaõ aquelle mesmo Juiz de quem cantaõ as Escrituras: *Cum Sancto Sanctus eris, & cum viro innocente innocens eris, & cum electo electus eris, & cum peruerso pervertéris!* Se cada hũ na sua boa, ou má vida leva consigo a sua boa, ou má sentença ao juizo de Deos; como no mesmo juizo de Deos hum Rey de taõ má vida levou primeiro a má sentença, & logo a boa? Tu-

IX.

244. **T**udo o que até-
qui arguimos
contra a justiça do Filho, fo-
raõ encarecimentos da mi-
sericordia da Mãe, & dos
poderes do seu Rosário. E
tudo no mesmo Rosário, na
mesma Mãe, & no mesmo
Filho tão justificado, como
agora veremos, por mais que
as vozes do inferno clamem
blasfemamente : *Injuste fe-
cisti*. Respondendo pois, &
começando pelo ultimo Tex-
to, que ainda nos atroa os
ouvidos, como tão famoso,
confesso que no sentido em
que o aleguey, tem por sy
todos os Doutores. Mas pa-
ra que eu o interprete diffe-
rentemente, bastame o mes-
mo exemplo em que esta-
mos, como acção do pro-
prio Legislador, que he o
melhor interprete das suas
leys. Que quer dizer : *Cum
Sancto Sanctus eris, &c. &
cum perverso pervertéris* ?
Quer dizer (dizem todos)
que como cada hum se ou-
ver com Deos, assim o expe-
rimentará comigo : se for
bom, será Deos para com

elle bom : *Cum Sancto San-
ctus eris* : & se for máo, será
Deos para com elle máo,
(isto he, rigoroso) *Cum per-
verso pervertéris*. Eu não di-
go assim. Digo que quer di-
zer o Profeta, que he Deos
tão justo, & tão misericor-
diofo com todos ; que para
os bons será bom, que isso he
ser justo : & para os máos tã-
bem será bom, que isso he ser
misericordiofo. Não diz
Christo alegandonos o exê-
plo de seu Padre : *Qui solem*
suum oriri facit super bonos, &
malos ? Pois o mesmo digo
eu no nosso exemplo, & o
provo com as mesmas pala-
vras do Texto : *Cum per-
verso pervertéris* : diz que
Deos no juizo com o per-
verso perverterá : & quando
perverte o Juiz no juizo ?
Quando julga conforme a
ley ? Não. Quando julga
contra ella, então he que
perverte, porque perverte a
ley, perverte a ordem, per-
verte a regra com que se de-
vera conformar. Isto he pois
o que diz o Texto : & isto
he o que fez Christo no nos-
so caso, dispensando como
Juiz, & Legislador Supremo

Matth.
5. 45.

na sua mesma ley. O Rey era máo, & Christo foy para cõ elle bom: o Rey era perverso, & Christo tambem perverteo: *Cum perverso pervertéris.*

245. Mas notay q̃ o Texto não diz sómente que perverterá, senão propria, & nomeadamente, que será pervertido. Isso he *pervertéris*. E assim succedeo no nosso caso. Porque se Christo perverteo a ley, sua Mãy o perverteo a elle, ou o obrigou a que a pervertesse. Mas nem por isso injustamente. Antes daqui se segue, que entrando nesta mudança a authoridade, & patrocínio da Mãy de Deos, o que parece perversão não foy perversão, mas razão: *Perversio, quam putas, ratio est*: disse em outro pleito Tertulliano. E a razão de ser razão hũa, & outra sentença, sendo tão diversas, qual he? Porque na primeira julgou Christo como justo, na segunda como misericordioso. Chamase Deos nas Escrituras, Deos dos castigos, & Pay das misericordias: *Deus ultionum, Pater misericordiarum*. E porque dos cas-

tigos Deos, & das misericordias Pay? Porque as misericordias nascem delle: os castigos não nascem delle, nascem de nós. He o que tambem disse o mesmo Tertulliano profundamente: *Deus de suo optimus, de nostro justus*: o ser bom, & o fazer bem, tem-no Deos de sy; o ser justo, ou o fazer justiça, vem-lhe de nós. E essas foraõ as duas razões, ambas justificadas de hũa, & outra sentença. Na primeira condenou o Rey, como Deos justo, por suas culpas; na segunda absolveo-o sem merecimentos seus; como Pay das misericordias. Mas de tal modo como Pay, que a misericordia neste caso foy filha de Pay, & de Mãy. De Mãy; porque a Mãy das misericordias a pedio: de Pay; porque o Pay das misericordias a cõcedeo.

246. Com tudo parece que ainda está em pé aquelle primeiro Texto da vara de ferro: *Reges eos in virga ferrea*. Se a vara de Christo luiz se chama de ferro, porque senão dobra, nem ha quem a possa dobrar: como se do-

brou.

brou taõ facilmente ? Naõ dobrou. A misericordia naõ he contraria á justiça, nem a justiça á misericordia. Foraõ dous golpes da mesma vara, mas ambos rectos. Moyses com a sua vara bateo duas vezes a pederneira, & do segundo golpe sahiraõ fontes: *Percutiens virgá bis silicem, egressæ sunt aquæ largissimæ.* Se do segundo golpe, que foy o milagroso, sahiraõ fontes, do primeiro que foy natural, sendo pederneira, porque naõ sahiraõ faiscas? Porque a vara de Moyses naõ era de ferro. Porém a de Christo que era de ferro: *In virga ferrea*; obrou conforme a natureza da vara, & conforme a da mão que a movia. No primeiro golpe, que foy natural, tirou faiscas, & condenou o Rey ao fogo do inferno: & no segundo, que foy o milagroso, tirou fontes com que apagou o mesmo fogo, de que o absolueo, & livrou. Nem faz em contrario o que accrescenta o mesmo Texto: *Et tanquam vas figuli confringes eos*: antes accrescenta mayor primor, & nova pro-

Tom. 5.

priedade á comparaçaõ. Diz que desfará com a vara de ferro os máos Reys, naõ como quaesquer vasos de barro, senaõ como aquelles que ainda estaõ nas mãos, ou na officina do oleiro: *Tanquam vas figuli.* E que differença ha de hum barro a outro barro, & de huns vasos a outros? Muito grande. O barro que está na mão do official, ou na officina, & ainda naõ foy ao fogo, pode se reformar, porém depois que foy ao fogo, já naõ tem remedio. Naõ he a semelhança, & a differença menos que do mesmo Deos.

247. Mádou Deos ao Profeta Jeremias, q fosse á officina de hũ oleiro, porq alli lhe queria fallar. Foy o Profeta, & como visse, que hum vaso que o oleiro estava lavrando, se lhe descompoz, & quebrou entre as mãos, & elle amassando outra vez o barro, o tornára a reformar; entaõ lhe fallou Deos, & lhe disse desta maneira. Assim como viste o barro nas mãos daquelle official, assim está o Povo, & Reyno de Iuda nas minhas: já descomposto, já

P

que-

quebrado, & sem a forma que eu lhe dey, mas capaz ainda de emenda, & reforma, se a quizer aceitar: & assim lhe prégáras de minha parte. Porém se elle perseverar na obstinação com que me offende; para isso pedirás aos Sacerdotes outro vaso de barro já cozido: *La-*

Ierem.
19. 1.

Ibidem
18.

gunculam figuli testeam: & quebrando o ás portas de Ierusalem, dirás em alta voz a todos também em meu nome: assim como este vaso depois de endurecido no fogo, & quebrado, senão póde restaurar, nem tem remedio, assim o não terá este Povo: *Sic conteram populum istum, sicut conteritur vas figuli, quod non potest ultra instaurari.* Se o Rey condemnado por suas culpas estivera já no fogo do inferno, nenhum remedio tinha; porque *In inferno nulla est redemptio*: mas por isso a Senhora do Rosario chegou ao mesmo ponto, em que os Demonios lhe que-rião arrebatá-la Alma, para que tornando á vida, a reformasse, & emendasse como emendou; & por este modo, de vaso que era de

ira, se trocasse, como trocou, em vaso de misericordia. Fallo por boca de S. Paulo, o qual diz, que do mesmo barro de Adão fez Deos hús homens para vaso de ira, & saó os que se condenaó: *In vasa iræ, apta in interitum*: & outros para vasos de misericordia, que saó os que se salvaó: *In vasa misericordiæ, que præparavit in gloriam.* E com que poder, & com que justiça faz isto Deos? com aquelle poder, & có aquella justiça (responde o mesmo S. Paulo) com que o official que tem o barro nas mãos póde fazer delle huns vasos para o fogo, & outros para o Altar! *Aliud quidem vas in honorem, aliud verò in contumeliam.* Oh torça da Previsão, & Predestinação Divina! Oh poderes da Mãe de Deos, & do seu Rosario! O Rey cometendo tantas maldades se descompoz, & dispoz para o fogo como vaso de ira: & a Mãe de Deos, pondo nelle as rosas do seu Rosario, o cópoz, & dispoz para o Altar como vaso de misericordia. Por isso resuscitou, exclamando: *O Be-*
nedictus

*nedictum Rosarium Virginis
Mariæ, per quem sum libera-
tus à damnatione gehennæ!*

X.

248. **T**Emos respondi-
do, & justifica-
do a causa com a declara-
ção dos Textos. Resta por-
fim satisfazer ás razões, ou
apparencias em contrario;
que se o juizo não fora de tal
juiz, poderaõ ser mais que
apparencias. Era a primeira,
que depois de dada a senten-
ça, condemnado o Reo, & de-
cretado o castigo; já não ha-
via tempo, nem lugar para
ser revogado. Mas quem isto
diz, nem conhece a sobera-
na authoridade da Virgem
Maria, nem quam superiores
são a toda a outra razaõ as
que Deos tem de não ne-
gar cousa algũa a sua inter-
cessão, & aos merecimentos
do seu Rosario. Tinha El-
Rey Assuero sentenciado á
morte todos os Hebreos de
seus Reynos: estavaõ já pas-
sados os decretos, & firma-
dos com o anel, ou sello
Real, & publicado o dia da
execução, de que aos mes-

mos condenados não era li-
cito appellar, (como tam-
bem não appellou o nosso
Reo) mas apparecendo a
Rainha Esther diante do
Rey, só com a declaração da
sua vontade se revogãrão os
decretos, & ficãrão absol-
tos os condenados. Isto he o
que refere a Historia Sagra-
da; mas não he esta mudan-
ça, com ser tão notavel, o que
mais se deve notar, & pon-
derar nella. Era ley inviola-
vel dos Persas, & Medos, que
depois de o Rey passar algũ
decreto, nem elle mesmo o
podia revogar. Assim se lê
no livro de Daniel; & essa
foy a causa, porque o mes-
mo Rey o não pode livrar
do lago dos leões: *Scito Rex,*
quia lex Medorum atque Per-
sarum est, ut omne decretum,
quod constituerit Rex, non li-
ceat immutari. Pois se os de-
cretos do Rey hũa vez pas-
sados, & firmados por elle,
eraõ tão severamente irrevoga-
veis naquelle Imperio, co-
mo os fez revogar Esther,
& tão facilmente?

249. Razaõ que justifi-
que a Assuero, & o livre de
pouco observante das leys
que

que tinha jurado, ninguém ha que a dé cabal na historia; mas na alegoria, & no que a mesma historia representava, todos. Santo Thomas, S. Gregorio Nicomediense, S. Ioaõ Damasceno, Santo Anselmo, S. Bernardino, & todos communmente dizem, que Affuero, o mayor Monarcha do mundo naquelle tempo, representava a Deos, & a Rainha Esther a Rainha dos Anjos, não por hũa, senão por muitas prerogativas. Esther quer dizer: *Pulchra ut luna*: & esse he o titulo de Maria só inferior ao Sol. De Esther diz o Texto: *Invenit gratiã in conspectu illius*: a Maria disse o Anjo: *Invenisti gratiam apud Deum*: de Esther o Texto: *Adamavit eam Rex plusquam omnes mulieres*: a Maria o Anjo: *Benedicta tu in mulieribus*. Esther coroada por Rainha dos Persas, & Medos, Maria com a coroa do universo: Esther Redemptora do seu Povo, Maria Corredemptora do genero humano: em fim a Esther disse o Rey, que aquella ley feita para todos

naõ se entendia nella: *Non pro te, sed pro omnibus hæc lex constituta est*: & sendo Maria a exceiçãõ sobre humana das leys geraes de Deos, não he muito que o mesmo Deos quebre decretos, revogue sentenças, & absolva condenados por sua intercessãõ, & a seu respeito. Só se podia desejar que entrassem nos motivos de tão extraordinaria dispensaçãõ os merecimentos do seu Rosario; mas tambem nesta circumstancia não faltou a historia. Nota o mesmo Texto que Esther para mais agradar ao Rey em negocio tão difficuloso, entrou á sua presença com a fermosura, de que tão singularmente era dotada, revellida de cor de rosas: *Ipsa autem roseo colore vultum perfusa, & gratis ac nitentibus oculis*. E a que fim faz este reparo o Texto, sendo que em toda a Escriitura só esta unica vez se acha tal palavra? Sem duvida para que a propriedade da historia não faltasse nesta parte a hũa tão particular circumstancia da alegoria. E para que entendessemos que aquella cor de rosas

Cant. 6.
9.

Esther.
2. 9.

Luc. 1.
30.

Esther.
2. 17.

Luc. 1.
28.

rosas em tão manifesta significação do Rosário, fora hum novo, & não córado titulo, senão legitimo, de se revogar o decreto, & absolver o condenado: & com q̃ mais agradou, & obrigou ao soberano Juiz a soberana intercessora: *Ipsa autem roseo colore vultum perfusa, & gratis, ac nitentibus oculis.* Assim que aquella tão extraordinaria graça não só a alcançou a Virgem Maria como Rainha, como Esposa, & como Mãe, senão como Senhora do Rosário: *Roseo colore perfusa.*

250. Mas que diremos áquella fortíssima instancia da condenação, & absolvição pelos mesmos autos? Digo que não he novo em Deos dos mesmos motivos tirar contrarias resoluções, primeiro em quanto justo para castigar, depois em quanto misericordioso para absolver. Mas no tal caso (de que só temos hũ nas Escrituras) tambem tem a sua parte a Virgem do Rosário. O mayor castigo que Deos executou neste mundo, foy aquelle em que afogou o

Tom. 5.

mesmo mundo na inundação universal do diluvio. E que motivo teve Deos para hum tão notavel castigo? O mesmo Deos o disse, & mandou escrever por Moyses:

Videns Deus quòd cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum: delebo, inquit, hominem à facie terræ: vendo

Deos que todos os pensamentos do coração humano, eraõ inclinados, & applicados ao mal, resolveo de acabar com o homem, & tiralo da face da terra. Esta foy a primeira resolução de Deos. E depois della executada, resolveo mais algũa cousa? Resolveo: mas tudo contrario; porque decretou que não ouvesse mais outro diluvio. E porque motivos? Aqui está o ponto da admiração. Pelos mesmos motivos sem differença algũa, porque tinha resolutio o primeiro diluvio. Ouvi as palavras, que totalmente são as mesmas: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines: sensus enim, & cogitatio humani cordis in malum prona sunt.* Não quero (diz Deos) que haja outro dilu-

Piij vio,

Gen. 6
5.7.

Gen. 8
21.

vio, que innunde a terra, & afogue os homens; porque todos os pensamentos do coração humano são inclinados, & applicados ao mal. Pois se este foy o motivo, porque Deos destruhio o mundo com o diluvio, como toma agora o mesmo motivo para resolver firmemente, que não haverá outro diluvio? Se o motivo foy outro para hũa resolução encontrada; isso pôde fazer a razão, & a conveniencia: mas duas resoluções totalmente oppostas, ambas pelo mesmo motivo? Sim; porque as mesmas causas, q̃ são justo motivo á justiça de Deos para castigar, pôdem ser motivo também justo á sua misericordia para absolver. No tempo de Noe condemnados os homens ao diluvio, porque os seus corações eraõ inclinados ao mal: *Quòd cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum*: & depois, livres para sempre os mesmos homens do diluvio, porque os seus corações são inclinados ao mal: *Sensus enim, & cogitatio humani cordis in malum prona sunt.*

251. Deste modo, persistindo os mesmos motivos assim naquella caso, como no nosso, usou Deos primeiro de sua justiça, & depois de sua misericordia. E para que vejamos a parte que nella teve a Senhora do Rosario, ouçamos ao mesmo Deos. *Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum fœderis inter me, & inter terram*: porey (diz Deos) o meu Arco nas nuvens, & este será o final entre mim, & o mundo da promessa, & merce que lhe fiz de o livrar para sempre de outro diluvio. E que Arco he este de q̃ Deos falla, & chama seu? Historicamente he a Iris de tres cores, que por reflexão dos rayos do Sol apparece nas nuvens Alegoricamente he a Virgem Maria, que concebeo em ty ao Sol Divino, & de quem recebeo toda a graça. Assim o dizem S. Efrem, Santo Antonino, S. Bernardino de Sena. E mais especialmente he a mesma Virgem em quanto Senhora do Rosario, cujos mysterios se representaõ nas tres cores da Iris: na verde os gozofos, na

ver-

vermelha os dolorosos, na azul os gloriosos. Esta imagem pois da Senhora do Rosário pinta Deos nas nuvens todas as vezes que ellas se orvalhaõ para começar a chover em final daquella grande misericordia que usou cõ o mundo, quando tendo somente motivos para o castigar, & os mesmos motivos porque já húa vez o tinha castigado, lhe perdoou com tudo o mesmo castigo, & mudou a sua sentença. Quando os homens vissem toldar o Ceo de nuvens, podião temer que perseverando nelles os mesmos motivos porque Deos tinha alagado o mundo, assim como se tinha arrependido da primeira execução, assim se arrependesse outra vez de não executar a segunda. E para os livrar deste justo temor, deulhes por fiadora a Virgem do Rosário, dizendo que no tal caso poria os olhos nella, cõ que estariaõ seguros: *Cumque obduxero nubibus cælum, apparebit Arcus meus in nubibus; & videbo illum, & recordabor fæderis mei vobiscū.* Taes são os poderes da Vir-

gem Maria, & tal a valia para com Deos do seu Rosário, que nelles se pôdem segurar os homens de que as mesmas más obras porque húa vez foraõ condenados, não sejaõ outra vez impedimento para serem absoltos. Assim succedeo no caso do diluvio, & assim no nosso. A primeira vez condemnado o Reo, & excluido da Bemaventurança por não guardar os preceitos divinos conforme a ley universal de Christo: *Beati qui audiunt verbū Dei, & custodiunt illud*: a segunda vez absolto, & admittido á mesma Bemaventurança conforme o privilegio particular da Mãy do mesmo Christo: *Quinimò Beatus venter qui te portavit.*

XI.

252. **P**Arece-me que tenho provado o que prometti: mas cõ que utilidade? Que se pôde colher de tal vida, de tal morte, & de tal salvação? Nem a vida he boa para o exemplo, nem a morte para o desengano, nem a salvação para

P iiij a ef.

a esperança. Que utilidade pôdem logo tirar de hum caso tão estupendo os devotos da Virgem Santissima? Por ventura que se descuidem de a imitar em ser Santos, & se deixem viver, & ainda morrer em peccado, fiados na virtude do seu Rosario? Nem da fé, nem do entendimento dos que me ouvirão, nem ainda da má conciencia de algum perfume tal erro. Semelhantes prodigios da misericordia mais são para a admiração, & ainda para o temor, que para a imitação, & confiança. São para dar o parabem á Mãe de Deos de tão soberano poder, & para dar as graças a seu Bemditto Filho de tão immensa bondade. Mas porque não fique este Panegyrico de ambos sem algũa doutrina propria do mesmo discurso: havendo sido o venturoso fogeito de todo elle hum Rey devoto do Rosario, & nem bem devoto, nem bom Rey; concluamos com dous documentos, hum para os Reys, outro para os devotos.

253. O que considero

por parte dos Reys, & senão pôde considerar sem grande dor, he o muito que perde Deos, & o mundo por falta de bons intentos nos que tudo pôdem. Senão sabem ser bons Reys, saybaõ ao menos fazer bons vassallos. Santifiquem as vontades, & vidas alheyas, se não se atrevem, nê tem valor para mortificar os appetites proprios. He circustancia digna de toda a admiração, & reparo, que querendo a Senhora introduzir, & estender em todo aquelle Reyno a devação do seu Rosario, não escolhesse por intrumento para esta obra, nem algum Santo que fizesse milagres, nem algum Bispo, ou Prelado de grande zelo, nem algum Prêgador famoso de grãde eloquência, & espirito, senão hum Rey, & de não boa vida. Mas a razão conhecida, & experimentada, & digna da eleição de tão soberana Rainha, foy, porque para promover o serviço de Deos, & culto divino, posto que os Reys sejaõ seculares, são mais aptos, & mais proporcionados instrumentos, que os Ecclesiasticos.

ricos. A fabrica do Tabernaculo não a encomendou Deos a Araõ, que era o Summo Sacerdote, senão a Moyfes, que era o Supremo Governador do Povo. O Templo não o edificou o Summo Sacerdote Sadoc, senão El-Rey Salamaõ. Os Officios Divinos, o Canto Ecclesiastico, o ministerio Levitico pertencente ao Altar, & aos sacrificios não o ordenou o Summo Sacerdote Abiathar, senão El-Rey David. E não obraõ isto melhor, & mais efficazmente os Reys por mais zelosos, ou mais pios; senão por mais poderosos, por mais obedecidos, & tambem por mais adulados: que tanto importaõ até a Deos as dependencias humanas. Esta foy pois a razaõ divinamente politica, porque a Senhora quiz fundar, & propagar naquella Reyno o seu Rosario por meyo do Rey, sem fazer caso de que nelle não concorressẽ outros exemplos de piedade, fiando que bastaria só o respeito, & agrado Real para plantar em todos a devaçã a que elle se mos-

trava tão inclinado. Oh como he certo com experiencias lastimosas de cada dia, que por falta de semelhantes demonstrações se perdem infinitos augmentos da Religiaõ, & Christandade, os quaes poderaõ conseguir, & promover os Príncipes com mais leves diligencias ainda que a de trazer hum Rosario pendente do cinto.

254. E para que os devotos do Rosario se confirmem mais na sua devaçã, & os que o não forem, de hoje por diãte a anteponhaõ a todas as outras; confiderem, que se por hum Rosario publico, sómente exterior, & não rezado, a piadossissima Virgẽ resuscita mortos, revoga sentenças, absolve condenados, confunde o inferno, & reduzio ao caminho certo da salvaçã hũa Alma tão desesperada della, & lhe alcançou o perdaõ de tantos, & tão enormes delictos diante do Tribunal severissimo da Divina Justiça; que fará a mesma Senhora por qualquer outro peccador, que rezando, & meditando o mesmo Rosario com-

dor.

D. Bo-
navent.
serm. 2.
de Do-
minic. in
Passione

dor, & detestação de ter of-
fendido a Deos, invocar seu
poderosissimo patrocínio ?
Diz S. Boaventura que no
patrocínio das causas se ve a
a excellencia do Avogado,
em tres circunstancias: Se o
Juiz he justo, & sabio, o ad-
versario sagaz, & astuto, & a
causa desesperada: *Sapientia,*
& *eloquentia Advocati mani-*
festatur in tribus, primo scili-
cet, quod obtineat apud justum,
& *sapientem judicem: secun-*
do, contra adversarium astu-
tum, & sagacem: tertio, quod
in causa desperata. E todas es-
tas circunstancias foraõ as
mesmas do nosso caso. O
Juiz taõ justo, & sabio co-
mo o mesmo Christo: o ad-
versario taõ sagaz, & astuto
como o Demonio, & a cau-
sa taõ desesperada como
aquella que já estava senten-
ciada a final castigo. *Sed Ma-*
ria (continua o mesmo San-
to, como se concluirea co-
migo este Sermão) *obtinuit*
apud sapientissimum, & justum
judicem Deum, contra astutis-
simum adversarium diabolum,

& in causa desperatissima in-
ter Deum, & hominem. E se
a sabedoria, a eloquencia, &
o poder da soberana Avoga-
da dos devotos do Rosario,
com o Rosario refuta o De-
monio, com o Rosario con-
vence a Deos, & com o Ro-
sario na causa mais desespe-
rada, a peccadores já senten-
ciados, & condenados livra
do inferno; nenhum haja
taõ desconfiado de sua sal-
vação, que a não espere firme-
mente do patrocínio, & in-
tercessão da mesma Senho-
ra, & dos poderes do seu
Rosario: porque na falta da
observancia dos divinos pre-
ceitos, a que o Filho promet-
te a Bemaventurança: *Beati*
qui audiunt verbum Dei, &
custodiunt illud; suprirá com
a dor de os não termos guar-
dado, o merecimento, & gra-
ça da Mãe, até nos levar, co-
mo tantas vezes lhe pedi-
mos, onde com as vozes de
todos os Bemaventurados
lhe cantemos eternamente:
Beatus venter qui te portavit.



SERMAM VII.

Salmon autem genuit Booz de Rahab.

Matth. I.

I.

Salvaremse os Prégadores, & perderemse os ouvintes; ou salvaremse os ouvintes, & perderemse os Prégadores, casos são, & desigualdades, que pôdem ter acontecido muitas vezes no mundo. Mas assim como perderemse os Prégadores, & os ouvintes seria a mayor desgraça; salvaremse huns, & outros não será a mayor felicidade que se pôde desejar? Claro está que sim. Pois tal he a que por meyo do seu Rosario nos promete neste Sermao a Virgem Senhora Nossa. Queira a mi-

sericordia, & bondade de seu bemditto Filho que não falte por parte do Prégador. Mandando Deos ao Profeta Ezechiel, que fosse prégar ao seu Povo, disselhe cõ eleição, & nome notavel, que o tinha feito sentinella da Republica de Israel: *Fili hominis speculatorem dedi te domui Israel.* Ez.º h. 3.º 17. E porque são, ou devem ser sentinellas os Prégadores? Porque tem as mesmas obrigações, & os mesmos encargos. A sentinella está vigiando do alto para toda a parte, & se vé vir os inimigos, dá rebate, toca a arma, & avisa a Cidade a grandes brados Esta he a sua obrigação. E os encargos quaes

quaes são? Os que logo declarou o mesmo Deos ao Profeta. Se vires o perigo, & o não avisares á Cidade; perecerá a Cidade, & tu também perecerás; porque te hey de pedir conta della, & de todos seus moradores. Porem se tu avisares como devês, & a Cidade senão armar, nem defêder, ella se perderá por sua culpa, & tu porque a não tiveste, ficarás livre. Taõ perigoso como isto he o officio de Prêgador, & tanto igualmente o perigo dos ouvintes, senão se aproveitarem do que elle lhes prégar. E pôde haver alem destes, outro terceiro caso? Sim pôde, & felicissimo, o qual também apontou o mesmo Deos. Mas se tu, diz o Senhor, fizeres tua obrigação bradando, & a Cidade, & seus moradores fizerem a sua, crendo o que lhe differes, armandose, resistindo, & vencendo; neste caso tu, & mais elles todos sereis salvos. Isto he o que Deos principalmente pertêde, & este o fim, & officio dos Prêgadores. Os Prêgadores são as sentinellas da

Igreja, os Templos as suas fortalezas, as guaritas destas fortalezas os pulpitos, & as prégações de verdadeira, zelosa, & importante doutrina os rebates com que avisaõ, & admoestaõ aos ouvintes do estado perigoso de sua salvação. Assim o determino fazer hoje, com tanta esperança de se aproveitarem muitas Almas, como no principio disse: & não sem novo, & grande exemplo no mesmo thema, que propuz. Chegado Josué á vista da terra de Promissaõ, mandou duas sentinellas, que occultamente fossem explorar a Cidade de Jericó, que era a primeira q̃ havia de ser conquistada. Entráraõ na casa de Rahab, que estava pegada aos muros, avisaõ-na do seu perigo, & de toda a Cidade: & foy com taõ felice successo de ambas as partes; que as sentinellas sendo vistas, & buscadas, escapáraõ das mãos dos inimigos, & Rahab, sendo destruida, & abrazada a Cidade, só ella com toda a sua familia se livrou do incendio. Dizem agora os Expositores, que as sentinellas de

de Josué são os Prégadores de Jesu ; & Rahab, & sua familia os ouvintes que fazem o que elles dizem. Mas o que faz mais admiravel o caso, he, que assim os Prégadores, como os ouvintes, todos foram salvos pelo mesmo instrumento. Este nos dirá o discurso, que foy o Rosario. Ave Maria.

II.

Salmon autem genuit Booz de Rahab.

256. **E** Stamos com o Evangelho em Jericó remota, mas original Patria da Virgem Maria, & na qual profetizou a mesma Senhora as exaltações do seu Rosario: *Exaltata sum quasi plantatio Rose in Jericó.* E porque razão mais em Jericó, que em outra terra fértil tambem de Rosas? Porque entre todas as Rosas do mundo, só as de Jericó (de que já outra vez citey os Autores) nascem vestidas de cento & cincoenta folhas. Assim que a terra de Jericó, onde estamos, nas Rosas nos

dá o nome do Rosario, & nas folhas o numero, ou as contas delle. Os effeitos maravilhosos veremos agora.

257. *Salmon autem genuit Booz de Rahab.* Esta Rahab, de quem diz o Evangelista, que Salmon Principe do Tribu Real de Iuda gerou a Boos, não só era Gentia de nação Cananea, mas publicamente de ruim vida. E assim este exemplo, como outros tres que se lem no mesmo Evangelho, o de Thamar, o de Ruth, & o de Bersabée, derao justo motivo aos Santos Padres para inquirir a causa porque na genealogia de Christo, & de sua Santissima Mãy, se nomeem declaradamente estas quatro mulheres todas notadas de acções culpaveis, & afrontosas, callandose muitas outras conhecidamente santas, & de vida louvavel. Se se nomea Rahab mãy de Boos; porque senão nomea Sara mãy de Isaac? Se se nomea Ruth mãy de Obed; porque senão nomea Rebecca mãy de Iacob? Se se nomea Thamar mãy de Farez, & de Zaram; porque senão

no-

nomeaõ Lia, & Rachel, mãys das cabeças mais nobres dos doze Tribus? E se tambem de Berfabeé se faz menção; porque senaõ faria de outras molheres mais leaes a seus maridos, do que ella foy a Vrias? Pode-se responder, & com razãõ, que onde na arvore da geraçãõ de Christo, & no cume mais alto della se vê com o Filho de Deos nos braços Maria: *De qua natus est Jesus*: toda a outra fantidade por grande que seja desapparece, & se occulta: & tudo o que apparece, & se descobre, mais he vicio q̃ virtude. A vista da bondade de Deos ninguem he bom: *Nemo bonus nisi solus Deus*: á vista da sua infinita pureza até a dos Anjos parece culpa: *In Angelis suis reperit pravitatem*: & o mesmo que se diz de Deos absolutamente, com a devida proporçãõ se pôde tambem dizer de sua Mãy. O que eu digo confiadamente, he, que á vista da mesma Senhora todas as molheres santas se occultaõ, porque a fantidade de Maria as escurece: & só apparecem, & são vistas as pecca-

doras, porque o seu resplandor as allumia. Quando a primeira vez foy vista no mundo a Virgem Maria, o que differaõ admirados, & lhe cantâraõ a dous coros o Ceo, & a terra, foy, que era fermosa como a Lua, & escolhida como o Sol: *Pulchra ut Luna, electa ut Sol*. E porque he comparada a mesma Senhora a tão differêtes Planetas, hum que preside ao dia, & outro que preside á noite? Porque o Sol escurece as Estrellas, a Lua allumia as trevas. E isto he o que faz neste fermoso Anfithatro, ou neste Emisferio do Evãgelho, quando se pronuncia no fim delle o nome de Maria. Não apparece Sara, Rebecca, Rachel, nem Lia, que eraõ as Estrellas da virtude; porque Maria como Sol as escurece: & só apparecem, & são vistas, Rahab, Thamar, Ruth, & Berfabeé, que foraõ as trevas dos vicios, porque Maria como Lua as allumia. As escurecidas pelo que são; as allumiadas, pelo que foraõ, & todas melhoradas, & honradas pelo resplandor de Maria,

Isto

Matth.
2.16.

Luc. 18.
19.

Job 4.
18.

III.

258. **I**sto he o que eu dissera. Porém a razão, ou reposta commum dos Doutores com S. Ieronymo, Santo Ambrosio, S. Ioaõ Chrysostomo, & outros Padres, he, que se naõ contaõ na genealogia de Christo algũas mulheres santas, senaõ sòmente as de vida em outro tempo culpavel; para que no seu mesmo nascimento mostrasse o Filho de Deos, que pois se dignava nascer de peccadores, vinha a livrar a todos de seus peccados. As palavras de S. Ieronymo sãõ estas: *Notandum in genealogia Salvatoris nullam Sanctarum assummi mulierum, sed eas quas scriptura reprehendit: ut qui propter peccatores venerat, de peccatoribus nascens, omnium peccata deleret.* Aceitada pois, & reverenciada, como devo, esta razãõ; naõ posso deixar de admirar, & ponderar nella duas cousas em que muito reparo. Os defeitos de que foraõ notadas, ou infamadas estas quatro mulheres, todos pertencem á honestidade. Ruth, que foy a

menos murmurada, he certo que solicitou o talamo de Boos: a culpa de Bersabée notoriamente foy adulterio, a de Thamar incesto, & o da nossa Rahab comercio de sy mesma publico, & vago, como declara o nome de Rahab meretriz. Pois se em muitos dos outros ascendentes desta larga genealogia se achaõ outros peccados de todo o genero, & naõ poucos, ainda mais graves; porque se faz sòmente memoria, & se trazem só por exemplo os que encontraõ, & offendem a honestidade? Naõ foy a redempção de Christo taõ copiosa, como lhe chama o Profeta, que nos remio, & livrou de todos os peccados, & se foraõ infinitamente mais, & mayores, tambem nos livraria delles? Sim: & as mesmas palavras o dizem: *Ut de peccatoribus nascens, omnium peccata deleret*; porque se faz menção logo deste só peccado, quando se diz que nasce Christo de peccadores, porque vem a salvar de todos os peccados?

259. Porque he tal o peccado da deshonestidade, que

que ou elle só comprehende todos os peccados, ou todos se contém nelle. Não foy este o peccado da Magdalena? Este foy como todos sabem. E com tudo o Evangelista S. Lucas sem reparo, nem escrupulo lhe chama absolutamente a peccadora: *Mulier in Civitate peccatrix*. Pois hũ peccado particular em certa especie merece o nome, & censura universal de todo o peccado? Nesta especie, sim, & assim o calificou o Evangelista; porque o peccado da sensualidade he hũ compendio universal de todos os peccados, & hũa supposiçãõ certa de todos. Por isso se refere no mesmo Evangelho, que Christo lançara do corpo da Magdalena sete Demonios: *De qua ejecerat septem Dæmonia*. E que sete Demonios eraõ estes? Eraõ, diz S. Gregorio, os sete Demonios, que presidem aos sete peccados capitaes, ou os mesmos sete peccados capitaes peores que os mesmos Demonios, os quaes são cópanheiros inseparaveis do vicio da torpeza. Os outros vicios pôdem andar separa-

dos huns dos outros, & ainda encontrados; porém o vicio da torpeza, ou juntos em sy, ou encadeados apoz sy, sempre os traz todos consigo. He doutrina, & conclusãõ esta de todos os Padres sem faltar hum só. Ouçamos por todos a Santo Agostinho: *Nulla virtus, nulla bonitas, nulla sapientia cum luxuria stare potest, sed omnis pervertitas in ea regnat*. Ninguém cuide, diz Agostinho, que a torpeza he hum só vicio, hũa só maldade, hum só erro, & hũa só ignorancia. Porque? Porque he hum vicio que se oppoem a toda a virtude: *Nulla virtus*: he hũa maldade que destrue toda a bondade, *Nulla bonitas*: he hum erro, & ignorancia, que cega, & escurece toda a sabedoria: *Nulla sapientia* em fim he hum peccado em que dominaõ, & reynaõ todos os peccados: *Omnis enim pervertitas in ea regnat*.

260. E para que fique mais clara esta tão importãte verdade, vejamos com S. Ioaõ admiravelmente retratada no seu Apocalypse. Diz S. Ioaõ que vio hũa molher

Marc.
16. 9.
Luc. 8. 2
D. Greg.
ibi.

D
in
lu

molher assentada sobre hum mōstro, encubertado de purpura, o qual tinha sete cabeças, & dez pontas: *Vidi mulierem sedentem super bestiam coccineam, habentem capita septem, & cornua decem.* As galas de que vinha vestida a molher eraõ taõ ricas, como o costumaõ ser as que se compraõ para o corpo vendendo a Alma: *Circundata purpura, & auro, & margaritis.* Trazia na mão hũa taça de ouro chea de todas as abominações, & delicias torpes: *Habens poculum aureum in manu sua plenum abominatione, & immunditia.* E o que fazia com esta taça, era brindar a todos os Reis do mundo; os quaes, & quantos della bebiaõ, todos perdiaõ o juizo: *Cum qua fornicati sũt Reges terræ, & inebriati sũt qui inhabitant terram de vino prostitutionis ejus.* Quem fosse, ou representasse esta molher, ninguem haverá que o não tenha entendido. S. Joã lhe chama a Grande Meretrice: *Meretricis magnæ*: & ella mesma publicamente, & sem nenhum pejo trazia escrito na testa hum letreiro, Tom. 5.

que dizia: *Babylon magna, mater fornicationum*: Eu sou a Grande Babylonia mãy de todas as torpezas. Nota particularmente o Evangelista, que todos aquelles a quem ella brindava, em vez de lhe fazerem a razaõ, a perdiaõ: *Et inebriati sũt de vino prostitutionis ejus*; porque o primeiro, & mais pernicioso effeito da torpeza he entorpecer, & tirar o juizo a todos os que se lhe entregão: *Cum luxuria semel mentem invaserit, nullum bonum cogitare permittit*: diz S. Gregorio Papa. E este he o mysterio porque a sensualidade vinha assentada sobre hum bruto, que he o appetite bruto, & irracional, que senaõ distingue della: *Sedentem super bestiam.*

261. Mas esse mesmo bruto, a cujos passos ella caminhava para a condenaçaõ, como diz o Texto; porque o pintou Deos ao Evangelista com sete cabeças, & dez pontas: *Habentem capita septem, & cornua decem*? Parece que o numero das pontas havia de responder ao das cabeças, & serem somente

Q fete

fete pontas : ou o numero das cabeças havia de responder ao das pontas , & serem tambem dez cabeças. Pois se as cabeças eraõ fete , porque eraõ as pontas dez? Bem se mostra ser Deos o Pintor de hũa figura taõ natural. Nas cabeças eraõ significados os poderes com que a sensualidade domina, & nas pontas as armas com que peleja, & os estragos que executa. A sensualidade entre os fete peccados capitaes té hum só lugar , que he o terceiro ; & contra os dez mandamentos tem tambem hum só, que he o sexto : mas porque sendo hum só peccado capital , domina em todos fete ; por isso tem fete cabeças : *Capita septem* : & porque oppondose a hum só mandamento , destroe , & desbarata todos dez ; por isso tem dez pontas : *Et cornua decem*. De sorte , que sendo hum só peccado , & encontrando hum só mandamento, assim entre os peccados, como contra os mandamentos he hum, que póde tanto como todos. E como o peccado da deshonestidade he

hum peccado em que se contém, & resumem todos, por isso com grande propriedade faz só menção o Evangelista dos peccadores deste genero, quando diz que nasce Christo para Salvador de todos os peccados : *Ut omnium peccata deleret*.

IV.

262. **A** Qui porém entra agora o meu segundo reparo , que não he menos bem fundado que o primeiro. Que se faça sómente menção do peccado da deshonestidade porque nelle vão compendiados , & resumidos todos os outros, bem está. Mas nesta mesma genealogia temos Judas, Boos, David, Salomão, & a outros muitos homens, que também delinquirão no mesmo peccado. Pois porque senão introduzem, & alegaõ os exemplos , ou escandalos dos homens , senão os das mulheres ? Porque nas mulheres assim como he mais afrõtozo este peccado , assim he mais perigoso , & mais pernicioso. Consideray todos os estragos

estragos que tem feito no mundo o peccado da des-honestidade, & achareis que as molheres forão a origem, & as molheres a causa. Descreve S. Bernardo o vicio da sensualidade assentado em hũa carroça, & diz que esta carroça se move sobre quatro rodas, que tiraõ por ella dous cavallos, & que os governa, ou desencaminha hũ cocheiro. Eu na applicação destas partes me desvio algũa cousa da idea do artifice; mas creyo que elle o haverá por bem. As quatro rodas sobre que se move a carroça da sensualidade, são a abundancia, a gula, a ociosidade, & a delicia. Os dous cavallos fortes, & bem pensados que tiraõ por ella, hũ he o gosto do presente, outro o esquecimento do futuro. O cocheiro que os governa, he o appetite não só cego de seu nascimento, mas sobre isso com os olhos vendados: Não leva as redeas na mão, porque aquelles cavallos não sofrem redeas: & só se serve do açoute incessantemente, com que os esperta, & incita a que cor-

raõ a toda a furia, a que se precipitem, a que se despe-nhem. Nesta carroça pois taõ mal guiada peleja, & por isso mesmo vence a sensualidade, & porque raramente he vencida, como diz Santo Agostinho, nella triunfa, & triunfou sempre do mundo desde seu principio.

263. A primeira figura, que apparece neste lastimoso triumpho, he Adão vestido de pelles, lançado do Paraizo, & despojado do imperio do mundo por hũa molher, & essa não alheya, mas propria. Oh quantos filhos o seguem sem cabeça, porque a não tiverão! Mas as mesmas que lha fizeraõ perder, para mayor ostentação, & publicidades levaõ nas mãos. Dina leva na mão a cabeça de Sichem: Jael a cabeça de Sisara: Dalila a de Sansão: Judith a de Olofernes: Ber-sabeé a de Urias: Thamar a de Amon, filhos ambos de David: & Herodias a mayor cabeça que nasceo entre os nascidos, a do grãde Baptista. Mas que muito que cada molher destas em diferentes idades, ou desse, ou

ocasionasse a morte a cada hum destes homens tão notaveis no mundo; se a quantos hoje são, a quantos foram, & a quantos hão de ser, húa só mulher os matou a todos, Eva! Admiramonos de que húa só Helena com dez annos de cruelissima guerra abrazasse finalmente a Troya; & não advertimos que em todas as partes do mundo ouve Troyas, & Helenas. Helena foy da Asia Semiramis em Babylonia, Helena da Africa Cleopatra no Egypto, Helena da Europa Lucrecia em Roma, & Helena de Espanha, não Florinda, mas Cava. Aquella com o cetro de Romulo acabou de húa vez todos os Reys Romanos, & esta com o de Rodrigo cativou por oito centos annos o florentissimo dos Godos. E se a intemperança de húa só mulher, ou voluntaria, ou rendida, faz tamanhos estragos, que fará a de muitas juntas? Não fallo nos poderosissimos exercitos, nem de Moyses em Moab, nem de Annibal em Capua, nem de Antiocho nas suas yodas, feri-

dos, & desbaratados desta peste; porque tudo desapparece á vista do que agora vejo. Vejo fluctuar todo o mundo dentro em huma Arca, & todo o genero humano, não nadando, mas afogado debayxo do diluvio. É de hum castigo tão universal, tão estranho, tão horrendo, tão novo, & nunca repetido, qual seria a causa? A causa, diz o Texto Sagrado, que foy a universal corrupção, que só se podia curar com a universal sepultura: *Omnis quippe caro corruerat viam suam*: & se perguntarmos á mesma Escritura qual foy a causa dessa corrupção? Com a mesma clareza responde que não foy outra senão a descompostura das filhas dos homens, que corromperaõ a virtude dos filhos de Deos: *Videntes filij Dei filias hominum quod essent pulchrae*.

264. Já não tem mais mundo para onde correr a sensualidade, pois já o assolou, & destruhio todo, & já aqui podera parar o seu infame, & portentoso triunfo, mas

mas quer levar atado ási rodas da sua carroça, como o mayor trofeo de todo elle, a sabedoria de Salamaõ em Estatua com a sua mesma sentença: *Mulieres apostatare faciunt sapientes.* Quem cuidára, diz o nosso Portu-guez Santo Antonio, que aquelle mesmo homem, a quem Deos tinha escolhido para lhe edificar o Templo de Jerusalem, na mesma Jerusalem havia de edificar outros templos, & levantar outros altares aos idolos de suas concubinas, & não na mocidade, senão na velhice? Oh quam perigosa está a Fé, onde tanto reyna, & domina este maldito contagio? Por isso os Hereges antigos (& o mesmo fazem os modernos) vendo que não podiaõ impugnar a Fé Catholica com força de verdadeiras razões, por traça, & conselho verdadeiramente sabido do inferno, trocáraõ as armas, & lhe fizeraõ a guerra por meyo de mulheres. Assim o fez Simaõ Mago por meyo de Silenne, assim Montano por meyo de Maximilla, assim Apelles por

Tom.5.

meyo de Philomena, assim os Originistas por meyo de Melania, assim os Arrianos por meyo de Constancia, assim os Priscilianistas por meyo de Agape, & Galla, & assim Marcion, & Nicolao Antiocheno por meyo não de hũa mulher, ou duas, senão de muitas, como escreve S. Jeronymo. Desta maneira os Hereges (assim como a Serpente não acõmetteo por sy mesma a Adão, senão por meyo de Eva) assim elles passando os seus mesmos argumentos das suas linguas ás das mulheres, erváraõ astutamente as setas, & lhe de-rão com o doce veneno a força de matar, que por sy mesmas não tinhaõ.

265. Note porém o sexo feminino (para que se conheça) que aquellás enganadoras tambem eraõ enganadas: & que antes de brindarem a taça de Babylonia, primeiro a bebiaõ. As abelhas picando morrem, & mayor he o dano que recebem, que o que causão. O que fazem padecer, he de fora; o que padecem, de dentro. Que importa que atirem setas de

Q iij fogo,

fogo, se lhe fica o inferno no coração? O carvão que não arde, não queima. Por isso Salamaão comparou este genero de gente ás brazas: *Nunquid potest homo ambulare super prunas, ut non comburantur plantæ ejus? Sic qui ingreditur ad mulierem.* He sem duvida, que quãto Virgilio escreveu da Rainha Dido, foy falso testemunho, & fabula. Mas o que disse do fogo, dos incendios, da inquietação, do desaffoço, da perpetua imaginação, & cuidados, com descuido, & esquecimento de tudo o mais, eraõ effeitos verdadeiros, & proprios da payxão que suppunha, & descrevia. E senão dispamolos da magestade, & vejamos em fogoito menos indecente. Tãto que a Samaritana conheceo a Christo por quem era, foy logo levar a nova aos da sua Cidade, & as palavras q̃ lhes disse, foraõ estas: *Venite, & videte hominem, qui dixit mihi quæcumque feci:* Vinde ver hum homem, o qual me disse tudo quanto fiz em minha vida. O que Christo tinha ditto a esta

mulher, foraõ fômente as amizades passadas, em que tinha vivido torpemente, & a ultima, & presente, em que ainda agora continuava: & não lhe disse mais. Pois isto he tudo o que esta mulher tinha feito em sua vida? A palavra *quæcumque* ainda aperta mais a duvida, que se disse *omnia*: porque *omnia* quer dizer tudo em gèral, & *quæcumque* não só significa tudo gèralmente, senão todas as cousas, & cada hũa dellas em particular. Pois se Christo não lhe fallou mais que nas suas ruins amizades, como diz que lhe dissera quanto tinha feito? Não tinha feito outra cousa em toda sua vida esta mulher?

266. Não. Porque as molheres de semelhante vida tudo o que fazem, he isto. Tanto que o appetite molheril se entrega a semelhantes divertimentos, ou se diverte, & empenha o amor em semelhantes cegueiras; isto he o que faz em quanto faz, & isto só, & nenhũa outra cousa. Aqui emprega toda a vida, & toda a Alma; aqui todas as potencias, & todos

Prov. 6.
27.28.
29.

Mat. 4.
29.

todos os sentidos; aqui todos os pensamentos, todas as palavras, & todas as obras. Se obra com a memoria, disto só se lembra: se com o entendimento, nisto só cuida: se cõ a vontade, isto só ama. Se vê, para isto só olha: se ouve, isto só escuta: se conversa, nisto só falla: se dorme, isto só imagina; & com isto sonha. E como não ha alegria sem tristeza, nem desejo sem temor, nem esperança sem duvida; se está alegre, estes são os seus gostos; se triste, estas são as suas lagrimas, & se prevalece no coração qualquer outro affecto, (sempre vario; & sempre o mesmo) estes são os seus cuidados, estes os seus desvellos, estas as suas anxias: sem descanso, sem quietação, sem sossego: ardendo emfim; & penando perpetuamente naquelle fogo infernal cego, & furioso; o qual no coração feminil, como mais brando, prende cõ maior facilidade; como mais estreito, queima com maior violencia; & como mais frio, dura com maior contumacia. Na mesma Sa-

maritana se vio esta differença. O fogo que pegou aos homens, apagouse, que por isso foraõ cinco os amigos que já não eraõ: & o seu, em que ella dêtro em sy mesma ardia, como fogo do inferno, não se extinguiu. & ainda durava: *Et quem habes, non est tuus vir.* Joan. 4. 18.

267. Sendo pois o vicio, & peccado da sensualidade em todo o genero humano o mais universal; & no genero feminino o mais pernicioso; com razão deixados todos os outros vicios, & peccados, nos representa o Evangelista particularmente só este, & debayxo destas mesmas circumstancias, quando nos diz, que nasce Christo de peccadores para os remir, & salvar de todos seus peccados: *Ut omnium peccata deleret.*

V.

268. **M**As porque não basta ter Christo remido o genero humano de todos os peccados, se nós tornamos a cair nelles; que importara ter mostrado taõ

Q iij larga,

largamente o perigo , fenaõ
ouuer quem nos descubra , &
nos ensine o remedio ? Isto
he o que agora havemos de
ver : desenrolando a historia
de Rahab , a que o mesmo E-
vangelista succintamente se
refere nas poucas palavras
que propuz : *Salmon autem
genuit Booz de Rahab*. Era
Rahab hũa molher naõ só
de vida pouco honesta , mas
publicamente peccadora ,
como já dissemos : estava
condenada por sentença , naõ
menos que do mesmo Deos ,
para arder com todos os mais
da Cidade de Jericó : esca-
pou com tudo ella só da
morte , & do incêndio por
meyo de hum cordaõ ver-
melho , que distinguio a sua
casa de todas as outras. E q
cordaõ vermelho foy este ?
Assim como o incendio de
Jericó toda abrazada em
chamas vivas foy figura do
inferno : & assim como Ra-
hab condenada a arder nas
mesmas chamas , foy figura
dos que se condenaõ pelo
peccado da sensualidade ; as-
sim digo que aquelle cor-
daõ vermelho foy figura do
Rosario da Virgem Senhora

Nossa , por meyo do qual os
que d'elle se valem , se livraõ
do fogo eterno. Peço atten-
çaõ a todos , & muito parti-
cularmente ma devem dar os
que tem fundamento para se
temer deste vicio.

269: Falla David da
Virgem Senhora Nossa de-
bayxo do nome , & metafora
de Jerusalem (porque Je-
rusalem , & Maria , ambas fo-
raõ morada de Deos) & de-
pois de tomar por assumpto
quam gloriosas faõ as mara-
vilhas , que da mesma Senho-
ra se tem ditto : *Gloriosa di-
cta sunt de te ; Civitas Dei* :
aquella que poem em pri-
meiro lugar , he prometter a
Mây de Deos , que até de
Rahab , & de Babylonia se
lembrará , se ellas a conhece-
rem : *Memor ero Rahab , &
Babylonis scientium me*. E em
que desmerecêraõ Rahab ,
& Babylonia a lembrança da
Virgem Maria , para ser tão
glorioso encarecimento de
piedade na sua memoria o
lembrarse dellas ? Naõ seraõ
necessarias muitas palavras
para o declarar , pois já te-
mos ditto quem he Rahab , &
quem foy Babylonia. Baby-
lonia

lonia foy a grande meretrice que vio S. João; Rahab tambem foy meretrice, & não pequena: Babylonía foy aquella, que trazia escrito na testa: *Babylon magna, mater fornicationum*: Rahab foy aquella, cuja casa na primeira entrada da Cidade de Jericó tinha por insignia: *Rahab meretrix*. E que até destas duas molheres taõ dissolutas, & depravadas, hũa mãy, & outra filha da torpeza, prometta a Santissima, & Purissima Virgem de ter memoria, se ellas a conhecere: *Memor ero Rahab, & Babylonis scientium me*; não ha duvida, Mãy da Diviã graça, que entre todas as glorias de vossa benignidade, & grandeza, justamente a conta David (que tambem teve necessidade della) como a primeira: *Gloriosa dicta sunt de te: memor ero Rahab, & Babylonis*.

270. Onde se deve advertir, & ponderar muito aquella palavra *dicta sunt*: na qual nota David, & quer que nós notemos, que esta acção gloriosa da Senhora, não he cousa nova, que elle

agora diga, ou haja de dizer, senão antiga, & que já estava ditto: *Dicta sunt de te*. Mas quando estava ditto, & por quem? Estava ditto por Josué, que floreceo mais de quatrocentos annos antes de David, quando o mesmo Josué escreveu a historia de Rahab, que he a do Texto do nosso Evangelho, na qual foraõ representadas estas glorias da Virgẽ Senhora Nossa, & do seu Rosario, como agora veremos.

VI.

271. **C**hegáraõ pois as duas sentinellas dos Hebreos, & entráraõ em casa de Rahab como casa publica: disseraõ-lhe, que eraõ exploradores do Conquistador daquellas terras, a quem o verdadeiro Deos Creador do Ceo, & da terra as tinha dado: & debayxo desta fé (que logo recebeo) concertáraõ com pacto de que depois lhe dariaõ a vida, que ella os encubrisse ás rondas dos Cananeos, que já lhe andavaõ nos alcances, & os puzesse em salvo. Fello assim Rahab

Rahab escolhidamête. E diz o Texto Sagrado, que lançando da muralha (para onde tinha janella) hum cordão vermelho: *Funiculus coctineus*: por elle se decêraõ segura, & occultamente os dous aventureiros, & se salváraõ. Esta foy atéqui a historia; vamos agora á significação, que já himos enfiado o Rosario, ainda que se não veja.

272. Perguntaõ os Santos Padres primeiramente, este cordão, & vermelho (o que facilmente não podia ser acaso) que he o que significava? E respondem S. Jeronymo, Santo Ambrosio, Santo Agostinho, & os demais, que o cordão significava a Christo, & o vermelho o sangue da redempção. Bastem por todas as palavras elegantes de Santo Ambrosio: *Vidit hoc meretrix, quæ in excidio civitatis remedia desperaret salutis, quia fides vicerat signa fidei, atque vexilla Dominicæ Passionis attollens, coccum in fenestra ligavit, ut species cruoris mystici, quæ foret mundum redemptura, vernaret.* Foy signifi-

cado Christo S. N. & cõparase cõ grande propriedade ao cordão, porque o cordão forte, & bem formado compoemse de tres ramaes, & tal he o composto inefavel de Christo. Os outros homens cõpoemse só de duas partes, como de dous fios, que são corpo, & Alma: Christo porém, que não só he homem, senão Homem, & Deos juntamente, cõpoemse de tres, que são Corpo, Alma, & Divindade. Assim como Deos em quãto Deos (diz S. Bernardo) he hú em substancia, & trino em Pessoas, assim o mesmo Deos feito homem, he hum em Pessoa, & trino em substancias: & assim como em Deos, nem a Trindade divide a unidade, nem a unidade diminue a Trindade; assim em Christo, nem a Pessoa confunde as substancias, nem as substancias dividem a Pessoa. Finalmente conclue o Santo: *Verbum, & anima, & caro in unam convenere Personam, & hæc tria unum, & hoc unum tria.* Não podéra dizer mais, nem menos, se definira hum cordão de tres ramaes. Assim como

Isaie 2.
38.

Hier.
ep. 2. ad
Nepoti-
an.
Aug. in
Ps. 86.
Amb. l.
5 de fide
cap. 5.

não cordão de tres ramaes hũ
 são tres, & tres são hũ, assim
 no Composto divino, & hu-
 mano de Christo unido o
 Corpo á Alma, & o Corpo,
 & Alma á Divindade, estes
 tres são hũ, & este hũ são
 tres: *Hæc tria unum, & hoc*
unum tria. Nem esta compa-
 ração, ou este nome he no-
 vo, porque do mesmo Chris-
 to, como entendem graves
 Autores, fallava Salamaõ,
 quando disse, que o cordão
 de tres fios difficultosamẽte
 se rompe: *Funiculus triplex*
difficile rumpitur. Mas se a
 união da Divindade, & Hu-
 manidade em Christo de sua
 natureza he indissolúvel, &
 nunca se rompeo, nem ha de
 romper, como podia Sala-
 maõ fallar de Christo, quan-
 do admittê no cordão rotu-
 ra, posto que difficultosa?
 Essa mesma he a energia, &
 a mayor graça da compara-
 ção. Porque no Composto de
 Christo ha duas uniões, hũa
 entre a Divindade, & a Hu-
 manidade, que nunca se ró-
 peo, & outra entre o Corpo,
 & Alma, que se rompeo na
 morte: & como a mayor dif-
 ficultade daquelle tremen-

do mysterio, era poderse ró-
 per esta união, & haver de
 morrer Deos; por isso Sala-
 maõ admiravelmente admit-
 tindo a rotura do cordão, lhe
 chamou difficultosa: *Diffi-*
cile rumpitur.

273. Rompeose o cor-
 daõ na morte, mas logo se
 soldou na Resurreiçãõ. Foy
 porém necessario, que Chri-
 sto morresse, & derramasse o
 sangue, para que o Corpo se
 tingisse, & tinto de verme-
 lho, fosse o remedio da re-
 dempção: *Ut species cruoris,*
quæ foret mundum redemptu-
ra, vernaret. Verdadeiramẽ-
 te, que na circumstancia desta
 cor bem se vê que era pin-
 cel divino, o que no remedio,
 & salvação daquelles dous
 homens pintava já entãõ a
 de todos. Para os dous ex-
 ploradores salvarem as vi-
 das, não importava a cor do
 cordão, pelo qual decêrão,
 & se salvarão; mas para a
 significação do mysterio q-
 nelles se representava, foy
 tão necessaria a cor verme-
 lha, como foy necessario o
 Sangue de Christo para a sal-
 vação do genero humano.
 Sendo porém Adão, & o
 genero

genero humano hum, parece que tambem havia de fer hũ, & não dous os que aqui se salvarão por este meyo. Ora vede como ferem os Exploradores dous, foy nova valentia da pintura, & mayor propriedade do mysterio. O genero humano dividio se em dous Povos, os quaes naquelle mesmo caso concorrião: o Povo Judaico, que erão os Hebreos, & o Povo Gentilico, que erão os Cananeos. E porque o Messias não só havia de remir o Povo Judaico, como elles cuidavão, senão tambem o Gêtilico; por isso na liberdade dos dous Exploradores se representou a salvação dos dous Povos.

274. Os dous primeiros Exploradores da terra de Promissão, a quem estes segundos succedêrão na mesma conquista, forão os dous valentes soldados Josué, & Caleb, os quaes para demonstração da fertilidade do terreno trouxerão o grande cacho de uvas aos hombros, atravessado em hũa lança. E que significava esta nova pintura? O fruto prodigio-

so pendente da lança significava a Christo pendente da Cruz: os dous que o levavão aos hombros significavão os dous Povos: o de diante o Judaico, que foy o primeiro, o de detras o Gentilico, que veyo depois. E diz mais alguma cousa a figura? Ainda falla admiravelmente. O Povo Gentilico, que hia detras, levava o fruto diante dos olhos; porque estimou, & recebeo a Christo: & o Judaico, que hia diante, levava o detras das costas; porque o desprezou, & lhe voltou o rosto, & não o quiz receber. *Duo bajuli duo sunt testamenta: praeunt Judaei, sequuntur Christiani: salutem hic ante conspectum suum gerit, ille post dorsum: hic obsequium praefert, ille contemptum: disse com tanto applauso Santo Agostinho, que lhe tresladrão o pensamento São Ambrosio, S. Cypriano, S. Ieronimo, S. Prospero, S. Bernardo, Ruperto. Estes são pois os dous Povos, em que se divide o genero humano, & se o quizermos não dividido, senão unido em hum só, tambem o temos no mes-*

mo Texto. Quando Rahab os escondeo para que os não descobrissem as rondas, diz assim o original Hebreo ao pé da letra: *Acceperat autem mulier viros illos, & abscondit illum*: levou a molher aquelles dous homens, & escondeo-o. Se eraõ dous, havia de dizer, escondeo os, & não escondeo-o. Pois porque diz; *abscondit illum*, escondeo-o a elle, & não a elles? Porque aquelles dous homens significavão os dous Povos, em que se divide o genero humano, & o mesmo genero humano em quanto dividido, são dous; em quanto unido, he hum: em quanto dividido, he elles; em quanto unido, he elle: *Abscondit illum*.

VII.

275. **E**Sta foy a propriedade có que na primeira parte da historia de Rahab se representou a Encarnação, & Morte de Christo, & a Redempção do genero humano. E esta he a materia de que a Virgem Senhora Nossa formou o seu

Rosario, não mudando, nem acrescentando nada ao mesmo cordão, mas dispondo-o sómente de tal modo, que assim como elle tinha sido o instrumento universal da redempção do mundo, assim o fosse particular da salvação dos peccadores. E esta he a segunda parte da mesma historia. Tinha Rahab assentado com os Exploradores, que na destruição de toda a Cidade de Jericó seria exceptuada a sua casa, & que para ser conhecida entre as demais, tivesse por sinal na janella o mesmo cordão vermelho por onde os tinha decido. Fezse assim có a pontualidade, & vigilância de hũa, & outra parte, q o caso, & o perigo pedia: & arrazados os muros só có o som das trombetas de Josué, entraõ os soldados victoriosos levando tudo a ferro, & a fogo, & no meyo de tão grande tumulto o que se ouvia sómente, era hũa voz, que dizia: *Sola Rahab vivat*: morraõ todos, & só viva Rahab. Assim o dizia a voz, assim o tinha jurado a promessa, & assim se cóprio árisca;

*Iosue 6.
17.*

á rifca; porque não ficando
da Cidade mais que as cin-
zas, só Rahab escapou, &
viveo, & com a fua fami-
lia foy recebida em triunfo
nos arrayaes vencedores.

276. Quando Deos mādou ao Anjo, que degolasse todos os primogenitos do Egypto, havia hum grande perigo, & difficuldade nesta execuçaõ; porque como os Hebreos moravaõ juntamēte com os Egypcios, á volta dos Egypcios podia a espada do Anjo levar tambem os Hebreos. E de que modo facilitou Deos esta difficulda-de, & os livrou deste perigo? Era o mesmo dia, ou a mesma noite, em que cõforme a ley em todas as familias dos Hebreos se comia a primeira vez o Cordeiro Paschoal: & como hũa das ceremonias da mesma cea era, que todos rubricassem as suas portas com o sangue do mesmo cordeiro; observando o Anjo este final, & dividia, matou todos os primogenitos Egypcios, & ficarão livres todos os Hebreos. O mesmo succedeo em Jerico dahi a quarenta annos, não

fô pelo mesmo modo , mas
tambem com a mesma signi-
ficação. Porque assim como
o sangue do Cordeiro, que
tingio de vermelho as por-
tas dos Hebreos, significava
o sangue de Christo, assim o
cordão vermelho, que pen-
dia da janella de Rahab, sig-
nificava o mesmo sangue. E
assim como ella se salvou
do incendio universal , em q
perecêrão todos, em virtude
daquelle mysterioso cordão,
assim digo que se salvarão
todos os que rezarem o Ro-
sario em virtude do mesmo
Rosario, que no mesmo cor-
dão era significado.

277. Esta ultima palavra, que no mesmo cordão era significado, parece difficullosa de provar, mas a prova he tão autentica, que ninguem lhe porá duvida. Fala Christo cô sua Santissima Mãe no capitulo quarto dos Canticos, & diz assim conforme o Texto dos Setenta Interpretes, que he o de que o mesmo Christo usou sempre no Evangelho: *Sicut fenumculus coccineus labia tua, & eloquium tuum decorum.* As vossas palavras, Mãe, & Efpôsa

poza minha, são para mim de grande decoro, & respeito; porque na boca de quem as pronuncia são como o cordão vermelho na janella de Rahab. Assim comenta este lugar fallando có a mesma Senhora o mais insigne Doutor de seu tempo Ruperto Abbade: *Ecce Rahab meretrix dulcis eloquij tui funiculum coccineum in fenestra sua ligavit, dñ Ecclesia quondam peccatrix, & idolatriæ meretriciis sordida dulce eloquium tuum, pignus salutis, jugiter personat.* Quando Rahab a publica peccadora atou da sua janella o cordão vermelho, o mesmo cordão, Virgem Santissima, era composto das vossas do. es palavras, & por isso a Igreja convertida da Gentilidade, (q he a Catholica) em prenda de sua salvação, continuamente as reza. Não podéra fallar mais claro, se nomeára o Rosario (que he a mais propria oração da Senhora, & que mais continuamente se reza todos os dias) mas no tempo de Ruperto ainda não tinha este nome. E para que a sua exposição não

pareça singular, a mesma tē Theodorocto, Iusto Orgeliano, Philo Carpacio, & Rabbi Salamão, os quaes todos affirmão, que o cordão vermelho, de que neste lugar falla o Espírito Santo, he o *Funiculus coccineus* de Rahab.

*Theodorocto.
Iustus
Orgel.
Philo.
Rabbi
Salamo.*

278. E que semelhança tem o Rosario com o cordão vermelho na janella de Rahab para ser significado nelle como em sua propria figura? Não só húa semelhança, senão todas. Lembremonos do que fica ditto. Aquelle cordão (como vimos com todos os Padres) significava a Christo; & os mysterios da redempção do genero humano: & desses mesmos mysterios se compoem o Rosario. Aquelle cordão era composto de tres ramaes: *Funiculus triplex*: & esta mesma composição he a do Rosario repartido em tres terços Gozofos, Dolorosos, Gloriosos. Aquelle cordão era vermelho, não só pela cor, senão pela substancia do Sangue de Christo: *Funiculus coccineus*: & com o mesmo sangue está rubri.

rubricado o Rosário em todas as tres differenças dos mesmos mysterios: na primeira com o sangue que Christo tomou nas entranhas da Virgem: na segunda, com o que derramou na Cruz: na terceira, com o que tornou a tomar na Revolução. Aquelle cordão estava na janella de Rahab: *In fenestra*: & que outra coufa he o cordão na janella, senão o Rosário, & a oração na boca, diz Theodoretto?

Theod.
in hunc
locum
Cantica

Signum hoc sponsus in ore sponsae tanquam in fenestra collocatum intuetur, sicut funiculus coccineus labia tua. Finalmente (& esta he a mayor, & principal semelhança) aquelle cordão era hũa diviza, que distinguia a casa de Rahab de todas as outras, para que no incendio gèral da Cidade, em que todos morrerão, perecerão, & se abrazarão, só ella se salvasse; & o Rosário he hum dos mais certos sinaes da Predeterminação, por meyo do qual se livrão dos incendios eternos os peccadores, & muito particularmente os do peccado da sensualidade (co-

mo Rahab) que he o que mais povoa, & enche o inferno. Quando S. Ioaõ vio aquella infame molher, em que era representada a sensualidade, disselle hum Anjo, que viesse ver a condenação da grande meretrice: *Veni ostendam tibi damnationem meretricis magnae*: porque todas as filhas daquella mãy, & que seguem seus passos, pelos mesmos passos caminhaõ á condenação eterna. E sendo Rahab hũa destas, publica, & conhecida por tal: *Rahab meretrix*: porque estava patrocinada, & defendida da diviza do Rosário: *Funiculus coccineus*, ella só escapou, & se salvou da condenação universal de todos os mais, & com exceiçãõ, & declaração expressa do nome, & vida de meretrice: *Sola Rahab meretrix vivat.*

279. Hum dos mais notaveis portentos, que se lèm nas Escrituras, he mandar Deos ao Profeta Oseas, que se casasse com hũa meretrice, & sobre meretrice adultera: *Vade, sume tibi uxorem fornicationum*: & depois fallan-

fallando da mesma: *Adhuc vade, & dilige mulierem dilectam amico, & adulteram.* Obedeceo o Profeta, assombrados todos tanto do preceito, como da obediencia. Porém a mayor razaõ do assombro (a qual no exterior se não entendia) era, q̃ Oseas neste caso significava, & representava a Deos, como o mesmo Deos logo declara: *Dilige mulierem dilectam amico, & adulteram, sicut diligit Dominus filios Israel, & ipsi respiciunt ad Deos alienos.* Recebeo emfim o Profeta por molher a meretrice, & adultera: & porque naquelle tempo, & naquella naçaõ costumavaõ os maridos cõprar as molheres, como Jacob a Rachel, & David a Michol, diz Oseas, que cõprou esta sua por quinze dinheiros: *Et emi eam mihi quindecim argenteis.* Aqui está o grande reparo. Não em Deos se desposar com hũa tal peccadora, (que esse he o seu amor, & a sua bondade) mas em que a compre, & faça sua, & não com mayor, ou menor preço, nem com mayor, ou menor numero, Tom. 5.

tenaõ com quinze dinheiros: *Quindecim argenteis?* O preço da graça, com que Deos chama, converte, & une a sy as Almas alongadas de seu serviço, & de escravas dos vicios feos, & torpes, as faz amadas esposas suas, todos cremos, & sabemos, que são os merecimentos infinitos da Vida, Morte, & Sangue de Christo. Pois se este preço he infinito, porque se reduz a numero, & não a outro numero, senaõ o certo, & determinado de quinze? Porque quinze são determinadamente os mysterios, em q̃ esse mesmo preço da Vida, Morte, & Sangue de Christo está multiplicado no Rosario, & repartido nelle. E he virtude propria, & particular do mesmo Rosario, de Almas meretrices, & adulteras, cõmo a q̃ cõprou para sy, & recebeo por sua Oseas, fazer esposas muito prezadas, & amadas de Deos. Assim explicã, & applica este lugar hum Autor não muito antigo, mas muito douto, & pio. *Deus bone* (exclama elle) *quoties Christus Dominus in Osea significatus per diffusas*

Carta-
gena de
Rosar.
v.

R ani-

animas medijs quindecim sanctissimi Rosarij decadibus sibi arctissimo amoris vinculo copulavit? Quer dizer: que por meyo do santissimo Rosario, composto de quinze decadas, & quinze mystérios, traz Christo a sy muitas Almas, não só perdidas, mas perdidissimas, & como esposas muito queridas as une, & ata comsigo com hum estreitissimo vinculo. E este vinculo he o córdaõ mysterioso de Rahab, taõ perdida na vida, como no nome, por meyo do qual, não só a livrou, & salvou Christo, mas verdadeira, & realmente apparentou com ella, desposandoa com Salmon do Tribu Real de Juda, de que o mesmo Christo nasceo: *Salmon autem genuit Booz de Rahab.*

VIII.

280. **E** Para que vejais com os olhos o comprimento destas antigas figuras, não em outra pessoa, ou em outro vicio, senão na de hũa famosissima meretrice, passemos de Jericó a outra mayor, & melhor Cidade,

não Gentilica, nem só Christãa, mas cabeça da Christandade. Depois do grande fructo, que o grande Pregador da Virgem Senhora Nossa tinha feito em França com o seu Rosario, passou S. Domingos a Italia, & fazendo os mesmos Sermões em Roma como em Cidade Santa, & Corte Ecclesiastica, foy ainda mayor o fructo, & mayor a brevidade com que o colheo. Os Monsenhores, os Bispos, os Cardeaes, & até o mesmo Summo Pontifice, todos se fizeraõ não só devotos, mas servos do Rosario. Havia neste tempo na mesma Roma hũa mulher moça, das que lá se chamaõ Cortesãas, a mais famosa, & celebrada de todas as daquella infelice profissãõ, dotada por extremo de todos os ornatos da natureza, com que mais se costuma enloquecer o amor profano. Chamavase esta molher Catharina; & não ouve Catilina, nem tyrano algum de Roma, que tanto a destruisse, & arruinasse, como esta tyrana a arruinava, & destruhia. Nero poz o fogo a Roma, mas

mas não lhe abrazou mais q̃ os edificios; esta tyrana também punha fogo a Roma, mas abrazavalhe as Almas. Nero atormentava os Martyres, mas mandava-os para o Ceo; esta tyrana também atormê-tava os homens, mas mandava-os para o inferno. Nero fazia adorar os Idolos, & violentava os homens, para que o fizessem; esta tyrana, ella mesma era o Idolo, & fazia-se adorar sem violencia. De maneira, q̃ qué estivesse em Roma naquelle tempo, & visse por hũa parte o grande fruto, que fazia nas Almas S. Domingos; cõ sua prêgação; & por outra o grande estrago, que fazia nellas esta tyrana com seu pernicioso exemplo; poderia duvidar com muita razão de qual das duas se havia de admirar mais; ou da astucia do Demonio, que meteo em Roma esta mulher para fazer opposição ao Rosario, ou da Providencia particular de Deos, que meteo em Roma o Rosario para fazer guerra a esta mulher? Mas não foy esta a vez primeira, em que as rosas tirârao sangue a Venus.

281. No meyo deste descuido da Alma, no meyo deste esquecimento do Ceo, no meyo desta desbaratadissima vida, com que aquella pobre mulher corria tanto á redea solta pela estrada larga da perdição, no meyo de tantos vícios, & tantas misérias, tinha com tudo hũa cousa boa, que era ser inclinada a ouvir Sermões. Como S. Domingos prégava em Roma com tanto applauso, achavase ella sempre ás suas prêgações. E porque o Santo muitas vezes depois do Sermao repartia Rosarios aos ouvintes, coubelhe também á publica peccadora hũdia o seu Rosario. Já Rahab leva na mão o cordão vermelho, & já eu começo a esperar melhor, & a não ter tanta desconfiança de sua salvação. Que vos parece q̃ faria do seu Rosario hũa tão perdida mulher? Por ventura enfiatalohia com grande curiosidade, enfiatalohia, & enfiatalohia com muitos listões de ouro, & prata para o lançar ao pescoço por gala? Tralohia alguns dias cobrando nos dedos, como costu-

R ij mão

mao as de devação alentada, para depois o dar por prenda a algum dos que a galanteavao, & fazer mais hum devoto, naõ do Rosário, mas seu? Ainda mal, porque ha loucastaõ impias, & taõ sacrilegas, que até do Rosário da Virgem purissima, de que fogem os Demonios, fazem laços ás Almas! Naõ o fez assim esta molher, posto que taõ desgarrada, & taõ perdida; antes fazia o que eu muitas vezes vos aconselho. Ainda que gastava as vinte & tres horas, & meya do dia cõ o mundo, com a vaidade, cõ seus gostos, & appetites, todos os dias tomava meya hora para a sua Alma, posto que taõ pouco a amasse, & se retirava para o lugar mais escuso de sua casa, & alli se punha a rezar o seu Rosário. Os muros da casa ainda eraõ de Jericó, mas o cordaõ já pendia da janella.

282. Sahio pois Catharina hum dia a espaço, como dizem em Italia, & indo passeando por hũa daquellas fermosas estradas, que se estendem pelos arrebaldes de Roma, vio que hia junta-

mente pelo mesmo caminho o mais gentil homem, o mais ayroso, o mais bizarro mancebo, que vira em sua vida, & por ventura, que nunca se tinha visto no mundo taõ grande gentileza. Travaraõ pratica os dous, & quanto Catharina mais via, & ouvia o companheiro, tanto mais se lhe hia afeiçoando, & rendendolhe a Alma. Expressmentava porém nesta afeiçãõ, & neste amor muito differentes effeitos, que nos outros seus: porque era hũa afeiçãõ chea de respeito, era hum amor cheo de reverencia, & se bem os affectos eraõ os mayores que podiaõ fer, todos se continhaõ dentro das rayas do coração, nenhũa passava ao appetite. Em fim pedio a Cortesãa ao mancebo, que lhe fizesse favor de querer ir cear a sua casa aquella noite, o que elle aceitou, & agradeceo, & apartaraõse. Naõ he industria nova em Josue explorar primeiro por sy mesmo a terra, & depois entrar á conquista. Estava a cea preparada como para taõ notavel hospede. Veyo elle á hora assinalada: poze.

pozeraõse á mesa: & a molher cada vez mais admirada da gentileza da pessoa, da discricão das palavras, da graça com que as dizia, & sobre tudo da compostura, do recato, & da magestade de todas suas acções. Disse-lhe: Senhor, se o amor que deveis ter conhecido em mim, merece comvosco alguma cousa, peçovos que me digais quem sois: respondeo o mancebo, que como ficassem sós, então lho diria. Hiaõ comendo, & tudo o q̃ tocava o hospede, mudava a cor, & ficava tinto em sangue. Já o cordão se começa a tingir de vermelho. Pareceo a Catharina que se teria cortado, & querendo acodir ao sangue, & remediar o golpe, respondeo o que de outro bem differente modo estava ferido, que não se cortára, mas que a razão do que via, era, porque tudo o que come o Christão, deve ser molhado no Sangue de seu Deos.

283. Levantouse a mesa, apartaraõse os que serviaõ: eis que subitamente o mancebo se converteo em

hum Menino Jesus com hũa coroa de espinhos na cabeça, com as mãos, & os pés, & o lado aberto, com hũa Cruz mayor que os hombros ás costas, inclinado todo, & como gemendo debayxo do pezo della. Com esta figura por hũa parte tão amorosa, & por outra tão lastimosa, lhe disse assim. Até quando, Imãa minha, até quando has de continuar em me ofender? Quando has de acabar de me ser ingrata? Olha o que padeci por ti, olha o que me custas. Desde esta idade em que me ves, trouxe sempre por ti esta Cruz ás costas, até que depois de trinta & tres annos me pregaraõ nella. Dizendo isto, o que era menino se converteo em homem, & a Cruz que trazia ás costas a suspendeo nos braços. Estava com os pés, & mãos encravadas, com o peito rasgado, com a cabeça inclinada, com o rosto palido, com os olhos ferrados, com a boca emudecida. Se com a primeira visãõ ficou assombrada a molher, com esta segunda ficou muito mais attonita, &

pasmada. As palavras que ouviu na primeira a magoação, & enternecção muito; mas este silencio agora lhe penetrava o mais interior da Alma, & lha traspassava toda. Não dizia, não fazia nada, porque não sabia que dissesse, nem que fizesse: só o coração lhe estava rebentando dentro no peito de dor, & de contração de seus peccados. Hia como outra Magdalena para se abraçar com a Cruz, quando o crucificado de repente resuscitou, & passando a Cruz das costas á mão direita, como em final de triumpho, appareceu revestido todo de gloria, & mais que humana magestade. As cinco chagas pareciao cinco Sóis, o resplandor, & fermosura do rosto não parecia a nada, porque tudo o que ha fermoso na terra, tudo o que ha resplandecente no Ceo, era feyo, & escuro em sua comparação. Posto nesta representação não gloriosa, tornou a fallar á peccadora, & disselhe estas palavras. Acaba já, acaba de ser cega. Olha para mim, & olha para ti: olha para mim,

& olha para os teus amadores; & vê se he razão que pe-los buscares a elles, me deixes a mim. Vê bem o que estás vendo, & acaba de conhecer se he mayor a fermosura do Creador, ou a das creaturas. Detevese hū pouco mais, para que a mulher visse bem a differença, & desappareceo.

284. Desappareceo Christo, & ficou só Catharina, ou para o dizer melhor, não ficou, porque tambem desappareceo. Desappareceo, porque a que estava alli, já não era a que fora, senão muito differente do que dantes era. Em nada era parecida a sy; em tudo semelhante á Magdalena. Não fallava palavra, porque não era tão pequena sua dor, que lhe coubesse pela boca; partia-se-lhe o coração de dor, & de arrependimento da vida passada, & assim despedaçado lhe sahia pelos olhos chorando infinitas lagrimas. Sae como hūa louca de casa (que quem fez locuras pelo mundo; razão he que as faça por Deos) lanças se aos pés de S. Domingos, confessasse geralmente

mente de todos seus peccados, torna para casa com a resolução que o caso merecia, toma as galas, & as joyas, reparte-as aos pobres, vestefe em hum habito de penitencia: (vede se lhe servia aqui bem o cordão) metefe entre quatro paredes, sem admittir, nem outra visita, nem outra conversação: & alli só por só com o seu novo amante, só comfigo, & com o seu Deos (tao seu) passou os dias que lhe restavaõ de vida, que foraõ muitos, sem outra companhia mais que a do seu Rosario, que como nelle achára o remedio, assim nelle tinha todo o alivio. Repassava-o cõta por conta, & na memoria de cada hũa lembravase do que viraõ seus olhos, & eraõ duas continuas fontes. Desta maneira viveo santa muitos annos, a que tantos tinha vivido tao peccadora, & chegando-se emfim a hora da morte, assistio-a nella em Pessoa a Virgem Maria, que recebendolhe a Alma nos braços, a levou comfigo ao Ceo. Ditoza mulher, & ditossissima Alma, pela qual de-

cêraõ do Ceo hũa vez o Filho de Deos, & outra vez a Mãy de Deos: o Filho de Deos para a converter, a Mãy de Deos para a levar.

IX.

285. **E** Ste foy o caso, Chrittãos, do qual eu podéra tirar muitos pontos de doutrina, que vos advertir. Poderavos advertir de quam rebelde, & obstinado peccado he o da sensualidade, pois para converter hũa mulher cativa deste vicio, foy necessário que o mesmo Deos viesse do Ceo á terra. Poderavos advertir de quão importa o ouvir a palavra de Deos, & não perder nenhũa occasião de assistir a ella, pois não tendo esta mulher outra inclinação, nẽ obrá boa; dessa lançou maõ Deos para a salvar. Poderavos advertir quam divina he a efficacia da devação do Rosario, & quam bem empregada he a meya hora que se gasta em o rezar, pois a meya hora, que esta mulher dedicava ao Rosario todos os dias, foy a que lhe gran-

geou a eternidade. Finalmẽte poderavos advertir , & encarecer a grande misericordia de Deos, que taes modos, & taes traças busca, & a taes transformações se sujeita para ganhar nossas Almas. Para buscar a Magdalena , transformouse em hortelaõ : para reduzir os Discipulos de Emaüs, transformouse em peregrino : para affeioar esta peccadora , transformouse em amante humano , & taõ humano, sem reparar nos primeiros disfarces, ou ainda quasi indecencias desta metaphora. Quando Christo converteo a Samaritana , diz o Texto que, *Mirabantur Discipuli, quia cum muliere loquebatur* : que admiração seria a sua, se o vissem, naõ na estrada, senaõ em casa ; naõ na fonte publica, senaõ á mesa ; naõ em habito de Profeta , senaõ com galas de amante ? Oh beneditto sejais, amor de nossas Almas, que tanto vos perdeis pelas ganhar !

286. Todas estas doutrinas poderamos colher deste exemplo ; mas eu só hũa cousa quero perguntarvos. Dizeyme ; se Christo vos

apparecêra na fôrma , & nas formas em que appareceo a esta peccadora, por mais que estejais taõ cativos de vossos vicios , como ella estava, havieis de vos converter , ou naõ ? Naõ ha duvida , que todos estais dizendo, que vos havieis de converter. Pois sabey os que vindes aqui rezar o Rosario , que todos os tres dias se vos representa Christo interiormente nas mesmas transformações. Em tres formas se representou Christo áquella peccadora : a primeira foy de menino, & esses são os mysterios da Encarnação , os mysterios Gozofos ; a segunda foy de morto, & esses são os mysterios da Payxaõ, os mysterios Dolorofos : a terceira foy de resuscitado , & esses são os mysterios da Resurreição, os mysterios Gloriosos. Estas, estas , & taõ verdadeiras como aquellas, são as transformações em que Christo se nos mostra nos mysterios do Rosario, se nós abrirmos os olhos da consideração para as ver. Nos mysterios Gozofos representasenos menino nas entranhas de sua Mãe ,

menino

menino nascido em hum Presépio: & está dizendo a cada hũa de nossas Almas: Irmã minha, até quando me has de offender? Quando has de acabar de me ser ingrata? Olha o que me custas, olha o que por ti padeci. Esta lapa, esta mangedoura, esta pobreza, esta humildade, este frio, este desamparo. Nos mysterios Dolorosos mostrafenos morto, & crucificado, & posto, que não falla palavra, aquelle mesmo silencio são os mayores brados, com que está dando vozes a nossas Almas. Deos morto, & morto por amor de mim? Deos crucificado, & crucificado por amor de mim? E que tenha eu vida para o offender? Que gaste eu a vida em o não amar? Oh cegueira! Oh locura! Finalmente, nos mysterios Gloriosos mostrandonos aquella fermosura immortal, celestial, & divina, ainda confunde mais a locura, & cegueira de nossos pensamētos. Vê homem, a quem deixas, & por quem. Deixas a fermosura divina pela vileza humana, deixas a fermo-

sura do Ceo pela miséria da terra, deixas a fermosura immortal por aquellas apparencias caducas, que o que são, descobre a morte. Olha para hum corpo morto, & ahi verá o que amas: aquella corrupção, aquella deformidade, aquelles horrores, aquelle ferver de bichos, aquelles ossos meyo descarnados, aquella caveira enorme, fea, medonha.

287. Ah Senhor, abri os olhos aos homens cegos, para que vejaõ o que amaõ, & o que deixaõ. E vós Virgem purissima, que tanta efficacia déstes ao vosso Rosario para converter Almas perdidas, & perdidas particularmēte pelo vicio da sensualidade, como a Catharina, que foy a Rahab de Roma, & a Rahab, que foy a Catharina de Jericó; vedê Senhora, quanto arde o mundo naquelle infernal incendio, que já começa, & continua na terra para nunca se acabar, nem extinguir no inferno. Ouvi, Christãos, o que refervey para estas ultimas palavras, para que o leveis mais impresso na memoria, & senão pôde

In cap. 1
ep. ad
Roman.

S. Frãc.
Xaver.
in epist.

de ouvir sem tremer. S. Remigio primeiro Apostolo de França, & que a converteo á Fé de Christo, diz assim fallando do vicio da sensualidade. *Demptis parvulis, ex adultis pauci propter hoc vitium salvantur*: tirando os meninos innocentes, dos já adultos, & da mayor idade, são muito poucos os que se salvaõ, & todos os mais se condenaõ por este vicio. E S. Francisco Xavier escrevendo da India, diz q̃ bema-venturados são lá os q̃ morrẽ antes dos quatorze annos, porq̃ os que chegãõ áquella idade, quasi todos geralmẽte se perdẽ, & se condenaõ pelo vicio da torpeza. Vejaõ agora os que nascem, ou vivem na America, se se pôdem ter por melhores que os da Asia, & se pela qualidade do clima, pela facilidade das occasiões, & pela dissoluçãõ geral dos costumes, estaõ no meismo perigo, & pôdem temer a mesma sentença. Mas

tornãdome a vós, Virgẽ Santissima, Purissima, Poderosissima, ponde, Senhora, vossos misericordiosos olhos em taõ universal, & perigosa, cegueira. Chova do Ceo a graça de vosso Divino Esposo, pelo Sangue de vosso Filho, que apague este infernal incendio. Ouvi as vozes dos peccadores, & tambem as destes innocentes, & comunicaynos efficazmente os poderosos effeitos de vosso santissimo Rosario, que hũs, & outros todos os dias vos offerecem. Em honra dos Gozofos, daynos, Senhora, q̃ nos gozemos só das cou-
sas do Ceo, & desprezemos as da terra: em honra dos Dolorosos, que nos doamos com grande, & verdadeira contriçãõ de nossos peccados: em honra finalmente dos Gloriosos, que vivamos com tal pureza de corpo, & Alma, que por meyo da graça nos disponhamos para a gloria. Amen.

SERMAM VIII.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO
exposto.

Extollens vocem quadam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit, & ubera qua suxisti. Luc. II.

I.

UMA circumstancia de Religião muy frequentemente inculcada nas Divinas Letras, he querer a Magestade Divina, que só he digna de louvor, ser louvada na Igreja: *In medio Ecclesiae laudabo te: Apud te laus mea in Ecclesia magna: laus ejus in Ecclesia Sanctorum.* Todos estes Textos, & outros, são de David. Mas isto que antigamente se dizia,

naõ he o mesmo, que hoje soa. Igreja entre nós significa vulgarmente Templo: & no tempo de David naõ havia Templos, porque em todo o Reyno, & Povo de Israel naõ houve mais, que o Templo de Jerusalem, edificado a primeira vez por Salamaõ, filho do mesmo David, depois de sua morte. Diz com tudo David, que louvava, & louvaria a Deos na Igreja; porque Igreja naõ he nome de lugar, senaõ de pessoas, & significa ajuntamento,

mento , ou congregação de gente , principalmente da mesma Fé, ou crença, ou seja na casa, ou na praça , ou no campo , ou em lugar consagrado a Deos, como este em que estamos.

289. Isto supposto, qual fosse o lugar em que succedea a historia do nosso Evangelho, não se sabe com certeza ; porque o não referem os Evangelistas. Consta porém, que onde quer que succedesse , foy na Igreja ; porque foy em hum ajuntamento de muita gente da Judea, que eraõ os fieis daquelle tempo , os quaes em grande numero tinhaõ concorrido a ver o combate de Christo cõ o endemoninhado mudo , q pela resistencia do mesmo Demonio , deu tempo á fama, & ao concurso. E esta he a multidão , de que falla o Evangelho , quando diz : *Quadam mulier de turba.* Foy pois o caso, que vencida a resistencia do Demonio contumaz , & lançado do Castello (como disse o mesmo Senhor) em que tão fortificado estava , & se defendia, exceptos alguns Here-

ges, que foraõ os Escribas, & Fariseos, toda a outra Igreja fiel reconheceo , & admirou o milagre: *Et admiratae sunt turbae.* Mas como esta admiração pouco animosa parasse toda no pasmo , & no silencio ; entãõ levantou a voz hũa mulher de humilde cõdição, mas de sublime espirito , a qual louvando o soberano Autor de tão prodigiosa maravilha, & juntamente a venturosa Mãy, que tal Filho trouxera em suas entranhas, & criára a seus peitos, disse: *Beatus venter qui te portavit, & ubera que suxisti.*

290. Este foy em summa o fim do successo, & seus efeitos: sobre o qual noto hũa cousa, & duvido outra. O que noto he , que sendo aquella mulher hũa só, deu ella mais gloria a Christo, q toda a multidão , ou Igreja presente. Porque a multidão só louvou mudamente a Christo com a admiração: *Et admiratae sunt turbae* : & a mulher levantando a voz sobre todos : *Extollens vocem*, não só disse quanto elles reconheciao, & callavaõ, mas

mas muito mais, louvando publicamente o Filho, & pelo Filho a Mãe: *Beatus venter qui te portavit.* Isto he o que noto, ou nota o mesmo texto. E passando daquella Igreja á nossa; o que duvido he, se; assim como neste caso, húa mulher, que era húa pequena parte daquella multidão, fez mais, que a mesma multidão toda junta; assim possa húa só mulher, ou hum só homem em algum caso, não sómente igualar, mas exceder o que faz em louvor de Deos toda a multidão dos fieis, que he a Igreja universal? A razão de duvidar he o exemplo do Evangelho. Mas como o exemplo foy obrado em hum canto da Judea, & a Igreja Vniversal está estendida por todo o mundo; parece difficilissima cousa admittir, que possa fazer mais hum fiel, que toda a multidão dos fieis; & que haja de louvar mais a Deos hū devoto em particular, que toda a Igreja em commun? Se esta questão se me propuzera antes de aver na mesma Igreja a devação do Rosário, ha-

via de responder sem mais duvida, que a Proposta era impossivel. Porém na consideração do que he, & do q̃ faz o Rosário; digo que absolutamente não pôde ser, mas em algũas, & em muitas circumstancias, sim. O que determino pois, & espero mostrar neste discurso, he, que comparada a Devação do Rosário com a de toda a Igreja; em algũas circumstancias muito notaveis della, faz mais hum Devoto do Rosário em particular, que toda a Igreja Universal em commun. O Assumpto por si mesmo está pedindo a graça. *Ave Maria.*

II.

291. **E** *xtollens vocē quādam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit.* Grande he o Assumpto, que prometti. E para eu provar húa tão grande excellencia do Rosário, onde posso ir buscar a prova, senão a S. Domingos? Húa das mais singulares prerogativas desta Sagrada Religião, como devotif-

votíssima da Virgem Senhora Nossa, he, que no mesmo Dormitorio (& antigamente descalços como Moyses diante da Garça) dão a primeira alvorada á Aurora, de que nasceo o Divino Sol, cantando o seu Officio. Succedeo pois, que ao tempo, em que entoavaõ o Invitatorio pelo estilo, & rito commum da Igreja Romana, dizendo *Ave Maria gratiã plena*; appareceo em presença de todos os Religiosos a Rainha dos Anjos, & atalhando aquellas vozes com a sua, lhes disse: *Non sic, fratres mei*: não haveis de dizer assim, meus devotos. Pois como, Senhora? *Sed Regem Virginis Filium venite adoremus*: o que haveis de dizer, he: Ao Rey Filho da Virgem vinde, & adoremolo. Assim o quiz, & ensinou a mesma Virgem: & desde então se mudou o Invitatorio antigo, & se conserva na Religião Dominicana este segundo, & singular entre todas. A razão desta mudança diremos logo. Mas se aquelle estilo era então, & he ainda hoje o universal de toda a

Igreja, como o variou a Senhora, & não quiz que se fizesse assim, senão por outro modo? Para que entendamos, que na devação particular de hũa Communidade, ou Instituto pôde haver algũa tal circumstancia, pela qual Deos, & sua Mãe se sirvaõ, & agradem mais della, que da universal de toda a Igreja. Tal foy, a q̃a Mãe de Deos de novo instituhio: & tal he, a que eu hey de mostrar na devação do Rosario. Mas para que melhor a vejamos, & ponderemos, saybamos primeiro a razão, que a Virgem Senhora Nossa teve para fazer aquella mudança.

292. A razão sem duvida foy, como das mesmas palavras se collige, porque quando se dizia: *Ave Maria gratiã plena*, louvavase a Mãe expressamente, & o Filho só por consequencia: mas quando se diz: *Regem Virginis Filium venite adoremus*, louvase expressamente o Filho, & tambem expressamente a Mãe. E este he o louvor perfeito, com que a Mãe quer ver louvado a seu Filho,

lho, & o Filho ver louvada a sua Mãy. He verdade, como bem diz S. Bernardo, que nos louvores de Jesu, & Maria basta fallar de hum para louvar ambos; porque o louvor do Filho he gloria da Mãy, & o louvor da Mãy honra do Filho. Mas a devação, q̃ aspira ao melhor, & mayor, não se contenta com essas cõfrecuencias, como fenaõ cõtentou a devota oradora do nosso Evangelho. A vitoria da omnipotencia, com que foy vécido o Demonio mudo, & o triunfo da eloquencia, com que ficaráõ convencidos os calumniadores, ambas foraõ acções de Christo sómente, & não de Christo menino, qual a Senhora o concebeo em suas entranhas, nem de Christo mudo, & cõ as mãos atadas, qual o criáva a seus peitos; fenaõ de Christo homem perfeito, & taõ crescido no saber, & poder. Logo o applaudido, o aclamado, & o louvado parece que havia de ser sómente o Filho, & não a Mãy, ou bastava que a Mãy o fosse por consequencia. Mas a devação inteira, & não de me-

yas, a devação heroyca, & perfeitissima, qual era a daquelle excellente espirito, não se contenta com consequencias, que são louvores mudos. A voz louvou expressamente o Filho, & a voz expressamente a Mãy: *Beatus venter qui te portavit, & ubera quæ suxisti.*

293. Isto he o que fez a Virgem Senhora Nossa na mudança da primeira fachada do seu Officio. E isto o que faz o Rosario, ou o que fez nelle, como em instituto seu, o Ritual da mesma Senhora. Porque deixadas as duas orações, em que o Filho, & a Mãy são expressa, & distintamente louvados, & invocados, qual he a materia soberana de que o mesmo Rosario se compoem, fenaõ as vidas igualmente de ambos, ordenadas, & distribuidas nos principaes, & mais insignes mysterios. Mas porque os mesmos mysterios, & não outros, da vida de Christo, & sua Santissima Mãy são tambem os que celebra a Igreja Vniversal, & não privada, fenaõ publicamente, com toda a pompa,

&c

& magestade de ceremonias sagradas, santidade de sacrificios, concurso dos fieis, harmonia de vozes nos coros, & eloquencia nos pulpitos; que circumstancia pôde haver na devação particular do Rosario, que com este culto universal da Igreja, por tantos modos divino, se deva comparar, quanto mais dizerse que o possa preferir? Assim o disse, & torno a dizer, não absolutamente (como já adverti) mas por hũa certa, & singular circumstancia, a qual não só não he viciada nesta mesma comparação, mas sem controversia incomparavel. E qual he? He que a Igreja universal celebra todos estes mysterios da vida de Christo, & sua Santissima Mãe, mas em hum anno; o Rosario celebra os cada dia. Some agora quem quizer os dias do anno, & multiplique a differença.

294. **T**endo Deos decretado hũ grãde castigo a todo o Povo de

Israel; para que todos conhecessem o que haviaõ de padecer, ordenou que o Profeta Ezechiel o representasse, & padecesse em sy mesmo publicamente onde fosse visto de todos. E porque o castigo havia de durar muitos annos, reduziolhe a Divina Providencia os mesmos annos a dias: de sorte, que o que o Profeta padecesse em hum só dia, fosse o que todos haviaõ de padecer em hum anno. Assim o medio, & dispoz Deos, & as palavras com que o declarou ao Profeta, foraõ breves, mas notaueis: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedi tibi*: Sabe, Ezechiel, que no que te mandey fazer, te dey dia por anno: *Diem pro anno*; & torno a dizer, q dia por anno: *Diem, inquam, pro anno dedi tibi*. Esta repetição na boca de Deos, & este modo de fallar novo, & desusado não pôde deixar de ter grande significação. Não bastava declarar hũa vez ao Profeta, que lhe dava dia por anno: *Diem pro anno*? Porque torna a repetir o mesmo: *Diem, inquam, pro anno*; como

como quem encarecia o mysterio, & queria que elle o entendesse bem, & ponderasse muito? E se o que lhe mandava fazer era verdadeiramente hum grande trabalho, & hũa grave penitencia que lhe impunha; porque diz: *Dedit tibi*, & lhe pœem nome de dadiva, como se fora algũa merce, ou graça muito particular, que lhe cõcedia? Porque verdadeiramente bem entendida a empresa, assim era. Queria Deos que merecesse Ezechiel padecendo em hum só dia o que todo Israel havia de padecer em hum anno: & que fêdo os annos muitos, como haviaõ de ser, elle os igualasse todos em outros tantos dias: & não pôde haver mayor industria de obrar, nem mais alto artificio de merecer, que chegar o trabalho particular de hum homem em hum só dia a igualar o universal de todos em hum anno inteiro: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedit tibi*.

295. Isto ordenou Deos a Ezechiel, sendo mayor o merecimento que lhe dava,

que o trabalho que lhe pedia: & com a devida submissão, & reconhecimento, o mesmo que Deos disse ao Profeta, pôde qualquer devoto do Rosário dizer a Deos, quando lho offerece: *Diem pro anno, diem, inquam pro anno dedit tibi*. Neste Rosário, Senhor, em que se contém os mysterios da vida de vosso bemdittõ Filho, & de sua bemditta Mãy, vos dou (em quanto hũa creatura pôde dar a Deos) não só hũa vez dia por anno, senão duas vezes: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno*. Porque se a Igreja, seguindo o curso do anno natural, celebra pela roda do anno os mesmos mysterios; eu reduzindo o anno natural, & o anno Ecclesiastico á roda do meu Rosário, os medito, & celebro todos em hum só dia. A Igreja celebra os passos da vida de Christo, & sua Santissima Mãy, como Signos verdadeiramente celestes, pelo Zodiaco do Sol, que faz seu curso em hum anno; & eu celebro os mesmos passos, & corro os mesmos Signos pelo Zodiaco do Rosário,

Daniel
9.24.

rio, que faz não outro, senão o mesmo gyro em hum dia : *Diem pro anno dedi tibi.* O anno consta de trezentos & sessenta & cinco dias: & que faça o Rosário em hum dia, o que faz a Igreja em trezentos & sessenta & cinco! Vede se he grande a differença. As Hebdomadas de Daniel eraõ semanas, que se formavaõ de sette annos, computandose os annos por dias. E he cousa notavel, que he chame o Profeta semanas abreviadas : *Septuaginta Hebdomades abbreviatæ.* Parece q se haviaõ de chamar semanas, não abreviadas, senão estendidas; porque os dias se estendiaõ em annos. Mas chamalhe o Profeta abreviadas, porque não eraõ os dias os que se estendiaõ, senão os annos os que se abreviavaõ nelles. Não eraõ dias annos, senão annos dias, como os do Rosário. Porque o que no universal da Igreja são annos, no particular do Rosário são dias: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedi tibi.*

296. Mas se os dias do Rosário são annos abrevia-

dos em dias, constando o anno de tantos dias, segue-se que cada dia do Rosário ha de constar tambem de muitos dias. Conheço a força, & difficuldade da consequencia; mas eu a concedo, & a provo. Louva David a Deos no Psalmo sessenta & sete, & diz que seja Deos bemditto, & louvado no dia cada dia: *Benedictus Dominus die quotidie.* Todos reparais no ditto. Sedissera o devotissimo Profeta; seja Deos louvado cada dia no anno, ou cada hora no dia, bem se entendia este affecto do seu espirito; porque o anno compoem-se de dias, & o dia de horas; mas que seja Deos louvado no dia cada dia: *Die quotidie?* Sim: porque ha dias, que se compoem de muitos dias: & estes são os dias do Rosário. Que haja dias compostos de muitos dias, as mesmas palavras do Profeta o suppoem, porque só nesta supposiçaõ se pôde louvar a Deos no dia cada dia: *Die quotidie.* Mas que estes dias sejaõ os do Rosário, dô-de se pôde provar? Não de outra Escriptura buscada, ou tra-

trazida de mais longe , senão do mesmo Psalmo.

297. A materia do Psalmo sessenta & sete, como dizem todos os Padres , & o confirma S. Paulo , he hum cantico triumphal , & profetico, em que se descreve a jornada do Filho de Deos ao mundo, & suas vitorias , & conquistas. Como se levantou do Seyo do Padre; como desceo feito homem á terra; como fez guerra ao peccado; como o desfez cõ sua presença em fumo; como prégou em Jerusalem; como fertilizou seus montes com o proprio sangue, que sendo vermelho, os fez mais alvos que a neve; como finalmente carregado de gloriosos despojos, & acompanhado de innumeraveis exercitos de Anjos, levando livres diante de sy os cattivos, que tinha resgatado, entrou triunfante no Ceo, donde mandou o Espirito Santo, derramando os dões de sua graça sobre todos os que nelle creraõ. Esta he a ultima clausula da historia, como tambem o foy da vida de Christo, a qual refere S.

Paulo pelas mesmas palavras do Profeta: *Ascendens in altum captivam duxit captivitatem, dedit dona hominibus.* ^{Ephef. 4⁸.}

298. Supposto pois q na narraçãõ seguida do dito Psalmo se contém naõ allegorica, senão literalmente o principio, & fim das divinas, & humanas acções do Verbo Encarnado, desde que sahio do Ceo, & do Seyo do Padre, até que tornou ao mesmo Ceo, & de lá mandou o Espirito Santo; o que muito se deve notar he, que immediatamente depois desta ultima clausula, entãõ rõpeo David naquelle extraordinario affecto, & nunca ouvida sentença: *Benedictus Dominus die quotidie*. louvado seja Deos no dia cada dia. Chameylhe affecto extraordinario, & sentença nunca ouvida; porque nem em todos os Psalmos, nem em outro lugar, ou Texto da Sagrada Escrittura se lê semelhante. Pois que motivo teve David para neste passo (& só neste passo) dezejar como Santo, & pronunciar como Profeta, que seria Deos louvado no dia cada dia? Dé

outra melhor razão quem a fouben. Mas he certo, que neste passo, & só neste passo se cerrará os ultimos mysterios da vida de Christo na gloria. E tambem he certo, que estes mysterios gloriosos são os ultimos com que se reza o Rosario. Logo o Rosario he aquella unica devação, em que Deos he louvado no dia cada dia, porque os dias do Rosario não são dias como os outros dias, q se compoem de horas; mas dias como annos, que se compoem de dias: *Diem pro anno, diem, inquam, pro anno dedit tibi.*

IV.

299. **M** Vito era que o Rosario fizesse em hum só dia, o que a Igreja faz em trezentos & sessenta & cinco dias, quantos tem o anno; mas bem repartido este anno, & bem fomados estes dias, tambem se não pôde negar, que a Igreja os não emprega todos em celebrar os mysterios de Christo, & sua Má. Faz a Igreja nestas solemnidades,

o que notou com grande advertencia o Ecclesiastico que fazia Deos nas antigas. Excita hũa curiosa questaõ este grande Sabio, (q muitos querem fosse o mesmo Salamaõ) & pergunta, por que haõ de ser huns dias melhores que outros: *Quare dies diem superat?* E a razão de duvidar que elle aponta, he, porque todos os dias são feitos pelo mesmo Sol, à Sole. Mas declarando que não falla dos dias naturaes, senão dos dias Ecclesiasticos; responde, que a Sabedoria Divina, depois de feito o Sol, he a que fez esta grande differença, & distincão: *A Domini scientia separati sunt, facto sole: & immutavit tempora, & dies festos ipsorum. & ex ipsis exaltavit, & magnificavit Deus, & ex ipsis posuit in numerum dierum.* Deos como Senhor, & Author dos tempos he o que fez esta separação de dias a dias, ordenando, que huns fossem de descanso, outros de trabalho; huns festivos, outros feriaes; huns santos, outros vulgares; huns honrados, & celebrados, & exaltados sobre todos

dos os outros, & os demais sem honra, nem celebridade, & que só servem de encher o anno, & fazer numero. Assim o ordenou Deos, & assim o executa santissimamente a Igreja ensinada, & governada por elle. Daqui he que nós não devemos admirar, senão venerar como disposição divina, quando vemos que os mesmos mysterios da vida de Christo, & sua Santissima Mãe, que o Rosario medita, & celebra todos os dias, a Igreja universal os distribue sómente por certos dias do anno, applicando, & consagrando hum dia a cada hum. Hum dia ao mysterio da Encarnação, outro á Visitação, outro ao Nascimento, outro á Apresentação no Templo, outros, & hũa semana inteira aos mysterios da Payxão, outro á Ressurreição, outro á Ascensão, outro á vinda do Espirito Santo, & outro finalmente á Assumpção, & Coroação da Virgem Senhora Nossa, que são todos os do Rosario.

300. Declara-se cõ grande propriedade esta distribuição da Providencia Ec-

clesiastica com hum exemplo da natureza (de que também Deos he o Autor) excellentemente notado por S. Isidoro Pelusiota. Não vedes (diz elle) a ordem, a armonia, & o compasso, com que a natureza distribuiu os tempos aos fructos da terra, & os mesmos fructos aos tempos? O Janeiro, & o Fevereiro deu os ás sementeiras, & ás raizes; o Março, & o Abril ás flores; o Mayo, & o Junho aos fructos temporãos; o Julho, & o Agosto á sega, & ao trigo; o Setembro, & o Outubro ás vindimas; & o Novembro, & Dezembro aos fructos serodios, & mais duros. E porque repartio assim a natureza os mezes, huns frios, outros temperados, outros calmosos, & não quiz que os fructos crescessem, amadurecessem, & viessem sazoados, todos juntamente? *Nam si cuncta confestim ad vigorem suum pervenirent, profecto agricolæ industria ob temporis brevitatem in angustias veniret.* A razão he (responde o Santo) porque se os fructos viessem todos juntos, afogar-

1100
Pomp.
ta ep.
179.

fehia a industria dos lavradores, & impedindo-se huns aos outros, seria mayor a perda, que a colheita. Na agricultura espirital succede o mesmo. O fim para que a Igreja celebra os mysterios da vida de Christo, & da vida da Mãe do mesmo Senhor, ambas santissimas, & ferteis de divinos exemplos, he para que dellas colhamos os fructos, com que sustente-mos as nossas Almas: & para que o possamos fazer sazonada, & pausadamente, sem que a mesma multidão, & grandeza delles confunda, & afogue a estreita capacidade de nossos entendimentos, antes vá penetrando pouco a pouco a dureza, & divertimento das vontades; não só foraõ convenientes estes espaços intercalares, ou entre meyos, em que a repetição, não continuada, mas nova, de anno em anno, com a mesma novidade nos excite o fervor, & convide á consideração dos mesmos mysterios. Tal he o conselho, & a razão da Igreja universal, não alta, & bem fundada como sua.

301. Com tudo se houvesse algum lavrador tão industrioso, & diligente, que os mesmos fructos, que a natureza repartio por todos os mezes, ou tempos do anno, elle os presentasse juntos ao Senhor do pomar cubertos de flores; não ha duvida que esta offerta, como de todo o campo metido em hum açafate, & de todo o anno recolhido em hum dia, lhe seria muito agradavel. Assim o fez a El Rey Salamaõ a lavradora do Libano, quando ás portas do Bosque Real, chamado, *Saltus Libani*, lhe apresentou de hũa vez quanto dentro nelle nascia em todos os tempos do anno: *In portis nostris omnia poma, nova, & vetera, dilecte mi, servavi tibi.* Aqui vos offereço, Senhor, juntos neste dia todos os fructos de todo o anno, assim os velhos, como os novos, assim os temporários, como os terodios. E quem he esta lavradora do Libano, senão a Virgem Senhora Nossa, a qual quando instituhio o seu Rosario, offereceo a Deos (cuberto de flores, & rosas) & nós ensinou a que

nós

nós lhe offerceſſemos junto em hum dia , tudo o que a Igreja divide, & reparte em hum anno? A Igreja , & o Rosário ambos dão a Deos dia por anno: *Diem pro anno* ; mas com grandes differenças. O anno da Igreja dá hum dia a cada myſterio : & quando o Rosário dera ſómente hum myſterio a cada dia , era differença quaſi incomparavel ; porque vay muito de dar tantos dias aos myſterios quantos ſão os myſterios , ou dar tâtos dias aos myſterios quantos ſão os dias. Mas o Rosário ainda faz muito mais ; porque ſe a Igreja dá hum dia a cada myſterio , o Rosário não ſó da a cada myſterio hũ dia , ſe não todos os dias a todos. Isto ſim , q̃ ſó he dar dia por anno ; porque quem não dá todos os dias do anno , não dá o anno, dá partes d'elle ſómente.

302. Diz a Igreja, que faz eſta variedade por ſe accommodar ao faſtio dos homens: *Qui temporum das repora, ut allevet faſtidium*. Mas ſe a Igreja reparte os dias, & os myſterios , para ſe accõ-

modar ao faſtio dos homens, o Rosário ajunta os myſterios , & mais os dias, para ſe accommodar ao goſto de Deos. O goſto de Deos não he como o noſſo. O meſmo comer continuado cada dia, q̃ a nós nos cauſa faſtio, para Deos he o dẽ ſeu mayor goſto. No Capitulo vinte & oito dos Numeros mandava Deos aos Sacerdotes , que a elle (iſto he, ao meſmo Deos) lhe deſſem de comer todos os dias. He texto notavel, & expreſſo no Original Hebreo: *Oblationem meam* , ^{Num. 28.2.} *panem meum* , ^{Text.} *ignitiones meas* : ^{Hebr.} o que tudo na noſſa fraſe vem a ſer: *Victimas Deo oblatas, & incenſas: hæ enim ſunt panis, ideſt, cibus Dei* : como literal , & genuinamente comenta o à Lapide. De ſorte , que o comer de Deos eraõ as viſtimas , que lhe offerenciaõ os Sacerdotes; & quando as meſmas viſtimas ardiaõ , & as conſumia o fogo, entãõ as comia Deos, o qual appareceo em forma de fogo a Moyſes : & por eſta cauſa ſe praticava entre os Hebreos naquelle tempo, que Deos era fogo,

Deut. 4.

24.

Hebr.

12. 19.

2. Ma-

chab. 2.

10.

2 Para-

lip 7. 1.

Levit. 9.

24.

Numer.

28

3-4

que comia: *Deus noster ignis consumens est.* Supposta esta erudição (que para muitos será nova) que vinha a ser o que Deos comia ? Ou de que mandava, que lhe fizessem o prato ? O mesmo Texto o diz : *Agnos anniculos immaculatos duos quotidie , unum mane , & alterum ad vesperum.* Eraõ dous cordeiros de hum anno, ambos immaculados, hum de manhã, outro de tarde, & isto cada dia. Pois cordeiro todos os dias sem variar, quando Deos ordena por sy mesmo, o que quer que lhe ponhaõ á mesa ? Cordeiro de manhã, & cordeiro de tarde, & sempre cordeiro, & só cordeiro ? Sim. Porque aos homens o mesmo comer continuado cada dia, ainda que seja o manná, causa fastio : & a Deos não só lhe não causa fastio com a continuacão de todos os dias, mas ha de ser o mesmo, & continuado cada dia, para lhe dar gosto.

303. Que significavaõ pois estes dous cordeiros de manhã, & de tarde, ambos immaculados, ambos de hũ anno, & ambos de cada dia ?

Primeiramente he certo, que o cordeiro significava a Christo, cordeiro immaculado em quanto Deos, que he a santidade por essencia, & cordeiro immaculado em quanto homem, que he a summa santidade por graça, & sempre sem macula de imperfeição, ou peccado, porque elle he o cordeiro de Deos, que tira os peccados do mundo. Até aqui não ha duvida. Mas se Christo he hum só, porque eraõ os cordeiros dous, hum sacrificado de manhã, outro de tarde ? Porque nestes dous cordeiros, como diz com grande propriedade S. Bernardo, se representavaõ os dous estados da vida de Christo, em que foy offerecido, & sacrificado a seu Padre. Hum da manhã, que he o principio da vida, & o tempo da infancia, em que foy offerecido no Templo : & outro da tarde, que he o fim da vida, & o tempo da morte, em q̃ foy sacrificado na Cruz. Porém se a vida, & idade de Christo foy de trinta & tres annos, o cordeiro, porque havia de ser de hum anno

nomeadamente? Porque todos os trinta & tres annos da vida de Christo, & seus mysterios, quera Deos que se reduzissem a hum anno, dentro do qual todos fossem representados, & celebrados; como com effeito os representa, & celebra a Igreja, dentro no mesmo termo, todos os annos. E cõtentouse Deos só com isto? Não. Mas sobre esta representação universal, & de todos os annos, quiz q̃ houvesse outra mais particular, & de todos os dias, *Quotidie*: & esta he só (porq̃ não ha outra) a q̃ se faz na devação do Rosário.

304. E se quizermos saber quanto mais agrada esta circumstancia do Rosário a Deos, só por ser de cada dia; no mesmo sacrificio o acharemos: Tinha tanta dignidade este sacrificio, como consta da Escriitura, só pela circumstancia de ser de cada dia, que elle unicamẽte preferia a todos os outros sacrificios, que se offerciaõ a Deos em diferentes tempos, & dias do anno, ainda q̃ pelo numero, & grandeza das Rezes, & pela celebri-

dade das festas fossem mais sollemnes. Preferia aos sacrificios do sabbado, que eraõ de cada semana; preferia aos sacrificios das Neomenias, q̃ eraõ de todos os mezes; preferia ao sacrificio *Pro peccato*, & ao do Cordeiro Paschoal, que eraõ hũa vez no anno; preferia emfim aos sacrificios chamados Hostias Pacificas, que eraõ muitos, & varios em qualquer tempo, ainda que fossem dos Sacerdotes, dos Reys, & de todo o Reyno, ou Republica. E tal he a prerogativa do Rosário pela circumstancia sómente de ser de cada dia: He verdade que os mesmos mysterios do Rosário se celebrã publicamente na Igreja com a grandeza, com a pompa, com a magestade, & despesas, que no Rosário não ha: mas como aquellas solemnidades são de alguns dias sómente, & a devação do Rosário de todos os dias; basta só a circumstancia de cada dia, *Quotidie*, para nella; & por ella ser mais aceito, & agradavel a Deos.

V.

305. **M** As porque nesta interpretação não pareça que me aparto da mais commun sentença dos Santos, & mais natural allegoria daquelle sacrificio; tão fóra está elle de contrariar o que digo do Rosario, que antes o confirma mais. Nem podia ser, que quando o divinissimo Sacramento se dignou de authorizar com sua Real presença a celebridade deste dia, fosse para diminuir as prerogativas da mayor devação de sua Santissima Má, senão para mais as engrandecer com o seu exemplo, & mais confirmar com a sua authoridade. S. Jeronymo, S. Irineo, S. Hypolito, Theodoreto, Primasio, & mais communmente os Padres, & Expositores dizem, que naquelle sacrificio foy signficado o do Corpo, & Sangue de Christo, que consagrado, & offerecido, he sacrificio, & conservado, como o temos presente, he Sacramento. Provase do mesmo Texto; porque o Rito, ou Ceremo-

Hieron.
Ireneus
Hypolit.
Theod.
Primasius,

nia, com que os Sacerdotes sacrificavaõ aquelle cordeiro, era lançandolhe em cima duas quâtidades certas, hũa de farinha de trigo, outra de vinho, nas quaes se significavaõ propriissimamente os accidentes do Sacramento, como no cordeiro a substância. A duraçãõ, & continuaçãõ, que o Ritual do Texto prescrevia áquelle sacrificio, eraõ tambem as mesmas do Sacramêto. Porque quanto á duraçãõ, assim como Christo nos prometteo nelle, que a sua assistencia conosco havia de ser perpetua: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi*; assim mandava Deos, que fosse perpetuo aquelle holocausto: *In holocaustum semipiternum*. E quanto á continuaçãõ, assim como o sacrificio da Sagrada Eucharistia se consagra, & offerece na Igreja todos os dias, assim aquelle tambem se havia de offerecer cada dia, *Quotidie*, & por isso se chamava com nome, que lhe poz o mesmo Deos: *Fuge sacrificium*, sacrificio continuo. Toda esta explicaçãõ, ou applicaçãõ do que

Ma
28.Nu
28.Dan
12. 11

que antigamente foy figura, & hoje he realidade, se declara admiravelmente na profecia de Daniel: o qual diz que o Ante-Christo, quando dominar o mundo, ha de tirar de todo elle o sacrificio continuo: *Cum ablatum fuerit iuge sacrificium*. E como o Ante-Christo ha de fazer guerra a Christo, & a sua Igreja, que isso quer dizer Ante-Christo, & elle se ha de chamar Messias dos Judeos; segue-se que o *Iuge sacrificium*, que ha de tirar do mundo, não he o sacrificio continuo da Ley Velha, que era o cordeiro, senão o da Ley da Graça, que he o Cordeiro de Christo.

306. Assim he cõ evidencia; mas aqui parece que falta, ou quando menos fraquea a excellencia da nossa comparação. Porque o culto, & veneração dos mysterios do Rosário, sendo na Igreja os mesmos, só dizemos que preferem no Rosário pela circumstancia de serem nelle de cada dia, & na Igreja de alguns dias somente. E esta differença parece que não tem lugar, ou exem-

plo no Sacramento; porque se bem he sacrificio de cada dia, ao modo do Rosário, não tem outro mysterio de igual dignidade, com o qual se possa comparar, & ao qual por esta circumstancia deva preferir. Está bem duvidado: mas espero que a solução seja mayor que a duvida. Ouvi o mais que se pôde encarecer, assim no Sacramento, como no Rosário a circumstancia de serem de cada dia.

307. Falla o Profeta Zacharias á letra de Christo Redemptor Nosso, & diz assim: *Quid bonum ejus, & quid pulchrum ejus nisi frumentum electorum, & vinum germinans virgines?* Zach. 9. 17. Que cousa fez Christo boa, & que cousa fez fermosa, senão o pão dos escolhidos, & o vinho, que gera virgens? O pão dos escolhidos he o Santissimo Sacramento de bayxo de especies de pão: & chamalhe o Profeta pão dos escolhidos, porque o outro pão he de todos, ou tenham fé, ou não tenham fé, ou estejam em graça, ou não estejam em graça: aquelle Divino Pão só

só he dos que Deos escolheo para a Fé, que são os Catholicos, & entre estes particularmente só he daquelles, que escolheo para a sua graça; porque os que estão fóra della, não lhe he licito comer daquelle pão. Do mesmo modo o vinho que gera virgens, he o mesmo Sacramento Santissimo debayxo das especies de vinho: & chamalhe o Profeta vinho que gera virgens, porque o outro vinho naturalmente he incentivo de appetites torpes, por onde disse S. Paulo: *Nolite inebriari vino, in quo est luxuria*: & só aquelle purissimo licor, & verdadeiramente divino tem virtude de gerar temperança, & castidade. Assim que o que diz Zacharias, & o que conclue expressa, & declaradamente neste grande Epifonema, he, que tudo o bom, & tudo o fermoso, que Christo fez, he o Divinissimo Sacramento. E se fallára das obras de Christo em quanto Deos, nenhúa difficuldade, nem encarecimento continha este tão resolutivo, & absoluto ditto. Todas as cou-

Ephes.
5. 18.

fas que Deos criou, a propriedade universal em que se parecem com seu Autor, he em serem boas, & fermosas: & tão boas, & tão fermosas, que porque os homens vem a sua bondade, & fermosura, & não vem a de Deos, por isso deixão ao Creador pelas creaturas. Porque deixou Eva a Deos? Porque vio que o fructo da arvore vedada era bom, & fermoso: *Vidit igitur mulier quod bonum esset lignum ad vescendum, & pulchrum oculis*. Daqui nascêrão as idolatrias do Sol, & das Estrellas, & tantas outras do Ceo abayxo. E posto que os nossos olhos se ceguem tão facilmente com o bom, & fermoso das creaturas, não ha fé de tão fraca vista, que não veja esta mesma cegueira, & que não conheça a infinita ventagem, com que he bom, & fermoso sobre todas as cousas creadas aquelle soberano mysterio, em que toda a bondade, & fermosura, não só humana, mas divina, estão encerradas.

308. Em que está logo a grandeza, & difficuldade do encarecimento? Está em q o Pro-

Gen.
3.6.

Profeta falla das obras de Christo em quanto Deos, & em quanto Homem, & determinadamente das que o mesmo Senhor obrou nos ultimos dias de sua vida depois que entrou triunfante em Jerusaleem; porque o exordio com que começa o q aqui conclue, são aquellas animosas palavras: *Exulta satis filia Sion: Ecce Rex tuus veniet tibi justus, & Salvator: ipse pauper, & ascendens super asinam.* E basta que peguemos na palavra *Salvator*, para por ao Profeta hũa objecção, que parece indissolúvel. A obra da redempção do genero humano, & o sacrificio da Cruz, quando menos he tão bom, & tão fermoso, como o do Sacramento. Digo quando menos; porque se o sacrificio da Cruz, & o do Altar, em quanto á bondade he igual, & o mesmo: para comnosco o da Cruz foy melhor; porque o da Cruz remionos do peccado, & do inferno, & o do Altar não; & o da Cruz deunos a primeira graça, & toda a graça, & o do Altar não nos dá a primeira, por-

que só foy instituido para augmento della. E se quanto á fermosura, que no Sacramento do Altar está encuberta (como a do Tabor com a nuvem) se disser, que no Calvario com os tormentos da Payxaõ, & da Cruz esteve escurecida, & afeada; he certo que para a luz da Fè, & para os olhos do amor nunca esteve Christo mais fermoso. Diga o Santo Agostinho: *Christus est pulcher in Cælo, pulcher in terra: pulcher in utero. pulcher in manibus parentum: pulcher in miraculis, pulcher in flagellis: pulcher invitans ad vitam, pulcher non curans mortem: pulcher deponens animam, pulcher recipiens: pulcher in ligno, pulcher in sepulchro.* Pois se a bondade, & a fermosura do sacrificio da Cruz quão menos he igual á do Sacramento, como diz tão affirmativamente Zacharias, que o mesmo Sacramento debayxo dos accidentes da Hostia, & do Caliz he tudo o que Christo fez bom, & tudo o que fez fermoso: *Quid bonum ejus, & quid pulchrum ejus nisi frumentum ele-*

S. Au-
gust. in
Psalm.
44

*electorum , & vinum germi-
nans virgines?*

309. A razão, que já deve estar entendida, he ; porque o sacrificio da Cruz foy sacrificio de hum só dia , o sacrificio do Altar he sacrificio de todos os dias. E he tão relevante circumstancia esta de ser cada dia; que ainda que os mysterios na substancia, & na dignidade sejam os mesmos ; os que são de todos os dias avultaão tão to, que os que são de hum só dia quasi desapparecem. Assim parece que não vio , ou não attendeo o Profeta ao mysterio da Cruz, posto que no apparato das acções , & ainda na utilidade publica fosse mais insigne ; porque lhe levou toda a vista, & toda a admiração o do Sacramento. Logo , ainda que os mysterios, que celebra, & festeja a Igreja com tanta solemnidade, sejam os mesmos que os do Rosario : como a cada hum daquelles se dedica hum só dia , & a todos no Rosario todos os dias ; esta circumstancia de cada dia tem tanta bondade, & fermosura nos olhos de Deos ,

que não he muito que lhe sejam mais agradaveis. Na principal oração do Rosario nos manda o mesmo Deos, que lhe peçamos o pão para cada dia: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie*. E porque para cada dia, & não para muitos dias, ou para alguns quando menos? Porque gosta Deos de que lhe peçamos cada dia, & tem por mais dar menos cada dia, que dar muito por hũa vez. Nem pára aqui o desejo que Deos tem, & a estimação que faz deste *Quotidie*. Assim como no Padre nosso quer que lhe peçamos cada dia o sustento para a vida : *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie* ; assim quer tambem na Ave Maria , que peçamos a sua Mãe cada dia o soccorro para a morte : *Ora pro nobis peccatoribus nunc, & in hora mortis nostræ*. E desta maneira tanto nas orações , & em cada oração , como nos mysterios, & em cada mysterio, sempre segue, & conserva o Rosario a singular circumstancia de ser cada dia.

VI.

310. **D**E todo este curso podemos colher, se quizermos (& he bem que queiramos) hum documento tão necessario como util , & tão util como admiravel. Supposto que nos dias do Rosario val tanto para com Deos hum dia como hum anno: *Diem pro anno dedi tibi* ; segue-se, que para recuperar os annos perdidos, & mal gastados , não ha meyo mais efficaç, & mais certo, que rezar o Rosario.

311. S. Paulo escrevendo aos Ephesios, dalhe hũ conselho notavel: *Videte, fratres, quomodo cautè ambuletis, non quasi insipientes*. Meus Irmãos (diz o Apostolo) anday com grande cautella, & vivey como prudentes, & não como nefcios. E porque ha varios modos de cautella, & de prudencia entre os homens, em que as cautellas são enganos, & as prudências ignorancias ; a que eu vos ensino, & aconselho he, que trateis de resgatar o tempo, porque os dias de vossa vida atégora tem sido maos:

*Redimentes tempus, quoniam dies mali sunt. O sunt aqui he o mesmo que fuerunt. Mas como pôde ser, que o tempo que já passou, se resgate? Suppoem S. Paulo, que o tempo que passou, ainda que está morto para a vida, está vivo para a conta. E tambem suppoem, que se foy mal gastado, está cativo, & assim he. Está cativo o tempo passado, ou porque sendo livre, & nosso, nós o vendemos ao Demonio: *Venundatus est ut faceret malum*: ou porque sendo nosso, & muito precioso, nós o não defendemos, & o deixamos roubar, como disse o outro Filosofo a hũ amigo, que lhe tomava o tempo sem proveito: *Abi hinc fur temporis*. Supposto pois que o tempo mal gastado está cativo, & se pôde resgatar, como se ha de fazer este resgate?*

312. S. Jeronymo dá o modo, & diz assim: *Quando tempus in bono consumimus, emimus illud, & proprium facimus, quod venditum fuerat; sicque dies malos in bonos vertimus, & facimus illos non presentis sæculi, sed futuri. Quando*

Ibidem.

3. Reg.
21.25.

D. Hier.
hic.

Quando gastamos o tempo em boas obras, compramos o mesmo tempo, & tornamos a fazer nosso o que tínhamos vendido. E deste modo os dias q̃ foraõ máos se convertem em bons, & os que pertenciaõ ao mundo, & ao inferno pertencem ao Ceo. O mesmo diz Santo Anselmo. E daqui se segue, que o tempo se resgata dando tempo por tempo, & dias por dias: tempo bem gastado por tempo mal gastado, & dias bons por dias máos. Mas como o tempo, & os dias da vida são incertos nos moços, & nos velhos impossíveis, quem haverá que tenha, ou se possa prometter cabedal seguro para taõ comprido resgate? Por isso digo, que só no Rosario he certo: porque nos outros modos de recuperar os annos perdidos, & resgatar os mal gastados, daõse dias por dias; no Rosario daõse dias por annos: *Diem pro anno*. Grande Texto em Isaías.

D. An-
selmus
ibidem.

Isai 61.
1.2.

313. *Spiritus Domini super me, eo quod unxerit Dominus me, ut prædicarem captivis indulgentiam, ut prædi-*

carem annum placabilem Domino, & diem ultionis Deo nostro. Em lugar de ultionis lê o Original Hebreo, *compensationis*: & quer dizer: Veyo sobre mim o Espirito do Senhor, & ungiome, para que consolasse aos tristes, & prégasse redempção aos cativos, annunciando a todos, que Deos promette indulgencia de hum anno em recompensa de hum dia: *Annum placabilem Domino, & diem compensationis Deo nostro*. Alguns quizeraõ que fallasse aqui o Profeta em seu nome; mas he certo, & de Fé, que fallou em nome de Christo, o qual, como refere S. Lucas, lendo na Synagoga diante de muitos Rabinos este Texto, disse que elle era de quem fallava a profecia de Isaías, & que naquella dia se cumpria: *Ho-* Lu
die impleta est hæc scriptura 21.
in auribus vestris. De maneira, q̃ diz Christo q̃ veyo a resgatar cativos, & declarando o preço do resgate, diz que dará Deos anno por dia. Os cativos, que Christo veyo resgatar, são os homens: logo parece que havia de
cortar

cortar o preço dos homens, & não dos annos. Pois porque não diz o preço de cada homem, senão o preço de cada anno? Porque Christo não só veyo resgatar os homens, senão também os tempos. O preço dos homens não o declarou; porque era muito caro, & lhe tocava só a elle: o preço dos tempos sim, porque era muito barato, & nos pertencia a nós. Era muito caro o preço dos homens, porque cada homem se havia de resgatar por todo o Sangue de Deos: & era muito barato o preço dos tempos, porque se havia de dar a indulgencia, & perdaõ de hum anno inteiro pela penção de hum só dia: *Annum placabilem Domino, & diem compensationis Deo nostro*. E isto he o que faz hum só dia do Rosário, & o Rosário cada dia, & todos os dias.

314. Oh se Deos nos abrisse os olhos! Quantos exemplos lemos, & temos ouvido de Almas, que Christo, & sua Santissima Mãe resgataraõ do cativeiro de muitos annos, & de toda a

Tom. 5.

vida só pela penção do Rosário de cada dia! Que homem ha, não digo dos velhos, senão de todos, que se lhe offerecêraõ hum remedio com que tornar a viver os annos de toda sua vida, o não comprasse a todo preço? E se este remedio se puzesse em leilão no Inferno, ou no Purgatorio, que dariaõ por elle, não só as Almas, que estão ardendo temporalmente, senão as que haõ de arder por toda a eternidade? Pois este remedio he o Rosário, & remedio de cada dia. Tãta he a força das suas orações, & da meditação de seus mysterios. Notificou o mesmo Profeta da parte de Deos a El-Rey Ezechias gravemente enfermo, que morreria sem duvida: *Morieris tu, & non vives*; & vendose elle chegado ao ultimo dia, que faria? Oh que boa resolução, & melhor, se não se deixar para tão tarde! *De mane usque ad vesperam finies me: sicut pullus hirundinis sic clamabo, meditabor, ut columba*. Supposto que me não resta mais que hum dia de vida, da menhãz até a tarde,

Isai. 38.

Ibidem
13. 14.

T o re-

o remédio que só posso ter he meditar, & orar: *Meditabor ut columba, sicut pullus hirundinis, sic clamabo.* Meditou, & orou, que são as duas partes de que se compõem o Rosario: & deulhe Deos quinze annos de vida, como se fora em honra dos quinze mysterios. O certo he, que fez o Rey propoſito (se não foy voto) de continuar a ſua oração todos os dias: *Domine, saluum me fac, & psalmos nostros cantabimus cunctis diebus vite nostre.*

Ibidem
20.

315. Mas estes quinze annos foraõ acrescentados, & futuros. O que eu digo he, que a oração, & meditação faz tornar a viver os passados. Assim o exprimentou neste mesmo caso, & o disse o mesmo Ezechias. *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine anime mee. Domine, si sic vivitur.* Supposto (diz o Rey fallando com Deos) que nestes apertos de tempo em que me vejo, não tenho outra cousa com que satisfazer o passado; meditarvoshey, Senhor, todos os annos da minha vida. Aqui

Ibidem
15. 16.

ponto. E logo acrescentou, já que assim se vive. Notavel razaõ! Ezechias estava morrendo, & parece que havia de dizer, meditarvoshey todos os annos de minha vida, já que assim se morre: pois porque não diz, já que assim se morre, senão, já que assim se vive: *Domine, si sic vivitur?* Porque meditar os annos da vida passada he o unico remedio para os tornar a viver. Chegago o Rey áquelle ultimo, & temeroso dia, desejava o que todos desejaõ debalde, quando se vem nelle. Desejava desfandar, se podesse, o caminho, & os caminhos de toda a vida. Desejava tornar a viver os annos vividos, & passados, para os viver de outro modo. Mas como isto era impossivel; ao menos, Senhor, (dizia) já que não posso viver os meus annos, quero-os meditar, & orar. Quero os meditar, & offerecer-volos meditados, que isso he *Recogitabo tibi omnes annos meos*: & quero orar, & pedir-vos perdaõ delles; que isso he *In amaritudine anime mee*. E quando hia para dizer:

dizer : & assim morrerey ; illustrado com mayor lume do Ceo, disse : & assim vivi-
rey : *Domine , si sic vivitur.*
Porque o cuidar deste modo, he viver ; & o recuidar, reviver. Elle dizia : já que não posso reviver os meus annos, quero-os recuidar, & o recuidalos era revivelos :
Recogitabo tibi omnes annos meos : Domine , si sic vivitur.

VII.

316. **P**ois se cuidar, & recuidar os annos proprios já vívidos meditando, & orando , he tornalos a viver : que será meditar desta maneira, não os annos proprios, & mal gastados, fenaõ os annos purissimos, & santissimos da Vida de Christo , & de sua Mãy, como se faz no Rosário ? O Rosário não diz : *Recogitabo tibi omnes annos meos*, fenaõ : *Recogitabo tibi omnes annos tuos : Omnes annos tuos*, fallando com o Filho de Deos , & *Omnes annos tuos*, fallando com a Mãy de Deos. Oh como me arre-

pendo já do pouco que disse, & do assumpto que tomei a medo , parecendome grande , & muito encarecido , quando comparey os dias do Rosário com os annos da Igreja ? Que muito he , que hum dia do Rosário seja tão grande como hũ anno da Igreja , se he tão capaz, & tão immenso , que abraça todos os trinta & tres annos da Vida de Christo, & todos os sessenta & tres da vida de sua Mãy ? E se os annos que se meditaõ, & tornaõ a meditar se vivem , & revivem em hum dia , que vidas , & que annos seraõ os que vive em hum só dia o verdadeiro devoto do Rosário, meditando a vida, & vivendo os annos de Christo : & meditando a vida , & vivendo os annos da Virgem Maria ? Christo instituhio o Santissimo Sacramento , para que nós vivessemos pela sua vida , assim como elle vive pela do Padre ; & a Virgem Maria instituhio o Rosário como outro Sacramento , para que nós vivessemos a vida de seu Filho, & mais a sua. E assim como

Christo no Sacramento não contente com viver em nós por graça, quiz também viver em nós por memoria: *In mei memoriam facietis*: assim a Virgem Santissima no Rosario senão contentou sómente com que rezássemos as orações, senão que meditássemos os mysterios para que por meyo da meditação da vida de seu Filho, & sua, vivéssem ambos em nós, & nós em ambos por memoria, & graça.

Psalm.
119.

317. Vejaõ agora os que não rézaõ o Rosario, ou o rézaõ só de boca, & o não meditaõ, que meditações são as dos seus dias, & dos seus annos: *Ommes dies nostri defecerunt: anni nostri sicut aranea meditabuntur*. Passaráo-se os nossos dias (diz David) & quasi se tem passado os annos, & todas as nossas meditações são como as da aranha. Toda a meditação da aranha he estar urdindo, & tecendo redes: E para que? Para tomar hũa mosca. Pois aranha váa, & altiva, que sempre busca o mais alto da casa, estas são as tuas meditações,

& estes os teus cuidados? Para isto fias, para isto téces, para isto te desentranhas? Sim. E mais razão tenho eu (diz a aranha) de estranhar as meditações dos homens, do que elles as minhas. Eu medito em tomar hũa mosca com que sustento a minha vida, elles meditaõ em tomar moscas com que perdem a sua. A esta meditação da vaidade de nossos dias, & annos ajunta David no mesmo lugar outra da brevidade delles, que para os que rézaõ o Rosario he de casa, porque he da Rosa: *Mane sicut herba transeat, mane floreat, & transeat, vespere decidat, induret, & arefcet*. De manhã nascida, de dia florente, á tarde murcha, & secca: *De mane usque ad vesperam finies me*, disse El-Rey Ezechias, & o mesmo pôde dizer a Rainha das flores. Pela manhã magestade, ao meyo dia febre, á noite defengano: & tudo isto em hum dia. Boa meditação para quando se toma nas mãos o Rosario. Sobre este conhecimento da vaidade, & brevidade da vida:

da: primeiro, meditar os
nossos annos para' resgatar os
passados: depois, meditar os
de Christo, & sua Mãe, pa-
ra multiplicar, & segurar os
futuros. Este he o Rosario
de que falley: & o que não

he este, não he o Rosario da
Virgem Senhora Nossa, o
qual não consiste em fallar,
senão em meditar, & orar. A
mesma Senhora se digne de
orar por nós agora, & na ho-
ra de nossa morte. Amen.



SERMAM IX.

Maria de qua natus est Iesus. Matth. i.

*Ascendens Iesus in naviculam, transfretavit
& venit in Civitatem suam. Matth. 9.*

I.

318.



OM grande armonia, & natural consonancia concorrem estes dous Evangelhos; ambos de S. Mattheos, neste dia, neste lugar, & em tal tempo. Digo neste lugar, porque dentro de quatro taboas nos achamos todos no meyo do vastissimo Oceano. E digo em tal tempo, porque temos entrado nos primeiros dias de Outubro, mez tão formidavel a todos os mareantes por suas tempestades, como memoravel por seus naufrá-

gios. Os mesmos nomes dos Santos, a quem nos costumamos socorrer nos trabalhos, não só parece que nos estão avizando, mas ameaçando com elles. No principio do mez, as grandes tempestades, que chamamos de S. Francisco; no fim do mez, as mayores de S. Simão; & no meyo d'elle, as das onze mil Virgens, que em tão pequena travessa como de Inglaterra a Bretanha, arrebatadas da furia dos ventos por aquelle tão estreito, como temeroso canal, forão cair nas mãos dos Hunos. No meyo porém destes

destes tempore, de que não ha no mar hora, nem momento seguro, nos animão igualmente as palavras de hum, & outro Evangelho. O primeiro com o nome de Maria, da qual nasceo Jesu: *Maria de qua natus est Jesus*: o segundo com a viagem, que fez o mesmo Jesu embarcado, navegando, & chegando felizmente á sua Patria: *Ascendens Jesus in naviculã, transfretavit, & venit in Civitatem suã.*

319. O nome de Maria (que como tão grande, & tão mysterioso, não tem só huma significação) segundo Santo Ambrosio significa: *Domina maris*; Senhora do mar: segundo Santo Isidoro, significa, *Stella maris*, Estrella do mar. E que navegante haverá, guiado de tal Estrella, que tema o mar dominado de tal Senhora? O mesmo Jesu, que della nasceo: *De qua natus est Jesus*, quer, dizer Salvador, & em frase dos mesmos mareantes promete a todos o chegar a salvamento, & a porto de sal-

vação, que he o que todos os dias com estas mesmas palavras lhe pedem. He tão antiga esta frase entre os homens do mar, que já os Discipulos na barquinha, apertados da tempestade, disserão ao mesmo Jesu em seu tempo: *Salva nos, perimus*: & delles a tomou a Igreja no perigo do seu Piloto: *Qui salvasti Petrum in mari, miserere nobis.*

Matth.
8,25.

Assim que na Virgem Maria, como Estrella, & como Senhora do mar, & como Mãe de seu Filho, tem a Ancora da nossa esperança hũa amarra de tres cabos fortissimos, com que deste pégo sem fundo nos levará a dar fundo no porto desejado.

320. A viagem, com que Christo, Senhor Nosso se embarcou, navegou, & chegou prosperamente hoje á sua patria, nos promete a mesma segurança, & nos assegura a mesma felicidade: *Transfretavit, & venit in Civitatem suam.* Para passar o mar como Creador, & Senhor de todos os ele-

mentos, não tinha necessidade de Christo de embarcação. Assim o mostrou, quando indo soccorrer os Discipulos, caminhou sobre as ondas, como por terra solida, & firme. Embarcouse porém hoje (diz S. Pedro Chrysologo) não porque elle tivesse necessidade do navio, mas porque o navio tinha necessidade d'elle: *Non Christus indiget navi, sed navis indiget Christo*. Quanta necessidade tenhamos de Christo todos os mareantes, os nossos Portuguezes o confessão cada dia cantando ao romper da alva, & repetindo hũa, & outra vez: Não ha tal andar como buscar a Christo: Não ha tal andar como a Christo buscar. E eu acrescento a esta boa doutrina pelo que toca ao perigo em que estamos, que não basta só buscar a Christo, se não se busca também a Mãe do mesmo Christo. Esta Cidade, que o Evangelista chama *Civitatem suam*, diz o

P. Chry-
sol. ser-
mon. 50.

D. Hier.
ibi.

mayor interprete das Escrituras S. Jeronymo, que era a Cidade de Nazareth; porque ainda que Nazareth estava distante do Porto, hia Christo a visitar tua Santissima Mãe, que morava em Nazareth. E como a nao em que navegava o Senhor do mar levava a proa na Estrela do Mar, não podia a viagem deixar de ser felicissima.

321. Bem claramente o provou este successo na differença de outro. Duas vezes nos referem os Evangelistas, que se embarcou Christo neste mesmo navio, que era o de S. Pedro, & neste mesmo mar, que era o de Tiberiades. Em hũa viagem porém, que foy esta de hoje, passou, & chegou o navio cõ grande bonança, & na outra padecio tão forte tempestade, que quasi o çoçobravaõ, & mettião a pique as ondas: *Ita ut navicula operiretur fluctibus*. Pois se o navio era o mesmo, & o mar o mesmo, & em hũa, & outra passagem hia o mesmo Christo, Senhor do mar, & dos ventos, como foy tão differente o successo? Porque ainda que em ambas as viagens hia Christo na popa do navio, em hũa levava a proa

proa na Estrella do Mar, & na outra não. Taes são os privilegios, que o mesmo Christo quiz que tivesse sobre o mar (ainda quando elle navega) a Mãy de quem nasceo: *Maria de qua natus est Jesus*. Christo era Senhor do mar, Maria tambem he Senhora do mar: & para ter, & não correr fortuna no mar, antes navegar, & chegar com prosperidade; parece que quiz entendesse-mos o Senhor do mesmo mar, que não basta só o dominio delle, senão o dominio, & mais a Estrella. Isto he o que so no nome de Maria se acha junto: *Maria Domina maris, Maria Stella maris*.

II.

322. **A**inda não está ditto tudo. Christo na viagem de hoje não só levava a proa, & a vista em sua Mãy, mas em sua Mãy na Cidade de Nazareth: *In Civitatem suam*. Pois a Virgem Maria em Nazareth, & fora de Nazareth não he a mesma? Sim, &

nao. Em Nazareth, & fóra de Nazareth he a mesma, porque he a mesma Mãy de Christo: mas em Nazareth, & fóra de Nazareth não he a mesma; porque em Nazareth he a Senhora do Rosário, fóra de Nazareth, não. Nazareth, quer dizer, *Florida*, Florida: & quando a Senhora está em Nazareth, quando está cercada de flores, & rosas, então he Senhora do Rosário. O mesmo Rosário o diga quanto ao nome; quanto aos mysterios, & quanto ás orações de que he composto. O Rosário, quanto aos mysterios, começou no mysterio da Encarnação: o mesmo Rosário quanto ás orações, começou na saudação do Anjo S. Gabriel: *Ave gratia plena*. E onde teve principio hũa, & outra cousa? Ambas em Nazareth: *Missus est Angelus Gabriel in Civitatem Galilee, cui nomen Nazareth*. Em Nazareth teve seu principio o Rosário quanto aos mysterios, & em Nazareth quanto ás orações; & por isso tambem em Nazareth

reth quanto ao nome, porque as flores, & a Rainha das flores lhe derao em Nazareth o nome de Rosario. Que muito logo que, quando Christo hoje levava a proa em Nazareth, atravessasse aquelle golfo, & chegasse a tomar porto com mar de rosas: *Transfretavit, & venit in Civitatem suam?*

323. O mesmo Evangelista S. Lucas, que descreveo o lugar de Galilea, onde teve seus principios o Rosario, dizendo: *Missus est Angelus Gabriel in Civitatem Galilææ, cui nomen Nazareth*, escrevendo tambem o lugar, em que succedeo aquella grande tempestade, notou que fora na parte opposta, & contraria á mesma Galilea: *Navigaverunt ad regionem Gerasenorum, quæ est contra Galilæam*. De sorte, que ainda historialmente, & sem allegoria, quando os navegantes no mesmo navio, & no mesmo mar, se encaminhárao ao lugar, onde teve principio o Rosario, navegárao prosperamente, & chegárao sem perigo: & quando puzerao a proa na

parte contraria, & se apartárao, & deixárao aquella derrota, entrao padecérao a tempestade, de que só por milagre escapárao. Para que entendao todos os que andao sobre as aguas do mar, & vejaao na differença de hum, & outro successo, que he, & foy desde seus principios virtude propria do Rosario, livrar aos que navegaao das tempestades, & perigos, & levalos seguros, & com bonança ao porto de seu desejo.

324. Tambem naõ ponderamos ainda a propriedade daquella palavra *Transfretavit*. *Transfretavit* deriva de *Fretum*, que he hum dos quatro nomes do mar. O mar chamase, *Mare*, chamase, *Pontus*, chamase, *Æquor*, chamase, *Fretum*. E porque? Os Grammaticos, a quem pertencem estas Ethimologias, o dizem, & distinguem com grande propriedade.

Luc 8
26.

Cum fremit esse Fretum, dices, Mare cum sit amarum:

Pontus ponte caret; sed ab æquo dicitur æquor.

Chamase o mar, *Marè*, porque he amargofo: chamase, *Pontus*, porque he incapaz de Ponte: chamase *Æquor*, quando está igual, & sereno: chamase, *Fretum*, quando está bravo, & furioso, & como Leão dá bramidos. Não he isto o que tememos, & o que ameaça os tempos? Sim. Ora vejamos como este mesmo mar, ou este mesmo monstro por virtude do Rosario, por mais que esteja bravo, se amansa; por mais que esteja furioso, se enfrea; & por mais que dê bramidos, se calla; & aquella mesma bocca voraz, com que quer comer os navios inteiros, & tem comido tantos, a cerra, & emudece. Tudo isto quer dizer: *Transfretavit, & venit in Civitatem suam*: & tudo isto he ser Maria *Dominā maris*: *Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus*.

325. E posto que o curso de hum, & outro E-

vangelho nos tem dado bastante fundamento, para que assim o esperemos, por mais que o tempo, & o lugar promettao, ou ameacem o contrario: com tudo, porque o temor he incredulo, & desconfiado, & a materia tão importante, & de sua natureza, duvidosa; para que o temor se anime, a incredulidade se persuada, & a desconfiança se assegure: passemos do mar de Tiberiades a este nosso, & das flores de Nazareth ás do Rosario: & na fé das Escrituras, & experiencia dos exemplos, não só quero que ouçamos; senão que vejamos com os olhos, quam grandes são os poderes do mesmo Rosario nestes conflictos, & quam certos, & infalliveis seus effeitos contra o mar, contra os ventos, & sobre todas as tempestades.

III.

326. **A** Quelle famoso

carro de Ezechiél, cujo pavimento era hum Ceo de crystal, fundado sobre quatro rodas, cada húa de quatro faces, & tirado de quatro animaes, ou monstros, cada hum de quatro rostos, o que principalmente representava, he esta vastíssima cápanha em que ao presente nos achamos, onde os mais furiosos elementos se dão as batalhas, o mar. Não he consideração, ou interpretação minha, senão do mesmo Texto. Falando das rodas, diz expressamente, que eraõ semelhantes ao mar: *Aspectus rotarum, & opus earum quasi visio maris*. Eraõ rodas, porque o mar não tem quietação, nem consistencia: eraõ azues parte claro, parte escuro; porque esta he a cor do mar, ou pacifico, ou turbado: eraõ de quatro faces iguaes, porque igualmente se move o mar para as quatro partes do mundo, para onde as leva o vento. Se o vento he Sul, corre o mar

Ezech.
1. 16.

para o Settentrião: se Norte, para o Meyodia: se Leste, para o Levante: se Oeste, para o Poente: & isto mesmo diz o Texto: *Quocumque ibat spiritus, illuc eunte spiritui, & rotæ pariter elevabantur*. Os quatro animaes, ou monstros de quatro rostos também eraõ, ou representavaõ o mar. Por isso diz o mesmo Texto, que quando batiaõ as azas, como se batellessem as prayas, o som que se ouvia era de muitas aguas: *Quasi sonum aquarum multarum*. Os quatro rostos eraõ de Homem, de Touro, de Leaõ, de Aguiã, porque he o mar, como lhe chamou Tertulliano traidor de muitas caras, já de homem quando manso, já de touro, quando bravo, já de leaõ, quando dá bramidos, já de aguiã, quando se levanta ás nuvens. É a causa de todas estas mudanças he a mayor, ou menor força com que os move, ou açoura o cocheiro desta grande carroça, o vento. O mesmo Texto outra vez: *Ubi erat impetus spiritus, illuc gradiebantur*.

327. Sobre estas quatro rodas,

rodas, & sobre estes quatro monstros estava fundado o pavimento em fórma de hum Ceo : porque no meyo do mar, como agora estamos, se olharmos em roda para todos os Orizontes, parece que o Ceo por toda a parte se levanta do mar, & que sobre elle estriba, & se sustenta. E nota Ezechiel (cousa muito digna de admiração, & reparo) que sendo o Ceo de crystal, olhando para elle, mettia medo: *Et similitudo super capita animalium firmamenti, quasi aspectus crystalli horribilis*. Hum Ceo de crystal claro, diafano, & transparente, parece que visto não podia causar horror. Mas diz com tudo o Profeta, que era horrivel, & que visto mettia medo, porque era Ceo sobre mar sem se ver outra cousa. E este he o primeiro horror, que exprimê-tamos nelle os navegantes. Quando nos apartamos da vista da terra, & até as torres, & montes mais altos se nos escondem, esta mesma solidão immensa, em que senão vê mais que mar, &

Ceo, ainda que o Ceo esteja limpo, & sem nuvem, & tão claro como hum crystal, naturalmente causa aquelle horror, que por sy mesmo se infinua nos corações humanos. Assim o ponderárao sem mais expressão que a da mesma natureza os mais entendidos Poetas. Virgilio: *Mária undique, & undique Cælum*. Ovidio: *Cælum undique, & undique Pontus*: & o nosso com mayor experiencia que todos neste mesmo mar: *Não vimos emfim mais, que mar, & Ceo*.

328. Pois se o Ceo claro, resplandecente, & fermoso, neste lugar em que nos achamos causa horror; que será escuro, feyo, & cuberto por toda a parte, ou envolto em nuvens espessas, & negras, sem que de dia se veja Sol, nem de noite Estrella? Se o mar quieto, & pacifico, ou encrespado sómente de hũa viração branda, & galerna, he temeroso; que sera assoprado furiosamente do mayor pezo, & impeto dos vêtos, le-

levantando montes que sobem ás Estrellas, & abrindo valles que descobré as areas, & jugando a pella com hũa nao da India, quanto mais com hum lenho tão pequeno, como este nosso? E se em Junho, & Julho, quando parece que os ventos dormem, & os mares descansão, não ha hora, nem momento seguro sobre hũ elemento, & debayxo de outro, ambos tão inconstantes; que se pôde temer na entrada do inverno, quando todos os vapores recolhidos no veraõ se defataõ em furias, & tempestades? Bem o vio, & experimentou o mesmo Profeta na primeira entrada, cõ que se lhe mostrou á vista esta nova, & prodigiosa maquina do seu carro; porque o que trazia diante de sy, era o medo, o terror, o assombro, em hũa tormenta, & tempestade desfeita, de nuvens, de ventos, de fogo, de relampagos, de trovões, de rayos: *Et vidi: & ecce ventus turbinis veniebat ab Aquilone; & nubes magna, & ignis involvens, & splendor in circuitu ejus.*

Ezech.
1.4.

329. Este he, amigos, & companheiros, o lugar, o tempo, & o perigo eminente, em que estamos todos cõ muito duvidoso, & fraco soccorro na arte, & nas forças humanas. Telohemos porẽm muito poderoso, muito certo, & muito seguro, como dizia, nas divinas: as quaes vio o mesmo Ezechiel na parte superior, & triunfante da mesma carroça. Sobre o pavimento della vio hum trono de Safiras: *Super firmamentum quasi aspectus lapidis sapphiri similitudo throni.* Sobre o trono vio hum homem formado de ouro, & prata por outro nome de Electro: *Et super similitudinem throni quasi aspectus hominis. desuper: & vidi quasi speciem Electri.* E em roda do trono, & da magestade que nelle assitia, vio hũa Iris, ou Arco celeste: *Velut aspectum Arcus, cum fuerit in nube in die pluvie: hic erat aspectus splendoris per gyrum.* Este trono pois de Safiras, este Homem de ouro, & prata, & esta Iris, ou Arco celeste, superior tudo, & dominante sobre o mar, & sobre os vêtos, que

Do Rosario.

313

que significava? O trono de Safiras significava a Virgem Maria, o Homem de ouro, & prata significava o Filho de Deos, & seu, o Arco celeste significava o seu Rosario, & tudo junto significava o poder, & dominio soberano, que tem a Mãe de Deos por meyo do seu Rosario sobre o mar, sobre os ventos, & sobre as tempestades, & perigos dos que nelles navegaõ. Provemos tudo por partes, & descubramos em cada hũa dellas as propriedades mysteriosas, que em sy encerraõ.

IV.

330. **O** Trono de Safiras he a Virgem Maria Senhora Nossa. Assim o dizem Santo Agostinho, S. Joaõ Damasceno, S. Bernardo, & particularmente S. Boaventura sobre este mesmo lugar de Ezechiel: *Ipsa est thronus ille sapphirinus, qui sicut in Ezechiele legitur super firmamentum exaltatus est.* E chama-se propriamente trono de Safiras; porque as Safiras sãõ da cor do mar,

em que se representa, naõ só o nome de Maria, mas a significação d'elle: *Domina maris.* O Homem que se via sobre este trono, he o Filho de Deos feito homem. Assim o diz, & prova além dos outros Padres, S. Pedro Damiaõ: *Fecit thronum, uterum videlicet intemeratæ Virginis, in quo sedit illa maiestas. Hanc sessionem Filij & cognovit, & probavit Pater, ipso dicente: Tu cognovisti sessionem meam: & thronus tuus Deus in sæculum.* E era este Homem formado de Electo, o qual, como dizem os Autores da historia natural, & com elles S. Gregorio, se compoem de ouro, & prata, para que na differença, & uniaõ destes dous metaes, hum mais precioso que outro, se significasse a Divindade, & Humanidade do composto inefavel de Christo. Finalmente a Iris, ou Arco celeste representa o Rosario, naõ só por hũa, ou algũas propriedades, senaõ por todas.

P. Dam.
serm. de
Nativ.
Virg.

331. A materia, & propria sustancia do Arco celeste, como concordemente ensinaõ todos os Filozofos, naõ

naõ he verdadeiramente outra, mais que os rayos do Sol reverberados nas nuvens. E tal he toda a materia do Rosario, o qual se compoem dos mysterios, & acções do verdadeiro Sol Christo, reverberadas na nuvem de sua humanidade, como feita de vapores da terra elevados á uniaõ, & alteza da Divindade. A fôrma do mesmo Arco são as cores, que resultão dos rayos do Sol, & seus reflexos, tantas, & tão varias, como bem as pintou quem disse: *Mille trahit varios ad-verso Sole colores*: sendo mais ainda em numero, & variedade as acções prodigiosas de Christo, as quaes por testemunho de S. Joã naõ caberiaõ escrittas em todo o mundo, como naõ cabenelle o mesmo Arco. Mas assim como as cores deste se reduzem particularmente a tres, verde, vermelha, & azul; assim aquelles mysterios se dividem no Rosario com outras tantas differenças, que principalmente os distinguem. Os da Infancia de Christo, que são os Gozofos, & pertencem á

cor verde: os de sua Morte, & Payxaõ, que são os Dolorosos, & pertencem á cor vermelha: & os de sua Resurreiçaõ, & subida ao Ceo, que são os Gloriosos, & pertencem á cor azul.

332. Esta he a materia, & a fôrma do Rosario. E os effeitos quaes são? Os mesmos que havemos mister, & com razão nos tem em tanto cuidado, que são assegurar-nos o mesmo Rosario, cõ propriedade de verdadeiro Arco celeste, do furor dos ventos, & tempestades, & do temor de seus perigos. Com o mesmo Arco celeste assegurou Deos aos homens de naõ haver já mais outro Diluvio, que foy a mayor tempestade que houve no mundo: *Arcum meum ponam in nubibus; & recordabor fæderis mei*. E naõ só por instituiçaõ divina, como naquelle caso; mas tambem por razão natural (como bem notou Santo Thomas) nos assegura o mesmo Arco, de que nem as nuvens, nem o ar, nem o fogo (que são as tres partes elementaes, com que se variaõ as suas cores)

se podéraõ resolver em tempestade grande. E porque? Porque as grandes tempestades não se fazem senão com nuvens crassas, & grossas, & a Iris não apparece senão em nuvens raras, & leves: & as grandes tempestades cobrem, & escurecem o Sol, & sem Sol, & suas reflexões não pôde haver Iris. Por isso o antiquissimo Pithagoras lhe chamou, *Serenitatis præludium*, Preludio, & prenuncio da serenidade. Assim que na Iris, ou Arco celeste, não só se representa o Rosário, & seus mysterios, senão juntamente o maravilhoso effeito de serenar as tempestades, & nos assegurar de seus perigos.

333. Só a figura do mesmo Arco parece que he impropria desta significação. Porque o Arco celeste como vemos, & como o descreve Plinio, fôrma sómente hum meyo circulo: *Nec unquam nisi dimidia circuli forma*: & a figura do Rosário he hum circulo perfeito. Mas a esta objecção acudio maravilhosamente o mesmo Ezechiel, dizendo, que a

Tom. 5.

Iris, que cercava o trono triunfal da sua carroça, não era formada sómente de meyo circulo, senão de circulo inteiro: *Velut aspectum Arcûs, cum fuerit in die pluriæ: hic erat aspectus splendoris per gyrum*. Notay a palavra *Per gyrum*: á roda, & em roda do trono, & do Senhor, que nelle estava assentado; porque não era só meyo circulo, como o que vemos no Arco celeste, senão circulo perfeito, como o que fôrma o Rosário. De sorte, que assim como os Pintores para pintar a Virgem Senhora Nossa do Rosário, pintão a mesma Senhora com seu beditto Filho nos braços, & hum Rosário em roda; assim o Profeta Ezechiel sobre o seu carro, em que se representava o mar movido, & alterado dos ventos, pintou o trono de Safiras, que he a Senhora, & sobre o trono o Homem Deos, que he seu Filho; & em roda de ambos húa Iris, ou Arco celeste de circulo perfeito, que he o Rosário. Nem isto he contra a natureza do mesmo Arco, antes muito con-

V forme

forme a ella ; porque assim como o circulo do Rosario se aperfeçoou , & cerrou quando Christo, & sua Mãy subiraõ ao Ceo ; assim quando o Sol está no Zenith , o mesmo Arco se estende circularmente por toda a redondeza dos Orizontes, como diz o Ecclesiastico : *Gyravit Cælum in circuitu gloriæ suæ.*

*Eccles.
43. 13.*

334. Sendo pois virtude propria do Rosario da Virgem Maria , segundo a propriedade do seu mesmo nome, *Domina maris*, dominar os mares , moderar os ventos, & serenar as tempestades : posto que o tempo, & conjunção, em que nos achamos, as promettaõ, & ameacem grandes ; se por meyo do mesmo Rosario invocarmos o soberano patrocínio da Senhora do mar , elle nos defenderá tão poderosa, como seguramente de todos seus perigos. E para que a consideração das causas naturaes , & seus poderes nos não defaním como costumão, saybamos que a mesma natureza, que na materia, na fórma, nos effeitos, & na mes-

ma figura do Arco celeste cõ tão exquisitas propriedades, ou pintou, ou ideou o Rosario, tambem senão esqueceo desta circunstantia do tẽpo como a maistemerosa, & formidavel , & de cujo efficaç remedio mais necessitamos.

335. Tudo quanto temos ditto atégora do Arco celeste, he segundo a Filosofia de Plinio , que elle chama manifesta : *Manifestum est radium solis immisum cavæ nubi repulsa acie in solem refringi, colorumque varietatem mixtura nubium, aeris, igniumque fieri. Certè nisi sole adverso non fiunt, nec unquam nisi dimidia circuli forma.* E diz mais este grande Interprete da natureza ? Sim, & tão claramente como se hoje , & nesta mesma circunstantia fallára connosco : *Fiunt autem hyeme, maxime ab æquinoctio autumnali die decrecente.* Quer dizer : que no principio do inverno , depois do Equinocio autunal , quando os dias comegaõ a ser menores , entãõ apparece mais frequentemente o Arco celeste. Tal he pontualmente a

circ:

circunstancia , & conjunção do tempo , em que nos achamos. Pouco ha que passou o Equinocio autunal , já entrou o inverno , já começaram a minguar os dias , & crescer as noites , & com ellas a ser o tempo , & o mar mais temeroso ; mas nestas mesmas circunstancias ordenou o Ceo , que se instituisse a Festa , & memoria do Rosario , para que elle , como Arco celeste agora mais frequente , nos serenasse as tempestades , ou nellas nos assegurasse dos seus perigos.

336. Denos o primeiro exemplo aquelle mesmo Principe , cuja vitoria no mar deu este dia ao Rosario , como o Rosario lhe tinha dado a vitoria neste mesmo dia.

V.

337. **A** Occasão por que este dia se dedicou á solemidade do Rosario , foy como todos sabem , a vitoria que o mesmo Rosario alcançou contra todo o poder Otoma-

no na famosa batalha naval do mar de Lepanto , em que o Principe Dom João de Austria foy o Jofue que pelejou com a espada , o Papa Pio Quinto o Moyses , que venceo com as orações , & a Senhora do Rosario a vara de Arao florecente , que na mesma hora da batalha , levada em procissão por todas as Cidades da Christandade , ao passo que dava , a vitoria hia ostentando o triumpho. Mas assim como David tantas vezes vitorioso nas tempestades de sangue se temia mais das tempestades de agua : *Non me demergat tempestas aqua* ; assim lhe succedeo ao mesmo Principe Austriaco , não longe do mesmo lugar no mesmo mar Mediterraneo.

338. Passando de Napoles para Tunes com grossa armada , foy tal naquela travessa a furia da tormenta , que os pilotos desconfiados de todo o remedio , & industria humana , se derao por perdidos. Recorrendo porém todos aos

psalm.
68. 16.

Fr Miguel de la Fuente com- pend. Histor.
l. 4. c. 27

Vij foc-

foccorros do Ceo, & invocando o Catholico, & piedoso Principe a sua singular Patrona, & suplicando-a, que assim como lhe tinha dado vitoria contra os inimigos, lha concedesse tambem contra os elementos: que succedeo? Caso verdadeiramente raro, & com perigo sobre perigo; & milagre sobre milagre, duas vezes maravilhoso. No mesmo ponto cessou a tempestade, mas não cessou o perigo. Cessou a tempestade; porque subitamente ficou o vento calma, & o mar leyte: mas não cessou o perigo; porque o Galeão que levava a Pessoa Real, sendo o mais forte, & poderoso vaso de toda a Armada, visivelmente se hia a pique. Tanta era a forçada agua, que nelle tinha entrado, & successivamente hia crescendo, & dominando já as primeiras cubertas. As bombas, os baldes, os gamotes, & até os capacetes dos soldados com que todos trabalhavaõ, nada bastava para vencer,

nem ainda igualar o golpe da corrente, que sem se faltar por onde, os hia alagando. Já se vê quaes seriam neste ultimo aperto as vozes, & clamores de toda aquella multidão militar, & maritima, não havendo quem não chorasse mais a perda de tamanha, & tão importante vida, que a desgraça, & naufragio das proprias. Mas a soberana Rainha, & Senhora do mar, não sabe fazer merces imperfeitas. Assim como tinha cessado a tempestade do vento, assim cessou a da agua, que já rebentava pelas escotilhas. Achicaráo de repente as bombas, o Galeão no mesmo momento ficou estanque, & de alagado, & quasi sepultado, surgio, ou resurgio boyante sobre as ondas. De que modo porém? Aqui foy a segunda, & mayor maravilha, então não conhecida, nem imaginada a causa, mas depois que chegaram ao porto vista de todos com admiração, & assombro.

Com

339. Com a força da tempestade tinhase aberto hum rombo junto á quilha da náó, por onde a borbo-tões entrava o mar, quando hum peyxe do mesmo tamanho, por instinto da poderosa mão que o governava, se metteo pela mesma abertura, de tal sorte ajustado, ou entalado nella, que sem poder tornar atras, nem passar adiante, cerrou totalmente aquella porta (que com razão se podia chamar da morte) & tanto que não entrou mais agua, foy facil lançar ao mar a que estava já dentro. Assim se vé hoje pintado em Napoles, & pendê-te ante os Altares da Virgem Santissima o retratto de todo o successo: a tempestade, o galeão naufragante, & o peixe que o salvou atravessado: em perpetuo trofeo, & monumento do soberaño poder, & nome de Maria, como Senhora não só do mar, mas de quanto sobre elle navega; ou dentro nelle vive.

340. No Capitulo quinto do seu Apocalypse ouviu S. João, que todas as creatu-
Tom. 5.

ras do mundo, as do Ceo, as da terra, & as do mar, não divididas em tres, mas unidas em hum coro, louvavaõ o poder, & gloria do Cordeiro assentado no trono, & lhe davaõ graças: *Et omnem creaturam quæ in Cælo est, & super terram, & sub terra, & quæ sunt in mari, & quæ in eo, omnes audivi dicentes sedenti in throno, & Agno, benedictio, & honor, & gloria, & potestas in secula seculorum.* O trono em que está assentado o Cordeiro, já se sabe que são os braços da Virgem Senhora Nossa, & na mesma figura, em que a veneramos debayxo do titulo do seu Rosario. Mas entre as outras creaturas que lhe tributaõ louvores, são notaveis os termos com que o Texto falla nas do mar: *Et quæ sunt in mari, & quæ in eo:* & as que estão no mar, & as que estão nelle. Estar no mar, & estar nelle, não he a mesma cousa? Parece que sim. Pois porque faz esta differença o Evangelista distinguindo as creaturas que estão no mar, das que estão nelle: *Quæ sunt in mari,*

& quæ in eo ? Porque no mesmo mar huns estão dentro nelle, & outros fóra, & sobre elle: huns estão dentro, & como moradores, que são os peyxes: outros estão fóra, & como passageiros, que são os navegantes. E porque huns, & outros estão fogueitos ao trono de Deos, & ao dominio da Senhora que o tem nos braços; por isso todos os que vivem, ou sobre as aguas do mar, ou debayxo dellas, louvaão, & devem louvar a Senhora do mar, como no nosso caso. Os navegantes, porque os livrou do perigo, & os peyxes, porque se servio de hum delles para os livrar: os navegantes, porque os salvou da morte, & o peyxes, porque por meyo da sua morte lhes salvou a vida. Parece que quiz competir a Senhora neste milagre com o de seu Filho no de Jonas; mas ouçamos a David, que ajuntou, & cantou hum, & outro admiravelmente.

341. *Hoc mare magnum, & spatiosum manibus: illic reptilia, quorum non est numerus. Animalia pusilla cum*

magnis: illic naves pertransibunt. Celebra David nestas palavras a grandeza do mar Oceano, não em toda sua largueza, senão no comprimento, & extensaão de seus braços: *Hoc mare magnum, & spatiosum manibus.* É diz, que ali (isto he nos mesmos braços) ha grande multidaão de peyxes, huns grandes, outros pequenos: *Illic reptilia, quorum non est numerus, animalia pusilla cum magnis:* & que ali navegariaão, & por ali passariaão, & atravessariaão as náos: *Illic naves pertransibunt.* Mas se bem se considera este panegyrico do mar, parece que deixou David o mais pelo menos, & as mayores grandezas, & maravilhas, que nelle se vem, pelas menores. Deixa a vastidaão do corpo immenso do Oceano, & falla só no comprimento de seus braços, & com particular ponderaçaão de serem muy estendidos: *Hoc mare magnum, & spatiosum manibus?* Sim. Porque entre os mayores braços do Oceano, o mayor, & mais estendido de todos, he o Mediterraneo; & no Mediterra-

neo succedeo o caso de Jonas, & da Balea, que neste panegyrico se celebrava. Assim o declarou logo o mesmo Profeta, dizendo, que Deos formára aquelle monstro tão grande para o enganar, & zombar delle: *Draco iste, quem formasti ad illudendum ei*. Assim foy; porque permittindo Deos á Balea, que comesse, & engulisse a Jonas, o engano, a zombaria, & o jogo esteve, em que não foy para o digerir, & se sustentar com elle, senão para o salvar do naufragio.

342. Atéqui he o q̃ tem excogitado os Expositores. Mas o Profeta ainda vio, & quiz dizer mais que elles: porque não fallou só da salvação de hum Jonas, senão de dous. João, & Jonas he o mesmo nome; de que temos não menor interprete, que o mesmo Christo, o qual húa vez chamou a S. Pedro filho de Jonas, & outra filho de João: *Simon Joannis: Simon filius Jona*. E porque o caso do Jonas da Palestina, & do Jonas, ou do João de Austria, ambos succedêraõ no mesmo braço do Ocea-

no, & no mesmo Mediterraneo; esta foy a semelhança, porque a Arpa de David os acordou no mesmo Psalmo, & os cantou juntamente. Por isso não fez menção de hum só navio, senão de navios: *Illic naves pertransibunt*. E por isso nomeadamente não fallou só dos peyxes grandes, qual he a Balea, senão tambem, & em primeiro lugar dos pequenos: *Animalia pusilla cum magnis*. Mas porq̃ dos peyxes pequenos em primeiro lugar? Sem duvida, porque comparado hum, & outro caso, mais maravilhosa foy a salvação do segundo Jonas por meyo de hum peyxe pequeno, que a do primeiro, & tão celebrada por meyo do mayor de todos. Comer a Balea a Jonas, essa he a sepultura que o mar costuma dar aos homens; mas que estando tantos homens sentenciados a ser comidos dos peyxes, hũ peyxe lhe acudisse, & os livrasse? Quem póde duvidar q̃ foy mayor maravilha. A Balea salvou hum homem, o peyxe pequeno quinhentos: a

Balea ficando viva , o peyxe perdendo a vida propria para conservar as alheyas : a Balea não afogou a Jonas, o peyxe afogou-se a sy, para q̃ tantos naufragantes se não afogassem : a Balea suspende a esperança tres dias , o peyxe acudio á desesperação da mesma hora. E se a Balea foy figura da sepultura de Christo, o peyxe imitou a morte do mesmo Christo, morrendo pela salvação dos homens. Nem a Balea, nem o peyxe de tanto menor vulto, obrárao por instinto proprio, senão a Balea governada por Deos, & o peyxe por sua Máy. Porém se a traça, ou jogo , como lhe chamou o Profeta, com que Deos zôbou da voracidade da Balea, conservando a Jonas vivo, depois de comido, foy muito propria do seu poder, & da sua sabedoria ; mais engenhosa, & mais futil foy a invenção , com que a Senhora cêrrou a porta a todo o mar com hum pequeno peyxe vivo, & a conservou cerrada com elle morto. Finalmente o Rosario foy a mayor invenção da Senho-

ra, & esta a invenção mais galharda do seu Rosario.

344. Mas passemos do mar Mediterraneo a outro mar tambem meyo entre duas terras.

VI.

345. **N** Avegava para Fr. Flandes huma So. não Espanhola , & depois pin. de ter embocado o Canal de lib. Inglaterra , mais arrimada Ro. pela contrariedade dos ventos á costa de França (onde, ainda sem tormenta , he mayor o perigo) foy tal a força da tempestade , que não a podendo resistir , nem tendo para onde correr , deixado totalmente o governo ao arbitrio dos mares , & á furia da travessia , nenhum duvidou , que ou sorvidos das ondas , ou espedaçados em algum penhasco , todos pereciao. Hia na mesma não hum grande devoto da Virgem Senhora Nossa, chamado Pedro de Olava, o qual no meyo desta ultima desesperação, vendo que o piloto, & marinheiros desmayados nenhũa cousa faziaão, nem

nem sabião o que fizessem ; já que as nossas mãos, disse , estão ociosas , tomemos todos nellas os Rosários , invoquemos o soccorro da Virgem Maria , & tenhamos confiança em seu poder , & misericórdia , que a terá de nós. Assim o fizeraõ todos , & era espectáculo por húa parte lastimoso , por outra muito proprio da Fé , & devação Catholica , ver a não com as arvores secas , os mastareos calados , as vergas abatidas , & prolongadas , já subindo ás nuvens , já decendo aos abissimos , & os mareantes , & passageiros todos com os Rosários nas mãos , sem haver quem as puzesse em leme , em vella , ou em corda , nem se ouvindo outras vozes mais que Ave Maria , nem outros clamores mais q̃ misericórdia. Bem creyo , que se abakariaõ os Anjos do Ceo a lograr de mais perto húa tão fermosa vista. Mas não foraõ elles sós. Porque a mesma Rainha dos Anjos cercada de luzes , apparecendo sobre a gavia mayor , se mostrou visível aos tristes naufragantes. E assim como

seu Filho em semelhante perigo desde a popa da barca

de Pedro : *Imperavit ventis* ,

Matth.
8. 26.

& mari, & facta est tranquillitas magna ; assim a Senhora invocada das vozes , & devação de outro Pedro , & dos mais que o seguiraõ , com o imperio , & magestade de sua presença serenou em hū momento o mar , & cessou de repente a tempestade. Oh que mudança tão subita , & tão alegre ! Passaõ todos os Rosários das mãos ao peito , içaõ as vellas , mareaõ as escotas , & as entenas : já o piloto manda , & o leme governa , & a não resuscitada , favorecida em popa de húa viração branda , & galerna , caminha segura , & triunfante ao Porto. Não paráraõ porém as vozes dos devotos , & venturosos navegantes , porque os clamores có que pediaõ misericórdia á Senhora do Rosário , se trocáraõ em acclamações , em vivas , em louvores , & em repetida acção de graças a suas misericórdias.

346. Digo misericórdias , porque se bem se considera o caso , não foy húa só

fô a misericórdia, senão duas, assim como não era hum só o naufragio, senão dous. E que dous naufragios eraõ ? Hum em que temiaõ perderse, que era o da náó , & outro em que já estavaõ perdidos, que era o da arte. Assim o ponderou admiravelmente David , ou em outro caso semelhante , ou neste que estava vendo como Profeta. Tinha ditto , como já dissemos, que as ondas naquella tempestade subiaõ ao Ceo , & deciaõ aos abismos:

ps. 106.
25. 26.

Stetit spiritus procellæ, & exaltati sunt fluctus ejus: Ascendunt usque ad Cælos, & descendunt usque ad abyssos: & passando a descrever os effeitos , que a evidencia de tão extremo perigo causou nos pilotos, & marinheiros , diz assim: Anima eorum in malis tabescebat. Turbati sunt, & moti sunt sicut ebrius: & omnis sapientia eorum devorata est. Todos defanimados, areados, pasmados, & vivos, já com a cor , & semelhança de defuntos : *Anima eorum in malis tabescebat* : todos ti-tubiando , & não se podendo ter em pé , arremeçados

ibidem
27.

com o balanço da náó de hũ bordo para outro bordo : *Turbati sunt, & moti sunt sicut ebrius* : todos fóra de sy sem juizo, sem advertencia, sem tino, porque toda a sua arte, & sciencia nautica se tinha já perdido: *Omnis sapientia eorum devorata est.* Notay a palavra *devorata est*, em que a elegancia , & poesia de David excedeo á de quantos descreverão tempestades. Quando o navio se vay ao fundo , dizemos q o comeo o mar : & neste caso, posto que o navio ainda se sustentava em cima da agua, a arte , & a sciencia nautica já o mara tinha comido: *Omnis sapientia eorum devorata est* : primeiro tragou a arte, para depois tragar o navio. Perdemscos navios no mar, como as Respublicas na terra. Nenhũa Republica se perdeo subitamente, & de hũa vez. O primeiro naufragio he o do governo, o segundo, & ultimo o da Republica. Tal era o estado dos tristes naufragantes, já perdidos no primeiro perigo , & esperando por momentos a perdição do se-

segundo. E este foy o do-
brado milagre, não de hũa
só misericórdia, senão de
duas misericórdias, com que
a Senhora do Rosário os li-
vrou. Hũa, & grande, com
que os preservou do naufra-
gio em que estavam para se
perder, outra, & mayor, com
que os resuscitou do naufra-
gio em que já estavam per-
didos: *Omnis sapientia eo-
rum devorata est.* Tudo disse
taõ pontualmente o mesmo
David. E para que nenhũa
circunstancia lhe faltasse,
conclue relatando as orações
a que recorrêraõ, o remedio
com que foraõ soccorridos,
& não só hũa misericórdia,
senão as misericórdias que
alcançaraõ. As orações a que
recorrêraõ: *Clamaverunt ad
Dominum cum tribularentur:*
o remedio com que foraõ
soccorridos: *Et statuit pro-
cellam in auram, & siluerunt
fluctus ejus:* & não só hũa
misericórdia, senão as mise-
ricórdias que alcançaraõ:
*Confiteantur Domino miseri-
cordiæ ejus, & mirabilia ejus
filijs hominum.*

347. **C**Om muita razaõ
equiparou o Pro-
feta neste caso as maravilhas
com as misericórdias: *Mise-
ricordiæ ejus, & mirabilia
ejus;* porque se as misERICOR-
dias foraõ dobradas, tam-
bem foraõ dobradas as ma-
ravilhas. Em outra maravi-
lha porém, & em outra mi-
sericórdia da mesma Senho-
ra do Rosário, com que que-
ro acabar, veremos que os
sucessos foraõ tãbem dous,
mas taõ encontrados, & com
circunstancias taõ notaveis,
que nenhum Christaõ have-
rà dos que trazem a vida,
como nós, exposta ao mar,
& aos ventos, o qual não as-
sente comfigo hũa de duas
resoluções muito differen-
tes. E quaes? Se no navio em
que se acha se reza o Rosa-
rio, que navegue com gran-
de consolação, & confiança;
& pelo contrario, se nelle se
não reza, que vã em tal na-
vio com grande desconso-
lação, & temor. Vay o caso dig-
no de toda a attenção.

348. Sahiraõ do Porto
de Cartagena das Indias
duas

Fr. Alô-
s. Fern.
lib. 6. c.
22.

duas galés em demanda de certos coffarios, & era capella da Patrona Frey Bernardo de Ocampo, Religioso de S. Domingos, o qual pregou, & persuadio nella a devação do Rosario com tal efficacia, & successo, que os Capitães, os soldados, os marinheiros, & a chusma dos forçados, todos sem faltar nenhum, ainda quando remavaõ, ao som, ou compasso da voga, cantavaõ o Rosario da Senhora. Em todos os vasos da navegação são perigosas as tempestades, mas muito mais nas galés. E foy tão furiosa a que sobreveyo a estas duas, farpando entre hûas Ilhas; que as ondas pareciaõ montes. Passou hûa, passou outra, passáraõ nove, & quando veyo a decima, ou decumanha, era hûa serra de agua tão alta, & medonha, que dando-se todos por sepultados debayxo della, levantáraõ a voz em hum grito; Virgem do Rosario, valeinos. Nunca se vio no mar mais apertado transe! Mas a esta voz respondeo logo outra, repetindo tambem a brados, orça,

orça. Não era o piloto o q̃ isto mandava, mas hû menino fermosissimo, que com hum Rosario na mão direita appareceo a todos na tolda da proa, & não foy mais visto. Orçou o timoneiro, pondo a mesma proa á onda, a qual salvando em claro a galé, descarregou com todo o pezo sobre a segunda, que vinha na sua esteira, & de hum golpe a meteo no fundo, sem escapar pessoa viva, nem apparecer final, ou reliquia de tão horrendo naufragio. Oh Maria Senhora do mar, quem haverá dos que andaõ sobre elle, tão cego, tão ingrato, tão inimigo de sy mesmo, que todos os dias vos não saude, & invoque com o vosso santissimo Rosario? E para que a vista de hum caso tão lastimoso não causasse novo temor aos que tinhaõ escapado, o mesmo mar no mesmo ponto os segrou de todo o perigo, ficando de repente tão quieto, fofegado, & sereno, como se toda a sua furia, ou colera a vomitára naquella onda.

349. Chameyllhe Decumana,

mana, ou onda decima, porque este he o nome cō que os Autores naturaes declarão, ou exagerão a grandeza desmedida das que prefazem este numero. Tem enfinado a experiencia, que ainda na mayor confusão das tempestades guarda o mar tal ordem, & tal medida nas ondas com que se vay

enrolando, que repartidas de dez em dez, a decima he a que se levanta sobre todas com mayor inchação, & cahe com mayor pezo, & quebra com mayor ruina. Assim o notou, & lamentou o Poeta nas suas tempestades do Ponto, ou mar Euxino:

*Qui venit hic fluctus, fluctus supereminet omnes,
Posterior nono est undecimoque prior.*

Daqui se segue, que não só por virtude milagrosa, senão ainda por certa antipatia como natural, tem o Rosario dominio sobre as ondas: & que esta foy hũa das leys, cō que Deos desde o principio fogueitou este elemento indomito, & o sobordinou ao iraperio de sua Mãy como Senhora do mar. No Capitulo oitavo dos Proverbios, diz a mesma Senhora: *Quando circumdabat mari terminum suum, & legem ponebat aquis, ne transirent fines suos: cum eo eram cuncta componēs.* Quer dizer: que quando Deos nas ideas de sua eternidade andava pondo os li-

mites, & dando as leys ao mar, a Senhora juntamente com o mesmo Deos andava compondo tudo. Deos punha, & a Senhora compunha: Deos punha as leys ao mar, & a Senhora compunha as do seu Rosario na forma em que as havia de dominar. Esta he a proporção admiravel porque foy tal a composição, & contraposição do Rosario com o mar, que, porque Deos no mar dividio de dez em dez o curso das ondas; tambem a Senhora no Rosario repartio de dez em dez as fileiras das contas. Deos fez o mar, como todas as outras cousas:

Sapient.
21. 21.

In mensura, & numero, & pondere; com conta, pezo, & medida: & a Máy de Deos, que todas essas cousas compunha com elle; *Cũ eo eram cuncta componens*, tambem compoz o seu Rosario com conta, pezo, & medida: a medida na igualdade dos terços, o pezo na ponderação dos mysterios, a conta no numero das contas. E como Maria Senhora do mar, & do Rosario contrapoz nelle decadas contra decadas, decadas de Ave Marias contra decadas de ondas; por isso o seu Rosario he o mais natural, o mais forte, o mais efficaz; & o mais proprio instrumento com que a Senhora do mar o domina, & se mostra Senhora delle: *Maria Domina maris.*

VIII.

350. **D**Aqui fica bem entendida a razão, porque o soberano menino, que ensinou a vencer a soberba, & parar o precipicio da onda Decumana, lhe oppoz, & mostrou o Rosario, para que o reverenciasse,

& temesse. Quem sabe que a corrente do Jordaõ crescen- do mais, & mais para cima, & feito já o Rio hum monte de agua altissima, a vista só, & reverencia da Arca do Testamento o suspendeo, & teve maõ, para que senaõ precipitasse; naõ se admirará de que o mar taõ soberbamente levantado naquella onda guardasse o mesmo respeito ao Rosario da Virgem Maria, de quem a Arca do Testamento só era figura, & sombra.

351. Mas õ que excede toda a admiração, & he digno de profundo reparo neste caso, são as outras circumstancias delle. Se o menino que appareceo na galé, era o Filho de Deos, & seu, que a Senhora do Rosario tem nos braços; porque naõ appareceo alli a mesma Senhora, como pouco ha vimos em semelhante perigo? E se aquella galé se salvou taõ milagrosamente, a outra, que vinha na mesma esteira, tambem de Espanhoes, & Catholicos, porque pereceo no mesmo tempo, & naõ choçabrada de outra onda, senaõ da

da mefma ? E finalmente fe o instrumento desta maravilha foy o Rosário, porque o mostrou o menino nomeadamente na mão direita, & não em ambas, ou na esquerda, como notáraõ, & juráraõ autenticamente todos os que o viraõ ? Ora entendamos o que Deos, & fua Santiffima Máy quíz que entendeffemos na vifaõ, & evidencia de todas eftas circumftancias tão particulares.

352. Se ha dia neste mundo semelhante ao dia do Juizo, he o de hũa grande tempeftade no meyo deste mar. Não he comparação minha, fenaõ do mefmo Profeta, que nos interpretou os outros milagres, fallando literalmente do dia em que Deos virá manifestamente a julgar o mundo : *Deus manifeste veniet, Deus noster, & non fílebit: ignis in conspectu ejus exardescet, & in circuitu ejus tempestas valida*. No dia do Juizo escurecerseha o Sol, a Lua, & as Estrellas, & isto he o que vemos, ou não vemos em hũa tempeftade. Nem se vé Sol, nem Lua, nem Estrellas : porque

as nuvens efpeffas, & negras escondem todas as luzes do Ceo, & tudo no mar para mayor horror he hũa efcuridade medonha. Mas para que chamo eu ás tempeftades semelhantes ao dia do Juizo, se os mayores horrores daquelle dia feraõ a tempeftade delle : *Et in terris pressura gentium præ confusione sonitûs maris, & fluctuû, ardentibus hominibus præ timore*. Andaráõ os homens, diz Christo, atonitos, palidos, & mirrados de medo pelo horror, & confusão, q̃ lhes causará o sonido espãtofo do mar, & das ondas. Onde he muito para notar, que esta confusão, & temor nunca visto semelhante nos homens, não o attribue o Senhor á portentosa mudança dos Planetas, que veráo todos escurecidos, fenaõ á tempeftade, & rancos do mar, que ouviráo furioso, & irado : *Et in terris pressura gentium præ confusione sonitûs maris, & fluctuum*. E setanto horror causará aos que eftaráo em terra o sonido só ao longe do bater, & quebrar dos mares nas prayas ; qual

Luc. 21.
25.

qual será no meyo do mar , & dentro de quatro taboas ver bater a furia das ondas , não só nos costados , mas quebrar com todo o pezo dentro no mesmo navio ? A cada golpe do mar se está allí tragando a morte. E não morte menos fea, menos miseravel ; nem menos nova , que a mesma com que acabaráo os homens no dia do Juizo. Agora morrem os homens huns depois dos outros, ou de doença , ou de velhice ; mas no dia do Juizo estando saões , & robustos, & bem dispostos , todos na mesma hora acabaráo sem remedio a vida ; & isto he o que succede na perdição de hũa tempestade. Os moços, os velhos, os meninos, todos allí enchem a sua idade , & acabaõ juntamente os seus dias. Oh que lastimoso modo de morrer , quando a idade prometia larga vida, & a faude, & as forças parece que a seguravaõ : não fallando no horror , & miseria da sepultura , sem sete pés de terra em que se enterrar , tragados das ondas , comidos dos peyxes.

353. E se qualquer tempestade (para que conheçamos o nosso perigo) he semelhante a hum dia do Juizo, a do caso que imos ponderando , ainda teve outra circumstância particular muito propria daquelle temeroso dia, & a mayor , & mais principal delle. A mayor , & mais tremenda circumstancia do dia do Juizo he, que naquelle juizo se dá a sentença final, ou de salvação para huns , ou de perdição para outros : & isto he o que se vio no nosso caso. Todos os que hiaõ em hũa galé se salváraõ, todos os que hiaõ na outra se perdéraõ. E como houve misericordia para huns, & justiça para outros; esta he a differença , & a razão porque não ve yo a Mãy de misericordia dar a sentença, senaõ seu Filho. No dia do Juizo , diz o Texto Sagrado, que apparecerá visivelmente a todos o Filho da Virgem : *Tunc videbunt Filium hominis venientem*. E a Virgem virá tambem , & apparecerá juntamente com seu Filho ? Não. Virá o Filho só ; sem a Mãy , como aqui

aqui veyo. E porque? Porque o Filho como Juiz livra; & condena: a Mãe, como toda he misericordia, onde ha de haver condenaço, retirada, & não apparece. Na Parabola das Virgens sahiraõ as prudentes, & as nescias a receber o Esposo, & a Esposa: *Exierunt obviam sponso, & sponse*; mas quando foy ao entrar ás vodas, só se faz menço do Esposo, & da Esposa não: *Intraverunt cum eo ad nuptias*. Pois se he certo, que a Esposa entrou com o Esposo, porque senão faz menço della ao entrar? Porque nesta entrada as Virgens prudentes entráraõ, & salváraõse; as nescias ficáraõ de fóra, & perdéraõse: & onde ha salvar, & perder, onde ha salvaço de huns, & perdiço de outros, não se acha presente a Esposa, que he a Virgem Maria. Assim o affirma, & ensina Santo Agostinho, dando a razão porque a mesma Senhora não apparecerá com seu Filho no dia do Juizo: *Quia tempus non erit miserendi, & misericordiam impetrandi jam fugiet janua Paradisi. Maria,*

que hoc titulo ab Ecclesia insignitur, janua Cæli, & felix Cæli porta. Allude o grande Doutor á mesma Parabola das Virgens, em que se diz, que se fechou a porta: *Et clausa est janua.* E como a Virgem Maria he a porta do Ceo: *Janua Cæli*; por isso senão faz menço da Esposa, nem appareceo alli, antes fugio, como diz o Santo, de tal lugar: *Jam fugiet janua Cæli Maria*; porque era lugar em que não tinha lugar a misericordia: *Quia tempus non erit miserendi.*

354. Esta he pois a razão, porque no nosso caso desappareceo, ou não appareceo a Senhora do Rosario, & só appareceo com elle o Filho, que tem nos braços, & com elle nomeadamente na mão direita. No dia do Juizo os que se haõ de salvar estaraõ á mão direita de Christo, & os que se haõ de perder á esquerda: *Oves à dextris, hædos autem à sinistris.* & porque alli se haviaõ de salvar huns, & perder outros; por isso o Senhor appareceo na galé dos que se haviaõ de salvar como o Ro-

fario na mão direita. Oh grande privilegio! Oh grande virtude do Rosario, para se salvarem nos dias do juizo do mar, & não se perderem nas tempestades os que o navegaõ! O mayor encarecimento das obras de misericordia, & do singular merecimento que tem diante de Deos, he, que no dia do juizo, calandose todas as outras virtudes; só pelas obras de misericordia seraõ sentenciados os da mão direita, & os da esquerda. Aos da mão direita dirá Christo: *Venite benedicti, esurivi enim, & dedisti mihi manducare*: & bastaráõ só as obras de misericordia para que se salvem. Aos da mão esquerda dirá pelo contrario: *Discedite maledicti, esurivi enim, & non dedistis mihi*: & bastaráõ só a falta das obras de misericordia, para que se percaõ. E tal he o encarecimento igualmente verdadeiro cõ que Christo mostrou o Rosario na sua mão direita aos que nesta occasião se salvarão. Bem creyo, que entre os que hiaõ nesta galé, haveria outros peccados, & entre os

Ibidem
34.

que hiaõ na segunda haveria outras virtudes; mas como em toda esta se rezava o Rosario, & naquella naõ; esta foy a que se salvou, & aquella a que se perdeu sem remedio: sendo a mesma onda, duas vezes prodigiosa, a que executou a sentença da salvação em hũa, & a da perdição na outra.

355. E que navegante haverá que não seja muito devoto do Rosario, & que navio em que senão reze todos os dias á vista de hum espectáculo em hũa parte tão venturoso, & alegre, & na outra tão lastimoso, & formidavel. Se quando por este mar encontramos hum masto, hũa taboa, ou qualquer outro final de naufragio, por mais que o mar esteja quieto, & sossegado, naturalmente se faz temer, & causa tão grande pavor, qual seria o dos que hiaõ nesta galé, vendo em hum momêto irse a pique a companhia, & sepultada da mesma onda de que elles tão milagrosamente tinhaõ escapado?

356. No dia do Juizo,
diz

diz o mesmo Christo que estaraõ dous lavrando no mesmo campo, & que hum se salvará, outro se perderá: *Tunc duo erunt in agro: unus assumetur, & unus relinquetur.* Que he este mar, senaõ hum grande campo, & que saõ os navegantes, senaõ os lavradores delle? Com as quilhas, & com as proas o araõ, & com os remos, nas galés, o cavaõ. Deos condenou o homem a que lavrasse a terra, & a cubiça com segunda maldiçaõ o condenou a que lavrasse tambem o mar: *Longum maris æquor arandum: latum mutandis mercibus æquor aro.* Vede quanta differença vay de lavar o mar, ou a terra. O que lavra a terra, selavra o valle, naõ selhe faz monte; se lavra o monte, não selhe faz valle. Este campo não he affim. Vedes essa veyga, ou vargea tão estendida, vedes essa planicie immensa tão quieta, & tão igual; pois não vos fieis de sua quietação, nem de sua igualdade, porque debayxo della estão escondidos grandes montes. Que excellentemente o no-

tou, & disse S. Jeronymo, & com tanta elegancia, como doutrina: *Licet in modum stagni fusū æquor arrideat, licet vix summa jacentis elementi terga crispentur, nolite credere, nolite esse securi: magnos hic campus montes habet, intus inclusum est periculum, intus est hostis.* Ainda que o mar igual, & quieto (como agora) vos pareça hum tanque que senão move: ainda que o leve movimento com que rissonhamente se encrespa, quasi lhe não altere a igualdade; não o creais, nem vos fieis delle. Olhay que he hum traydor, que dentro em sy tem encubertos os inimigos, & debayxo dessa planicie estão escondidos grandes montes: *Magnos hic campus montes habet.* Quando as duas galés começarão a lavar este campo, elle estava muito igual; mas debayxo dessa igualdade se levantãrão aquelles grandes montes, & o ultimo mayor de todos, de que húa só selivrou, & outra se perdeo: *Unus assumetur, & unus relinquetur.*

357. Sendo pois o perigo igual, & igual em hums, &

X ij outros

Hier. in
epist. ad
Heliod.

outros a fraqueza, ou impossibilidade da resistencia; se o remedio, & salvação de huns esteve em rezarem o Rosario, & o naufragio, & perdição dos outros em o não rezarem; quem haverá, torno a dizer, que por não applicar, & se applicar a hũ tão facil remedio, se expõha a tão extremo, & invencivel perigo, & em que tantos no mesmo tempo, & lugar em que estamos tem perecido? Que desesperação, & que tormento tão grande será no dia do Juizo o dos que perderão a salvação pela negligencia de meyos tão facis, & tão leves, como aquelles com que os outros se salvarão? E que arrependimento, & desconsolação tão desesperada seria a dos mesmos que nesta occasião se perdêrão, sabendo (como sem duvida lhe seria notificado no Tribunal da Divina Justiça) que se tivêrão rezado o Rosario, como os companheiros, também a elles lhe perdoaria onda que os sepultou, & se salvarião?

358. Não exhorto aos que aqui nos ajuntou Deos,

a que offereçamos á Virgem Senhora Nossa, & ao milagroso Menino, que sem se apartar de seus braços appareceo com o Rosario na mão aos que quiz livrar; não os exorto, digo, a que lhe offereçamos este pequeno tributo, & rezemos o seu Rosario, pois todos o fazemos todos os dias, & á vista de tantos, & taes exemplos se não pôde duvidar, que de hoje por diante o faremos com mayor devação, & affecto. O que só desejo persuadir a todos, he, que quando succeda vermonos em algũa grande, & perigosa tempestade das que ameaça o tempo, & o lugar; nem por isso nos vença, ou desmaye o temor, confiando firmisimamente, que nos não poderá faltar a misericordiosa protecção da Virgem Senhora Nossa; & que por mais que os montes escondidos debayxo desta planicie se levantem até as nuvens, os poderes do seu santissimo Rosario nos livraráo de todo o perigo. Acabemos de ouvir a David, que não he muito se empenhasse

nhasse tanto neste glorioso assumpto, como tão proprio da Mãy daquelle Filho, de que elle tambem se chamou Pay.

359. *Propterea non timebimus dum turbabitur terra, & transferentur montes in cor maris: sonuerunt, & turbatae sunt aquae eorum, conturbati sunt montes in fortitudine ejus.* Ainda que a tempestade seja tão grande, que pareça que os montes da terra se passarão ao mar; ainda que as aguas desses montes com sonido estrondoso, & horrendo quebrem hûas sobre as outras; & ainda que a furia, & violencia do mesmo mar seja tão forte, que atire montes contra montes, & os confunda entre sy; cõ tudo isso nenhum de nós temerá, diz o Profeta: *Propterea non timebimus*: & porque? A razão que dá he notavel: *Fluminis impetus latificat Civitatem Dei, sanctificavit tabernaculum suum Altissimus*: porque a Cidade de Deos, em que o mesmo Deos veyo morar á terra, tem hum rio, cujo impeto converte todo o temor em

Tom. 5.

alegria. Pois contra a força de todo o mar turbado, & levantado em montes: *Conturbati sunt montes in fortitudine ejus*, oppoem David o impeto de hum rio, & de corrente placida, & alegre: *Fluminis impetus latificat Civitatem Dei*? Eu bem sey, & todos sabemos, que ha rios tão poderosos, cuja impetuosa corrente vence o mar, & no meyo delle lhe adoça as ondas; & assim como ha rios, que adocem o mar, não será maravilha, que haja hum rio, que o amance. Isto mesmo faz a chuva por ser agua do Ceo, que amança as tempestades. Mas que rio he este, no qual o Profeta reconhece tão extracurricular virtude? O mesmo Profeta o diz: *Fluminis impetus latificat Civitatem Dei, sanctificavit tabernaculum suum Altissimus*. He o Rio da Cidade de Deos, onde o mesmo Deos veyo morar á terra, que vem a ser a Cidade de Nazareth, como declarámos no principio, & o disse o nosso Texto: *Transfretavit, & venit in Civitatem suam.*

360. Que muito logo,
X iij que

que assim como Christo no mesmo navio (que noutra occasião padeceo aquella grande tempestade) quando levava a proa em Nazareth, chegou ao porto sem perigo, & com bonança ; o mesmo experimentem, & com a mesma felicidade escapem de todos os perigos os que navegaõ debayxo da protecção da Senhora de Nazareth ; a qual, como tambem deixamos provado, he a Senhora do Rosario, porque em Nazareth começou, & a Nazareth deraõ este nome as flores ? E para que ninguem duvide, que estas flores não são outras senão as Rosas, este mesmo Psalmo, em q̃ David celebra a virtude, q̃ tem as influencias de Nazareth contra as tempestades, na lingua Hebreia em que foy escripto, tem por titulo: *Pro Rossis*: isto he, aqui se cantão

os louvores das Rosas. E como a Virgem Maria sempre Senhora do mar por virtude do seu nome : *Maria Domina maris*; em quanto Senhora do Rosario tem mais particular dominio sobre as tempestades : *Propterea non timebimus dum turbabitur terra, & transferentur montes in cor maris*. Ainda q̃ os montes mais altos da terra se passem ao meyo do mar, onde nos achamos, não temos q̃ desconfiar, nem temer, não só esperando, mas crendo firmemente, que debayxo da protecção de Maria, *De qua natus est Jesus*, passaremos felizmente este temeroso golfo, *Transfretavit*, & chegaremos enfim ao porto desejado da nossa Cidade, que por tantos titulos não he menos sua : *Et venit in Civitatem suam*.





SERMAM X.

*Beatus venter, qui te portavit, & ubera,
qua suxisti. Luc. II.*

I.

Sobre as cousas
que se guardavaõ
na Arca do Tes-
tamento, quaes,
& quando, ha grande ques-
taõ entre os Expositores Sa-
grados. Tres porẽm sãõ cer-
tas, & de taõ occulto myf-
terio, como de particular
reparo. A primeira he, que
ouve tempo, em que na Ar-
ca do Testamento só esti-
veraõ as Taboas da Ley;
porque assim o diz expressa-
mente o Texto no terceiro
Livro dos Reys: *In arca au-
tem non erat aliud, nisi duæ
tabule lapideæ, quas posuerat
Moyfès.* A segunda, que tam-
bem houve tempo, em que
esteve na mesma Arca a Ur-

na do Maná; porque assim
o affirma S. Paulo na Epif-
tola aos Hebreos: *Arcam* Hebræor
Testamenti, in qua Urna au 94.
rea habens manna. A terceira,
que depois deste tempo a
mesma Urna do Maná, que
estava dentro da Arca, foy
collocada fóra, mas junto a
ella, no Sancta Sanctorum;
porque assim o tinha man-
dado Deos. como consta do
Livro do Exodo, & que sem-
pre estivesse em sua presen-
ça: *Repone coram Domino.*

Exod. 16 33.
362. Supposta esta ver-
dade da Historia Sagrada:
se passarmos a inquirir a ra-
zaõ, & mysterio della, quem
haverá que no lo diga lite-
ralmente? Se as Taboas da
Ley sempre se guardãraõ na
Arca, o Maná porque se-
naõ

X iiij

naõ guardou sempre nella ? E se o Maná esteve algum tempo dentro na mesma Arca , porque depois se tirou fóra ? E se esteve fóra , porque naõ em outro lugar , nem longe , senaõ junto á mesma Arca ? A razaõ , & mysterio literal desta taõ notavel variedade em materia taõ grãde sempre esteve occulto até hoje. Hoje porém o descobrio , & declarou , quem ? Na parte que pertence ao Maná húa molherfinha do Povo , que naõ tinha mais sciencia , que a sua devação , dizendo : *Beatus venter , qui te portavit , & ubera , quæ sustulisti* : & na parte que pertence ás Taboas da Ley , o mesmo Autor da Ley , & a mesma Sabedoria Eterna , respondendo : *Quinimo Beati qui audiunt verbum Dei , & custodiunt illud*.

363. Para intelligencia do que digo , havemos de suppor com S. Paulo , que tudo o que succedia pela mayor parte , ou se fazia no tempo dos Patriarchas , & da Ley Escrita , era representação , & figura do que depois havia de ser no tempo da

Ley da Graça : *Hæc autem omnia in figura contingebant illis*. Este he o principio fundamental , porque a muitas cousas daquelle tempo naõ achamos a razaõ de se fazerem , antes parecem feitas contra toda a razaõ , ainda entre homens Santos. E a razaõ de se lhe naõ achar razaõ , he , porque a razaõ da figura naõ está na figura , senaõ no figurado. Se vissemos que hum Pintor pintava hũ Rey pastando entre os animaes , & comendo feno : & outro com o braço esquerdo muito curto , & o direito muito comprido ; parecer-noshia isto húa grande impropriedade. Mas se o Pintor nos respondesse , que no primeiro retratava a Nabucodonozor , & no segundo a Artaxerxes , que pela desigualdade dos braços se chamou , Longimano ; achariamos a razaõ da pintura , naõ nos retratos , senaõ nos retratados. Da mesma maneira em outros casos do Testamento Velho. Que cousa mais fóra de razaõ , que levar Jacob o morgado a Esaú , sendo Esaú o Primogenito , &

& Jacob o filho segundo? E que mayor semrazaõ outra vez, que servir Jacob sete annos por Rachel, & dar-lhe em lugar de Rachel a Lia? Mas se olharmos para os originaes destas mesmas figuras, acharemos nelles as razoes, que nellas de nenhum modo appareciaõ. Jacob, & Lia representavaõ o Povo Gentilico, Esaú, & Rachel o Judaico. E levou Jacob o morgado a Esaú; porque o morgado da Fé, & da Graça, que era do Povo Judaico, que foy o primeiro, se havia de passar ao Povo Gentilico, que he o segundo. E sendo Jacob figura de Christo, que servio pela sua Rachel, que era o Povo Judaico, como elle mesmo disse: *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt domus Israel*; desposouse primeiro cõ Lia, que he o Povo Gentilico, & depois se ha de desposar tambem com Rachel, que he o Povo Judaico; porque como diz S. Paulo: *Donec plenitudo gentium intraret, & sic omnis Israel salvus fiet.*

agora. Estar primeiro o Maná dentro da Arca, & depois fóra, & junto a ella; ninguém houve já mais, que desse, ou pudesse dar a razãõ de hũa mudança tão notavel. Mas se puzermos os olhos nos originaes, que estas duas figuras representavaõ, acharemos a razãõ tão clara, que hũa mulher sem letras a entendeo, & publicou ao mundo. A Arca do Testamento era figura da Virgem Maria, o Maná de seu Filho Christo: & primeiro esteve o Maná dentro na Arca; porque primeiro o conceito a Virgem, & o trouxe em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit.* E depois esteve fóra, mas não apartado, senão junto á mesma Arca; porque a Senhora o teve depois em seus braços, & o criou a seus peitos: *Et ubera, quæ suxisti.* E porque razãõ as Taboas da Ley sempre estiverão na Arca, assim quãdo o Maná esteve detro nella, como quãdo esteve fóra? A razãõ, & o mysterio he; porque a mesma Virgem Maria significada na Arca em todo o tempo de

de sua vida , ou tendo dentro em sy , ou não tendo dentro em sy ao Filho de Deos, sempre teve a Ley do mesmo Deos dentro em sy , & a guardou com a mais pura, com a mais perfeita, & com a mais alta observancia , a que podêraõ aspirar homês, nem Anjos. E porque esta foy a mayor , & mais soberana prerogativa da Virgem Senhora Nossa, por isso acudio logo seu Benditto Filho , declarando, que por ser a mais observante da Ley de Deos, era mais bemaventurada ainda , que por ser Mãe de Deos: *Quinimo Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*

365. Explicado assim o Evangelho: que direi sobre elle quanto á festa? O que determino dizer, he, que o Rosario para ser bem rezado, não se ha de rezar só cõ a boca, senão com o coração, & com as mãos. O fundamento , que para esta doutrina (muy necessaria) nos daõ as palavras do Thema , dirá o discurso. *Ave Maria.*

366. **P** *One me ut signaculum super cor tuum,* Ca. 6.
ut signaculum super brachium tuum. Para me agradares inteiramente , Espôsa minha, diz Deos, aveísme de trazer estampado no coração, & estampado no braço. Os lugares haõ de ser dous, hum dentro , outro fóra : mas a estampa dentro, & fóra ha de ser húa só, & essa minha. Eu estampado no coração; porque eu hey de ser o sigillo de vossos pensamentos : & eu estampado no braço, porque eu hey de ser o caracter de vossas obras : *In corde sūt cogitationes, in brachio operationes : super cor ergo, & super brachium sponsæ dilectus ut signaculum ponitur :* diz S. Gregorio Papa. Mas com quem falla Deos nestas palavras, & a quem dá o seu cuidado esta amorosa instrucção? Em primeiro lugar a sua Mãe , em segundo a nossas Almas. Antes de ser Mãe de Deos , & depois de ser Mãe de Deos, sempre a Senhora trouxe ao mesmo Deos dentro , & fóra , no inte-

interior, & no exterior, no coração, & nos braços; mas por differente modo. Antes de ser Mãe de Deos; porque quanto cuidava, & obrava, tudo era de Deos, em Deos, & por Deos. Os pensamentos, & obras do Filho antes de ser Filho, ainda não eram humanas; mas as da Mãe antes de ser Mãe, por imitação do mesmo Filho, já eram divinas. *Super cor Virginis, & super brachium dilectus ponitur ut signaculum* (diz Alano) *quia in cogitationibus, quæ notantur per cor, & in actionibus, quæ per brachium, Virgo Filium imitatur.* E se isto foy antes de ser Mãe de Deos, depois de o ser, que seria? Foy o mesmo, mas por modo singularissimo, nem imaginado antes, nem imitável depois a nenhũa creatura. Teve a Deos dentro, & no coração: *Ut signaculum super cor tuum*; porque o teve em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit*: & teve-o fora, & no braço: *Ut signaculum super brachium tuum*; porque o teve em seus braços, & a seus peitos: *Et ubera, quæ suxisti. Af-*

sim comenta o Texto dos Canticos có devota, & douta novidade Cornelio, & o concorda excellentemente com o do nosso Evangelho:

Beata Virgo Christum posuit super cor suum, cum eum novem mensibus in utero portavit; super brachium verò, cum eum jam natum in ulnis, & brachijs gestavit.

Cornelius in 3. sensu principali de Christo & B V.

367. Estes foram os dous modos com que a Virgem Senhora Nossa, como exemplar de toda a perfeição imitável, & como exceção de toda a possível, observou aquelle Oraculo do Espirito Santo, de quem foy a primeira, & principal Esposa, trazendo a Deos no coração, & no braço, & a Christo dentro em sy, & fóra, bem assim como a Arca do Testamento a Urna do Maná. Hum modo foy espiritual, outro corporal, & o corporal com assombro da natureza, & da graça, mais divino que o espiritual. Trouxe a Deos corporalmentê no coração, & no braço: *Super cor, & super brachium*; porque corporalmentê o concebeo, & teve em suas entranhas, & corpo-

corporalmente o criou a seus peitos , & trouxe em seus braços : & esta he a primeira bemaventurança da Virgem Maria singular , & unicamente sua, & a nenhũa outra creatura comunicavel: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti* E trouxe a Deos espiritualmente no coração, & no braço; porque espiritualmente em todos seus pensamentos , & affectos , & espiritualmente em todas suas obras, & acções interior , & exteriormente trouxe sempre a Deos em sy, & comsigo: & esta he a segunda bemaventurança, na qual posto que a Senhora foy eminentissimamente superior a todas as Almas, he com tudo imitavel, & communicavel a todas, & a que o Senhor preferio á primeira: *Quinimò Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.* E como este segundo modo de trazer a Deos interiormente no coração, & nos affectos , & exteriormente nas mãos , & nas obras he o que todos podemos, & devemos imitar; este he o que a Senhora do Rosario pro-

poem hoje, & ensina a todos os seus devotos , exhortando-os com seu exemplo a q̃ não só tragaõ o Rosario na boca, senão tambem no coração , & nas mãos: no coração, imitando do modo que póde ser o acto de ter a Christo em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit:* & nas mãos , imitando do mesmo modo , o acto de o ter nas suas quando o criou a seus peitos: *Et ubera, quæ suxisti.*

III.

368. **P** Ara prova, & entendimento deste ponto tão importante, & essencial á devação do Rosario, o que noto, & he digno de grande reparo naquella instrucção geral do Espirito Santo , he, que só pede Deos ás Almas devotas, que o tragaõ no coração , & nas mãos, & não faz menção da boca: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum;* & não diz mais David grande mestre da oração , & da devação, diz, que sempre trazia os louvores de Deos na boca: *Semper*

Semper laus ejus in ore meo: pois se Deos deseja, aconselha, & pede ás Almas devotas que o tragaõ no coração, & nas mãos, porque lhe não diz tambem que o tragaõ na boca? Porque Deos naquellas palavras (como tambem a Senhora do Rosario hoje) não exhorta a orar, mas ensina como se ha de orar. Suppoem que se ora, & reza com a boca, & acrescenta, que ha de ser juntamente com o coração, & mais com as mãos; porque se o coração não fórma as orações, & as mãos as não informão; se o coração as não fórma com os affectos, & as mãos as não informão com as obras; por mais que a boca dê vozes, todas nos olvidos de Deos são mudas. Assim o profetizou David de todas as linguas enganofas: *Muta fiant labia dolosa*. Mas se as linguas enganofas tanto enganão, & tanto fallaõ, & são as que mais fallaõ, & as melhor ouvidas; quando, onde, ou diante de quem se cumpre esta profecia de que feraõ mudas? As linguas enganofas de que falla o

Profeta, como depois veremos, são as daquelles, cujo coração, & cujas mãos não dizem com o que a lingua diz: & estas linguas por mais que fallem, & por mais bem falladas que sejaõ, para com Deos, a quem ninguem engana, são mudas. So o coração, & as mãos são as que dão voz á lingua, & lingua á oração diante de Deos.

369. Vio S. João no Apocalypse aquelles vinte & quatro Anciãos, que affitem ao trono de Deos, & diz que todos tinhaõ nas mãos citharas, & redomas cheyas de suavissimos cheiros, & que deste modo se postraraõ diante do Cordeiro, que lhe

Christo: *Et viginti quatuor seniores ceciderunt corã Agno habentes singuli citharas, & phialas aureas plenas odorum menthorum*. Não fcy se repa-rais nas mãos, & nos instrumentos destes musicos do Ceo: & digo musicos, porque logo acrescenta o Evangelista, que cantavaõ hũa letra nova: *Et cantabant canticum novum*. Pois se elles tinhaõ as citharas em hũa mão, & as redomas na outra:

Apocal. 5.8.

Ibidem 9

habentes

Habentes citharas, & phialas; como podiaõ tocar as citharas? Saybamos primeiro quaes eraõ as redomas, & ellas nos soltarãõ a difficulda-de, que não está mal arguida. Ruperto, Beda, Ansberto, Richardo Victorino, Hugo Cardeal, Dionysio Carthusiano, a Glossa, & todos concordemente dizem, que as redomas são os corações. E ainda que os corações eitejaõ nas mãos, nem por isso as mãos deixaõ de tocar as citharas: antes quando as mãos, & os corações juntamente as tocaõ, so entãõ são as suas vozes agradaveis a Deos; porque desacompanhadas dos corações, & das mãos, nem são agradaveis, nem tem consonancia, nem são vozes. Seraõ vozes para os ouvidos humanos, mas para os Divinos não são orações. O mesmo Texto o declara admiravelmente: *Habentes citharas, & phialas plenas odoramentorum, quæ sunt orationes sanctorum.* Tinhaõ (diz) em hũa mãos as citharas, & nas outras as redomas cheyas dos suaves cheiros, que são as orações dos San-

Ibidem
8.

tos. De sorte, que as orações não estavaõ nas citharas, se não nas redomas, porque a oraçãõ não consiste no som, & nas vozes, senãõ nos corações, & nas mãos em que as redomas estavaõ.

370. E supposto que a replica do Oraculo de Salamaõ, *Super cor, & super brachium*, foy o Texto de seu Pay David, *Semper laus ejus in ore meo*; diganos o mesmo David, se a sua oraçãõ quando orava era só de boca, ou de boca, de coraçãõ, & de mãos. He Texto que tem que entender, mas bem entendido, admiravel: *Eru-
Erat cor meum verbum bo-
num, dico ego opera mea Re-
gi lingua mea calamus scribae.* Sahio do meu coraçãõ com grande impeto hũa palavra boa: eu digo a Deos as minhas obras: a minha lingua he penna de quem escreve. E que quer tudo isto dizer? Nem mais, nem menos o que eu vou dizendo. Primeramente a materia de que falla, & a que chama palavra boa, he o Psalmo quarêta & quatro, cujo prologo, ou dedicatoria a Deos, he este pri-

primeiro verso. Diz pois David, que tudo o que representa a Deos naquella sua oração, são palavras boas: *Verbum bonum*: & acrescenta, que todas lhe fahirão do coração: *Eruñtavit cor meū*, & do coração não de qualquer modo, fria, ou negligentemente, senão com grã-de impeto, & affecto, que isso quer dizer, *Eruñtavit*. E já temos que as palavras có que David orava a Deos, não só eraõ de boca, senão de boca, & de coração. Mas estas mesmas palavras boas, & fahidas do coração, quando David falla com Deos, não diz, q̃ são palavras, senão obras: *Dico ego opera mea Regi*. Pois se já lhe tinha chamado palavras, como agora lhe chama obras? Porque a minha lingua, diz elle, he penna de quem escreve: *Lingua mea calamus scribæ*. Não se poderá declarar melhor, nem mais discretamente. A penna he a lingua das mãos: & assim como a lingua da boca falla palavras, a lingua das mãos falla obras: *Dico ego opera mea*. De maneira, que ajuntando toda esta senten-

ça, que parecia tão desfahida; o que nos ensina David com o exemplo da sua oração, he, que quando oramos a Deos, não basta que as palavras sejaõ boas, & santas: *Verbum bonum*; nem basta, que quando as pronunciamos fallemos com Deos: *Dico ego opera mea Regi*; mas he necessario, que não só fayaõ da boca, senão do coração: *Eruñtavit cor meum*; nem só do coração, senão também das mãos: *Lingua mea calamus scribæ*; & que o fahirem do coração se prove com os affectos: *Eruñtavit*; & o fahirem das mãos se prove com as obras: *Opera mea*.

371. Este he o modo com que digo, ou nos diz; & ensina a Virgem Senhora Nossa, que havemos de rezar o seu Rosario: não com a boca sómente, senão com o coração, & com as mãos. E para que vejamos que o Psalmo de David, que acaba de explicar, falla com os professores do Rosario propria, & nomeadamente, leamos-lhe o titulo, ou sobretitulo, que he milagroso. O

titulo

titulo deste Psalmo quarenta & quatro na lingua Hebraica, em quel foy eferito, he *Susanim*, que quer dizer: *Pro Rosis*; para as Rosas. E querem este Psalmo com as Rosas, ou as Rosas com este Psalmo? Agora cõveremos David quando compunha os seus Psalmos; conforme a composiçaõ, & matéria delles ordenava jutamete quaes eraõ os instrumentos a que se haviaõ de cantar. Assim consta do titulo de muitos outros. E segundo este uso, dizem graves Expositores, & de grande erudiçaõ, como Mariana, & Tyrino, que a razão de dar David tal titulo a este Psalmo, foy, porque o nome do instrumento a q se havia de cantar, era dirivado de Rosas, assim como as contas por onde rezamos se chamaõ Rosario. Põde haver mayor propriedade? Pois ainda tem outra mayor. Porque a matéria, & assumpto de todo o Psalmo não allegorica, senão literalmente, como dizem todos os Doutores Catholicos, & o confessaõ os mesmos Rabinos, he hum Epitalamio, ou

poema nupcial do futuro Rey Messias, que he Christo, & da Ruinha sua Esposa, que he a Virgem Maria. A primeira parte, que começa: *Speciosus forma præ filiis hominum*; contém os mysterios do Filho de Deus feito homem: a segunda, que começa: *Adstitit Regina à dextris tuis*; contém os mesmos mysterios, em que a Mãe Santissima lhe foy sempre inseparavel companheira, & por isso communs a ambos. E porque estes mysterios sãõ os mesmos de que se compoem o Rosario, esta foy a razão porque o Psalmo, em que se profetizavaõ, se mandou tambem cantar profeticamente, não a outro instrumento, senão áquelle, que se chamava das Rosas: *Pro Rosis*.

372. O que agora resta he, que todos os devotos do Rosario se conformem com esta profecia, em o trazer, não só na boca, senão no coração, & nas mãos. A Iris, ou Arco celeste com as tres cores, mysteriosas, que nelle pintaõ, & distinguem os reflexos do Sol, já dissemos noutra

noutra occasião, que era figura do Rosario: agora nos ensina a Senhora como havemos de usar deste Arco, para que as setas de nossas orações rompaõ as nuvens, penetrem os Ceos, & firaõ o coração de Deos. Notou engenhosamente Santo Ambrosio, que o Arco celeste não foy feito para Deos atirar setas aos homens, porque no tal caso havia de ter as pontas voltadas para o Ceo; mas tem as pontas voltadas para a terra, porque foy feito para os homens atirarem setas a Deos. Porém isto não o podiaõ os homens fazer, nem no primeiro, nem no segundo estado do mundo, porque o Arco não tinha corda. E quando a teve? Quando se deu principio aos mysterios do Rosario no primeiro de todos; que foy a Encarnação do Verbo. As duas pontas do Arco eraõ a Divindade, & a Humanidade; & a uniaõ hypostatica foy a corda, que atou hũa ponta com a outra. Armado assim este fortissimo Arco, formado dos mysterios de Christo, divinos juntamente,

Tom. 5.

& humanos, que saõ os mesmos do Rosario; as setas, que saõ as orações vocaes, como se haõ de atirar? Haõse de atirar, como se atiraõ as setas. As antigas Amafonas, cujas armas eraõ arco, & aljava, para poderem atirar mais forte, & mais expeditamente as suas setas, cortavaõ os peitos direitos. Tanto importa para a força, & impulso do tiro, que entre o peito, & a mão não haja impedimento, mas se ajuntem, & unaõ. Pois assim como a seta para adquirir violência ha de sair da mão, & do peito, assim o coração, & as mãos saõ as que daõ o impulso às nossas orações, que doutro modo não teriaõ força. Mas para que buscamos semelhanças, ou exemplos estranhos? O mesmo uso Christoão, muito diverso do modo cõ que oravaõ os antigos, nos ensina praticamente estes dous preceitos, ou segredos da arte de orar. Que fazemos quando oramos, se queremos orar devota, & eficazmente? Não levantamos as mãos ao Ceo? Não as applicamos ao peito? Não, as po-

Y mos

mos sobre o coração? E se a dor, ou a necessidade, ou a devação he muita, não apertamos o mesmo coração có ellas? Pois isto que fazemos no exterior, he o que havemos de obrar interiormente quando oramos, não orando só com a boca, mas ajudando, & acompanhando as nossas orações com o coração, & com as mãos: & não só com o coração, ou só com as mãos, senão com o coração, & com as mãos juntamente. Com o coração, isto he, *Super cor*, & nos affectos, imitando a Virgem Maria quando trouxe a Christo em suas entranhas: *Beatus venter quite portavit*: & com as mãos, isto he, *Super brachium*, & nas obras, imitando a mesma Senhora quando o teve em seus braços, & a seus peitos: *Et ubera que suxisti*.

IV.

373. **I**sto he, devotos do Rosario, o que deverão fazer todos os professores deste Santissimo instituto; mas a causa de muitos o exercitarem com pouco

fruto, muito temo que seja, porque oraó só com a boca, sem coração, & sem mãos. Isto mesmo que eu tenho prégado, & pelos mesmos termos prégo o Profeta Jeremias á triste Cidade de Jerusaleem, quando chorava suas calamidades: *Consurge, Thib. lauda: (surge, ora, & obsecra, 2.º) lé o Hebreo) effunde sicut aquam cor tuum ante conspectum Domini: leva ad eum manus tuas pro anima parvulorum tuorum*. Ora, Jerusaleem, a Deos (diz o Profeta) & ora com o coração, & com as mãos, com o coração postado por terra, & com as mãos levantadas ao Ceo: *Effunde cor tuum, & leva manus tuas*: & deste modo, & nesta postura, que he a mais propria para mover as entranhas de Deos, roga a sua divina misericordia, se compadeça da miseria de teus filhos. Assim o prégo o Profeta, & o persuadio em parte, mas com pouco, ou nenhum fruto, & sem remedio. Porque? Porque ainda que faziaó sacrificios, & orações a Deos, os corações, & as mãos não estavaó com elle.

elle. Ouçamos primeiro as queixas dos corações, & logo ouviremos as das mãos.

374. *Populus hic labijs me honorat, cor autem eorum longè est à me.* Estas palavras disse antigamente Deos ao Povo de Israel por boca do Profeta Isaías, & depois as repetio Christo por sua sagrada boca ao mesmo Povo, & hoje entre os Christãos faz de nós a mesma queixa, & com mayor razão. Este Povo, diz, louvame com a boca, mas o seu coração está muito longe de mim. Quem cuidára que da boca ao coração havia tão grandes distancias! Deos está em toda a parte, & se os corações destes que louvavaõ a Deos só com a boca, estavaõ longe de Deos, onde estariaõ? *Ubi eras, cum me laudarent astra matutina, & jubilarent omnes Filij Dei?* Quando os outros que louvaõ a Deos com a boca, & com o coração estaõ entre os coros dos Anjos: *Cum quibus & nostras voces;* tu que verdadeiramente o não louvas, & só fallas com a boca, onde tens o coração? Boa pergunta

era esta para a fazerem a sy mesmos, não os devotos, mas os rezadores do Rosário. Homem, q̃ com o Padre nosso, & a Ave Maria na boca, tão divertidos trazes os pensamentos, & mais divertidos os affectos, por onde anda o teu coração no mesmo tempo? He certo, que anda lá por onde andava o filho Prodigio, pastoreando pôde ser o mesmo gado, & sem duvida outro, ou outros tão pouco limpos como elle. Quando o Prodigio sahio da casa do Pay, diz a sua historia, que foy para hũa Região muito longe: *In Regionem longinquam.* E que Região, & que longe he este? O Pay he Deos: o Prodigio são os que tem perdido, ou desperdiçado a sua graça: a Região muito longe são as Cidades, ou os desertos, ou os jardins, ou os bosques, ou os montes, ou os mares, ou os orizontes remotissimos por onde, seguindo as diversas inclinações, & affectos, trazem divertido o coração do homẽ os vicios, & peccados, que só são os longes de Deos, & infinitamẽte longes. E como

LUC. 15
13.

os corações estão tão longe ; esta he a primeira causa porque as vozes da boca não são ouvidas , & vemos tão pouco aproveitados os que assim rezão.

375. A segunda causa he, porque ainda que a boca falla , & parece que falla cõ Deos ; se o coração está lōge d'elle, tambem está mudo. Mudo, & longe, vede como será ouvido? *Quàm multi sonant voce, & corde muti sūt*: quantos ha que soão com a voz, mas com o coração estão mudos, diz Santo Agostinho. E notay que não diz o mayor Doutor da Igreja , que estes taes fallaõ com a voz , senão que soão: *Voce sonant*: entre o fallar , & o soar ha grande differença. O fallar he proprio, & natural do homem ; o soar (como balar, & mugir) dos brutos. E he lastima grande , que o rezar, & orar de muitos, por ser só de boca sem coração , seja tão alheyo de todo o racional humano, que mais se pareça com o soar dos brutos, que com o fallar dos homens. Os homens não só tem obrigação por ley da natu-

reza de fallar como homens ; mas pódem fallar como Anjos , & como Deos. Como Anjos, diz S. Paulo: *Si linguis hominum loquar, & Angelorum*: como Deos , diz S. Pedro: *Si quis loquitur quasi sermones Dei*. E ha alguns homens que sejaõ tambem obrigados a fallar como Anjos , & como Deos? Se alguns ha, são os que professão rezar o Rosario. Porque a Ave Maria pronunciada por S. Gabriel , são palavras de Anjos, & o Padre nosso composto, & ensinado por Christo, são palavras de Deos. E homens que devêrão fallar como Anjos, & como Deos, que não cheguem a fallar, sequer, como homens, porque as suas vozes são só de boca, & não de coração! Lastima he outra vez , não só grande, mas indigna da Fé, & da mesma natureza. Por isso Deos os não ouve , conclue o mesmo Santo Agostinho: & dá a razão: *Quia ad cor hominis aures Dei, sicut aures corporales ad os hominis*: porque assim como para os ouvidos dos homens se fizeram as vozes da boca, assim para

para os ouvidos de Deos, as do coração. Como o homem he corporal, & espiritual juntamente; assim como Deos lhe deu dous instrumentos de ver, que são os olhos, & o entendimento, assim o proveo também de dous instrumentos de fallar, que são a lingua, & o coração: a lingua para fallar com os homens; & o coração para fallar com Deos. Essa he a discreta energia com que David repetia a Deos o que lhe tinha ditto: *Tibi dixit cor meum*. Não diz: Eu, Senhor, vos disse; fenaõ, o meu coração vos disse: *Tibi dixit cor meum*: porque a Deos só o coração diz, & com Deos só o coração falla. E como o coração he o instrumento, & a lingua de fallar com Deos, assim como os homens só ouvem o que diz a lingua, & não entendem o que diz o coração, assim Deos só ouve o que diz o coração, & não attende ao que diz a lingua. Daqui vem, que se o coração não falla, ainda que o homem diga cento & cincoenta vezes a mesma cousa, como diz quando reza o Ro-

Tom 5.

sario; para com Deos não diz palayra, & verdadeiramente está mudo: *Voce sonant, cor de muti sunt*. E estes são os dous impedimentos certos, porque os que chamey rezadores, não são ouvidos. Húa vez, porque estão mudos, & como mudos só movem os beiços: *Populus hic labijs me honorat*: & outra vez, porque estão longe, & muito longe de Deos: *Cor autem eorum longè est à me*.

376. Alegaõ porém, ou pódem alegar os que assim rézaõ, que ainda que os seus corações estejaõ longe de Deos, porque são peccadores, & o não amão de todo coração, como devéraõ; com tudo não rézaõ sem coração. Porque nós (dizem) temos muito no coração a devação da Virgem Santissima, & seu benditto Filho, & fenaõ com todo, ao menos com muito bom coração nos recomendamos em sua graça, & esperamos seus divinos favores. Assim o entendem, & dizem: & deste seu dizer se fegue, que estes devotos do Rosario tem dous corações;

Y iij como

como aquelles de quem disse o Profeta: *In corde, & corde loquuti sunt*: hum coração que está longe, outro que está perto; hum coração mudo, outro que falla; hum coração que offende a Deos, outro que se encomenda a elle. E que direy eu a esta replica? Refere Plinio, que as pombas de Passagônia têm dous corações, & o Profeta Oseas fallando da sua terra, faz menção de pombas sem coração: *Quasi columba seducta non habens cor*. E na duvida de dous corações, eu antes quizerá homens sem coração, que com dous; porque quem não tem coração, não tem affecto; & quem tem dous corações, pôde ter affectos encontrados. Quem não tem affecto, nem obriga, nem offende: quem tem os affectos encontrados, offende, & desfaz com hum o q obriga com o outro. E taes são os affectos daquelles, q confessando tem o coração longe de Deos, dizem comtudo, que quando rézaõ, ou oraõ, o fazem com muito bom coração. Mas diganos o mesmo Deos, & ouçamos

de sua boca a resposta desta mesma instancia.

377. Primeiramente Deos que formou o homem, & lhe sabe melhor a anatomia, não admite nelle mais que hum só coração, & por isso diz: *Cor autem eorum longè est à me*. Admittindo porém a supposição dos dous corações, que os homens inventarão, distingue hum do outro, não no mesmo, senão em diferentes sугeitos, desta maneira: *In ore fatuorum cor illorum: & in corde sapientium os illorum*. Os nescios, diz Deos, tem o coração na boca, & os sabios tem a boca no coração. Não se podêra distinguir, nem declarar melhor a differença dos que oraõ de hum, & outro modo. Os que oraõ com o coração na boca, são os nescios: os que oraõ com a boca no coração, os sabios. Os primeiros, nescios; porque toda a força das suas orações está na boca, & nas palavras: os segundos, sabios; porque toda lhe sabe do coração, & toda a poem nos affectos. Por isso estas orações são as ouvidas, & aquellas não:

De-

6. *Delectare in Domino, & dabit tibi petitiones cordis tui:* Ponde os vossos affectos em Deos, & darvosha as petições do vosso coração. Do vosso coração, diz David, & não da vossa boca. Aos que oraõ, & pedem com o coração, ouve, & despacha Deos suas petições, porque os seus affectos estão nelle. Es que oraõ, & pedem só cõ a boca, fahem escusados, & sem despacho, porque os que haviaõ de ser affectos, são sómente palavras. Porque são sómente palavras; *Populus hic labijs me honorat:* & porque fahem só da boca, & não do coração: *Cor autem eorum longè est à me.*

V.

378. **T**Aõ justamente se queixa Deos de faltar às nossas orações a doce assistência do coração. Agora veremos se he igualmente justificada a sua queixa por lhe faltar a forte companhia das mãos. Quão Josué na jornada do deserto se poz em câpo contra o po-

der de Amalech, q̃ impedia aos filhos de Israel o caminho da terra de Promissaõ, subiose tambem Moyses a hũ monte, para dali encomendar o successo da batalha ao Senhor dos Exercitos, sem cujo favor não ha vitoria. Orava o grande Profeta cõ as mãos levantadas ao Ceo, as quaes porèm pezadas cõ a carga dos annos desfaleciaõ pouco a pouco, até q̃ outra vez as tornava a levantar: & aqui succedeo hum prodigio admiravel, porque neste subir, & descer das mãos de Moyses (como se ellas foraõ o compasso das armas entre hum, & outro exercito) quando se levantavaõ, prevalecia Josué contra Amalech, & quando se abaxavaõ, ou descahiaõ, prevalecia Amalech contra Josué:

Cumque levaret Moyses manus, vincebat Israel: sin autem paululum remisisset superabat Amalech. Agora pergunto: & quando as mãos de Moyses cahiaõ, afroxava elle tambem o arco da oraçaõ, & cessava totalmente de orar, ou orava menos intensamente? De nenhum modo.

Exod.
17. 11.

Sempre continuava, & perseverava na oração com a mesma efficacia, & com a mesma instancia: antes naturalmente quando via do monte prevalecer o inimigo, então orava, & implorava o soccorro de Deos com mayor aperto. Pois se na oração não havia mudança, antes crescia, & se afervorava mais ardentemente; porque não seguiaõ os effeitos as instancias da oração, senão os movimentos das mãos? Porque tanto importa que as mãos acompanhem a oração. A oração defacompanhada, & defallitida das mãos, ainda que seja a de Moyses, não consegue o q pretende, antes tem os effeitos contrarios. Vede agora que fruto se pôde esperar do Rosariõ rezado sê mãos. Mas ainda não está ponderada a mayor circumstancia do caso.

379. Quando Moyses disse a Josué, que sahisse a pelear contra Amalech, o que acrecentou, foy que elle subiria a orar ao monte, levando consigo a vara de Deos: *Egressus, pugna contra*

Amalech: cras ego stabo in vertice collis habens virgam Dei in manu mea. Isto disse Moyses a Josué, & a todo o exercito para os animar á batalha: & certamente não podia haver motivo de confiança, que mayores espiritos lhes infundisse, & mayor valor lhes metesse nos corações, pois aquella vara era a mesma, que no principio da mesma jornada tinha desbaratado, & vencido com tantos prodigios os exercitos de Faraó, & seus carros, & todo o poder do Egypto muito superior ao de Amalech. Mas quem era esta vara nomeadamente chamada no caso presente não vara de Moyses, ou Aram, senão vara de Deos: *Habens virgam Dei in manu mea?* Esta vara de Deos era a Mãe do mesmo Deos a Virgem Senhora Nossa, como o mesmo Deos depois declarou por boca de Salamão, dizendo: *Equitatus meo in curribus Pharaonis assimilavi te amica mea.* Assim entendem literalmente este Texto Ruperto, S. Boaventura, S. Pedro Damiaõ, S. Efrem, & outros

outros Padres. Pois se aquella oração não só era de Moyses, fennão assistida, & patrocinada da poderosissima protecção, & amparo da Virgem Maria; como não bastou tudo isto para que suprisse a falta das mãos de Moyses quando afroxavaõ, & defcahiaõ? Oh grande defengano, & exemplo para os que rezaõ o Rosário sem mãos! Rezaõ sem mãos, & toda a sua confiança poem em que o mesmo Rosário he da Mãe de Deos, que tudo pode: & enganaõse muito enganados. Se as mãos de Moyses não acompanhaõ a sua oração levantadas, mas a desemparaõ cahidas; por mais que tenha comigo a vara de Deos, nem Deos ouvirá a oração de Moyses, nem a vara dará vitoria a Josué, mas vencerá, & prevalecera Amalech: *Cum paulum remisisset manus superabat Amalech.*

380. E que mãos levantadas são estas, de que tanto depende a oração? S. Agostinho o disse em tres lugares: basta q̃ refiramos hum. *Per manus debemus opera ac-*

cipere: Et quis bene manus levat? Ille utique qui implet illud Apostoli, levantes manus puras. Assim como no coração dissemos que se entendem os affectos; assim nas mãos (diz o Santo) se entendem as obras. E que obras? Aquellas das quaes diz o Apostolo S. Paulo que quando oramos a Deos, levantemos as mãos puras. Supposto que Santo Agostinho se refere, & nos remette a S. Paulo, fuy buscar o texto, que he da primeira Epistola a Timotheo; & confesso que quando o li, fiquei tremendo. Oh quantos são os que rezaõ o Rosário, & quam poucos os que orão a Deos como devem! Exorta ali S. Paulo a todos, assim homens como mulheres (huns, & outros nomeadamente) que fação instante oração a Deos com as mãos levantadas, advertindo porêm, & recomendando muito, que sejam puras: *Levantes puras manus.* E para serem puras as mãos dos que orão, que será necessario? Não declara o Apostolo o que he necessario para serem puras,

mas declara muito expressamente o que basta para o não serem. Isto he o que me fez tremer, & deve confundir a todos os que por ventura tem em muy differente conta as suas contas. Vay o Texto: *Volo ergo viros orare in omni loco levantes puras manus sine ira, & disceptatione. Similiter & mulieres in habitu ornato cum verecundia, & sobrietate ornantes se, & non in tortis crinibus, aut auro, aut margaritis, vel veste pretiosa; sed quod decet mulieres promittentes pietatem per opera bona.* Quero (diz S. Paulo, & eu vou construindo as suas palayras húa por húa ao pé da letra) quero que os homens orem em todo o lugar sem ira, nem contenda: & que do mesmo modo orem as molheres vestidas honestamente, & com sobriedade: (o *cum verecundia*, entendaõ-no em Latim) & que não usem de cabellos torcidos com artificio, nem de ouro, nem de joyas, nem de vestiduras preciosas, como he decente a molheres que promettem piedade, & boas obras. Pois isto he,

ibid. 8.
9. 10.

Apostolo sagrado, cuja pena quando escrevia era movida, & governada pelo Espirito Santor: isto he o que basta para as mãos que acompanhaõ a oraçaõ não serem puras? Isto, & não diz mais. Eu cuidava que fallando S. Paulo dos homens, trouxesse aqui os homicidios, os roubos, os adulterios, & os outros peccados da primeira plana, & só falla na ira, nas contendas, & emulações que pôde haver sobre os lugares. E estes só defeitos, posto que tão ordinarios, & que no conceito commun do mundo offendem levemente a humildade, & caridade; estes diz que bastaõ para impedir os effeitos da oraçaõ, & para que sejaõ impuras nos olhos de Deos as mãos que levantamos ao Ceo quando assim oramos. Tambem cuidava, que fallando nas molheres, trouxesse outros desmañchos de mayor escandalo, & mais alheys da fogueiãõ, & recolhimento daquelle estado, & só falla nas galas, no ouro, nas joyas, & nos enfeites da cabeça. E posto que estes

estes cuidados, como o mesmo Apostolo diz, não promettao muito sizo, nem muita piedade, & o uso lhes tem concedido taes privilegios, que mais escrupulos causaõ à enveja, que à consciencia; com tudo torna a insistir S. Paulo com a mesma asseveraçaõ, que as mãos que nestas vaidades se occupaõ, verdadeiramente são impuras, & que as oraçoẽs que pretendem subir ao Ceo offerecidas por taes mãos, de nenhum modo chegaõ lá; nem as admite Deos. Vem já agora cada hum, & cada hũa das que rezaõ o Rosário, se são mais puras, & innocentes as mãos por onde o passaõ todos os dias.

381. E se estas impurezas de mãos; que parecem veniaes; tanto offendem a Deos, & o desagradaõ, que serão as de outro pezo tão differente que S. Paulo não nomeou, nem ellas tem nome! Ouçamos aos dous Prophetas mayores David, & Isaias, que com vozes ao parecer encontradas maravilhosamente apertaõ este ponto, & apuraõ esta impureza.

David o que desejava, & pedia para a sua oraçaõ, he que ella subisse ao conspecto divino como incenso: *Dirigatur Domine oratio mea sicut incensum in conspectu tuo.* ^{*Psalms. 140. 2.*} Pelo contrario Isaias em nome do mesmo Deos protestava, que o incenso para elle era abominaçaõ: *Incensum abominatio est mihi.* ^{*Isai. 1. 13.*} Pois se

David, para que a sua oraçaõ fosse agradável a Deos, desejava que subisse como incenso; como diz Isaias, que o incenso, que se offercia a Deos, lhe era abominavel. Ainda creyo que não percebeis perfeitamente a energia, & força de hum & outro ditto; porque poucos estareis bem informados de qual era o incenso de que ambos fallaõ. Aquelle incenso não era o que entre nós tem o mesmo nome, & na lingua Latina se chama *thus*: mas era hũa confeiçaõ preciosissima de todas as especies aromaticas mais exquisitas, a qual ardia, & se exhalava em suavissimos vapores diante de Deos, & no altar chamado dos Thymiamas se queimava, & offercia

recia por mãos dos Sacerdotes. Pois se este Thymiam (o qual também tinha sido instituido por Deos com clausula de que no seu Templo fosse Rito sempiterno) se era, digo, de tanto preço, de tanta suavidade, & fragancia, & tão aceito, & agradável à Divina Magestade, que não desejava David outra mayor aceitação para suas orações; porque o detestava Deos, & abominava com tal extremo, que não só lhe chama abominavel, senão a mesma abominação: *Incensum abominatio est mihi?* Não dissemos já que este incenso, ou Thymiam era offerecido por mãos dos Ministros do Templo? Pois esta era a causa de Deos o abominar tanto. Estes Ministros no tempo de Isaias eraõ homens de muito má vida, avarentos, ambiciosos, soberbos, hypocritas, sacrilegos. E posto que as especies aromaticas, de que era composto o incenso, fossem muito cheirosas em sy, & de grande suavidade, com tudo eraõ aborrecidas, & abominadas de Deos, por-

que lhe cheiravaõ ás mãos dos que as offereciaõ. Não basta que os Thymiamas, os incensos, & as orações sejaõ por sy mesmas muito gratas a Deos, se as mãos que as offerecem forem viciosas, inficionadas, & impuras. *Sicut in coronis non satis est flores esse puros, nisi pura sit & manus eos contexens:* diz S. João Chrysostomo. E isto he o que acontece ás orações do Rosario, posto que as suas Rosas sejaõ do cheiro mais celestial, & divino. As especies de que se cõpoem a confeição do Rosario são aquellas q nomea, & de q se nomea mesma Senhora: *Sicut Cinnamonum, & balsamum aromatizans odorem dedi: quasi myrrha electa dedi suavitatem odoris.* O Cinamomo são os mysterios gozofos, a mirra os dolorofos, o balsamo os gloriosos; & sendo este Thymiam o mais precioso, & odorifero que pode inventar a sabedoria divina, se com tudo for offerecido a Deos por mãos inficionadas com vicios, & peccados, de nenhum modo lhe será aceito, & agradável, senão abor-

recido,

recido, & abominado, porque cheirará ás mãos que o offerecêrao.

382. E porque a metáfora do incenso, ou Thymia-
ma não faça duvida, o mes-
mo Deos no mesmo lugar se
declarou, como se fallára
commosco pelo proprio, &
expresso nome de orações,
& pelo proprio, & expresso
de mãos inficionadas. *Cum
extenderitis manus vestras,*
avertam oculos meos à vobis:
& cum multiplicaveritis ora-
tionem, non exaudiam: Quan-
do levantardes as mãos a
mim, diz Deos, eu volta-
rey o rosto, & apartarey os
olhos de vós: & quando me
fizerdes as vossas orações,
por mais que as multipli-
queis, não vos hey de ouvir.
É porque causa, Senhor, ou
porque causas (que não po-
dem deixar de ser muitas,
& grandes) hum rigor tão
extraordinario, & tão alheyo
de vossa piedade infinita?

*Manus enim vestrae sanguine
plena sunt:* porque as vossas
mãos estão cheas de sangue.
Acaba de dizer que não ha
de ouvir suas orações, &
não poem o defeito nas ora-

ções, senão nas mãos. Não
porque as vossas orações não
sejaõ boas, piãs, & santas;
mas porque as vossas mãos
estão contaminadas de suas
próprias obras, & cheas de
sangue. Vejaõ agora lá mui-
tos dos que trazem o Rosa-
rio nas mãos, & os mais po-
derosos (se he que o ré-
zaõ) & olhando para as suas
mãos, examinem bem se
póde Deos formar contra el-
las hum semelhante libello:
*Manus enim vestrae sanguine
plena sunt:* porque as vos-
sas mãos estão cheas de san-
gue. E de que sangue? Do
sangue da vingança publica,
ou secreta: do sangue que
derramou a espada, ou a pen-
na: do sangue que ainda vi-
ve dentro nas veas, & já
está destinado a correr del-
las: do sangue dos pobres,
do sangue dos innocentes,
do sangue dos que não têm
quem os defenda: do sangue
de tantos Martyres quantos
a vossa potencia, quantos a
vossa soberba, quantos a vos-
sa cubica, quantos a vossa
crueldade, quantos a vossa
pouca fé em commum, &
em particular tem tyrani-
zado,

zado, & tyraniza. E cuy-
dais que o Rosario, ou reza-
do, ou trazido em taes mãos
vos pode salvar? Enganaif-
vos: que por isso falla Deos
de taes oraçoẽs, quaes são no
uso, & modo de se rezarem
as do Rosario sómente, &
nenhúas outras. Notay as
palavras. *Cum multiplicave-
ritis orationem*: quando mul-
tiplicardes a oração. Nem a
Igreja antiga multiplicava,
nem na Igreja presente se
multiplica a mesma oração,
porque se não repete muitas
vezes a mesma, mas sempre
se varia. Os Psalmos anti-
gamente todos eraõ diver-
sos, & as orações hoje tam-
bem são diversas, & só no
Rosario se multiplica a mes-
ma oração cento & cincoen-
ta vezes: *Cum multiplicave-
ritis orationem*. Assim que
resumindo, & atando os dous
discursos que dividi, ambos
se unem com mayor força
com o primeiro, & todos
tres nos tem provado o que
a Máy de Deos nos ensina
com seu exemplo: que o seu
Rosario não se ha de rezar
só com a boca, senão com o
coração, & com as mãos.

Com o coração, assim como
a mesma Senhora trouxe a
Christo nas suas entranhas:
*Beatus venter qui te porta-
vit*: & com as mãos, as-
sim como o trouxe nas suas,
& a seus peitos: *& ubera
quæ suxisti*.

V I.

383. **S**O me podem dizer
(& acabo com fa-
tisfazer a esta duvida) só
me podem dizer os interes-
sados, ou empenhados na
devação do Rosario, que pa-
rece rigurosa, & dura con-
dição esta para os que o ou-
verem de rezar como de-
vem. Para ir ao Ceo, não
nos pede Deos mais que a
pureza do coração, & das
mãos. Assim o mandou a-
pregoar o mesmo Deos, &
fixar este seu decreto uni-
versal em todas as quatro
partes do mundo. *Domini*
est terra, & plenitudo ejus,
orbis terrarum, & universi
qui habitant in eo. Este he
o principio, & a prefacão
do decreto. Logo pergunta
quem são aquelles que da
terra haõ de subir ao Ceo,
& per-

& permanecer lá eternamente: *Quis ascendet in montem Domini, aut quis stabit in loco sancto ejus?* E responde o mesmo Deos sem exceição de pessoa, nem de estado; que só haõ de subir ao Ceo aquelles que tiverem o coração limpo, & as mãos innocentes: *Immacens manibus, & mundo corde.* Logo segundo o que temos dito, tanto se requiere para rezar bem o Rosário, como para ir ao Ceo? Primeiramente naõ he muito q se requiera tanto para subir pela escada, como para entrar pela porta: antes o entrar he o facil, & o subir o difficultoso: & por isso diz o decreto: *Quis ascendet?* Mas disto mesmo se colhe qual he a dignidade do Rosário. Para receber o Santissimo Sacramento, que se requiere? Estar em graça. E para ir ao Ceo, requere-se mais algũa cousa? Nenhũa. Grande he logo a dignidade daquelle altissimo Sacramento, que tanto se requiere para o receber, como para ir ao Ceo. E isto mesmo he o que devem inferir os devotos do Rosário quando lhe

prégamos que para o rezarem como convem, he necessaria a pureza do coração, & a innocencia das mãos. Naõ he condição dura, fenaõ sublime; naõ he dura, fenaõ admiravel; naõ he dura, fenaõ celestiaõ, & divina. E tanto mais divina quanto comparada. Pureza de coração, & innocencia de mãos para subir ao Ceo: pureza de coração, & innocencia de mãos para receber o Santissimo Sacramento: pureza de coração, & innocencia de mãos para rezar como convem o Rosário: *Immacens manibus, & mundo corde.*

384. Seja esta a primeira reposta em louvor grande do Rosário; mas a segunda em igual confusão dos q sem esta disposição o rézaõ, he, que o seu rezar naõ he rezar, nem o seu Rosário Rosário, fenaõ hum dolo, hum engano, & hũa mera, & expressa contradição de tudo quanto dizem a Deos, ou imaginaõ que dizem. *Exaudi Domine justitiam meam, intende deprecationem meam: auribus percipe orationem meam non in labijs dolosis.* Ouvi Senhor

Senhor a minha justiça, attendey às petições que vos faço, percebey a minha oração, porque a minha boca não vos falla com engano. Estas palavras são de David, nas quaes suppoem que ha orações justas, & orações injustas; orações que ouve Deos, & orações que não ouve; orações a que attende, & orações a que não attende; orações que percebe, & orações que não percebe. E para que Deos ouça, & attenda, & perceba a sua oração como justa, o que alega, & representa, he, que ainda que ora com a boca, não falla com dolo, nem com engano: *Non in labijs dolosis*. Pois a Deos que tudo vé, que tudo sabe, que nada se lhe pôde encobrir, nem dissimular, alega David que a oração da sua boca não tem dolo, nem engano? Sim: porque muitas oraçoens, que saem da boca, se são só da boca, vão cheas de dolos, & de enganos, com que queremos, ou cuidamos, que enganamos a Deos, & tão encontradas som o que oramos, & pe-

dimos, que o mesmo Deos as não percebe. Tal he o Rosario rezado só com a boca, sem coração, & sem mãos: sem affectos, & sem obras. E senão vedeo.

385. No Padre nosso nomeamos a Deos como Pay: *Pater noster qui es in Calis*, na Ave Maria, nomeamolo como Senhor: *Ave gratia plena, dominus tecum*: & se a estes nomes de Pay, & Senhor não responde o coração, & as mãos; o coração amando-o como Pay, & as mãos fervendo-o como Senhor, tudo he dolo, & engano. Ouvi a Deos pelo Profeta Malachias. *Filius honorat patrem, & servus Dominum suum: si ergo Pater ego sum, ubi est honor meus? Et si Dominus Ego sum, ubi est timor meus?* O filho honra ao Pay, & o servo ao Senhor: & se eu sou Pay, diz Deos, onde está o meu amor? Se eu sou Senhor, onde está o meu temor? Logo se eu sou Pay, & não me amais, & eu sou Senhor, & não me servis; dolo, & engano he o chamarme Pay, dolo, & engano he o chamarme

mar-me Senhor: *in labijs dolos*. E se no Rosário rezado só da boca se achão estes dolos, não considerando os nomes com que nelle invocamos a Deos; que será discorrendo pelas palavras verdadeiramente dolosas có que affectamos desejar sua gloria, & muito mais naquellas, com que lhe pedimos, que nos dé, o que não aceitamos, nem queremos. Não he dolo dizer: *Sāctificetur nomen tuum*; quando tantos tomaõ seu São nome na boca temeraria, & perjura, & muitos o blasfemaõ impiamente? Não he dolo dizer: *Adveniat Regnum tuum*; quando tantos se alistaõ, & servem debayxo das bandeiras do Demonio, & acrescentaõ vassallos, & escravos ao Rcyno das trevas? Não he dolo dizer: *Fiat voluntas tua sicut in Celo, & in terra*; quando tantos, & quasi todos não trataõ mais, que de fazer a propria vontade na terra, & por hum momento de gosto falso, & torpe se condenaõ a perder o Ceo por toda a eternidade? Desta maneira,

como se poderamos enganar a Deos, fingimos com a boca desejar sua gloria, & honra, quando naõ só a naõ desejamos, nem procuramos; mas como se naõ fora do Deos, que nos criou, & remio, a desprezamos, & por tantos, & tam insolentes modos lhe antepomos a nossa. E que direy do que pedimos para nós, em que os dolos, & enganos, saõ ainda mais palpaveis, & manifestos? Pede a necessidade o paõ nosso de cada dia: & que Fé ha tam comedida que se fie da Providencia cotidiana de Deos, & naõ deseje, & ajunte paõ para mais dias, & annos do que ha de viver: ou que cobiça taõ moderada, que o paõ que chama nosso, o naõ misture, & amasse com o alheyo? Pede o Vingativo a Deos q̃ lhe perdoe assim como elle perdoa: & se Deos o fizer assim, lhe tirará logo a vida, & o meterá no inferno, onde elle meteria se podesse os que tem por ininigos. & os persegue, & abate, & mette debayxo dos pés em tudo quanto pôde. Pede o desho- nesto, que Deos o naõ deixe

cair em tentação : & elle he o tentador que busca, sollicita, & compra as tentações, não duvidando perder por ellas a faude , arriscar a vida, & dar de contado a graça ; que val mais que a mesma gloria. Finalmente pede a Deos que o livre daquelle mal que só he mal , & todo o mal , porque nos priva do summo bem : & elle está tão fóra de se querer livrar , que estima mais o cativo que a liberdade , & por se deixar estar cativo , & escravo do peccado , renuncia o resgate que o mesmo Deos offende do lhe offerece , sendo o preço infinito de seu Sangue. Este he o modo com que rézaõ o Rosario os que rézaõ sem pureza de coração , nem innocencia de mãos , & sómente com a boca chea de dolos , & enganos : *In labijs dolosis* : & por isso mais dignos de ser aborrecidos, abominados , & castigados por Deos , que de ser ouvidos.

386. Seja logo a conclusão de tudo para os que se achão neste estado, o conselho , & inspiração do Espirito Santo por boca de Jere-

mias: *Scrutemur vias nostras, & queramus, & revertamur ad Dominum.* *Thre 3.40*

Examinemos nossas consciencias, busquemos a Deos, & convertamos a elle : supra a contrição o que atêgora tem faltado á vida ; & com esta resolução digna de toda a Alma christãa , & que tem fê ; que se conseguirá neste mesmo instante? Consegui-seha, acrescenta o Profeta, que por este modo não só serão as nossas orações de boca , senão de coração , & de mãos : *Leve-* *ibid 41.*

mus corda nostra cum manibus ad Dominum. E os que por merce de Deos se acharem com esta mesma disposição , continuem , & perseverem nella, porque como bem diz S. Gregorio Nazianzeno , em nenhũa occupação se podem empregar nossos corações , & nossas mãos, nem melhor , nem mais util, nem mais necessaria que em acompanhar as preces, & orações, com q̃ recomendamos nossas Almas a Deos , & lhe pedimos sua graça :

Non opus est manuum melius quam tendere calo
Castas & toto jungere corde preces. Mas

Mas o principal motivo de todos seja conformaremse os devotos do Rosario com o exemplo da soberana instituidora delle, assim cõ o coração como as mãos: com o coração, imitando a mesma

Senhora em quanto trouxe ao Filho de Deos em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit*: & com as mãos, em quanto o teve nas suas, & a seus peitos: *Et ubera que suxisti.*





SERMAM XI.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO
exposto.

Extollens vocem quadam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit, & ubera quæ suxisti. Luc. II;

I.

387.



Aõ he cousa nova no mudo, posto q lastimosa, q homens Letrados, & Religiosos degenerassem em Hereges. Taes foraõ antigamente Pelagio, & modernamente Luther: hum, & outro Letrados de fama, hum, & outro Religiosos de profissãõ, & ambos Heresiarcas, impijssimos. E se das Escolas, & Claustros da Igreja Catholica saem monstros taõ horrendos, naõ he mara-

vilha que na Synagoga Judaica, & na historia do presente Evangelho os vejamos semelhantes. Os Escribas eraõ os Letrados da Ley, os Fariseos eraõ os Religiosos daquelle tempo, & huns, & outros se declaráraõ taõ blasfemamente hereticos no milagre do Demonio mudo, que em hũa sô proposiçaõ negáraõ a Christo a Divindade em quanto Deos, & a Santidade em quanto homem. Disseraõ, & ensináraõ publicamente aos que se admiravaõ do milagre, que era falso, & apparente, & que Christo lançava os Demo-

Deimonios dos corpos com poder do Príncipe dos Demônios: *In Beelzebub Principe demoniorum ejicit demonia*. Em dizerem que o brava com poder alheio, negavaõlhe a Omnipotencia; & em julgarem que esse poder era recebido do Demônio, negavaõlhe a Santidade: & a quem? Aquelle mesmo Senhor, a quem os mesmos Demônios confessavaõ por Deos, & por Santo: *Scio qui sis, Sanctus Dei*. Convictos porẽm neste famoso Acto da Fé, & saindo Escribas, & Fariseos todos com mordagas na boca, emmudecidos pelas razoes com que Christo juntamente Mestre, & Juiz lhes confutou, & condenou as blasfemias; levantou a voz hũa molher acclamando a victoria da Fé, & dando todo o louvor á Mãe de tão glorioso Filho: *Beatus venter qui te portavit, & ubera quæ suxisti*.

388. Para Expofitor, & interprete deste intigne texto, & seus mysterios elegéo a Igreja entre todos os Doutores, sagrados ao Venera-

vel Béda; o qual diz duas cousas notaveis. A primeira, que esta molher do Evangelho foi figura da Igreja Catholica, que nella se representava: *Cujus hæc mulier typum gessit*. E a experiencia tem mostrado a verdade, & propriedade desta exposiçaõ; pois tomando a Igreja da boca da mesma molher estas mesmas palavras, não só as authoriza como suas; mas as repete, canta, & celebra como divinas em todas as solennidades da Virgem Senhora Nossa, & com particular eleiçaõ as applica ao dia do seu Rosário. A segunda cousa, & mais notavel ainda, que diz o mesmo Béda, he, que nas mesmas palavras, nas quaes se contêm os primeiros mysterios do Rosário sómente (como faõ os da Infancia de Christo, *venter qui te portavit, & ubera quæ suxisti*) não só estaõ refutadas, & vencidas as heregias, & blasfemias dos Escribas, & Fariseos (que eraõ os Hereges presentes) senão tambem, & com a mesma evidencia as de todos os Hereges futu-

ros : *Scribis , & Phariseis Dominum tentantibus , & blasphemantibus , tanta ejus incarnationem præ omnibus sinceritate cognoscit , tanta fiducia confitetur , ut & presentium Procerum calumniam , & futurorum confundat Hereticorum perfidiam.*

389. Isto supposto, que he tudo o que atégora nos tem ensinado a Igreja, eu insistindo na verdade catholica da mesma doutrina, & não me apartando hum ponto da authoridade della (que he na terra a do Ceo) o que determino dizer hoje, he muito mais. Se a verdade do mysterio da Encarnação, que he hum só dos quinze do Rosario, bastou para refutar os Hereges de Judéa, & os que depois delles impugnárao o mesmo mysterio; o que acresceto, & digo de novo, he, que todos os mysterios, & orações de que se compoem o Rosario juntos, não só refutaõ, & convencem as heregias de Judéa, senão as de todo o mundo: nem só as dos Escribas, & Fariseos, senão as de todos os Heresiarcas, &

seus sequazes: nem só as daquelle tempo, & do futuro, senão as do futuro, as do presente, & as do passado. Desorte que examindas não em cõmun sõmente, senão tambem em particular todas as heregias; todas as blasfemias; todos os erros de todas as seitas, de todas as idades, de todas as terras, de todas as nações, & de todos os infieis do mundo, todas no Rosario estão detestadas, todas no Rosario condenadas, todas no Rosario confundidas, & todas no Rosario anathematizadas.

390. Isto he o que hey de prégár hoje. E agora Senhor, me dou eu o parabem de que vossa infinita Magestade patente nesse Trono visível se dignasse de divinizar com sua Real presença a solennidade deste grande dia: & agora reconheço a justa razão, & correspondencia com que o mysterio por antenomazia da Fé desce do Ceo a honrar os do Rosario. Não podia faltar a maior, & melhor parte a este todo, de que o Divinissimo Sacra-

men-

mento tambem he parte. Nefse Divinissimo Sacramêto adora a nossa Fé o maior mysterio della , nõ Rosário reconhece, & confessa todos. Nefse Divinissimo Sacramêto condena a quantos hereges o negão , no Rosário a nenhum perdoa , nem ainda aos que se não atrevêraõ ao negar. No Sacramento detestamos hũa heregia nova, no Rosário as novas , & as antigas: no Sacramento em fim hũa heregia, & no Rosário todas as heregias. Sendo pois o Rosário a maior, & mais universal protestaçaõ da Fé, & o mysterio da Fé a fonte de toda a graça ; não nos poderá faltar com a graça a mesma Senhora, de quem a mesma fonte teve seu nascimento. *Ave Maria.*

391. Hũa das mais notáveis prerogativas , ou a mais notavel, & a maior que a Igreja Catholica reconhece , & celebra na Virgem Santissima Senhora Nossa; & de que lhe dá o parabem, he aquella famosa antifona : *Gaude Maria Virgo, cunctas*

hereses sola interemisti in universo mundo. Quer dizer. Alegraivos Virgem Maria ; porque vòs só degollastes em todo o mundo todas as heregias. O louvor que encerraõ estas palavras , não pôde ser maior ; mas a difficuldade dellas tambem he grande. Primeiramente São Pedro pelejou contra Simão Mago ; que foi o primeiro Herefiarca da Igreja , & o derrubou das nuvens, & com os pés quebrados o postrou aos seus nos olhos de toda Roma. São Ioaõ Evangelista pelejou contra Ebion , & Cerintho , contra os quaes principalmente escreveu o seu Evangelho. São Paulo não só a hum , ou a poucos hereges ; mas a todos os de seu tempo confundio ; aniquilou, & fez em cinza cõ tantos rayos quantas foraõ as suas Epistolas. Depois dos Apostolos estas foraõ as batalhas, & as vitórias dos fortissimos Antigontistas de todos os Herefiarcas, os Ignacios, os Policarpas, os Irineos, os Justinos, os Lactancios, os Epifanios, os Athanasios, os Jeronimos ;

os Agostinhos. Como diz logo, & canta a Igreja que a que degollou as heregias, foi a Virgem Senhora Nossa, & ella só, *Sola*? Mais: Estas heregias não foraõ todas, nem de todo o mundo; porque todas nasceraõ na Grecia, & na Italia, donde se estenderaõ por algũas provincias da Africa, & da Europa: & ainda não tinhaõ sahido do Inferno os Erasmos, os Lutheros, os Calvinos, & tantos outros monstros, em cujas heregias está ardendo hoje a França, a Hollanda, a Inglaterra, a Alemanha, a Dinamarca, & a Suecia, & todo o Setentrião enregelado, & duro. Pois se ainda vivem, & crescem, & nascem no mundo tantas heregias, como as degollou a Virgem Maria, & as matou todas: *Cunctas hæreses interemisti in universo mundo?*

Quar. in
3. part.
tom. 2.
disput.
19. sect.
1. Cornelius
in cap.
3. Genes.
v. 15.

392. Trataraõ esta questaõ dous famosos Autores do nosso Seculo, entre os Theologos Soares, & entre os Escriiturarios A Lapide. E que he o que dizem? O Padre Soares responde

que degollou a Senhora todas as heregias, porque foi Mãe de Christo, que he a luz que allumia a todos os homens, & porque depois de Christo foi mestra da Fé, & dos Apostolos, & porque he singular protectora de todos os que a defendem. Mas esta reposta posto que verdadeira, & solida no que diz, bem se vê que não satisfaz inteiramente á difficuldade proposta, nem enche os vazios de tamanha prerogativa. O Padre A Lapide mais a confirma com a Escriitura do que dá a razã della. Diz que aqui se comprio a sentença fulminada por Deos contra a Serpente de que húa molher lhe quebraria a cabeça: & que esta molher he a Virgem Maria, a Serpente o Demonio, & a cabeça da Serpente todas as heregias: *Beata Maria contrivit serpentem, quia illa fuit semper plena, & gloriosa vindex diaboli, omnesq. hæreses (quæ caput sunt serpentis) in universo mundo contrivit, ut canit Ecclesia.*

393. Que na cabeça da serpente se entendaõ todas

as heregias, bem ditto está, porque todas sahiraõ daquelle astuta, inimiga, & venenosa cabeça. Atlim o affirmaçõ Santo Agostinho, São Joaõ Chrysostomo, Santo Athanasio, & primeiro que todos Santo Irineo; o qual acrescenta que todos os Heresiarcas tiveraõ Demonios familiares, que eraõ os seus mestres, & lhes ensinavaõ os erros que haviaõ de semear. E esta verdade he tão certa, que os mesmos Heresiarcas, & os mesmos Demonios a confessãõ. Luthero o maior Heresiarca do seculo passado em o Livro que intitulou de Missa Angulari confessa, ou se gaba de que elle, & o Demonio eraõ tão amigos, & raõ familiares na conversaçãõ, & namefa, que tinhaõ comido juntos mais de meyo alqueire de sal: *Diabolum, & se inter se mutuo familiariter nosse, & plus uno salis modio simul comedisse*. E dos Demonios refere Cassiano na collaçãõ septima, que em sua presença, & na de outros Religiosos confessára publica, & declaradamente

hum Demonio, que a heregia de Arrio, & de Eunomio elle lha inspirara: *Audivimus apertissime confitem se inspirasse hæresim Arrij, & Eunomij*.

394. Finalmente sem fair do caso em que estamos, delle consta quem foi o primeiro Heresiarca, & quaes os primeiros hereges. O primeiro Heresiarca foi o Demonio, os primeiros hereges foraõ Adaõ, & Eva. O Demonio foi o primeiro Heresiarca, porque tendo Deos ditto a Adam, & Eva que no dia em que comessem do fructo vedado, morreriaõ: *In quocumq; die comederis, morte morieris*: contra esta proposiçãõ, que por ser de Deos, era de Fé, o Demonio pronunciou, & ensinou a contraditoria em que consiste a heregia, dizendo que de nenhum modo morreriaõ: *Nequaquam. morte moriemini*. E Adaõ, & Eva foraõ os primeiros hereges; porque ambos naõ so duvidaraõ da palavra divina (o que bastava) mas ambos creraõ mais ao Demonio que a Deos, ambos perdêraõ a Fé, como

August.
lib. 11.
de Gen.
ad lite-
ram c. 1.
Or. 24.
Or. lib.
14. eruit
cap. 7.
Iam
docent
S. Igna-
tius ad
Trallia-
nos, Ir-
neus lib
3. cap.
37. Hi-
lar. in
Matth.
3. Epi-
phan.
Heres.
39. Am-
bros. Cy-
rill. &c.

como prova Santo Agosti-
nho; & ambos foraõ reos, &
complices no primeiro cri-
me da heregia. E como a
sentença fulminada contra a
serpente assentava sobre estas
culpas, & tanto em castigo
da presente heregia (de que
fôra o primeiro dogmatista)
como em presagio de todas
as futuras, que na sua cabeça
se haviaõ de maquinar, &
della haviaõ de sair; bem se
segue que a molher, que lhe
havia de quebrar a mesma
cabeça, era a que havia de
destruir todas as heregias.
Mas ainda que esta exposi-
ção do texto declara o ver-
dadeiro sentido da profecia,
naõ concorda porẽm com o
comprimento della, nem cõ
o que canta a Igreja; porque
a profecia diz, *Conteret*; & a
Igreja diz, *Interemisti* a pro-
fecia falla do futuro, & que
se havia de comprir, & a
Igreja falla do passado, &
que de presente já está com-
prido. E se já está comprido
que a Virgem Maria, & só
ella degollou todas as here-
gias do mundo: *Cunctas hæ-
reses sola interemisti in univer-
so mundo*; como se verifica

esta verdade taõ decantada
da Igreja, & quando, ou de
que modo obrou a Virgem
Senhora Nossa esta taõ uni-
versal, & taõ prodigiosa fa-
zanha?

395. Respondo que af-
sim he como o affirma a
Igreja Catholica, cuja ver-
dade naõ pôde faltar: & q
o modo, ou instrumento cõ
que a Virgem Maria degol-
lou todas as heregias, foi o
seu Rosario. E porque o Ro-
sario he sómente seu, ella só
foi a que as degollou quan-
do o instituhio: *Cunctas hæ-
reses sola interemisti in uni-
verso mundo*. Quando a Se-
nhora instituhio o seu Ro-
sario, & o seu primeiro Pré-
gador o Patriarca Saõ Do-
mingos o começou a publi-
car pelo mundo, referindo
o Papa Gregorio Nono os
effeitos maravilhosos da sua
prégação, diz na Bulla da
canonização do mesmo San-
to estas grandes, & pondero-
sas palavras: *Dominico sagi-
tante delicias carnis, & ful-
gurante mentes lapideas im-
piorum, omnis hereticorum
secta contremuit*. Como se
a prégação de Domingos
fosse

Gr eg
IX.
Bulla
Cano
Lat.
Dom
nici.

fosse hum arco que despedisse settas contra os corações de carne; & como se a sua voz fosse hū trovaô do Ceo, que fulminasse rayos contra os entendimentos de pedra, assim fez tremer as Seytas de todos os hereges: *Omnis hereticorum Secta cōtremuit*. Mas se as Seytas dos hereges tremêraô, também a Igreja Occidental tinha tremido, diz o Beato Alano de Rupe, vendo a força, & progressos com que as mesmas heregias se hiaô estendendo, & abrazando a Europa: *Hic verò intremuit Ecclesia Occidentalis, talium adhuc inexperta malorum*. Não houve meyo que a Igreja não intentasse para apagar, ou atalhar este incendio; porêem todos debalde: *Non arma, non doctrina deerant, deerat oratio*: não faltava a doutrina sãa dos Theologos, não faltavaô também as armas dos Principes Catholicos, mas faltava a oração. Trouxe-a finalmente do Ceo a Rainha dos Anjos, ensinando a do seu Rosário: & tanto que o Rosário se introduzio no mundo, cresecô a o-

ração, & desfallecêo a heresia: *Prædicandi ac orandi Rosarium, ut in usum venit, crevit oratio, decrevit heresis*.

396. Só na Lombardia converteo São Domingos por meyo do Rosário mais de cem mil hereges Albigenes. Mas que tem que ver (torna agora a mesma duvida não já absolutamente, senão sobre o Rosário) que tem que ver os Albigenes com todos os hereges: É que proporção tem a Lombardia com todo o mundo? De que modo logo se pôde, ou ha de entender que por meyo do Rosário degollou, & matou a Virgem Senhora Nossa todas as heregias do mundo? Digo que o Rosário propria, & verdadeiramente mata todas as heregias, pelo modo proprio, & verdadeiro com que a heresia mata a Fé, & a Fé mata a heresia. De que modo se mataô entre si a heresia, & a Fé? A Fé, & a heresia são actos do entendimento com que cremos, ou negamos o mysterio, & verdade que se nos propoem:

& nesta contrariedade , ou guerra dos entêdimentos he q a Fé pôde matar a heresia, ou a heresia pôde matar a Fé. Se a heresia nega o que cre & confessa a Fé , mata a heresia a Fé : se a Fé cre, & confessa o que nega a heresia , mata a Fé a heresia : & deste modo por meyo do seu Rosario matou a Virgem Senhora Nossa todas as heresias ; porque tudo o que todas as heresias do mundo negaõ , he o que se cre, & confessa no Rosario. Desorte que para o Rosario matar todas as heresias, não he necessario que converta , & convença os hereses , & mate as heresias nelles ; mas basta que as deteste , & as mate em sy mesmo.

397. Excelente, & admiravel prova , & quanto se podia desejar adequada. Antes de Christo vir ao mundo havia entre os Judéos , & os Gentios a mesma opposição , & contrariedade que hoje ha entre os Catholicos , & hereses : & porque Christo Senhor Nosso (por isso chamado Principe da paz) quiz por meyo da sua Fé a-

cabar esta guerra , & fazer de ambos os Povos Judaico , & Gentilico hum só Povo : *Qui fecit utraq; unum.* O mesmo S. Paulo, de quem saõ estas palavras, diz que Christo matou aquellas inimizades em si mesmo : *Interficiens inimicitias in semetipso, ut duos condat in unum , & reconciliet ambos.* Mas quando fez Christo esta uniaõ , & esta reconciliação dos dous Povos inimigos , & quando matou estas inimizades ? Matou-as nos ultimos annos de sua vida quando instituhio a Ley nova , na qual não ha distincão de Judéo , & Gentio : *Non est distinctio Judæi, & Græci.* Agora entra a grãde duvida. Pois se Christo ha mil & seis centos annos que matou as inimizades q havia entre os Judéos , & Gentios , como perseveraõ ainda inimigos entre si , & por mais que os Gentios convertidos querem converter tambem os Judéos, elles cõ tudo perseveraõ obstinadamente na mesma inimizade ? Porque Christo não matou as inimizades nelles, matou-as em si mesmo : *Interficiens inimi-*

inimicitias in semetipso. O mesmo fez a Virgem Senhora Nossa por meyo do seu Rosário. Ainda que muitos hereges em todas as partes do mundo se conservaõ obftina lamente hereges; a Virgem Maria por meyo do seu Rosário matou todas as heregias em todo o mundo: *Cunctas hærefes sola interemisti in universo mundo.* Porque o Rosário ainda que não mate as heregias nos hereges que se não querem converter, mata-as todas em si mesmo, porque em si mesmo detesta as heregias, & os erros de todos.

III.

398. **D** Ayme agora particular attenção, & assim na parte mental do Rosário que são os Quinze myfterios, como na parte vocal que são as duas oraçoens de que se compoem, vede como nelle detestamos todas as heregias do mundo.

399. Primeiramente no numero, & fundamento dos Quinze myfterios; he mui-

to digno de reparo que os primeiros treze sejaõ todos tirados do Evangelho, & os dous ultimos não. Os dous ultimos myfterios, que são os da Assumpção da Virgem Senhora Nossa, & os de sua Coroação no Trono da Gloria, não constaõ dos Evangelhos, nem de outra Escriitura sagrada, senão somente por tradição dos Apostolos, & da Igreja. Pois se todos Quinze se poderaõ inteirar de outros myfterios que referem os Evangelistas; porque mete junta, & igualmente com elles o Rosário, os que só cremos por tradição Apostolica, & Ecclesiastica? Porque assim era necessário para a inteira, & cõpleta protestação da Fé, & detestação das heregias. Os hereges modernos negaõ a Fé das tradiçoens, & dizem que só se ha de crer o que se lê nas Escrituras sagradas: *Neq; alia doctrina in Ecclesia tradi, & audiri debet, quàm purum verbum Dei, hoc est, sancta Scriptura,* diz Luthe-
ro taõ inchado como ignorante. Vem cá Herege sobre Apostata: na Ley da natureza

*Luther.
in com-
ment. e.
1. ad
Galat.*

reza houve Fé? sim: & houve algũa Escritura? Nenhũa. Na Ley Escrita houve muitas Escrituras? Muitas. E criaõse tambem as Tradições? Tambem: que a mesma Ley o mandava assim. Na Ley da Graça houve sempre Fé desde seu principio? Sempre. E houve sempre Escrituras? Naõ. Porque o Evangelho de S. Matheus, que foi o primeiro, foi escrito oito annos depois da Ascensão de Christo, & o de São João, que foi o ultimo, sesenta & seis annos depois. Pois se as Tradições em todas as Leys tiverão authoridade de Fé, como es tu taõ sem fé, & sem ley, que as negas? E se queres ler isto mesmo nas Escrituras sagradas; lé a São Paulo, onde diz: *Accepi á Domino quod & tradidi vobis*: & outra vez, onde diz: *Laudo vos, quod sicut tradidi vobis, præcepta mea tenetis*: & terceira vez, onde expressamente declara hũa, & outra cousa: *Tenete traditiones, quas didicistis sive per Sermonem, sive per Epistolam nostram*. E como as verdades que cre-

mos tanta authoridade tem pela Escritura como pela Tradição; por isso os Mysterios do Rosario se compuzeraõ de hũas, & outras, condenando nesta catholica composiçaõ a impia doutrina de Luthero, & dos seus quatro Evangelistas taõ falsos como elle, Calvino, Brécio, Kemnicio, & Hamelmano.

400. Vindo á serie dos Mysterios; no primeiro, que he o da Encarnação, confessa o Rosario com a Fé Catholica que o Filho de Deos encarnou, & tomou a nossa carne por verdadeira, & real uniaõ da subsistencia do Verbo à Humanidade, ficando Christo verdadeiro Deos, & verdadeiro Homẽ com duas naturezas naõ côfusas, senaõ distintas; hũa inteiramente divina, & outra perfeitamente humana; & naõ em duas, senaõ em hũa só Pessoa. E com a Fé, & protestaçaõ deste Mysterio degolla o Rosario sinco famoas heregias. A primeira de Valentino, de Cedron, de Proclo, & de todos os Manicheos, & Priscillianistas:

1. Cor.
11. 23.

Ibidem
2.

2. Thess.
2. 14.

itas : os quaes diziaõ que Christo não era verdadeiro homem como nós , senão fantástico , & apparente , & não nascido na terra , senão descido do Ceo. A segunda, de Cerintho , de Ebion , de Carpocrates , de Theodoro , Artemon , Paulo Samosatenno , Photino , os quaes concediaõ que Christo era homem , mas negavaõ que fosse Deos ; & este erro he tambem dos Judéos , & dos Mahomethanos. A terceira de Nestorio , de Elipando , de Bonoso , & outros , os quaes confessavaõ em Christo as duas naturezas divina , & humana ; mas não em hũa so Pessoa , senão em duas , & essas não unidas sustancialmente entre si , mas accidentalmente , & só por graça. A quarta de Euthyquez , Dioscoro , Philopono , os quaes diziaõ que de tal maneira Deos se fizera homem , que a Humanidade por verdadeira transformação se convertera na Divindade , ficando o que fora homem , não já homem , senão Deos. A quinta de Polemio , a quem seguiraõ os Jacobitas , & de Severo , a quem seguiraõ os

Acephalos : os quaes da natureza humana , & da Divina faziaõ em Christo hũa terceira sustancia , assim como dos Elementos simples se compoem os corpos mixtos. Deixo os erros de Apollinar , & de outros na mesma materia , dos quaes por serem tantos , se convence tambem a sua mesma falsidade ; porque para acertar ha hum só caminho , & para errar muitos.

401. No segundo mysterio que foi o da Visitação da Senhora a Santa Isabel , & santificação do Bautista , temos antes de sua degollação a de duas grandes heregias antigas , & modernas. A santificação do Bautista cahio sobre o peccado original , no qual encorreraõ todos os filhos de Adão como em primeiro Pay , & cabeça universal do genero humano. Elle peccou , & nelle todos , como expressamente *Rom. 5.* diz São Paulo : *In quo omnes peccaverunt.* ^{12.} E com este texto tão claro , Pelagio , & Celestio negáraõ obstinadamente haver peccado original. O mesmo erro continuáraõ Pedro Abaylardo pri.

*August.
advers.
Julian.*

primeiro , & depois os Heres Albigenses: & quasi em nossos dias o resuscitárao Erasmo, Fabro, Zuinglio, & outros monstros com nome de Christãos : não reparando, como notou São Agostinho contra Juliano , que quem nega o peccado original , derroca o primeiro fundamento do Christianismo , & quer tirar do mundo a Christo. Por isso o mesmo Christo que reservou o resto da sua doutrina, & milagres para depois dos trinta annos, no mesmo instante em que foi concebido partio logo a livrar do peccado original a hum homem que ainda não era nascido. É porque foi este homem, ou este menino , mais hum filho de Isabel , & Zacharias , que outro ? Para condenar com o mesmo acto , & desfazer a segunda heregia.

*Ita Bellarm.
tóm. 2.
lib. 1. c.
6. pag.
233.*

402. Buccero, Calvino, & Bolingero, de tal modo admittê o peccado original, que exceptuaõ delle os filhos dos fieis , & dizem que ainda que morraõ sem baptismo , se salvaõ, porque pela Fé de seus pays nascem santos. É

para Christo convencer tambem , & condemnar esta heregia , aquelle menino que escolheo entre todos para livrar do peccado original , não só quiz que fosse filho de pays fieis , mas tão fieis , & tão santos ambos como Zacharias, & Isabel. E estas são as duas heregias que de hum golpe degolla o Rosario no segundo Mystério.

403. Contra o terceiro (que he o do nascimento de Christo) se levantáraõ outras quatro : húa pertencente ao Filho, & tres à Mãe. Scythiano, Terbintho, Manes , & os Heres chamados Sampseos , Ussenos, & Helcesséos não só negáraõ haver nascido o Filho de Deos da Virgem Maria ; mas disseraõ que em Adão se vestiã exteriormente da nossa carne , da qual logo se despiã , & a vestia sómente quando havia de fallar aos Patriarcas , & que nella apparecêra depois quando veio ensinar , & remir o mundo , dando cor a este seu fingimento com as palavras de São Paulo : *Et habitu inventus ut homo.* Pôde haver fabula

bula mais quimerica; & mais ridicula? Mas raõ cegos, & raõ estolidos como isto são os hereges. Os que crem, & confessaõ a Christo como nascido de Maria Santissima, escurecem, & corrompem ametade desta verdade com tres blasfemias, de que estremecem os ouvidos catholicos. Nòs, Virgem, & Mãy sempre purissima, confessamos que fostes Virgem antes do parto, Virgem no parto, & Virgem depois do parto. E a primeira destas singulares prerogativas negaõ os Ebionitas, & Theodorianos: a segunda Gualtero, Buccero, Molineo, & outros Protestantes: a terceira Helvidio, Auxencio, Joviniano, & os hereges Antidicomarianistas: merecedores todos de que o fogo da Garça, cuja perpetua verdura se conservou inviolavel entre as chamas, os abraçasse, & consumisse. Mas nòs, Virgem das Virgens, & Mãy admiravel, ja desde entaõ na mesma Garça verde antes do fogo, no fogo verde, & verde depois do fogo reconhecemos os tres estados mara-

vilhosos de vossa virginal pureza, cantando todos cõ a Igreja: *Rubum, quem viderat Moyses incombustum, conservatam agnovimus tuam laudabilem virginitatem*: & esta he a espada não de dous, mas de tres fios, com que o Rosario degolla estas tres heresias.

404. Esta mesma pureza da Mãy de Deos a izentou da ley da Purificaçaõ (que he o quarto Mysterio) como tambem, & muito mais a seu Filho, por ser o supremo Legislador, & de nenhum modo fugeito a ella. Mas esta immundade de ambos, exceptuada claramente na mesma Ley de Moyses, negaõ depois todos os hereges que entaõ havia em Judéa, Fariseos, Saduceos, Dositheos Hemerobaptistas, Herodianos, cumprindo nelles a profecia de Simeão prégada no mesmo dia, & no mesmo Templo: *Ecce positus est hic in ruinam, & in resurrectionem multorum in Israel, & in signum, cui contradicetur*. Foi Christo para Israel a ruina dos que o negaõ, & a exaltaçaõ dos

*Omnes isti ci-
tuntur
pro eo
tempore
à Baro-
nio, &
ex eo à
Spon-
dano in
Appa-
ratu
pag. 2.
& 3.
Luc. 2.
34.*

que o crêraõ ; *In ruinam , & in resurrectionem multorum in Israel*. E para todos os outros foi hum alvo de contradicção : *In signum , cui contradicetur* ; porque todos os que erraõ na Fé , atiraõ contra elle as settas de suas heregias : & pelo contrario todos os que a crem , & professão como nõs no Rosario , contradizendo , & refutando essas mesmas heregias , lhe quebramõs as settas.

405. E para que isto se veja com maior clareza , sem fair do mesmo Templo , passemos ao quinto Mysterio. Achou a Senhora a seu Filho depois de perdido affentado entre os Doutores , admirados elles de tanta sabedoria em tão tenra idade , & das repostas que dava a todas as questoes que se lhe propunhaõ. E porque o Evangelista diz que tambem ouvia , & perguntava : *Audientem illos , & interrogantem* : como o ouvir he mais proprio de quem aprende , & o perguntar de quem duvida , ou ignora ; daqui tomáraõ occasião muitos hereges para crer , & ensinar

que em Christo podia haver ignorancia , & erro. Assim o crêraõ antigamente os Gnosticos , os Themistianos , os Agnoitas , & assim o dogmatizáraõ em nossos tempos Luthero , & Calvino , & o discipulo destes , & mestre de muitos outros , Beza. Taõ longe esteve porẽm da bayxeza de semelhante pensamento Apollinar , que sendo tambem herege , errou tanto por alto , que negando á Alma de Christo o entendimento humano , poz em seu lugar o divino. Mas o que ensina a Fé Catholica neste ponto , he , que assim como em Christo ha duas naturezas , assim tem dous entendimẽtos , hũ divino , outro humano. E a sciencia deste entendimento humano foi taõ perfeita , & consumada , naõ depois dos doze annos , senaõ desde o instãte de sua conceiçaõ , que tudo soube com evidencia , nenhũa couza ignorou , em nenhũa pòde errar. E isto he o que em todos os Mysterios gozofos , desde o primeiro até o ultimo , confessa , & protesta o Rosario.

IV.

406.

PAssando aos Mysterios dolorosos ; não só discreta, mas verdadeiramente disse Tertulliano, que a nossa Fé sempre está crucificada entre duas heregias, como Christo entre dous ladroes. Porque huns a impugnaõ de hũa parte, & outros da outra não unidos na mesma sentença, ou no mesmo erro, senão contrarios entre si. Por isso Santo Ambrosio, & Santo Agostinho comparáraõ os hereges ás rapozas de Sam-fam, as quaes elle atou não pelas cabeças, senão pelas costas, voltadas hũas contra as outras : *Caudasq; earum junxit ad caudas, & facies ligavit in medio.* Para queimassem a seara unidos, mas tirando cada hum para sua parte, & usas contrarias.

407. O primeiro Mysterio doloroso, & da Paixaõ de Christo foi o do Horto : & que dizem os hereges ? Huns dizem que não padecêo o Senhor as penas, & afflictões que referem os E-

vangelistas : outros dizem que as padecêo muito maiores, & inauditas. Taõ côformes contra a Fê, como negarem todos o Evangelho, & taõ contrarios entre si, quanto vay de padecer Christo a não padecer : & não só encontrados no que dizem, senão tambem nos fundamentos falsos porque o dizem. Menandro, & Saturnino, & Apelles disseraõ que não padecêra Christo, porque não tomára verdadeiro corpo, senão fantástico : Sêrveto, Memnon, & os Anabaptistas, porque era de materia celestial, & divina : Juliano Alicarnasseo, Caiano, Theodoro, & outros, posto que concedem

Epiph. Heres. 22. Bellar. de Christo lib. 3 cap. 9.

Suares part. 1. disp. 32. sect. 1.

que a carne de Christo era como a nossa em tudo o mais, negaõ com tudo que padeceffe, ou pudesse padecer, porque era impassivel. Em summa, que todos estes hereges por taõ diversos caminhos vem a concordar em que as penas de Christo não foraõ verdadeiras : por mais que o Evangelho de Isaias elteja clamando : *Verè langores nostros ipse tulit* : & o de

Isai. 53. 4.

Aa ij Saõ

São Lucas affirme que lhe fizeraõ suar sangue.

408. Isto he o que disseão os hereges que não crêraõ aos Evangelistas. E os que os crêraõ contentáraõse com isso? Não foraõ elles hereges, se se accõmodáraõ com a verdade. Foi taõ blasphema a lingua, & taõ sacrilega a pena do impijssimo Calvinõ, que se atrevèõ a prègar, & a escrever, que desde o Horto atè espirar na Cruz padecèra Christo as penas do inferno: & que assim fora necessário como Redemptor para satisfazer pena por pena, & inferno por inferno, a mesma pena, & inferno a que estavaõ condemnados aquelles a quem remia. O mesmo seguirá Melancthon, & Brencio. Não entendendo a soberba ignorantissima destes blasfemos precitos que bastava a menor gotta de suor de Christo no mesmo Horto, ainda que não fora de sangue, para pagar, & apagar mil infernos. Acrescenta o Herefiarca, que destes tormentos se quiz livrar o Senhor quando disse: *Si possi-*

bile est transeat à me calix iste: & Christo acrescentou: *Non mea voluntas, sed tua fiat,* para deixar confutada outra grande heresia. Machario Antiocheno, Cypro Alexandrino, Sergio Constantino-politano, & todos os que pelo mesmo erro se chamáraõ Monotelitas, posto que reconheciam em Christo duas naturezas distintas, não admittiam nellas mais que hũa só vontade, que era a divina: mas para que cressem, & entendessem todos que assim como as naturezas eraõ duas, assim eraõ também duas as vontades; por isso distinguio taõ claramente o Senhor a vontade humana da divina, dizendo: Não se faça a minha vontade, senão a vossa. E toda esta he a Fé que confessa, & todas estas as heresias que degolla o Rosario na meditação do primeiro Mysterio doloroso.

409. No segundo (que he o dos açoutes á columna) padecèõ Christo atado a ella não já as dores da propria, & interior apprehensão, senão as da violencia, & crueldade

eldade atroz de seus inimigos. E foi tal o deslumbramento da heresia assim neste como nos outros passos da Paixão, que muitos hereges tiveram para si que a Divindade de Christo immortal por natureza, & impassível, fora a que nelle morrerá, & padecera. Assim o escreveu no seculo passado tão impudente como ignorantemente Luthero, resuscitando as antiquissimas heresias de Euthyques, Dioscoro, Sergio, Pyrrho, & Paulo, & de todos os Euthyquianos divididos em tantas blasfemias como Seytas. Não atinava a philosophia cega destes presumidos idiotas como era possível que sendo Christo Deos, & padecendo Christo, não padecesse a mesma divindade; pela qual he Deos? Padecção Deos, & morreu Deos, são proposições catholicas, & de Fé: logo se Deos morreu, & padecção, como não morreu, nem padecção a Divindade? A verdadeira Theologia o declara facilmente com a que nella se chama communicação dos Idiomas. Assim

como do mesmo homem se diz com verdade que vê, & ouve: & com a mesma verdade, que entende, & ama: & não se segue por isso que entende, & ama pelos sentidos do corpo, nem que vê, & ouve pelas potencias da Alma; assim de Christo, que he Deos, & homem, se diz verdadeiramente que padecção, & morreu: mas nem por isso se segue que padecção pela Divindade, que he immortal, & impassível, senão pela Humanidade, que he passível, & mortal. E isto he o que professa o Rosário, & com que facilmente degolla estas blasfemias, & heresias.

410. Em Christo coroado de espinhos (que he o terceiro Mysterio) & adorado por escarnio com a injuriosa faudação de *Ave Rex Judæorum*; tres foraõ as heresias que entaõ, & depois lhe negáraõ este glorioso, & verdadeiro titulo, até por Pilatos, que o condenou, confessado. Os primeiros Dogmatistas dellas foraõ os Escribas, & Fariseos, & os Principes dos Sacerdotes de

Aa iij Je-

Joann.
19. 15.

Baron.
anno
Christi.
71.

Jerusalem, quando com as vozes de todo o Povo clamárao: *Non habemus Regem, nisi Cæsarem*; sendo este Cêsar Tiberio. Os següdos foraõ os Herodianos, chamados assim, porque tendo cessado o cetro de Juda, por adularem a Herodes o reconhecêraõ por Messias, & adoráraõ por Rey dos Judéos. Os terceiros não só da mesma nação, senão também Romanos, foraõ os que applicando as profecias de Christo ao Emperador Vespasiano, o tiveraõ, & acclamáraõ por tal: entre os quaes seguíraõ, & celebráraõ o mesmo erro Cornelio Tacito, & Suetonio, & o que he mais, Josepho que entãõ vivia, com ser Judéo: cegueira, & infamia abominavel se assim o cria, & maior ainda se o escrevéo sem o crer. Taõ vil hea dependência, & a lisonja.

411. Coroado pois de espinhos o supremo Senhor, & verdadeiro Rey não só dos Judéos, mas de todos os homens, & Anjos (como confessa a nossa Fé no terceiro Mysterio do Rosario)

o Quarto, em que levou a Cruz ás costas, & o Quinto, em que foi pregado, & morto nella, de tal sorte os envolveo, & ajuntou a heresia, que nem nõs referindo a os podemos separar. Basilides antiquissimo Heresiarca ensinou á sua Escola q̃ o crucificado, & morto no Monte Calvario não fora Christo, senão Simão Cyri-neo, o mesmo que lhe ajudou a levar a Cruz. Assim o escrevem Santo Ireneo, Tertulliano, Eusebio Cesariense, Santo Epifanio, & Santo Agostinho. E pois taõ grandes Padres da Igreja julgáraõ que não ficasse em silencio hum taõ fabuloso fingimento, eu o quero referir pelas palavras de seu mesmo Autor, que tiradas de Santo Epifanio, são estas: *Illum, in eo quod portabat crucem, transformavit in suam speciem, & seipsum in Simonem: & pro seipso tradidit Simonem, ut crucifigeretur. Cum autem crucifigeretur, stabat ex opposito invisibilis JESUS, diridens eos, qui Simonem crucifigebant: ipse vero discessit ad caelestia.* Quer dizer: que

Iri
Te
En
Ep
A

E
b
2
2

que quando Simão levava a Cruz ás costas, Christo o transformára em si, & puzera nelle a sua semelhança, & deste modo o entregára para ser crucificado: & que no mesmo tempo o Senhor feito invisivel estava defronte rindose dos que crucificavaõ a Simão, cuidando q̃ o crucificavaõ a elle: & q̃ dali se fora para o Ceo. Tal foi o desatino deste bruto com nome de racional, ao qual imitou outro da mesma fê, & do mesmo juizo chamado Marcos, & destes se dirivaraõ os hereges Basilidianos, & os Marcitas. Tambem negáraõ a morte, & Cruz de Christo todos os já referidos, que lhe attribuíraõ corpo fantastico, ou celestial, ou divino, ou humano, mas impassivel: tendo huns, & outros por menos inconveniente admittir em Christo este fingimento, que a verdadeira morte de Cruz, como se não fora maior indignidade em Deos o enganar que o morrer, pois o enganar he mentir, & o morrer amar. Nòs porém confessando no Rosário, & pré-

gando com São Paulo: *Christum, & hunc crucifixum;* ^{1. Cor.} não só degollamos esta fea, ^{2. 2.} & monstrosa heregia, mas a outra ainda maior que nella se encerra com que juntamente negavaõ a salvação do mundo.

V.

412.

NOs mysterios gloriosos, que são os ultimos, tambem tem muito que fazer, ou desfazer o Rosário. O da Resurreiçãõ de Christo foi o primeiro: & os primeiros hereges que o negáraõ, forãõ os Judèos, os quaes assim como lhe tinhaõ comprado a morte, lhe quizerãõ tambem comprar a Resurreiçãõ. Deraõ dinheiro aos soldados que guardavaõ o sepulchro, para que dissessem que estãdo elles dormindo, vieraõ os discipulos, & o roubáraõ. Tal he a verdade das testemunhas como a fê dos que as comprãraõ. Ou os soldados dormiãõ, ou não dormiãõ: se não dormiãõ, como o deixãraõ roubar? E se dormiãõ, como viraõ que o

psalm.
26.12.

roubárao? Já David disse que a maldade se mentia a si mesma: *Mentita est iniquitas sibi*: mas que se minta, & se crea, só na obstinação da heresia se acha. Todos os hereges que negárao a Christo a morte, lhe negárao coherentemente a Resurreição, porque quem não morre, não resuscita. Mas o errar coherentemente, não he emendar o erro, he multiplicalo. Hereges na morte, hereges na resurreição, & por isso dobradamente hereges. Atè os que concedem a resurreição de Christo, erraõ nella torpemente. Apelles disse que resuscitára, mas não na mesma carne em que morrêra, senaõ em outra. Outros, que refere Tertulliano, que resuscitára sem corpo: outros que com corpo, mas sem sentidos. Cerintho com nova, & ridicula distincção, diz que o que morreo não foi Christo, senaõ Jesu, & do mesmo modo, o que resuscitou, também foi Jesu, & não Christo. E para que não houvesse circumstancia na resurreição sem sua heresia; os Armenos disseraõ que re-

Epib.
heresi.
28.
Iren. lib
1. c. 24
August.
de Heresi.
lib. 3.
Tertull.
Philas.

fuscitára ao segundo dia, & não ao terceiro; & os Cerinthianos, que nem ao terceiro dia resuscitára, nem ainda em seu tempo estava resuscitado; mas que resuscitaria depois. Tudo isto disseraõ as heregias: & o Rosario que diz? Diz o que dizem as Escrituras, às quaes, só no mysterio da resurreição, se refere o Symbolo: *Et resurrexit tertia die secundum Scripturas*. Diz pois o Rosario; q̃ resuscitou o mesmo Christo, que morrêra, que resuscitou ao terceiro dia, & que se resuscitou a si mesmo, como Deos que era. E com estas tres clausulas em que consiste toda a Fe da Resurreição, assim como Christo triunfou da morte, & do inferno, triunfa elle de toda essa farragem de heregias.

413. No segundo mysterio, que he o da gloriosa Ascensão de Christo, também deliraraõ muito os hereges, & por muitos modos. Alguns, como refere Santo Agostinho, disseraõ que só a Alma de Christo subira ao Ceo, & o corpo ficara na terra: donde se segue que
nem

nem na terra, nem no Ceo
estaria hoje Christo. Na ter-
ra não, porque Christo não
he corpo sem Alma: no Ceo
não, porq̃ nao he Alma sem
corpo. Os Maniqueos so ad-
mittiaõ que Christo subio
em forma corporal visivel,
mas atêas nuvens fõmente,
& que alli se resolvêra em
ar, & se desvanecêra. Erro
que depois abraçáraõ Bren-
cio, & Illyrico igualmente
hereticos, & blasfemos. Os
Seleucianos, & Hermianos,
partindo a jornada da Ascen-
ção, fingiraõ que Christo
subíra em corpo, & alma atê
o quarto Ceo, & que dei-
xando o corpo no Sol, dalli
se partira para o Empyreo.
Assim interpretavaõ o verso
de David: *In sòle posuit ta-
bernaculum suum*: aos quaes
seguio Hermogenes no mes-
mo fingimento. Porê m Fa-
bro com nova fabrica, & de-
pois delle Luthero, Brencio,
Vvigando, Musculo, Smi-
delino, & toda a canalha de
hereges de nosso tempo di-
zem que nem Christo subio,
nem podia subir ao Ceo. O
argumento com que o per-
tendem provar, he taõ falso,

& taõ heretico como o mes-
mo assumpto. Subir he dei-
xar hum lugar mais baixo,
& adquirir outro mais alto:
Deos a quem está unida a
Humanidade de Christo está
em todo lugar: logo tambem
a mesma Humanidade está
em todo lugar: & quem
está em todo lugar, não pô-
de subir, porque não pôde
deixar hum lugar, & adquirir
outro. Por este argumento se
chamaõ estes hereges Ubi-
quitarios, os quaes cuidan-
do que diziaõ hũa grande su-
tileza, disseraõ duas finissi-
mas heregias: hũa que sup-
poem, outra que inferem.
Suppoem que a uniaõ da
Divindade communicou à
Humanidade de Christo o
attributo da Immenidade:
inferem que nem subio, né
podia subir ao Ceo: & estas
duas heregias se degyllaõ.
quando menos com quatro
textos expressos. O primei-
ro de São Joã: *Vt transeat* ^{Joann.}
ex hoc mundo ad Patrem: o ^{13. 1.}
segundo de São Lucas: *Et* ^{Luc. 24.}
ferebatur in calum: o tercei-
ro de São Marcos: *Assump-* ^{51.}
tus est in calum, & *sedet á* ^{Marc.}
dextris Dei: o quarto do ^{16. 19.}
mes-

Joann.
20.17.

mesmo Christo: *Ascendo ad Patrem meum, & Patrem vestrum*. E isto he o que professa, & protesta o Rosario.

414. O terceiro Mystério glorioso he o da vinda do Espirito Santo, cujas linguas de fogo sempre queimárao, & fizerao rayvar os hereges. Caës rayvosos chama Santo Epifanio aos Basilianos, & Georgianos: os quaes mordendo como Arrio a Santissima Trindade, quizeráo tirar a Divindade ao Espirito Santo, & lhe chamárao creatura: *Velut rabiosi canes impudenter creaturam ipsam penitus decernunt: atq; sic affirmant á Patre, & Filio alienum esse*. O mesmo erro ensinou o impijssimo Macedonio, & seus sequazes Eustathio, & Leufio, Marathonio, Aëtio, & todos os Semiarianos, & muito antes delles os Simonianos, & Samaritas. E se perguntarmos a estes, & outros semelhantes hereges, que he o Espirito Santo, supposto que dizem que não he Deos? Macedonio disse que he o primeiro Anjo su-

perior no poder, & authoridade a todos. Hierax, de quem tomárao o nome os hereges Hieracitas, disse que era homem, & não outro senáo aquelle que nas Escrituras se chama Melchisedech. Mas esta heregia refutou Machario nos desertos do Egypto com hum argumento, que não tem reposta. Foi lá hum herege Hieracita muito erudito, & eloquente a prégaresta falsa doutrina aos Monges, & como elles não soubessem responder porq não tinhaõ estudado; eu te respôderey, disse Machario, que era o Prelado. Mandou vir hum morto em presença de todos: disse ao cadaver frio, que em nome do Espirito Santo recebesse logo espirito de vida: & que succedee? Levantouse subitamente vivo: fallou o morto, & emudeceo o herege. Mas como não bastaõ milagres contra a obstinação heretica, ainda vaõ as heregias por diante. Pedro Abaylardo disse que o Espirito Santo era a Alma do mundo: Donato disse que era Deos, mas me-

nor

Epiph.
heresi.
24.

Bayon.
anno
Christi.
360.
Idem in
apparatu-
lo-
quês de
Samaritanis.

Epiph.
heresi.
67.

Spon.
anno
Christi.
287.

Reli-
ex B.
ronio
sub 11.
dem
muni

nor que o Filho, como tam-
 bem o Filho menor que o
 Padre; & daqui nasceo a he-
 retica distincção dos que ao
 Espirito São chamaõ, *Deus*
magnus, ao Filho *Deus ma-*
ior, ao Padre *Deus maximus*.
 Exlay Heresiarca, & Pseu-
 doprofeta com fabula mais
 ridicula, disse que o Verbo,
 & o Espirito Santo, ambos
 são filhos do Padre, só com
 differença no sexo. Final-
 mente os mesmos Basilidia-
 nos, que foraõ os primeiros
 hereges contra o Espirito
 Santo, reconhecendo o seu
 erro, confessáraõ que o Es-
 piritito Santo verdadeiramen-
 te he Deos igual em tudo ao
 Padre, & ao Filho, mas que
 o Padre, & o Filho, & o
 Espirito Santo não são tres
 Pessoas distintas, senão hũa
 só. Tal he a cega condição
 dos hereges, que ainda quá-
 do acertaõ, não sabem emẽ-
 dar hum erro sem outro.
 Sendo porém tantas, & tão
 varias as heregias, que o Ro-
 sario degolla na confissão
 deste só mysterio, ainda lhe
 resta hoje mais que degollar,
 porque depois de estar con-
 vencida, pacifica, & adora-

da em toda a Igreja a Divin-
 dade do Espirito Santo por
 mais de mil & duzentos an-
 nos, Servéto, & Valentino
 Gentil, & com elles Calvi-
 no, Beza, Melancthon, &
 os outros hereges desta cala-
 mitosa idade, ou negaõ a
 Divindade ao Espirito San-
 to, com que tornaõ a ser
 Arrianos, ou lha concedem
 com distinta Pessoa, & na-
 tureza, com que de novo
 são Trietistas.

415. Os mesmos pois
 que assim trataõ a Divinda-
 de do Esposo, como trata-
 ráõ a gloria da Esposa, que
 he a q̃ só nos resta no Quar-
 to, & Quinto Mysterio. Dos
 hereges Arrianos que
 negavaõ a Divindade ao
 Verbo Eterno, & a conce-
 diaõ só ao Padre, disse ele-
 gantemente Santo Agosti-
 nho, que cuidavaõ que não
 podiaõ honrar o Pay senão
 com afronta do Filho: *Non*
se putant ad unici Patris glo-
riam nisi per unici Filij contu-
meliam pervenire. E nós po-
 demos dizer dos hereges de
 nosso tempo, que parece
 cuidaõ que não podem hon-
 rar o Filho senão com afron-

Bellar.
in cita-
ta præ-
fatione.

August.

tas

tas da Mãy, sendo certo que ao Filho diminuem a Divindade, & á Mãy tirão totalmente a gloria. Luthero, Calvino, Melancthon, Brécio, Buccéro, Lessio, Sarcerio, Culmáno, Schenckio, & os demais (comprindose nelles a profecia das inimizadas entre a serpente, & a molher que lhe havia de quebrar a cabeça) todos como inimigos jurados da Mãy de Deos, a publicão blasfemamente por indigna de toda a honra, de todo o culto, de toda a veneração, com que os Catholicos muito menos do que suas prerogativas merecem, a celebramos. Desde o mysterio da Encarnação até o da Assumpção gloriosa (que são todos os do Rosario) nenhũa acção ha da Soberana Virgem, que não abatao, que não envileção, que não mordaço, que não roaço, & em que não empreguem furiosamente os dentes venenosos estes filhos da serpente infernal. Não deixarey de dizer aqui húa só cousa que approvou, & lhe pareceo exemplar ao religiosissimo

Luthero. Em hum Sermão da Visitação, diz assim: *Maria non suâ causâ Elisabetham adiit, nec aliam ob causam, quam ut prægñanti inserviret. Per hoc subruuntur omnia instituta, & ordines, qui eo tantum intendunt, ut sibi, non etiam alijs commodi sint.* Maria (que tão simplesmente a nomea) não foi visitar a Isabel por amor de si, senão para a servir a ella. E por esta acção ficou derrocados todos os institutos, & ordens Monachaes, que dentro dos claustros tratão só de si, & não dos outros. Isto, isto, infame apostata, isto he o que só louvas? Isto he o que só te agrada depois que com o habito despiste a Clausura, a Religião, a Fé, o Juizo, a vergonha? Mas vamos ao ponto.

416. Prohibio Luthero todas as Festas da Virgem Senhora Nossa, & mais particularmente a de sua Assumpção. E porque? Porque segundo os fundamentos da que elle chamou Religião reformada, a mesma Mãy de Deos não teve maior

Luth
rn.
Sern
de V
B. p

Ita
nifu
pres
adli
2.

maior santidade que qual-
quer outra creatura humana,
ainda que fosse tão pouco
santa como o mesmo Luthe-
ro. São palavras expressas
suas *Tam nos sancti sumus*
atq; Maria, si modo in Chri-
stum credamus: qualquer de
nós he tão santo como Ma-
ria, com tanto que creamos
em Christo. Pòde haver
mais atrevida, & mais def-
carada blasfemia? O funda-
mento desta, & das demais
tão abominavel como ellas,
he, dizerem as Seytas de Lu-
thero, & Calvino, que o
Ceo não se dá por mereci-
mentos: que pelas boas o-
bras não se adquire graça, ou
santidade: que só a Fé, ain-
da que faltem todas as ou-
tras virtudes, faz justos: &
que os justos no Ceu todos
são iguaes, porque a gloria
se dá só pelo Sangue de
Christo, o qual se derramou
igualmente por todos. Da-
qui se seguem duas conse-
quências notaveis contra a As-
sumpção, & Coroação da
Virgem Senhora Nossa. A
primeira, que a Mãe de Deos
no Ceu não teria maior
gloria, nem melhor lu-

gar que qualquer outro Bêa-
venturado; porque todos se
lhe igualaõ. A segunda, que
a mesma Mãe de Deos ain-
da não está, nem pòde estar
no Ceu; porque sem a Fé
Lutherana, & Calvinistica
(como elles ensinão) nin-
guem se pòde salvar: & sen-
do a Fé da Virgem Maria
a maior de todas, he certo,
& de Fé Catholica, que não
teve tal fê como a sua. Mas
não são necessarias conse-
quencias para inferir esta
heresia; porque o mesmo
Luthero, & Calvino dizem
expressa, & declaradamente
q̃ ninguem até hoje entrou
no Ceu, excepta só a Pes-
soa de Christo Senhor Nos-
so, & que todos os outros
estão defóra esperando pelo
dia do juizo final, entran-
do tambem nesta conta a
propria Mãe de Christo. Po-
rém a mesma Senhora que
sabia isto melhor que Luth-
ero, & Calvino com a expe-
riencia de mil & duzentos
annos, quando instituiu o
seu Rosario; só com intro-
duzir nelle os dous Myste-
rios de sua gloriosa Assump-
ção, & Coroação: igualmé-

Luther
in Bre-
lectione
in Ge-
nesim.
Co. l. i. m.
lib. 3. in-
stitutio-
num. c.
20. 24.
25.

te degollou no mesmo Rosario a temeridade blasphema desta heresia, como a impiedade de todas as outras : *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo.*

VI.

417. **D**Esta manei-
ra refuta, & degolla as heresias a parte mental do Rosario, que são os Mysterios : & não com menos efficacia, antes mais declaradamente faz o mesmo a parte vocal, que são as orações de que he composto. E antes que deçamos ao particular de cada hũa, digo que as mesmas orações do Rosario por si só, & geralmente tomadas, são hũa protestaçoão universal da Fé Catholica, com que detestão, & condenaõ todas as Seytas, & heresias contrarias. Notay muito a razão deste dito, que sendo evidente, não he vulgar. A razão he ; porque toda a Religião, ou Seyta diversa se funda em differente Fé : toda a differente Fé funda differente esperança : & toda a differente esperança pede differente oração ; porque cada hum pe-

de conforme espera, & cada hum espera conforme crê. Porque ensinou Christo Senhor Nosso a seus Discipulos hũa taõ diversa, & taõ nova fôrma de orar como he o Padre nosso ? Por isto mesmo. Porque como instituhia hũa Religião nova, & diversa de todas, era necessario que tambem a fôrma de orar fosse nesta Religião nova, & diversa. He altissimo pensamento do doutissimo Maldonado da nossa companhia : o qual para mim, senão he o interprete que melhor penetrou as Escrituras, não tem ellas outro que as interprete melhor : *Quisquis unquam Religionem mutavit, & orandi rationem mutavit. Nec ulla fuit unquam Religio, quæ non certam supplicandi Deorationem haberet.* Ninguem mudou nunca a Religião, que não mudasse tambem a oração : & não houve Religião algũa diversa, que não tivesse modo de orar a Deos tambem diverso. Assim o diz este grande Autor. E depois de o provar com o exemplo de Christo, & de seu Precursor na mudança da

Ley de Moyses á Ley da Graça , o confirma com a authoridade dos Santos Padres, que assim o advertirão, & notarão na mudança que fizeraõ todos os Herefiarcas nas oraçoẽs da Igreja todas as vezes que mudarão a Fé. Os Arrianos , como notou Santo Athanasio ; os Valentinianos , como notou Santo Irineo ; os Marcionistas , como notou Tertulliano ; os Manicheos , & Donatistas , como notou Santo Agostinho ; & todos finalmente , como notou Santo Epifanio , fazendo hoje o mesmo , como he notorio , os Lutheranos , & Calvinistas. Deforte que as oraçoẽs do Rosario só por si mesmas , & por serem proprias da Religiao Catholica , são hũa protestaçaõ geral da verdadeira Fé , com que tambem geralmẽte se confundem , refutaõ , & degollão todas as Seytas , & heregias contrarias.

418. Agora deçamos em particular á consideraçaõ das mesmas oraçoẽs , & vejamos como em todo o Padre nosso , & Ave Maria não ha clausula , ou palavra , em que se não refute algũa , ou mui-

tas heregias. Farei esta demonstraçaõ mais correndo que discorrendo , pois a brevidade do tempo não dá lugar a maior detençaõ.

419. *Pater noster.* Esta palavra com que chamamos a Deos , Pay , ou se pôde considerar com respeito á geraçaõ Eterna , ou por ordem a creaçaõ temporal , que por isso acrescentamos , nosso. Em quanto á geraçaõ Eterna protestamos que o Eterno Padre tem Filho , que he o Verbo Eterno ; & com esta protestaçaõ suppondo já degollados os Atheistas , degolla o Rosario a Praxeas , a Noeto , a Sabellio , a Paulo Samosateno , a Photino , a Arrio , & a Eunomio ; os quaes ou não distinguiaõ a Pessoa do Filho da Pessoa do Padre , ou negavaõ que fosse gerado da mesma Natureza Divina. Em quanto á creaçaõ temporal , professa a nossa Fé , &

reconhece a Deos por unico creador do Ceo , & da terra , & de todas as cousas visiveis , & invisiveis , não produzidas de algũa presuposta materia , mas creadas por sua omnipotencia de nada ; &

com

*August.
lib. 1. de
Heresib
cap. 4.
Hilar.
lib. de
Synodis.
Theodo-
retus
Heretic.
Fabular.
lib. 4.*

Epiph.
heresi.
5.6.7.8.

com esta protestaçaõ não só degolla o Rosario os Estoicos, os Platonicos, os Pythagoricos, os Epicureos, que foraõ os hereges da Ley da Natureza, & os Patriarcas de todas as heregias, como lhes chama Tertulliano; mas tambem, & mais particularmente os que depois de Christo os imitáraõ nas mesmas cegueiras, & acrescentáraõ outras maiores, os Simonianos, os Menandrianos, os Basilidianos, os Valentiniſtas, os Marcionistas, & por varios, & novos erros dogmatizáraõ o contrario: & entre todos os brutiſſimos Manicheos, que com taõ ignorante fé, como heretica philosophia, dividirão a Primeira causa em dous Principios, ou Deoses, hum a que chamáraõ Autor do bem, & outro Autor do mal, dizendo que o bom creára a Alma, o máo o corpo: o bom o dia, o máo a noite; o bom a saúde, o máo a enfermidade; o bom a vida, o máo a morte.

Cyroll.
Epiph.
August.
Athanasius.
Theod.
citati a
Baron.
anno
Christi.
277.

420. *Qui es in celis.*
Deos tanto está no Ceo como na terra, & em todo o

lugar; mas dizemos que está no Ceo, porque no Ceo como em sua propria Corte se manifesta visivelmente a todos os Bemaventurados. E posto que o Ceo Empyreo seja hum só Ceo, chamase com tudo Ceos, *in celis*, para maior declaraçaõ de sua grandeza, & magestade, assim como Jerusaem, que era a Corte de Deos na terra, se chamava Jerosolymas. E com a propriedade, & significação singular desta palavra, degolla nella o Rosario a heregia de Saturnillo, & Basilides; os quaes diziaõ que os Ceos eraõ trezentos & sesenta & cinco, creados não por Deos, senão por outros tantos Anjos, & que no ultimo, & infimo de todos morava o Deos dos Judéos. Novo erro, & segunda, & maior heregia; porque o Deos que entre os Judéos se chamava Deos de Abrahaõ, Deos de Isaac, & Deos de Jacob, he o mesmo Deos que os Christãos cremos, & adoramos, entaõ mais conhecido pela unidade da Essencia, como hoje pela unidade da Essencia, & pela Trin-

Epiph.
heresi.
24.

Trindade das Pessoas.

421. *Sanctificetur nomen tuum.* Em dizer que seja santificado o nome de Deos, de testamos a mais atroz, & horrenda heregia com que entre os hereges Settentrionaes he profanado, & blasfemado seu Santissimo nome. Zuínglio, Calvino, & Beza dizem que Deos quer que os homens pequem, & que ab æterno decrevou que pequem, & que os obriga a que necessariamente pequem, & que não possa deixar de peccar, ainda que quizessem. Onde se segue, como douta, & largamente demonstra Bellarmino, que na sentença impijissima destes mais Atheos que hereges, Deos he a causa do peccado, & de todos os peccados, & que quando os homens peccão, Deos he o que mais propria, & mais verdadeiramente pecca, que os mesmos homens. E como a santidade, & a purissima, & infinita santidade de Deos he a que mais se oppoem ao peccado, de nenhum modo mais, & melhor se póde detestar a atrocidade desta blas-

Tom. 5.

femia, & a maldade mais que diabolica desta heregia, que dizendo, & repetindo, como diz hũa, & muitas vezes o Rosário: *Sanctificetur nomen tuum.*

422. *Adveniat Regnum tuum.* O mais proprio sentimento desta petição he pedir-mos que acabe de chegar o Reyno de Christo, que será na sua segunda vinda, quando vier a julgar vivos, & mortos, já todos vivos pela resurreição universal. Assim o diz em proprios termos S. Paulo: *Per adventum ipsius, & Regnum ejus*; & o mesmo Christo aos Discipulos. *Donec videant Filium hominis venientem in Regno suo.* E a protestaçoõ deste artigo de Fé que fazemos no Rosário, degolla duas insignes heregias mais antigas que modernas. A primeira que negava o juizo universal, & foi dos Barborianos, Gnosticos, Florianos, Maniqueos, & Proclianitas. A segunda que negava a resurreição também universal, que foi de Hymeneo, & Phileto, de Valentino, & Apelles, de Marco, Cedron, & Alma-
Bb ríco:

2. Thim.

4. 1.

Matth.

16. 28.

Epiph.

Baron.

Alfons.

à Castro

v. udi-

cium v

Resurre-

ctio.

ico: dos Caianos, dos Ophitas, dos Marcionistas, dos Severianos, dos Seleucianos, dos Archonticos, & outros.

423. *Fiat voluntas tua sicut in cælo, & in terra.* Observe nestas palavras São João Chrysostomo que não dizemos a Deos, fazei, Senhor, a vossa vontade em nós, ou façamos nós a vossa vontade, senão, *Fiat*, seja feita: & com que mysterio? Para confessarmos que o fazer a vontade de Deos, não depende só de Deos, nem só de nós, senão do feu, & do nosso concurso juntamente. Do feu, por meyo da sua graça: do nosso, por meyo do nosso alvedrio; porque como douts, & elegantemente disse São Bernardo:

D Bernardi. citatus à Bellar. in Prefat. de libero arbitrio. Idem Bellar in istodem libris latinissimis.

Tolle liberum arbitrium, non erit quod salvetur: tolle gratiã, non erit unde salvetur. É com esta proteſtação degollamos de hum golpe outras duas fortíſſimas heregias: a dos Pelagianos que negavaõ a neceſſidade da Graça; & a dos Lutheranos. & Calvinistas que negaõ a liberdade do alvedrio. Em negarem o livre alvedrio, negaõ totalmente

o ſer humano: & aſſim era neceſſario que o fizeſſem em boa conſequeſcia; porque ſó deixando primeiro de ſer homens, podiaõ cair em erros taõ irracionaes, & taõ brutos.

424. *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.* Aqui pedimos a Deos como Pay do Ceo o ſuſtento temporal, & eſpiritual neceſſario para eſta vida, & para a outra: & na conſiſſão deſta paternal, & univerſal providencia, deteſtamos aquella heregia taõ aſſentada entre os Filoſofos Gentios, & não abjurada totalmente entre os Chriſtaõs: com que elles criaõ que havia fortuna, & fados; & nós, ainda que o não creamos, nos queixamos della, como ſe a fortuna, & não Deos fora a que reparte o paõ, dando taõ pouco a huns, & tanto a outros.

425. *Et dimitte nobis debita nostra.* Neſta grande, & importantíſſima clauſula rogamos a Deos que nos perdoe noſſos peccados com deteſtação, & arrependimẽto delles. E que homem ha-
verá

verá com nome de Christão que negue ser este acto, ou dentro, ou fóra do Sacramento, louvavel, & de verdadeira penitencia? Mas sendo esta a que faz tremer o Demonio, & a que despoja o inferno, foi tão infernal, & mais que diabolico o espirito de Luthero, que se atreveo a dizer que semelhante contrição faz ao peccador hipocrita. & mais peccador: *Hæc contritio facit hypocritam, & magis peccatorem.* O mesmo professô da a escolla cega, & torpe deste infame mestre, Malanchthon, Beza, Tilemano, Kemnicio, & com seu collega Calvino toda a outra sentina dos hereges de nosso tempo. Acrescentamos para mover a Misericordia Divina a que nos perdoe, o perdaõ que tambem nõs damos a nossos inimigos: *Sicut & nos dimittimus debitoribus nostris:* & sendo este o maior acto da caridade christãa, tambem a esta heroica obra, como a todas as boas, & de virtude, negaõ os mesmos hereges o valor, & merecimento: chegando a dizer que to-

das saõ injurias á satisfacão do mesmo Christo, que nos ensinou a orar assim; com que elles, & todas estas herégias ficaõ degolladas.

426. *Et ne nos inducas in tentationem.* Aqui nos ensinou o mesmo Senhor a desconfiar de nossa fraqueza, & recorrer a seu auxilio, & graça para não cair em tentação. Mas assim como antigamente Pelagio tinha escrito que para resistir ás tentações não era necessaria a graça de Deos, & bastavaõ as forças do alvedrio humano: & assim como Joviniano disse que o homem legitimamente bautizado não podia ser vencido das tentações do Demonio; assim, & com mais abominavel erro, & com furor, & arrojamento verdadeiramente infernal ensinã os mesmos Lutheranos, & Calvinistas, que nem a constancia nas virtudes ajuda, nem a fraqueza, & cahida nos vicios impede a salvaçãõ. E se pedirmos a razãõ a estes brutos (como o bruto de Balaõ lha pedio a elle, que tambem era herege) respondem os Liberti-

*Bellar.
de gra-
tia, &
lib. arb.
à cap. 4.
& de im-
ceps.*

nos, como discipulos da mesma escolla, que as acções dos homens todas são indifferentes, & que nellas não ha bem, nem mal. Mas esta estolida heresia degolla como as de mais o Rosario, concluindo com a ultima clausula do Padre nosso: *Sed libera nos à malo.*

VII.

427. **P**Assando á Oração da Ave Maria, logo nas primeiras palavras, & como na vanguarda se oppoem contra o sagrado uso, & exercicio della hum exercito de hereges armados de cegueira, de impiedade, de furor, de blasfemia. Calvino, Pomerano, Brencio, Bucero, Pellicano, Bullinger, Marbáchio, Vivigando, & outros, todos condemnão aos Catholicos o uso da Ave Maria, dizendo que esta oração he supersticiosa, porque nella louvamos, & engrandecemos tanto a Senhora, que de creatura a fazemos Deosa. As palavras do ultimo que nomeey, são estas: *Qui Ma-*

*Canisius
lib. 3. c.
8. 9. 10.
etc.*

riam hac salutatione compellant, in crimen superstitionis incurrunt: quia contra Dei verbum ex creatura faciunt Deam, & Mariæ divinitatem ascribunt. Só o testemunho desta calumnia, em que se conjuráão tantos, basta para conhecer quem são os hereges, & a temeridade, a mentira, & a ignorancia brutal de quanto dizem. De maneira que porque repetimos o que disse o Anjo, & o que disse Santa Isabel á Virgem Maria, somos supersticiosos: & porque pedimos á mesma Senhora que rogue por nós a Deos, a fazemos Deosa? Mas porque a futilidade blasfema desta heresia se degolla por si mesma, triunfe sobre ella o Rosario, mais desprezando-a q̃ convencendo-a: & faça cada Catholico rayvar tantas vezes cada dia a todos os hereges, quantas são as que nelle se repete a mesma Ave Maria.

428. *Gratiâ plena.* Saudamos como o Anjo a Virgem Senhora nossa com o nome de chea de graça; excellencia tão sublime, que tra-

trazendolhe a embayxada do Anjo o titulo de Mãy de Deos, he maior ainda o nome da faudação, que o titulo da embayxada. Tres coufas ensina a Fé Catholica acerca da graça. A primeira, que he hum habito sobrenatural inherente na Alma, & não diffinto realmente da caridade; o qual faz ao homem grato a Deos, & por isso justo, & santo. A segunda, que não consiste a graça na Fé, posto que a suppe, & muito menos na fiducia, ou confiança posta só nos merecimentos de Christo, a qual de nenhum modo pôde justificar a Alma. A terceira, que só á graça he devida a gloria, & que sem graça ninguem por mais obras moral, ou materialmente boas que faça, se pôde salvar. Isto he o que ensina a Fé, & o que protesta o Rosario: & por isso nas duas primeiras protestações degolla as herégias dos Lutheranos, & Calvinistas, que são as modernas, & na terceira as dos Pelagianos, & Celestinos, que são as antigas.

429. *Dominus tecum.* O Tom. 5.

sentido, & energia enfatica com que o Anjo disse à Senhora estas palavras, diz S. Agostinho que foi esta. *Dominus tecum, sed plusquam mecum*: o Senhor he com vósco, mas muito mais com vósco, que comigo. E porque? *In me enim licet sit Dominus, memetipsum creavit. Dominus; per te autem genitus est Dominus*: porque comigo está o Senhor que me creou; & com vósco está o Senhor que vós gerastes. O mesmo dizemos, & confessamos nós quando dizemos na Ave Maria: *Dominus tecum* & quantas vezes repetimos esta confissão, tantas degolla o Rosario a blasfemia; & sacrilega heresia de Nestorio, o qual não podendo negar a divindade de Christo; para apartar o Filho da Mãy, & o *Dominus* do *Tecum*, que fez? Confessando o mesmo todo, dividio as partes, & os tempos; & com invento mais que diabolico veyo a dizer: que o Senhor nascera da Virgem Maria homem, que depois por seus merecimentos no baptismo recebeu o ser Christo, & que fi-

August.
ibi.

Causas
lib. 3. c.
8. pag.
159.

Bb iij nal.

nalmente pela morte que padecera alcançara depois da resurreição o ser Deos. Isto se atrevéo a pronunciar aquella execranda lingua: a qual porém na vida foi comida de bichos, & na morte não sofrendo a terra em si tão abominavel cadaver, subitamente se sumio nella, & foi sepultado no Inferno.

430. *Benedicta tu in mulieribus.* Aqui dizemos que he a Virgem Maria bemdita entre todas as molheres, não só para declarar a excellencia, & dignidade infinita com que excede a todas, mas para confessarmos que foi molher. E porque razão em cousa tão manifesta? Porque tambem he necessaria esta confissão para degollar duas heregias. A primeira de homens, que foraõ os Colliridianos, os quaes diziaõ que a Virgem Maria não fora molher, senão Deos: a segunda de molheres, que foraõ as da Arabia, Thracia, & Scythia, as quaes, como refere Santo Epiphanio, adoravaõ a mesma Senhora como Deosa, & lhe offerreciaõ sacrificio. Parece que mere-

ciaõ algum perdaõ estas heregias pela devação, & affecto com que foraõ inventadas: mas onde não ha verdade, não póde haver devação. Por isso a do Rosario excede facilmente a todas; porque não só he solidamente verdadeira, mas destruidora de todos os erros.

431. *Benedictus fructus ventris tui Iesu.* Nestorio, & os hereges geralmente chamados Anticomarianitas, ou Antimarianos, que quer dizer inimigos, ou contrarios de Maria, dizem que morou Deos em suas entranhas como em casa, ou assistio nellas como em templo, no qual porém se entra, & sahe, mas não se recebe delles o ser. Outros como o rai de luz, que passa sem lesão pela vidraça; mas nasce no Ceo, & do Sol. Outros finalmente como a agua no canal, ou no rio, que passa por elle sim, mas tem o seu nascimento na fonte. E por mais que esta heregia se explique por tantos modos plausiveis, & apparentes, todos elles degolla o Rosario, dizendo: *Benedictus fructus ven-*

Epiph.
in Pan-
rio he-
refi 79.
Idem
heresi.
78.
D. Tho.
in 3. di-
stinct. 4.
q. 2. art.
1. Ait
fuisse
heret
qui B. P.
naturæ
cuiusdã
caelestis,
seu An-
gelicæ
assere-
rent.

D. O.
in de
prim.
Ana-
mat.
relat.
à Su-
tom.
3. pa-
disp.
f. 11.

ven-

ventris Iesu. Assim como o fruto nasce da arvore, & da sustancia da arvore recebe o ser, assim o Filho de Deos, que he o Rio da fonte, & o Rayo do Sol, & o Herdeiro da casa, & o Senhor igualmẽte do templo, de tal maneira morou nas entranhas de Maria, que dellas como verdadeiro fruto recebéo a sustancia, & o ser, & dellas como verdadeiro Redemptor recebéo o sangue, que foi o preço infinito da redempção, pela qual se chama Iesu: *Et benedictus fructus ventris tui Iesu.*

432. *Sancta Maria.* Implacavel he o odio com que os hereges perseguem, & as calumnias com que procurão escurecer a santidade da Virgem Santissima, arguindo peccado onde nunca o ouve, nem póde haver, nem a mais venial sombra delle. Assim o fazem, em vão, Luther o principalmente, & Calvino, & todos seus discipulos não só impios contra a Fé, mas ingratos á mesma Senhora segundo suas proprias Seytas. Em certo modo mais obrigação tinhão

estes hereges de ser devotos da Virgem Senhora Nossa, que os Catholicos. Porque a Virgem Maria foi Mãy de hum Filho tão benigno, & liberal para com elles (segundo elles dizem) que dandolhes licença para viverem em todos os vicios, sem mais arrependimento, nem penitencia, com tanto sómente que o creaõ, lhes promete o Ceo. E para comnosco os Catholicos he tão justo, & severo Juiz o Filho da mesma Senhora, que não bastando a nossa Fé, com ser a verdadeira, para nos salvar, basta hum só peccado sem arrependimẽto para nos lançar no inferno. Pois se tão to devem os hereges ao Filho desta Mãy, porque a perseguem tanto? Porque conhecem, ainda que o dissimulem, a verdade da doutrina catholica, & como sabem que o Filho da mesma Senhora os ha de condenar sem duvida, por isso tem tão grande odio á Mãy. Estes mesmos pois que tão blasfemamente querem pôr mancha na santidade sempre immaculada da Virgem

Maria , são tambem os que tornârao a resuscitar em nossos tempos , & a tirar outra vez do inferno, onde já estava sepultada com elle, a heresia de Nestorio , negando à mesma Senhora a propria, & verdadeira Maternidade do Filho de Deos , & seu. Mas assim como o Rosario degolla aquella heresia , dizendo : *Santa Maria*; assim torna a degollar esta , acrescentando : *Mater Dei*.

433. *Ora pro nobis peccatoribus*. Esta tão piedosa deprecação impugnao tambem os hereges : & que hereges ? Quem esperára tal juizo de hũa cabeça coroadada : & da coroa que maior obrigação tem de ser catholica ? O Emperador Constantino Copronimo passou hũ decreto, que dizia assim: *Ne Mariæ quidem intercessionem quisquam petat : neq; enim illa iuvare quemquam potest*. Ninguém peça a intercessão de Maria , porque ella não pôde ajudar a ninguém. Eis aqui, novo Herodes das Almas , para que Deos te deu esse poder : para que o tirasses a sua Mãe. Não debalde

mereceste na pia o cujo , & infame sobrenome de Copronimo , profanando as sagradas aguas do baptismo em portentoso pronostico de tuas impiedades, blasfemias, heregias , & artes magicas , chegando a pactear com os Demonios de fazer cruel guerra aos Santos. Acabou a vida este monstro abraçado em fogo de suas proprias entranhas , & confessando a gritos que vivo estava já entregue aos incendios eternos pelo que tinha feito contra a Virgem Maria : *Adhuc vivens inextinguibili igni traditus. sum propter Mariam*. E porque seus infames ossos não descansassem em melhor sepultura, o Emperador Michael os mandou desenterrar , & em hum dia de grandes festas queimar publicamente. Assim castiga as injurias de sua Mãe o mesmo Deos que tanto soffre, & dissimula as suas. Mas a protervia , & obstinação heretica , nem com a paciencia se abrandam, nem com o castigo se emenda. Constantino não teve a quem imitar mais que a Vigilancio , & teve depois

canif.
lib. 3. c.
10 pag.
399.

Ced
rela
à B
ann
Chr
779
Geor
Harr
& e
Rad
rela
Spen
code
ann
11.

depois por imitadores os Petrobrosianos , os Catharos , os Taboritas, & em nossos tempos a todos os Calvinistas , & Lutheranos , que tantas , & tão nobres partes da Europa tem inficionado com esta peste. Merecedores justamente deque vivaõ , & morraõ nas trevas de sua cegueira , pois prohibem o recurso á fonte donde nascêo a luz.

434. Nós porẽm , ó Mãe de Deos , & avogada unica dos peccadores , protestando a verdade desta Fé confirmada com tantos beneficios de vossa poderosissima intercessão , postrados humilmente a vossos santissimos pès, todos com a voz, & com o coração vos dizemos: *Ora pro nobis peccatoribus.* E acrescentamos: *Nũc; & in hora mortis nostræ;* porque não só na vida , mas na morte , & depois della reconhecemos dever á mesma intercessão , & amparo vossõ a indulgencia das penas do Purgatorio , & a gloria eterna do Ceo. Negãrão o Purgatorio os hereges Aerios , os Vvaldenfes; os chamados

Apostolicos, os Vviclefitas, os Hussitas , os Albigenfes , & para que em nada deixassem de errar , tambem Luthero , & Calvino com todos seus sequazes : negãrão a immortalidade das Almas os Saduceos , os Psychicos , os Arabicos, os Hermannianos , & todo o antigo , & bestial rebanho de Epicuro , & o moderno dos Athéos. Porẽm nós que ensinados não só da Fé , mas da experiencia , & da razão , cremos que as Almas são immortaes , & que os peccados commettidos na vida, ou se purgaõ depois da morte com satisfação temporal , ou se castigaõ sem fim com pena Eterna. Na mesma clausula com que dizemos á Virgem Santissima. *Ora pro nobis peccatoribus nunc , & in hora mortis nostræ* , detestamos , & confundimos estas duas perniciosissimas heregias: & com a mesma detestação acaba de degollar o Rosario assim as que pertencem á parte mental do que medita , como á vocal do que reza.

*Bellar.
lib. de
Purgat.
& libr.
de Beat.
& invocat.
Sã.
Eor. à
cap. 15.*

VIII.

435. **M** As posto q̃ as heregias referidas, & detestadas sejaõ tantas, & taõ varias; como a obrigação do meu assumpto he mostrar que a Virgem Senhora Nossa por meyo do seu Rosario naõ só matou muitas, senaõ todas: *Cunctas hæreses sola interemisti*; parece que contra a generalidade desta proposição se estaõ oppondo nesta mesma Igreja, & seus altares tres exceções evidentes: a das Cruzes, a das Imágenes, & a da real, & verdadeira presença de Christo no Divinissimo Sacramento. Confesso que os erros, & heregias que encontraõ estes tres actos da Fé, & Religião Catholica (que são nos Templos da Christandade os mais publicos) ainda ategora as naõ degollou o Rosario, mas he porque ainda o naõ consideramos todo.

436. Primeiramente quem vio já mais Rosario sem Cruz? Nem ha Rosario sem Cruz, nem Cruz no

Rosario bem rematada sem medalha. Com a Cruz degolla o Rosario a heregia dos Paulicianos, dos Bruisianos, dos Vviclefistas, dos Bogomiles, porque estes como os Calvinistas, & Protestantes em nossos dias derubao, quebrao, & desterraõ as Cruzes, as quaes nõs pelo contrario em memoria, & figura da sacratissima Cruz, em que Christo padecẽo, & nos remio, adoramos com summa veneração. E com as medalhas, cu sejaõ do mesmo Christo, ou da Virgem Senhora Nossa, ou de qualque outro Santo de nossa devação, degolla do mesmo modo o Rosario a heregia de Carolstadio, de Vviclef, de Luthero, de Zuinglio, de Calvino, & dos mais por isso chamados Iconomacos, os quaes negaõ, & prohibem o culto, & veneração das sagradas Imagens, como dâtes o tinhaõ prohibido os Judẽs no Thalmud, & os Mahometanos no Alcoraõ, que de raes mestres raes discipulos. Chamaõ impiamente a este culto idolatria sendo piedade, religião, & parte

te da mesma Fê , definida pelos Concilios; canonizada com os templos , altares , & votos ; usada dos Santos Padres em todas as idades , & confirmada com infinitos milagres.

437. Resta só a protesta-
ção do Santissimo Sacramê-
to no Rosário, a qual de in-
dustria reservey para este ul-
timo lugar , estando no mes-
mo Rosário mais expressa
que todas: *Panem nostrum
quotidianum da nobis hodie.*
Pedimos nestas palavras o
sustento temporal, & espiri-
tual para o corpo, & para a
Alma: & no espiritual, &
da Alma o primeiro, & prin-
cipal, & mais sustancial de
todos, que he o Corpo de
Christo, o qual verdadeira-
mente comemos no Divinif-
simo Sacramento. Assim o
declarou o mesmo Christo
na mesma oração do Padre
nosso, dizendo por São Mat-
theus: *Panem nostrum su-
persubstantialem.* Chamase
paõ; porque se nos dá de-
bayxo de especies, & acci-
dentes de paõ. Chamase nos-
so; porque he proprio dos
Fieis, & Filhos da Igreja

Catholica. Chamase quoti-
diano; porque todos os dias
se consagra, & offerece no
sacrosanto Sacrificio da Mis-
sa. E chamase finalmente so-
bresustancial; porque exce-
de infinitamente a todas as
sustancias creadas, dandose
nelle a do mesmo Creador.
Isto he o que confessa, &
protesta o Rosário expressa-
mente naquellas soberanas
palavras, não se achando
taõ expressa protestaçaõ do
Santissimo Sacramento em
nenhum Symbolo da Fé. Os
Symbolos da Fé são tres. O
dos Apostolos composto por
elles no principio da primi-
tiva Igreja, que he o que or-
dinariamente repetimos: o
Symbolo Niceno, decreta-
do dali a trezentos annos no
Concilio de Nicéa, em que
se ajuntarão trezentos & de-
zoito Bispos, que he o que
se canta na Missa: & o Sym-
bolo de Santo Athanasio, em
que se contém a confissão da
sua Fé, declarada não mui-
to depois, & approvada em
Roma; que he o que todos
os Domingos se le na Reza
Ecclesiastica.

438. Agora pergunto,
&

*Bellar.
de Sa-
cram.
Euchar.
cap. 1.
lib. 1.*

& perguntaráõ todos com muita razão : se em todos estes Symbolos , & em cada hum delles se contém o que cre a Fé Catholica : & o Santissimo Sacramento do Altar he por antenomasia o Mysterio da Fé ; porque se não faz expressa menção delle em algum dos mesmos Symbolos, ao menos no segundo , & no terceiro ? A razão he , como consta de todas as Historias Ecclesiasticas , porque tendo reduzido os Apostolos o primeiro Symbolo ao que era sómente preciso para á pregação universal do mundo ; por occasião de algúas heregias que de novo se foraõ levantando na Igreja , foi necessário declarar com maior distincção , & formalidade nos outros Symbolos o que só virtualmente se continha no primeiro. Não ouve porém esta necessidade (ponto verdadeiramente digno de grãde reparo , & de tanta consolação para os Catholicos ; como confusão para os hereges) não ouve (digo) esta necessidade na Fé do Santissimo Sacramento : & por

que? Porque desde seus principios esteve tão firmemente crida, & tão estabelicida entre todos os Christãos a verdade deste altissimo Mysterio , que em espaço de setecentos annos não ouve quem o puzesse em questaõ : & nos trezentos & cincoenta annos seguintes so houve hum homem na Igreja Grega , & outro na Latina, que em diversos tempos o duvidáraõ . atè que no anno de mil & cincoenta do Nascimento de Christo, o impiissimo Berengario (que com múnmente se reputa pelo Heresiarca deste erro) se atrevèu a querer defender publicamente que o Corpo de Christo não estava no Sacramento. E posto que húa vez cahido , outra relapso , & de ambas as vezes convencido , abjurou Berengario a sua heregia ; assim abjurada por seu proprio inventor , a resuscitáraõ no seculo passado , & a seguiraõ Luthero , & Calvino, não conformes porém entao , senao divididos em duas Seytas. Lutero mais moderado confessá que no Sacramento está o Corpo

Corpo de Christo, mas diz que juntamente está pão : & Calvino totalmente cego, & impudente só diz que está ali pão, & de nenhum modo o Corpo de Christo.

439. Estas são as duas heregias que hoje permanecem entre Lutheranos, & Calvinistas com igual injuria, & danno da Christandade, as quaes finalmente degolla o Rosário confessando, & protestando com a Fé Catholica: que de pão não ha no Sacramento mais que os accidentes: & o que antes era a sustancia dos mesmos accidentes, por milagrosa, & verdadeira transustanciação está ali convertida na sustancia do Corpo de Christo, que he o que cremos, & adoramos naquella Hostia consagrada. Assim que o Rosário entendido, meditado, & rezado na forma em que foi instituido pela Virgem Maria Senhora Nossa, he húa prostação da Fé Catholica tão universal juntamente, & tão particular; que mais expressamente se refutaõ nelle muitas heregias, & mais ex-

tenfivamente todas, que em todos os tres Symbolos da mesma Fé. E desta maneira se verifica gloriosamente do mesmo Rosário que por meyo delle degollou a Virgem Maria, & ella só, as heregias de todo o mundo: *Cum estas hæreses sola interemisti in universo mundo.*

IX.

440.

TEnho acabado, Fieis, o meu discurso. E pois elle por haver sido tão dilatado, não permite larga peroração, eu a resumo a tres palavras. A primeira, que á vista de tantas, & tão enormes heregias não só alheias da Fé, mas de todo o entendimento, & juizo; conheçamos quanto escurece o lume da razão a cegueira dos vícios (que são as raizes donde todas ellas nasceraõ) & demos infinitas graças a Deos por em tempos tão contagiosos ter livrado a nossa patria desta peste: daqual ella se conservará pura, & sem lesão em quanto a licença dos mesmos vícios, que tanto crescem,

cem, não provocarem o Ceo a semelhante castigo.

441. A segunda, que não falemos já mais no santo exercicio do Rosario, offerecendo-o a Deos, & a sua Santissima Mãe, não só como tributo da nossa devação, & piedade, mas como protestaçaõ da nossa Fé, & como hum publico sinal, & testemunho della. Quando o Concilio Antioqueno cõdenou a heregia de Arrio, que tão grande scisma tinha causado na Igreja, tomâraõ por empresa os Cathólicos para se distinguir dos Arrianos, trazer ao pescoço as definições do mesmo Concilio em sinal da sua Fé. *Tantum Symbolum Fidei, ut se Catholicos, & non Arrianos esse profiterentur*: diz, referindo este antigo exemplo, Maldonado. O qual acrescenta pia, & doutamente que ao mesmo fim devemos nós trazer em publico o Rosario, porque só elle basta para protestaçaõ da Fé que professamos. *Quemadmodum, si quæ vulgo Rosaria vocant, quibus precari sacram Virginem solemus, loco torquis ad*

collum geras, ut offendas te non hæreticum, sed catholicum esse.

442. A terceira, & última palavra he, que estejamos muito confiados, & certos que esta nossa protestaçaõ será a mais agradável a Deos; porque nella mostramos que somos seus, & da sua parte, & seguimos a bandeira da sua Fé em tempo que tantos a negaõ. Porque foi tão estimada a Fé de Tobias? Porque quando os outros hiaõ adorar os Idolos de Jeroboam, elle fazia as suas Romarias ao Templo de Jerusalem. Porque promettéo Christo o Paraíso ao Ladrão, & lho deu de contado no mesmo dia? Porque quando todos o negavaõ, & blasfemavaõ, elle o confessou á vista de todos. E finalmente, porque he tão louvada, & celebrada Marcella a molherzinha humilde do Evangelho? Porque quando os Escribas, & Fariseos calumniavaõ a Santidade, & Divindade do mesmo Senhor, ella levantou a voz em a sua defenfa. Façamos nós o mesmo com o Rosario

Do Rosario.

409

rio na boca, no coração, &
nas mãos: & com esta pu-
blica protestaço da Fé Ca-
tholica confundiremos, &
degollaremos as heregias
passadas, & as presentes, as-

sim como ella degollou, &
confundio as presentes, &
as futuras: *Ut & præsenti-
um procerum calumniam, &
futurorum confundat hæreti-
corum perfidiam.*





SERMAM XII.

NA SE DA BAHIA , DEPOIS DA
Armada Real derrotada. Anno de 1639.

David autem Rex genuit Salomonem. Matth. i.

I.

443.



Fim que ha tanto tempo defejaõ as calamidades deste Estado, & os meynos oportunos, & efficaçes que ou lhe faltaõ, ou lhe não aproveitaõ, he tudo nem mais, nem menos o que em duas figuras coroadas nos representa São Mattheos no texto que propuz. Que he o q̃ padece o Brasil? Que he o que defeja tão longamente? O que padece, he a guerra: o que defeja, he a paz. E quando esta na infelicidade dos successos presentes parece mais desesperada, & sem remedio; para exemplo do remedio,

& para alento da esperança, oportunamente nos representa o Evangelho a differença de dous Reynados immediatamẽte successivos, hum tão famoso no que padecemos, como outro felicissimo no que defejamos.

444. *David autem Rex genuit Salomonem*: David Rey (diz o Evangelista) gerou a Salamaõ. Mas com que mysterio? Que na serie destas geraçoens tudo he mysterioso. Porque foi David o Pay, & Salamaõ o Filho? Porque reynou primeiro David, & Salamaõ depois? Não pudẽra David succeder a Salamaõ, assim como Salamaõ succedeo a David? Segundo a ordem da

da natureza, fim podêra: te-
gundo a significação do my-
sterio, não. O Reynado de
David todo foi inquieto, &
perturbado com guerras, &
infestado de inimigos. O de
Salamaõ, como elle mesmo
diz, não teve inimigo que o
inquietasse: *Non est Satan*,
neg; *occursus malus*: todo foi
sosegado, & opulento na
mais alta, & deleitosa paz.
Isto mesmo trouxeraõ escri-
to no fado de seus naci-
mentos, ou no pronóstico,
& profecia dos nomes hum,
& outro Rey: David quer
dizer: *Manu fortis*: Salamaõ:
Pacificus. Gerou pois o Rey
guerreiro ao pacifico, & o
pacifico succedêo ao guer-
reiro; porque a paz he filha
da guerra, & á guerra succe-
de a paz. Muito he que de
hũa mãy tão fea, & tão des-
composta nasce hũa filha tão
fermosa, & tão modesta?
Mas por isso os Antigos cha-
máraõ á guerra, *Bellum*, não
por ironia, ou antifrasi, co-
mo muitos cuidaõ, senaõ
porque da guerra nasce a
bella paz.

445. Se a algũa guerra
se deve legitimamente esta

Tom. 5.

venturosa successaõ, he ver-
dadeiramente a nossa. Não
he o mesmo fim o de todas
as guerras. Hũa move a vai-
dade, outra a cubiça, ou-
tra a justiça, & necessidade.
A que move a vaidade, tem
por fim o triunfo; a que
move a cubiça, tem por fim
o despojo; a que move a
justiça, ou he movida da
necessidade, tem por fim a
paz: & tal he a nossa. *Pacem*
debet habere voluntas, bel-
lum necessitas: diz Santo A-
gostinho. A paz ha de ser
sempre voluntaria, & a guer-
ra forçada: só a necessidade
ha de obrigar á guerra, mas
a vontade sempre ha de de-
sejar a paz. Já antes o tinha
dito Marco Tullio tão filo-
sofo como Republico, &
tão Republico como elo-
quente. A guerra, diz, toma-
da por temeridade, he dos
brutos; a forçada, & por
necessidade, dos homens.
Como homens, pelejamos
pela conservação da paz, &
não pela ambição da vitoria:
como justos, só pretende-
mos defender o proprio, &
não conquistar o alheio: co-
mo soldados só tomamos as

D. Aug.

Tullius.

Cc

ar-

Ouid. armas contra as armas, & se pôde dizer com mais verdade dos nossos o que Roma cantava dos seus: *Sola gerat miles. quibus arma coerceat; arma.* Sendo pois tão justificada, tão racional, & tão innocente a nossa guerra: & sendo a paz filha legitima da guerra, só quando a guerra he legitima, como foraõ as de David; muita razãõ tinhamos por certo, não só de desejar, mas de esperar, que della, como a de Salomão, nacesse tambem a nossa paz. A guerra nove annos há já que a padecemos, tempo, & numero bastante para que della nacesse este suspirado parto: do qual porẽm atẽgora não temos outros sinais mais que as dores.

446. Com esta comparação costuma a Escritura encarecer as dores grandes: *Ibi dolores ut parturientis: & que parte ha neste vastissimo corpo, ou mais vezinha, ou mais remota, que as não padeça grandes, & cada dia maiores? O mar infestado, os portos impedidos, as costas com perpetuos rebates ameaçadas, as campa-*

Psal. 47. 8.

nhas taladas, as lavouras abrazadas, as casas despovoadas, & destruidas: as Cidades, & Villas arruinadas, os Templos, & os Altares profanados, as pessoas de todo estado, & condiçãõ, de todo sexo, & idade desacatadas, & por mil modos opprimidas: as prisoens, os delterros, as pobreza, as fomes, as sedes, huns mortos nos bosques, outros mirrados nos desertos, fugindo dos homens para ser pasto das aves, & das feras: as molheres, & meninos innocentes entregues à furiã, & voracidade dos barbaros, & os mesmos cadaveres com horror da natureza incessantemente afrontados: as mortes deshumanas a sangue frio, as traçoens, as crueldades, as sevicias, os martyrios, & tantos outros generos da heretica tyrania, contrarios a toda a fé, & direito das gentes, & de nenhum modo comprehendidos debayxo do nome de guerra; esta he a guerra que padecemos. Esta he, torno a dizer, a guerra que padecemos, & estas as dores, cujos gemidos

dos passados por tanto mar
chegão tarde, & frios a Eu-
ropa, ou enganada, ou ef-
quecida. A chaga cresce, o
veneno estendese, & já bate
às portas do coração, a con-
stancia senão desfama, não
sej se duvida, & tudo nas
experiencias de tantos an-
nos mais promete desespe-
rações, que remedio.

447. Mas, ó Filha de
David, & de Salamaão, ó
Virgem poderosissima do
Rosario, que havia de ser
de nós, se essas entranhas de
piedade, onde trouxestes a
Deos, não fossem o nosso
presidio, o nosso amparo, o
nosso remedio & toda a nos-
sa esperança? Isto he o que
determino prégar hoje, &
não como assumpto meu,
Senhora, senão como pre-
ceito vosso. No anno de
mil & quatro centos & se-
tenta & cinco achandose em
grande aperto a insigne, &
muy catholica Cidade de
Colonia, bloqueada por to-
das as partes de hum pode-
roso Exercito de inimigos
hereges, de que naturalmen-
te se não podia defender,
devastada já, & occupada
toda a campanha, & sem es-

perança de soccorro huma-
no; appareceo a Virgem
Santissima a Frey Jacobo
Sprenghero Prior do Con-
vento dos Prégadores, & lhe
mandou que logo prégasse,
& exhortasse a todos a de-
vação do Rosário, & lhe
prometteffe em seu nome
que por meyo della, não só
a Cidade, mas toda a Pro-
vincia ficaria livre da op-
pressão, & temor das armas
inimigas. Assim o mandou,
assim o promettéo, & assim
o cumprio a poderosissima
Rainha dos Anjos, & o Ex-
ercito dos hereges vencido,
& desbaratado de outro po-
der superior, & invisivel,
não só não chegou a bater a
Cidade, mas deixadas a
Campanha, & toda a Pro-
vincia, mal se pode recolher,
fugindo para donde viera.
Agora pergunto á Bahia, &
a todo o Brasil. A Virgem
Maria Mãe de Deos, não he
a mesma? Os poderes do
seu Rosário não são os mes-
mos? A nossa Fe Catholica,
& Romana não he a mes-
ma? Os intentos das armas
hereticas, & inimigas não
são os mesmos? Pois se a
nossa devação, & as nossas

Cc ij ora-

orações forem as mesmas ; porque não experimentaremos o mesmo favor, & os mesmos socorros da Senhora do Rosario?

448. Só me podeis dizer que aquelle Prégador teve revelação, & foi mandado, & eu não. Enganaifvos. Assim como a Virgem Maria mandou áquelle Prégador que prégasse o Rosario a Colonia; assim me manda também a mim que o prégue á Bahia. E porque me atrevo a afirmar isto com tanta asseveração? Porque aos Ministros da palavra de Deos, as revelações que se fazem a hum, são preceitos para os outros. Prégando São Paulo, & São Barnabê em Antioquia, como muitos dos Judeos não quizessem receber o Evangelho, disseraólhe os dous Apostolos, que supposta aquella sua incredulidade, elles se passavao a prégar aos Gentios, porque assim lho tinha mandado o Senhor : *Sic enim præcepit nobis Dominus.* E quando mandou o Senhor aos Apostolos que não accitando os Judeos a

sua doutrina, a fossem prégar aos Gentios? Os mesmos Paulo, & Barnabê o disseraõ; & he prodigiosa prova do que eu digo : *Sic enim præcepit nobis Dominus. Posui te in lucem gentium, ut sis in salutem usq; ad extremum terræ.* Quer dizer : que o Senhor lhe tinha mandado a elles que prégassem o Evangelho aos Gentios, porque o mesmo Senhor tinha revelado a Isaias que aos Gentios se havia de prégar o Evangelho. Pois essa revelação feita a Isaias, he preceito para Paulo, & Barnabê de prégarem o mesmo : *Sic enim præcepit nobis Dominus?* Sim. Porque as revelações feitas a hum prégador, são preceitos para os outros Supposta pois aquella revelação, & este preceito; tudo o que hoje differ da virtude do Rosario, & seus poderes, não se deve ouvir como assumpto, ou discurso prégado por mim, senão como mandado prégar pela mesma Virgem Santissima. E para que a rudeza de minhas palavras não seja totalmente indigna de tão sobe-

soberano preccito, pegamos
à mesma Senhora me assista
com sua graça.

Ave Maria.

II.

449. **D***Avid autm Rex ge-
vit Salomonem.* A-
quelle cataltrofe admiravel
q os Profetas prometêrao ao
múdo renovado, quando as
lanças se convertessem em
arados para cultivar a terra,
& as espadas em fources para
segar, & recolher os frutos,
nenhũa outra cousa signifi-
ca aos homens de maior al-
vorço, & gosto, que a ale-
gre, & desejada paz depois
da triste, comprida, & de-
testada guerra. Destes anti-
quissimos, & sagrados ex-
emplares tomárao a mesma
metaphora, & a prôseguirão
elegantissimamente assim os
Poetas Gregos, como os
Latinos; entre os quizes Al-
ciato (admittido já pelos
mais severos juizos ao Colle-
gio do Parnaso) engenho-
sa, militar, & politicamen-
te adiantou assim o mesmo
pensamento. Pintou hum
enxame de abelhas que no

oto de hum capaceete fabri-
cavao os seus favos, & por
titulo deste Emblema: *Ex
bello Pax.* A letra diz, como
diziamos, que da guerra nas-
ce a paz: & o corpo da pin-
tura a nenhũa paz, ou guer-
ra se pôde applicar com ma-
ior propriedade, que á do
Brasil. Os favos são os do-
ces frutos desta terra singu-
lar entre todas as do mundo
pela benção de deçura com
que Deos a enriqueceo: *In* ^{*Psalm.*}
benedictionibus dulcedinis: ^{20. 4.} as
abelhas pela maior parte da
Ethiopia são os fabricado-
res dos copiosos favos, que
carregaõ todos os annos tão
opulentas, & numerosas
frotas: & o capaceete, nem
usado já, nem guárdado pa-
ra outras occasioens, he o si-
nal da paz segura, perpetua,
& sem receio, qual foi a do
Reynado de Salamao, & a
que depois de tantas guer-
ras promettéo Deos nelle a
seu Pay David: *Filius qui nas-
cetúr tibi, erit vir quietissimus:*
faciam enim eum requiescere
ab omnibus inimicis suis per
circuitum; Et ob hanc causam
Pacificus vocabitur.

<sup>1 Para-
lip. 22. 9.</sup>

450. Este he o sentido

Cc iij natu-

natural do mysterio do Evangelho, a que poderá servir de elegante cômto o capacete, & abelhas do Emblema, se o capacete for o de David, & as abelhas as de Salamao. Não nasce a doce paz de qualquer guerra, senão da guerra superior, & victoriosa quaes foraõ as de David. Apaz que não elegem, mas aceitaõ os vencidos, ou desesperados, não he de mel, mas de fel: não he doce, mas cheia de amarguras, como as que padecem debayxo do jugo do inimigo os que por não poder resistir, nem fugir, remiraõ com a liberdade as vidas: servidaõ em fim, & cativoiro, & de nenhum modo paz. Esta he a razãõ, ou necessidade porque os que discorrem prudentemente sobre o estado presente da nossa guerra, já dizem que escolheriaõ por partido partir o mesmo Emblema pelo meyo. E de que modo? Deixando ao injusto possuidor os favos do já perdido, que he Pernambuco, & acodindo a defender com o capacete a cabeça tão amçaada,

& perigosa, que he a Bahia. Outros espiritos ha, porém não sey se menos considera-dos, se mais animofos, os quaes de nenhũa forte se cõtentaõ com o Emblema de Alciãto partido, senão com o enigma de Samsam inteiro. Queira Deos que adevinhẽ. O Vffo Settentriõal, que nos veyo crestar as colmeas, não he o Leaõ Belgico? Sim: que assim se pinta, assim se nomea, essas saõ as suas armas. Pois a esse Leaõ tirem-selhe da boca os favos, como fez Samsam ao seu: & apregoe-se com trombetas no mundo Catholico tão lastimado de nossas perdas, como offendido de suas victorias: *De comedente exiuit ci-bus, & de forti egressa est dulcedo.*

451. Bizarro pensamento por certo, se não fora só pensamento, ou se David, que he o fogeito do nosso assumpto, entrãra já nelle com este preludio, que foi o primeiro testemunho do seu valor, & pronóstico provavel do seu triunfo. Quando ElRey Saul difficultou a David o combate, & lhe duvi-

Reg.
36.

duvidou a vitoria do Gigante ; respondeu elle que ja tinha morto hum Vſſo , & hum Leaõ : *Leonem & ursum interfeci ego servus tuus.* E isto que não he facil nem pouco , he o que muito de veraõ considerar os Autores desta Boa Esperança , quando tão facilmente se poem no cabo della. Samſam tirou os favos da boca do Leaõ ; ſim , mas depois de vencido , & morto. Não he a meſma cçuſa hum Leaõ morto , que vivo : & tão vivo , vigilante , & armado , como o que a noſſa fantesia não defenganada com tantas experiencias eſpera , ou presume vencer. Olhemolhe bem para os dentes , & para as unhas. Affim ſe haõ de conquistar tantas fortalezas no mar , & na terra , tão regularmente edificadas , tão abundantemente providas , tão artelhadas , tão preſidiadas . & não ſõ nas fortes muralhas , mas nos ſoſſos ; nas eſtacadas , & com todo o genero de fortificaçoens exteriores tão defendidas ? Affim ſe desprezaõ os Cabos tão experimentados em ou-

tras guerras , & tantos , & tão luzidos regimentos creados , & envelhecidos na disciplina militar , veſtidos , & armados , & não deſpidos , ſuſtentados das praças , & adegas de Amſtardaõ , & não mortos de fome ? Finalmente affim ſe ha de recuperar hũa Provincia mais eſtendida que muitos Reynos , cujas legoas ſe contaõ a centos , cujas terras ſe ganháraõ a palmos , cujos rios a cortaõ , cujos portos a fechaõ , cujos mares abertos a todos os ventos , & o fundo que não ſoffre amarras , & come as ancoras , a defende , & ſegura de largo ſitio ?

452. Calleſe logo toda a preſunção humana : emudeçaõ arbitrios , & diſcuſſos faceis de eſcrever , mas impoſſiveis de executar : & nõs defenganados , & convencidos pela evidencia dos olhos , conheçamos , & cõfeſſemos que ſõ do Ceo nos pôde vir o certo , & infallivel remedio , que he o que a Rainha do meſmo Ceo nos promette glorioſo no ſeu Roſario. O que fizeraõ na ſua maior afflicção os ſitia-

Cc iiij dos

dos de Colonia , foi tirar em publico , & levar por toda a Cidade hũa Imagem da mesma Senhora do Rosario, rezando o todos em alta voz devota , & instantissimamente ; & esta que para os cercados era procissão , contra os inimigos foi triunfo. O mesmo succedéo mais perto de nossos dias na famosa batalha naval do mar de Lepanto. Tinha prevenido , & solicitado o favor da Rainha dos Anjos o Santo Pontífice Pio V. com exhortações a toda a Christandade , & novas , & maiores indulgencias concedidas aos devotos do Rosario : & foi cousa notada em todo o mundo Christão , & verdadeiramente milagrosa , que no primeiro Domingo do mez (que então foi o de Outubro) em que os confrades deste sagrado instituto costumão fazer a sua festa particular, nesse mesmo dia se deo com empenho de hũa , & outra parte nunca visto a poderosissima batalha : & na hora em que era levada nas procissões a Imagem da Senhora do Rosario

em Roma , & em toda Italia, nessa mesma hora , estando até ali duvidosa, se declarou a vitoria pelos Christãos , triunfando as armas Catholicas de todo o poder , & soberba Otomana.

453. Mas assim havia de ser , & assim será sempre, porque desde a conquista da terra de Promissão se decretáraõ á Virgem Senhora Nossa do Rosario , & a sua sagrada Imagem estes triunfos contra infieis. A fórma em que marchavaõ os filhos de Israel na entrada da terra de Promissão, era levãdo diãte a Arca do Testamento em dous mil passos de distancia, para que de todo o exercito podesse ser vista , & seguida. Nesta mesma ordem acomettéraõ a primeira Cidade , que foi a fortissima de Jericó , cujos muros eraõ de marmore , & as portas de ferro , & sem outro combate , bateria , ou assalto, só com levarem em procissão a mesma Arca do Testamento ao redor dos muros , os muros por si mesmos cahiraõ , & com os muros os animos , o valor , & as esperanças de todos

Do Rosario.

todos os que com as proprias forças presumião defender dos Israelitas aquellas terras pizadas primeiro, & habitadas de seus Pays, as quaes Deos por este meyo agora lhes queria restituir. Mas porque concedéo o mesmo Deos esta primeira, & capital victoria ao seu Povo por meyo da Arca do Testamento sómente, & não em outro lugar, senão em Jericó? Para que entendamos os Catholicos significados nos Israelitas, que se queremos conquistar, & recuperar as terras que Deos nos deo, & estão em poder de inimigos, & inimigos infieis como os Amorrheos; o meyo unico, & efficaz desta conquista, & o poder, & soccorro de que só devemos esperar a victoria, he a Virgem Senhora Nossa em quáto Senhora do Rosario. A Arca do Testamento em qualquer parte he figura da Virgem Maria; mas em Jericó particularmente, não só da Virgem Maria, senão da Virgem Maria com o sobre nome do Rosario, que assim lho poz o Espirito Sã-

419
to: *Quasi plantatio Rosæ in Eccle*
Jericho. E quando os Catholicos intentão a conquista, & recuperação das suas terras possuidas de infieis, debayxo da conduta, patrocinio, & amparo da Senhora do Rosario; não ha muros, nem fortalezas, não ha portas de ferro, nem machinas de bronze, não ha arte, potencia, nem valor que não tremam, que não caya, que não se renda.

454. O mesmo nos succederá a nós, & assim o devemos esperar nesta conquista, que tambem, & com muita propriedade se póde chamar da terra de Promissão. Como chamaõ á terra de Promissão as Escrituras sagradas? *Terram fluentem lacte, & melle*: terra que mana leite, & mel. E quem não vê que a Olanda unida ao Brasil, como hoje está em Pernambuco, lhe convem por nossos peccados toda a difinição? Olanda he a terra que mana leite, o Brasil he a terra que mana mel; & junta hũa com a outra, inteira, & propriamente vem a ser a terra de Promissão:

Levit.
20 24.

missão: *Terrã fluentem lacte, & melle*. Mas com o favor da Virgem do Rosario, se nós o soubermos solicitar, & merecer, não estará muito esta segunda terra de Promissão em poder dos Amorreos. Os Pastores dos Paizes Baixos se tornarão aos seus queijos, & á sua manteiga, & o mel será de Samsam, que depois de vencer o Leão Belgico, lhe tirará os favos da boca. Desta maneira, a nossa já venturosa, & vitoriosa guerra se seguirá a doce, & segura paz: que não debalde ajuntou o Espirito Santo a Oliveira ás Rosas:

Eccles.
24.
29.

Quasi plantatio Rosæ in Jericho quasi Oliva speciosa in campis. Não só a eleição destas plantas, senão a ordem com que estão collocadas, he mysteriosa. Não a Oliveira primeiro, & depois a Rosa, senão a Rosa antes, & a Oliveira depois. Porque a Rosa em Jericó significa a guerra vitoriosa, & a Oliveira nos campos a paz depois da guerra. Se fizermos a guerra debayxo da Bellona do Rosario, primeiro nos dará a vitoria coroada de Ro-

sas, & depois gozaremos a paz com grinaldas de Oliveira. Assim se coroará pela mesma ordem primeiro David guerreiro, & vitorioso, & depois Salamaão Pacifico. Esta he a successão mysteriosa, & ordenada, com que nos diz o Evangelho que David gerou a Salamaão: *David autem Rex genuit Salomonem*.

III.

455. **T** Odas as duvidas que se nos podem offerecer na desigualdade desta guerra, segundo o estado presente, eu serey o que as proporey em nome do nosso receyo, & o mesmo David o que as desfará por parte da Senhora do Rosario, como retrato natural de seus milagrosos poderes. E começando pela pouca felicidade com que todos os da Monarquia tantas vezes, & por tantos modos se tem empenhado nesta guerra sempre com effectos contrarios, parece que daqui se póde formar hum argumento praticamête evidente,

dente, que Deos não quer a restauração do Brasil. Cuidouse ao principio que cô foccorros pequenos mandados frequentemente á delilada, se impediriaõ os progressos do inimigo, o qual se cançaria de sustentar sem lucro hũa guerra mercantil, fundada toda no interesse: mas estas dietas receitadas por intentos particulâres, só serviaõ de entreter o engano, & não de acodir á necessidade, consumindose lentamente a sustancia, & gastandose por partes inutilmente o que junto podêra ser de proveito. Conheceo-se depois com a experiencia (& mais tarde dõ que fora bem) que as grandes enfermidades não se curaõ, senaõ com grandes remedios: veyo hũa armada, & outra armada; mas com que successo ambas? A primeira em hũa batalha naval de duvidosa opiniaõ, se não ficou vencida, foi derrotada. A segunda chegou a lançar a gadelharda infantaria em terra, veterana noutras guerras, & noutros paizes; mas nova, & bisonha neste, onde a pou-

cos passos de marcha, provocados a batalha campal, a mesma ciencia do general perdêo o exercito, & o exercito perdido, desbaratado, & morto lhe não pode salvar a vida.

456. Na dor de taõ repetidas perdas começou a vacillar a esperança, & acabáão os brados de esperar a Monarquia taõ sensivelmente lefa na grandeza, na opulencia, na fama. Deliberouse que as forças navaes de ambas as coroas se unissem em hum corpo taõ poderoso, & formidavel, que o orgulho do mesmo inimigo vitorioso o reconhecesse invencivel. Mas sendo as Ilhas do Cabo verde o meyo termo desta uniaõ, de tal maneira a corrompêraõ os ares pestilentes do clima (por ser a sezaõ intempestiva) que diminuida em mais da terceira parte a gente maritima, & militar, foi necessario deixar o theatro destinado á guerra, que havia de ser Pernambuco, & recolheremse ambas as armadas como a hospital cõmun ao porto desta Bahia, onde convale-

*Armã
da do
Conde
da Torre.*

valecessem. Recuperada pois a faulde, & fusticuida com novas lévas a inteireza das companhias, & terços; corrió em fim, ou assombrou esses mares aquella multidão confusa de torres navaes, composta de oitenta & sete vazos, muitos de extraordinaria grandeza, armada de dous mil & quatro centos canhões, & animada de catorze mil Europeos, numero que o Oceano Austral já mais tinha contado; nem ouvido. Quem duvidou entrar, ou poderia imaginar que não navegava ali a vitoria segura; pois bastou a vista só de tão magnifico; & estrondoso aparato, para o inimigo desconfiado pactear em terra, & grangear com dadivas a graça dos seus mesmos rendidos? Mas ó juizos, & conselhos occultos da Providencia; ou ira divina! Vitoriosas sempre sem controversia as duas armadas em quatro combates successivos na parte superior das ondas; furtadas porém as mesmas ondas pela parte inferior, & como minadas as naos pelo fundo, & pelas quilhas, de

tal sorte as arrancou do sitio já ganhado a furia das correntes, que por mais que forcejárao pelo recobrar, nunca lhe foi possível. Assim vencido da sua propria vitoria aquelle grande poder, & fugindo sem fugir (porque fugia o mar em que navegava) podendo mais a desgraça que o valor, a natureza que a arte, & a força do destino que a dos braços; perdérao os derrotados, & tristes conquistadores o mar, perdérao a terra, perdérao a empresa, perdérao a esperança, & nós que nelles a tinhamos fundada, tambem a perdemos.

457. Este he o estado não digo em que nos consideramos, mas em que nos vemos, não se offerecendo nem ainda á imaginação donde se possa formar outro poder semelhante ao passado quando fosse mais venturoso: & esta ultima desconfiança de remedio, por lhe não chamar desesperação, melhor conhecida nos juizos, & sentida nos corações de todos os que me ouvem, do que eu a soube declarar, com

com palavras, he tudo o que posso representar por parte do nosso receyo. Mas contra elle nos animará, como dizia, David com seu exemplo, ensinandonos a pôr toda a esperança de nossas armas no Rosário da Virgem Santíssima, a qual como Mãe de Deos, & a modo do mesmo Deos, quando totalmente faltaõ os meyo, & remedios humanos, entãõ mostra mais certa, & promptamente a efficacia de seus poderes.

458. Quarenta dias havia que o Gygante apostata armado, arrogante, & Senhor do campo sem resistencia, afrontava o exercito do Povo de Deos, não ausente, senão de cara a cara, não se achando em tantos mil Soldados, & Capitaens quem se atrevesse a fair contra elle, ou presumisse que podia ser vencido, não só temerosos todos, mas pasmados, q̃ he a ultima exaggeração do medo: *Audiens autem Saul, & omnes Israelitæ sermones Philisthæi hujuscemodi, stupebāt, & metuebant nimis.* No meyo porẽm destes medos, &

pasmos, meteo em alvorço todo o exercito outro pasmo maior, que foi offerecerse hum Pastorinho moço, & defarmado a fair a desafio com o Gygante. As condições eraõ terriveis, porque daquella singular batalha dependia a servidaõ, ou victoria de qualquer das partes, ficando fogeitos, & cativos, ou os Filisteos dos Israelitas, ou os Israelitas dos Filisteos: *Si percusserit me, erimus vobis servi: si ego prævaluerō, servietis nobis.* E tal he,

Ibid. 9.

& maior ainda o perigo a que se vê reduzido hoje o resto do Brasil, fogeita já, & rendida a taõ dura, & indigna servidaõ ametade delle. A estatura desmedida do Filisteo (da qual fallaremos depois) se ajuntava a desigualdade das armas, a qual por ser notavelmente excessiva, não só a descreve miudamente a Escritura, mas a peza em partes libra por libra: *Cassis ærea super caput ejus, & lorica squamata induebatur. Porro pondus lorice ejus quinq; millia siclorum æris erat: & ocreas æreas habebat in cruribus, & clypeus æreus.*

1. Reg. 17. 5.

areus tegebat humeros ejus : hastile autem hasta ejus erat quasi liciatorium texentium : ipsum autem ferrum hasta ejus sexcentos siclos habebat ferri. O capacete, ou murrião do Gygante era de bronze: a tecedura da saya de malha, & as escamas que a dobravaõ, & fortaleciaõ, de bronze: o escudo que não só chegava, mas excedia os hombros, de bronze: o de mais que lhe cobria o resto do corpo até os pés, laminas de bronze: & só trazia, de ferro o da lança que tinha, diz o texto, seiscentos siclos de pezo, como a saya de malha cinco mil. De forte que reduzidos estes siclos Hebreos a livras Italianas, quatro onças menores que as nossas, o ferro da lança pezava vinte & cinco livras, & o bronze só da saya de malha, duzentas & oito.

459. Parece-me que esta descripção tão miuda da Escriitura sagrada tanto foi feita para o nosso caso, como para o de David. Todos os nossos discursos, ou temores se occupão em pezar, & ponderar a differença, &

excesso do poder com que o inimigo se acha armado. Tãta artelharria de bronze, tanta de ferro no mar, & na terra, tantas fortalezas, tantas naos tão bem aparelhadas, & fornecidas, as armas manuaes dos soldados tão limpas, tão assacaladas, & tão luzidas, que os canos das suas clavinãs, & as laminas dos seus alfanges mais parecem de prata que de ferro comparados com os nossos. Mas vamos seguindo a Historia sagrada, & ainda acharemos muito mais que admirar nesta comparação. Deliberado El Rey Saul a que David sahisse á singular batalha, despiose das suas proprias armas, & vestio, & armou a David com ellas. Aqui se me offerece não passar em silencio o muito que deve o Brasil ao zelo, ao cuidado, & á real grandeza, & providencia de sua Magestade, que Deos guarde, em nos acodir, & soccorrer. No mesmo tempo em que as costas de Espanha, Flandes, & Italia estão tão infestadas de inimigos, & ameaçadas de maiores

iores invasoens, não duvidou Sua Magestade de se desarmar ao perto, & como despirse a si mesmo na Europa, para nos acudir, & socorrer na America com todo o poder naval de sua Monarchia. E se o successo não respondéo ao cuidado, & diligência, permitindo Deos, ou ordenando o contrario, também David nos dirá o mysterio desta permissão. Vestido David, & armado com tanta honra pelas mãos Reaes de Saul, escusase cortezmente com o desuso, & despefe das armas, porque conhecéo, como nós já temos conhecido, que lhe não havião de servir. Toma outra vez o seu furrão, & a sua funda, escolhe cinco pedras de hum ribeyro, que por ali corria, & com esta prevenção de tão pouca despeza, estrondo, nem apparatus, prantase na campanha, faz tiro ao Gygante, derruba o em terra, cortalhe com a sua propria espada a cabeça, leva a cabeça ao Rey, & a espada ao Templo.

460. Este foi o breve fim da batalha, & esta a vi-

toria, cuja fama não terá fim, da qual se eu formâra hum Emblema, lhe puzera por letra: Fim sem meynos. Porque contra todas as leys da prudencia, & da esperança, o fim se conseguiu aqui sem meynos, antes a mesma falta dos meynos foi o meyo de se conseguir o fim.

Quando Saul armou a David, hũa peça, & a mais necessaria das suas armas foi a espada que lhe cingio: *Accinctus David gladio super vestem suam*: & posto que se

1. Reg.
17. 39.

escusou de a levar, dizendo: *Non habeo usum*: depois lhe foi necessario usar da espada, & com effeito usou da do Gygante para lhe cortar a cabeça: *Tulit gladium ejus, & interfecit eum*.

Ibidem
51.

Pois se ao menos das armas do Rey lhe havia de ser necessaria a espada a David, & o mesmo David sabia que lhe havia de ser necessaria, porque antes de lançar a mão á pedra, disse ao Gygante que o havia de matar, & lhe havia de cortar a cabeça: *Percutiam te, & auferam caput tuum à te*: porque das armas do Rey ao me-

nos

nos não levou consigo a espada, nem Deos que governava todas suas acções quiz que a levasse? O mesmo David deu a razão nas poucas que teve com o Filisteo antes do combate: *Tu venis ad me cum gladio, & hasta, & clypeo; ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum, Dei agminum Israel.* Tu vens a mim confiado nas tuas armas, & eu venho a ti fiado só no Senhor dos exercitos o Deos de Israel. E como David queria toda a gloria da vitoria só para Deos, & Deos também a queria só para si, por isso ordenou que David depois de armado se desfornasse, & que as armas de Saul nenhum uso, nem exercicio tivessem naquella batalha, para que a vitoria, & a gloria toda fosse de Deos, & nem o Rey, nem as suas armas tivessem parte nella. Parece, Senhores, que me tenho explicado. Muitas graças a El Rey Saul, muitas graças a Sua Magestade, que se desfornou a si por nos armar a nós, & nos mandou as armas, & as armadas: mas se essas armas,

& armadas Reaes nenhum uso tiverão, nem effeito, entendamos que não foi acaso, nem porque Deos não queira restaurar o Brasil, mas porque he tão zeloso da honra de sua Mãe como da sua, & foi dispondo sem duvida, & ordenando com particular providência, que a vitoria que havia de ser das armas do Rey, seja da funda de David, que he o seu Rosario.

IV.

461. Santo Agostinho, Santo Ambrosio, São Gregorio, & todos os Padres concórdemente entendem que a famosa funda de David, se foi maravilhosa pelo que obrou, mais mysteriosa foi ainda pelo que significava. E entre todas as allegorias có que atégora se tem declarado seus mysterios, nenhuma lhe quadra melhor, & com maiores fundamentos na mesma Escriitura, que ser figura profetica do Rosario. Seja a primeira razão o numero das pedras. Porque es-

colheo

colhéo David para a sua funda cinco pedras, nem mais, nem menos? Para o tiro bastava húa, como bastou: & se o tiro se errasse, as outras quatro erão superfluas, porque *in bello non licet bis errare*: na guerra não se permite errar duas vezes. Quanto mais que David sabia não errar como destre, & sabia que não havia de errar como Profeta. Pois porque escolhéo cinco pedras, se bastou, & havia de bastar húa? Escolhéo húa para o tiro, & cinco para o mysterio; porque esse nem mais, nem menos he o numero dos mysterios de que se compoem o Rosario: os gozofos cinco, os dolorofos cinco, os gloriosos cinco, & nem mais, nem menos que cinco em todas as tres differenças. Daqui he, que sendo a pedra húa, *tulit unum lapidem*, como levava em si a virtude de todas as tres differenças, tambem causou os effeitos de todas tres: de gozo para o Povo, de dor para o Gygante, & de gloria para David. Mas diganos o mesmo David que esta foi a significação da sua funda, & que nella levou o Rosario não só representado, & meditado, senão já offerecido.

462. Depois da vitoria do Gygante compoz David hum Psalmo (que he o Psalmo cento & quarenta & tres) em acção de graças da mesma vitoria, & em ratificação de hum voto que tinha feito, & offerecido a Deos antes de entrar na batalha. O voto em estilo profetico foi desta maneira: *Deus; canticum novum cantabo tibi: in psalterio decachordo psalam tibi: qui das salutem Regibus, qui redemisti servum tuum de gladio maligno*. Se vós Senhor livrardes a ElRey Saul deste perigo, & afronta, & a vosso fervo David da espada maligna do Gygante; eu prometto de vos compor hum cantico novo. Este cantico novo em comprimento do voto foi o mesmo psalmo, o qual começa assim: *Benedictus Dominus Deus meus, qui docet manus meas ad praelium, & digitos meos ad bellum*: Bemdito seja o Senhor Deos meu, que ensinou as minhas mãos para a batalha,

psalm.
143.9.
10.

Ibid.

& os meus dedos para a guerra. Os dedos , diz nomeadamente , & não só as mãos ; porque a funda , & o Rosário ambos são instrumentos não só das mãos , senão propriamente dos dedos. Mas o que faz mais admiravel a propriedade deste texto , he que na lingua Hebraica , em que David o compoz , em lugar de *Benedictus Dominus Deus meus*: Bemditto seja o Senhor Deos meu ; está *Benedictus Dominus Petra mea*: Bemdito seja o Senhor Pedra minha. Pois a Deos chama David Pedra sua ? Neste lugar , & neste caso sim , & com altissimo mysterio. Não em quanto Pedra da funda como funda , senão em quanto Pedra da funda como Rosário. A Pedra da funda como funda , era a Pedra do Rio ; a Pedra da funda como Rosário , era Christo , & esta Pedra era Deos : *Deus meus , Petra mea*. Os mysterios do Rosário , ou juntos , ou cada hum por si , todos são de Christo , & assim quando pelejamos contra nossos inimigos com esta

funda , ou a Pedra seja húa , ou cinco , ou todas quinze , sempre a Pedra he a mesma que vencéo , & derrubou o Gygante : *Lapis ille quo percussus est Goliath , Christum Dominum figurabat* : diz S. Agostinho. Por isso David quando contrapoz as suas armas ás do Gygante , não disse : tu vens contra mim com espada , & lança , & eu venho contra ti com pedra , & funda : senão , eu venho contra ti em nome do Senhor dos exercitos , & do Deos dos esquadroens de Israel : *Ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum , Dei agminum Israel*. De sorte que húa cousa era a Pedra , & outra o nome que lhe dava a virtude ; & este he o nome com que David armou a sua funda , pondo na Pedra o nome de Deos , & dando a Deos o nome de Pedra : *Benedictus Dominus Petra mea*.

463. Posta pois a Pedra na funda , que fez David com as mãos , & com os dedos ensinados por Deos para vencer , & derrubar o Gygante ? Diz o texto que dan-

dando volta á funda despa-
 rou a Pedra, & que pregan-
 dolha na testa o derrubou :
 & que cahido elle se poz em
 fugida todo o exercito dos
 Filisteos : *Tulit unum lapi-*
dem, & funda jecit, & cir-
cumducēs percussit Philisthæū,
& infixus est lapis in fronte
ejus, & cecidit in faciem suam
super terram. Videntes autem
Philisthim quod mortuus esset
fortissimus eorum, fugerunt.
 Este foi o brevissimo succel-
 so, nem esperado, nem ima-
 ginado dos que tão temero-
 sos estavaõ : maior que o tem-
 or, superior ao desejo, & sô
 igual ao impulso do bra-
 ço, á força da pedra, & aos
 poderes da funda. O Gy-
 gigante cahio de hũa pedrada,
 & todo o exercito dos Fili-
 steos sem golpe, nem ferida
 fugio, & desemparrou o si-
 tio, & Postos que tinha ga-
 nhado, deixando os arrayaes,
 & despojos aos ociosos, &
 timidos vencedores. Olhai,
 olhai agora para o Gygante,
 & correivos do que pouco
 ha tão desesperadamente tem-
 mieis. Aquellas arrobadas de
 ferro, & bronze com que se
 fazia tão formidavel só fer-

víraõ de o derrubar com ma-
 ior pezo em terra. A lança
 cahida para hũa parte, o ef-
 cudo para a outra, o elmo
 roto, & inutil a saya de ma-
 lha sãa, & o vastissimo cor-
 po sem vida, não armado já,
 ou defendido, mas amorta-
 lhado em suas proprias ar-
 mas. Isto he o que fez tão
 brevemente a funda de Da-
 vid, & isto he o que faz, &
 fará a do Rosário por mais
 fortes, por mais armados,
 por mais vitoriosos, & fo-
 berbos que estejaõ nossos
 inimigos. O que muito nota
 o Texto Sagrado, he que Da-
 vid volteou a funda para
 dar força ao tiro : *Et circum-*
ducens percussit Philisthæum.
 Assim o devemos nós tam-
 bem fazer dando tantas vol-
 tas ao Rosário, quantas ba-
 stem para o impulso da Pe-
 dra. O texto não declara
 quantas fossem as voltas que
 David deo á sua funda, mas
 segundo a arte em que elle
 era tão exercitado, & destro,
 sem duvida foraõ tres. Assim
 o suppoem, & ensina o Prin-
 cepe dos Poetas Latinos,
 fallando de Mezenzio, no
 qual com todas suas circun-

Itancias parece que descreve a David.

Virgil.

*Stridentem fundam positus
Mezentius armis
Ipse ter abducta circum caput
egit habena.*

Pondo de parte as armas tomou a funda , & dandolhe tres voltas ao redor da cabeça , a desparou. Assim o fez David , deixando tambem primeiro , & despindo-se das armas Reaes de Saul, as quaes não quiz Deos que tivessem parte na victoria : que he o estado em que nós de presente nos achamos , não por vontade , & eleição propria, mas por disposição da Providencia Divina. Já estão postas de parte as armas , & armadas Reaes , de que não sabemos parte. Pelo que pôdo agora toda a esperança , & confiança nas do Ceo , & na protecção , & poderes da Virgem Santissima ; tomemos todos devotamente o seu Rosario nas mãos, demos volta a esta funda todos os dias tres vezes , & todas tres ao redor da cabeça , não sô rezando , mas meditando seus sagrados mysterios : na primeira volta os gozosos do

primeiro terço , na segunda os dolorosos do segundo, na terceira os gloriosos do ultimo. E se assim o fizermos todos com a uniaõ , continuacão, & perseverança (que he a que dá força , & efficacia às orações humanas) eu prometto á Bahia , em nome da mesma Senhora do Rosario , que não só se conservará livre , & segura de todo o poder dos inimigos que por mar a infestaõ , & por terra a ameaçaõ ; mas que este será hum certo , & presentissimo soccorro , ainda que faltem todos os outros, para que todo o Brasil fazendo o mesmo se recupere , & restaure.

464. Dizeime , se cada Rosario fora húa funda de David , & cada conta húa pedra como a que derrubou o Gygante , não vos parece que com estas armas estariam bem defendidos , & seguros : & que se os inimigos tivessem fe, mais nos deviaõ temer, que nós a elles ? Ora ouvi , & vereis como esta mesma que parece consideração, he verdade exprimendada , & certa. Na guerra de

de Tolosa contra o grande poder, & numero dos Heres Albigenses, seguia o partido Catholico hum cavalleiro de Bretanha chamado Aláo de Valcoloara, o qual por conselho de São Domingos rezava todos os dias de joelhos o Rosario da Senhora. Aprendaõ deste Soldado os Soldados. Deose batalha, em que elle governava algũas tropas, as quaes porẽm cercadas por todas as partes da infinita multidaõ dos Heres, se viraõ reduzi-^{as} áquelle extremo aperto em que na guerra não ha outro partido que entregar, ou morrer. Entaõ implorou Aláo o socorro da Virgem Santissima do Rosario: & como vos parece que acudiria a soberana Rainha às vozes daquelle seu grande devoto? Por ventura mandando legioens de Anjos a cavallo, & armados, que se puzessem da sua parte, como os que vio, & mostrou Eliseo? Não. Desceo a Senhora do Rosario em Pessoa a socorrer o seu Capitaõ, & o modo ainda foi mais maravilhoso que o socorro. Trazia na Tom.5,

maõ esquerda o Rosario, & delle hia tirando hũa por hũa as contas, as quaes na maõ direita se convertiaõ em grandes pedras que atirava contra os inimigos, & á força daquelle braço, & daquellas ballas, qual havia de ser o que não cahisse ainda que fosse gygante? Por este modo foi empregando a Senhora toda a municaõ do seu socorro; & quando se acabou o Rosario, para maior ostentaçaõ de seus poderes, se acabou tambem a batalha. Mas como se acabou? Não apparecendo em toda a câpanha mais que a imẽsa mortandade dos inimigos, acclamando todo o exercito vencedor, viva Aláo, viva Aláo, & ficando por elle, & seus foldados toda a gloria daquelle grande dia.

465. O maior dia que ouve no mundo foi aquelle em que o Sol esteve parado á voz de Josué; & este em que a Senhora deo a vitoria ao seu Capitaõ com pedras, me parece que declarou hũ segredo da mesma voz de Josué atégora muy duvidado, mas não sey se decidido.

Dd iij Pe;

Josite
10, 12.

Pedio Josué ao Sol que parasse, & o mesmo pedio tambem á Lua: *Sol contra Gabaon ne movearis, & Luna contra vallem Aialon.* Esta segunda parte da petição he a duvidosa, ou a duvidada, & com bem fundado reparo. Josué só havia mister a luz do Sol para que a vitoria fosse inteira, & os inimigos já rotos lhe não escapassem debayxoda capa da noite. Supposto isto, razão, & necessidade teve de pedir o soccorro do Sol; mas o da Lua para que, ou porque? Porque verdadeiramente nesta vitoria maior parte teve a Lua que o Sol. Vede como toda esta machina inferior dos elementos he sujeita às influencias da Lua. As terras, os mares, os ventos, as chuvas, & todas as outras impressoens do ar, a Lua he a que as move, altera, suspende, excita. Assim o ensina a Filosofia, & o demonstra a experiencia. Ouçamos agora o que diz a Escriitura: *Et mortui sunt multo plures lapidibus grandinis, quam quos gladio percusserrunt filij Israel.* Vencéo Jo-

ibidem
11.

sué os cinco Reys Amortheos, & desbaratou inteiramente todos seus exercitos; mas foraõ muitos mais, diz a Escriitura, os que morrêraõ dos inimigos opprimidos das pedras que chovéo o Ceo, que os que matáraõ os filhos de Israel com as suas armas. E porque a chuva das pedras foi movida, & excitada pela Lua como influencia propria da sua jurdição, & imperio; muito maior, & mais importante foi o soccorro da Lua que o do Sol para a vitoria. O Sol cõ a luz que teve parada alumiou os soldados de Josué para que vissem, seguissem, & matasem os inimigos, que foraõ os menos mortos: porèm a Lua com as pedras que chovéo sobre elles foi a que executou a maior, & principal mortandade, & sem nenhũa dependencia do Sol, porque tanto os havia de opprimir, & matar de noite como de dia. Quem fosse pois, ou significasse a Lua, já na vitoria de Josué se soube que era a Virgem Santissima; mas quaes haviaõ de ser as pedras com que

que a mesma Senhora desbaratasse os exercitos dos Infiéis, só na vitoria de Alá-
no se acabou de saber que
eraõ as contas do seu Rosa-
rio. E se David só com hũa
pedra desta funda derrubou
o Gygante, & poz em fugi-
da os exercitos dos Filisteos,
que fará o braço poderosissi-
mo da Filha de David, &
Mây de Deos, não com hũa
pedra, nem com cinco, se-
não com cento & cincoenta,
& com as outras quinze, que
são as maiores ?

V.

466. **D** Esta manei-
ra respon-
déo, & satisfez David á pri-
meira parte do nosso receyo,
vêdonos defassistidos das ar-
mas Reaes na perda, ou der-
rota de hũa, & outra arma-
da. Agora se segue a segun-
da parte do mesmo receyo,
& não menor, fundada na
ausencia, & verdadeira per-
da de tantos mil soldados,
que as mesmas armadas nos
leváraõ, & derrotáraõ com-
figo. Os Presídios, Regimen-
tos, & Tropas do Inimigo na

fortuna, & desigualdade de
taõ lastimoso successo ficá-
raõ inteiros: & os nossos pelo
contrario, posto que não en-
fraquecidos no valor, taõ
mutilados, & diminuidos no
numero, que em qualquer
caso de invasaõ nos veremos
naquelle grande perigo, &
aperto, em que se achão de-
cretoriamente os poucos
quando pelejaõ com os mui-
tos. No mar as machinas
de madeira, & na terra as de
pedra, no mar as naos, & na
terra os castellos por mais
artelhados, & armados que
estejaõ, nem elles se defen-
dem a si, nem aos homens,
se os homens os não defen-
dem a elles. E faltando o na-
mero competente dos ho-
mens, o que com elles he de-
fensa, sem elles he despojo.
Já se a necessidade da guerra
nos obrigar a sair em cam-
panha, como bastará hum
contra muitos, senão basta
Hercules contra dous ? Só
nos poderá animar na evi-
dencia deste perigo a breve,
& certa esperança de nos
vermos outra vez taõ pode-
rosamente soccorridos, &
com a vanguarda taõ segu-

ra como a tivemos no principio deste mesmo anno ; mas a dilacão natural das nossas resoluçoens , & impossibilidade pratica de levantar , unir , embarcar , & expedir hum semelhante soccorro , he a justa , & racional desconfiança , por lhe não chamar desmayo , deste nosso receyo.

467. Confesso , Senhores , que as razoens resumidas neste breve Epilogo ainda são maiores , & mais fortes. Mas antes que David nolas desfaça nos mais apertados termos ; havendo de ser o Rosario as armas principaes da nossa defesa , eu de nenhum modo admitto que o numero dos inimigos seja maior q̃ o nosso , senão o nosso maior , & muito superior ao seu. As armas do Rosario não só as meneão os soldados , ou os q̃ tem idade , forças , & valor para o ser , senão todos quantos somos (se quizermos de qualquer sexo , de qualquer idade , de qualquer estado , ou condicão desta grãde , & tão dilatada Republica. Podem rezar o Rosario os homens , & as mo-

lheres , os velhos , & os meninos , os saõs , & os enfermos , os senhores , & os escravos ; & se de todos estes se compuzer o nosso exercito , bem se vé quanto excederá no mesmo numero , & multidaõ as listas dos inimigos. Assim o fez Jerusaleem ameaçada dos poderosissimos exercitos dos Caldéos , assim Bethulia sitiada por Holofernes , & pelo victorioso exercito dos Assyrios , & assim a mesma Ninive gentia não só com a guerra apregoadá , mas com a ruina , & total assolação decretada , & notificada por Deos no pregação do Profeta Jonas. Mas o exemplo sobre todos admiravel , & irmaõ legitimo do nosso caso he o d'ElRey Josaphath.

468. Vieraõ conquistar as terras deste Rey (que o era do Reyno de Judá) os Moabitas , Amonitas , & Siroes com poder muito superior ao de Josaphath : & como o Bom , & Pio Rey reconhecesse a desigualdade de suas forças , postrado diante de Deos no templo , fez esta oração publica. Vós ,
Se-

Senhor, sois o verdadeiro Deos do Ceo, & da terra, que dominais sobre todas as gentes, & naçoens do mundo, & a cuja infinita potencia ninguem ha que possa resistir. Estas terras pois em que vivemos não são aquellas mesmas que vós prometestes a vosso servo Abrahão, nosso Pay, & primeiro fundador deste Reyno vosso? Não lançastes dellas es Gentios que as habitavaõ, & nolas destes a nós? E nós depois que tomamos posse dellas não as santificamos com templos, & altares dedicados a vosso divino culto? *Nunc igitur*, sendo isto assim, *ecce filij Amon, & Moab, & mons Seir, nituntur ejicere nos de possessione, quam tradidisti nobis*: os Amonitas, Moabitas, & Syros nos querem lançar das terras de que vós nos metestes de posse, & fazeremse senhores dellas. *Deus noster ergo non judicabis eos? In nobis quidem non est fortitudo, ut possimus huic multitudini resistere*. Não será logo razão, Senhor, que vós nos façais justiça, & pois o nos-

so poder he tão inferior ao seu, que lhe não podemos resistir, tome a vossa omnipotencia por sua conta a nossa defença, & o seu castigo? Assim orou a Deos o Rey, como podêra orar hoje o de Portugal, se se achára entre nós. Mas não se contentou só com isto. Fez que se juntassem, & orassem a Deos todos sem exceção de estado, idade, ou pessoa, os pays, as mãys, os filhos, até os mais pequeninos: *Omnis verò Juda stabat coram Domino cum parvulis, & uxoribus, & liberis suis*. E que se seguiu deste conselho, & resolução de Josaphath? Couza verdadeiramente maravilhosa, ou mais verdadeiramente muito natural, & sem maravilha. Posto que da parte dos inimigos a multidão dos soldados era muito superior; como da parte dos Israelitas se unirão aos soldados os que não erão soldados, nem o podiaõ ser, velhos, molheres, meninos, & toda a outra multidão imbelles, crezceu este número tanto, que foi maior que o dos inimigos. E como foi maior

Ibidem
13.

maior o numero , & melho-
res as suas armas (que eraõ
as da oração) ainda que por
hũa parte foi a vitoria mila-
grofa de soldados a solda-
dos , por outra teve muito
de natural , & sem maravi-
lha ; porque os vencedores
foraõ os mais , & os venci-
dos os menos. Por isso o
mesmo Josaphath quando
sahio em campanha contra
os inimigos mandou que os
musicos do templo reparti-
dos em esquadras fossem di-
ante do seu exercito cantan-
do louvores a Deos : *Deditq;
consilium populo , & statuit
cantores Domini , ut lauda-
rent eum in turmis suis , & an-
tecederent exercitum.* E isto
para que ? Para que se visse ,
como logo se vio , que o nu-
mero de seu exercito vitorio-
so não constava só dos sol-
dados que meneavaõ as ar-
mas , senaõ de todos aquel-
les que posto que as não po-
diaõ menear , levantavaõ as
maõs desarmadas ao Ceo ,
& deste modo marchavaõ
juntamente com elles , & os
ajudavaõ a vencer com suas
orações.

Ibidem
21.

469. E se por meyo de-
stas tropas auxiliares com-

postas de molheres , meni-
nos , & homens incapazes de
tomar armas , acrescentou
Josaphath tanto o numero ,
& poder de seus soldados : &
se por meyo das oraçens
unidas de todos lhe libertou ,
& desassombrou Deos a ter-
ra já meya occupada dos ini-
migos , sepultando nella a
muitos , & lançando della
aos demais ; porque não es-
peraremos nós da misericor-
dia de Deos , & de sua San-
tissima Mãe os mesmos ef-
feitos , se assim soubermos
multiplicar o numero , &
acrescentar o poder de nos-
sos presidios ? Confiadamẽ-
te torno a afirmar , & pro-
metter que este será o meyo
infallivel não só de defen-
der , & segurar esta Cidade
dos presentes receyos , mas
de libertar , & recuperar to-
do o Estado , lançando os
inimigos fóra , & muito lon-
ge d'elle. E para que não ha-
ja quem duvide de me dar
credito , ouçamos todos isto
mesmo da boca do Profeta
Joel. De quem fallasse o
Profeta naquelle Capitulo
(que he o segundo) não se
sabe ao certo , & por isso có
maior propriedade o pode-

mos applicar ao nosso caso, se as circumstancias da profecia o merecerem.

470. Primeiramente diz Joel que virá sobre a terra de que falla, hũa gente estrangeira muita, & forte: *Populus multus, & fortis*: & que o seu exercito entrará armado de fogo assim na vanguarda, como na retaguarda: *Ante faciem ejus ignis vorans, & post eum exurens flamma*: & que por meyo destas armas, & deste fogo a terra que dantes era hum jardim de delicias, ficará a solidão de hum deserto: *Quasi hortus voluptatis terra coram eo, & post eum solitudo deserti*. Quem não vê em toda esta profecia a historia de Pernambuco, & o que dantes era, & hoje he Olinda. Confesso que quando a vi a primeira vez entre a nobreza de seus Edificios, Téplos, & Torres, ornada toda nos valles, & coroa la nos montes de verdes, & altissimas palmeiras; não só me parecia digna do nome que lhe deraõ, & de se mandar retratada pelo mundo, mas hum fermoso, & amenissimo jar-

dim o mais agradável á vista. Assim a achou o Olandez: quando entrou nella: *Quasi hortus voluptatis terra coram eo*: & depois d'elle como está? *Et post eum solitudo deserti*: hum deserto, hũa solidão, hũa ruina confusa sem semelhança do que dantes era. No principio se disse que Olinda se convertera em Olanda; mas depois que a impiedade Olandeza lhe poz o fogo; & ardêo como Troya, nem do que tinha sido, nem do que depois era, se vê hoje mais que o cadaver informe, & hũa triste sepultura sem nome, para que nella se desenganem, & temaõ todas as do Brasil. Depois disto decreve o Profeta com propriedade, & miudeza digna de se ler devagar o modo, & disciplina militar desta gente nas marchas, nas investidas, no bater, & escalar os muros, tudo cheio de circumstancias temerosas, & ameaças de horrores. Mas a maior, & mais formidavel de todas he, chamarlhe exercito de Deos, & mandado por elle como executor de sua ira:

162. 1. 1.

ira : Et Dominus dedit vocem suam ante faciem exercitus sui , quia multa sunt nimis castra ejus , quia fortia , & facientia verbum ejus : magnus enim dies Domini , & terribilis valde , & quis sustinebit eum ?

471. Pois, Profeta Santo, se este exercito he de Deos, & os seus exercitos, como acabais de dizer, são muitos, & fortes, haverá algum remedio para aplacar a Deos, & fazer opposição a estes exercitos? Sim: & de nenhum modo difficuloso. E qual he? O mesmo em proprios termos que eu tenho dito: *Vocate cœtum, congregate populum, sanctificate*

Joel 2.
15. 16.
17.

*Ecclesiam, coadunate senes, congregate parvulos, & sugentes ubera: egrediatur sponsus de cubili suo, & sponsa de thalamo suo. Inter vestibulum, & altare plorabunt Sacerdotes Ministri Domini, & dicent: Parce Domine, parce populo tuo, & ne des hereditatem tuam in opprobrium, ut dominantur eis nationes. Supposito que este exercito he de Deos, & tão forte, toque-mos nós tambem a arma, diz o Profeta: *Canite tuba in**

Sion: porque he de Deos, & Deos o governa, & manda, presentemonos nós tambem diante de Deos, & não em outro lugar, senão no seu proprio templo: & porque he tão forte, & poderoso, unamos nós tambem todas as nossas forças, & não haja quem não acuda à defensão: acudaõ os homens, acudaõ as molheres, acudaõ os velhos, acudaõ os meninos, & entre elles també os de peito, acudaõ os Espòs, & as Espòsas, acudaõ os Leygos, & os Ecclesiasticos: orem os Sacerdotes com lagrimas (que são as ballas a que o peito de Deos não pôde resistir) & digaõ todos com elles postrados por terra; Perdoay Senhor, perdoay a vosso Povo: & pois esta terra por ser de Catholicos he herdade vossa, não permittais, Senhor, que com afronta de vosso nome, & de vossa Igreja, esteja a que já está, & venha o demais a poder de infieis. Não diz, nem declara o Profeta que o fizessem assim aquelles a quem exhortou, porque suppoem que em occasião de
tão

taõ grande temor , & perigo, nenhũa creatura haveria taõ dura de coração , & taõ inimiga da Patria , & de si mesma, que não acudisse a Deos por si , & por todos. O que só diz, he que no mesmo ponto se aplacou Deos , & zelou o remedio , & liberdade da terra como sua : *Zelus est Dominus terram suam, & pepercit populo suo* : prometendo juntamente , & mandando dizer a todos pelo mesmo Profeta (vede se ha palavras mais proprias do nosso caso) prometendo q o inimigo que tinha vindo do Norte , elle o lançaria fóra, & para muito longe : *Et eum qui ab Aquilone est, protulsi faciam á vobis, & expellam eum*. Demaneira , & em conclusãõ , como dizia, que nos não deve desanimar o successo passado pelos poucos soldados com que nos deixou , pois fazendo nós o que fez Josaphath , & mandou fazer Joel , com as armas da oração que podem mençar todos, seremos muitos mais em numero que nossos inimigos.

VI.

472.

P Orèm David, que he o que ha de responder ao nosso receyo , como traz na sua funda o Rosario, sem recorrer a este meyo de multiplicar o numero dos combatentes com os que não podem tomar armas; poem só em campanha soldados contra soldados , & promete , & assegura á Bahia , & a todo o Estado, que para vencer o inimigo, & o lançar delle , bastaráõ em virtude do mesmo Rosario os nossos poucos contra os seus muitos. Entre as cousas notaveis que de si disse David, he aquella do Psalmo setenta : *Quoniam non cognovi litteraturã, introibo in potentias Domini. Litteraturam* no texto original he o mesmo que *numeratorem, & computum*. Quer pois dizer David : porque não usey dos numeros, nem dos computos da Arismetica, por isso entrey , & fui admittido ás potências de Deos. E que desmerecimento tem os computos da Arismetica,

ou

Psal.
70.15.

ou que opposição he a sua com as potencias , & poderes de Deos para attribuir David o ser admittido ás potencias de Deos , & ser favorecido de seus poderes por não usar dos numeros, & computos da Arismetica ? Fallou David como soldado , & deo a razão das suas batalhas , & vitorias , & de ser tão favorecido , & ajudado nellas do poderoso braço de Deos. E a razão he esta : porque nos computos da Arismetica o maior numero sempre vencéo o menor : os tres vencem aos dous , os quatro vencem aos tres , os cinco vencem aos quatro. Porém nas potências de Deos não he assim. Porque quando Deos quer , & ajuda , & os homens se fiaõ do seu poder , o menor numero vence ao maior como tantas vezes se vio nas batalhas , & vitorias do mesmo David contra os Filisteos , contra os Moabitas , contra os Syros , contra os Iduméos , & outros. Diz pois o grande Rey , & famoso Capitaõ discretissimamente, que entrou nas potencias de Deos , porque

nunca soube usar da Arismetica , como se dissera : se eu quando havia de dar a batalha , me puzera a contar , & a computar o numero dos soldados inimigos , & o dos meus, & formára esquadroës contra esquadroës pelos algarismos ; ordinariamente não só não vencéra , mas não pelejára ; porque elles eraõ muitos mais em numero : mas porque eu me fiava da potencia de Deos , & me aconselhava , & resolvia com ella ; por isso pelejava com tal ventagem , que ficando o numero dos inimigos , que era o maior , desbaratado, & vencido ; o meu , que era o menor , levava a vitoria.

473. O mesmo fez David no desafio com o Gy-gante em que os mesmos olhos viaõ a grande desproporção de hum , & outro combatente , como nós vemos a nossa. O Gy-gante , diz o Texto Sagrado que tinha de altura seis covados , & hum palmo : *Altitudo sex cubitorum, & palmi.* David pelo contrario , que ainda estava em idade de crescer , porque mal chegava a vinte annos ,
era

era tanto menor , que Saul lhe chamou menino : *Non vales resistere Philisthæo isti, quia puer es.* E que fez o valente menino, que ainda não sabia a tabuada : *Quoniam non cognovi numerationem ?* Por ventura pozse a multiplicar os covados do Gygante, & diminuir os seus ? De nenhum modo. Tanto assim, que quando fallou ao competidor , só fez menção da differença das armas , & nenhũa da grandeza, ou estatura dos corpos. Fez pois o tiro com a funda em nome de Deos, & então se vio quem era o maior. Antes do tiro David dava pelos joelhos ao Gygante : depois do tiro o Gygante deo pelos pés a David. Agora fação lá os Arifmeticos a conta , que David não sabe de outras contas mais que as do Rosario que significava a sua funda. Feito pois exactamente o computo, averiguouse que só David somava dez mil homens. Assim lho disserão os Generaes do exercito não consentindo que elle fahisse em campanha em hũa occasião em que hia empenhado

todo o poder , & só na reserva da sua pessoa ficava seguro o reparo de qualquer mão successo : *Quia tu unus pro decem millibus computaris :* porque vòs , Senhor , sendo hum só , sois computado por dez mil. E donde se fundou. este computo tão excessivo quanto vay de hũ a dez mil ? Fundouse , & fundou-o David na vitoria da sua funda. Assim o cantarão logo as chacótas no mesmo dia daquelle triumpho : *Percussit Saul mille, & David decem millia.* Vede quanto vay de ter o poder de Deos por si , como teve o devoto David, ou ter a justiça de Deos contra si , como teve o blasfemo Gygante. David vencedor foi computado por dez mil , & o Gygante vencido não por dez , senão por mais de cem mil ; porque constando de mais de cem mil o exercito dos Filisteos , tanto que virão vencido o Gygante todos fugirão : *Videntes autem Philistinum quòd mortuus esset fortissimus eorum , fugerunt.* De maneira que foi tal o poder , & virtude daquelle fun-

2 Reg.
18.3.

1 Reg.
21.1.

1 Reg.
17.51.

funda em multiplicar , ou diminuir hum , & outro exercito ; que no exercito dos infieis cem mil foraõ menos que hum só , & por isso vencidos : & no exercito dos fieis hum só foi mais que dez mil , & mais que cem mil , & por isso vencedores. E se isto fez a funda porque significava o Rosario , que fará o mesmo Rosario significado na funda ?

474. Vejamos a verdade , & experiencia desta illação em hum passo da Escriitura que já a confirmou maravilhosamente não em outra nação , nem em outra parte , senão em Portugal. O maior exemplo de vencerem poucos a muitos , foi aquelle em que o Condado de Portugal amanheceo Reyno , vencendo no mesmo dia treze mil Portuguezes a quatro centos mil Mouros. E quando Deos revelou a El-Rey Dom Affonso Henriques a vitoria do dia seguinte , diz a historia que estava o Santo Rey de noite na sua tenda lendo a batalha de Gedeão : & esta he a que nos serve. Vieraõ contra os fi-

lhos de Israel os Madianitas acompanhados de outras nações com taõ numeroso , ou innumeravel exercito , que os compara o Texto Sagrado ás areas do mar : *Sicut arena quæ jacet in littore maris*. Não havia naquelle tempo em Israel Rey , nem Republica formada que tratasse da defenfa , ou resistencia ; pelo que Gedeão eleito por Deos a tomou á sua conta. Ajuntou de todos os Tribus que pode , trinta & dous mil homens , & quando elle reconhecia a desigualdade deste seu exercito , & quam poucos verdadeiramente eraõ contra aquella multidão imensa , o que lhe disse Deos , foi : *Multus tecum est populus, nec tradetur Madian in manus ejus* : Gedeão , essa gente que tens , he muita , & não poderá vencer. Notay a consequencia de Deos. Essa gente não poderá vencer , porque he muita : como se differa , porque he pouca. Tratou conforme isto Gedeão de apoucar , & diminuir o seu exercito : mandou lançar bando que todos os que tivessem medo de ir á guerra

ra se fossem para suas casas:
*Qui formidolosus, & timidus
 est, revertatur:* & ouve no ex-
 ercito não menos de vinte &
 dous mil q̃ não só tinhaõ no
 coração o dito medo, mas
 não duvidáraõ, nem tiveraõ
 pejo de o confessar publica-
 mente, & se foraõ. Ficáraõ
 sómente dez mil com Ge-
 deaõ, & já agora parece que
 estará contente Deos, pois
 assáz pequeno he o numero
 de dez mil contra hũa mul-
 tidaõ innumeravel; mas não
 foi assim. *Adhuc populus
 multus est:* ainda saõ muitos,
 diz Deos; manda-os passar
 o Rio, & só levarás comti-
 go aquelles que beberem lan-
 çando a agua á boca como
 caes: *Qui lingua lambuerint
 aquas sicut solent canes lam-
 bere.* Foraõ os que assim be-
 beraõ trezentos sómente: &
 dividido este pequeno nu-
 mero em tres partes, as ar-
 mas que deo o sabio, & ar-
 diloso Capitão a cada hum,
 foi hũa trombeta para a mão
 direita, & para a esquerda
 hum cantaro de barro tapa-
 do com hũa luminaria den-
 tro: *Divisitq; trecentos viros
 in tres partes, & dedit tubas*
 Tom. 5.

*in manibus eorum, lagenasq;
 vacuas, ac lampades in medio
 lagenarum.* Esta foi a larga
 cerimonia com que Deos
 diminuhio os soldados de
 Gedeão, & esta toda a pre-
 venção com que elle os ar-
 mou para a batalha: & qual
 seria o successo? Foi taõ bre-
 ve, que o refere a Escriitura
 em duas regras. Debayxo
 das sombras da noite tomá-
 raõ os trezentos aventurei-
 ros tres Postos ao redor dos
 arrayaes dos Madianitas,
 tocáraõ todos ao mesmo tê-
 po as trombetas, quebráraõ
 os cantaros, apparecêraõ os
 fogos; & foi tal a confusão,
 & perturbação naquelle nu-
 merosissimo exercito, tanto
 mais confuso quanto maior;
 que imaginandose acometti-
 dos, & entrados por tantas
 partes, sem ordem, sem con-
 selho, & sem se conhecerem,
 huns matavaõ aos seus, ou-
 tros fugiaõ delles como de
 inimigos: & até os que esca-
 paraõ, seguidos pelo mesmo
 Gedeão, & desbaratados in-
 teiramente por elle, deraõ
 complemento à vitoria co-
 meçada, & acabada na mes-
 ma noite, & dia.

Ec Não

475. Não vos parece que foi grande, admiravel, não esperada, & quasi incrível esta batalha, & vitoria de trezentos homens? Pois assim mostrou Deos naquella batalha que não só podem vencer os poucos aos muitos, senão os muito poucos aos innumeraveis: & assim nos deixou retratadas desde então naquella vitoria as que depois haviaõ de alcançar os Catholicos contra os Infeis em virtude do Rosario de sua Santissima Mãe. Ponderay todas as circumstancias do caso, & achareis o Rosario retratado em todas. Nas trombetas temos a parte vocal do Rosario, que consiste em vozes: nos cantaros, & lumes occultos a parte mental, que consiste nos mysterios: & mysterios não outros, senão os de Christo, cuja humanidade era significada no barro defóra, & a divindade nos lumes de dentro. Estas forão as armas com que vencerão: mas como, quantos, & quaes? O modo foi dividido em tres partes, que são os tres terços do Rosario: o numero, forão trezentos,

que he o Rosario dobrado, a que vulgarmente chamais trezentas. E a calidade, ou differença dos soldados aquelles que só bebêraõ como caés, que he a figura propria em que foi profetizado o fundador do Rosario São Domingos, como imitadores seus. Estes, & taes, sendo tão poucos, vencerão a tantos; porque esta he a virtude, & estes os poderes do Rosario vencer a muitos com poucos. Ponde-vos nas campanhas de França, & vereis muitas vezes o mesmo que no valle de Madian. O Conde Simon de Monfort grande devoto do Rosario, & famoso defensor delle contra os Hereges, era o General dos Catholicos: & que fizeraõ os seus soldados? Hũa vez só trinta vencerão a tres mil: outra vez quinhentos vencerão a dez mil: outra vez tres mil vencerão a trinta mil. E isto lhe succedia em todos os encontros, & batalhas, sempre inferiores no numero, & superiores na vitoria.

476. Mas porque a que nós desejamos, he hũa ultima,

ma , & total em que lance-
mos fóra de nossas terras os
injustos possuidores dellas ;
ouvi o que refere o Beato
Aláo aquelle mesmo solda-
do de que fallamos acima ,
o qual trocando o habito
militar pelo de Religioso, &
sendo Santo , foi depois de
São Domingos o maior pré-
gador do Rosário. Hũa Rai-
nha (diz elle) chamada
Benedicta , tendolhe occu-
pado os Hereges a maior
parte dos seus Estados , &
não podendo o Rey por ser
muito velho tomar as armas,
pediolhe que supposta a sua
impossibilidade lhe quizesse
dar mil soldados , porque
ella com este pequeno po-
der confiada no soccorro da
poderosissima Virgem Ma-
ria tinha esperança de pre-
valecer contra os inimigos ,
& reconquistar tudo o per-
dido. Era esta Princeza de-
votissima da Senhora do Ro-
sário , & a primeira cousa
que fez , foi que todos os
seus mil soldados se alistaf-
sem na Confraria da mesma
Senhora , & rezassem o Ro-
sário todos os dias. Bem ex-
ercitados nesta nova disci-

plina , & mais armados dos
seus Rosários que das outras
armas , sahio a Rainha em
campanha com este seu ex-
ercito , que mal merecia no-
me de esquadraõ : & que di-
ria à vista delle o inimigo?
O mesmo que disse o Gy-
gante , quando vio a David.
Oppozeraõlhe os presidios
das primeiras praças ; mas os
presidios , & as praças foraõ
logo rendidas. Marcha por
diante a Rainha , & tão de-
pressa vencia como se com
os seus poucos soldados le-
vára tambem a soldo a vi-
toria. Desenganase o inimi-
go , teme já o poder de que
zombava , & ajuntando todo
o seu em hum grande , &
bem formado exercito não
recusaõ a batalha os do Ro-
sário : & estes sendo tão pou-
cos fizeraõ tal estrago , &
mortandade nos Hereges ,
que fugindo os demais , &
não parando , nem nas ulti-
mas rayas do Reyno , o dei-
xaraõ não só livre , mas o
que dantes não estava, forti-
ficado. Com este successo
tão conforme á sua esperan-
ça tornou Benedicta não só
vencedora , mas ja verda-

deiramente Rainha , & entrou triunfante na sua Corte , dando todos as graças , & os vivas á Virgem do Rosario , que foi a que nelles venceu.

VII.

477.

O H que pouca
razaõ tem a
Bahia de temer , se os seus
soldados , que considera
poucos , militarem debay-
xo destas sempre vitoriosas
bandeiras ? Se só mil solda-
dos armados com o Rosario
recuperarão hum Reyno , &
lançaráõ delle os inimigos
tantos , & tão fortificados ;
a Bahia presidiada ainda ho-
je com dobrada guarniçaõ ,
& tão valerosa , porque re-
ceará ser invadida , & não
terá confiança de outra se-
melhante , & final vitoria ?
Verdadeiramente foi circũ-
stancia particular , & muy
notavel nesta (para maior
gloria do Rosario) que co-
mo Jael , Debora , ou Ju-
dith , a alcançasse hũa mo-
lher ; mas em tempo que as
armas de Portugal são imme-
diatamente governadas pela
Serenissima Margarita , cuja
singular piedade , & deva-

çaõ com a Rainha dos An-
jos he o realce que mais re-
plandece sobre seu Real , &
augustissimo sangue , nem
esta gloriosa circumstancia
nos falta para que as nossas
vitorias possaõ fazer para-
llo com as da triunfante
Benedicta.

478. Tres confas con-
seguio esta devota , & ven-
turosa Princeza. A vitoria
dos inimigos , a recupera-
çaõ de seus Estados , & a paz
delles , que he o suspirado
fim da nossa guerra. Este foi,
como diziamos , o mysterio
de David gerar a Salamaõ ;
& tudo iito que tão diffi-
cultoso parece a muitos ,
consequiremos facilmente
em virtude da melhor Fi-
lha de Salamaõ , & David ,
se a funda do seu Rosario
forem as nossas armas , como
são as suas. *Que est ista que*
progreditur quasi Aurora con-
surgens, pulchra ut Luna, ele-
cta ut Sol , terribilis, ut ca-
strorum acies ordinata: Quem
he esta que caminha como
a Aurora quando nasce , tão
fermosa como a Lua , tão
escolhida como o Sol , &
tão terrivel , & formidavel
co-

como hum exercito bem ordenado posto em campo ? Esta pergunta fizeraõ as filhas de Siaoõ companheiras da Esposa dos Cantares, que he a Virgem Maria; & a sua mesma pergunta, & duvida ma faz a mim maior Quando isto perguntáraõ, & duvidáraõ as filhas de Siaoõ, estavaõ actualmente vendo, & fallando com a mesma Esposa, & louvando-a. Assim o dizem as palavras antecedentes: *Viderunt eam filia, & Beatissimam prædicaverunt.* Pois se estavaõ vendo, & fallando com a Senhora, & a conheciaõ muito bem, que por isso a louvavaõ com o superlativo de Beatissima, como perguntaõ, & duvidaõ quem he: *Quæ est ista?* Não duvidavaõ da Pessoa, duvidavaõ do officio que exercitava, & do titulo a que haviaõ de attribuir ser terrivel como hum exercito armado. A Virgem Senhora nossa tem muitos titulos, officios, & invocaçoens com que sendo hũa só, a distinguimos como se foraõ muitas. Assim dizemos a Senhora da Pie-

Tom. 5.

dade, a Senhora do Soccorro, a Senhora da Saude, &c. E nesta fórma duvidavaõ, & perguntavaõ as filhas de Siaoõ que Senhora era aquella terrivel, & formidavel como hum poderoso exercito. Ellas não tiveraõ quem respondesse á sua pergunta; mas eu respondo que he a Senhora do Rosario, & o provo do mesmo Texto. Antes de dizerem q̃ era como exercito disseraõ q̃ era como Aurora, como Lua, como Sol: *Quæ est ista quæ progreditur quasi Auróra consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol:* & estes são successivamente, & pela mesma ordem os tres mysterios de que se compoem o Rosario. Nos primeiros, que são os da Encarnação, foi a Senhora como Aurora Mãy do verdadeiro Sol o Filho de Deos Encarnado: nos segundos, que são os da Payxaõ, foi como Lua, Ecclypsada na dor, & tristeza do Filho crucificado, & morto: nos terceiros, que são os da Resurreição, foi como Sol, cercada dos resplandores, & gloria do mesmo Filho re-

Ee iij susci-

fuscitado. E de todos tres, gozofos, dolorofos, & gloriosos se compoem pela mesma ordem o terrivel, & formidavel exercito do Rosario, que por isso nomeadamente se chama ordenado: *Vt castrorum acies ordinata.* Os Romanos ordenavaõ os seus exercitos repartidos em tres linhas: na primeira os soldados que chamavaõ *Rorarios*, na segunda os que chamavaõ *Accentos*, na terceira os que chamavaõ *Triarios*; & na mesma forma ordenou a Senhora o seu Rosario repartido nas tres partes a que nõs chamamos terços. E assim como nos exercitos Romanos a cada dez soldados presidia, & assistia hum Cabo chamado por isso *Decuriaõ*, assim vemos nas contas do Rosario que a cada fileira de dez Ave Marias preside, & precede hum Padre nosso. Taõ composto, & taõ ordenado he este poderosissimo exercito da Senhora, & por isso terrivel, & formidavel: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.*

479. De ser taõ terrivel, & formidavel o exercito, se segue o naõ haver quem lhe

resista, & ser sempre vitorioso: & a estas vitorias como ás de David se segue a paz como a de Salamaõ. Assim se afirma, & canta no mesmo Capitulo com repetiçaõ das mesmas palavras: *Decorasicut Jerusalem, terribilis ut castrorum acies ordinata.* E porque se chama a tenhora fermosa como *Jerusalem*, quando outra vez he chamada terrivel como exercito? Porque *Jerusalem* quer dizer vista de paz: *Visio pacis*: & o mesmo exercito do Rosario que para os inimigos he vista de terror, para os que elle defende, he vista de paz: vista de terror, pelas vitorias que alcança, & vista de paz, pela paz que ás mesmas vitorias se segue. Pelas vitorias de David foi tal a paz que gozou Salamaõ, que diz a Escritura fallando do seu Reynado, que *Jerusalem* estava cercada com muros de paz: *Qui posuit fines tuos pacem.* Estendendo-se pois o Brasil por mais de mil legoas de costa com tantos portos, & enseadas abertas, que naõ bastaõ para as guarnecer todos os soldados de Europa, só com

muros de paz se pôde defender, & estar seguro. E donde poderemos nós achar estes muros de paz, senão na mesma Senhora do Rosário, a qual como para as vitórias he o exercito, também para a paz será os muros. Assim o diz milagrosamente fallando da mesma Senhora não outrem, senão o mesmo Salamao, nem em outro Livro senão no mesmo dos Canticos: *Ego murus, & ubera mea sicut turris, ex quo facta sum coram eo quasi pacem reperies.* Tanto que eu descobrir, & achar esta tão desejada paz, eu mesma, diz a Senhora, serey o muro, & os meus peitos as torres que vos defendão.

480. Mas para que são outras Escrituras, se na mesma natureza nos deixou a Senhora hum prodigioso testimunho, em que nos promette esta paz vinculada ao seu Rosário. As palavras da Virgem Santissima no Capitulo vinte & quatro do Ecclesiastico, são estas: *Sicut Aspalathus aromatum odorem dedi.* Os favores que eu comunico aos meus devotos, são como o cheiro do Aspa-

lato. Assim lem este lugar as Biblias Grega, Romana, Syriaca, Rabano, Janzenio, Lyra, & todos os Expositores communmente. E que cousa he o Aspalato, para que entendamos o mysterio das palavras da Senhora, & o que nos quer dizer nellas? Primeiramente o Aspalato, diz Plinio, he hũa arvore pequena, cujas flores entre espinhas são como rosas: *In eodem tractu Aspalathus nascitur, spina candida, magnitudine arboris modica, flore roseo.* O lenho do Aspalato dizem Amato, & Ruelio referidos por A Lapide, que he o vulgarmente chamado Rhodio de que se fazem as contas do Rosário: *Amatus, & Ruelius censent Aspalathum esse lignum Rhodium, ex quo globuli precatorij conficiuntur.* Já temos o Rosário bem significado nas flores, & no tronco do Aspalato. E qual he a propriedade do seu cheiro, em que a Virgem Senhora poem toda a força, & energia da sua comparação: *Sicut Aspalathus aromatum odorem dedi?*

481. Verdadeiramente he milagre da natureza, que

Plinius
lib. 12.
cap. 4.

Amatus, &
Ruelius
citati à
Cornel.

lho parece criado pelo Autor della para prova dos poderes de sua Santíssima Mãe, & da paz que nos promettem as vitórias do seu Rosário. Toda a planta, diz Plínio, sobre a qual se inclinou a Iris, ou Arco celeste, tem o cheiro do Aspaláto: *Tradunt in quocumq; frutice curvetur Arcus celestis, eandem, quæ sit in Aspalatho, suavitatem odoris existere.* Em descobrindo as causas deste segredo trabalhou com todo seu engenho Aristoteles, mas como o havia de alcançar quem não teve fê dos mysterios de Christo, & mil & setecentos annos antes da instituição do Rosário? A devação do Rosário he o cheiro do Aspaláto, a que a mesma Senhora se comparou: *Quasi Aspalathus aromatum odorem dedi:* a Iris, ou Arco celeste he o sinal da paz que Deos deu aos homens desde tempo do Diluvio: & todas aquellas plantas sobre que se inclina o Arco celeste cheiraõ a Aspaláto, porque he tal a virtude, ou a simpatia como natural que tem o Rosário com a paz, &

Aristoteles.

a paz com o Rosário, que a todos aquelles a quem a Senhora comunicou a devação do seu Rosário, não pôde faltar o Ceo em lhe dar a paz. O Arco celeste he Arco sem corda, & por mais armados que estejam os inimigos, o Rosário os desfarrá de maneira, que da mesma guerra nasce a paz, assim como de David guerreiro nascéo Salamaõ Pacifico: *David autem Rex genuit Salomonem.*

VIII.

482. **T**enho acabado o meu discurso mais largo do que o pedia a festa, se a materia não fóra tão importante. Concluo com duas palavras aos nossos soldados: não para afrontar o seu valor animando-os, mas para alentar a sua devação, & christandade, sem a qual não ha seguro valor. A insignia dos soldados antigamente não consistia na espada, senão no que hoje se chama taly, & então se chamava Balteo. Os Moabitas para resistirem

Do Rosario.

451

aos exercitos de Israel , & Juda , diz o Texto Sagrado que ajuntarão todos aquelles a quem do hombro pendia o Balteo, isto he , toda a gente de guerra : *Convocarunt omnes , qui accincti erant Balteo desuper.* Job para significar como Deos abate , & humilha o poder militar dos Reys , diz que lhe tira , & rompe o Balteo: *Qui Balteum Regum dissolvit.* Turno quando matou o Principe Pallante , o despojo com que se honrou de suas armas , foi somente o Balteo que depois lhe custou a vida : *Humero cum apparuit alto Balteus.* Joab foberbo com a vingança dos dous Generaes Abner , & Amasa , o que pintou com o sangue de ambos , foi o seu Balteo : *Effudit sanguinem belli in pace , & posuit cruorem praelij in Balteo suo.* Finalmente para encarecer a Escritura o extremo com que Jonatas amou a David depois da vitoria do Gygante , diz que lhe deu os seus vestidos , a sua espada , o seu arco , & por ultimo encarecimento até o Balteo : *Vsq;*

ad Balteum. Tal he a integria , valerosissimos soldados , que eu quizera recebesseis todos não da mão de Jonatas filho d'ElRey Saul ; mas da mão da Rainha dos Anjos , & Mãe doRey dos Reys. O Balteo da Virgé poderosissima he o seu Rosario. Cõ este lançado a tiracolo (como tambem David levava o seu furraõ pastoril , em quemetéo as pedras) posto que o numero dos inimigos seja tão aventejado como he , & o vosso muito menor , sem duvida vencereis a todos.

483. No anno de mil & quinhentos & setenta & oito quando mais se desaforrou a rebeldia heretica nos Estados de Flandes , profanadosos Templos , & os Altarés , afrontadas , & quebradas as Cruzes , & Imagens Sagradas , & fundidos os sinos em artelharia , como se tem feito em Pernambuco , os Heregés da populossissima Cidade de Gahte formãraõ hum exercito de vinte mil combatentes , com quem talavaõ os campos , saqueavaõ as Villas , & destruhiaõ todos os Lugares abertos , & sem

sem defenſa dos Catholicos. No meyo porêm deſte laſtimoso deſemparo excitou Deos o eſpirito do Códex de Egmont, & de outros ſenhores tão fieis, & obedientes á Igreja Romana como a ſeu Rey, os quaes ſe quizerão oppór á furia dos Hereges; mas não pudêrão ajuntar mais que hum pé de exercito de ſete mil ſoldados inferior em dous terços ao dos inimigos. E que farião com tão deſigual poder? Pintarão nas bandeiras a Virgem Senhora Noſſa, & todos aſſim ſoldados como Capitaes lançarão a tiracolo os ſeus Roſarios, & deſte modo armados ſe puzêrão na cãpanha. Os Hereges vendo o pequeno numero, & as novas, & deſufadas bandas dos que ſahião a contender com elles, chamavaólhe por deſprezo o exercito do Padre noſſo; mas os Padre noſſos, & as Ave Marias eſforçãrão de maneira o ſeu pequeno exercito, que mortos cinco mil dos inimigos, os demais fugindo, ſe acolherão á Cidade, donde nunca mais ſe atrevêrão a ſair,

& ficou toda a cãpanha pelos Catholicos. Isto fez então a Senhora do Roſario, & o meſmo fará em todas as occaſioens, ſe os noſſos ſoldados, poſto que mênos em numero, ſeguirem nas bandeiras a meſma inſignia, & ſe armarem das meſmas armas.

484. E para que vejaõ que não ſó ſão offenſivas, ſe não tambem deſenſivas, que he o primeiro effeito das armas, & o primeiro cuidado, & fim da milicia bem ordenada; ouçãõ breviſſimamente outro caſo não ſó de igual, & maior maravilha, mas evidẽtamente milagroſo. Caminhava pelo valle de Alfandech no Reyno de Valença hum fidalgo por nome Jeronimo Helpi, & alli o aſſaltãrão ſeus inimigos muitos, & todos com armas de fogo. Vêdoſe ſó, & ſem remedio, invocou o ſoccorro da Senhora do Roſario, de quem era muito devoto. E qual ſeria o ſucceſſo de hũa tão perigofa aſſaltada? Empre-gãrão nelle vinte tiros, de que os veſtidos por differen-

tes partes ficãrão feitos hum
crivo; mas as ballas todas
parãrão entre a roupa, & a
carne sem penetrarê a pelle,
nem lhe tirarem hũa gota de
sangue. Taõ pouco obrãrão
em hum devoto do Rosário
vinte tiros, & o mesmo fa-
riaõ se fossem mil. Oh Vir-
gem poderosissima do Ro-
sário, que agora acabo de
entender porque diz Sala-
maõ que trazeis ao pescoço
mil escudos, como os que
estavaõ pendurados na tor-
re de David: *Sicut turris*
David collum tuum: mille
clypei pendent ex ea. E que
escudos são estes que a Se-
nhora traz ao pescoço, se-

naõ as contas do seu Rota-
rio? As contas do Rosário
naõ só são cento & cinco-
enta escudos, senão mil es-
cudos. Vejaõ logo os nos-
sos soldados quam bem ar-
mados irãõ não só offensi-
va, senão defensivamente,
se todos levarem a tiracolo
este Balteo militar da Mãe
do Senhor dos exercitos.
Assim o escrevéo Salamaõ,
& assim o demonstra na torre
de seu Pay David, confir-
mando ambos tambem por
este modo o mysterio com
que disse o nosso Evange-
lho fallando de ambos: *Da-*
vid autem Rex genuit Salo-
monem.





S E R M A M XIII.

Affimilatum est Regnum celorum homini Regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis. Matth. 18.

Beatus venter qui te portavit, & ubera quae suxisti. Luc. 11.

485.



E algũa cousa faz a vida molesta, se algũa mais que todas faz a morte temerosa, he a conta que todos os homens havemos de dar a Deos. Pouco tinha que temer a morte, se depois della se não seguira o juizo: & facilmente se podia passar a vida, se a não aguardara no fim o exame riguroso de todos os actos della. Mas como poderá obrar com gosto quem lhe haõ de pedir conta de todas as obras? Como poderá falar com confiança quem lhe haõ de pedir conta de todas as palavras? Como poderá,

nem ainda imaginar com liberdade quem lhe haõ de pedir conta de todos os pensamentos? Isto he o que com temerosas circumstancias nos representa hoje a Igreja no Evangelho proprio deste dia, de que he o primeiro thema que propuz: *Affimilatum est Regnum celorum homini Regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis.* Comparase Deos nesta parabela a hum Rey que tomou conta a seus servos. E se áquelles que o servem, & de quem se serve, toma contas não se fiando da fidelidade, & inteireza dos mesmos de quem confiou

fiou seu serviço; vede quam rigurosas serão as que tomará aos que o não servem. Servo de Deos era David, & servo nascido em sua casa:

lm. 16. Ego servus tuus, & filius ancille tue: & com tudo tremendo dizia: *Non intres in iudicium cum servo tuo, quia non justificabitur in conspectu tuo omnis vivens;* não entreis, Senhor, em juizo com vosso servo, porque ninguém sahirá justificado em suas contas, se vós lhas examinardes. Servo de Deos era Job, & o servo de quem Deos mais se fiava, & se prezava: *Non quid considerasti servum meum Job?* E este mesmo Job confessava de si, & de qualquer outro homê, que se entrasse em juizo cōtencioso com Deos, nenhū haveria que de mil cousas de que Deos lhe pedisse conta, lha dêsse boa de hũa só: *Si voluerit contendere cum eo, non poterit ei respondere unum pro mille.* Assim succedéo nesta Parabola a hum servo a quem o Rey tomou contas. Alcançou o não só em mil, senão em dez mil talentos; não tendo elle cabedal, nem

remedio para satisfazer a menor parte de tamanha divida: & este he o estado em que nos achamos todos.

486. Só duas Pessoas ouve neste mundo a quem Deos não alcançou em contas, que foraõ seu Filho, & sua Mãy; os quaes nunca contrahiraõ divida, porque nunca peccáraõ. É a felicidade singular deste mesmo Filho, Christo, & desta mesma Mãy, a Virgem Santissima, he o que temos no Evangelho da presente solennidade, de que eu propuz o segundo thema: *Beatus venter qui te portavit, & ubera que suxisti.* A razão géral porque na solennidade do Rosario canta a Igreja esta breve, & compendiofa sentença, em que os louvores do Filho estão admiravelmente tecidos com os da Mãy, & os da Mãy unidos com os do Filho; he porque dos mysterios do mesmo Filho, & da mesma Mãy se compoem o mesmo Rosario. Mas esta só razão não basta para dar sufficiente motivo ao encontro do segundo Evangelho com

Luc. 11. 27.

o pri-

o primeiro. Se nõs fomos capazes de nos izentar da conta que Deos toma no primeiro Evangelho, como se izentãrão della no segundo o Filho impeccavel, & a Mãy que nunca peccou; bom reparo nos offereciãõ as izenções do segundo contra o perigo, & temores do primeiro: mas como todos fomos peccadores, todos entramos na conta dos que a haõ de dar a Deos, & muito rigurosa. Com tudo eu confiderando os dous meynos (que logo veremos) com que o servo do primeiro Evangelho vendose taõ alcançado nas contas, soube sair bem dellas; acho os mesmos nos mysterios do Filho, & nas intercessõens da Mãy, que saõ as duas partes do Rosario, a que o mesmo Filho, & a mesma Mãy lançaraõ os primeiros fundamentos no segundo Evangelho. Concordados pois hum, & outro, & ajustadas as contas do Rosario com a conta que havemos de dar a Deos; o assumpto, & titulo do presente Sermaõ será este novo Proverbio. Quem

quizer dar boas contas a Deos, reze pelas do Rosario. A difficuldade do argumentõ, taõ grande como a novidade delle, necessitaõ de muita graça.

Ave Maria.

II.

487.

Começou o Rey a tomar contas aos criados (diz o Evangelho) & o primeiro a quem as tomou, achou que lhe estava a dever dez mil talentos: *Et cum cepisset rationem ponere, oblatus est ei unus, qui debebat ei decem millia talenta.* Talentos antigamente significavaõ certa summa de dinheiro, grande: hoje os talentos significão prestimos; & posto que se lhe mudou a significação, não se variou o significado. Quem tem muito dinheiro, por mais inepto que seja, tem talentos, & prestimo para tudo: quem o não tem, por mais talentos que tenha, não presta para nada. E quãto vinhaõ a montar os dez mil talentos em que o criado do Rey foi alcançado de con-

Matt.
18.24

contas? He cousa digna de assombro, & mais em tempo em que ainda se não tinhaõ descuberto os Potufiz. Segundo a conta Hebrêa, em que Christo fallava, vinhaõ a montar dez mil talentos cento & vinte milhoës de ouro da nossa moeda antiga, & da presente duzentos milhoës. Pois como he possível que tivesse taõ grandes thesouros hum Rey, & que hum só criado lhe tivesse roubado tanto? Duas razoes acho no mesmo Evangelho a estes dous muitos, húa da parte do Rey, outra da parte do criado. Da parte do Rey, diz o Evangelho que elle por sua propria Pessoa tomava as contas: *Homini Regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis: & cum cepisset rationem ponere.* E hum Rey que toma as contas da sua fazenda por sua propria Pessoa, & não as fia de outrem, não he muito que tenha milhoës a milhares. E se a prova se não pôde ver hoje nos milhoens adquiridos, vejase nos consumidos, & desbaratados. Da parte do cria-

do, diz o Evangelho que o Rey alcançando-o nas contas em tão enorme contia, o mandou vender a elle, & a sua mulher, & a seus filhos: *fussit eum venundari, & uxorem ejus, & filios.* Isto não o fez o Rey por recuperar o perdido, mas por castigar o ladraõ; porque depois de tamanha quebra, claro está que não havia de haver quẽ dẽsse nada por elle. E porque foraõ tambem vendidos a mulher, & os filhos? Porque a vaidade, & appetites das molheres, & as larguezas, & locuras dos filhos, saõ húa das principaes causas porque os maridos, & pays se endividão no que não podem pagar, & roubão o que não haõ de restituir. E isto baste quanto à historia, & corpo da Parabola.

488. Vindo ao espirito, & interior della, estas dividas saõ os peccados. Assim lhe chamamos no Rosário quando dizemos: *Dimitte nobis debita nostra.* E para hum homem ser devedor a Deos de duzentos milhoens, não he necessario q os peccados se contem a milhares, nem

nem a centos, basta hum só peccado mortal. Esta he a verdadeira, & solida intelligencia da Parabola: & assim a declaração sem discrepancia algũa todos os Padres, todos os Theologos, todos os Interpretes. E que fez o pobre criado vendose tomado, & convencido em tanto excessso de dividas, & não só impossibilitado de cabedal para as satisfazer, mas condenado já pelo Rey a ser vendido, & passar da largueza, & senhoria do estado em que tanto luzia com o alheio, á miseravel servidão de escravo? Valeose industriosamente de dous meios, que são os mesmos (como dizia) de que se compoem as duas partes do Rosario. As duas partes do Rosario mental hũa, & vocal outra, compoemse de mysterios, & oraçoens: nos mysterios valemonos dos merecimentos de Christo; nas oraçoens valemonos dellas, & da intercessão de sua Santissima Mãe. Aproveitandose pois de semelhantes industrias o servo que tão alcançado se vio nas contas,

com ellas feremio tão inteiramente do que devia, como se as tivera dado muito ajustadas. Vamos ao primeiro Evangelho (que he hum claro, & excellente comento do que a Igreja, & a festa nos recomenda no segundo, & nelle acharemos hũa, & outra industria.

III.

489. **C**onvencido, & condenado o devedor, lançouse aos pés do Rey, & disselhe estas breves palavras. *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi*: tende, Senhor, paciencia para comigo, & eu vos pagarey tudo o que devo. Isto he letra por letra o que são as palavras, nas quaes se occulta hum mysterio, que descuberto, he altissimo. Parece que este homem havia de pedir misericordia ao Rey, & não paciencia: pois porque não pede misericordia, nem perdão do que devia, senão a paciencia do Rey sómente, & de bayxo dessa paciencia lhe promette pagar toda a divida:

da: *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi*? Torna a dizer que fallou altissimamente. Porque o Rey era Deos, o qual he incapaz de paciencia, porque não pôde padecer: & hũa vez que Deos chegasse a padecer, & ter paciencia, logo o servo tinha cabedal para lhe pagar toda a divida, & muito mais.

490. Para perfeita intelligencia deste grande ponto havemos de suppor o que resolve, & ensina a Theologia sobre duas famosas questoes. A primeira he se bastava hum puro homem que não fosse Deos para satisfazer, & pagar de rigor de justiça pelos peccados dos homens? Ao que se responde com resolução certa, & evidente que não; porque a paga ha de ser proporcionada à divida, & o peccado pela parte que toca a Deos, a quem offende, he divida infinita. Logo não se pôde pagar com satisfação de valor finito, & limitado, qual he o do puro homem, & esta he a razão porque diz o Evangelho que o ho-

mem devedor dos talentos não tinha cabedal para a paga: *Cum non haberet unde redderet*. Supposto pois que homem que ouvesse de pagar pelo peccado, necessariamente havia de ser Deos; a segunda questão he, se bastava que fosse Deos com carne immortal, & impassivel? Ao q se responde com a mesma certeza que absolutamente bastava; porque as acçoens deste homem Deos, quaesquer que fossem, sempre seriaõ de preço, & valor infinito. Supposto porém o Decreto Divino, ensina a Theologia, & a Fé, que de nenhum modo bastaria; porq Deos tinha decretado de não aceitar outra paga pelo peccado dos homens menos q a morte, & Payxaõ de seu Filho. E essa foi a razão porque o mesmo Filho de facto encarnou em corpo mortal, & passivel para poder padecer, como padecêo. E como o peccado do homem se não podia pagar sem Deos padecer, por isso o servo devedor vendose alcançado nas contas, & impossibilitado para a paga,

Ff dis-

ibid. 25

discreta & sabiamente disse ao Rey que era Deos: *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi*: vós Senhor, que sois impassivel, tende paciencia: & essa vossa paciencia applicaima a mim: *Patientiam habe in me*: que como vós padecêrdes por mim, logo eu terey cabedal para vos pagar quanto devo: *& omnia reddam tibi*.

491. Bem mal cuidei eu, quando deey neste pensamento, que tivesse confirmação para elle. Mas depois achei que muitos annos antes o tinha escrito o doutissimo Salmeirão da nossa companhia, & hum dos primeiros fundadores della. Emfim que se o pensamento não he meu, he nosso. Vaõ as palavras, que não podem ser mais adequadas: *Modus quo quis omnia reddit, est, Deo patiente, & patientiam habente, qui pro nobis in cruce Deo plenè satisfecit*. O modo (diz Salmeirão) com que o peccador paga a Deos as dividas de seus peccados, he só a paciencia do mesmo Deos: porque fazendose Deos homem passivel, & padecendo pe-

los peccados dos homens, só por este modo pode satisfazer, & satisfêz plenariamente por todos. Desorte que o nosso descargo todo consiste na sua paciencia: *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi*. Pois assim como o servo do Rey appello para este unico modo de satisfação vendose alcançado nas contas; assim digo que por meyo das contas do Rosario as daremos boas a Deos, porque nellas nos valem do cabedal de sua paciencia, & trespassamos todas as nossas dividas sobre o mesmo Deos feito homem passivel, para que elle as pague por nós com o preço do que padecêo em todos os passos, & mysterios de sua vida, & morte, que são os que no mesmo Rosario lhe offerecemos.

492. E para que não faça novidade, ou duvida este modo de trespassar as nossas dividas a Christo, para que nós as paguemos nelle, ou elle as pague por nós; ouçamos ao Profeta Nathan. Quando este Profeta arguiu a David do peccado que tinha

na comettido contra Deos
no adulterio de Bersabé, &
morte aleivosa de Urias, co-
mo elle arrependido respon-
desse: *Peccavi Domino*: pec-
quei contra Deos; acrescen-
tou logo o mesmo Profeta:
*Dominus quoq; transtulit pec-
catum tuum*: & tambem Deos,
ó Rey, trespassou o teu pec-
cado. Notay a palavra *transtulit*, trespassou. E para on-
de, ou para quem trespassou
Deos o peccado de David?
No texto Hebréo ainda está
mais claro: *Transire fecit pec-
catum tuum á te*: fez que o
teu peccado passasse de ti.
Pois se passou de David,
para quem passou? Passou
de David para Christo, &
este foi o trespasso. A divida
era da conta de David, & a
paga foi da conta de Chri-
sto. No Banco de Amster-
daõ metem alli os mercadei-
res os seus cabedaes cada
hum com a sua conta á par-
te, & sem se contar dinheiro,
fó com hum trespasso se fa-
zem todos os contratos, &
se pagam todas as dividas,
carregandose na conta de
hum o que se tira na do
outro. Assim succedéo a

David na divida que con-
trahio pelo seu peccado: *Do-
minus quoq; transtulit pec-
catum tuum*. Pagou a sua di-
vida por via de trespasso,
porque a descarregou Deos
da conta de David, & a car-
regou na de Christo. Isto
mesmo he o que se faz no
Rosario.

493. Mas vejamos pri-
meiro o modo taõ admira-
vel, como propriamente
divino, com que no trespas-
so de nossos peccados se faz
este descargo de nossas divi-
das. Condenado El Rey E-
zechias á morte, alcançou
perdão de Deos, & os ter-
mos com que lhe rendéo as
graças por esta merce, forão
tão extraordinarios como
ella: *Tu autem eruisti ani-
mam meam ut non periret*,
projecisti post tergum tuum
omnia peccata mea. Eu, Se-
ñhor, bem merecia a morte;
mas vós fostes tão piedoso
comigo, que para me livra-
res della, lançastes todos
os meus peccados detras de
vossas costas. Lançaremse os
peccados de huns ás costas
de outros, não he cousa no-
va no mundo, antes a mais

Effij anti-

antiga de todas. Adão lançou a sua culpa às costas de Eva, & Eva lançou a sua às costas da Serpente, & todos os filhos de Adão, & Eva para se desculparem a si, lanção as suas culpas às costas de outros. Isto fazem os homens. E Deos que faz, ou que fez? O que fez a Ezechias só foi hũa semelhança do que fez por todos. Para livrar a todos os homens do que lhe deviaõ por seus peccados, tomou os peccados de todos sobre si, & lançou-os às suas proprias costas. He proposição de Fê definida pelo primeiro Pontífice da Igreja: *Qui peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum*. Quando Christo levou a Cruz às costas (diz São Pedro) levou sobre a mesma Cruz todos os nossos peccados para pagar por elles. Daqui se entenderá de passagem a razão, porque Christo ajoeilhou com o pezo da Cruz, & o Cyrineo a levou tão facilmente. Porque o Cyrineo levava a Cruz sem os peccados, & Christo levava os peccados sobre a Cruz.

1. Petr.
3. 24.

E não he muito que o pezo dos peccados fizesse ajoeilhar a Deos, se o fez morrer.

494. Morreo em fim Christo na Cruz, & nella assim como com a morte pagou as dividas dos nossos peccados, assim com o sangue apagou as Escrituras porque estavamos obrigados às mesmas dividas. Não he consideração minha, senão testemunho autentico de São Paulo, ou revelação de Christo por bocca do mesmo Apostolo: *Delens quod adversus nos erat chirographum, & affigens illud cruci*. Quer dizer: que apagou Christo na Cruz as escrituras de nossos peccados, & que assim apagadas as pregou nella. E se alguem me perguntar que escrituras são estas, pelas quaes estamos obrigados às dividas de nossos peccados? Respondo que alludio São Paulo a hum grande secreto da Providencia, & Justiça Divina metaforico, mas verdadeiro, & he que todas as vezes que o homem pecca (sem nós o sentirmos, nem saber-

Coloss.
2. 14.

mos

mos como) escreve cada hum nos livros de Deos o seu peccado como devedor, & por esta escritura fica obrigado à divida, & á paga della. Assim o declara Origenes com) tão versado nas Letras Sagradas: *Unusquisq; enim nostrum, in his quæ deliquit, debitor efficitur, & peccati sui literas scribit.* Estas são as escrituras que Christo apagou com o seu Sangue na Cruz, & estas as dividas dos peccados que tomou sobre si pagando hûas, & apagando outras: *Delens quod adversus nos erat chirographum.* E como pela paciencia de Christo, & pelo que elle padecêo por nós se pagão as dividas, & se apagaõ as escrituras de nossos peccados, quem estiver tão saneado nos livros de Deos quando for chamado a dar contas, como as não hade dar boas?

IV.

495. **I**sto he o que digo que alcançamos por meyo das contas do Rosario. Mas contra Tom.5.

esta grande proposição se offerece hûa grande duvida. A paciencia de Christo, & o que elle padecêo foi gèral para todos: & para lograr os frutos desta sua paciencia, não basta que fosse sua, he necessario que seja tambem nossa. Isto quer dizer com singular energia aquelle *in me.* Não basta que Christo tivesse paciencia, & padecesse: *Patientiam habe*; mas he necessario que essa paciencia se passe a nós, *in me*, & que seja, & a façamos tambem nossa. Logo resta o ponto principal, & mais difficiloso, que he mostrar como por meyo do Rosario fazemos nossa a paciencia, & Payxaõ de Christo, & com ella como com cabedal nosso pagamos as dividas de nossos peccados: *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi.* Torno a dizer que bem apertadas as contas do Rosario tudo isto fazem. Para fazermos nossos os effeitos da paciencia, Payxaõ, & morte de Christo, aponta, & requer São Paulo duas condiçõens: a

1. Cor.
124.

Ff iij pri.

Rom. 8.
17.

primeira a memoria ; *in meã cõmemorationem* : a segunda , a compayxão ; *si tamen compatimur*. De maneira que a nossa memoria faz nossã a sua payxão , & a nossa cõpayxão faz nossa a sua paciencia. E tudo isto he o que faz o Rosario , ou nõs fazemos nelle ; porque o Rosario mental , ou a meditação do Rosario não he outra cousa , senão hũa memoria affectuosa , & compassiva do que Christo padecẽo por nõs.

496. Ao Divinissimo Sacramento do Altar canta a Igreja : *O sacrum convivium in quo Christus sumitur*. E logo declarando o que Christo alli faz da sua parte , & nõs da nossa , diz que nõs repetimos a memoria de sua Payxão , & elle nos dá a graça , & a gloria , & a si mesmo em penhor della : *Recolitur memoria passionis ejus , mens impletur gratiã , & futura gloriã nobis pignus datur*. Eu não me admiro que a Cruz de Christo seja hũa arvore tão alta , que tendo as raizes , & o tronco na terra , chegue com os ramos ao

Ceo , & lá dê os seus frutos , mas he excessõ digno de toda a admiração que para nõs colhermos os frutos da sua paciencia bastem só as attenções da nossa memoria. O fruto principal da paciencia , & Payxão de Christo he o perdão dos peccados , que consiste na graça , & o premio da graça , que consiste na gloria , hũa , & outra adquirida com sua morte , & comprada com seu Sangue : & sendo esta divida verdadeiramente infinita , que nos não peça Christo em paga della mais que a nossa memoria : *Recolitur memoria passionis ejus* ? Aqui veremos a conta em que Deos tem as contas do Rosario. O primeiro acto da meditação do Rosario não he mais que hũa memoria repetida do que Christo fez , & padecẽo por nõs : & estima Deos tanto a repetição desta memoria , que nos dá por ella o preço de toda a sua Payxão. Christo entra com a sua Payxão , & nõs com a nossa memoria : mas he muito para notar que nõs entramos como quem paga , &

& Christo, como quem deve. Provo. Porque o mesmo Christo se nos dá por penhor a si mesmo; *nobis pignus datur*: & quem dá os penhores he o que se confessa por devedor. Logo se entrando Christo com a Payxão da sua Cruz, & nós com a memoria do nosso Rosário, nós entramos como quem paga, & Christo como quem deve; vejam os que levão as suas contas no Rosário se as darão boas, & mais que boas quando lhas pedirem.

497. Comprida a primeira condição da memoria, segue-se a segunda da compayxão: *Si tamen compatimur*. Mas assim como o primeiro acto da meditação do Rosário he lembrarmos do que Christo padecéo por nós, assim o segundo, & mais affectuoso he compadecermonos de suas penas. São Paulo, a quem podemos chamar o Apostolo da Payxão, porque sempre prégava a Christo Crucificado, o que nos pede em agradecimento della, he que sintamos em nós o que Christo sentio em si. Isto sig-

nificaçõ aquellas palavras: *Hoc enim sentite in vobis, quod & in Christo Jesu, id est quod Christus Jesus in se ipso sensit*. Assim o declara com maior expressão o texto Siriacco: & assim o faz o Rosário mental, cuja memoria não he só especulativa, & secca, mas pratica, compassiva, & sentida. Sehtimos em nós, & em Christo o que elle sentio em si, & por nós. E que se segue daqui? Segue-se que compadecendonos das suas penas, as fazemos nossas. Assim o diz o mesmo Apostolo. No tempo da primeira perseguição da Igreja, huns Christãos estavam prezos para o martyrio, outros estavam livres: & diz São Paulo com authoridade do Espirito Santo que os defóra eraõ compaheiros dos mesmos trabalhos com os de dentro. E porque? Porque os de dentro padeciaõ em si, & os defóra compadeciaõse delles: *In altero autem socij taliter conversantium effecti: nam & vinetis compassi estis*. Notavel razão outra vez, *Nam & vinetis compassi estis*. Cõ-

padeceisvos do que pade-
cem os Martyres , pois sois
companheiros do seu marty-
rio , & tão Martyres como
elles. Porque elles sendo a-
tormentados , padecem as
suas penas , & vós compa-
decendovos delles , fazeis as
suas penas vossas. Tal he, &
nada menor a energia literal
daquella razaõ: *In illis vos*
passi estis, quia ipsorum ærum-
nas, & passiones per compas-
sionem vestras fecistis: co-
menta o A Lapidé. E se a
payxaõ , & a compayxaõ re-
ciprocão de tal sorte as pe-
nas que as que são proprias
de quem padece, quem se
compadece as faz suas; da-
qui se segue que a Payxaõ
de Christo na Cruz , & a
nossa compayxaõ no Rosa-
rio , ou são divida commua,
ou paga cõmua. Se são paga,
não devemos; se são divida,
não temos que pagar; por-
que encontrando hũa divi-
da com a outra ficaõ as con-
tas ajustadas, & de qualquer
modo as damos boas.

498. Ha mais duvida
contra o Rosario ? Ainda
resta hũa neste ponto que
mais parece por elle. Os

mysterios do Rosario não
são só os dolorosos , senão
tambem os gozofos , & os
gloriosos: logo quem só dis-
se , *patientiam habe in me* ,
parece que disse pouco. Não
disse pouco , mas quando o
differa , ainda ficava mais
seguro ao Rosario o dar boas
contas ; porque das tres par-
tes do cabedal lhe sobejavaõ
duas. Não he menor satis-
fação das obrigaçoens o *gau-*
dere cum gaudentibus , que
oflere cum flentibus. Se nos
mysterios dolorosos nos
doemos com Christo de
suas dores , nos gozofos nos
gozamos de seus gostos , &
nos gloriosos nos gloriamos
de suas glorias, & tudo isto
acresce á satisfação das di-
vidas. Mas o certo he, que
quem disse sómente , *patien-*
tiam habe in me , não disse
pouco , antes comprehen-
déo tudo. Não só padecéo
Christo nos mysterios dolo-
rosos , mas tambem aos go-
zofos , & gloriosos se esten-
déo a sua paciencia; porque
nem os gozofos , nem os
gloriosos , que he mais , fo-
rão em Christo izentos de
Cruz. *Qui vult venire post*
me,

Cornel.
ibi.

Rom. 1
15.

Matt
16, 24.

me, tollat crucem suam, & sequatur me: quem quizer vir apos mim (diz Christo) tome a sua Cruz ás costas, & figame. E quando prégou o Senhor este defengano, ou quando lançou por li mesmo eite famoso pregação, & onde? Por ventura em Jerusaleem no dia de sua Payxão quando hia com a Cruz ás costas? Não: senão dous annos antes, como consta da chronologia dos Evangelistas. Pois se Christo ainda não tinha tomado a sua Cruz ás costas, como diz que a tomem todos os que o quizerem seguir? O texto de São Lucas ainda aperta mais a duvida, porque diz: *Tollat crucem suam quotidie*: tome a sua cruz ás costas todos os dias. Pois se Christo não tomou a sua Cruz ás costas mais que hum só dia, como diz aos que o quizerem seguir que a tomem a seu exemplo todos os dias: *Tollat crucem suam quotidie, & sequatur me*? A resposta parece difficiliosa, mas he muito clara. Porque Christo em todos os dias de sua vida nenhum teve em que

não trouxesse ás costas a sua cruz. Assim o fadou desde o berço o Profeta Isaías, que logo alli quádo o annunciou nascido, nolo deu também menino, mas já com a Cruz aos hōbros: *Puer natus est nobis, & filius datus est nobis, cujus imperium super humerum ejus.* ^{Isa. 9. 6} Não só desde Belem até o Calvario, mas de Belem até o Ceo sempre Christo, & sempre com Cruz. Com Cruz nos mysterios dolorosos, com Cruz nos gozofos, & com Cruz até nos gloriosos; que por isso levou ao Ceo as Chagas, & de lá ha de trazer a Cruz.

499. A razão porque Christo reservou as suas Chagas, & as levou ao Ceo, foi para sempre estar allegando por nós, & com ellas, apresentando-as a seu Eterno Padre como justo, & superabundante preço de nossos peccados. Isto dizem communmente os Santos: & bastava que o ajustamento das nossas dividas tenha tão bom procurador, & com o preço de contado, & em tão boa moeda, para que fayamos bem das contas. Mas S.

Joaõ

João Evangelista , que como Aguiã sempre voa por cima de todos, ainda o disse com mais alto pensamento : *Hæc scribo vobis ut non peccetis, sed et si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem Jesum Christum justum.* Douvos estes documentos (diz o Evangelista na sua primeira Epistola) para que não pequeis ; mas se algum peccar , advogado temos diante do Padre Jesu Christo justo. Notaveis palavras , & he lastima que se não tenha reparado nellas o que mais se deve notar. Anima São João aos que peccarem com a confiança de q̃ tem no Ceo a Christo q̃ he advogado justo. E q̃ importa que o Advogado seja justo , se o Reo he peccador ? Se hum Reo fosse accusado de ladraõ , ou de homicida , ou de perjuro , seriaõ boas contraditas do Advogado que o defendesse , dizendo : Provará que o Advogado do Reo não furtou , provará que o Advogado do Reo não matou , provará que o Advogado do Reo não jurou falso. Pois se este modo inaudito

de avogar seria hũa cousa ilusoria , & mais de rizo que de defesa ; como nos anima São João com dizer que se peccarmos , o nosso Advogado he justo ? Que importa que o meu Advogado seja justo , & innocente , se eu sou culpado ?

500. Importa tanto , quando o Advogado he Christo , quanto vay de ser culpado a ser justo. E porque ? Porque Christo não nos livra pela nossa justiça , senão pela sua. Divinamente São Paulo , como se o Apolo^{2. Corin. 5. 21.} comentára o Evangelista : *Qui non noverat peccatum , pro nobis peccatum fecit, ut nos efficeremur justitia Dei in ipso.* Christo sendo justo, fez-se peccador com os nossos peccados para que nós sendo peccadores ficássemos justos com a sua justiça. E como os Reos para com Deos se fazem justos , não pela justiça propria , senão pela do seu Advogado Christo , *ut efficeremur justitia Dei in ipso* ; por isso São João anima aos que peccarem com a confiança de que o seu Advogado he justo : *Et si quis*

1. Joan.
2. 1.

si quis peccaverit, advocatum habemus Jesum Christum justum. Esta he a justiça que elle allega no Ceo, offerecendo a seu Padre em paga das nossas dividas o preço de suas Chagas: & esta he a que nós allegamos em todo o Rosario, offerecendo com as mesmas cinco Chagas não só os cinco mysterios dolorosos, mas também os cinco gozofos, & os cinco gloriosos, em que nós temos tanta parte de justiça como Christo teve de paciencia. E por isso tão confiados de dar boas contas como quem só pediu a mesma paciencia para as suas: *Patientiam habere in me, & omnia reddam tibi.*

V.

501. **A** Téqui temos visto na parte mental do Rosario a primeira industria com que o servo do Rey alcançado nas contas as deu boas. Passemos agora á parte vocal, & nella acharemos a segunda, se na efficacia igualmente poderosa, na facilidade mais prompta. Foi tão grandioso o Rey (como quem re-

presentava a Deos) que vendendo o servo a seus pés, lhe perdoou graciosamente toda a divida. E porque motivo, que não devia ser pequeno, sendo a indulgencia tão grande? O mesmo Rey o declarou. *Omne debitum dimisi tibi quoniam rogasti me:* Matth. 18.32. perdoeyte toda a divida, só porque me rogaste. Não ha motivo mais efficaz para Deos perdoar, que da nossa parte o rogar. Isto he o que fazemos em ambas as orações do Rosario vocal. No Padre nosso rogamos a Deos que nos perdoe as dividas de nossos peccados: *Dimitte nobis debita nostra:* na Ave Maria rogamos á Mãe de Deos que rogue por nós peccadores: *Ora pro nobis peccatoribus.* E para que vejamos com os olhos esta grande efficacia do rogar, combinemos este mesmo passo em que estamos com outro do mesmo genero de Rey a Rey, de servo a servo, & de talento a talentos.

502. Fazendo hũa jornada larga este mesmo Rey, encomendou certa quantia de talentos a varios servos seus,

feus; & a hum delles hum só talento. O intento era para que os servos em sua ausencia negociassem com este cabedal, que he a segunda razão de o Rey ser tão poderoso, & tão rico. Rey, & Reyno sem commercio, ou com o commercio desfavorecido, nunca será opulento. Tornou da jornada o Rey, & como elle por si mesmo tomava as contas da sua fazenda, chegando ao servo a que encomendára hum só talento, achou q̃o tinha muito bem guardado, mas que não tinha negociado com elle. E como o tratou? Não só o reprehendéo aspera, & afrontosamente, mas privado do talento, & do officio, o lançou do seu serviço. Ponhamos agora hum caso á vista do outro. Se no primeiro caso este mesmo Rey perdoa tão facilmente a hum servo que lhe tinha roubado dez mil talentos; a estoutro servo que lhe não tinha roubado o talento, que era hum só, antes o tinha muito bem guardado, porque o castiga tão asperamente só por lhe saltar com a ganancia? A

razão consta do texto. Porque o primeiro servo rogou, o segundo não rogou. O primeiro pedio perdaõ do seu roubo, o segundo não pedio perdaõ do seu descuido. E vay tanta differença diante de Deos de quem roga a quem não roga, que a quem roga perdoa o roubo de dez mil talentos, & a quem não roga, nem a ganancia de hum só talento perdoa. Julgai agora se aos que rezaõ o Rosario, & tantas vezes o rogaõ, & lhe pedem perdaõ das suas dividas cada dia, se lhas levará em conta.

503. O perdoar em Deos, he acto da sua misericordia, & dandolhe David as graças de lhe ter perdoado seus peccados, diz assim: *Benedictus Deus, qui non amovit orationem meam, & misericordiam suam á me.* psalm 65.20
Bemdito sejas, Senhor, que não apartastes de mim a minha oração, nem a vossa misericordia. Só David que o soube dizer, poderá ponderar dignamente este admiravel epifonema com que acaba o Psalmo sesenta & cinco. Demancira que quando pedimos

dimos perdão a Deos de nos-
 sos peccados , & elle nolos
 perdoa , primeiro lhe have-
 mos de dar as graças da nos-
 sa oração , que da sua mise-
 ricordia ? Sim. Porque anda
 tão atada a misericordia com
 que Deos nos perdoa á ora-
 ção com que nós o rogamos,
 que quando nos concedeo a
 oração para o rogarmos , já
 nos seguiu a misericordia
 com que nos perdoa : *Non*
amovit orationem meam , &
misericordiam suam á me Não
 se deixe passar sem reparo a
 propriedade da palavra *non*
amovit: não apartou de mim
 a minha oração , nem a sua
 misericordia. E porque diz,
non amovit , não apartou ?
 Porque quando Deos apar-
 ta de nós a sua misericordia
 porque não nos quer per-
 doar , primeiro aparta de nós
 a nossa oração porque o não
 possamos rogar. Excelente,
 & formidavel prova no Pro-
 feta Jeremias. Tres vezes
 em tres Capítulos differen-
 tes diz Deos ao Profeta Je-
 remias estas mesmas pala-
 vras. *Noli orare pro populo*
isto: não queiras orar por este
 Povo. *Noli orare pro populo*

isto : não queiras orar por
 este Povo. *Noli orare pro po-*
pulo isto : não queiras orar
 por este Povo. E porque có
 tantas repetições , & tantas
 cautelas ? Porque Deos, co-
 mo consta dos mesmos lu-
 gares , tinha decretado dif-
 finitivamente de não per-
 doar ao Povo , & de o casti-
 gar sem remedio , & como
 tinha apartado d'elle a mise-
 ricordia, era necessario apar-
 tar tambem d'elle a oração.
 Se Jeremias chegasse a rogar,
 sabia Deos de si que não po-
 dia deixar de perdoar: pois
 tapelhe a boca húa , duas,
 & tres vezes á oração , para
 que não possa rogar. Oh que
 consolação tão grande para
 os devotos do Rosário , que
 tantas vezes repetem as suas
 orações cada dia ? E que
 desconsoção pelo contra-
 rio tão tremenda para os que
 as não tomaõ na boca ? Os
 que orão , querlhe Deos
 perdoar , os que não orão ,
 parece que não quer.

504. Certo que não foy
 que conta lhe fazem , nem
 que conta esperaõ de dar a
 Deos os que tendo tantas di-
 vidas quantos são os pecca-
 dos,

Matth.
18. 25.

dos, senão valem dos the-
souros da misericordia divi-
na, cuja chave he a oração.
O servo alcançado nas con-
tas, porque se vio sem ca-
bedal para a paga, *cum non*
haberet unde redderet, recor-
rendo á misericordia do
Rey suprio a falta do que
não tinha com o perdao da
divida que alcançou. Taõ
facilmente paga quem deve
a Deos: & tanto valor tem
diante da suprema Magesta-
de o rogar. Quem não tem
roga. E o mesmo não ter
nos deve dar maior confian-
ça para orar a Deos; porque
o rogar, & não ter, he orar
duas vezes. Onde o nosso

Psalms.
10. 17.
secundũ
Hebraeos.

texto lé: *Desiderium paupe-*
rum exaudivit Dominus, diz
o original Hebréo com ma-
ior energia, *vacuitatem pau-*
perum: que, ouvio Deos o
não ter dos pobres. Se Deos
ouve o não ter, parece que
o não ter tambem tem voz?
Para os ouvidos de Deos
sim: porque tanto ouve
Deos os silencios do não
ter, como as vozes do orar.
Quem ora, roga hũa vez:
quem ora, & não tem, duas.
Quoniam rogasti me, foi hũa

Matth.
18. 32.

oração do servo: *cum non ha-*
beret unde redderet, foi ou-
tra: & porque se ajuntáraõ
ambas, por isso impetráraõ
com tanta efficacia.

505. Daqui se entende-
rá aquelle singular reparo
com que David celebra a
providencia, & piedade de
Deos no sustento dos filhi-
nhos dos corvos: *Qui dat*
jumentis escam ipsorum, &
pullis corvorum invocantibus
eum. Deos, diz o Profeta,
não só sustenta os animaes
da terra, & as aves do ar, se-
não tambem aos filhos dos
corvos que o invocão. Nesta
ultima exceção está o repa-
ro. Se Deos sustenta igual-
mente a todos os animaes
assim da terra como do ar,
& no numero das aves entrão
tambem os corvos, que mais
tem não elles senão os seus
filhos, para que só destes se
diga que invoção a Deos:
Et pullis corvorum invocan-
tibus eum? Sabeis o que tem
demais? Tem o não ter. Os
filhos dos animaes da terra,
em nascendo, tem aparelha-
do o pasto: os das aves tem
o cuidado dos pays que
lho buscaõ, & trazem ao ni-
nho:

Psalms.
146.

nho : só os dos corvos carecem de tudo isto. São Gregorio, & Santo Thomás dizem que os corvos não acodem ao sustento dos filhos, porque ainda os não vem vestidos das penas negras como as suas. E não será a primeira vez no mundo, em que mais se reconhecem os parentescos pelo vestido, q̃ pelo sangue. Aristoteles, & Eliano dizem q̃ he pela crueldade natural do corvo, ou pelo seu esquecimento tambem natural, que não he menor crueldade. Mas sejaõ estas, ou qualquer outra a verdadeira causa; o certo he que os filhinhos dos corvos naquelles dias, nem tem sustento com que se alimentar, nem tem pays que lho procurem, nem tem outro remedio para a vida. E porque são singulares nestes não ter, por isso tambem singularmente se diz delles que sendo irracionaes invocaõ a Deos, & lhe fazem oração; porque aquelle mesmo não ter, he orar: *Et pullis corvorum invocantibus eum.*

506. E se isto fazem aquelles animalinhos sem uso

de razão, nós que igualmente conhecemos as nossas dividas, & o nosso não ter, porque não ajudaremos com elle a efficacia de nossas orações? E porque não teremos grande confiança, que nos acudirá, nesta falta aquella immensa bondade, que acode à dos corvos? Peores são que os corvos os que tiraõ os olhos aos homens pela paga do que lhe devem, & se sustentão, & crescem cõ as usuras do alheio; & com tudo Christo Senhor nosso diz que tendo hum destes usurarios dous devedores, hum que lhe devia cincoenta dinheiros, & outro quinhentos, a ambos perdoou toda a divida. E porque motivo? Sem nenhum outro motivo, nem interesse senão porque não tinhaõ com que pagar: *Non habentibus illis unde redderent, donavit utrisq̃;* Pois se a razão fõmente de não ter, move tanto as entranhas do maior avaro, quanto mais as da misericordia, & liberalidade divina? Conheçamos pois diante de Deos a miseria do nosso cabedal; & que não

naõ temos com que pagar as dividas de nossos peccados: & logo postrados diante do tribunal de sua infinita misericordia, digamos hũa, & muitas vezes, como fazemos no Rosario: *Dimitte nobis debita nostra*: & desta maneira suprimo a paga cõ o perdaõ, naõ poderão deixar de ser muito ajustadas as contas que lhe dermos. He verdade que todas as nossas dividas estaõ lançadas nos livros de Deos, como acima dissemos; mas como diz S. Bernardo, tambem Deos tem outro livro em que manda lançar as nossas oraçoens; porque melhor que nós conhece o preço dellas:

D. Bern.
Serm. 5.
in Quinquagesima.

Nemo vestrum, fratres, parvi pendat orationem suam, quia ipse ad quem oramus, non parvi pendit eam. Priusquam egressa sit de ore nostro, ipse scribit jubet eam in libro suo. Irmaõs, diz São Bernardo, nenhum de vós faça pouca conta das suas oraçoens, porque aquelle mesmo Senhor a quem oramos, faz tanta conta dellas; que primeiro q̃ sayão da nossa boca, as manda escrever no seu li-

vro. E se quando Deos nos tomar contas, defronte do livro das dividas apparecer o das nossas oraçoens; sem duvida ouviremos da boca do mesmo Deos o que ouvio o servo da boca do Rey: *Omne debitum dimisi tibi quonia rogasti me.*

VI.

507. **E** Se os rogos, & oraçoens do servo (tiremos nós agora a consequencia) se os rogos, & oraçoens do servo tanto alcançaõ da liberalidade do Senhor: os rogos, & oraçoens da Mãe quanto alcançaõ da piedade do Filho? Quando rezamos o Rosario depois que hũa vez rogamos a Deos que nos perdoe as nossas dividas, *dimitte nobis debita nostra*, logo na Ave Maria rogamos dez vezes à Mãe de Deos, que rogue, & interceda por nós, *ora pro nobis peccatoribus*, fiando dez vezes mais da sua intercessão que da nossa oraçaõ. E note-se que a Deos pedimos nos perdoe as nossas dividas, que são os nossos peccados, & à Mãe de Deos pedimos que rogue por nós, naõ como

mo enfermos, ou como pobres, ou como necessitados de qualquer outro remedio, senão só como peccadores, *pro nobis peccatoribus*; porque só aqui está o perigo, & só este deve de ser o nosso cuidado, & o nosso temor, que tudo o demais importa pouco.

508. Com quanta razão pois insistimos tanto, & tão repetidamente no Rosário em implorar a intercessão da Virgem Senhora Nossa; se eu agora me puzesse ao provar, ou persuadir geralmente, seria materia infinita. Pelo que reduzindo-a toda aos termos precisos em que estamos; digo que nelles mais particularmente devemos pôr toda a nossa confiança na intercessão da mesma Virgem Maria. E porque? Porque sendo o nosso requerimento perdaão de dividas, se nós somos devedores a Deos, Deos tambem he devedor à nossa intercessora. O primeiro que sahio a luz com este altissimo pensamento depois seguido de todos, foi o antiquissimo São Methodio, o

Tom. 5.

qual fallando com a mesma Senhora, lhe diz assim: *Euge quæ debitorem habes eum, qui omnibus mutuatur; Deo enim unversi debemus, tibi autem etiam ille debet.* Para bem vos seja, Virgem poderosissima, o ser vosso devedor aquelle que dá tudo a todos: porque todos devemos a Deos, & a vós até o mesmo Deos deve. E que deve Deos á Virgem Maria? Develhe o ser humano, o qual Deos de antes não tinha, & só o teve (diz o mesmo Santo) depois que, vós Senhora, lho emprestastes: *Tu enim admirabilem incarnationem, quam aliquando non habuit, Deo mutuo dedisti.* Empreastastes, diz, & não déstes, com grande energia Methodio; porque o que se dá, faz obrigado, o que se empresta, devedor. Nem se pôde responder que este emprestimo o pagou log. Deos de contado à mesma Senhora, dizendo que se ella deu a Deos o ser de homem, elle lhe deu o ser Mãe de Deos; porque o mesmo ser Mãe, he divida que sempre se deve, & nunca se paga. Por isso

Gg

disse

Method.
Sermon.
de Purificat. 2.

Idem
Method.
or at. ad
Hipap.
Dom.

dille Aristoteles que entre todas as dividas só ha húa que se não pôde pagar , que he a que devem os filhos aos pays , porque delles recebêraõ o fer. Sendo pois Deos devedor a sua Mãy , & nós devedores a Deos , que melhor intercessora podemos ter para o perdaõ das nossas dividas que a unica acrédora de quem Deos he devedor ? Pedir a quem me deve mais he demandar que pedir.

509. Mas não parão aqui os motivos da nossa confiança. Ainda se ajunta a elles outro nada menor no mesmo genero ; porque se Deos he devedor a sua Mãy , sua Mãy he nos devedora a nós. E porque titulo ? Por dous. O primeiro, o mesmo que nós alegamos , quando dizemos : *Ora pro nobis peccatoribus* ; porque se nós não fomos peccadores , não fóra a Virgem Maria Mãy de Deos. O segundo , pela caridade maternal da mesma Senhora com que ella se fez devedora de todos os homens sem excluir a nenhum: *Maria omnibus sapientibus, &*

insipientibus copiosissima charitate debitricem se fecit, diz Saõ Bernardo. Demaneira (recolhamos agora tudo) Demaneira que nós somos devedores a Deos : Deos he devedor a sua Mãy : & sua Mãy he devedora a nós. Nós devedores a Deos: *Dimitte nobis debita nostra* : Deos devedor a sua Mãy: *Deus etiam tibi debet* : sua Mãy devedora a nós : *Omnibus debitricem se fecit*. E que se segue daqui ? Que nem a Virgem pôde deixar de pedir o nosso perdaõ , porque nos he devedora : nem Deos lhe pôde negar o perdaõ , porque lhe he devedor : nem nós alcançado o perdaõ devemos outra paga a Deos , de quem eramos devedores. Os Antigos fingiaõ tres Deosas , a que chamáraõ Graças , as quaes com as mãos dadas entre si em hum triangolo , húa pedia , outra dava , outra pagava. E as tres Graças que lá eraõ fabulosas , aqui são verdadeiras A Mãy pede , o Filho dá , & nós pagamos. E se o perdaõ das dividas he paga equivalente , sendo chamados á conta os devo-

devotos do Rosario com as dividas pagas, vede fedarão boas contas.

§ 10. Mas ainda nesta somma não entraõ as outras dividas que Deos deve a sua Mãy, & nõs lhe offerecemos no Rosario. Em todos os mysterios do Rosario nenhũa ha em que Deos não devesse a sua Mãy, ou sua Mãy não obrigasse a Deos com algũa grande divida. Na Encarnação, não falando no ser que lhe deu, devéo Deos a sua Mãy a morada de nove mezes dentro em suas entranhas. Na Visitação, a diligencia do caminho, & a aspereza delle. No Nascimento, o leite dos peitos virginaes, as faxas em que o envolvéo, & as palhinhas do berço. Na Presentação ao Templo, a obediencia, a offerta, & a espada de Simeão. No desaparecimento em Jerusalem, o susto, as ancias, & afflicção de tres seculos em tres dias. Na Agonia, & Prisão do Horto, a consideração, & a ausencia. Nos aqoutes, & na coroação, a presença, & a vista. Nos Passos da Cruz

as costas, o pezo de a não levar, & a companhia. No Calvario a Cruz de ambos, na morte o ficar com vida, no descendimento os braços, & no enterro a sepultura. Na Ressurreição a alegria. Na Ascensão as faudades. Na vinda do Espirito Santo os excessos do amor. E na mesma Assumpção, & Coroação, em que parece que pagou o Filho a Mãy todas as dividas, tambem lhe ficou novamente devedor, porque ella só lhe fez maior theatro no Ceo que todos os Bemaventurados juntos, & porque antes da glorificação da Mãy, né o Filho esteve inteiramente glorificado, como bem ponderou Guerrico Abbade: *Nec satis glorificatus mihi videbor, donec tu glorificeris.* Somme agora todas estas dividas a mais rigorosa Arismetica, multiplicando hũas, & deminuindo outras: & depois de contadas nos mysterios do Rosario as que Deos deve a sua Mãy, & descontadas pelo mesmo Rosario as que nõs devemos a Deos; quam certo seja que no encontro de

Ggij hũas,

*Guerric.
Serm.
4. de As-
sumpt.*

húas, & outras contas das
remos boas, não quero que
o conjecture o nosso discurs-
so, mas que a mesma Senhora
do Rosário nolo ensine, &
demonstre.

VII.

§ II.

O Uve hum
Mercador
grande usurario chamado
Jacob. Não dizem os An-
naes Dominicanos em que
terra fosse; mas mercador, &
Jacob bem se deixa ver de
que nação seria. Esta circū-
stancia porém para com a
Mãe daquelle Filho, que
tambem he Filho de David,
& Filho de Abraão, ne-
nhua differença faz entre os
homens. Cada hum diante
de Deos não he da lingua
que falla, senão da Fé que
professa: *Non est distinctio*
Judei, & Græci. Era Ja-
cob christão na Fé, mas máo
christão na vida; porque a
trazia engolfada nas ondas,
& embaraçada nas redes da-
quelle mar, em que se pesca
a fazenda alheia, & não se
lava a consciencia propria.
Tinha com tudo hũa boa

Rom. 10
22.

parte, que era ser muito de-
voto do Rosário, o qual re-
zava todos os dias. E como
cada decada do Rosário con-
sta de dez Ave Marias, & hũ
Padre nosso, cada dia offe-
recia a Deos quinze onzenas
o mesmo que roubava aos
homens com as suas usuras.
O maior privilegio que
Deos concede aos esmole-
res, & aos que emprestão o
seu dinheiro sem interesses,
he que disporão as suas cõ-
tas antes de as darem em jui-
zo. Assim o promette expres-
samente o mesmo Deos por
boca de David. *Jucundus ho-*
mo qui miseretur, & com-
dat, disponet sermones suos in
judicio: onde o Texto Gre-
go lê, *disponet rationes suas*.
E he cousa maravilhosa que
alcance hum onzeneiro o
que Deos promette ao esmo-
ler, & que haja de gozar o
que não empresta hum real
sem usuras o privilegio dos
que emprestão de graça! Mas
estes são os poderes do Rosa-
rio. Estava Jacob rezando o
seu Rosário hum dia, quan-
do ouviu hũa voz que lhe
dizia, chamando-o por seu
nome: *Jacobe, redde rationem*
Fi

Psal. 111. 4

Filio meo : Jacob , dá conta a meu Filho. A meu Filho disse , para que entendesse Jacob que a voz que lhe fallava era da Mãy do supremo Juiz a Virgem Senhora Nossa. Ouvindo aquella voz como se fora hum trovaão do Ceo , ficou tremendo o de voto usurario, diz a historia, mas como tinha mais entranhada a cubiça que a devação , ainda que mudou , & melhorou em parte a vida , não restituhio o que devia. Quando São Paulo prégonou ao Presidente Felis a Fé do dia do Juizo, diz o Texto Sagrado que Felis ficou tremendo : *Disputante autem illo de judicio futuro , tremefactus Felix.* E quaes foraão os effeitos deste tremor ? Disse a São Paulo que outro dia fallariaão. & (adrescenta São Lucas) *Sperans quòd pecunia ei daretur à Paulo* : que o intento do Presidente não era para que São Paulo lhe tornasse a fallar na conta , senão para que o peitasse com algum dinheiro. Pois homem não Felis , senão malaventurado , tremes da conta que has de dar Tom, 5.

a Deos , & ainda te lebras de adquirir dinheiros injustos ? Taõ difficullosa he de arrancar a cubiça onde tem lançado raizes.

§ 12. Adoeceó mortalmente Jacob , mas nem com se ver às portas da morte , acabava de restituir. Senão quando em hum paracismo se achou subitamente diante do Tribunal Divino não morto , senão vivo. Este foi o segundo privilegio , ou milagre do Rosario , em que se dispensou com Jacob nas leys univerfaes de todo o genero humano : *Statutum est* ^{Hebr. 9. 27.} *hominibus semel mori, post hoc autem judicium*: O estatuto universal de Deos he que todos os homens morraão húa só vez , & depois da morte dem conta em juizo : & aqui se dispensou , & trocou esta ordem com este homem , sendo taõ máo homem , porque foi levado a juizo não depois da morte , senão antes. E paráraão aqui os milagres do Rosario ? Não , porque ainda restava o terceiro , & maior , & mais importante de todos. Affitia ao pé do Trono de Gg iij Chri-

At. 24.
25.

ibid. 26.

Christo São Miguel com as balanças na mão, porque as contas alli não se dão por cifras, senão por pezo. E como de hũa parte se puzessem os peccados q̃ eraõ muitos, & gravissimos, & da outra não ouvesse boas obras, nem inteira penitencia que suspendesse o pezo delles, cahio a balança para a parte esquerda, & sem o juiz pronunciar a sentença, se deu o miseravel Jacob por condemnado. Miseravel lhe chamey não me lembrando já que era devoto do Rosario. Mas como os seus poderes nunca faltaõ nos maiores apertos, assim se vio neste ultimo por mais que parecesse desesperado. Não tevetino Jacob para invocar naquella trance a Virgem Santissima, mas lembrada a Senhora de quantas vezes lhetinha ouvido, *ora pro nobis peccatoribus nunc, & in hora mortis nostræ*, na mesma hora, posto que não invocada, lhe acodio com o Rosario na mão, & pondo-o na parte direita da balança, como nelle hiaõ os merecimentos de seu Filho, & seus, pezo

mais que todos os peccados da parte esquerda. Neste pôto acordou do paracismo Jacob, & como Deos ainda quando perdoa as suas dividas, não perdoa as que se devem aos homens, nem basta rezar o Rosario sem restituir o alheio, este foi o ultimo, & maior milagre do mesmo Rosario, fazer q̃ o usurario avarento restituísse o que devia. Satisfeitas pois as dividas dos homens, & perdoadas as de Deos, morreu Jacob, & onde iria a sua Alma? O primeiro Jacob vio a primeira escada, mas não subio por ella. O segundo Jacob mereceo ver a segunda, que he a Virgem Maria, & subindo pelos quinze degraos do seu Rosario, entrou pelas portas do Ceo, de onzeneiro justo, de condenado absolto, de peccador innocente, & de abominado entre os homens, glorificado entre os Anjos. E neste grãde caso se verificaraõ as duas partes do nosso discurso: ficando para a imitação por exemplo, & para a memoria por proverbio: que quem

quem quizer dar boas contas a Deos, reze pelas do Rosário.

§ 13. Os proverbios, que são evangelhos humanos, fellos a experiencia, & conserva os a prudencia para doutrina, & direcção da vida, & não para descuido como acontece aos nescios, senão para cautela. E este he o fim do que por tantos meynos deixamos provado na materia de maior importancia. Entre pois cada hum em si, & pergunte á sua propria consciencia, se Deos o chamasse no estado presente para a conta, qual lhe daria? Dos verdadeiros devotos do Rosário, que são os que o rézão, & meditação attentamente, bem creyo eu que excepto o caso de alguma desgraça, em que tão raro he o cair, como facil o levantar, todos os mais se acharão com as suas contas tão ajustadas, que as darão muito boas. E a estes somente advirto que dem infinitas graças a Deos, & a sua Santissima Mãe por tão singular merce; porque lhe não aconteça como ao ser-

vo do Evangelho, que por ingrato veyo a perder o mesmo perdão, & tornou de novo a contrahir toda a dívida, & a pagou sem remedio.

§ 14. Aquelles porèm que se não acharem em estado de dar boas contas, considerem que nas Ave Marias que só rézão de boca, quando dizem, *nunc, & in hora mortis nostræ*, o *hora mortis*, & o *nunc*, tudo pôde vir junto. Dizemos, agora, & na hora da nossa morte, & se a hora da nossa morte for o agora? Se a hora da morte não for hora, senão este mesmo momento, como acontece aos que morrem subitamente, ou subitamente perdem os sentidos, sem tempo, nem lugar de arrependimento; que contas podem estes dar, ou que se pôde esperar delles? Logo, dirá alguém, não he verdadeiro o proverbio, que os que rézão o Rosário darão boas contas a Deos? Sim he, se o rezar o Rosário for tambem verdadeiro. Porque ninguém ha que verdadeiramente reze o Rosário, que

Ggiiij nelle,

nelle, & nos seus myfterios não confilere o muito que deve a Deos, & lhe não peça perdão de suas dividas, como pediu o servo do Rey, que para a sua misericordia isso basta.

§ 15. Se o usurario, que não rezava o Rosário como devia, morrêra do mesmo modo, tambem se havia de condenar. Mas o principio, & fundamento do milagre, & a primeira parte da misericordia que a Virgem Senhora Nossa usou com elle, foi lembrar-lhe em vida, & em saude a conta que havia de dar a seu Filho: *Jacobe, redderationem Filio meo*. O mesmo nos está bradando a cada hum de nós a mesma Senhora todas as vezes que tomamos as contas na mão, nomeã-donos por nosso proprio nome: Homem, Mulher, Moço, Velho, Official, Ministro, Vassallo, Rey, não te lembres de mim só por costume, quando passas pelos dedos essas contas; mas lembrate da conta que has de dar a meu Filho. Por meyo desta lembrança, & deste cuidado he que as cõ-

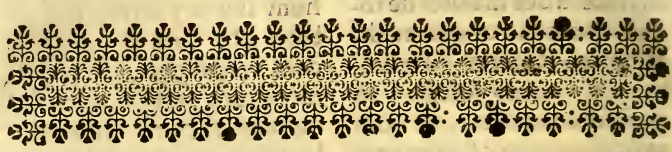
tas do Rosário farão que as demos boas a Deos, não só alcançando perdão das dividas passadas, mas absten-donos de contrahir outras de novo, offendendo, como o servo ingrato, a tão benigno, & liberal Senhor.

§ 16. Ninguem se vio em mais apertada occasião, & tentação de offender a seu Senhor, que Joseph, & porque se conservou fiel, & resistio tão constantemente? Diz o Texto Sagrado que Joseph se tinha recolhido ao seu aposento para tratar hũ negocio: *absq; arbitris*: só comsigo. E acrescenta as tradições Hebréas que este negocio era rever, & recenciar as suas contas, como aquelle a quem seu Senhor tinha entregue toda sua fazenda. Por isso respondêo coherentemente à Senhora, que não era possivel que elle ouvesse de offender a quem tantas obrigaçoens devia. Assim falla, & assim obra quem tem as suas contas diante dos olhos. E se tanta força tê a cõsideração de beneficios humanos, qual será a dos divinos, & entre os divi-

divinos a dos maiores de todos, quaes são os que meditamos no Rosario ? Retiremonos, como Joseph, só por só conosco, & com as nossas contas: (que rezar na conversação, ou pelas suas, ou entre outros divertimentos, he fazer pouca conta de hum exercício tão sagrado, & do mesmo Deos com quem fallamos.) Consideremos o que lhe devemos em todos, & em cada

hum dos mysterios que obrou por nós. Pegamoslhe com verdadeiro arrependimento nos perdoe as nossas dividas, & com firme resolução de não contrahir outras. E deste modo podemos estar muito certos de sua misericordia, que em qualquer hora que nos chamar, & nos pedir, & tomar contas, com o favor, & protecção de sua Santissima Mãe, lhas daremos boas.





S E R M A M XIV.

NA BAHIA, A IRMANDADE DOS
Pretos de hum Engenho em dia de São João
Evangelista, Anno de 1633.

Maria de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.
Matth. 1.

I.

§ 17.



Aõ he cousa nova, posto que grãde, & singular, que o Evangelista São João receba em sua casa a Virgem Mãy de Deos, & Mãy sua. Nem he cousa nova que as festas do mesmo São João as honre, & authorize a Virgem Santissima com a magestade, & favores de sua presença. Não he cousa nova finalmente que o que havia de ser panegirico do Evangelista, seja Sermaõ do Rosario. Tudo isto que já foi em diferentes

dias, temos junto, & concordado hoje no concurso da preséte solennidade. Não he cousa nova que o Evangelista São João receba em sua casa a que he Mãy de Deos, & sua; porque naquelle grande dia em que lhe coube por legado no testamento do Redemptor do mundo, não com menor titulo que de Mãy, a que era Mãy do mesmo Christo: *Ecce mater tua*; logo entãõ, ^{Joan. 19. 27} & desda mesma hora recebeu São Ioão a Senhora em sua casa, para nella a assistir, & servir, como fez por toda a vida: *Et ex illa hora accepit*

cepit eam Discipulus in sua.

Este he o que torna a fazer hoje o mesmo Evangelista: porque chamandose em frase dos sagrados ritos casa propria de cada hum dos Santos aquelle dia, que a Igreja dedicou a sua celebridade; neste dia; & nesta casa recebe hoje São Ioaõ a Senhora, dandolhe nella o lugar devido, que he o primeiro, & principal. Nem he cousa nova que as festas de São Ioaõ as honre, & authorize a Virgem Santissima com a magestade, & favores de sua presença; porque nas vodas de Caná de Galiléa o ser São Ioaõ o Esposo, foi a razão de se achar allia Senhora: *Et erat Mater Jesu ibi.* E se foi favor da tua piedade, & afflictença a conversão de agua em vinho; não foi menor graça, o milagre da Virgem das Virgens, que São Ioaõ por imitar sua virginal pureza, renunciasse entao o matrimonio, & o convertesse em celibato. Finalmente não he cousa nova que o que havia de ser panegyrico do Evangelista, seja Sermaõ

do Rosario; porque como se refere nas historias Dominicanas, indo o Patriarcha São Domingos para prégar de São Ioaõ em tal dia como hoje, ao tempo que recolhido a húa capella da mesma Igreja se estava encommendando a Deos, lhe appareceo a Virgem Maria, & lhe mandou que deixasse o Sermaõ que tinha meditado de São Ioaõ, & prégasse do seu Rosario. Felo assim o grande Patriarcha dos Prégadores, & o fruto do Sermaõ, que pelo zelo, & efficacia do Prégador sempre costumava ser grande, pela graça, & virtude de quem o mandou prégar, foi naquella occasião muito maior, & mais patente com igual proveito, & admiração dos ouvintes.

§ 18. Mas que fará cercado das mesmas obrigações tantas, & tão grandes, quem não só salto de semelhante espirito, mas novo, ou novo no exercicio, & na arte, he esta a primeira vez que subido indignamente a tão sagrado lugar, ha de fallar d'elle em publico? Vos, sobera-

Foi o primeiro Sermaõ, que o Autor pregou em publico antes de ser Sacerdote;

berana Rainha dos Anjos, & dos homens, & Mãe da Sãbedoria increada (a quem humildemente dedico as primicias daquellas ignorancias que ainda senão podem chamar estudos, como unica Protectora delles) pois o dia, & assumpto he, Senhora, de vossos maiores mysterios, vos dignay de me assistir com a luz, ou sombra da graça com que a virtude do Altissimo no primeiro de todos vos fez fecunda.

Ave Maria.

II.

§ 19. **T**Emos hoje (por outro modo do que já o disse) tres dias em hum dia, & tres festas em hũa festa: o dia, & a festa de São Ioaõ, o dia; & a festa da Senhora do Rosario, & o dia & a festa dos Pretos seus devotos. E quando fora necessario termos tambem tres Evangelhos; hum só Evangelho que nos propoem a Igreja, qual he? Posto que largo em nomes, & geraçoens, he tão breve, & resumido no que final-

mente vem a dizer, que todo se encerra na clausula que tomey por thema: *Maria de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.* Matth. 1. 16. Se o Sermão houvera de ser do Nascimẽto de Christo, q̃ he a solenidade do oitavario corrente, não podia haver outro texto, nem mais proprio do tempo, nem mais accomodado ao Mysterio: mas havendo de pregar não sobre este, senão sobre outros assumptos, & esses não livres, senão forçados: & sendo os mesmos assumptos não menos q̃ tres, & todos tres tão diversos, como os poderey eu fundar sobre a estreiteza de hũas palavras, q̃ só nos dizem q̃ Jesu nacẽo de Maria: *Maria de qua natus est Jesus.* Supposto pois que nem he licito ao Prégador (se quer ser Prégador) apartarse do thema, nem o thema nos offerece outra couza mais que hum Filho nascido de Maria; multiplicando este nascimento em tres nascimentos, este nascido em tres nascidos, & este Filho em tres filhos todos tres nascidos de Maria Santissima;

ma ; esta mesma será a materia do Sermaõ dividido tambem em tres partes. Na primeira veremos com novo nascimento nascido de Maria a Jesu : na segunda com outro novo nascimento nascido de Maria a São João : & na terceira tambem com novo nascimento nascidos de Maria aos Pretos seus devotos. Demme elles principalmente a attençaõ que devem , & destes tres nascimentos nascerão outros tantos motivos com que reconheçaõ a obrigaçaõ que tem de amar , venerar , & servir a Virgem Senhora Nossa , como Mãe de Jesu , como Mãe de São João , & como Mãe sua.

III.

520. **P** Rimeiramente digo que temos hoje nascido de Maria a Christo Senhor nosso não como nacção ha tres dias , mas com outro nascimento novo. E que novo nascimento he este ? He o nascimento com que nacção da mesma Mãe daqui a trinta & tres annos , não em Bellem , senão em Jerusaleem.

Isto he o que diz o nosso texto : & provo. *Maria de qua natus est Iesus , qui vocatur Christus* : Maria da qual nacção Jesu , que se chama Christo. Christo quer dizer ungido , Jesus quer dizer Salvador. E quando foi Christo Salvador , & quando foi ungido ? Foi ungido na Encarnaçaõ , & foi Salvador na Cruz. Foi ungido na Encarnaçaõ , quando unindo Deos a si a Humanidade de Christo , a exaltou sobre todas as creaturas , como diz David : *Vnxit te Deus , Deus tuus oleo lætitiæ* ^{psalm.} 44. 8. *præ consortibus tuis*. E foi Salvador na Cruz , quando por meyo da morte , & pelo preço de seu Sangue salvou o genero humano , como diz São Paulo : *Factus obediens usq; ad mortem* , ^{Philip.} 2. 8. *tem autem crucis : propter quod & Deus exaltavit illum , & donavit illi nomen , quod est super omne nomen , ut in nomine Iesu omne genu flectatur*. Logo quando Christo Senhor Nosso nacção em Bellem , propriamente nacção Christo , mas não nacção Jesu , nem Salvador : nacção Chri-

Christo, porque já estava ungido pela união Hipostatica, com que a Pessoa do Verbo se unio á Humanidade: & não nacêo Jesu, nem Salvador, porque ainda não tinha remido o mundo, né o havia de remir, & salvar senão em Jerusaleem dahi a trinta & tres annos.

521. Falla o Profeta Isaias do parto virginal de Maria Santissima (como notárao São Gregorio Nissenho, & São Ioaõ Damasceno) & diz assim: *Antequam parturiret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit masculum.* Na primeira clausula diz que pario a Senhora antes das dores do parto; que isso quer dizer: *Antequam parturiret: & na segunda diz que pario antes do parto: Antequam veniret partus ejus, peperit.* Não he necessario que nós difficultemos o passo, porque o mesmo Profeta confessa que disse hũa cousa inaudita, & que nunca se vio semelhante: *Quis audivit unquam tale, & quis vidit huic simile?* Que a bemdita entre todas as mo-lheres sahisse a luz com o

fruto bemdito de seu ventre sem padecer dores, privilegio era devido á pureza virginal, com que o concebêo, & assim o confessa a nossa Fé. Mas que parisse antes do parto: *Antequam veniret partus ejus*; como se pôde entender, senão suppondo na mesma Senhora dous partos do mesmo Filho, & suppondo tambem que o primeiro parto foi sem dores, & o segundo com dores? Assim foi, & assim o diz: quê? O nosso Portuguez Santo Antonio, que he bem preceda agora a todos os outros Doutores da Igreja, pois fallamos na sua: *Beatae Mariae duplex fuit partus, unus in carne, alius in spiritu. Partus carnis fuit virgineus, & omni gaudio plenus, quia peperit sine dolore gaudium Angelorum. Secundus partus fuit dolorosus, & omni amaritudine plenus, in Filij ejus passione, cujus animam pertransiit gladius.* Sabeis porque faz menção Isaias de dous partos da Virgem Beatissima, & no primeiro nega as dores, & no segundo não? A razão he (diz o Mestre Serafico) por-

Isai. 66.
2.

Ibid. 8.

D. An-
nus d.
Pauca

porque este foi o modo, & a differença com que a Senhora pario a seu bemdito Filho não hũa, senão duas vezes: a primeira vez sem dores, antes com jubilos de alegria, quando entre cantares de Anjos o pario no Presépio: a segunda vez com dores, & cheia de amarguras, quando trespassada da espada de Simeão o tornou a parir ao pé da Cruz. Hũa vez nascido Christo em Bellem, & outra vez nascido em Ierusalem: hũa vez nascido no principio da vida, & outra vez nascido no fim della: hũa vez trinta & tres annos antes, & outra vez trinta & tres annos depois: que por isso o Profeta fallando deste segundo parto, disse advertidamente: *Antequam veniret partus ejus*: porque hum parto depois do outro havia de tardar em vir tantos annos.

522. E posto que bastava por prova da minha proposta a authoridade de tão grande interprete das Escrituras como Santo Antonio, a quem por essa causa chamãrao os Oraculos de

Roma Arca do Testamento; diganos o mesmo o Evangelista São João com texto mais claro que o de Isaías. No Capitulo doze do seu Apocalypse vio São João aquella mulher tão prodigiosa como sabida, a quem vestia o Sol, calçava a Lua, & coroavão as Estrellas: & diz que chegada a hora do parto, forão não só grandes, mas terriveis as dores com que pario hum Filho varaõ, o qual havia de ser Senhor do Mundo, & Governador de todas as gentes: *Cruciat*

batur ut pariat; & peperit filium masculum, qui recturus erat omnes gentes. Esta Mulher prodigiosa, em cujo ornato se empenhãraõ, & des-

pendêraõ todas as luzes do Ceo, era a Virgem Santissima: o Filho Senhor do mundo, & que havia de governar todas as gentes, era Christo Governador do Universo, & Senhor d'elle. Mas se o parto da mesma Virgem foi izento de toda a dor, & molestia; que dores, & que tormentos são estes com que agora São João a vio parir não outro, senão o mesmo

Apoc.
12.2.5.

Fi.

Filho? A palavra, *Cruciabatur*, que he derivada da Cruz, basta por comento de todo o texto. O Filho era o mesmo, & a Mãy a mesma, mas o parto da Mãy, & o nascimento do Filho não era o mesmo, senão muito diverso. Era o segundo nascimento do Filho em que por modo superior a toda a natureza havia de nascer morrendo. E porque este segundo nascimento foi entre dores, tormentos, & afrontas, & com os braços pregados nos de hũa Cruz; por isso a mesma Cruz do nascimento do Filho foi tambem a Cruz do parto da Mãy: *Et cruciabatur ut pariat.*

523. Nacéo o Filho crucificado na sua Cruz, & pario-o a Mãy crucificada na Cruz do Filho: & se perguntarmos (que he o que só nos resta) porque o Filho no segundo nascimento nacéo assim, & a Mãy o pario do mesmo modo? A razão, como dizia ao principio, não foi outra senão porque Christo no primeiro parto nacéo propriamente Christo, & neste segundo

nacéo propriamente Iesu. Esta foi a differença, com que o Anjo antehontem annunciou aos Pastores o nascimento do mesmo Christo. *Quia natus est vobis hodie* Luc. 2
Salvator, qui est Christus: 11.
 Alegrayvos, porque hoje nascéo o Salvador, que he Christo. Notay que não disse: *Qui est Salvator*; assim como disse: *Qui est Christus*: porque o menino nascido já era Christo, mas ainda não era Salvador. Havia de ser Salvador, & para ser Salvador, nascia, mas ainda o não era. Christo sim, *Qui est Christus*; porque já estava ungi-do na dignidade de Filho de Deos, mas na de Iesu, & de Salvador ainda não; porque essa não a havia de receber no Presépio, senão na Cruz: *Factus obediens usq; ad mortem crucis, ut in nomine Iesu omne genus flectatur.* E aqui he que propriamente nacéo Iesu, & não de outra Mãy, senão da mesma Virgem Maria: *Maria de qua natus est Iesus.*

IV.

524. **O** Segundo Filho da mesma Virgem Maria, & nascido também no Calvario, & com novo, & segundo nascimento, foi São João. E que seria se dissessemos que também deste nascimento se verifica o nosso texto? O em que agora reparo nas palavras *de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus*; he que este *vocatur* parece proprio, & este *Christus* superfluo. O nome proprio do Filho de Deos, & Filho de Maria, he Iesu: este nome lhe foi posto no dia da Circuncisão, & assim o tinha revelado o Anjo antes de ser concebido: *Vocatum est nomen ejus Iesus, quod vocatum est ab Angelo priusquam in utero conciperetur*. Logo o *vocatur* applicado não ao nome *Iesus*, senão ao sobre-nome *Christus*, parece proprio: & o mesmo sobre-nome *Christus* também parece superfluo, porque só seria necessario para distinguir hum Iesu de outro Iesu. Por

Tom. 5.

ventura ha outro Iesu, & nascido de Maria que se não chame Christo? Digo que sim. Ha hum Iesu Filho de Maria, que se chama Christo; & ha outro Iesu também Filho de Maria, que se chama João. E por isso o Evangelista para distinguir hum Iesu de outro Iesu, & hum Filho de Maria de outro Filho de Maria, não superflua, senão necessariamente acrescentou ao nome o sobre-nome, & não só disse: Maria, da qual nasceu Iesu, senão: Maria, da qual nasceu Iesu, que se chama Christo.

525. Quando o mesmo Christo estava na Cruz, disse a sua SS. Mãe: *Ecce filius tuus*: estas palavras erão equivocadas, & mais naturalmête se podião entender do mesmo Christo que as dizia, do que de outro por quem as disse. E como tirou o Senhor esta equivocação? Tirou-a com os olhos, & com a inclinação da cabeça, que só tinha livre, apertando para João. Bem. Mas porque não disse, este he outro filho que vos deixo em meu lugar, senão este he o vosso

Hh filhos

Joann. 1
19.27

filho: *Ecce filius tuus*? Não ha duvida, responde Origenes, que fallando o Senhor por estes termos, quiz significar declaradamente q elle, & Ioão não se distinguão, & que Ioão não era outro filho da Senhora, senão o mesmo Iesu, que ella gerára, & della nascêra. Notay as palavras, q não podem ser mais proprias, & a razão que não pôde ser mais subida: *Nam si nullus est Mariæ filius præterquam Iesus, dixitq; Iesus: Ecce filius tuus: perinde est, ac si dixisset: hic est Iesus quem genuisti.* Pois se Iesu, & Ioão erão dous, & tão infinitamente diversos: Iesu o Senhor, & Ioão o servo: Iesu o Mestre, & Ioão o Discipulo: Iesu o Creador, & Ioão a creatura: Iesu o Filho de Deos, & Ioão o filho do Zebedeo; como era, ou como podia ser Ioão não outro filho, senão o mesmo filho, nem outro Iesu, senão o mesmo Iesu que a Senhora gerára: *Hic est Iesus quem genuisti*? São Pedro Damiaõ reconhece aqui hum mysterio semelhante ao do Sacramento, mas eu sem recorrer

Origen.
presat.
in Evā-
gel. Ioan

a milagre, entendo que tudo isto se descifra, & verifica com ser Ioão o amado: *Discipulus, quem diligebat.* Era o amado? Logo era outro, & era o mesmo Iesu. Em quanto Iesu, & Ioão erão o mesmo por amor, erão hum só Iesu: & em quanto Ioão por realidade era outro, erão dous Iesus.

526. Os Filósofos antigos definindo a verdadeira amizade, qual naquelle tempo era, ou qual devia ser, disserão: *Amicus est alter ego.* O amigo he outro eu. Logo em quanto o amigo he eu, *Ego*; eu, & elle somos hum: & em quanto elle he outro, *Alter*; elle, & eu somos dous; mas ambos os mesmos, & isto he o que obrou sem milagre por transformação reciproca o amor de Iesu em João. A mesma antiguidade nos dará o exemplo. Depois da famosa vitoria de Alexandre Magno contra El-Rey Dario, foi trazida a Rainha Mây diante do mesmo Alexandre, a cujo lado assistia seu grande privado Efestião. E como a Rainha fizesse a reverencia a Efestião, qui-

cuidando que elle era o Magno, por ser mais avultado de estatura, & avisada do seu erro, o quizesse desculpar, acodio Alexandre, como refere Curcio, com estas palavras. *Non errasti Mater, namq; & hic Alexander est*: não errastes, Senhora, porque este também he Alexandre. Assim o disse o Grande Monarcha, mais como discipulo de Aristoteles que como filho de Felipe. E se o amor (que eu aqui tenho por politico, & falso) ou fazia, ou fingia que Alexandre, & Efestião fossem dous Alexandres: *Namq; & hic Alexander est*; o amor verdadeiro, & sobrenatural da parte de Christo Divino, & da parte de Ioaõ mais que humano, porque não fariaõ que Iesu, & Ioaõ fossem dous Jesus? Não ha duvida que naquelle passo estavaõ dous Jesus no Calvario, hum na Cruz, outro ao pé della.

527. Quando Eliseo disse a Elias: *Erat in me duplex spiritus tuus*: não me posso persuadir que lhe pedisse dobrado espirito do

que era o seu, porque seria demasiada presunção de discipulo para mestre: o que quiz dizer, foi que o espirito de Elias se dobrasse, & multiplicasse em ambos, & que Elias o levasse, pois se hia, & o deixasse a Eliseo, pois ficava. E neste caso se o espirito de Elias fosse com Elias, & ficasse com Eliseo, Elias por ventura seria hum só Elias? De nenhum modo, diz São Joaõ Chrysostomo. Dobrouse o espirito de Elias, & multiplicouse em Eliseo como elle tinha pedido; mas entaõ não houve hum só Elias, senaõ dous Elias: *Erat duplex Elias ille: & sursum Elias, & deorsum Elias*. Arrebatou o carro de fogo a Elias, & no mesmo tempo, & no mesmo lugar, diz Chrysostomo, se viu entaõ dous Elias, hum em cima, outro embayxo; hum no ar, outro na terra; hum no carro, outro ao pé delle: *Et sursum Elias, & deorsum Elias*. O mesmo se vio no nosso caso. O carro triumphal, em que o Redemptor do mundo triumphou da morte, do peccado, & do

D. Chrys.
homil.
de Elias

Hb ij Ia

Inferno, foi a Cruz: levantado nella o Senhor, partia-se o mestre, & ficava o discipulo: mas como? Como Elias, & Eliseo. E assim como Elias, & Eliseo eraõ dous Elias: *duplex Elias*: assim Jesu, & Joaõ eraõ dous Iesus: & assim como lá hum Elias se via emcima, outro embayxo: *Et sursum Elias*, & *deorsum Elias*: assim cá tambem hum Iesus estava emcima, outro Iesus embayxo; hum no ar, outro na terra; hum na Cruz, outro ao pé da Cruz. E para que ninguém duvidasse que o milagre com que Iesu se tinha dobrado, & multiplicado em Ioaõ, era por virtude, & transformação do amor, o mesmo Ioaõ advertidamente não se chamou aqui Ioaõ, senão o amado: *Cum vidisset Iesus Matrem, & Discipulum stantem quem diligebat*. Sendo pois Ioaõ por transformação do amor outro Iesu, & Iesu, & Ioaõ dous Iesus; com razão acrescentou o Evangelista ao nome de Iesu o sobrenome de Christo: *Iesus qui vocatur Christus*; para distinguir hu

Iesu de outro Iesu.

528. Nem basta por distinção o declarar que era filho de Maria, & de Maria nascera: *Maria, de qua natus est*: porque no mesmo lugar do Calvario, onde Christo em quanto Iesu nasceu segunda vez de sua Santissima Mãe (como disse-mos) tambem São Ioaõ com segundo nascimento nasceu da mesma Senhora, sendo Ioaõ desde aquelle ponto filho de Maria: *Ecce filius tuus*: & Maria Mãe de Ioaõ: *Ecce Mater tua*: & por isso no mesmo tempo, & no mesmo lugar Mãe de dous Iesus: hum Iesu que se chama Ioaõ, & outro Iesu que se chama Christo: *De qua natus est Iesus, qui vocatur Christus*.

V.

529.

O Terceiro nascimento de que tambem se verificão as mesmas palavras, he o dos Pretos devotos da mesma Senhora, os quaes tambem são seus filhos, & tambem nascidos entre as dores da Cruz. O Profero Rey fallando da Virgem Maria de-

Joann. 19. 26. *set Iesus Matrem, & Discipulum stantem quem diligebat*.

de bayxo da metafora de Ierusalem (a que muitas vezes he comparada , porque ambas foraõ morada de Deos) diz assim : *Homo, & homo natus est in ea, & ipse fundavit eam Altissimus*. Nacêo nella o homem , & mais o homem : & quem a fundou , foi esse mesmo Altissimo. Estas segundas palavras declaraõ o sentido das primeiras , & de hûas , & outras se convence que o mesmo Deos que creou a Maria , he o homem que nacêo de Maria. Em quanto homem nacêo della : *Homo natus est in ea* : & esse mesmo em quanto Deos a creou a ella : *Et ipse fundavit eam Altissimus*. Assim o diz , & prova com evidencia Santo Agostinho. Mas o Profeta ainda diz mais : porque não só diz que nacêo da Senhora esse homem , que em quanto Deos a creou , senão que nacêo della o homem , & mais o homem : *Homo, & homo natus est in ea*. Se hum destes homens nascidos de Maria he Deos ; o outro homem tambem nascido de Maria , quem he ? He todo o

homem que tem a Fé , & conhecimento de Christo , de qualquer calidade , de qualquer nação , & de qualquer cor que seja , ainda que a cor seja tão differente da dos outros homêns , como he a dos Pretos. Assim o diz o mesmo texto tão claramente , que nomea os mesmos Pretos por sua propria nação , & por seu proprio nome : *Memor ero Rahab, & Babylonis scientium me: Ecce alienigenæ, & Tyrus, & Populus Ethiopum hi fuerunt illic*. Nacêraõ da Mãe do Altissimo não só os da sua nação , & naturaes de Ierusalem , a que he comparada , senão tambem os estranhos , & os gentios , *Alienigenæ*. E que gentios são estes ? *Rahab* ; os Cananêos , que eraõ brancos : *Babylonis* ; os Babilonios , que tambem eraõ brancos : *Tyrus* ; os Tyrios , que eraõ mais brancos ainda : & sobre todos , & em maior numero que todos : *Populus Ethiopum* : o Povo dos Ethyopes , que são os Pretos. De maneira que vós os Pretos , que tão humilde figura fazeis no mun-

Ibidem:
3. 4

do, & na estimação dos homens; por vosso proprio nome, & por vossa propria nação, estais escritos, & matriculados nos livros de Deos, & nas Sagradas Escrituras; & não com menos titulo, nem com menos foro, que de filhos da Mãy do mesmo Deos: *Et Populus Æthyopum hi fuerunt illic.*

D. Thomás á
Villanueva.

530. E posto que o texto he tão claro, & literal que não admitte duvida; ouçamos o comento de Santo Thomás Arcebispo de Valença: *Æthyopes non abjicit virgo decora, sed amplectitur ut parvulos, diligit ut filios. Sciant ergo ipsam matrem etenim quia Altissimi mater est, Æthyopis matrem nominari non dedignatur.* O Profeta poz no ultimo lugar os Ethyopes, & os Pretos; porque este he o lugar que lhes dá o mundo, & a bayxa estimação com que são tratados dos outros homens, filhos de Adaõ como ellés. Porém a Virgem Senhora, sendo Mãy do Altissimo, não os despreza, nem se despreza de os ter por filhos;

antes porque he Mãy do Altissimo; por isso mesmo se preza de ser tambem sua Mãy: *Etenim quia Altissimi mater est, Æthyopis matrem nominari non dedignatur.* Saybaõ pois os Pretos, & não duvidem que a mesma Mãy de Deos he Mãy sua: *Sciant ergo ipsam matrem:* & saybaõ que com ser hũa Senhora tão soberana, he Mãy tão amorosa, que assim pequenos como são, os ama, & têm por filhos: *Amplectitur ut parvulos, diligit ut filios.* Atèqui Santo Thomás.

531. E se me perguntarem os curiosos quando alcançaráõ os Pretos esta dignidade de filhos da Mãy de Deos; respondo que no monte Calvario, & ao pé da Cruz no mesmo dia, & no mesmo lugar em que o mesmo Christo em quanto Iesus, & em quanto Salvador nasceu com segundo nascimento da Virgem Maria: *Maria de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.* Este parece o ponto mais difficiloso desta terceira proposta. Mas assim o diz com propriedade, & circumstancia admiravel

ravel o mesmo texto de David. Porque os Ethyopes que no corpo do Psálmo se chamaõ nomeadamente filhos da Senhora, no titulo do mesmo Psálmo se chamaõ filhos de Corè: *In finem Filijs Corè pro arcanis.* Esta palavra *pro arcanis* nota, & manda advertir que se encerra aqui hum grande mysterio. E que mysterio tem chamaremse estes filhos da Virgem Maria filhos também de Corè? S. Agostinho na exposição do mesmo Psálmo: *Magni Sacramenti est, ut dicantur filij Corè, quia Corè interpretatur Calvaria. Ergo filij passionis illius, filij redempti sanguine illius, filij Crucis illius.* Corè na lingua Hebréa quer dizer Calvario, & chamaõse filhos do Calvario, & filhos da Payxaõ de Christo, & filhos da sua Cruz os mesmos que neste texto se chamaõ nomeadamente filhos da Virgem Maria; porque quando no Calvario, & ao pé da Cruz nacèõ da Virgem Maria com segundo nascimento seu beditissimo Filho em quanto Iesus, & Salvador do mun-

do, então nascèraõ também com segundo nascimento da mesma Senhora todos os outros filhos das outras nações que o Profeta nomea, & entre elles com tão especial menção os Ethyopes, que saõ os Pretos: *Et Populus Æthyopum hi fuerunt illic.* Deforte que assim como no Calvario, & ao pé da Cruz nacèõ de Maria cõ segundo nascimento Christo; & assim como no Calvario, & ao pé da Cruz nacèõ de Maria com segundo nascimento São Ioão; assim ao pé da Cruz nascèraõ também com segundo nascimento da mesma Virgem Maria os Pretos, verificandose de todos os tres nascimentos, por differente modo, o texto do nosso thema: *Maria, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.*

532. Estou vendo que cuidão algús que saõ isto encarecimentos, & lisonjas daquellas, com que os Prégadores costumão louvar os devotos nos dias da sua festa. Mas he tanto pelo contrario, que tudo o que tenho dito, he verdade certa, & infal-

Hh iij lível,

livel, & não com menor certeza que de Fê Catholica. Os Ethyopes de que falla o texto de David, não são todos os Pretos universalmente, porque muitos delles são gentios nas suas terras; mas falla sómente daquelles de que eu tambem fallo, que são os que por merce de Deos, & de sua Santissima Mãe, por meyo da Fé, & conhecimento de Christo, & por virtude do Bautismo são Christãos. Assim o notou o mesmo Profeta no mesmo texto: *Memor ero Rabab, & Babylonis scientium me, & Populus Ethiopum, hi fuerunt illic.* Naquelle *scientium me* está a differença de huns a outros. E porque, ou como? Porque todos os que tem a Fé, & cohehecimento de Christo, & são Christãos, são membros de Christo: & os que são membros de Christo, não podem deixar de ser filhos da mesma Mãe, de que nasceu Christo: *De qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.*

533. Que sejaõ verdadeiramente membros de Christo, he proposição ex-

pressa de São Paulo não menos que em tres lugares. Deixo os dous, & só repito o do Capitulo doze aos Corinthios: *Sicut enim corpus unum* ^{1. Cor. 12. 12.} *est, & membra habet multa, omnia autem membra corporis, cum sint multa, unum tamen corpus sunt; ita & Christus. Etenim in uno spiritu omnes nos in unum corpus baptizati sumus.* Assim como o corpo tem muitos membros, & sendo os membros muitos, o corpo he hum só; assim (diz São Paulo) sendo Christo hum, & os Christãos muitos, de Christo, & dos Christãos se compoem hum só corpo; porque todos os Christãos por virtude da Fé, & do Bautismo são membros de Christo. E porque não cuidassem os que são fieis, & senhores, que os Pretos por terem sido gentios, & serem cativos, são de inferior condição, acrescenta o mesmo São Paulo que isto tanto se entende dos Hebréos, que erão os fieis, como dos gentios; & tanto dos cativos, & dos escravos, como dos livres, & dos senhores: *Etenim omnes in unum corpus* ^{1. Cor. 12. 13.} *bap-*

baptizati sumus sive Iudei, sive gentiles, sive servi, sive liberi. E como todos os Christãos, posto que fossem gentios, & sãõ escravos, pela Fé, & Bautismo estaõ incorporados em Christo, & sãõ membros de Christo; por isto a Virgem Maria Mãy de Christo he tambem Mãy sua; porque não seria Mãy de todo Christo, senão fosse Mãy de todos seus membros. Excellentemente Guilhelmo Abbade: *In uno Salvatore omnium Iesu, plurimos Maria peperit ad salutem. Eo ipso quod mater est capitis, multorum membrorum mater est. Mater Christi Mater est membrorum Christi, quia caput & corpus unus est Christus.*

534. Não se podera dizer com melhores palavras, nem mais proprias; mas eu quero que nolo diga com as suas, & nos feche todo este discurso a Escritura Sagrada. Quando Nicodemus de Mestre da Ley se fez discipulo de Christo, disselhe o Senhor tres cousas notaveis. A primeira, que para elle Nicodemus, & qualquer

outro se salvar, era necessario nascer de novo: *Nisi quis renatus fuerit denuo, non potest videre Regnum Dei.* A segunda, que ninguem sobe ao Ceo, senão quem desceo do Ceo: *Nemo ascendit in celum, nisi qui descendit de celo.* A terceira, que para isto se conseguir, havia de morrer em hũa Cruz o mesmo Christo: *Oportet exaltari Filium hominis.* Se o texto se fizera para o nosso caso, não podera vir mais medido cõ todas suas circunstancias. Quanto á primeira, replicou Nicodemus, dizendo: *Quomodo potest homo nasci, cum sit senex? Nunquid potest in ventrem matris suæ iterato introire, & renasci?* Como he possivel que hum homem velho, como eu sou, haja de nascer de novo? Por ventura ha de tornar a entrar no ventre de sua mãy para nascer outra vez? Pareccolhe ao Doutor que esta instancia era muito forte; mas o Divino Mestre lhe ensinou que este segundo, & novo nascimento era por virtude do Bautismo, sem o qual ninguem se pòde salvar: *Ni-*

Joan. 3.

si quis renatus fuerit ex aqua & Spiritu Sancto, non potest intrare in Regnum Dei. E quanto á mãy de que haviaõ de tornar a nascer os que assim fossem regenerados, acrescentou o mesmo Senhor que essa mãy era a mesma Virgem Maria Mãy sua. Isto querem dizer as segundas palavras de Christo, posto que o não pareça, nem atêgora se tenha reparado nellas. Quando o Senhor disse, senão quem desceo do Ceo, juntamente declarou que este que desceo do Ceo era o mesmo Christo Filho da Virgem: *Nemo ascendit in cælum, nisi qui descendit de cælo Filius hominis qui est in cælo.* Pois porque Christo desceo do Ceo, por isso todos os que sobem ao Ceo, descêrão também do Ceo? Sim. Porque ninguém pôde subir ao Ceo, senão incorporandose com Christo, como todos nos incorporamos com elle, & nos fazemos membros do mesmo Christo por mey da Fé, & do Baptismo; donde se seguem duas cousas: a primeira, que as-

sim como elle desceo do Ceo, assim nós por sermos membros seus, também descemos nelle, & com elle: *Nemo ascendit in cælum, nisi qui descendit de cælo.* A segunda, que assim como elle desceo do Ceo fazendose Filho da Virgem Maria: *Filius hominis qui est in cælo*: assim nós também ficamos sendo filhos da mesma Virgem, porque somos membros verdadeiros do verdadeiro Filho que della nasceu, & finalmente porque este segundo, & novo nascimento não foi o de Bellem, senão o de Jerusaleem; nem o do Presépio, senão o do Calvario; por isso conclue o Senhor que para este segundo nascimento se conseguir, era necessario que elle morresse na Cruz: *Oportet exaltari Filium hominis.* Vejaõ agora os Pretos se por todos os titulos, ou circunstancias, de Ethyopes, de bautizados, de nascidos com segundo nascimento, de nascidos no Calvario, & nascidos não de outra Mãy, senão da mesma Mãy de Iesu, se verifica também delles como mem-

bros

bro de Christo o nascimento, com que o mesmo Christo segunda vez nasceu de Maria: *Maria, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.*

VI.

535. **P**Arece-me que tenho provado os tres nascimentos que prometti. E posto que todos tres sejaõ muy conformes ás circumstancias do tempo: o de Christo; porque continuamos a oitava do seu nascimento: o de São Ioaõ; porque estamos no seu proprio dia: & o dos Pretos; porque celebramos com elles a devação da Virgem Santissima Mãy de Christo, Mãy de São Ioaõ, & Mãy sua; sobre estas tres grandes propriedades temos ainda outras tres muito mais proprias: & quaes são? Que unidos estes tres nascimentos em hum mesmo intento, todos, & cada hum delles se ordenaõ a declarar, & persuadir a devação do Rosário; & do Rosário particularmente dos Pretos; & dos

Pretos em particular que trabalhão neste, & nos outros Engenhos. Não são estas as circumstancias mais individuaes do lugar, das pessoas, & da festa, & devação que celebramos? Pois todas ellas nascem daquelles tres nascimentos. O novo nascimento dos mesmos Pretos, como filhos da Mãy de Deos, lhes mostra a obrigação que tem de servir, venerar, & invocar a mesma Senhora com o seu Rosário. O novo nascimento de Christo os persuade a que sem embargo do continuo, & grande trabalho em que estão occupados, nem por isso se esqueçaõ da soberana Mãy sua, & de lhe rezar o Rosário, ao menos parte, quando não possaõ todo. E finalmente o novo nascimento de São Ioaõ lhes ensina quaes são entre os mysterios do Rosário os que mais pertencem ao seu estado, & com que devem aliviar, santificar, & offerecer á Senhora o seu mesmo trabalho. Este he o fim de quanto tenho dito, & me resta por dizer: & este tambem o fruto de que mais se serve, & agradece.

agrada a Virgem do Rosário, & com que haverá por bem festejado o seu dia. E porque agora fallo mais particularmente com os Pretos, agora lhe peço mais particular attenção.

536. Começando pois pelas obrigaçoens que nascem do vosso novo, & tão alto nascimento, a primeira, & maior de todas, he, que deveis, dar infinitas graças a Deos por vos ter dado conhecimento de si, & por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pays, & vós vivieis como gentios, & vos ter trazido a esta, onde instruidos na Fé, vivais como Christãos, & vos salveis. Fez Deos tanto caso de vós, & disto mesmo que vos digo, que mil annos antes de vir ao mundo, o mandou escrever nos seus livros, que são as Escrituras Sagradas. Virá tempo, diz David, em que os Ethyopes (que sois vós) deixada a gentilidade, & idolatria se haão de ajoelhar diante do verdadeiro Deos: *Coram illo procident Æthyopes*: & que farão assim ajoelhados?

Psalm.
71. 9.

Naõ baterão as palmas como costumão, mas fazendo oração, levantarão as mãos ao mesmo Deos: *Æthyopia præveniet manus ejus Deo*. E quando se comprirão estas duas profecias, hũa do Psalmo setenta & hum, & outra do Psalmo sessenta & sete? Cumprirão se principalmente depois que os Portuguezes conquistarão a Ethyopia Occidental, & estaõ se cumprindo hoje mais, & melhor que em nenhũa outra parte do mundo nesta da America, aonde trazidos os mesmos Ethyopes em tão innumeravel numero, todos com os joelhos em terra, & com as mãos levantadas ao Ceo, crem, confessaõ, & adoraõ no Rosário da Senhora todos os Mysterios da Encarnação, Morte, & Resurreição do Creador, & Redemptor do mundo, como verdadeiro Filho de Deos, & da Virgem Maria. Assim como Deos na Ley da Natureza escolheo a Abrahão, & na Escrita a Moyses, & na da Graça a Saulo, naõ pelos serviços que lhe tivessem feito, mas pelos que de-
pois

pois lhe haviaõ de fazer; assim a Mãe de Deos antevendo esta vossa fé, esta vossa piedade, & esta vossa devaçaõ, vos escolheu de entre tantos outros de tantas, & tão diferentes naçoens, & vos trouxe ao gremio da Igreja, para que lá, como vossos pays, vos não perdesseis, & ca como filhos seus, vos salvasseis. Este he o maior, & mais universal milagre de quantos faz cada dia, & tem feito por seus devotos a Senhora do Rosário.

537. Fallando o Texto Sagrado dos Filhos de Coré, que como já diffemos, são os filhos da Senhora nascidos no Calvario, diz que perecendo seu pay, elles não pereçerão, & que isto foi hum grande milagre: *Factum est grande miraculum, ut Coré perirent, filij illius non perirent*. Não perecerem, nem morrerem os filhos quando perecem, & morrem os pays, he cousa muito natural, antes he ley ordinaria da mesma natureza, por q̃ se com os pays morrerão juntamente os filhos, acabarfehia o mundo. Como diz logo o Tex-

to Sagrado que não morrerem, & perecerem os filhos de Coré, quando morréo, & pereceõ seu pay, não só foi milagre, senão hum grande milagre: *Factum est grande miraculum*? Ouvi o caso todo, & logo vereis em que consistio o milagre, & sua grandeza. Caminhando os filhos de Israel pelo deserto em demanda da terra de Promissaõ, rebellâraõse contra Deos tres cabeças de grandes familias Dathan, Abiron, & Coré: & querendo a Divina Justiça castigar exemplarmente a atrocidade deste delito, abrio se subitamente a terra, tragou vivos aos tres delinquentes, & em hum momento todos tres com portento nunca villo foraõ sepultados no inferno. Houve porẽm neste caso hũa differença, ou exceiçaõ muito notavel, & foi, que com Dathan, & Abiron pereçerão juntamente, & foraõ tambem tragados da terra, & sepultados no inferno seus filhos; mas os de Coré não: & este he o que a Escritura chama grande milagre: *Factum est grande miraculum, ut Coré*

Coré pereunte, filij illius non perirent. Abrir-se a terra não foi milagre? Sim foi: serem tragados vivos os tres delinquentes, não foi outro milagre? Tambem: irem todos em corpo, & alma ao inferno antes do dia do juizo, não foi terceiro milagre? Sim, & muito mais estupendo. E com tudo o milagre que a Escriitura Sagrada pôdêra, & chama grande milagre, não foi nenhum destes, senão o perecer Coré, & não perecerem seus filhos; porque o maior milagre, & a mais extraordinaria merce que Deos pôde fazer aos filhos de Deos pays rebeldes ao mesmo Deos, he que quando os pays se condemnão, & vão ao inferno, elles não pereção, & se salvem.

§ 38. Oh se a gente preta tirada das brenhas da sua Ethyopia, & passada ao Brasil, conhecêra bem quanto deve a Deos, & a sua Santissima Mãy por este que pôde parecer delterro, cativoiro, & desgraça, & não he senão milagre, & grande milagre! Dizeyme, vossos pays que nascêrão nas trevas da gen-

tilidade, & nella vivem, & acabão a vida sem lume da Fé, nem conhecimento de Deos, aonde vão depois da morte? Todos como já credes, & confessais, vão ao inferno, & la estão ardendo, & arderão por toda a eternidade. E que perecendo todos elles, & sendo sepultados no inferno como Coré, vós que sois seus filhos, vos salveis, & vades ao Ceo? Vede se he grande milagre da Providencia, & Misericordia Divina: *Factum est grande miraculum, ut Coré pereunte, filij illius non perirent.* Os filhos de Dathan, & Abiron perecêrão com seus pays, porque seguirão com elles a mesma rebellião, & cegueira: & outro tanto vos podêra succeder a vós. Pelo contrario os filhos de Coré, perecendo elle, salvârão-se, porque reconhecerão, venerarão, & obedecêrão a Deos: & esta he a singular felicidade do voſto estado, verdadeiramente milagrosa.

§ 39. Só resta mostrar-vos que este grande milagre, como dizia, he milagre do

Rosa,

Rosario, & que esta eleição, & differença tão notavel a deveis à Virgem Santissima vossa Mãy, & por ser Mãy vossa. Isaac filho de Abraham, de quem vossos antepassados tomãrão por honra a divisa da circuncisão, que ainda conservão, & do qual muitos de vós descendeis por via de Ismael meyo irmão do mesmo Isaac.) Este Isaac, digo, tinha dous filhos, hum chamado Jacob, que levou a benção do Ceo; & outro chamado Esaú, que perdêo a mesma benção. Tudo isto succedêo em hum mesmo dia, em que Esaú andava pelos mattos armado de arco, & frechas, como andão vossos pays por essas brénhas da Ethiopia: & pelo contrario Jacob estava em casa de seu pay, & de sua mãy, como vós hoje estais na Casa de Deos, & da Virgem Maria. E porque levou a benção Jacob, & a perdêo Esaú? Porque concorrêrão para a felicidade de Jacob duas cousas, ou duas causas que a Esaú faltãrão ambas. A primeira foi, porque Rebecca (que era o no-

me da mãy) não amava a Esaú, senão a Iacob, & fez grandes diligencias, & empregou toda a sua industria em que elle levasse a benção. A segunda; porque estando duvidoso o Pay se lhe daria a benção, ou não; sentio que os vestidos de Jacob lhe cheiravão a rosas, & flores, & tanto que sentio este cheiro, & esta fragrancia, logo lhe deitou a benção. Assim o nota expressamente o texto:

Statimque, ut sensit vestimentorum illius fragrantiam, benedicens illi, ait: Ecce odor filij mei, sicut odor agri pleni, cui benedixit Dominus: det tibi Deus de rore cali, &c.

Genes.
27. 22.

Hũa, & outra circumstancia assim da parte da mãy como do pay forão admiraveis, & por isso mysteriosas. Da parte da mãy, que sendo Iacob, & Esaú irmãos, amasse com tanta differença a Iacob: & da parte do pay, que hum accidente que parecia tão leve, como o cheiro das flores, lhe tirasse toda a duvida, & fosse o ultimo motivo de lhe dar a benção. Mas assim havia de ser para que o mysterio se cumprisse com toda

toda a propriedade nas figuras, & acçoens que o representavão. Isaac significava a Deos, Rebecca a Virgem Mãy, Jacob os seus filhos recolhidos, que sois vòs; & Esaú os reprovados, que são os que sendo do vosso mesmo sangue, & da vossa mesma cor, não alcançaraõ a bênção que vòs alcançastes. Para que entendais que toda esta graça do Ceo a deveis referir a duas causas: a primeira ao amor, & piedade da Virgem Santissima vossa Mãy: a segunda á devação do seu Rosario, que he o cheiro das rosas, & flores que tanto enlevoão, & agradão a Deos.

§ 40. Des sacrificios antigos, quando Deos os aceitava, diz a Sagrada Escriitura que lhe agradava muito o cheiro, & suavidade delles: *Oderatus est Dominus odorem suavitatis*. E a razão era, porque naquelles sacrificios se representavão os mysterios da vida, & morte de seu bemditissimo Filho. E como na devação do Rosario se contém a memoria, & consideração dos mesmos

mysterios; este he o cheiro, & fragrancia que tanto nelle agrada, & tão aceito he a Deos. Em vòs antes de serdes Christãos, sómente era futuro este cheiro das flores do Rosario, que hoje he presente, como tambem erão futuros naquelle tempo os mysterios de Christo: mas assim como o merecimento destes mysterios antes de serem, sómente porque haviaõ de ser, davão efficacia áquelles sacrificios; assim a vossa devação do Rosario futura, & quando ainda não era, só porque Deos, & sua Mãy a antevirão com a aceitação, & agrado que della recebem, vòs preferirão, & antepuzeraõ aos demais das vossas naçoens, & vòs tiverão por dignos da bênção que hoje gozais tanto maior, & melhor que a de Jacob, quanto vay da terra ao Ceo. Para que todos conheçais o motivo principal da vossa felicidade, & a obrigação em que ella vos tem posto de não saltar a Deos, & a sua Santissima Mãy com este quotidiano tributo da vossa devação.

VII.

541. **E**Stou vendo porém que o vosso continuo trabalho, & exercicio pôde parecer, ou servir de escusa ao descuido dos menos devotos. Direis que estais trabalhando de dia, & de noite em hum Engenho, & que as tarefas multiplicadas hũas sobre outras (que tal vez entraõ, & se penetraõ com os Dias Santos) vos não deixaõ tempo, nem lugar para rezar o Rosário. Mas aqui entra o novo nascimento de Christo segunda vez nascido no Calvario, para com seu divino exemplo, & imitação refutara fraqueza desta vossa desculpa, & vos ensinar como no meyo do maior trabalho vos não haveis de esquecer da devação de sua Mãy, pois o he também vossa, offerecendolhe ao menos algũa parte, quando cômodamente não possa ser toda. David (aquele Santo Rey, que tambem teve netos na Ethyopia, fi-
Tom. 5.

lhos de seu filho Salamaõ, & da Rainha Sabbá) entre os Psalms que compoz, forão tres particulares, aos quaes deu por titulo *Pro torcularibus*: que em frase do Brasil quer dizer, para os Engenhos: Este nome *Torcularia*, universalmente tomado, significa todos aquelles lugares, & instrumentos, em que se espreme, & tira o summo dos frutos, como em Europa o vinho, & o azeite, que lá se chamão lagares, & porque estes em que no Brasil se faz o mesmo às canas doces, & se espreme, coze, & endurece o summo dellas, tem maior, & mais engenhosa fabrica, se chamãrão vulgarmente Engenhos. Se perguntarmos pois qual foi o fim, & intento de David em compor, & intitular aquelles Psalms nomeadamente para estas officinas? Respondem os Doutores Hebréos, & com elles Paulo Burgense, que o intento que teve o Santo Rey, & fez se praticasse em todo o Povo de Israel, foi, que os trabalhadores das mesmas officinas ajuntassem o trabalho

balho com a oração, & em lugar de outros cantares com que se costumavão aliviar, cantassem Hymnos, & Psalmos: & pôis recolhião, & aproveitavão os frutos da terra, não fossem elles este- reis, & louvassê ao Creador que os dá. Notavel exem- plo por certo, & de summa edificação, que entre os gran- des negocios, & governo da Monarquia tivesse hum Rey estes cuidados! E que confusão pelo contrario será para os que se chamaõ se- nhores de Engenho, se at- tentos sômente aos interes- ses temporaes, q se adquirem com este deshumano traba- lho, dos trabalhadores seus escravos, & das almas da- quelles miseraveis corpos, ti- verem tão pouco cuidado, que não tratem de que lou- vem, & sirvão á Deos, mas nem ainda de que o conhe- ção?

542. Tornando aos Psal- mos compostos para os En- genhos (que depois veremos, porque forão tres) declara David no título do ultimo quem sejaõ os operariõs de- sas trabalhosas officinas, &

diz que saõ os filhos de Co- ré: *Pro torcularibus filijs* ^{Psalm.} *Coré.* Segundo a proprieda- ^{83.} de da historia já dissemos que os filhos de Coré saõ os Pretos filhos da Virgem Santissima, & devotõs do seu Rosario. Segundo a sig- nificação do nome, porque Coré na lingua Hebraica significa Calvario, diz Hu- go Cardeal que saõ os imi- tadores da Cruz, & Payxaõ de Christo crucificado: *Fi- lijs Coré, id est, imitatori- bus Christi in loco Calvariae crucifixi.* Não se podera nem melhor, nem mais altamen- te descrever que coufa he ser escravo em hum Engenho do Brasil. Não ha trabalho, nem genero de vida no mun- do mais parecido á Cruz, & Payxaõ de Christo, que o vosso em hum destes Enge- nhos. *O fortunati nimium sua si bona norint.* Bemaventu- rados vós se foubereis conhe- cer a fortuna do vosso esta- do, & com a conformida- de, & imitação de tão alta, & divina semelhança apre- veitar, & santificar o traba- lho?

543. Em hum Enge- nho

nhô fôis imitadores de Christo crucificado: *Imitatoribus Christi crucifixi*: porque padeceis em hum modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padecêo na sua Cruz, & em toda a sua Payxaõ. A sua Cruz foi composta de dous madeirões, & a vossa em hum Engenho he de tres. Tambem alli não faltáraõ as canas, porque duas vezes entráraõ na Payxaõ: hũa vez servindo para o cetro de escarnio, & outra vez para a esponja em que lhe deraõ o fel. A Payxaõ de Christo parte foi de noite sem dormir, parte de dia sem descansar, & taes são as vossas noites, & os vossos dias. Christo despido, & vós despides: Christo sem comer, & vós famintos: Christo em tudo maltratado, & vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisoens, os agoutes, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compoem a vossa imitação, que se for acompanhada de paciência, tambem terá merecimento de martyrio. Só lhe faltava á Cruz para a inteira, & perfeita semelhan-

ça o nome de Engenho, mas este mesmo lhe deu Christo não com outro, senão com o proprio vocabulo. *Torcular* se chama o vossõ Engenho, ou a vossa Cruz, & a de Christo por bocca do mesmo Christo se chamou tambem *Torcular*: *Torcular calcavi solus*. Em todas as invençoens, & instrumentos de trabalho parece que não achou o Senhor outro que mais parecido fosse com o seu, que o vossõ. A propriedade, & energia desta paração he, porque no instrumento da Cruz, & na officina de toda a Payxaõ, assim como nas outras em que se espreme o summo dos frutos, assim foi espremido todo o Sangue da Humanidade sagrada: *Eo quod sanguis ejus ibi fuit expressus, sicut sanguis vine in torculari*: diz Lyrano: *& hoc in spineæ coronæ impositione, in flagellatione, in pedum, & manuum confixione, & in lateris aperture*. E se entã se queixava o Senhor de padecer só: *Torcular calcavi solus*: & de não haver nenhum dos gentios que o acompanhasse em suas

Mat. 63.
3.

penas: *Et de gentibus non est vir mecum*: vede vós quanto estimará agora que os que hontem forão gentios, conformandose com a vontade de Deos na sua sorte, lhe fação por imitação tão boa companhia.

544. Mas para que esta primeira parte da imitação dos trabalhos da Cruz o seja também nos affectos (que he a segunda, & principal); assim como no meyo dos seus trabalhos, & tormentos se não esqueçeo o Senhor de sua piadosissima Mãy, encomendando a ao Discipulo amado, assim vos não haveis vós de esquecer da mesma Senhora, encomendandovos muito particularmente na sua memoria, & offerecendolhe a vossa. Depois de Christo na Cruz dar o Reyno do Ceo ao Bom Ladrão, então fallou com sua Mãy: & parece que este, & não aquelle havia de ser o seu primeiro cuidado; mas seguiu o Senhor esta ordem, diz Santo Ambrosio, para mostrar segundo as mesmas leys da natureza, que mais fazia em ter da propria Mãy

D. Ambrosio.

esta lembrança, que em dar a hum estranho o Reyno: *Pluris putans quod pietatis officia dividebat, quam quod Regnum caeleste donabat*. Ao Ladrão deu Christo menos do que lhe pedio, & á Mãy deu muito mais do que tinha dado ao Ladrão; porque o Ladrão pediulhe a memoria, & deulhe o Reyno, & á Mãy deulhe muito mais que o Reyno, porque lhe deu a memoria. Esta memoria haveis de offerecer á Senhora em meyo dos vossos trabalhos á imitação de seu Filho, & não duvideis, ou cuideis que lhe seja menos aceita a vossa, antes em certo modo mais: porque porq̃ nas Ave Marias do vosso Rosario a fazeis com palavras de maior consolação, do que as que lhe disse o mesmo Filho, conformandose com o estado presente. O Filho chamoulhe Mulher, & vós chamarlheheis a Bemdita entre todas as mulheres: o Filho não lhe deu nome de Mãy, & vós a invocareis cento & cincuenta vezes com o nome de Santa Maria Mãy de Deos. Oh quam

quam adoçada ficará a dureza, & quam enobrecida a vileza dos vossos trabalhos na armonia destas vozes do Ceo: & quam preciosas serão diante de Deos as vossas penas & afflicções, se juntamente lhas offerecerdes em uniaõ das q̃ a Virgẽ Mãy sua padecção ao pé da Cruz.

545. E porque a continuação do vosso mesmo trabalho vos não pareça bastante escusa para faltardes com vossas orações a esta pensão de cada dia; adverti que se o vosso Rosário consta de tres partes; estando Christo vivo na Cruz sómente tres horas, nessas tres horas orou tres vezes. Pois se Christo ora tres vezes em tres horas, sendo tão infofríveis os trabalhos da sua Cruz; vós por grandes que sejaõ os vossos; porque não orareis tres vezes em vinte & quatro horas? Dirmeheis que as orações que fez Christo na Cruz, forão muito breves. Mas nisto mesmo vos quiz dar exemplo, & vos deixou húa grande consolação. Para que quando, ou apertados do tempo, ou

opprimidos do trabalho não poderdes rezar o Rosário inteiro, não falteis ao menos em rezar parte: consolando-vos com saber que nem por isso as vossas orações abreviadas serão menos aceitas a Deos, & a sua Mãy, assim como o forão as de Christo a seu Eterno Pay.

546. Agora acabareis de entender porque razaõ os Psalmos que David compoz para os que trabalhão nos Engenhos, forão sómente tres. Ledeos, ou leaõnos por vós os que os entendem, & acharão que só tres se intitulão: *Pro torcularibus*. E porque tres, nem mais, nem menos? Porque em tres partes, nem mais nem menos dividio David o seu Psalterio, & a Senhora o seu Rosário. O que hoje chamamos Rosário, antes que as Ave Marias se convertessem milagrosamente em Rosas, chamavase o Psalterio da Virgem; porque assim como o Psalterio era composto de cento & cincoenta Psalmos, assim o Rosário se compoem de cento & cincoenta saudações Angelicas. Que

fez pois David , como Rey pio, & como Profeta: Como Rey pio , que atendia ao bem presente do seu Reyno, vendo que os trabalhadores dos lagares não podião rezar o Psalterio inteiro , & tão comprido como he , recuperou , & abreviou o mesmo Psalterio , & reduzio as tres partes, de que he composto, aos tres Psalms que intitoulou, *Pro torcularibus*. E como Profeta que via os tempos futuros , & o Rosario que havia de compôr a Mãe do que se havia de chamar Filho de David , à imitação do seu Psalterio , introduzio no mesmo Psalterio, já abreviado , & reduzido a tres Psalms, os tres Mysterios gozofos , dolorofos , & gloriosos em que está repartido o Rosario. Assim foi, & assim se vê claramente nos mesmos tres Psalms. Porque o primeiro (que he o Psalmo oito) tendo por Expositor a São Paulo , contém os Mysterios da Encarnação , & Infancia do Salvador: *Ex ore infantium, & lactentium perfecisti laudem*. O segundo (que he o Psalmo

Psalm.
3. 3.

oitenta) contém os Mysterios da Cruz, & da Redempção representados na do Egipto : *Ego sum Dominus Deus tuus, qui eduxi te de terra Aegypti*. E o terceiro (que he o Psalmo oitenta & tres) contém os Mysterios da Gloria , & da Ascensão : *Beatus vir, cujus est auxilium abs te, ascensiones in corde suo disposuit in valle lachrymarum*. *Psalm.*
80. 9.

547. Assim pois , como os trabalhadores Hebréos (que eraõ os fieis daquelle tempo) no exercicio dos seus lagares meditavaõ , & cantavaõ o Psalterio de David recopilado naquelles tres Psalms , porque não podiaõ todo, ao mesmo modo vós , quando não possais rezar todo o Rosario da Senhora , ao menos com parte das tres partes em que elle se divide, haveis de aliviar , & santificar o pezo do vosso trabalho na memoria , & louvores dos seus mysterios. E este foi finalmente o exemplo , & exemplar que vos deixou Christo nas tres breves oraçoens da sua Cruz. Porque se bem advertirdes em todas tres , pela mesma

or-

ordem do Rosário se contém os Mysterios Gozofos, Dolorofos, & Gloriosos. Os gloriosos na terceira, em que encomendou sua Alma nas mãos do Padre, partindose deste mundo para a gloria:

Luc. 23.
46.

Pater in manus tuas commendo Spiritum meum. Os dolorofos na segunda, em que amorosamente queixoso publicou a altas vozes o excesso das suas dores: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* E os gozofos rogando pelos mesmos que o estavam pregando na Cruz, & allegando que não sabião o que fazião: *Non enim sciunt quid faciunt*: porque elles o crucificavaõ para o atormentarem, & elle se gozava muito de que o crucificassem, como declarou São Paulo: *Proposito sibi gaudio, sustinuit crucem.*

Matth.
27. 46.

Luc. 23.
34.

Hebr.
12. 2.

cumento? Que entre todos os mysterios do Rosário, haveis de ser mais particularmente devotos dos que são mais proprios do vosso estado, da vossa vida, & da vossa fortuna, que são os mysterios dolorofos. A todos os mysterios dolorofos (& não assim aos outros) se achou presente São João. Assistio ao do Horto com os dous discipulos: assistio aos Açoutes com a Virgem Santissima no Pretorio de Pilatos: assistio do mesmo modo, & no mesmo lugar à Coroação de Espinhos: seguiu ao Senhor com a Cruz às costas até o Monte Calvario, & no mesmo Calvario se não apartou do seu lado até espirar, & ser levado à sepultura. Estes foraõ os mysterios proprios do Discipulo amado, que como a dor se mede pelo amor, a elle competiaõ mais os dolorofos. Estes foraõ os seus, & estes devem ser os vossos, & não só por devaçaõ, ou eleiçaõ, nem só por condiçaõ, & semelhança da vossa Cruz, mas por direito hereditário desde o primeiro

VIII.

548. **R** Esta o ultimo, & excellente documento de São João tambem nova, & segunda vez nascido ao pé da Cruz: & qual he este do-

Ethyope, ou preto que conheceu a Christo, & se baptizou. He caso muito digno de que o saybais.

549. Apareceu hum Anjo a São Felippe Diacono, & disselhe que se fosse pôr na estrada de Gáza. Posto na estrada tornou-lhe a apparecer, & disselhe que se chegasse a hũa carroça que por ali passava. Chegou, & vio que hia na carroça hum homem preto (que era criado da Rainha de Ethyopia) & ouvio que hia lendo pelo Profeta Isaías. O lugar em que estava, era aquelle famoso texto do Capitulo cincoenta & tres, em que o Profeta descreve mais claramente que nenhum outro a Morte, Payxaõ, & Paciencia de Christo: *Tanquam ovis ad occisionem ductus est, & sicut agnus coram tondente se, sine voce, sic non aperuit os suum, &c.* Perguntoulhe o Diacono se entendia o que estava lendo, & como respondeu que não, & lhe pediu que lho declarasse, foi tal a declaração que chegando depois ambos a hum Rio, o Ethyope pediu ao

Santo que o baptizasse. E este foi o primeiro gentio depois de Cornelio Romano, & o primeiro preto Christão que houve no mundo. Tudo nesta historia, q̃ he dos Actos dos Apostolos, referida por São Lucas, são mysterios. Mysterio foi o primeiro aviso do Anjo ao Santo Diacono, & mysterio o segundo: mysterio que hum gentio fosse lendo pela Sagrada Escritura, & mysterio que caminhando a fosse lendo: mysterio que o Profeta que lia, fosse Isaías, & mysterio sobre todos mysterioso, que o lugar fosse da Payxaõ, & paciencia de Christo; porque para dar occasião ao Diacono de pregar a Fè a hum gentio, baptava que fosse qualquer outro. Pois porque ordenou Deos que fosse finaladamente aquelle lugar, em que se descrevia a sua Payxaõ, & os tormentos com que havia de ser maltratado, & a paciencia, fugeiçãõ, & silencio com que os havia de soporiar? Sem duvida, porque neste primeiro Ethyope tão anticipadamente converti-

At. 8.

32

Isa. 53.

7.

vertido se representavaõ todos os homens da sua cor, & da sua nação, que depois se convertêraõ. Assim o dizem São Jeronymo, & Santo Agostinho, & o provaõ com o texto de David:

psalm.
57. 32.

Musico.

Aethiopia præveniet manus ejus Deo. E como a natureza gerou os Pretos da mesma cor da sua fortuna: *Infelix genus hominum, & ad servitutem natum*; quiz Deos que nascessem á Fé debayxo do signo da sua Payxaõ, & que ella, assim como lhe havia de ser o exemplo para a paciência, lhe fosse tambem o alivio para o trabalho. Em fim que de todos os mysterios da Vida, Morte, & Ressurreiçaõ de Christo, os que pertencem por condiçaõ aos Pretos, & como por herança, são os dolorosos.

§ 50. Destes devem ser mais devotos, & nestes se devem mais exercitar, acompanhando a Christo nelles, como fez São Joaõ na sua Cruz. Mas assim como entre todos os mysterios do Rosario estes são os que mais propriamête pertencem aos Pretos; assim entre todos

os Pretos, os que mais particularmente os devem imitar, & meditar, são os que servem, & trabalhaõ nos Engenhos, pela semelhança, & rigor do mesmo trabalho.

Encarecendo o mesmo Redemptor o muito que padecêo em sua sagrada Payxaõ, que são os mysterios dolorosos, compara as suas dores ás penas do inferno: *Dolores inferni circûdederunt me.*

psalm.
17. 6.

E que cousa ha na confusaõ deste mundo mais semelhante ao inferno que qualquer destes vossos Engenhos; & tanto mais, quanto de maior fabrica? Por isso foi tão bem recebida aquella breve, & discreta definiçaõ de que chamou a hum Engenho de asucar: doce inferno. E verdadeiramente quem vir na escuridade da noite aquellas fornalhas tremendas perpetuamente ardentes; as labaredas que estaõ saindo a borbotoens de cada hũa pelas duas boccas, ou ventas, por onde respiraõ o incendio: os Ethyopes, ou Cyclopes banhados em suor tão negros como robustos que somministraõ a grossa, & dura

dura materia ao fogo, & os forcados com que o revolvem, & atigaõ: as caldeyras, ou lagos ferventes com os cachoens sempre batidos, & rebatidos, já vomitando escumas, já exhalando nuvens de vapores mais de calor que de fumo, & tornando-os a chover para outra vez os exhalar: o ruido das rodas, das cadeyas, da gente toda da cor da mesma noite, trabalhando vivamente, & gemendo tudo ao mesmo tempo sem momento de tregoa, nem de descãço: quem vir em fim toda a maquina, & apparatus cofuso, & estrondoso daquella Babylonia, não poderá duvidar, ainda que tenha visto Ethnas, & Vesuvios, que he hũa semelhança de inferno. Mas se entre todo esse ruido, as vozes que se ouvirem, forem as do Rosario, orando, & meditando os mysterios dolorosos, todo esse inferno se converterá em Paraíso; o ruido em armonia celestial; & os homens, posto que pretos, em Anjos.

551. Grande texto de

David. Estava vendo David essas mesmas fornalhas do inferno, & essas mesmas caldeiras ferventes; & profetizando literalmente dos que vio atados a ellas, escreveu aquellas difficulas palavras: *Si dormiatis inter medios cleros pennæ columbæ deargentatæ, & posteriora dorsi ejus in pallore auri.* ^{Psal'm. 67. 14.} Cleros quer dizer Lebetes, ou como verte com maior propriedade Vatablo: *Si dormiatis inter medias caldarias,* ^{Vatablus.} *vasaq; plena fulligine.* Diz pois o Profeta: se passardes as noites entre as caldeiras, & entre esses grandes vasos fulliginosos, & tismados com o fumo, & labaredas das fornalhas; que haveis de fazer, ou que vos ha de succeder? Agora entra o difficuloso das palavras *Pennæ columbæ deargentatæ, & posteriora dorsi ejus in pallore auri.* Penas, & azas de pomba prateadas por hũa parte, & douradas por outra. E que tem que ver a pomba com o triste escravo, & negro Ethyope, que entre todas as aves só he parecido ao corvo? Que tem que ver a pra-

prata, & o ouro com o cobre da caldeira, & o ferro da corrente a que está atado? Que tem que ver a liberdade de hũa ave com penas, & azas para voar, com a prisão do que se não pôde bolir dali por mezes, & annos, & tal vez por toda a vida? Aqui vereis quaes são os poderes, & transformações que obra o Rosario nos que oraõ, & meditaõ os mysterios dolorosos.

§ 52. A pomba na Sagrada Escritura como conta de infinitos lugares, não só he symbolo da oraçãõ, & meditaçãõ absolutamente, senão dos que oraõ, & meditaõ em casos dolorosos: por isso ElRey Ezechias nas suas dores dizia: *Meditabor ut columba*. E a razão desta propriedade, & semelhança he, porque a pomba com os seus arrulhos, não canta como as outras aves, mas geme. Quer dizer pois o Profeta, & diz admiravelmênte fallando convosco na mais miseravel circumstancia desse inferno da terra: *Si dormiatis inter medias caldarias, vasaq; plena*

fulligine: se não só de dia, mas de noite vos virdes atados a essas caldeiras com hũa forte cadêa, que só vos deixelivres as mãos para o trabalho, & não os pès para dar hum passo; nem por isso vos desconsoleis, & desaniméis: oray, & meditay os mysterios dolorosos, acompanhando a Christo nelles, como São Joã; & nessa triste servidaõ de miseravel escravo tereis o que eu desejava sendo Rey, quando dizia: *Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, & volabo*, & *requiescam*: Oh quem me dera azas como de pomba para voar, & descansar? Estas são as mesmas que eu vos prometo no meyo dessa miseria: *Pennæ columbæ deargentatæ, & posteriora ejus in pallore auri*: porque he tal a virtude dos mysterios dolorosos da Payxão de Christo para os que orando os meditaõ, gemendo como pomba: que o ferro se lhes converte em prata, o cobre em ouro, a prisão em liberdade, o trabalho em descanso, o inferno em paraíso, & os mesmos homens, posto que

Psalm. 54. 6.

que pretos, em Anjos.

553. Dizeime que cou-
fa he hum Anjo? Os Anjos
não são outra cousa, senão
homens com azas; & esta fi-
gura não lha derão os pin-
tores, senão o mesmo Deos;
que assim os mostrou a Isa-
ias, & assim os mandou es-
culpir no templo. Pois essas
são as azas prateadas, & dou-
radas com que desse vosso
inferno vos vio David voar
ao Ceo para cantar o Rosa-
rio no mesmo coro com os
Anjos. Nem vos meta em
desconfiança a vossa cor;
nem as vossas fomalhas, por-
que na fomalha de Babilo-
nia, onde o Mestre da Ca-
pella era o Filho de Deos,
no mesmo coro metéo as
noites com os dias: *Bene-*
dicite noctes, & dies Domino.
Antes vos digo (& notay
muito isto para vossa conso-
lação) q se no Ceo não entrã-
rão as vossas vozes cō as dos
Anjos, o Rosario que lá se
cantava não seria perfeito.
Cōsta de muitas revelações,
& visões de Santos que os
Anjos no Ceo também re-
zaõ, ou cantão o Rosario:
por final que ao nome de

Daniel.
3. 71.

Maria fazem hũa profunda
inclinação, & ao nome de
Jesus se ajoelhão todos: &
digo que entrando vós no
mesmo coro, será o Rosario
dos Anjos mais perfeito do
que he sem vós; porque a
perfeiçao do Rosario consi-
ste em se conformar quem
o reza com os mysterios
que nelle se meditaõ, go-
zandose com os gozosos,
doendose com os dolorosos,
& gloriandose com os glo-
riosos. E posto que os An-
jos nos gozosos se podem
gozar, & nos gloriosos se
podem gloriar, nos doloro-
sos não se podem doer, por-
que o seu estado he incapaz
de dor. Isto porém que el-
les não podem fazer no Ceo,
fazeis vós na terra; se no
meyo dos trabalhos que pa-
deceis, vos doeis mais das
penas de Christo, que das
vossas. Assim que do Rosa-
rio dos Anjos, & do vosso,
ou repartides em dous co-
ros, ou unidos em hum só,
se inteira a perfeição, ou se
a perfeição a harmonia dos
mysterios do Rosario.

554. Os dolorosos (ou-
gaõme agora todos) os do-
loro-

lorosos são os que vos pertencem a vós, como os gozozos aos que devendo vos tratar como irmãos, se chamão vossos senhores. Elles mandaõ, & vós servís: elles dormem, & vós velais: elles descansão, & vós trabalhais: elles gozão o fruto de vossos trabalhos, & o que vós colheis delles, he hum trabalho sobre outro. Não ha trabalhos mais doces que os das vossas officinas; mas toda essa doçura para quem he? Sois como as abelhas, de quem disse o Poeta: *Sic vos non vobis mellificatis apes.* O mesmo passa nas voſſas colmeas. As abelhas fabricão o mel, sim; mas não para si. E posto que os que o lograõ he com tão differente fortuna da vossa: se vós poderem vos foubordes aproveitar della, & conformala cõ o exemplo, & paciencia de Christo; eu vos prometo primeiramente que esses mesmos trabalhos vos sejaõ muito doces como forão ao mesmo Senhor: *Dulce lignum, dulces clavos, dalcia ferens pondera*: & que depois (que he o que so importa) assim

com agora imitando a São Joaõ, sois companheiros de Christo nos mysterios dolorosos de sua Cruz; assim o fereis nos gloriosos de sua Ressurreiçao, & Ascençao. Não he promessa minha, senão de São Paulo, & texto expresso de Fê: *Heredes Rom. 8. quidem Dei, coheredes autem Christi: si tamen compatimur, ut & conglorificemur.* Assim como Deos vos fez herdeiros de suas penas, assim o fereis tambem de suas glorias: cõ condiçao porẽm que não só padeçais o que padeceis, senão que padeçais com o mesmo Senhor, que isso quer dizer, *Compatimur.* Não basta só padecer com Christo, como São Joaõ.

555. Oh como quize-ra, & fora justo que tambem vossos senhores considerãõtem aquella consequencia: *Si tamen compatimur, ut & conglorificemur.* Todos querem ir á gloria, & ser glorificados com Christo; mas não querem padecer; nem ter parte na Cruz com Christo. Não he isto o que nos ensinou a Senhora do Rosa-

rio na ordem, & disposição do mesmo Rosario. Depois dos mysterios gozofos poz os dolorosos, & depois dos dolorosos os gloriosos. Porque? Porque os gostos desta vida tem por consequencia as penas, & as penas pelo contrario as glorias. E se esta he a ordem que Deos guardou com seu Filho, & com sua Mãy, vejaão os de mais o que fará cõ elles. Mais enveja devem ter vossos senhores às vossas penas, do que vós aos seus gostos, a que servis com tanto trabalho. Imitay pois ao Filho, & á Mãy de Deos, & acompanhayos com São João nos seus mysterios dolorosos, como proprios da vossa condição, & da vossa fortuna, bayxa, & penosa nesta vida, mas alta, & gloriosa na outra. No Ceo cantareis os mysterios gozofos, & gloriosos com os Anjos, & lá vos gloriareis de ter supprido, com grande merecimento, o que elles não podem, no continuo exercicio dos dolorosos.

cap. xviii. do dil. do rosario
do em IX. do rosario

556. **E**stes são, de votos do Rosario, os tres motivos que nascem dos tres nascimentos que vistes, os quaes se forem tão bem exercitados como são bem nascidos, nem podeis desejar maior honra nos vossos desprezos, nem maior alivio nos vossos trabalhos, nem maior dita, & ventura na vossa fortuna. A mesma Mãy do Filho de Deos, & de São João he Mãy vossa. E pois estes tres filhos já nascidos lhe nascerão segunda vez ao pé da Cruz, não falteis na vossa, posto que tão pesada, nem á imitação de tão honrados irmaãos, nem ás obrigaçoens de tão soberana Mãy. Para que assim como a Senhora se gloria de ser Mãy de Christo, & depois d'elle de ser Mãy de São Ioão, assim tenha tambem muito de que se gloriar em ser Mãy de todos os Pretos tão particularmente seus devotos. Desta maneira se multiplicou por varios modos o segundo nascimen-

Do Rosario.

521

cimento de seu Vnigenito
Filho : & desta maneira se
verefica em eterno louvor
de seu Santissimo Nome ,
que o mesmo Iesu que se

chama Christo, não só hũa,
senão tres vezes nacção de
Maria: *Maria, de qua natus
est Iesus, qui vocatur Chri-
stus.*



S E R M A M

DE

N. S. DO ROSARIO

Com o Santissimo Sacramento exposto,

No Sabbado da infra Octavã Corpcris Christi, & na hora, em que todas as tardes se reza o Rosario na Igreja do Collegio da Companhia de Iesu do Maranhão, & nos Sabbados se conta hum exemplo da mesma devação, anno de 1654.

Venter tuus sicut accervus tritici, vallatus lilijs. Cantic. 7.

§. I.

204.



Aquelle mysterioso Livro, chamado vulgarmête dos Cantares, descreve

Salamão em alto, & metafórico estylo o corpo mystico da Igreja Catholica. E discorrendo particularmête por

todos os membros, & partes, de que se compoem, cõ louvor da fermosura, & declaração do officio de cada hũ; chega finalmente áquella officina universal, onde se recebe o alimento, & convertido em sangue se reparte por todo o corpo, & diz, q̃ o ventre da Igreja he semelhante a hum monte de trigo, cercado, ou vallado de

roq

N. S. do Rosario.

T

Cantic.

7.2.

rosas : *Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus lilijs*. Este he o proprio, & natural sentido do Texto que propuz, no qual posto que a palavra *lilij* parece que soa, & quer dizer, lirios; entendida porém como se deve entender na sua original significação; he certo que significa rosas.

Tucc.

Lucif.

Assim o prova larga, & eruditamente em tratado particular desta materia Tuccio Lucense : E se confirma de outros dous lugares do mesmo Livro. O primeyro no capitulo quinto, onde a Esposa Santa descrevendo as feyçoens do seu Esposo, & enatarecendo sua gẽtileza, diz : *Labia ejus lilia*. E claro estã que lhe não havia de louvar o engraçado da boca, por ter os beyços brancos como lirios, senão encarnados como rosas, em correspondencia do que o mesmo Esposo tinha louvado nos seus : *Sicut vitia coccinea labia tua*. O segundo lugar ainda he mais expresso no capitulo segundo : *Sicut lilium inter spinas* : E a flor que nasce entre espinhas, que pôde duvidar q̃ lhe a rosa, & não o lirio ? Assim

Cantic.

4.3.

Cantic.

2.2.

o cõmenta no mesmo verso a lição, & exposição Chaldeica, dizendo ; *Comparata sum rose, que inter spinas germinat*. Quanto mais que o nosso mesmo Texto o significa bem claramente, porque havendo de servir estas flores de cercado, ou valladolo do trigo : *Vallatus lilijs* : mal o podia defender a seve dos lirios, que são flores inocentes, & desarmadas. As rosas pelo contrario sim; as quaes como nascêrao para Raynhas das flores, desde logo lhes deu a natureza os espinhos, como por archeiros, & guarda da magestade ; por onde disse Boecio : *Armat Boek spina rosam*. E assim como esta as guarda, & defende a ellas, podia tambem cercar, & defender o trigo.

205 Supposta esta propriedade, em que só podia haver alguma duvida, ninguém duvida, que o trigo no ventre da Igreja he o Divinissimo Sacramento do Altar, do qual ella sobrenaturalmente se alimenta, como de pão de vida : & por meyo do qual comunica os espiritos vitales, & os repaite a todos

K

dos

Offea.
14.8.

Psal.
18.7.

dos os membros de seu corpo, que são os Fieis Catholicos; dos quaes tinha ditto muyto antes o Profeta Oseas: *Vivent tritico*. Nem tambem se pôde duvidar; que as ro-las, que cercaõ o trigo, sejaõ as do Rosario; pois os mesmos Rosarios, que trazemos nas mãos, fazem hum circulo perfeyto, & os mysterios de q̃ o Rosario se compoem, outro circulo. Assim o notou o Profeta David, quando disse: *A summo Celo egressus ejus, & occurfus ejus usque ad summum ejus*. Começa o Rosario no Ceo, dõde sahio o Filho de Deos pelo mysterio da Encarnação, & dando volta por toda a sua vida, & morte, torna a acabar no mesmo Ceo pelo mysterio de sua gloriosa Ascensão, fazendo circularmente hum novo, & maravilhoso Zodiaco de melhores constellaçoens, & mais fermosas figuras das que visita, & allumea o Sol na volta que dà ao mundo. E porque a Virgem Senhora nosa foy a Authora, & Inventora deste mysterioso circulo [em cujos mysterios todos teve

tanta parte] por isso diz, & se gloria de ser ella a que cõ seus passos andou, & aperfeyçoou o mesmo circulo: *Gyrum Celi circuiui sola*.

206 Sendo pois o trigo do nosso Texto o Santissimo Sacramento, & as rosas, que o cercaõ, o Santissimo Rosario, muyta razaõ terà a devoção de todos os que com tanta piedade le ajuntão aqui nesta hora ao rezar, ou cantar a coros: muyta razaõ, digo, terà de querer ouvir, & saber, que conveniencia, ou proporção tem o Rosario cõ o Sacramento; & que utilidades poderãõ conseguir os que unirem entre sy estas duas grandes devoçoens, a de frequentar o Sacramento, & a de rezar o Rosario. Para eu o poder declarar com o proveyto de nossas Almas, que desejo, & espero, no Divinissimo Sacramento temos a fonte da Graça, & na Senhora do Rosario a melhor intercessora.

Ave Maria.

Ecclesi.
24.8.

§. II

*Venter tuus sicut aceruus tritici,
vallatus lilij.*

207 **M** Aravilhosa foy a visaõ, que teve em sonhos Faraõ Rey do Egypto, quando vio aquellas quatorze vacas, sete das quaes eraõ fortes, corpulentas, & pingues, & as outras sete fracas, secas, & macilêtas. E o que muyto acrefcetava a razã da maravilha, & ainda do temor, que concebeo o Rey, foy que todas pastavaõ nos mesmos campos, & ribeyras do Rio Nilo, & ellas naõ secas, mas verdes: *Et pascebantur in ipsa amnis* *Genes. 41.3.* *ripa in locis virentibus.* O Nilo da Igreja Catholica he a graça Divina: Esta graça, como o mesmo Nilo, se divide em sete canaes, que saõ os sete Sacramentos, por meyo dos quaes, como por sete bocas, se comunica a nossas Almas. O Sacramento porẽm entre os demais q̃ particularmente as sustenta, he o Santissimo Sacramento do Altar, verdadeyro Corpo

Tom. 3.

& verdadeyro Sangue de Christo, que temos presente. E que grande admiracão, Fieis, que grande admiracão, que grande confusãõ, & que grande temor nos deve causar olhar para as Almas, q̃ se sustentãõ daquelle pasto Divino, & ver a notavel differença dellas? Nam fallo das que chegassẽ à Cõmunhaõ em consciencia de peccado, porque naõ quero suppor taõ horrendo, & atroz sacrilegio: fallo sã das Almas Christaãs [q̃ as outras naõ merecem este nome] & das que a seu parecer commungãõ Christaãmente. Quantos leygos commungãõ muytas vezes, quantos Sacerdotes celebramos todos os dias: E onde estaõ aquellos effeytos de Christo se transformar em nõs, & nõs em Christo: *Inimmanet, & ego in illo?* Grande bem do mundo seria, & grande gloria da Igreja, se de cada quatorze Almas, que chegaõ ao Sacramento, fõsem sete as que se aproveytassẽ do pasto, & se luzisse nellas: mas todas pela mayor parte cheas de imperfecçoens, & mi-
rias,

K ij

Genes.
41:3.

rias, todas fracas, todas le-
cas, todas macilentas, & ain-
da, & como diz o Texto, ta-
es, q̃ faz asco olhar para el-
las: *Fada, confecta que ma-
cie.*

208 Ora eu buscan-
do a causa desta differença
tão notavel, & qual possa
ser o defeyto, ou impedimen-
to porque se não lograõ, &
luzem em nòs os effeytos de-
ste sobarano manjar; acho
que sem consciencia de pec-
cado, a causa não pôde ser
outra, senão a falta de dige-
staõ. Comemos a Christo
no Sacramento, mas não o
digirimos. Christo Senhor
nosso disse, que o seu santis-
simo Corpo no Sacramento
he verdadeyra comida: *Caro
mea vere est cibus*: E porque?
Não só porque foy institui-
do para alimento de nossas
Almas, senão também por-
que no modo de as alimen-
tar tem as mesmas proprie-
dades do mantimento cor-
poral: E o mantimento cor-
poral, que se come, & não se
digere, por mais sustancial,
& exquesito que seja, não
faz nutrição, nem se conver-
te em sustancia. Lá diz o

Joan.
6,56.

atorismo vulgar da Medici-
na: *Non quod ingeritur, sed
quod digeritur*, que o que ali-
menta, nutre; augmenta, &
dã forças, & vigor ao viven-
te, não he o comer, que elle
tonia na boca, & recebe dê-
tro em sy, senão o que dige-
re. No mesmo Corpo San-
tissimo de Christo Senhor
nosso temos o exemplo.

209 Depois de resusci-
tado o Senhor para prova de
que era o mesmo, & que ver-
dadeyramente estava vivo;
comeo muytas vezes cõ seus
Discipulos. Comeo com elles
no mesmo dia da Resurrei-
ção, como diz S. Lucas. *Luc.*
meo com elles na praya do *2443*
mar de Tiberiades, como
diz São João. Comeo com *Joan.*
elles outras muytas vezes em *219*
Galilêa, de que faz menção
São Pedro: E finalmente
comeo com elles no ultimo *Act.*
dia, em que se despedio, &
subio ao Ceo, como se lê nos
Actos dos Apostolos: *Et Act. 1*
*convescens praecepit eis, ab Ie-
rosolymis ne discederent.* Da-
qui se infere, ou parece se pô-
de inferir, que Christo Se-
nhor nosso tem hoje no Ceo
mais carne, & mais sangue,
do

Dura-
dus in
4. dist.
11. q. 4.
ex cē-
fura
Sua-
rij.

Suar.
disp. 1
47.
sect. 5.

do que tinha quando refuscitou, & por consequencia, que no Santissimo Sacramento recebemos tambem mais carne, & mais sangue daquelle, que o Senhor confagrou na Cea. Assim o ensinou Durando, mas falsa, & erroneamente: porque a humanidade sagrada de Christo nenhuma couza cresceo, nem diminuiu da sustancia, ou quantidade corporal, que tinha antes de morrer, & depois de resuscitar; mas sempre conservou a mesma inteireza perfeysissima da idade natural, a que tinha chegado. Pois se Christo depois de resuscitado comeo, & comeo tantas vezes, & o comer primeyro se converte em sangue, & depois em carne, como não cresceo, nem se augmentou a carne, & o sangue da sagrada humanidade, nem a sustancia corporal do mesmo Christo recebeo nutrimento, ou acrescentamento algum? A razão he, como ensina a verdadeyra Theologia com Santo Thomàs, porque ainda que Christo comia depois de resuscitado, & gloriolo, não

dirigia o que comia. Para haver nutrição, he necessario que haja digestão; & para haver digestão, & nutrição, he necessario que o corpo seja alteravel, & passivel: E como o corpo resuscitado, & glorioso de Christo era impassivel, & inalteravel, por isso ainda que comia, não dirigia o comer, nem se nutria com elle.

210 Esta he a razão filosofica, & theologica, porque Christo naquelle estado comia, como se não comera: E o mesmo succede a nossas Almas. Assim como o Corpo de Christo resuscitado comia os nossos manjares, & não se nutria, nem augmentava com elles, porque os os não dirigia; assim nós comemos o Corpo do mesmo Christo, & não se lograõ em nossas almas os effectos de tão soberana comida, porque a não dirigimos. Não sem mysterio se cõpara o Divino Sacramento no nosso texto a trigo em monte, & não na eyra, senão no ventre: *Venter tuus sicut acer-vus tritici*. E qual he o mysterio dessa que pa-
rece

rece impropriedade ? O mysterio he ; porque muytas vezes depois de entrar aquelle Divino paó no interior de nossas Almas , està tam longe de se digirir , como se ainda estivera em trigo. E por isso mesmo està em monte : *Sicut acervus* ; porque huma cõmunhaõ so-bre outra cõmunhaõ , feytas deste modo , fazem monte , mas não fazem nutriçam. A nutriçaõ he aquella , que reparte por todas as veas , & membros do corpo a sustancia , & virtude do que se come : E o mesmo faz aquelle soberano manjar (diz Sam Pedro Damiaõ) quando se recebe não só no peyto do corpo , senão no estamago da Alma , & nelle se digere : *Ha epula , & mentis nostræ stomachum suaviter replent , & od præbendas vires per omnium se venarum poros effundunt.* Este soberano manjar , & nectar do Ceo [diz o Santo] não só se recebe com grande suavidade no estamago da Alma , mas dalli se diffunde por todas as veas , & reparte , & cõmunica a todos os membros do nosso

corpo a virtude , & virtudes do corpo , & membros de Christo , que na sustancia , & realidade do que comemos , se encerra. Nos olhos do que assim cõmunga , apparece logo a modestia dos olhos de Christo : na lingua , o silencio , & moderaçaõ das palavras de Christo : no coraçãõ , os affectos , & desejos do coraçãõ de Christo : nos pès , a compostura , & maldureza dos passos de Christo : nas mãos a innocencia , a mansidaõ , & a caridade das acçoens de Christo , & finalmente em todo o homẽ que comeu a Christo. E qual he a razãõ , Christãos , porque em muytos de nõs depois de cõungarmos humma , & muytas vezes , se não vem os mesmos effeytos , senão outros tão diversos , & totalmente contrarios ? A razãõ he , como dizia , porque comemos no Sacramẽto a Christo , mas não o digirimos : *Ingeritur , sed , non digeritur.*

211 Supposta pois esta falta de digestãõ , com que a mayor providencia de Christo em prover de tão sobre-

Petr.
Dam.
opusc.
12.c.
33.

N. S. do Rosario.

7

natural mantimento a Republica de sua Igreja, por culpa, & negligencia nossa, se tem feyto inutil, ou quasi inutil, como o mesmo Senhor se queyxa por boca de David, quando disse: *Que utilitas in sanguine meo, dum descendo in corruptionem?* E supposto que pela mesma falta se vem as nossas Almas tão macilentas, & desmedradas, & sem aquella nutrição, & augmentos de espirito, que lhe prometeo Isaías, quando nos exhortava a comer no Divino Sacramento toda a substancia do summo bem: *Comedite bonum, & delectabitur in castitudine anima vestra*: haverá quem dê algũ remedio efficaz a nossa debilidade, & fraqueza, cõ que suprir esta falta de digestão tão importante? E assim como da parte de Christo temos sempre prompto o Manà de seu Santissimo Corpo para o comer, tenhamos tambem da nossa parte a força, & vigor necessario para o dignir? Benditta seja, & para sempre benditta a gloriosissima Mãe de Deos, que assim como

deu a seu Filho a carne, & sangue, de que compoz esta soberana iguaria, assim tambem compadecida de nossa fraqueza, nos proveo de hũ remedio tam facil, cõto efficaz para a inteira, & perfeyta digestão della. Esta he, devotos da Virgem Santissima, a devoção, a que tantas vezes vos tenho exhortado neste dia seu; esta a que hoje mais particularmente vos venho inculcar em nome da mesma Senhora, & esta finalmente a proporção, & conveniencia admiravel, que tem entre si o Santissimo Sacramento, & o Santissimo Rosario. Sabeis que faz a devoção do Rosario junta com a cõmunhão do Sacramento? Faz, que se digira em hum tudo o que se come na outra; porque o mesmo Christo, que no Sacramento se come, no Rosario se digere. Isto he o que vos quero provar, & persuadir hoje.

§. III.

213 Digo pois primeiramente, que o Sacramento he o Rosario indigesto, & o

K iij

Ro-

Rosario he o Sacramento dirigido. O Sacramento he o Rosario indegesto, porque no Sacramento estaõ todos os mysterios da Redempçaõ reduzidos a hum só mysterio. E o Rosario he o Sacramento dirigido, porque no Rosario està o mesmo mysterio da Redempçaõ dividido, & estendido em quinze mysterios. No Sacramento està o Rosario indegesto, porque o Corpo de Christo, que alli està realmente, està vivo, està morto, & està resuscitado sem distincão. E no Rosario està o Sacramento dirigido, porque em quanto Christo vivo, està a sua vida distinta em cinco mysterios, que são os gozosos: em quanto morto, està a sua morte distinta em outros cinco mysterios, que são os dolorosos: E em quanto resuscitado, està a sua resurreyçaõ distinta em outros cinco, que são os gloriosos. E esta he a razãõ porque o mesmo Sacramento, quando se consagra, & offerece a Deos no sacrosanto Sacrificio do Altar, humas vezes se chama mysterio, &

outras mysterios. Mysterio: porque indegesto, & sem distincão he hum só mysterio: mysterios, porque digesto, & distintamente considerado, he, & encerra em sy muytos mysterios.

214 E porque nam faça duvida, ou estranheza, dizer q̃ no Sacramento està Christo indegesto, essa he a propriedade, & energia maravilhosa, com que o nosso mesmo Texto chamou ao Sacramento a cervo: *Sicut acervus tritici*. Acervo propriissimamente quer dizer cousa indegesta. E porque esta propriedade consiste na significacão natural da palavra, ouçamos a hum dos melhores Authores da mesma lingua, o qual com anthusiasmo poetico, nam só parece que declarou o mysterio do nosso texto, mas sobre o significado delle fez juntamente hum panegirico a Maria Santissima, em quanto Authora, & Inventora do Rosario. Os versos são estes

*Non digesta pati, nec acervo
conditarerum,
Sed manifesta notis certa dis-
ponere sede
Singula, divini est animi.*

Quer dizer : não consentir
que as causas grandes este-
jão indigestas, nem escon-
didas, ou amontoadas na con-
fusão de hum acervo, mas
descobrilas, & manifestalas
com differença, & distinção
de nomes, & por cada huma
dellas em seu proprio lugar,
tal obra como esta he de ani-
mo verdadeyramente divi-
no. Duas particularidades
uotaveis contêm esta judi-
ciosa sentença. A primeyra,
q̃ as cousas postas em acer-
vo estão indigestas : *Non-
digesta pati, nec acervo condi-
ta rerum*. E por isso eu digo,
que Christo no Sacramento
está indigesto, porque os
mysterios da sua vida, mor-
te, & resurreyção, que alli se
contêm, não estão reparti-
dos, & digestos, senão jun-
tos indistintamente, & acu-
mulados, como diz o Tex-
to, em hū acervo : *Sicut acer-
vus tritici*. A segunda parti-

cularidade he, q̃ue distin-
guir, & repartir esse mesmo
acervo, & digirir essas cou-
sas indigestas, & pôr cada
huma em seu proprio lugar
com notas, ou nomes certos
que as demostrem, he obra
de animo Divino : *sed mani-
festa notis certa disponere sede
singula, divini est animi*. E
isto he o que fez a Virgem
Senhora nossa na maravilho-
sa architectura do seu Rosa-
rio, dispondo, & ordenâdo
os mysterios da mesma vida,
morte, & resurreyção de seu
Filho, & distinguindo a dif-
ferença delles com as notas,
& nomes diversos de gozo-
sos, dolorosos, & gloriosos;
& pondo huns no primeyro,
outros no segundo, outros
no terceyro lugar, assim co-
mo succedêraõ, & se foraõ
continuando, & todos em
numero, & correspondencia
iguais para mayor harmonia
de toda a fabrica.

216 Agora vede como
digirir deste modo o indige-
sto, he obra verdadeyramête
de animo Divino : *Divini Aug.
est animi*. A primeyra obra *lib, de*
da Divindade, ou a primey- *Gen.*
ra obra Divina, em que Deos *ad lid.*
mo-

mostrou sua sabedoria, & omnipotencia, foy a criação do universo. E como criou Deos este mundo? Primeyro o criou todo, mas indigesto, & depois o digirio, & foy distinguindo por partes, atè que ficou consumado, & perfeyto. Primeyro o criou todo, & indigesto; porque primeyro criou de nada aquella materia universal, de que depois foraõ eduzidas, & geradas entre o Cco, & a terra todas as criaturas corporaes, a qual materia, bem que de algum modo já informada, porque ainda estava confusa, & indistinta, mais por fama, que por se, chamaram os antigos rude, & indigesta: *Rudis, indigestaque moles*. E depois digirio Deos este mesmo todo, porque dividido em varias partes, & ordenada, & ornada cada hũa dellas com o lugar, & perfeção, que naturalmente lhe convinha; em tão ficou o mesmo universo não só tão fermoso, & admiravel como o vemos, mas tão util, & necessario à conservação do genero humano, como ex-

Ovid.
meta-
morph.

perimentamos, & gozamos. A mesma luz criada desde seu principio em hum globo informe, & indigesto, tambem a digirio Deos depois, repartida em Sol, Lua, & Estrellas: E a mesma vida, q̃ com nome de espirito se movia escuramête sobre os abismos, tambem a digirio em tres vidas, vegetativa nas plantas, sensitiva nos animaes, racional no homem. E posto que nesta vida, & nesta luz primeyro indigesta, & depois digirida em tres partes se nos offerencia hũa boa, & duplicada semelhança pata o que diziamos de Christo no Sacramento, que he o pão de vida, & a luz dos homens: *In ipso vita erat, & vita erat lux hominum*: para mostrar a divindade desta obra, ou o divino do animo de Maria nella (*divini est animi*) ainda havemos de subir mais alto.

Ioan.
1.4.

217 Sam Zeno Veronense fallando de Deos, não fóra de sy, como criador, mas dentro de sy mesmo, como increado, disse hũa proposição singular, & muyto notavel, cuja intelligencia

Zeno
Veron.
lib. 5,
serm.

tem

la-
Ef-
ar,
alij.

tem fatigado variamente os Doutores modernos: & posto que estes lhe tenham dado muytos sentidos, ainda se deseja o proprio, & verdadeyro. A proposição he esta. *Hic est Deus noster, qui se digessit in Deum*: Este he o nosso Deos, o qual se digirio em Deos. Se Deos se digirio em Deos, & digirio em Deos, logo havemos de suppor, & considerar a Deos já indigesto, já digesto: indigesto antes de se digirir, & digesto depois que se digirio. Mas q̃ digestão, & indigestão he, ou pôde ser esta, que cayba, & se ache em Deos, & em Deos não fora de sua divindade, senão dentro, nem em tempo, senão ab eterno? Eu acho, que o Santo Padre na proposição fallou como tão Theologo, na frasi, como tão eloquente, & na metaphora, como quem nos quiz declarar com ella o que expressamente ensina a Fé, & o entendimento não alcança, senão escuramente. Não cremos todos que Deos he trino, & uno? Sim: pois em quanto uno está Deos indigesto, & em quanto trino, digesto. Em

quanto uno está indigesto; porque com ser Deos hum essencia immensa, & infinita, he hum acto purissimo, & simplicissimo sem divisaõ, ou distincção alguma: E em quanto trino, está digesto; porque esse mesmo acto purissimo, & simplicissimo sem perder nada da sua unidade, se distingue realmente em tres Pessoas, tão oppostas entre sy, que nem a primeyra he a segunda, nem a segunda he a terceyra, nem a terceyra he a primeyra, ou a segunda. E quando fez Deos de sy, & em sy mesmo esta digestão, ou como a fez? Quando ab eterno, & sem principio, nem antecedencia, o Padre gerou o Filho, & o Padre, & o Filho produzirão o Espirito Santo: E multiplicado Deos por este modo inefavel em tres Pessoas distintas, o mesmo Deos, que estava indigesto, & indistinto na unidade Divina, ficou digesto, & distincto na multiplicação da Trindade.

218 Nesta fórma se verifica metaforicamente, mas com excellente propriedade, q̃ Deos se digirio em Deos:

Deus

*Deus noster se digessit in Deū: porque se digessit in Deum Patrem, se digessit in Deum Filium, se digessit in Deum Spiritū Sanctum. E se Deos se digirio a sy mesmo, distinguindo a sua divindade, & multiplicando a sua unidade em tres Pessoas; porque não faria a Mãe de Deos outra obra semelhante em Christo sacramentado, digirindo os mysterios de sua humanidade na ordem, & divisaõ de outras tres partes distintas? Santo Ambrosio, cõmentando o nosso Texto; diz, que o trigo, & as rosas ambos foraõ partos da Virgem Santissima: *In Virginis utero simul acervus tritici, & lilij floris gratia germinabat, quoniam & grannum tritici generabat & lilium.* Ao trigo deu a Senhora, como Mãe, a materia: & às rosas, tambem como Mãe, a fôrma. Ao trigo deu a materia, porque deu a Christo a carne, & sangue, de que instituiu o Sacramento: & às rosas deu a forma, porque dos mysterios da vida, morte, & resurreyção do mesmo Christo formou, & distinguio o*

Rolario. Isso quer dizer: *Vallatus lilij*: porque os vallos nam só se fizeraõ para cercar, senaõ tambem para dividir, & distinguir. Formou a Senhora hum vallo de rosas entre os mysterios gozosos, & dolorosos, formou outro vallo entre os dolorosos, & gloriosos, & distintos, & divididos assim; ficaraõ de tal modo digestos, que nõs tambem os possessemos degirir nesta unidade, & Trindade humana, assim como se experimentou na Divina.

219 Deos não só se digirio ab eterno, senaõ tambem em tempo, segundo a menor, ou mayor distincão, & clareza, com que se deu a conhecer aos homens. Na Ley Velha só revelou Deos expressamente ao Povo de Israel a sua unidade, segundo aquelle Texto do Deuteronomio: *Audi Israel, Deus Dominus Deus noster, Dominus unus est.* E digo ao Povo; porque Abraham, Moyles, David, & os outros Patriarcas, & Proletas tambem tiveraõ conhecimento, & se explicita do mysterio da Trindade; porque co-

*Ambr.
de in-
stit.
Virg.
cap.4.*

*Deut.
6.4*

lutt.
3.19.

nhecêraõ a Encarnação do Filho de Deos por obra do Espirito Santo, a qual se não podia conhecer, sem se conhecerem tambem as tres Divinas Pessoas, Porém na Ley da Graça, & ao Povo Christão de tal maneyra lhe revelou Deos o mesmo mysterio da Trindade, & com tal clareza, & distincção, que esse he o primeyro principio de nossa Fé, tão commum, & vulgar a todos, que desde o Baptismo, em que começamos a ser Christãos, o confessamos: *Baptizantes eos in nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti.* Supposta esta differença, calo he digno de grande admiracão, & reparo, que o Povo de Israel, em quanto durou aquella Ley, nunca já mais se aquietasse, nem estivesse firme na Fé da unidade de Deos, idolatrando sempre, & crendo em muytos Deoses: E que o Povo Christão pelo contrario sem retroceder, nem vacilar, esteja firmissimo na Fé da unidade, & Trindade do mesmo Deos, crendo juntamente que em Deos ha tres Pessoas, cada huma dellas

Deos, & que esse Deos he hum só, & não tres Deoses. Conhecer que Deos he hum só, he cousa tão clara, que até os Filósofos Gentios o alcançaraõ, & demonstraraõ; Pelo contrario, crer que o mesmo Deos, sendo hum em essencia, seja juntamente trinno em Pessoas, he cousa tão superior a todo o entendimento criado, que ainda que haja razoes para persuadir, que não repugna; nenhuma ha, nem pôde haver, que convença, nem demostre, que assim he, nem como he. Pois se o Povo Christão crê tão prompta, & constantemente o que he tão sobrenatural, & difficuloso, como o Povo Hebreu não cria, nem se aquietava com o que era tão natural, & tão facil? A razão interioir desta differença, sendo huns, & outros homiens racionaes, & huns, & outros com lume de Fé, ninguem haverá que a dê cabalmente, porque he reservada só a Deos: mas o q a nós nos ensina, & demonstra a evidencia experimental, he, que em quanto Deos se deu indigesto, nem o poderaõ digerir os

os homens; porém depois que se deu digesto, logo o digirirão. Já vimos que Deos em quanto uno era indegesto; & em quanto trino, digesto. E em quanto Deos se deu assim indigesto àquella Povo, era tão difficuloso de digirir, que mais facilmente digirirão pães, & pedras, quaes eraõ os Deoses porque deyxavaõ ao verdadeyro Deos. Porém depois que se deu digesto nas tres Pessoas da Santissima Trindade, de tal maneyra o abraço, & digerem, & convertem na propria sustancia as Almas Christaãs, que antes perderão mil vezes a vida, q duvidar da verdade deste altissimo mysterio, quanto mais negalo.

226 Ni Fe do Divino Sacramento por mercê de Deos nenhũ de nõs duvida; mas quanto aos effeytos da nutrição espirital, para que foy instituido, a mesma differença, que se experimentou em Deos, se experimenta igualmente em Christo, ou indigesto, ou digirido. Ouvi huma sentença de São Jeronimo milagrosa a este

intentõ. Naquelle famoso milagre dos cinco paens fez Christo Senhor nosso hum como ensayo do que depois havia de fazer na consagração de seu Corpo: Ido primeyro diz São Matheus: *Benedixit, & fregit, & dedit* *Matt. 14.19* *discipulis panes*: E do segundo o mesmo São Matheus: *Accipit panem, & benedixit, ac fregit, deditque discipulis.* *Matt. 26.26* Que o Senhor no primeyro caso partisse o pão, assim era necessario, porque partido se havia de multiplicar, & repartir a multidão de tanta gente: mas Christo no Sacramento não se parte: *Non confractus, non divisus, integer accipitur*: pois porque partito aqui o Senhor o que já não era pão, assim como lá partito o pão? Porque ainda que Christo no Sacramento se não parte, para nõs o havermos de digirir, & elle nos haver de alimmentar, convem, & he necessario, que do modo que pôde ser, o dividamos em partes, & sendo hũlo mysterio, o repartamos em muytos mysterios. Exquisitamente São Jeronimo: *In frustra discerpitur, & ejus* *Matt. in*

in medium myſteria proferuntur, ut quod integrum non alebat, diuiſum in partes alat.

Quando Chriſto partio o Paõ conſagrado, não ſe partio a ſy meſmo, porque ſe não parte, nem pode partir no Sacramento; mas o que partio, & diuidio em varias partes, forão os myſterios, que naquelle myſterio eſtão occultos, & encerrados, querendo que ſahiſſem a luz, & nos foſſem manifeſtos: *In fruſta diſcepiſtur, & myſteria in medium proferuntur*: E iſto a que fim, ou para que?

Aqui eſtã o milagroſo do penſamento: *Ut quod integrum non alebat, diuiſum in partes alat*. Para que o meſmo Chriſto, que inteiro, & indigeſto, não alimentava, partido, & digeſto nos meſmos myſterios, alente, & faça a nutrição, para que foy iſtituido. Não diſſera mais; nem melhor o Doutor Maximo, ſe já em ſeu tempo ouuera o Roſario, & fallara delle. E iſto foy o que finalmente fez a Virgem Santiffima, manifeſtando o que eſtava occulto, diuidindo o que eſtava inteiro, & digirindo o

q̃ eſtava indigeſto em Chriſto ſacramentado; & diſtinguindo com as roſas do ſeu Roſario o trigo, que eſtava em monte no Sacramento: *Sicut acervus tritici vallatus lilijs.*

§. IV.

221 Temos viſto em cômum como o Sacramento he o Roſario indigeſto, & o Roſario o Sacramento digirido; & que aſſim como por meyo do Sacramento comemos a Chriſto, por meyo do Roſario o digirimos. Reſta agora ver como ſe faz eſta ſoberana digeſtão; & como nõs havemos de ajuntar o Roſario ao Sacramento; para que por meyo della recebaõ noſſas Almas a nutrição, & alimento eſpiritual; para que o meſmo Sacramento, & o meſmo Roſario forão iſtituidos. Couſa notavel, & não aſſaz ponderada he, que entendendoſe o noſſo Texto de Chriſto ſacramentado (como alêm do já allegado S. Ambroſio, S. Illeſonſo, Ricardo, Honorio, Guilhelmo, Alano, & outros ſen-

*Ambr.
br. II?
deph.
Ricard.
Honor.
Guil.
ſelm.
Alan.*

lente[m] hoje cõmummente todos os Expositores modernos) coula muyto notavel he, digo, que o mesmo Sacramento neste lugar se compa-
re a trigo, & não a pão: *Sicut acervus tritici*. Christo Senhor nosso consagrou seu Corpo debayxõ de especies de pão, & por isso lhe chama-
pão em muytos lugares do Evangelho: pois porque razão no nosso Texto, em que se nos representa cercado de ro-
sas, senão compára tam-
bem a pão, senão a trigo? Porque assim como o trigo antes de chegar a ser pão, depende de muytas diligen-
cias, que se hão de obrar, & fazer nelle; porque se hade moer, amassar, & cozer, as-
sim para que as nossas Almas recebaõ do Divino Sacra-
mento aquella perfeyta nu-
trição, & augmento de vir-
tudes, que o mesmo Senhor de-
zeja, & de que ellas estaõ
taõ faltas, como vimos, &
por isso fracas, & macilentas
não basta só que Christo te-
nha feyto para nós este sobe-
rano alimento, mas he neces-
sario tambem, que nós o fa-
çamos. Não voç admire a

proposiçaõ, porque he cer-
ta: & della ficareis entenden-
do hum lugar difficultoso
do Evangelho, que pode ser
não tenhais entendido, nem
ouvido.

222 No Capitulo Sex-
to de São João, tratando
Christo Senhor nosso larga-
mente do novo, & nũca ima-
ginado manjar, que havia de
compor de seu Corpo, & Sã-
gue para sustento de nossas
Almas exhortandonos ao ca-
so, que delle haviamos de fa-
zer, diz assim: *Operamini
non cibum, qui perit, sed qui* Ioan.
permanet in vitam aeternam, 6.27.
*quem Filius hominis dabit vo-
bis.* Todos andais occupa-
dos em buscar, & fazer de
comer para esta vida, que se
acaba: o que vos aconselho,
he, que façais o comer, que
eu vos hey de dar, o qual per-
manece por toda a vida
eterna. Este comer, que per-
manece por toda a vida eter-
na, que Christo ainda não ti-
nha dado, mas havia de dar,
he o Santissimo Sacramento
de que fallava, & assim o en-
tendem todos os Padres. Pois
se este comer era o Santissi-
mo Sacramento, & Christo
he

Chry-
Aug.
Cyr.
Alex.
Eu-
thy.
Theo-
phil.
D. Th.
Bona-
vent.
Ru-
pert.

he o que o fez, como diz que o façamos nós? *Operamini cibum, quem Filius hominis dabit vobis*? A razão já está dada, & he a que eu dizia. Porque ainda que Christo he o que fez este novo genero de comer, que he sustento da vida eterna, & da sua parte já está feyto, para as nossas Almas se nutrirem, & augmentarem com elle, quanto haõ mister, he necessario da nossa parte, que tambem nós o façamos. Da parte de Christo já está feyto o que a Theologia chama *ex opere operato*; mas da nossa parte he necessario, que nós tambem façamos, o que he, & se chama *ex opere operantis*: *Operamini cibum, qui non perit, sed per manet in vitam eternam; quem Filius hominis dabit vobis*. Assim como o comer corporal por mais feyto, & bem preparado que esteja, não basta que o homem o coma, se as potencias interiores do mesmo homem, que são os instrumentos da nutrição, não obrarem; da mesma maneyra para as nossas Almas se nutrirem, & cobrarem forças, não

basta que communguem a Christo no Sacramento, se os mesmos mysterios, que o Senhor tem obrado, ellas os não tornarem a obrar com todas suas potencias. E isto he o que se faz no Rosário.

223 Aristoteles, & Galeno descrevendo a fabrica da nutrição, para a qual formou a natureza varias officinas, & instrumentos, reduzem toda a operação delles a tres potencias principaes, huma que recebendo retem, outra que alterando assemelha, outra que unindo converte. E tudo isto obra o Rosário por meyo das tres potencias de nossa Alma nos mysterios da vida, morte, & Payxão de Christo, de que elle se compoem; & não só em todos, senão em cada hũ. Com a potencia da memoria recebe, & retem o mysterio por meyo da apprehensão; com a potencia do entendimento altera-o, & assemelha-o a sy[ou a sy a elle] por meyo da meditação: & com a potencia da vontade converteo, & unio em sy mesma por meyo da imitação. Parecervos-ha por ven-

L. tura

tura novo modo este de rezar o Rosario, & não he novo, nem modo, senão a verdadeyra substancia delle, & o fim para que a Virgem Senhora nosla o ordenou, & instituiu. Não instituiu a Senhora o Rosario para o rezarmos só com a boca, & cõ tanta pressa, como se passão as contas; mas para ter na memoria os mysterios, para os meditar, & cuydar nelles com grande consideração, & para os tomar por exemplo, & os applicarmos a nossas vidas.

224 Quanto à memoria, esta foy a primeyra q̃ Christo Senhor nosso nos encomendou, quando instituiu o Santissimo Sacramento: *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis*. Não referem estas palavras os Evangelistas, mas recebeo-as a Igreja, que as poem no Canon da Missa por tradição dos Apostolos, que se achão presentes, & São Paulo, que não esteve presente, as escreveo depois por revelação do mesmo Christo: *Hoc facite in meam cõmemoratiõnem*. E porque fez menção o

Senhor sòmente da memoria? Por ventura porque excluiu as outras duas potencias? Não; mas porque a memoria he aquella, em que se faz a primeyra decocção deste soberano manjar. Já São Pedro Damião nos disse, que elle se recebe com grande suavidade no estamago da nossa Alma: *He epule mentis nostræ stomachum suavitèr replent*. E qual he o estamago da Alma? Santo Agostinho excellente Philosopho da memoria no lo ensinou, & já antes delle o tinha definido Platao: *Memoria est animæ ventriculus*. O estamago da Alma he a memoria; porque assim como no estamago do corpo se recebe, & retém o comer corporal, & alli se faz a primeyra decocção, assim esta potencia he a primeyra, que ha de receber, & recolher dentro em sy o Divino Sacramento, lembrandole não de passagem, senão muyto devagar (como se faz no corpo) & representando à Alma quem he o que està presente naquella mysterio, & os mysterios altissimos, que nelle se en-

Petr.
Dam.
supra.
Aug.
Plato.

encerraõ. E porque os accidentes sacramentaes nos encobrem, & aulentaõ dos olhos a presença de Christo; a memoria, cuja propriedade he fazer presentes as coufas ausentes, no lo ha de fazer presente.

225 Porque cuydais que disse Christo Senhor nosso, que elle està em quem o come, & quem o come està nelle: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo*? São Bernardino com singular penlamento diz, que naõ só significou o Senhor nestas palavras o effeyto da graça, que nos cõmunica no Sacramento, senaõ o da memoria, que nos pedia nelle; porque o effeyto da memoria he levarnos aos ausentes, para que estejamos com elles, & trazelos a elles a nõs, para que estejão connosco. Lembraivvos do amigo ausente, que està em Portugal, & no mesmo ponto vòs estais là com elle; & elle està cã comvosco, porq̃ là vos levou a memoria, & cã o tendes no pensamento. O mesmo faz a memoria no Divi-

Tom. 3.

no Sacramento, & em todos seus mysterios. *Debemus Christum spiritualiter manducare* (diz o Santo) *incarnationem videlicet, conversationem, & ejus salutiferam Passionem devotè ruminando, sicut ipse nos docuit, dicens: qui manducat meam carnem, in me manet, & ego in illo.* De forte que estando nõs em Christo, & Christo em nõs por memoria, em todos os mysterios de sua Encarnação, Vida, Morte, & Resurreyção, estamos presentes cõ elle. Se vos lembrais do mysterio da Encarnação, estais com Christo em Nazareth: se do mysterio da Visitação, estais com Christo nas montanhas de Judêa: se do mysterio do Nascimento, estais com Christo no Presepio de Bethlem; se do mysterio da Aprelentação, estais com Christo no Templo de Jerusalem: se do mysterio do mesmo Senhor Minino perdido, & achado, estais com Christo outra vez no mesmo Templo. Passando dos mysterios gozofos aos dolorofos, se vos lembrais de Christo orando, & suando

L ij

fan-

sangue; estais com elle no Horto de Gethsemani: se de Christo atado a hũa colúna, & afrontado com açoutes, estais com elle no Pretorio de Pilatos: se de Christo vestido por escarneo de purpura, & coroado de espinhas, estais com elle em outra parte do mesmo Pretorio: se de Christo com a Cruz às costas, estais com elle nas ruas de Jerusalem: se de Christo crucificado, & morto, estais com elle no Calvario. Finalmente chegando aos mysterios gloriosos, se vos lembrais da sua gloriosa Resurreicção, estais com Christo à porta do Sepulchro, no caminho de Emaüs, & no Cenaculo dos Apostolos: se de sua admiravel Ascenção, estais com Christo no Monte Olivete, & sobre as nuvens; se da vinda do Espírito Santo com enchente de doens, & graças, estais com Christo à dextra do Padre: se da Assumpção de sua Santissima Mãe, estais com Christo acompanhando seu triunfo na entrada do Ceo: & se de sua Coroação, & Exaltação, que he o ultimo mysterio,

estais com Christo coroando-a por Raynha dos Anjos na Gloria, & por Senhora, & advogada nossa neste desterro.

227 Isto he o que obra a memoria sô com a simples apprehensão dos mysterios: E o entendimento que faz? Olha para elles com grande consideração meditando-os, & por meyo desta vista considerada, & attenta se assemelha ao que vê, que he o effeyto da segunda decocção. Assim o diz, & ensina S. Dionisio Areopagita: *Aperiet Dion. enim, si comunione ejus cupimus, in vitam ejus quam in carne vixit, intueri, & similitudine sanctitatis ad habitum divine virtutis recurrere.* Notay a palavra *intueri*, & a palavra *similitudine*, porque da vista com que o entendimento na communhão medita os mysterios de Christo, nasce a semelhança, com que alterando-se a Alma, isto he, mudando-se em outra, os retrata em sy, & assemelha a elles. No Ceo diz São João, que havemos de ser semelhantes a Deos, porque o havemos de ver assim como he:

1. Jo.
ann.
3. 2.

he: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicuti est.* Desorte que Deos visto no Ceo he como hum espelho às aveſſas: porque não he elle o que se ha de fazer ſemeilhante a nós, ſenaõ nós os que havemos de ſer ſemeilhantes a elle. E iſto que entraõ ha de ſer por meyo da viſaõ beatifica, & viſta clara de Deos, iſſo melmo he o que agora fazemos por meyo da meditaçaõ, & viſta eſcura do Sacramento. Oh ſe viramos, & conſiderarmos attẽtamente o que debayxo daquelle Divino Paõ ſe encerra, quam augmentadas, & bem nutridas haviaõ de andar as noſſas Almas, que hoje ſe vem taõ deſmedradas, & deſfalecidas! Comemos com os olhos do entendimento, & da conſideraçã fechados, & por iſſo ſe não luz, nem logra o que comemos. Ouvi a Salamaõ: *Aperi oculos tuos, & ſaturare panibus.* Abri os olhos, & começy de tal modo o paõ, que fiqueis abaſtado, & ſatisfeyto. E que paõ he eſte, que não farta, nem ſatisfaz, nem ſe logra ſe ſe não come com os olhos

28

Prov.
10. 13.

abertos? Daqui intere Saõ Jerõnymo, que eſte Paõ he o do Santiffimo Sacramento, & não o paõ cõmun, de que nos ſuſtentamos: *Neque enim credendum eſt, quod præcipitur veſcentibus, ut ad comendandum hunc panem, quo corpora nutriuntur, oculos aperire debeant.* Mas por eſta meſma razaõ parece, que nos havia de mandar Deos, que fechaffemos os olhos, & não que os abriſſemos: porque o Sacramento do Altar he por antonomafia o myſterio da Fè, & a Fè ha de ſer cega, & crer a olhos fechados. Affim he. Mas por iſſo meſmo nos manda Deos, que abramos os olhos; porque ſe não ha de contentar com o noſſo entendimento ſó com crer o que não vê naquelle myſterio, com os olhos fechados; mas com ver, & conſiderar muyto attentamente os myſterios, que nelle ſe encerraõ, com os olhos abertos: *Oportet namque [diz Euthymio] non ſimpliciter eò intueri, ſed aliud quiddam imaginari, & interioribus oculis ea aſpicere tanquam myſteria.*

229 Affim vê com os
L iij olhos

olhos interiores a Alma, & assim contempla, & considera os profundissimos mysterios da Vida, Morte, & Resurreyção de Christo, que naquelle compendio de maravilhas não tanto da Omnipotencia, quanto da Bondade Divina estão pelo Sacramento occultos, & pelo Rosario manifestos. E que Alma haverá tão esquecida de seu aproveitamento espiritual, que vendo naquelle Dinno Espelho hñas imagens tão differentes da sua, não estranhe, & aborreça a sua fealdade, & se procure assemelhar a ellas: *Vitam, quam in carne vixit, intueri, & similitudine ad habitum divina virtutis recurrere?* Que Alma haverá tão enferma, ou queyxo-sa da fragilidade da carne, que à vista do mysterio da Encarnação não conheça, que se quizer, a pôde fazer Divina? Que Alma tão envelhecida no peccado, que vendo a Christo ir santificar ao Baptista, & livralo antes de nascer de hum peccado, que não leva ao Inferno, se não queyra emendar dos seus para o resto da vida, que não sabê quanto ha de durar? Que Alma tão cobiçosa dos bens deste mundo, que à vista do Creador delle na pobreza de hum Presépio, se não contente com a sua fortuna, ainda que lhe pareça escassa? Que Alma tão indevota, & pouco inclinada à Igreja, & Culto Divino, que vendo a Christo minino de quarenta dias presentado, & offerecido a Deos no Templo, senão venha apresentar, & offerecer diante de seus Altares muyto frequentemente. Que Alma tão negligente em ouvir a palayra de Deos, que vendo a Sabidoria Eterna, não só ouvindo aos Doutores, mas perguntandolhe, como se não soubere; se não queyra achar no lugar da doutrina, onde o mesmo Senhor foy achado? Que direy dos mysterios dolorosos? Que Alma haverá tão pegada à propria vontade, que vendo ao Filho Unigenito do Padre dizerlhe hũa, & tres vezes entre suores de sangue, Nam se faça a minha vontade senão a vossa, não sacrifique ao mesmo Padre, & ao mes-

Dion.
Areo-
pag.
supra.

mesmo Filho a sua ? Que Alma tão escrupulosa nas materias de honra , que vendo ao supremo Monarcha do Univerſo atado a hũa columna , & publicamente açoutado , não tenha pejo de tomar na boca o nome de afronta ? Que Alma tão vãa , & altiva de pensamentos , que vendo aquella ſacrosanta , & tremenda cabeça , que governa com hum aceno o Ceo , & a terra , traſpaſſada de eſpinhos , ſe atreve ainda a ſer preſumida ? Que Alma tão immortificada , & inimiga de padecer , que vendo a ſeu Redemptor com huma Cruz às coſtas para o ſalvar , & ajoelhado com o pezo della , recuze fazer alguma penitencia por ſua ſalvação ? Que Alma tão livre em ſuas acçoens , ou tão diſſoluta em ſuas liberdades , que vendo ao todo poderoso com os pès , & mãos pregadas em hum madeyro por ſeu amor ſe não deyxe prender do mesmo amor , & ſe ate ao cravo de ſeus pès , para nunca mais ſe ſoltar ? E ſe taes effeytos poduz a conſideração dos myſterios doloroſos , que na-

turalmente cauſaõ horror , que fará a fermofura , & a grãdo dos glorioſos ? Que Alma haverà tão enganada dos feitiços deſta vida mortal chea de tantas miſerias , que à viſta de hum Chriſto reſusci- tado , & glorioſo , não aspire à immortal ? Que Alma tão pezada , & abraçada com a terra , que à viſta do mesmo ſenhor ſubindo ao Ceo , não queyra tambem voar , & ſubir com elle ? Que Alma tão fria no eſpirito , & tão eſquecida de que he Alma , que à viſta do fogo do Eſpirito Santo em chamas vivas , ſenaõ acẽda em deſejo de ſeus divinos doens , & de creſcer em ſua graça ? Que Alma em fim tão puſilamine , & pouco generoſa , que à viſta do triunſo da Mãe de Deos no dia de ſua glorioſiſſima Aſumpção , & da ſuprema coroa que recebeo à mão direyta de ſeu Elho em premio dos trabalhos com que o ſervio , & acompanhou neſta vida , ſe não aliſte na familia da meſma Senhora ao menos com o foro de eſcravo , de- bayxo de hũa obrigação tão leve como a de rezar o ſeu

Rosário, para ser participante das mesmas glorias.

232 Desta maneyra se assemelha a Alma ao manjar que come com a meditação attenta de seus mysterios, & estando já semelhante pela operação do entendimento, entra a terceyra, & ultima, que he a da vontade; na qual se aperfeyçoa, & consumma a nutrição, unindo-se o que cômunga, & medita, ao mesmo Christo comido, & meditado, & incorporandose nelle. Diganos isto compendiosamente São Bernardino de Sena; porque do que fica declarado na primeyra, & segunda decocção se entende sem nova repetição esta ultima: *Ex tali recogitatione consurgit incorporatio, dum cogitans amorem Christi, reficitur, cui ex charitate conjungitur, ei que magis ac magis assimilatur, & incorporatur.* Não podia concluir o Santo, nem com mais propriedade, nem com mayor clareza o que digo. Com a meditação do entendimento cresce, diz elle, o amor na vontade (conforme o Texto de David: *Concaluit, cor meum*

intra me; & in meditatione mea exardescet ignis:) & com este calor sobrenatural, que he o instrumento immediato de todas as tres digestões, se une o que communga por charidade a Christo, & quanto mais se assemelha pelo entendimento a elle, tanto mais se incorpora pela vontade com elle: *Eique magis ac magis assimilatur, & incorporatur.*

233 E se me disserdes que cômungais, & não experimentais estes effeytos; essa he a ultima confirmação de tudo o que tenho dito, & da razão que tive para pregar, mais que nenhũa outra, esta materia. E porque não creais a experiencia das vossas tiezas, ouvi a de São Bernardino não rara, & só de alguma vez, ou muytas vezes, não de todos os dias: *Quotiescumque ad hoc Sacramentum accedor, decoquor cum immutor, digeror cum transformor, unior cum conformor.* Todas as vezes que chego ao Santissimo Sacramento, diz o devotissimo Bernardo, alli me mudo, alli me assemelho, alli me transformo. E

Bernard.

Psal.
38.4.

Bernard.
ser.6.
in Cant.

por

Cant.
6.2.

porque modo se mudava : porque modo se assemelhava : porque modo se transformava aquella Alma pura ? Por digestão , por concocção , & por uniaão , que são as tres operaçoens com que se apretheycoa a nutrição da Alma, como a do corpo : por digestão , *digeror* : por concocção , *decoquor* : por uniaão , *unior*. E para que ninguém duvide , que tudo se consegue pela virtude do Rosário , & meditação del- le ; tudo isto disse São Bernardo, cômmentando aquelle lugar dos Cantares, em que se diz, que o Senhor sacramentado se apascenta entre rosas: *Qui pascitur inter lilia*: Que he o mesmo sentido do nosso Texto : *Sicut acer- vus tritici, vallatus lilijis*.

§. V.

234 Tenhovos mostrando, devotos do santissimo Rosário, a harmonia que elle tem com o Santissimo Sacramento, diante de cujo Sacra- rio, & da imagem da Senho- ra o cantais aqui, ou rezais a Coros todos os dias nesta

hora. O que por conclusão vos peço em nome do mes- mo Christo sacramentado , & da mesma Virgem do Ro- sário , he que para 'conseguir os effeytos daquelle Divino Manjar , vos não contenteis só com as vozes do que re- zais , lenão com hum medi- tação muy attenta de seus soberanos mysterios. As Re- zes que Deos escolheo para os antigos sacrificios, em que se representava o de seu Corpo , & Sangue , eraõ fo- mente aquellas , que depois de comer tornaõ a ruminar , ou remoer aquillo mesmo que comeraõ. E que nos quiz Deos significar nesta escolha , & separação de ani- maes , excluindo todos os outros? São Cypriano: *De Cy- cæna Domini celebrantes sa- cramēta, cōmonemur, quasi ru- minans pecus , revocare ad fauces, quæ sumpsimus*. Quiz- nos Deos ensinar , & amoes- tar com esta cerimonia [diz São Cypriano , & o mesmo diz São Gregorio) que to- dos aquelles, que participam da Cea do Senhor , que he o Santissimo Sacramento , haõ de ser como os animaes esco- lhidos

Levit
11.

Ose.
7.14:

lhidos para o sacrificio, & que assim como estes depois de comer, tornaõ a remoer muyto devagar o que comêraõ; assim nõs depois de cõmungar havemos de meditar, & considerer com muyta attençaõ, de quem he aquelle Corpo, & Sangue, & quaes sãõ os mysterios de nossa redempçaõ, que com elle, & por elle forãõ obrados. Assim o tinha profetizado ja no tempo dos mesmos sacrificios o Profeta Oseas: *Super triticum, & vinum ruminabunt.* Haõse de pòr a ruminar sobre o paõ, & sobre o vinho: sobre o paõ, que he o Corpo de Christo consagrado debayxo de especies de paõ; & sobre o vinho, que he o Sangue do mesmo Christo consagrado debayxo de especies de vinho: & naõ só diz, que o ham de comer, senãõ que sobre comido o haõ de ruminar: *Super triticum, & vinum ruminabunt.*

235 Dirã porẽm algum Critico, que parece naõ fallou o Profeta com propriedade; porque Christo Senhor nosso fallando deste paõ, & deste vinho sacra-

mentado, disse: *Qui manducet meam carnem, & bibit meum sanguinem: Quem comie a minha carne, & bebe o meu sangue: & o q se rumina, he o que se come, & naõ o que se bebe.* Mas nesta mesma que parece impropriedade, declarou o Profeta admiravelmente qual era o paõ de que fallava, que he o Corpo de Christo, & qual o vinho, que he o seu preciosissimo Sangue derramado por nosso amor, & por nosso remedio, & por isso dignissimo de ser ruminado, & considerado com profandissima attençaõ. Olhay quam expressamente o disse a Alma Santa, ajuntando o mesmo ruminar com o mesmo vinho: *Guttur tuum sicut vinum optimum dignum dilecto meo ad potandum, labijsque, & dentibus illius ad ruminandum.* Para que se veja que o vinho, de que fallava o Profeta, he o vinho que se bebe, & se rumina: *Ad potandum, & ruminandum.* E declarando Alberto Magno que vinho he este, que se ha de ruminar, & qual he o modo com que se ha de ruminar,

Cant.
7.9.

Al-
bert.
Mag.
in hūc
locum.

minar diz assim: *Quia diu per cordis, & mentis iterationem debet ruminari Sacramentum saepe ad mentem revocando, & considerando.* De sorte que o vinho, que se ha de ruminar, he o sangue de Christo, & o modo com que se ha de ruminar, he meditando, & considerando nam de passagem, & de corrida, senão muyto devagar, & com grande attenção os mysterios do mesmo Sangue, preço de nossa redempção, que são todos os do Rosário; porque na Encarnação tomou o Filho de Deos a nossa carne, & sangue, na Payxão padecio na carne, & derramou o sangue, & na Resurreyção tornou a unir o sangue à carne, que he tudo o que contém no Sacramento o Corpo, & Sangue de Christo; & tudo o que nós no Rosário digesta, & distintamente consideramos.

236 E se me perguntardes quando se ha de fazer esta meditação, & qual he o tempo, em que se ha de ruminar estes mysterios? (que he ponto muyto essencial nesta materia) Não faltará

por ventura quem cuido; que o tempo he sómente quando acabamos de receber a Christo no Sacramento: & assim parece que o quiz dizer São Cypriano: *Quasi ruminans pecus, revocare ad fauces, quæ sumpsimus.* Mas eu digo, que ha de ser depois de cômungar, & antes de cômungar, & sempre, & todos os dias. Não deyxamos dito, & provado, que o mesmo Christo, que se come no Sacramento, se digere no Rosário. Pois assim como o Rosário se reza todos os dias, assim o Sacramento se digere todos os dias, & se ha de ruminar todos os dias. O primeyro que cômungou o Sacramento, foy o mesmo Christo, quando o instituiu na Cea: Que ruminasse o Senhor seu proprio Corpo sacramentado; não ha duvida; porque aquella communhão foy a mais perfeyta, & o exemplar das nossas, mas parece que o ruminou pouco tempo, porque depois de cômungar teve poucas horas de vida. Assim o imaginava tambem eu; quando São Paulino cõ-

tempo-

S. Pau-
lin.in
quadã
epist.

237.

temporaneo do mesmo. São Cypriano me ensinou o que ultimamente vos disse, com estas admiraveis palavras: *Salvator noster simul hanc nobis escam, & ruminavit docens, & prompsit impertiens.* Christo Salvador nosso [diz o Santo] deunos o Sacramento na hora em que o instituiu, mas ruminou o mesmo Sacramento em todo o tempo que nos ensinou. O tempo em que Christo nos ensinou, foraõ os ultimos tres annos de sua vida, a hora em que instituiu o Sacramento, foy pouco antes da sua morte, & aquelle mesmo Sacramento, que instituiu, & cõmungou hũa só vez, & em hũa só hora, esse andou ruminando tres annos inteyros, em que nos ensinou os mysterios, que nelle estaõ encerrados: *Nobis, & ruminavit docens, & prompsit impertiens.* Quantas vezes ensinou Christo o mysterio de sua Encarnação, quantas o de sua Payxão, quantas o de sua Resurreyção [que são os mesmos do Rosario] & tudo isto antes do Sacramento? Depois de instituir o Sacra-

mento, & se cõmungar a ly mesmo nelle, tudo o que ensinou aos Discipulos, foy huma repetição dos mesmos mysterios, os quaes tambem reduzio àquelle breve circulo, em que no principio mostramos recopilados os do Rosario: *Exiit à Patre, & veni in mundum, iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem.* De maneyra que antes do Sacramento, & depois do Sacramento sempre o Senhor o ruminou, para nos ensinar a que tambem o façamos assim, não só depois de cõmungar, senam antes, & sempre. Os que communhão de oyto em oyto dias haõ de ruminar aquelles mysterios todos os dias da semana: & os que communhão de mez em mez, todos os dias do mez: & isto sem mudar, ou accrescentar outro exercicio, senão meditando, & ruminando attentamente o mesmo Rosario que rezaõ. Dos que só communhão de anno em anno, não fallo, porque estes nem são devotos do Rosario, nem do Sacramento; & se pòde duvidar se são Christãos.

Ioan.
16.28.

238 Finalmente , para que conste a todos , quanta differença vay dos que meditaõ estes sagrados mysterios aos que os não meditaõ , & dos que rumaõ , ou não rumaõ o que commungaõ , & comem no Divinissimo Sacramento , vejaõ huns , & outros o differente foro , em que o mesmo Senhor os recebe quando o recebem. Muyto he de reparar , que quando Christo Redemptor nosso entrou neste mundo , não só entrou como humanado , senão como sacramentado , em fêde que elle era o pão vivo , que desceo do Ceo para nos dar vida : *Ego sum panis vivus , qui de Calo descendit : si quis manducaverit ex hoc pane , vivet in æternum*. Por isso não nasceu o Senhor em outra Cidade , senão da de Belem , nem em outro lugar de Belem , senão em hum Presépio. Em Belem , porque Belem quer dizer , *Domus panis* : Casa de pão : & em hum Presépio , ou mangedoura , como trigo que nasce entre as palhas. Assim que com verdadeyra propriedade po-

demos dizer , que a Lapa de Belem toy a primeyra Capella do Santissimo Sacramento , & a mangedoura , ou Presépio o primeyro Sacrario. A hum , & outro lado deste pobre , & riquissimo Sacrario , parece , que haviaõ de assistir dous Cherubins ; como aos lados da Arca do Testamento ; mas já o Profeta Habacuc tinha dito , que não haviaõ de ser senão dous animaes : *In medio duorum animalium cognosceris*. E se perguntarmos a Isaías , que animaes haviaõ de ser , ou foraõ estes , responde , que hum boy , & hum jumento : *Cognovit bos possessorem suum , & affinis Presépe Domini sui*. Pois se Christo vinha em fôrma , ou representação de sacramentado , porque quiz que os animaes , que o assistissem , não fossem da mesma ; senão de differente especie ; & hum delles nomeadamente boy , & outro jumento ? Para que nesta mesma differença se conhecesse o differente foro , que tem na Casa do Pão do Ceo , os que de hum modo , & de outro se chegaõ a elle. O boy

boy he animal que rúmina , o jumento he animal que não rumina : & da mesma maneyra entre os que chegam à Mesa do Divino Sacramento ha huns que ruminão , & meditaõ aquelles sagrados mysterios , & outros que os não ruminão , nem meditaõ. Mas assim como o boy, que ruma, he animal estimado de Deos , & escolhido para o sacrificio , & o jumento que não rumina , reprovado , & excluido , assim estima o mesmo Senhor , & se agrada muyto dos que meditaõ , & ruminão seus mysterios : & pelo contrario, dos que os não ruminão, nem meditaõ , posto que os não exclua, não se agrada ; porque mais cõmunhão como jumentos , que como homens. Veja agora cada hum se quer ficar neste foro.

239 Da Virgem Senhora nossa no Prêlepio diz o Evangelista, que dentro da sua Alma meditava , & conferia o mesmo mysterio , ponderando todas as circumstancias delle : *Maria autem cõservabat omnia verba hec, conferens in corde suo.* E por-

Luc.
2.19.

que o mesmo fazia em todos os outros , & quer que nós tambem o façamos ; como Mestre Divina deste soberano exercicio da meditação , & oração , as ajuntou ambas no seu Rosario: para que assim como conta por conta himos rezando as Oraçoens , que lhe offerecemos em cada hum dos passos da Vida, Morte , & Refurreyção do seu benditissimo Filho , assim , & com muyto mayor vagar , & attençaõ meditemos parte por parte os mysterios delles , & os vamos trasladando , & imprimindo no mais interior de nossas Almas. Oh ditosas , & bemaventuradas aquellas , q̃ por este modo verdadeyramente celestial , digirirem o pão do Ceo, que recebem no Divinissimo Sacramento : porque assim o convertêraõ , ou se converterão na sua propria substancia , & lograrão a perfeyta , & sobrenatural nutrição, que nas tibias , indevotas , & miseraveis se não luz , pelo comerem indegefeto.

240 O principal mysterio dos que se encerram no San-

Cor.
1.26,

Santissimo Sacramento, heo de sua Morte, & Payxão, porque se não morrera, não importara o ter nascido, & também se não morrera, não reluscitara, nem nos levára consigo ao Ceo. Por esta razão nos encarrega tanto São Paulo; que quando cômungarmos, meditemos a morte do Senhor: *Quotiescumque enim manducabitis panem hunc, & calicem bibetis, mortem Domini annuntiabitis.* E esta sacratissima morte de infinito prego, se com a meditação, & consideração della a não dirigimos, aproveytar-nos ha alguma coula para a emenda da vida? Taõ pouco, como a nossa mesma morte, se a tomamos a vultto, & indigesta, sem considerar o que he, & o que havemos de ser. Ouvi a São Zeno fallando de Adam: *Sacra arboris pomum malè dulce deliquit, lacrymas reperit, dolores, & gemitus, spinas & tribulos sibi met comparavit, ultimoque sudore turbatus posteris hereditatem indigestæ mortis dereliquit.* Comeo Adão da Arvore vedada, & digirio o Pomo em lagri-

Tom. 3.

mas, em gemidos, em dores, em espinhos, & nos suores, a que foy condemnado para comer o triste pão, de que se sustentasse: & o peyor de tudo foy, que a nós seus descendentes nos deyxou por herança a morte indigesta: *Indigestæ mortis hereditatem posteris dereliquit.* E que quer dizer, que Adão não só nos deyxou por herança a morte, senam a morte indigesta? Quer dizer o que elle fez, & o que nós fazemos. Quando Deos notificou a Adam a sentença de morte no caso em que comeffe; o que elle devia fazer, era considerar muyto de proposito, & digirir primeyro consigo, que coula era aquella, a que Deos chamava morte, sendo certo que se bem o considerara, nunca se atreveria a comer: mas elle tragando indigestamente a morte, comeo o Pomo crû sobre o indigesto, & porque esta morte assim indigesta foy a que elle nos deyxou por herança, por isso peccamos tão sem temor, como elle peccou. O mais efficaz remedio para não peccar, he a consideração da morte.

Eccl.
7.40.

morte por onde havemos de entrar ou ao Ceo, ou ao Inferno para lempre: *Memora-
re novissima tua, & in aeternum non peccabis.* E com tudo vendo nós cada dia morrer a tantos, não deyxamos de peccar. Porque! Porque essa mesma morte vista não a consideramos, nem a digirimos. Pois assim como a nossa morte nos não emenda por falta de digestão, & consideração, assim também a Morte, & Payxão do mesmo Christo, a quem comemos no Sacramêto, nos aproveyta pouco, porque de tal modo o comem muytos, co-

mo se não estiverã alli.

241 Seja pois a conclusão de tudo, que unindo a meditação do Rosario com o Santissimo Sacramento, & a cômunhaõ do Santissimo Sacramento com o Rosario, digiraõ as nossas Almas em hum, o q̃ comem no outro, de tal sorte, que aquelle Divino Paõ crezca em nós à grandeza de hum monte: *Sicut acervus tritici.* E das rolas, com que a Virgem do Rosario o cerca nesta vida: *Vallatus lilijs*: nos teça na outra, como faz a seus devotos, hũa Coroa de Gloria, &c.

F I M.

IN-

I N D E X

Dos Lugares da Sagrada Escritura.

Os Numeros, significação as Paginas, & as Colunas.

Ex Lib. Genes.

- Cap. 2. v. 15. **V** Toperaretur, & custodiret illum. Pag. 167. col. 1.
 v. 17. In quocumque die comederis ex eo, morte morieris. pag. 371. col. 2.
 Cap. 3. v. 1. Cur precepit vobis Deus? pag. 167. col. 1. in fin.
 v. 4. Nequaquam morte moriemini. pag. 371. col. 2.
 v. 6. Vidit igitur mulier quod bonum esset lignum ad vescendum, & pulchrum oculis. pag. 294. col. 2.
 v. 8. Cum audissent vocem Dei deambulantis in Paradiso. pag. 192. col. 1.
 Cap. 6. v. 2. Videntes filij Dei filias hominum quod essent pulchre. pag. 254. col. 2.
 v. 5. Videns Deus, quod... cuncta cogitatio cordis intentia esset ad malum. pag. 229. col. 2. in princ. & seqq.
 v. 7. Delebo, inquit, hominem... a facie terra. pag. 239. col. 2.
 v. 12. Omnis quippe caro corruperat viam suam. pag. 254. col. 2. in med.

Cap. 8. v. 21. Odoratus est Dominus odorem suavitatis. pag. 223. col. 1. & pag. 506. col. 1. ante fin.

Ibid. Nequaquam ultra maledicam terra propter homines: sensus enim, & cogitatio humani cordis in malum prona sunt. pag. 239. col. 2. in fin. & seqq.

Cap. 9. v. 13. Arcum meum ponam in nubibus, & erit signum faderis inter me, & inter terram. pag. 240. col. 2. & pag. 314. col. 2.

v. 14. & seqq. Cumque obduxero nubibus calum, apparebit arcus meus in nubibus: &c. & videbo illum; & recordabor faderis: &c. pag. 241. col. 1. in fin. & pag. 314. col. 2.

Cap. 12. v. 1. Dixit autem Dominus ad Abram. pag. 100. col. 2.

v. 7. Apparuit autem Dominus Abrã, & dixit ei. pag. 100. col. 2.

Cap. 13. v. 14. Dixitque Dominus ad Abram. pag. 100. col. 2.

Cap. 15. v. 1. & 2. Factus est sermo Domini ad Abram, dicens: &c. Dixit-

- que Abram: Domine Deus: &c.
pag. 100. col. 2. in fin.
- Cap. 18. v. 27. Loquar ad Dominum,
cum sim pulvis, & cinis. pag. 100.
col. 2.
- Cap. 27. v. 27. & 28. Statimque ut sensit ve-
stimentorum illius fragrantiam, bene-
dicens illi, ait: &c. pag. 505. col. 2.
in med.
- Cap. 33. v. 4. Currens itaque Esau ob-
viam fratri suo, amplexatus est eum:
&c. pag. 194. col. 2. in fin.
- Cap. 37. v. 7. Putabam nos ligare mani-
pulos in agro: &c. pag. 39. col. 1. in
princ.
- v. 9. Vidi per somnium quasi Solem, &
Lunam: &c. pag. 39. col. 1. in princ.
- Cap. 39. v. 11. Absque arbitris. pag. 482.
col. 2.
- Cap. 41. v. 3. Feda, confectaque macie.
Sermon. ultim. pag. 150. col. 1. in
princ.
- Ibid. Et pascebantur in ipsa amnis ri-
pa in locis virentibus. Sermon. ultim.
pag. 149. col. 1. in med.
- Cap. 50. v. 16. & 17. Pater tuus praecepit
nobis, antequam moreretur, ut hac
tibi verbis illius diceremus: Obse-
cro, ut obliviscaris sceleris fratrum
tuorum, & peccati atque malitia,
quam exercuerunt in te pag. 55. col.
2. & seqq.
- Ex Lib. Exod.
- Cap. 3. v. 3. Vadam, & videbo visionem
hanc magnam pag. 226. col. 2. post
med.
- v. 5. Locus enim in quo stas, terra san-
cta est. pag. 227. col. 1. in princ.
- Cap. 4. v. 10. Non sum eloquens ab heri,
& nudiustertius pag. 103. col. 1.

- Ibid. Et ex quo locutus es ad servum tuum,
impedioris, & tardioris lin-
guae sum pag. 103. col. 1.
- Cap. 16. v. 19. Nullus relinquat ex eo in
mane pag. 73. col. 1. in princ.
- v. 20. Dimiserunt quidam ex eis usque
mane, & scatere capit vermibus, at-
que computruit pag. 73. col. 1.
- v. 33. Repone coram Domino pag. 337.
col. 2.
- Cap. 17. v. 9. Egressus, pugna contra A-
malech: cras ego stabo in vertice
collis, habens virgam Dei in manu
mea pag. 354. col. 1. in fin.
- v. 11. Cumque levaret Moyses manus,
vincebat Israel: sin autem paululum
remisisset, superabat Amalech. pag.
353. col. 2. & seqq.
- Cap. 25. v. 31. & seqq. Facies & Cande-
labrum ductile de auro mundissimo:
&c. pag. 30. col. 1. in princ. & seqq.
- v. 34. Spharula per singulos, & lili.
pag. 31. col. 2. in fin.
- v. 40. Fac secundum exemplar, quod ti-
bi in monte monstratum est pag. 182
col. 1. in fin. & pag. 226. col. 1.
- Ex Lib. Levitic.
- Cap. 9. v. 24. Et ecce egressus ignis a Do-
mino, devoravit holocaustum, &
adipes, qui erant super altare. pag.
290. col. 1. in princ.
- Cap. 20. v. 24. Terram fluentem lacte, &
melle pag. 419. col. 2. & seqq.
- Ex Lib. Numer.
- Cap. 20. v. 11. Percutiens virga bis fili-
cem, egressae sunt aquae largissimae.
pag. 235. col. 1.
- Cap. 21. v. 5. Anima nostra jam nauseat
super cibo isto levissimo pag. 74. col.
1.

Lugares da Sagrada Escritura.

- v. 8. *Pone eum pro signo. Qui percussus aspexerit eum, vivet.* pag. 226. col. 1.
 Cap. 26. v. 10. *Factum est grande miraculum, ut Coré perennite, filij illius non perirent.* pag. 503. col. 1. & seqq.
 Cap. 28. v. 2. *Secundum Text. Hebr. Oblationem meam, panem meum, ignitiones meas.* pag. 289. col. 2.
 v. 3. & 4. *Agnos anniculos immaculatos duos quotidie: Et unum mane, Et alterum ad vespertum.* pag. 290. col. 1. in princ.
 Ibid. *In holocaustum sempiternum.* pag. 292. col. 2.

Ex Lib. Deuteron.

- Cap. 4. v. 24. *Dominus Deus tuus ignis consumens est.* pag. 290. col. 1. in princ.
 Cap. 6. v. 4. *Audi Israel, Dominus Deus noster, Deus unus est.* Serm. ultim. pag. 158. col. 2.
 Ex Lib. Josue.
 Cap. 1. v. 7. *Ut intelligas cuncta, qua agis.* pag. 136. col. 1.
 v. 8. *Non recedat volumen legis hujus ab ore tuo: sed meditaberis in eo diebus, ac noctibus.* pag. 136. col. 1.
 Cap. 2. v. 4. *Secund. Text. Hebr. Acceperat autem mulier viros illos, & abscondit illum.* pag. 263. col. 1. in princ.

- v. 18. *Funiculus coccineus.* pag. 260. col. 1. & pag. 265. & seqq.
 Ibid. *In fenestra.* pag. 266. col. 1.
 Cap. 10. v. 11. *Et mortui sunt multo plures lapidibus grandinis, quam quos gladio percusserant filij Israel.* pag. 432. col. 1. in fin.
 v. 12. *Locutus est Josue Domino.... dixitque.... Sol contra Gabaon ne mo-*

- vearis.* pag. 82. col. 1. & pag. 432. col. 1. in princ.
 Ibid. *Et Luna contra vallem Aialon.* pag. 432. col. 1. in princ.
 v. 14. *Obediente Domino voci hominis.* pag. 82. col. 1.

Ex Lib. Judic.

- Cap. 7. v. 2. *Multus tecum est populus, nec tradetur Madian in manus ejus.* pag. 442. col. 2.
 v. 3. *Qui formidolosus, & timidus est, revertatur.* pag. 443. col. 1. in princ.
 v. 4. *Adhuc populus multus est.* pag. 443. col. 1.
 v. 5. *Qui lingua lambuerint aquas, sicut solent canes lambere.* pag. 443. col. 1. in med.
 v. 12. *Sicut arena qua jacet in litore maris.* pag. 442. col. 2. in princ.
 v. 16. *Divisi que trecentos viros in tres partes, & dedit tubas in manibus eorum, lagenasque vacuas, ac lampades in medio lagenarum.* pag. 443. col. 1. in fin.
 Cap. 14. v. 14. *De comedente exiit ci-bus, & de forti egressa est dulcedo.* pag. 416. col. 2.
 Cap. 15. v. 4. *Caudasque earum junxit ad caudas, & faces ligavit in medio.* pag. 381. col. 1.

Ex Lib. 1. Reg.

- Cap. 1. v. 12. *Cum illa multiplicaret preces coram Domino.* pag. 7. col. 1.
 v. 13. *Tantumque labia illius movebantur, & vox penitus non audiebatur.* pag. 7. col. 1.
 Cap. 3. v. 7. *Porro Samuel necdum sciebat Dominum, neque revolutus fuerat ei Sermo Domini.* pag. 135. col. 1. in fin.

- 1 v.10. Loquere, Domine, quia audit
servus tuus pag.135.col.2.
- Cap.8.v.6. Da nobis Regem.p.226.col.1
v.20. Et egredietur ante nos pag.226.
col.1.
- Cap.10.v.5. Venies in collem Dei....
obvium habebis gregem Prophetarum
descendentium de excelsis: &c.
pag.197.col.2. & seqq.
- v.6. Insiliet in te Spiritus Domini: &c. &
mutaberis in virum alium. pag.197
col.1. in fin. & col.2. & seqq.
- v.10. Insiluit super eum Spiritus Domi-
ni, & prophetavit in medio eorum.
pag.198.col.2. in princ.
- Cap.17.v.4. Altitudinis sex cubitorum,
& palmi pag.440.col.2. in fin.
- v.5. & seqq. Cassis erca super caput ejus,
& lorica squamata induebatur.
Porrò pondus lorice: &c. pag.423.
col.2. in fin. & seqq.
- v.9. Si percusserit me, erimus vobis
servi: si autem ego prevailero, ser-
vietis nobis pag.423.col.2.
- v.11. Audiens autem Saul, & omnes
Israelite sermones Philisthai huius-
cemodi, stupebant, & metuebant ni-
mis pag.423.col.1. in fin.
- v.33. Non vales resistere Philisthao istit
quia puer es. pag.441.col.1.
- v.36. Leonem, & ursam interfeci ego
servus tuus. pag.417.col.1. in princ.
- v.39. Accinctus David gladio ejus su-
per vestem suam pag.425.col.2.
- Ibid. Non usum habeo pag.425.col.2.
- v.45. Tu venis ad me cum gladio, &
hasta & clypeo: &c. pag.426.col.1.
& pag.428.col.2.
- v.46. Percussam te, & auferam caput
tuum à te. pag.425.col.2. in fin.

- v.49. Tulit unum lapidem, & funda
jecit: &c. pag.427.col.1. & 429.col.1.
- v.51. Tulit gladium ejus, & interfecit
eum. pag.425.col.2.
- Ibid. Videntes autem Philisthij, quod
mortuus esset fortissimus eorum, fu-
gerunt pag.429.col.1. & pag.441.
col.2. in fin.
- Cap.18.v.4. Vique ad balteum pag.451.
col.1. in fin.
- Cap.21.v.11. Percussit Saul mille, &
David decem millia pag.441.col.2.
in med.
- Ex Lib.2. Reg.
- Cap.12.v.13. Peccavi Domino. pag.461
col.1. in princ.
- Ibid. Dominus quoque transtulit pec-
catum tuum pag.461.col.1. & 2.
- Cap.18.v.3. Quia tu unus pro decem
millibus computaris pag.441.col.2.
- Ex Lib.3. Reg.
- Cap.2.v.5. Effudit sanguinem belli in
pace, & posuit cruorem pralij in bal-
teico suo. pag.451.col.1.
- Cap.5.v.4. Non est Saran, neque occur-
sus. malus pag.411.col.1.
- Cap.8.v.9. In arca autem non erat aliud,
nisi due tabulae, quas posuerat in ea
Moyse pag.337.col.1. in fin.
- Cap.10.v.17. Salus Libani p.288.col.2.
- Cap.21.v.25. Venundatus est, ut faceret
malum pag.297.col.2.
- v.29. Nonne vidisti humilitatem A-
chab? pag.225.col.2. in princ.
- Ex Lib.4. Reg.
- Cap.2.v.9. Fiat in me duplex Spiritus
tuus. pag.493.col.1. in fin.
- Cap.3.v.21. Convocaverunt omnes, qui
accincti erant balteo desuper. pag.
451.col.1.

Lugares da Sagrada Escriptura.

5

Cap. 21. v. 12. *Ut timentiamus ambo aures ejus. pag. 130. col. 2. in fin.*

Ex Lib. 1. Paralipom.

Cap. 16. v. 8. *Consecramini Domino, & invocare nomen ejus: notas facite in populus adinventiones ejus. pag. 157. col. 1. in princ.*

Cap. 22. v. 9. *Filius, qui nascetur tibi, erit vir quietissimus: faciam enim eum requiescere ab omnibus inimicis suis per circuitum: & ob hanc causam Pacificus vocabitur. p. 415. c. 2. in fin.*

Ex Lib. 2. Paralipom.

Cap. 7. v. 1. *Ignis descendit de calo, & devoravit holocausta, & victimas. pag. 290. col. 1. in princ.*

Cap. 20. v. 10. & 11. *Nunc igitur ecce filij Ammon, & Moab, & mons Seir: Ecce nituntur ejicere nos de possessione, quam tradidisti nobis. p. 435. v. 1.*

v. 12. *Deus noster, ergo non judicabis eos? In nobis quidem non est tanta fortitudo, ut possimus huic multitudi resistere. pag. 435. col. 1. in fin.*

v. 13. *Omnis vero Juda stabat coram Domino cum parvulis, & uxoribus, & liberis suis. p. 435. col. 2. in med.*

v. 21. *Deditque consiliu populo, & statuit cantores Domini, ut laudarent eum in turmis suis, & antecederent exercitum. pag. 436. col. 1. in med.*

Ex Lib. Judith.

Cap. 4. v. 10. *Et clamaverunt ad Deum Israhel unanimiter, ne darentur in pradam infantes eorum, & uxores eorum in divisionem: &c. pag. 18. col. 2. in fin. & seqq.*

Cap. 9. v. 11. *Erige brachium tuum, sicut ab initio: & allide virtutem illorum in virtute tua: cadat virtus eorum in iracundia tua. pag. 17. col. 1. in princ.*

& pag. 18. col. 1. in princ.

Ibid. *Qui promittunt se violare sancta tua, & polluere tabernaculum nominis tui, & deicere gladio suo cornu altaris tui. pag. 17. col. 1. in med. & pag. 18. col. 1. in princ.*

Ex Lib. Esther.

Cap. 2. v. 9. *Invenit gratiam in conspectu illius. pag. 238. col. 1. in med.*

v. 17. *Adamarvit eam Rex plus quam omnes mulieres. pag. 238. col. 1.*

Cap. 5. v. 3. *Quid vis? ... Etiam si dimidiam partem Regni petieris, dabitur tibi. pag. 47. col. 1.*

Cap. 15. v. 8. *Ipsa autem roseo colore vultum perfusa, & gratis, ac nitentibus oculis. pag. 238. col. 2. & seqq.*

v. 13. *Non pro te, sed pro omnibus hac lex constituta est. p. 238. c. 2. in princ.*

Ex Lib. Job.

Cap. 1. v. 8. *Nunquid considerasti servum meum Job? pag. 455. col. 1. in med.*

Cap. 4. v. 12. *Et quasi furruve suscepit auris mea venas susurri ejus. pag. 104. col. 1. & 2.*

v. 18. *In Angelis suis reperit pravitate. pag. 248. col. 1.*

Cap. 6. v. 2. & 3. *Viniam appenderentur peccata mea, quibus iram merui, & calamitas, quam patior, in statera. Quasi arena maris hac gravior appareret. p. 104. col. 2. in fin. & seqq.*

Cap. 8. v. 13. *Spes hypocrisis peribit. pag. 224. col. 2. in med.*

Cap. 9. v. 3. *Si volueris contendere cum eo, non poterit ei respondere unum pro mille. pag. 455. col. 1.*

Cap. 11. v. 2. *Nunquid quis multa loquitur, non & audiet? Aut vir verbosus justificabitur? pag. 99. col. 2. & seqq.*

- v.5. *Vinam Deus loqueretur tecum, & aperiret labia sua tibi!* pag. 99. col. 2. & seqq.
- Cap. 12. v. 18. *Balteum Regum dissolvit.* pag. 451. col. 1.
- Cap. 38. v. 4. *Vbi eras?* & c. pag. 349. col. 1.
- v. 7. *Cum me laudarent simul astra matutina, & jubilarent omnes filij Dei?* Pag. 349. col. 1.
- Ex Lib. Psalmor.
- Psal. 2. v. 1. *Meditati sunt inania.* pag. 134. col. 1. in fin.
- v. 7. & 8. *Filius meus es tu: ego hodie genui te. Postula a me, & dabo tibi Gentes hereditatem tuam.* pag. 46. col. 1. & seqq.
- v. 9. *Reges eos in virga ferrea.* pag. 231. col. 1. & pag. 234. col. 2. in fin. & seqq.
- Ibid. *Et tanquam vas figuli confringes eos.* pag. 231. col. 1. & pag. 235. col. 1. in fin. & seqq.
- v. 10. *Et nunc Reges intelligite: erudimini qui iudicatis terram.* pag. 231. col. 1. in princ.
- Psal. 3. v. 5. *Voce mea ad Dominum clamavi: & exaudivit me de monte sancto suo.* pag. 5. in fin. & pag. 6. in princ. & col. 2. in fin.
- Psal. 7. v. 8. *Exurge, Domine, in precepto, quod mandasti: & synagoga populorum circumdabit te.* pag. 181. col. 1. & seqq.
- Psal. 8. v. 1. *Pro torcularibus.* Pag. 507. col. 2. in princ. & pag. 511. col. 2.
- v. 3. *Ex ore infantium, & lactentium perfecisti laudem.* pag. 512. col. 1. in fin.
- Psal. 10. v. 17. *Desiderium pauperum*
- exaudivit Dominus.* pag. 472. col. 1. in med.
- Psal. 11. v. 3. *In corde, & corde locuti sunt.* pag. 352. col. 1. in princ.
- v. 7. *Argentum igne examinatum, purgatum septuplum.* pag. 189. col. 2. in med.
- Psal. 16. v. 1. *Exaudi, Domine, justitiam meam: intende deprecationem meam: Auribus percipe orationem meam, non in labijs dolosis.* pag. 361. col. 2. in fin. & seqq.
- Psal. 17. v. 6. *Dolores inferni circumderunt me.* pag. 515. col. 2.
- v. 26. & 27. *Cum Sancto Sanctus eris, & cum viro innocente innocens eris:* & c. pag. 232. col. 2. & seqq.
- Psal. 18. v. 6. *In sole posuit tabernaculum suum.* pag. 387. col. 1.
- v. 7. *A summo caelo egressio ejus, & occursum ejus usque ad summum ejus.* Serm. ult. pag. 148. col. 1.
- Psal. 20. v. 4. *In benedictionibus dulcedinis.* pag. 415. col. 2.
- Psal. 21. v. 23. *In medio Ecclesie laudabo te.* pag. 277. col. 1.
- v. 26. *Apud te laus mea in Ecclesia magna.* pag. 277. col. 1.
- Psal. 23. v. 1. *Domini est terra, & plenitudo ejus: orbis terrarum, & universi qui habitant in eo.* pag. 360. col. 2. in fin.
- v. 3. *Quis ascendet in montem Domini? Aut quis stabit in loco sancto ejus?* pag. 361. col. 1. in princ.
- v. 4. *Innocens manibus, & mundo corde.* pag. 361. col. 1. & 2.
- v. 7. *Aut tollite portas, Principes, vestrae.* pag. 38. col. 2. in princ.
- Psal. 26. v. 8. *Tibi dixit cor meum.* pag. 351. col. 1. v. 12.

Lugares da Sagrada Escritura.

7

- v.12. *Mentita est iniquitas sibi.* pag. 386. col. 1. in princ.
- Pfal. 28.v.1. & 2. *Afferite Domino Filij Dei: afferite Domino filios arietum. Afferite Domino gloriam, & honorem: &c.* pag. 114. col. 2. in fin. & segg.
- v.3. & segg. *Vox Domini super aquas: &c. Vox Domini in virtute: vox Domini in magnificentia. &c.* pag. 115. col. 2.
- Pfal. 29.v.10. *Quæ utilitas in sanguine meo, dum descendo in corruptionem? Sermon. ultim. pag. 153. col. 1.*
- Pfal. 30.v.19. *Muta fiant labia dolosa.* pag. 343. col. 1. circa fin.
- Pfal. 31.v.9. *In camo, & fræno maxillas eorum constringe, qui non appropinquant ad te.* pag. 177. col. 1. in princ.
- Pfal. 32.v.1. & 2. *Exultate iusti in Domino: rectos decet collaudatio. &c. In psalterio decem chordarum psallite illi.* pag. 179. col. 2.
- Pfal. 33.v.2. *Semper laus ejus in ore meo.* pag. 343. col. 1. in princ. & pag. 344. col. 2.
- Pfal. 35.v.5. *Iniquitatem meditatus est in cubili suo.* pag. 134. col. 2. in princ.
- Pfal. 36.v.4. *Delectare in Domino: & dabit tibi petitiones cordis tui.* pag. 353. col. 1. in princ.
- v.7. *Subditus esto Domino, & ora eum.* pag. 82. col. 2. in princ.
- v.30. *Os iusti meditabitur sapientiam, & lingua ejus loquetur iudicium.* pag. 101. col. 2.
- Pfal. 37.v.13. *Dolor tota die meditantur.* pag. 134. col. 1. in fin.
- Pfal. 38.v.4. *Concaluit cor meum intra me: & in meditatione mea exardescet ignis.* pag. 111. col. 2. & segg. & Sermon. ultim. pag. 17c. col. 1. in fin.
- Pfal. 39.v.7. *Sacrificium, & oblationem noluit: aures autem perfecisti mihi.* pag. 116. col. 1. & segg.
- Pfal. 44.v.1. *Secundum Text. Hebr. Pro Rosis.* pag. 346. col. 1. in princ. & segg.
- v.2. *Eructavit cor meum verbum bonum: dico ego opera mea Regi.* pag. 102. col. 1. & pag. 344. col. 2. & segg.
- Ibid. *Lingua mea calamus scribe.* pag. 344. col. 2. & segg.
- v.3. *Speciosus formâ præ filiis hominum.* pag. 346. col. 2. in princ.
- v.4. & 5. *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime: &c.* pag. 227. col. 1. & segg.
- v.8. *Vnix te Deus, Deus tuus oleo lætitiæ præ consortibus tuis.* pag. 487. col. 2. in med.
- v.10. *Astitit Regina à dextris tuis.* pag. 194. col. 1. & pag. 346. col. 2.
- Pfal. 45.v.1. *Secundum Text. Hebr. Pro Rosis.* pag. 336. col. 1. in fin.
- v.3. & 4. *Propterea non timebimus, dum turbabimur terra, & transferentur montes in cor maris. Sonuerunt, & turbata sunt aquæ eorum: &c.* pag. 335. col. 1. & segg.
- v.5. *Fluminis impetus lætificat Civitatem Dei: sanctificavit tabernaculum suum Altissimus.* pag. 335. col. 1. in fin.
- Pfal. 46.v.6. *Ascendit Deus in jubilatione, & Dominus in voce tubæ.* pag. 198. col. 1. in fin.

Pfal. 47. v. 8. *Ibi dolores ut parturientis.*
pag. 412. col. 1.

Pfal. 48. v. 21. *Homo cum in honore esset, non intellexit: comparatus est iumentis insipientibus, & similis factus est illis.* pag. 69. col. 2. & pag. 173 col. 2.

Pfal. 49. v. 3. *Deus manifeste veniet: Deus noster, & non silebit. Ignis in conspectu ejus exardescet: & in circuitu ejus tempestas valida.* pag. 329 col. 1.

Pfal. 50. v. 2. & 3. *Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam:* &c. pag. 230. col. 1. & 2.

v. 15. *Docebo iniquos vias tuas: & impii ad te convertentur.* pag. 230. col. 1. in med.

Pfal. 54. v. 6. *Quis dabit mihi pennas sicut columba: & volabo, & requiescam?* pag. 517. col. 2. in med.

v. 18. *Vespere, & mane, & meridie narrabo:* &c. pag. 95. col. 1.

v. 23. *Facta super Dominum curam tuam, & ipse te enutriet.* pag. 71. col. 2. in fin.

Pfal. 62. v. 4. *Melior est misericordia tua super vitas: labia mea laudabunt te.* pag. 221. col. 1. in princ.

v. 7. *In matutinis meditabor in te.* pag. 95. col. 1. in fin.

v. 10. & seqq. *Ipsi verò in vanum quaesierunt animam meam:* &c. pag. 221. col. 1. in fin.

Pfal. 65. v. 20. *Benedictus Deus, qui non amovit orationem meam, & misericordiam suam à me.* pag. 470. col. 2. & seqq.

Pfal. 67. v. 14. *Si dormitis inter medios ceros, penna columba, de argentata,*

& posteriora dorso ejus in pallore asseri. pag. 516. col. 2. & seqq.

v. 20. *Benedictus Dominus die quotidie.* pag. 284. col. 2. & seqq.

v. 22. *Aethiopia praeveniet manus ejus Deo.* pag. 502. col. 2. in princ. & pag. 515. col. 1.

Pfal. 68. v. 16. *Non me demergat tempestas aquae.* pag. 317. col. 2.

Pfal. 70. v. 14. *Adjiciam super omnem laudem tuam.* pag. 203. col. 1. & seqq.

v. 15. & 16. *Quoniam non cognovi literaturā, introibo in potentias Domini.* pag. 439. col. 2. & seqq.

Pfal. 71. v. 9. *Corā illo procident Aethiopes.* pag. 502. col. 1. in fin.

Pfal. 75. v. 2. *Factus est in pace locus ejus: & habitatio ejus.* pag. 184. col. 2. in princ.

Pfal. 80. v. 1. *Pro torcularibus.* pag. 507. col. 2. in princ. & pag. 511. col. 2.

v. 9. *Ego sum Dominus Deus tuus, qui eduxi te de terra Aegypti.* pag. 512. col. 2. in princ.

Pfal. 82. v. 19. *Tu solus Altissimus in omni terra.* pag. 9. col. 2.

Pfal. 83. v. 1. *Pro torcularibus filijs Core.* pag. 508. col. 2. in princ. & pag. 511. col. 2.

v. 6. *Beatus vir, cujus est auxilium abs te, ascensiones in corde suo disposuit, in valle lacrymarum.* pag. 512. col. 2.

Pfal. 84. v. 8. & 9. *Offende nobis, Domine, misericordiam tuam: & salutare tuum da nobis. Audiam quia loquatur in me Dominus Deus.* pag. 96. col. 1. in fin. & seqq.

Pfal. 86. v. 1. *In finem Filijs Core pro arcanis.* pag. 497. col. 1. in princ.

- v.3. Gloriosa dicta sunt de te, Civitas Dei. pag. 258. col. 2. & seqq.
- v.4. Memor ero Rahab, & Babylonis scientium me. pag. 258. col. 2. & seqq. & pag. 495. col. 2. & seqq.
- Ibid. Ecce alienigena, & Tyrus, & populus Ethiopum, hi fuerunt illic. pag. 495. col. 2. & seqq.
- v.5. Homo, & homo natus est in ea: & ipse fundavit eam Altissimus. pag. 495. col. 1.
- Psal. 89. v. 6. Mane sicut herba transeat, mane floreat, & transeat: &c. pag. 302. col. 2.
- v.9. Omnes dies nostri defecerunt. Anni nostri sicut aranea meditantur. pag. 302. col. 1.
- Psal. 93. v. 1. Deus ultionum: &c. pag. 234. col. 1. in fin.
- Psal. 102. v. 20. Benedicite Domino omnes Angeli ejus: potentes virtute facientes verbum illius, ad audiendam vocem sermonum ejus. pag. 66. col. 1.
- Psal. 103. v. 25. & 26. Hoc mare magnū, & spatiosum manibus: illic reptilia, quorum non est numerus. Animalia pusilla cum magnis: illic naves pertransibunt. pag. 320. col. 1. in fin. & seqq.
- Ibid. Draco iste, quem formasti ad illudendum ei. pag. 321. col. 1.
- Psal. 106. v. 6. Clamaverunt ad Dominum cum tribularentur. pag. 325. col. 1.
- v.25. & 26. Stetit spiritus procelle: & exaltati sunt fluctus ejus. Ascendunt usque ad celos, & descendunt usque ad abyssos. pag. 324. col. 1.
- Ibid. Anima eorum in malis tabescebat. pag. 324. col. 1.
- v.27. Turbati sunt, & moti sunt sicut ebrius: & omnis sapientia eorum devorata est. Pag. 324. col. 1. & seqq.
- v.29. Et statuit procellam in auram: & siluerunt fluctus ejus. pag. 325. col. 1.
- v.31. Consecrantur Domino misericordia ejus, & mirabilia ejus filijs hominum. pag. 325. col. 1. in fin.
- Psal. 111. v. 5. Fecundus homo, qui miseretur, & commodat, disponet sermones suos in iudicio. pag. 478. col. 2.
- Psal. 113. v. 16. Calum Cali Domino. pag. 6. col. 2.
- Psal. 115. v. 4. Simulachra gentium, argentum, & aurum, opera manuum hominum. pag. 85. col. 1. in med.
- v.16. Ego servus tuus, & filius ancille tue. pag. 455. col. 1. in princ.
- Psal. 118. v. 4. Tu mandasti mandata tua custodiri nimis. pag. 180. col. 1.
- v.5. Vinam dirigantur viae meae ad custodiendas justificationes tuas. pag. 180. col. 1. in fin.
- v.6. Tunc non confundar, cum perpexero in omnibus mandatis tuis. pag. 180. col. 2.
- v.8. Justificationes tuas custodiam: non me derelinquas usquequaque. p. 174. col. 2. in med.
- v.59. Cogitavi vias meas: & converti pedes meos in testimonia tua. pag. 140. col. 2.
- v.74. Videbunt me, & letabuntur: quia in verba tua supersperavi. pag. 226. col. 1.
- v.131. Os meum aperui, & attraxi spiritum: quia mandata tua desiderabam.

- rabam. pag. 171. col. 1. & 2.
 v. 137. *Insus es, Domine: & rectum
 iudicium tuum.* pag. 214. col. 1.
 v. 146. *Clamavi ad te, saluum me
 fac: ut custodiam mandata tua.* pag.
 186. col. 2. & seqq.
 v. 164. *Septies in die laudem dixi tibi.*
 pag. 95. col. 1.
 v. 169. *Appropinquet deprecatio mea
 in conspectu tuo.* pag. 8. c. 1. in princ.
 Psal. 120. v. 4. *Non dormitabit, neque
 dormiet, qui custodit Israel.* pag. 184.
 col. 1. in fin.
 Psal. 125. v. 5. *Qui seminant in lachry-
 mis, in exultatione metent.* pag. 228.
 col. 1. ante med.
 Psal. 134. v. 6. *Omnia quacunq; voluit
 Dominus, fecit in calo, & in terra.*
 pag. 59. col. 1.
 Psal. 138. v. 12. *Sicut tenebræ ejus, ita &
 lumen ejus.* pag. 184. col. 1. in fin.
 Psal. 140. v. 2. *Dirigatur, Domine, ora-
 tio mea, sicut incensum, in conspectu
 tuo.* p. 357. c. 2.
 Psal. 142. v. 2. *Non intres in iudicium
 cum seruo tuo: quia non justificabi-
 tur in conspectu tuo omnis vivens.*
 pag. 455. col. 1.
 v. 5. *Meditatus sum in omnibus operi-
 bus tuis: in factis manuum tuarum
 meditabar.* pag. 95. col. 2. & p. 97. c. 1
 v. 8. *Audiam fac mihi mane miseri-
 cordiam tuam.* pag. 94. col. 2. & seqq.
 v. 10. *Doce me facere voluntatem tuam,
 quia Deus meus es tu.* pag. 66. col. 1.
 in fin.
 Psal. 143. v. 1. *Benedictus Dominus.
 Deus meus, qui docet manus meas
 ad prælium, & digitos meos ad bel-
 lum.* pag. 427. col. 2. in fin. & sequen-
 tibus.

- v. 9. & 10. *Deus, canticum novum
 cantabo tibi: in psalterio deachorda.
 psallam tibi Qui das salutem Regi-
 bus: &c.* pag. 427. col. 2.
 Psal. 146. v. 9. *Qui dæ jumentis escam
 ipsorum: & pullis corvorum invo-
 cantibus cum.* pag. 472. col. 2. & seqq.
 Psal. 147. v. 14. *Qui posuit fines tuos pa-
 cem.* pag. 448. col. 2. in fin.
 Psal. 149. v. 1. *Lausejus in Ecclesia San-
 ctorum.* pag. 277. col. 1.
 Ex Lib. Proverb.
 Cap. 3. v. 32. *Cum simplicibus sermocina-
 tio ejus!* pag. 100. col. 1. in fin.
 Cap. 6. v. 27. *Nunquid potest homo abs-
 condere ignem in sinu suo, ut vesti-
 menta illius non ardeant?* pag. 113.
 col. 2. in princ. & pag. 256. col. 1. in
 princ.
 v. 28. & seqq. *Aut ambulare super pru-
 nas, ut non comburantur plantæ
 ejus? Sic qui ingreditur ad mulie-
 rem.* &c. pag. 256. col. 1. in princ.
 Cap. 8. v. 29. & 30. *Quando circundabat
 mari terminum suum, & legem po-
 nebat aquis, ne transirent fines suos.
 &c.* pag. 327. col. 1. in fin. & sequen-
 tibus.
 v. 34. *Beatus homo qui audit mæ.* pag.
 98. col. 2. & pag. 99. col. 1.
 Ibid. *Qui vigilat ad fores meas quo-
 tidie, & observat ad postes ostij mei.*
 pag. 97. col. 2. in fin. & pag. 99.
 col. 1.
 Cap. 17. v. 19. *Meditatur discordias.* pag.
 134. col. 1. in fin.
 Cap. 20. v. 13. *Aperi oculos tuos, & sa-
 turare panibus.* Serm. ultim. pag.
 167. col. 1. in fin.
 Cap. 24. v. 2. *Rapinas meditat.* pag. 134.
 col. 1. in fin. Ex

Lugares da Sagrada Escritura.

11

Ex Lib. Ecclesiastes.

Cap. 4. v. 12. Funiculus triplex difficile
rumpitur. pag. 261. col. 1. in med. &
pag. 265. col. 2.

Ex Lib. Cantic.

Cap. 1. v. 9. Equitatus meo in curribus
Pharaonis assimilavi te, amica mea.
pag. 354. col. 2. in fin.

v. 10. Gena tua sicut turris. pag.
106. col. 2. in fin. & seqq.

Ibid. Collum tuum sicut monilia pag.
107. col. 1. in princ. & sequenti-
bus.

v. 11. Mureculus aureus faciemus ti-
bi, vermiculatus argento. pag. 107.
col. 1. & seqq.

Cap. 2. v. 2. Sicut liliū inter spinas.
Sermon. ultim. pag. 147. col. 1. in
fin.

Ibid. Secundū Vers. Chaldaic.
Comparatus sum rosa, quae inter spi-
nas germinat. Sermon. ultim. pag.
147. col. 2. in princ.

Cap. 3. v. 11. Egredimini, & videte, filie
Sion, Regē Salomonem in diademate,
quo coronavit illum mater sua. pag.
36. col. 2.

Cap. 4. v. 3. Secundū Septuaginta.
Sicut funiculus coccineus labia tua,
& eloquium tuum decōrum. pag.
264. col. 2. in fin. & seqq.

Ibid. Sicut vitta coccinea labia tua.
Sermon. ultim. pag. 147. col. 1. in
fin.

v. 4. Sicut turris David calum tuum.
Mille chypei pendent ex ea. pag. 453.
col. 1. in fin.

v. 15. Puteus aquarum viventium.
pag. 177. col. 2.

Cap. 5. v. 2. Vox dilecti mei pulsantis :

Aperi, mihi soror mea, amica mea,
columba mea, immaculata mea.
pag. 109. col. 1. & seqq.

Ibid. Quia caput meum plenum est
rore, & cincinni mei guttis nocturni.
pag. 110. col. 1.

v. 13. Labia eius lilia. Sermon. ultim.
pag. 147. col. 1.

Cap. 6. v. 2. Qui pascitur inter lilia. Ser-
mon. ultim. pag. 171. col. 1.

v. 3. Decora sicut Jerusalem: terribi-
lus ut castrorum acies ordinata. pag.
448. col. 2.

v. 8. Viderunt eam filia, & Beatissi-
mam predicaverunt. pag. 447.
col. 1. in med.

v. 9. Quae est ista, quae progreditur, quae
si Aurora consurgens? pag. 446. col.
2. & seqq.

Ibid. Pulchra ut Luna. pag. 238. col. 1.
in med. & pag. 248. col. 2. & pag.
446. col. 2. & seqq.

Ibid. Electa ut Sol. pag. 248. col. 2. &
pag. 446. col. 2. & seqq.

Ibid. Terribilis ut castrorum Acies
ordinata. pag. 446. col. 2. & seqq.

Cap. 7. v. 2. Venter tuus sicut acervus tri-
tici, vallatus lilijs. Sermon. ultim.
pag. 146. & seqq. per tot. Sermon.

v. 9. Guttur tuum sicut vinum optimū,
dignum dilecto meo ad potandum :
&c. Sermon. ultim. pag. 172. col. 2.
in med.

v. 13. In portis nostris omnia poma :
nova, & vetera, dilecte mi, serva-
vi tibi. pag. 288. col. 2.

Cap. 8. v. 6. Pone me ut signaculum su-
per cor tuum, ut signaculum super
brachium tuum. pag. 340. col. 2. in
princ. & seqq.

v.10. Ego mirus: & ubera mea sicut
turris, ex quo facta sum coram eo
quasi pacem repiciens. pag. 449.
col. 1.

Ex Lib. Sapient.

Cap. 2. v. 8. Coronemus nos rosis, ante-
quam marcescant. pag. 195. col. 2. in
med.

Cap. 4. v. 11. Raptus est, ne malitia mu-
taret intellectum ejus: &c. pag. 70.
col. 1. in fin.

v. 14. Placita enim erat Deo anima
illius: propter hoc properavit educe-
re illum de medio iniquitatum. pag.
70. col. 1. in fin.

Cap. 11. v. 21. In mensura, & numero,
& pondere. pag. 328. col. 1. in princ.
Ex Lib. Ecclesiastici.

Cap. 7. v. 40. Memorare novissima tua,
& in aeternum non peccabis. Sermón.
ultim pag. final. col. 1. in princ.

Cap. 19. v. 2. Mulieres apostatare faciunt
sapientes. pag. 255. col. 1. in princ.

Cap. 21. v. 29. In ore fatuorum cor illo-
rum: & in corde sapientium os illo-
rum. pag. 352. col. 2.

Cap. 24. v. 5. Ego ex ore Altissimi prodi-
vi. pag. 94. col. 1.

v. 8. Gyrum celi circavi sola. Sermón.
ultim pag. 148. col. 2. in princ.

v. 18. Exaltata sum.... quasi plantatio
Rose in Jericho pag. 247. col. 1. &
pag. 419. col. 2. in princ. & seqq.

v. 19. Quasi Oliva speciosa in campis,
pag. 420. col. 1.

v. 20. Sicut cinnamomum, & balsamum
aromatizans odorem dedi: quasi
myrrha electa dedi suavitatem odo-
ris. pag. 358. col. 2.

Ibid. Secundum Version. Græc.

&c. Sicut Aspalathus aromatum
odorem dedi. pag. 449. col. 1. in fin.
& seqq.

Cap. 33. v. 7. Quare dies diem superat?
pag. 286. col. 2.

v. 8. A Domini scientia separati sunt
facto Sole. pag. 286. col. 2.

v. 9. Et immutavit tempora, & dies
festos ipsorum. pag. 286. col. 2.

v. 10. Ex ipsis exaltavit, & magnifi-
cavit Deus, & ex ipsis posuit in nu-
merum dierum. pag. 286. col. 2.

Cap. 43. v. 13. Gyraui celum in circuitu
gloriæ suæ. pag. 316. col. 1.

Ex Prophet. Isaie.

Cap. 1. v. 3. Cognovit bos possessorem
suum, & asinus Praesepe Domini
sui. Sermón. ultim pag. 175. col. 2.

v. 13. Ne offeratis ultra sacrificium
frustra: incensum abominatio est
mibi. pag. 223. col. 1. & pag. 357. col.
2. & seqq.

v. 15. Cum extenderitis manus vestras,
avertam oculos meos à vobis: &
cum multiplicaveritis orationem,
non exaudiam. pag. 359. col. 1. &
seqq.

Ibid. Manus enim vestre & sanguine
plene sunt. pag. 359. col. 1. & seqq.

Cap. 5. v. 20. Vae, qui dicitis malum bonum,
& bonum malum. pag. 24. c. 2. in fin.

Cap. 6. v. 3. Sanctus, Sanctus, Sanctus:
&c. pag. 154. col. 1. & seqq.

Cap. 9. v. 6. Parvulus natus est nobis, &
Filius datus est nobis. pag. 27. col. 2.
& pag. 467. col. 2. post princ.

Ibid. Cujus imperium super humerum
ejus. pag. 467. col. 2.

Cap. 29. v. 13. Eo quod appropinquat po-
pulus iste ore suo, & labijs suis glori-
ficat

- ficut me. &c. pag. 349. col. 1. in princ.
& seqq.
- Cap. 33. v. 14. Possedit tremor hypocritas.
Quis poterit habitare de vobis cum
igne devorante? Quis habitabit ex
vobis cum ardentibus sempiternis?
pag. 224. col. 1.
- Cap. 38. v. 1. Morieris tu, & non viues.
pag. 299. col. 2.
- v. 13. De mane usque ad vesperam fi-
niet me. pag. 74. col. 2. in med. & pag.
299. col. 2. in fin. & pag. 302. col. 2.
- v. 14. Sicut pullus hirundinis sic cla-
mabo, meditabor ut columba. pag.
299. col. 2. in fin. & seqq. & pag. 517.
col. 1.
- v. 15. & 16. Recogitabo tibi omnes an-
nos meos in amaritudine animæ
meæ. Domine, si sic vivitur. pag.
300. col. 1. & seqq.
- v. 17. Tu autem eruisi animam meam,
ut non periret, projecisti post tergum
tuum omnia peccata mea. pag. 461.
col. 2.
- v. 20. Domine, salvum me fac, &
psalmos nostros cantabimus cunctis
diebus vita nostra. pag. 300. col. 1. in
med.
- Cap. 48. v. 9. Laude mea infranabo te,
ne intereas. pag. 177. col. 1. in med.
- Cap. 53. v. 4. Vere languores nostros ipse
tulit. pag. 381. col. 2. in fin.
- v. 6. Posuit Dominus in eo iniquitatem
omnium nostrum. pag. 208. col. 1. in
princ.
- v. 7. Oblatus est, quia ipse voluit, &
non aperuit os suum: &c. pag. 514.
col. 1.
- Cap. 55. v. 2. Comedite bonum, & dele-
tabitur in crassitudine anima ve-
stra. Sermon. ultim. pag. 153. col. 1. in
med.
- Cap. 60. v. 11. Aperientur portæ tue ju-
giter: die, ac nocte non clauduntur.
pag. 184. col. 2. in princ.
- Cap. 61. v. 1. Spiritus Domini super me:
&c. pag. 298. col. 1. in fin. & seqq.
- v. 2. Vi predicarem annum placibilem
Domino, & diem ultionis Deo no-
stro. pag. 298. col. 1. in fin. & seqq.
- Cap. 63. v. 3. Torcular calcavi solus. pag.
509. col. 2.
- Ibid. Et de Gentibus non est vir me-
cum. pag. 510. col. 1. in princ.
- v. 16. Tu enim Pater noster, & Abra-
ham nescivit nos, & Israel ignora-
vit nos. pag. 52. col. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 64. v. 1. Utinam dirumperes celos,
& descenderes. pag. 38. col. 2.
- Cap. 66. v. 7. Antequam parviret, pepe-
rit: antequam veniret partus ejus,
peperit masculum. pag. 488. col. 1.
& seqq.
- v. 8. Quis audivit unquam tale? Et
quis vidit huic simile? pag. 488. col.
1. in fin.
- Ex Prophet. Jerem.
- Cap. 7. v. 16. Noli orare pro populo hoc:
pag. 471. col. 1. in fin.
- Cap. 11. v. 14. Noli orare pro populo hoc:
pag. 471. col. 1. in fin.
- Cap. 14. v. 11. Noli orare pro populo isto:
pag. 471. col. 1. in fin.
- Cap. 19. v. 1. Lagunculam figuli testeam:
pag. 236. col. 1.
- v. 11. Sic conteram populum istum,....
sicut conteritur vas figuli, quod non
potest ultra instaurari. pag. 236. col.
1. in med.
- Thren. Cap. 2. v. 19. Consurge, lauda:
b iii) (secun-

- (secundum Text. Hebr. Surge, ora, & obsecra) effunde sicut aqua cor tuum ante conspectum Domini: Ec. pag. 348. col. 2.
- Thren. Cap. 3. v. 40. Scrutemur vias nostras, & quaramus, & revertamur ad Dominum. pag. 364. col. 2. in princ.
- v. 41. Levemus corda nostra cum manibus ad Dominum. pag. 364. col. 2. in med.
- Ex Prophet. Ezechiel.
- Cap. 1. v. 4. Et vidi, & ecce ventus turbinis veniebat ab Aquilone: & nubes magna, & ignis involvens, & splendor in circuitu ejus. pag. 312. col. 1. in fin.
- v. 12. Ibi erat impetus spiritus, illuc gradiebantur p. 310. col. 2. in fin.
- v. 16. Aspektus rotarum, & opus earum, quasi visio maris. pag. 310. col. 1.
- v. 20. Quocumque ibat spiritus, illuc eunte spiritu, & rotæ pariter ele-
vabantur. pag. 310. col. 2.
- v. 22. Et similitudo super capita animalium, firmamenti, quasi aspectus crystalli horribilis. pag. 311. col. 1.
- v. 24. Quasi sonum aquarum multarum. pag. 310. col. 2.
- v. 26. Super firmamentum: Ec. quasi aspectus lapidis sapphiri similitudo throni. pag. 312. col. 2.
- Ibid. Et super similitudinem throni, similitudo, quasi aspectus hominis desuper. pag. 312. col. 2.
- v. 27. Et vidi quasi speciem Electri. pag. 312. col. 2.
- v. 28. Velut aspectum Arcus, cum fuerit in nube in die pluvie, hic erat aspectus splendoris per gyrum. pag. 312. col. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 3. v. 17. Fili hominis, speculato-
rem dedi te domui Israel. pag. 245. col. 2.
- Cap. 4. v. 6. Diem pro anno, diem, in-
quam, pro anno dedi tibi pag. 282. col. 2. & seqq.
- Cap. 33. v. 11. Nolo mortem impij: Ec. pag. 189. col. 2. in princ.
- Ex Prophet. Daniel.
- Cap. 2. 29. Tu Rex cogitare capisti in stratu tuo: Ec. pag. 39. col. 1. in princ.
- Cap. 3. v. 71. Benedicite noctes, & dies Domino. pag. 518. col. 1.
- Cap. 6. v. 12. Nunquid non constituisti, ut omnis homo, qui rogaret quem-
quam de Dijs, & hominibus... nisi te, Rex, mitteretur in lacum leo-
num? pag. 84. col. 2. in fin. & seqq.
& pag. 16. col. 2.
- v. 15. Scito, Rex, quia lex Medo-
rum, atque Persarum est, ut omne decretum, quod constituerit Rex, non liceat immutari. p. 237. col. 2.
- Cap. 7. v. 3. Et quatuor bestia grandes ascendebant de mari diversa inter se. pag. 39. col. 1. ante med.
- Cap. 9. v. 24. Septuaginta Hebdomades abbreviate sunt. pag. 284. col. 1. in med.
- Cap. 10. v. 13. Princeps autem Regni Persarum, restitit mihi viginti, & uno diebus, Et ecce Michael: Ec. pag. 63. col. 1. in princ.
- Cap. 12. v. 11. Cum ablatus fuerit iuge sacrificium. pag. 292. col. 2. in fin. & seqq.
- Ex Prophet. Osée.
- Cap. 1. v. 2. Vade, sume tibi uxorem for-
nica-

nicationum. pag. 266. col. 2. in fin.
 & seqq.

Cap. 3. v. 1. Adhuc vade, & dilige mulierem dilectam amico, & adulteram. pag. 267. col. 1. in princ.

Ibid. Sicut diligit Dominus filios Israel, & ipsi respiciunt ad Deos alienos. pag. 267. col. 1.

v. 2. Secundum Text. Hebr. Et emi eam mihi quindecim argenteis. pag. 267. col. 1.

Cap. 7. v. 11. Quasi columba seducta, non habens cor. pag. 352. col. 1.

v. 14. Super triticum, & vinum rummabunt. Sermon. ultim. pag. 172. col. 1.

Cap. 14. v. 8. Vivent tritico. Sermon. ultim. pag. 148. col. 1. in princ.

Ex Prophet. Joel.

Cap. 2. v. 2. Populus multus, & fortis. pag. 437. col. 1.

v. 3. Ante faciem ejus ignis vorans, & post eum exurens flamma. pag. 437. col. 1.

Ibid. Quasi hortus voluptatis terra coram eo, & post eum solitudo deserti. pag. 437. col. 1. & 2.

v. 11. Et Dominus dedit vocem suam ante faciem exercitus sui: &c. pag. 438. col. 1. in princ.

v. 13. Scindite corda vestra, & non vestimenta vestra. pag. 225. col. 1.

v. 15. Canite tuba in Sion. pag. 438. col. 1. in fin.

v. 15. 16. & 17. Vocate catum, congregare populum, sanctificate Ecclesiam: &c. pag. 438. col. 1. in med.

v. 18. Zelatus est Dominus terram

suam, & pepercit populo suo. pag. 439. col. 1.

v. 20. Et eum, qui ab Aquilone est, procul faciam a vobis: & expellam eum. pag. 439. col. 1. in med.

Ex Prophet. Habacuc.

Cap. 2. v. 1. Super speculam meam stabo, & figam gradum super gyrum, & contemplanor: &c. pag. 128. col. 1. in fin. & seqq. & pag. 137. col. 2. in fin.

Cap. 3. v. 1. Oratio: &c. pag. 131. col. 1. & seqq. & 133. col. 2. & seqq. & pag. 135. col. 2. & seqq.

v. 2. Secundum Septuagint. Interpret. Domine, audi vi auditio- nem tuam, & timui: &c. pag. 131. col. 1. & seqq.

Ibid. Secundum Septuag. Inter- pret. In medio annorum notum fa- cies: in medio duorum animalium cognoscetis. pag. 132. col. 1. & Sermon. ultim. pag. 175. col. 2.

v. 4. & 5. Cornua in manibus ejus: ibi abscondita est fortitudo ejus. &c. pag. 132. col. 1. in fin.

v. 8. & 9. Suscitans suscitabis arcum tuum: &c. pag. 132. col. 2.

Ex Prophet. Zachar.

Cap. 9. v. 9. Exultate filii Sion: Ecce Rex tuus veniet tibi iustus, & Salvator: ipse pauper, & ascen- dens super asinam. pag. 295. col. 1.

v. 17. Quid bonum ejus est, & quid pulchrum ejus: nisi frumentum ele- torum, & vinum germinans virginem? b iiiij pag.

- pag. 193. col. 2. & seqq.
Ex Prophet. Malach.
- Cap. 1. v. 6. Filius honorat patrem, & servus dominum suum: Si ergo Pater ego sum, ubi est honor meus? Et si Dominus ego sum, ubi est timor meus? pag. 362. col. 2.
Ex Lib. 1. Machab.
- Cap. 3. v. 59. Melius est nos mori in bello, quam videre mala gentis nostra. pag. 61. col. 2.
v. 60. Sicut autem fuerit voluntas in Celo, sic fiat. pag. 62. col. 1. in princ.
Ex Lib. 2. Machab.
- Cap. 2. v. 10. Sicut & Moyses orabat ad Dominum, & descendit ignis de celo, & consumpsit holocaustum. pag. 289. in fin. & seqq.
Ex Evangel. D. Matth.
- Cap. 1. v. 5. Salmon autem genuit Booz de Rahab pag. 245. & seqq.
v. 6. David autem Rex genuit Salomonem. pag. 410. & seqq.
v. 16. Jacob autem genuit Joseph virum Marie: de qua natus est Jesus, qui vocatur Christus. pag. 34. col. 1. in princ. & pag. 248. & seqq. & pag. 304. & seqq. & pag. 484. & seqq.
- Cap. 2. v. 12. Responso accepto in somnis, ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in Regionem suam. pag. 139. col. 2.
- Cap. 5. v. 3. Beati pauperes. pag. 206. col. 1. & seqq.
v. 4. Beati mites. pag. 206. col. 1. & seqq.
v. 5. Beati qui lugent. pag. 206. col. 1. & seqq.
v. 7. Beati misericordes, quoniam ipsi
- misericordiam consequentur. pag. 206. col. 1. & seqq.
v. 44. & 45. Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos... ut sitis filij Patris vestri, qui in calis est. pag. 48. col. 2.
Ibid. Qui Solem suum oriri facit super bonos, & malos. pag. 233. col. 2. in med.
v. 48. Estote ergo vos perfecti, sicut & Pater vester celestis perfectus est. pag. 58. col. 1. in fin. & col. 2.
- Cap. 6. v. 6. Tu autem cum oraveris, intra in cubiculum tuum, & clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito: & c. pag. 49. col. 2.
v. 7. Orantes autem, nolite multum loqui. pag. 102. col. 2.
v. 9. Sic ergo vos orabit: & c. pag. 49. col. 2. in fin. & pag. 160. col. 1. & pag. 162. col. 2.
- Ibid. Pater noster, qui es in calis. pag. 5. col. 2. & pag. 7. col. 1. in fin. & pag. 8. col. 1. in med. & pag. 9. col. 1. & 2. & pag. 10. col. 1. & 2. in fin. & pag. 11. per tot. & pag. 12. col. 1. & 2. & pag. 26. col. 2. & pag. 34. col. 2. & seqq. & pag. 36. col. 2. & pag. 42. col. 2. & pag. 48. col. 2. & pag. 49. col. 1. & 2. & pag. 55. col. 1. & 2. & pag. 56. col. 1. & 2. & pag. 57. col. 1. in princ. & pag. 160. col. 1. & pag. 362. col. 2. & pag. 393. col. 2. & seqq.
- Ibid. Sanctificetur nomen tuum. p. 14. col. 2. in fin. & pag. seqq. & pag. 17. col. 2. in fin. & pag. 18. col. 1. & pag. 29. col. 1. in fin. & pag. 363. col. 1. & pag. 395. col. 1.
- v. 10. Adveniat Regnum tuum. pag. 14. in fin. & seqq. & pag. 17. col. 2. in fin.

- fin. & pag. 18. col. 1. & pag. 29. col. 1.
in fin. & pag. 36. col. 1. & pag. 47.
col. 2. in princ. & pag. 363. col. 1. &
pag. 395. col. 2.
- Ibid. Fiat voluntas tua, sicut in caelo,
& in terra. pag. 15. col. 1. in princ. &
seqq. & pag. 18. in princ. & ante fin.
& pag. 29. col. 1. in fin. & pag. 57.
col. 2. in princ. & in med. & p. 58.
col. 1. & 2. & pag. 59. col. 1. in princ.
& in med. & pag. 60. per tot. & seqq.
& pag. 62. col. 1. & pag. 64. col. 1. &
pag. 65. col. 1. & seqq. & pag. 363.
col. 1. & pag. 396. col. 1.
- v. 11. Panem nostrum quotidianum
da nobis hodie. pag. 18. col. 2. &
pag. 66. col. 2. & pag. 67. col. 2. & p.
76. col. 1. in princ. & col. 2. & pag.
87. col. 2. in fin. & pag. 146. col. 2. &
pag. 296. col. 2. & pag. 396. col. 2. &
pag. 405. col. 1.
- Ibid. Panem nostrum supersubstantia-
lem da nobis. pag. 27. col. 2. & pag.
29. col. 1.
- v. 12. Dimitte nobis debita nostra. pag.
18. col. 1. & pag. 19. col. 2. & pag. 29.
col. 2. in princ. & pag. 67. col. 2. &
pag. 146. col. 2. & pag. 396. col. 2. &
pag. 457. col. 2. in fin. & pag. 469. c.
2. & pag. 474. col. 1. & 2. & pag.
476. col. 2.
- Ibid. Sicut & nos dimittimus debito-
ribus nostris. pag. 19. col. 2. & pag.
21. col. 2. & pag. 48. col. 2. in fin. &
pag. 397. col. 1.
- v. 13. Et ne nos inducas in tentatio-
nem. pag. 18. col. 1. & pag. 21. col. 2.
& pag. 22. col. 1. & pag. 29. col. 2. in
princ. & pag. 67. col. 2. & pag. 397.
col. 2.

- Ibid. Sed libera nos a malo. pag. 18. c.
1. & pag. 24. col. 2. & pag. 26. col. 2.
& pag. 27. col. 1. in princ. & pag. 29.
col. 1. in princ. & pag. 67. col. 2. & p.
69. col. 1. in princ. & col. 2. & p. 146.
col. 2. & pag. 398. col. 1.
- v. 34. Nolite solliciti esse in crastinum.
pag. 71. col. 2. in med.
- Cap. 8. v. 24. Ita ut navicula operiretur
flutibus. pag. 306. col. 2.
- v. 25. Salva nos, perimus. pag. 305.
col. 2.
- v. 6. Imperavit ventis, & mari, &
facta est tranquillitas magna. pag.
323. col. 2.
- Cap. 9. v. 1. Ascendens Iesus in navicu-
lam, transfretavit, & venit in Ci-
vitatem suam. pag. 304. & seqq.
- v. 13. Misericordiam volo, & non sa-
crificium. pag. 116. col. 2.
- Cap. 10. v. 19. Nolite cogitare, quomo-
do, aut quid loquamini: dabitur
enim vobis in illa hora. pag. 41. col. 1.
in princ.
- v. 10. Non enim vos estis qui loquimini,
sed Spiritus Patris vestri, qui lo-
quitur in vobis. pag. 43. col. 2.
- Cap. 11. v. 30. Fugum meum suave est.
pag. 175. col. 1.
- Cap. 14. v. 19. Benedixit, & fregit, &
dedit discipulis panes. Sermon. ultimus
pag. 160. col. 2.
- Cap. 15. v. 8. Populus hic labijs me ho-
norat: cor autem eorum longe est
a me. pag. 349. col. 1. in princ. &
seqq.
- v. 24. Non sum missus, nisi ad oves,
quae perierunt, domus Israel. pag.
339. col. 1.
- Cap. 16. v. 24. Siquis vult post me veni-

- re, abneget semetipsum, & tollat crucem suam, & sequatur me. pag. 466. col. 2. in fin. & seqq.
- v. 28. Donec videant Filium hominis venientem in Regno suo. pag. 395. col. 2.
- Cap. 18. v. 10. Semper vident faciem Patris, qui in cælis est. pag. 6. col. 1. in fin.
- v. 23. Assimilatum est Regnum Calorum homini Regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis. pag. 454. & seqq.
- v. 24. Et cum cepisset rationem. ponere, oblati sunt ei unus, qui debebat ei decem millia talenta. pag. 456. col. 2. & seqq.
- v. 25. Cum non haberet unde redderet. pag. 459. col. 2. in princ. & pag. 472. col. 1. & seqq.
- Ibid. Fuit enim venundari, & uxorem ejus, & filios pag. 457. col. 2.
- v. 26. Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi. pag. 458. col. 2. & seqq.
- v. 32. Omne debitum dimisi tibi, quoniam rogasti me. pag. 469. col. 2. & pag. 472. col. 1. in fin.
- Cap. 20. v. 1. Qui exiit primo mane cōducere operarios in vineam suam. pag. 216. col. 1.
- v. 4. Ite & vos in vineam meam. pag. 15. col. 2. in fin. & pag. seqq.
- Ibid. Quod jactum fuerit, dabo vobis. pag. 217. col. 2. in med.
- v. 8. Dicit Dominus vineæ procuratori suo. pag. 216. col. 1. & seqq.
- v. 11. Accipientes murmurabant adversus patrem familiæ. pag. 214. col. 1. in fin.
- v. 12. Hi novissimi una hora fecerunt:
- & pares illos nobis fecisti, qui portavimus pondus diei, & æstus? pag. 214. col. 2. in med.
- v. 13. & seqq. Amice, non facio tibi injuriam: nonne ex denario convenisti mecum? Tolle quod tuum est: &c. pag. 215. col. 1.
- v. 22. Nescitis quid petatis. p. 160. c. 1.
- v. 23. Non est meū dare vobis. p. 160. c. 1.
- Cap. 23. v. 8. Omnes autem vos, fratres. estis. pag. 54. col. 1.
- v. 9. Patrem nolite vocare vobis super terram: unus est enim Pater vester, qui in Cælis est. p. 51. col. 2. & seqq.
- v. 13. & seqq. Vae vobis hypocritæ: vae vobis hypocritæ: &c. pag. 223. col. 2. in med.
- Cap. 24. v. 40. Tunc duo erunt in agro: unus assumetur, & unus relinquetur. pag. 333. col. 1. in princ.
- v. 51. Dividet eum, partemque ejus ponet cum hypocritis. Illic erit fletus, & stridor dentium. pag. 224. col. 1. in med.
- Cap. 25. v. 1. Exierunt obviam sponso, & sponse. pag. 331. col. 1.
- v. 10. Intraverunt cum eo ad nuptias. pag. 331. col. 1.
- Ibid. Et clausa est janua. pag. 331. col. 1.
- v. 33. Oves à dextris, hædos autem à sinistris. pag. 231. col. 2. in fin.
- v. 34. & 35. Venite benedicti Patris mei, possidere: &c. Esurivi enim, & dedistis mihi manducare. &c. pag. 206. col. 2. in princ. & seqq. & pag. 332. col. 1.
- v. 41. & seqq. Discedite à me maledicti: &c. Esurivi enim, & non dedistis mihi manducare: &c. pag. 206. col. 2. in fin.

2. in med. & seqq. & pag. 332. col. 1.
- Cap. 26. v. 26. *Accepti panem, & benedixit, ac fregit: deditque discipulis suis. Sermon. ultim. pag. 160. col. 2.*
- v. 39. *Pater, si possibile est. pag. 13. col. 1. & pag. 382. col. 2. in princ.*
- Ibid. *Transiit à me calix iste. pag. 382. col. 2. in princ.*
- Cap. 27. v. 24. *Innocens ego sum à sanguine iusti huius. pag. 208. col. 1. in princ.*
- v. 29. *Ave Rex Iudeorum. pag. 383. col. 2. in fin.*
- v. 46. *Eli, Eli, lammasabaethani. pag. 13. col. 2.*
- Ibid. *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me? pag. 13. col. 1. in fin. & pag. 513. col. 1.*
- Cap. 28. v. 19. *Baptizantes eos in nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti. Sermon. ultim. pag. 159. col. 2.*
- v. 20. *Ecce ego vobiscum sum, usque ad consummationem seculi. pag. 292. col. 2.*
- Ex Evang. D. Marc.
- Cap. 1. v. 24. *Scio qui sis, Sanctus Dei. pag. 367. col. 1.*
- Cap. 16. v. 9. *De qua eiecerat septem Demonia. pag. 250. col. 1.*
- v. 19. *Assumptus est in caelum, & sedet à dextris Dei. pag. 387. col. 2. in fin.*
- Ex Evangel. D. Lucae.
- Cap. 1. v. 10. *Et omnis multitudo populi erat orans foris. pag. 77. col. 1.*
- v. 13. *Exaudita est deprecatio tua: & uxor tua Elisabeth pariet tibi filium. pag. 77. col. 1.*
- v. 26. *Missus est Angelus Gabriel à Deo: &c. pag. 92. col. 2. & seqq. & p. 307. col. 2.*
- v. 28. *Ave gratia plena, Dominus tecum. pag. 25. col. 1. & pag. 32. col. 2. in fin. & seqq. & pag. 146. col. 1. & p. 178. col. 1. & pag. 280. col. 1. & seqq. & pag. 307. col. 2. & seqq. & pag. 362. col. 2. & pag. 398. & seqq.*
- Ibid. *Benedicta tu in mulieribus. pag. 238. col. 1. & pag. 400. col. 1.*
- v. 29. *Cogitabat qualis esset ista saluatio. pag. 93. col. 2.*
- Ibid. *Benedicta tu in mulieribus. p. 33. col. 1. in princ. & pag. 146. col. 1.*
- v. 30. *Ne timeas Maria. pag. 32. col. 2. in fin.*
- Ibid. *Invenisti gratiam apud Deum. pag. 238. col. 1.*
- Ibid. *Paries Filium. pag. 32. col. 2. in fin.*
- v. 31. *Et Filius Altissimi vocabitur. p. 32. col. 2. in fin.*
- v. 38. *Ecce ancilla Domini. pag. 194. col. 1. in princ.*
- Ibid. *Fiat mihi secundum verbum tuum. pag. 93. col. 2.*
- v. 78. *Per viscera misericordiae Dei nostri. pag. 208. col. 1. circa fin. & seqq.*
- Cap. 2. v. 11. *Quia natus est vobis hodie salvator, qui est Christus. pag. 490. col. 2.*
- v. 12. *Invenictis infantem. pag. 139. col. 2. in princ.*
- v. 19. *Maria autem conservabat omnia verba haec, conferens in corde suo. Sermon. ultim. pag. 176. col. 1. in fin.*
- v. 21. *Vocatum est nomen eius Iesus, quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur. pag. 491. col. 1.*
- v. 34. *Ecce positus est hic in ruinam, &*

- in resurrectionem multorum in Israel, & in signum, cui contradicitur. pag. 379. col. 2. in fin. & seqq.
- v. 46. Audientem illos, & interrogantem. pag. 380. col. 1.
- Cap. 4. v. 21. Hodie impleta est hac Scriptura in auribus vestris. pag. 298. col. 2.
- Cap. 5. v. 21. Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus? pag. 20. col. 2. in princ.
- Cap. 6. v. 24. Vae vobis divitibus. pag. 69. col. 2. in fin.
- v. 37. Dimittite, & dimittimini. pag. 20. col. 2.
- Cap. 7. v. 37. Mulier in Civitate peccatrix. pag. 250. col. 1.
- v. 42. Non habentibus illis unde redderent, donavit utrisque. pag. 473. c. 2. ante fin.
- Cap. 8. v. 7. Et simul exortæ spina suffocaverunt illud. pag. 72. col. 1.
- v. 26. Navigaverunt ad regionem Gerasensorum, quæ est contra Galilaam. pag. 308. col. 1.
- Cap. 9. v. 23. Tollat crucem suam quotidie, & sequatur me. pag. 467. col. 1.
- Cap. 10. v. 2. Messis quidem multa, operarii autem pauci. Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam. pag. 15. col. 2. in princ. & pag. seqq.
- v. 24. Dico vobis, quod multi Prophetæ, & Reges voluerunt videre quæ vos videtis, & non viderunt: &c. pag. 97. col. 1. in fin.
- Cap. 11. v. 1. Domine, doce nos orare, sicut docuit & Joannes discipulos suos. pag. 151. col. 1. in princ.
- v. 3. Panem nostrum quotidianum

- da nobis hodie. pag. 66. col. 2.
- v. 8. Si non dabit illi surgens, eo quod amicus ejus sit, propter improbitatem tamen ejus surget, & dabit. pag. 184. col. 2. in med.
- v. 9. Et ego dico vobis: Petite, & dabitur vobis. pag. 161. col. 2. & seqq. & pag. 184. col. 1.
- Ibid. Quarite, & invenietis: pulsate, & aperietur vobis. pag. 184. col. 1.
- v. 10. Omnis enim qui petit, accipit. pag. 161. col. 2. & seqq.
- v. 14. Et admirata sunt turba. pag. 278. col. 2.
- v. 15. In Beelzebub Principe demoniorum ejicit demonia. pag. 367. col. 1. in princ.
- v. 23. Qui non est mecum, contra me est. pag. 192. col. 2.
- v. 27. Loquente Jesu ad turbas, extollens vocem quadam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter qui te portavit, & ubera quæ suxisti. pag. 1. per tot. & pag. 2. col. 1. & 2. & pag. 4. col. 1. & 2. & pag. 5. per tot. & pag. 7. col. 1. in fin. & pag. 9. col. 1. & pag. 10. in princ. & pag. 11. col. 1. ante med. & pag. 14. col. 2. in med. & pag. 19. col. 2. & pag. 21. col. 2. in med. & pag. 24. col. 1. in fin. & pag. 27. col. 1. & pag. 32. col. 1. & pag. 33. col. 1. & pag. 38. in princ. & pag. 40. col. 1. & 2. & pag. 42. col. 1. & pag. 57. col. 1. & pag. 66. col. 2. & pag. 78. col. 2. & pag. 87. col. 1. in princ. & p. 91. & seqq. & pag. 127. & pag. 141. & seqq. & pag. 167. col. 2. in fin. & seqq. & pag. 203. & sequentibus, & pag. 277. & seqq. & pag. 337. & seqq. & pag. 366. & seqq. & pag. 454. & seqq. Ibid.

- Ibid. *Fuſum eſt autem: cum hæc dice-
ret; extollens vocem quadam mul-
lier: Ec pag. 2. col. 1.*
- v. 28. *At ille dixit: Quinimò beati,
qui audiunt verbum Dei, & custo-
diunt illud. pag. 1. per tot. & pag. 2.
col. 1. & 2. & pag. 4. col. 1. & 2. &
pag. 42. col. 1. & pag. 89. & ſeqq. &
pag. 99. col. 1. & pag. 127. & pag.
140. col. 2. & pag. 167. & ſeqq. &
pag. 203. & ſeqq. & pag. 338. col. 1.
& ſeqq.*
- Cap. 12. v. 19. *Anima, habes multa bo-
na poſita in annos plurimos: requi-
eſce, comede, bibe, epulare. pag.
74. col. 2. in fin.*
- v. 20. *Stulte, hæc nocte animam tuam
repetunt à te pag. 74. col. 2. in fin.*
- v. 49. *Ignem veni mittere in terram:
& quid volo, niſi ut accendatur?
pag. 113. col. 1.*
- Cap. 15. v. 13. *In Regionem longinquam.
pag. 349. col. 2.*
- v. 18. *Surgam, & ibo ad Patrem meum.
pag. 43. col. 1. & ſeqq.*
- Ibid. *Peccavi in calum, & coram te.
pag. 9. col. 1. & ſeqq.*
- Cap. 18. v. 1. *Oportet ſemper orare. pag.
102. col. 2. & pag. 171. col. 2. & ſeqq.*
- Ibid. *Et non deficere. pag. 171. col. 2. &
ſeqq.*
- v. 13. *Alongè ſtans. pag. 8. col. 2.*
- Ibid. *Nolebat nec oculos ad calum le-
vare. pag. 9. col. 2. in fin.*
- v. 14. *Deſcendit hic juſtificatus ab illo.
pag. 8. col. 2.*
- v. 19. *Nemo bonus niſi ſolus Deus. pag.
248. col. 1.*
- Cap. 21. v. 25. *Et in terris preſſura gen-
tium præ conſuſione ſonitus maris,*

- & fluuium, aſcendentibus homini-
bus præ timore. pag. 329. col. 2.*
- v. 27. *Tunc videbunt Filium hominis
venientem. pag. 330. col. 2. in fin.*
- Cap. 22. v. 42. *Non mea voluntas, ſed
tua fiat. pag. 382. col. 2. in princ.*
- v. 44. *Et factus eſt ſudor ejus ſicut gut-
tæ ſanguinis decurrentis in terram.
pag. 110. col. 2.*
- Cap. 23. v. 34. *Pater, dimitte illis. pag.
13. col. 1.*
- Ibid. *Non enim ſciunt quid faciunt.
pag. 513. col. 1.*
- v. 46. *Pater, in manus tuas commen-
do ſpiritum meum. pag. 13. col. 1. &
pag. 513. col. 1.*
- Cap. 24. v. 15. *Ibat cum illis. pag. 114.
col. 1. in fin.*
- v. 32. *Nonne cor noſtrum ardens erat
in nobis, dum loqueretur in via?
& c. pag. 114. col. 1.*
- v. 43. *Et cum manducaſſet coram eis:
& c. Sermon. ultim. pag. 150. col. 2.*
- v. 51. *Et ferebatur in calum. pag. 387.
col. 2. in fin.*
- Ex Evangel. D. Joann.
- Cap. 1. v. 4. *In ipſo vita erat, & vita erat
lux hominum. Sermon. ultim. pag.
156. col. 2.*
- v. 6. *Fuit homo miſſus à Deo, cui no-
men erat Joannes. pag. 152. col. 2. in
fin.*
- v. 12. *Dedit eis poteſtatem filios Dei
fieri. pag. 13. col. 1. in princ. & pag.
115. col. 1. in med.*
- v. 18. *Unigenitus, qui eſt in ſinu Pa-
tris. pag. 12. col. 1.*
- v. 29. *Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit
peccatum mundi. pag. 115. col. 1.*
- v. 42. *Simon filius Jona. pag. 321.
col. 1.*

Cap. 2. v. 1. Et erat Mater Jesu ibi pag. 485. col. 1.

Cap. 3. v. 3. Nisi quis renatus fuerit de-
novo, non potest videre Regnum Dei.
pag. 499. col. 2. in princ.

v. 4. Quomodo potest homo nasci, cum
sit senex? Nunquid potest in venire
matris sue iterato introire, & renas-
ci? pag. 499. col. 2. in med.

v. 5. Nisi quis renatus fuerit ex aqua,
& Spiritu Sancto, non potest introi-
re in Regnum Dei. pag. 499. in fin.
& seqq.

v. 13. Nemo ascendit in cælum, nisi
qui descendit de cælo. pag. 499. col.
2. & seqq.

Ibid. Filius hominis qui est in cælo pag.
500. col. 1. in med.

v. 14. Exaltari oportet Filium homi-
nis. pag. 499. col. 2. & seqq.

v. 16. Sic Deus dilexit mundum, ut
Filius suum unigenitum daret. pag.
145. col. 2. in princ.

v. 18. Qui non credit, jam judicatus
est. pag. 223. col. 2. in fin.

v. 31. & 32. Qui est de terra, de terra
est, & de terra loquitur. Qui de cæ-
lo venit, super omnes est. &c. pag.
152. col. 1. & seqq.

Cap. 4. v. 11. Neque in quo haurias habes,
& potens alius est. p. 177. col. 2. in fin.

v. 18. Et quem habes, non est tuus vir.
pag. 257. col. 2.

v. 27. Mirabantur Discipuli, quia cū
muliere loquebatur. pag. 274. col. 1.
in med.

v. 29. Venite, & videte hominem, qui
dixit mihi omnia quacumque feci.
pag. 256. col. 1. in fin.

Cap. 6. v. 27. Operamini non cibum, qui

perit, sed qui permanet in vitam
æternam: &c. Sermon. ultim. pag.
162. col. 2. & seqq.

Ibid. Hunc enim Pater signavit Deus.
pag. 147. col. 2.

v. 51. & 52. Ego sum panis vivus, qui
de cælo descendi. Siquis manduca-
verit ex hoc pane, vivet in æternum.
Sermon. ultim. pag. 175. col. 1. in
med.

v. 56. Caro mea verè est cibus. Sermon.
ultim. pag. 150. col. 1. in med.

v. 57. Qui manducat meam carnem,
& bibit meum sanguinem. Sermon.
ultim. pag. 165. col. 1. & eod. Sermon.
pag. 172. col. 2.

Ibid. In me manet, & ego in illo. Sermon.
ultim. pag. 149. col. 2. & eod. Sermon.
pag. 165. col. 1.

Cap. 7. v. 16. Mea doctrina, non est mea,
sed ejus qui misit me. pag. 148. col.
2. & seqq.

Cap. 8. v. 34. Qui facit peccatum, servus
est peccati. pag. 195. col. 2. in fin.

Cap. 11. v. 3. Ecce quem amas infirmatur.
pag. 218. col. 2. in fin.

v. 21. Domine, si fuisses hic, frater
meus non fuisset mortuus. pag. 218.
col. 2. in fin.

v. 22. Et nunc scio, quia quacumque
poposceris à Deo, dabit tibi Deus.
pag. 83. col. 2. in fin.

v. 26. Credis hoc? pag. 83. col. 2. in fin.

v. 27. Viique Domine, ego credidi,
quia tu es Christus Filius Dei vivi.
pag. 84. col. 1. in princ.

v. 28. Magister adest, & vocat te. pag.
219. col. 1.

Cap. 12. v. 25. Si mortuum fuerit, mul-
tum fructum affert. pag. 228. col. 2. in
princ. Cap.

Cap. 13. v. 1. *Ut tranſeat ex hoc mundo ad Patrem.* pag. 387. col. 2.

Cap. 16. v. 28. *Exiui à Patre, & ueni in mundum: iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem.* Sermon. ultim. pag. 174. col. 2.

Cap. 17. v. 1. *Pater: &c.* pag. 13. col. 1. in princ.

v. 4. *Ego: &c.* pag. 13. col. 1. in princ.

v. 6. *Manifestavi nomen tuum hominibus.* pag. 13. col. 1. in princ.

v. 15. *Non rogo, ut tollas eos do mundo, ſed ut ſerues eos à malo.* pag. 25. col. 2. & pag. 26. col. 1. in fin.

Cap. 19. v. 10. *Nescis quia poteſtatem habeo crucifigere te, & poteſtate habeo dimittere te?* p. 232. col. 1. in fin.

v. 15. *Non habemus Regem, niſi Cæſarem.* pag. 384. col. 1. in princ.

v. 26. *Cum uidiſſet Jeſus Matrem, & Diſcipulum ſtantem, quem diligebat.* pag. 494. col. 1.

Ibid. *Mulier, ecce filius tuus.* pag. 194. col. 1. & pag. 491. col. 2. & ſeqq.

v. 27. *Eccemater tua.* pag. 484. col. 2.

Ibid. *Et ex illa hora accepit eam Diſcipulus in ſua.* pag. 484. col. 2. in fin. & ſeqq.

Cap. 20. v. 17. *Ascendo ad Patrem meum, & Patres ueſtrum.* pag. 388. col. 1. in princ.

Cap. 21. v. 9. & ſeqq. *Ut ergo deſcenderunt in terram: &c.* Sermon. ultim. pag. 150. col. 2.

v. 17. *Simon Ioannis.* pag. 221. col. 1.

v. 20. *Diſcipulum, quem diligebat.* pag. 492. col. 2. in princ.

Ex Lib. Actuum Apoſt.

Cap. 1. v. 4. *Et conueſcens: &c.* Sermon. ultim. pag. 150. col. 2.

Cap. 7. v. 22. *Et Eruditus eſt Moſes omni ſupientia Aegyptiorum: & erat potens in verbis.* pag. 103. col. 1.

Cap. 8. v. 29. *Accede, & adjuuge te ad currum iſtum.* pag. 175. col. 2.

v. 32. *Tanquam ovis ad occiſionem ductus eſt: &c.* pag. 514. col. 1.

Cap. 9. v. 1. *Sanus adhuc ſpirans minarum, & cadis in Diſcipulos Domini: &c.* pag. 176. col. 2.

Cap. 10. v. 41. *Nobis, qui manducavimus, & bibimus cum illo.* Sermon. ult. pag. 150. col. 1.

Cap. 13. v. 22. *Inveni... virum ſecundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas.* pag. 60. c. 2. in princ.

v. 47. *Sic enim præcepit nobis Dominus: Poſui te in lucem Gentium: ut ſis in ſalutem uſque ad extremum terra.* pag. 414. col. 1. & ſeqq.

Cap. 17. v. 23. *Ignoro Deo.* pag. 40. col. 1. v. 32. *Audiamus te de hoc uerum.* pag. 39. col. 1. in fin.

Cap. 24. v. 26. *Diſputante autem illo... de iudicio futuro, tremefactus Felix.* pag. 479. col. 1. in med.

v. 26. *Sperans, quòd pecunia ei daretur à Paulo.* pag. 479. col. 1.

Ex Epiſtol. D. Paul. Apoſtol. ad Roman.

Cap. 5. v. 12. *In quo omnes peccaverunt:* pag. 377. col. 2. in fin.

Cap. 8. v. 15. *Non enim accepiftis ſpiritus ſervitutis iterum in timore, ſed accepiftis ſpiritus adoptionis filiorum, in quo clamamus: Abbà, Pater.* pag. 12. col. 1. & 2. & pag. 14. col. 1. in fin. & col. 2.

v. 17. *Heredes quidem Dei, cohæredes autem Chriſti: &c.* pag. 519. col. 2.

- Ibid.** Si tamen compatimur. pag. 464. col. 1. in princ. & seqq. & pag. 519. col. 2.
- Ibid.** Ut & conglorificemur. pag. 519. col. 2.
- v. 26.** Quid oremus, sicut oportet, nescimus. pag. 157. col. 2. & seqq. & pag. 160. col. 2. in med. & seqq.
- Cap. 9. v. 21.** Aliud quidem vas in honorem, aliud vero in contumeliam. pag. 236. col. 2. in med.
- v. 22.** In vasa ira, apta in interitum. pag. 236. col. 2.
- Ibid.** v. 23. In vasa misericordiae, quae preparavit in gloria. pag. 236. col. 2.
- Cap. 10. v. 12.** Non est distinctio Iudaei, & Graeci. pag. 374. col. 2. in med. & pag. 478. col. 1.
- Cap. 11. v. 25. & 26.** Donec plenitudo Gentium intraret: & sic omnis Israel salvus fieret. pag. 339. col. 1. in fin.
- Cap. 12. v. 2.** Quae sit voluntas Dei bona, & beneplacens, & perfecta. pag. 60. col. 1.
- v. 15.** Gaudere cum gaudentibus, flere cum flentibus. pag. 466. col. 2.
- Ex Epistol. D. Paul. ad Corinth. 1.**
- Cap. 2. v. 2.** Christum, & hunc crucifixum. pag. 385. col. 2. in princ.
- Cap. 10. v. 11.** Omnia in figura contingebant illis. pag. 16. col. 2. in fin. & pag. 338. col. 2. in princ.
- v. 13.** Fidelis Deus est, qui non patietur vos tentari, supra id quod potestis. pag. 22. col. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 11. v. 2.** Laudo vos, ... quod sicut tradidi vobis, praecepta mea tenetis. pag. 376. col. 1.
- v. 23.** Accepi à Domino, quod & iraddidi vobis. pag. 376. col. 1.
- v. 24.** Hoc facite in meam commemorationem. pag. 464. col. 1. in princ. & Sermon. ultimum. pag. 164. col. 1. in fin.
- v. 26.** Quotiescunque enim manducabitis panem hunc, & calicem bibetis: mortem Domini annuntiabitis. Sermon. ultimum. pag. 177. col. 1.
- Cap. 12. v. 12. & 13.** Sicut enim corpus unum est, & membra habet multa: &c. pag. 498. col. 2. & seqq.
- v. 31.** Emulamini charismata meliora. pag. 165. col. 1. in fin.
- Cap. 13. v. 1.** Si linguis hominum loquar, & Angelorum. pag. 350. col. 2.
- Cap. 15. v. 10.** Non ego, sed gratia Dei mecum. pag. 176. col. 2.
- Ex Epistol. D. Paul. ad Corinth. 2.**
- Cap. 1. v. 3.** Pater misericordiarum. pag. 234. col. 1. in fin.
- Cap. 5. v. 21.** Qui non noverat peccatum, pro nobis peccatum fecit: ut nos esficeremur iustitia Dei in ipso. pag. 467. col. 2. & seqq.
- Cap. 12. v. 8. & seqq.** Propter quod ter Dominum rogavi: &c. pag. 161. col. 1.
- Ex Epistol. D. Paul. ad Ephes.**
- Cap. 2. v. 14.** Qui fecit utraque unum. pag. 374. col. 2. in princ.
- v. 15. & 16.** Interficiens inimicitias in semetipso, ut duos condant in unum, & reconciliet ambos. pag. 374. col. 2.
- Cap. 4. v. 8.** Ascendens in altum, captivam duxit captivitatem: dedit dona hominibus. p. 285. col. 2. in princ.

Cap. 5.v.2. Et tradidit ſemetipſum pro nobis. pag. 145.col.2.

v.15. Videte, fratres, quomodo caute ambuletis. Non quaſi inſipientes. pag.297.col.1.

v.16. Redimentes tempus, quoniam dies mali ſunt. pag. 297.col.2. in princ.

v.18. Nolite inebriari vino, in quo eſt luxuria. pag.294.col.1.

Cap.6.v.12. Non eſt nobis colluctatio adverſus carnem, & ſanguinem: ſed adverſus Principes, & Potēſtates: &c. pag.23.col.1.

Ex Epistol. D. Paul. ad Philip-
penſ.

Cap.2.v.5. Hoc enim ſentite in vobis, quod & in Chriſto Jeſu: &c. pag. 465.col.2. in princ.

v.7. Et habitum inventus ut homo. pag.378.col.2. in fin.

v.8.9. & 10. Factus obediens uſque ad mortem: &c. pag.487.col.2. & pag. 490.col.2.

Ex Epistol. D. Paul. ad Colof-
ſenſ.

Cap.2.v.14. Delens quod adverſus nos erat chirographum, & affigens illud cruci. pag.462.col.2. & ſeqq.

Ex Epistol. B. Paul. Apoſt. ad
Theſſal. 1.

Cap.5.v.17. Sine intermiſſione orate. p. 172.col.1. in med.

Ex Epistol. B. Paul. Apoſt. ad
Theſſal. 2.

Cap.2.v.14. Tene traditiones, quas didiciſtis, ſive per Sermoneſ, ſive per Epistolam noſtram. pag.376: col.1. in fin.

Ex Epistol. 1. D. Paul. ad Timoth.

Cap.2.v.8.9. & 10. Volo ergo viros orare in omni loco, levantes puras manus, ſine ira, & diſceptatione. Similiter & mulieres: &c. pag.355.col.2. & ſeqq.

Ex Epistol. 2. D. Paul. ad Timoth.

Cap.4.v.1. Per adventum ipſius, & Regnum ejus. pag.395.col.2.

Ex Epistol. D. Paul. ad Hebr.

Cap.1.v.3. Purgationem peccatorum faciens, ſedet ad dexterā maiſtari in excelsis. pag.189.col.2.

Cap.3.v.13. Donec Hodie cognominatur, ut non obdureat quis ex vobis. pag.75.col.2.

Cap.7.v.3. Sine patre, ſine matre, ſine genealogia: &c. pag.30.col.2. in fin.

Cap.9.v.4. Arcam Teſtamenti, in qua urna aurea habens Manna. pag. 337.col.2.

v.27. Statutum eſt hominibus ſemel mori. pag.218.col.2. in princ. & pag. 479.col.2. in med.

Ibid. Poſt hoc autem iudicium. pag. 479.col.2. in med.

Cap.10.v.33. & 34. In altero autem ſocij taliter converſantur effectū. Nam & vinctis compaſſi eſtis. pag. 465.col.2. in fin.

Cap.12.v.2. Propoſito ſibi gaudio ſuſtinuit crucem. pag.513.col.1.

v.24. Melius loquentem, quam Abel. pag.96.col.1.

v.29. Deus noſter ignis conſumens eſt. pag.290.col.1. in princ.

Ex Epistol. D. Jacob. Apoſtol.

Cap.1.v.2. Omne gaudium exiſtimate, cum in tentationes varias incideritis. pag.22.col.2.

Cap.2.v.13. Superexaltat miſericordia
judi-

- judicium, pag. 211. col. 1. in med. & seqq.
- Cap. 4. v. 3. *Petitis, & non accipitis : eo quod male petatis.* pag. 70. col. 2. Ex Epist. B. Petr. Apost. 1.
- Cap. 1. v. 12. *Spiritu Sancto missio de Caelo.* pag. 145. col. 2.
- Cap. 2. v. 24. *Qui peccata nostra ipse per tulit in corpore suo super lignum.* pag. 462. col. 1. in med.
- Cap. 4. v. 11. *Si quis loquitur, quasi Sermones Dei.* pag. 250. col. 2. Ex Epistol. D. Joann. 1.
- Cap. 1. v. 8. *Si dixerimus quoniam peccatum non habemus; ipsi nos seducimus, & veritas in nobis non est.* pag. 58. col. 1. in princ.
- Cap. 2. v. 1. *Hec scribo vobis, ut non peccetis. Sed & si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrem, Jesum Christum justum.* pag. 468. col. 1. in princ.
- Cap. 3. v. 2. *Similes ei erimus: quoniam videbimus eum sicuti est.* Sermon. ultim. pag. 167. col. 1. in princ.
- Ex Lib. Apocalypsi.
- Cap. 1. v. 16. *Et de ore ejus gladius utraque parte acutus exibat.* pag. 227. col. 1. in fin.
- Cap. 2. v. 21. & 22. *Non vult panitere à fornicatione sua. Ecce mittam eam in lectum.* pag. 70. col. 1. in med.
- Cap. 3. v. 15. & 16. *Vitam frigidus esses, aut calidus: sed quis tepidus es, & nec frigidus, nec calidus, incipiam te vomere ex ore meo.* pag. 192. col. 1. in fin.
- Cap. 4. v. 8. *Sanctus, Sanctus, Sanctus:* Ec pag. 154. col. 1. in med. & seqq.
- Cap. 5. v. 8. *Et viginti quatuor seniores*
- cecidissent coram Agno, habentes singuli citharas, & phialas aureas plenas odoramentorum.* pag. 343. col. 2. & seqq.
- Ibid. *Quae sunt orationes Sanctorum.* pag. 344. col. 1. in fin.
- v. 9. *Et cantabant canticum novum.* pag. 343. col. 2. in fin.
- v. 12. *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem, & Divinitatem.* pag. 86. col. 1. & seqq.
- v. 13. *Et omnem creaturam, quae in Caelo est, & super terram, & sub terra, & quae sunt in mari, & quae in eo: omnes audire dicentes, Sedit in throno, & Agno, benedictio, & honor, & gloria, & potestas in secula seculorum.* pag. 319. col. 2.
- Cap. 8. v. 1. *Et factum est silentium in Caelo, quasi media hora.* pag. 154. col. 1. in fin. & seqq.
- v. 3. & 4. *Et alius Angelus venit, & stetit ante altare: & c. pag. 154. col. 2. & seqq.*
- Cap. 12. v. 2. *Cruciabatur, ut pariat.* pag. 489. col. 2. in med. & seqq.
- v. 5. *Et peperit filium masculinum, qui relictus erat omnes Gemes.* pag. 489. col. 2. in med.
- Cap. 17. v. 1. *Veni, ostendam tibi damnationem meretricis magnae.* pag. 222. col. 2. & pag. 251. col. 1. in fin. & pag. 266. col. 2.
- v. 2. *Cum qua fornicati sunt Reges terra, & inebriati sunt, qui inhabitant terram, de vino prostitutionis ejus.* pag. 251. col. 1.
- v. 3. *Vidi mulierem sedentem super bestiam coccineam... habentem capita septem,*

septem, & cornua decem. pag. 251.
col. 1. & seqq.

v. 4. Circundata purpura, auro, &
margaritis pag. 251. col. 1.

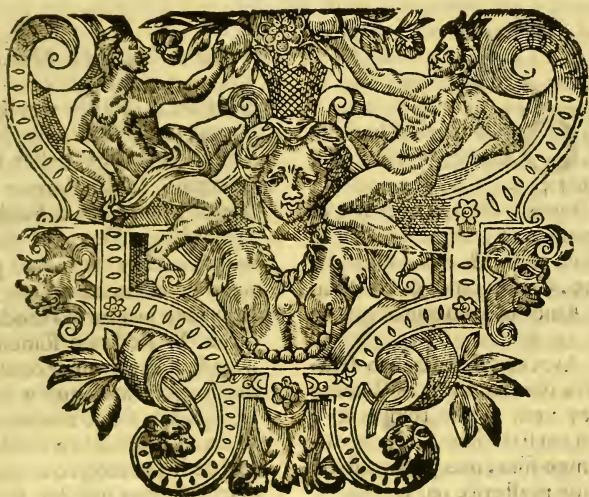
Ibid. Habens poculum aureum in ma-
nu sua, plenum abominatione, &
immunditia. pag. 251. col. 1. in med.

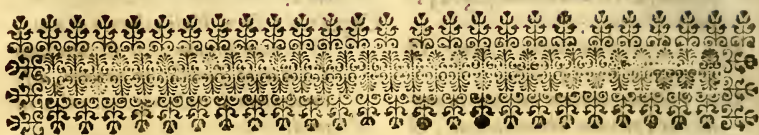
v. 5. Babylon magna, mater fornica-
tionum. pag. 251. col. 2. in princ. &
pag. 259. col. 1.

Cap. 19. v. 13. Verbum Dei. pag. 92.

col. 1.
Cap. 21. v. 1. & 2. Vidi calum novum,
& terram novam: &c. & Sanctam
Civitatem Ierusalem novam, des-
cendentem de caelo. pag. 64. col. 2. in
med.

v. 4. Et absterget Deus omnem lachry-
mam ab oculis eorum: & mors ul-
tra non erit, neque luctus: &c. pag.
65. col. 1.





INDEX

Das cousas notaveis.

O primeiro numero significa o Sermaõ: o segundo o Paragrafo do mesmo.

A

Alvedrio. **O** Alvedrio he leão, & a graça ovelha, & porque? 5. 3.

Amigo. O amigo diz o Proverbio, *est alter ego*: em quanto he *ego*, elle, & eu somos hum, & em quanto he *alter*, eu, & elle somos dous. 14. 4.

Amor. O Amor transforma os que se amaõ. 14. 4.

Arca. A Arca do Testamento sempre teve dentro em si as Taboas da Ley: em algum tempo teve dentro em si o Manna, & em outro tempo fóra, mas junto a si. E com que mysterio. 10. 1.

Arco. O Arco celeste não foi feito para Deos atirar setas aos homêes, senão para os homens as atirarem a Deos. Antigamente não tinha corda, & hoje já tem, & qual he. 10. 3.

Ave Maria. Na Ave Maria invocamos a intercessão da Virgem Senhora Nossa por tres titulos, de Santa, de Maria, de Mãy de Deos. 1. 10. Qual delles he mais poderoso? *Ibid.* Porque na Ave Maria invocamos a Senhora como Mãy de Deos, & não como Mãy nossa? 1. 10. Não pedimos nada determinadamente, & este he o mais primoroso modo de pedir. 2. 8. Pedindo somente que peça sem determinar cousa alguma, não sô queremos que a intercessão seja sua, senão tambem a elcicção. 2. 8. Podendo a Senhora dar sem pedir, he motivo de mais estimarmos o que nos der sendo pedido. *Ibid.* Rogando a Senhora por nós dá a Deos o ser divino, tendolhe dado sô o humano. *Ibid.* No Padre nosso pedimos a Deos o paõ para cada dia, na Ave Maria

ria

ria pedimos á Mãe de Deos sua intercessão para cada hora, & para cada instante. 2. 9. A Ave Maria foi obra do Padre, & do Espirito Santo, como o Padre nosso do Filho. 4. 3. A Santissima Trindade no Ceo diz *Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum.* 3. 3. A segunda Ave Maria no Rosário he a que dá efficacia à primeira, & a terceira á segunda, & assim as demais, & porque. 5. 5.

Avogado. As partes que devem concorrer com hum Avogado para ser excellente na sua profissão. 6. 11. Vide Christo.

B

Baltheo. **A** Insignia dos soldados antigamente não consistia na espada, ou lança, senão no baltheo militar. 12. 8. O baltheo do soldado Christão he o Rosário da Virgem Senhora Nossa. O qual levado a tiracolo lhe dá vitoria contra os inimigos. *Ibid.*

Barro. O vaso de barro antes de ir ao fogo se se quebra pode se reformar, depois de ir ao fogo não. 6. 9.

C

Ceo. **E** Ste Ceo, que vemos, he o Ceo da terra, o Ceo onde está Deos, he o Ceo do Ceo. 1. 3. Como se faz a vontade de Deos

no Ceo, & como o podemos nós imitar na terra. 2. 5.

Christo. Quando Christo tornou para o Ceo em quanto homem coube pelas portas, quando sahio de lá em quanto Deos foi necessario que os Ceos se rompessem. 2. 1. Todas as obras de Christo fallão, porque Christo he o Verbo, & palavra do Padre, & a palavra não obra senão fallando. 3. 2. Pilatos lavou as mãos na morte de Christo, & o Eterno Padre não as pode lavar. 6. 2. Em nenhum vicio resplandece tanto a virtude de Christo contra o peccado, como no vicio da sensualidade. 7. 3. Foi Christo significado no cordão vermelho, por meyo do qual se livrãrão os dous exploradores de Jericó. A cor vermelha significava o Sangue da Redenção, & os dous exploradores os dous Povos remidos Judaico, & Gentilico. 7. 6. Tambem foi significado no cacho de uvas da terra de Promissão, que trouxerao suspenso em hũa lança os dous primeiros exploradores, representando o de diante o Povo Judaico, que lhe virou as costas, & o de detraz o Gentilico, que o ama, & traz nos olhos. *Ibid.* Christo he trino, & hum, & por isso lhe chamou Salamao cordão de trez ramaes, que difficulosamente se rompe. 7. 6. Consistio esta difficuldade em morrer sendo Deos. *Ibid.* He tão fermoso na Cruz, & na sepultura, como na Transfiguração. 8. diij 5. Chri-

5. Christo não só veio remir os homens, senão também os tempos. *Ibid.* Pela memoria da Payxaõ de Christo, & com Payxaõ de suas penas fazemos nollõ o preço dellas. 13. 4. He tal Avogado Christo, que porque o nollõ Avogado he justo, não importa que nõs sejamos Deos. 13. 4. Quam devedor he Christo a sua Mãe. 13. 6. Christo nacéo segunda vez da Virgem Maria na Cruz. 14. 1. No Presépio nacéo em quanto Christo, na Cruz em quanto Jesus. *Ibid.* Por meyo da Fé, & do Baptismo todos os Christaõs são membros de Christo, & pelo mesmo titulo filhos da Virgem Maria. 14. 5. Comendo Christo muitas vezes depois de resuscitado não se lhe augmentou a Carne, nem o Sangue. E porque. 15. 2. Vide Cruz.

Cõmunidade. E quam difficultoso seja de reformar hũa cõmunidade relaxada. 5. 6. E quanta efficacia tenha a devaçaõ do Rosario para a reformar. 5. 6.

Contas. As do Rosario se convertem em pedras contra os inimigos da Fé. 12. 4. Quem quizer dar boas contas a Deos reze pelas do Rosario. 13. per totum. O lavor do Candelabro era torneado em contas, & esculpido em rosas. 1. 9.

Coraçaõ. Ha homens, que não tem coraçaõ dentro, senão fõra de si. 3. 6.

Crueldade. Crueldade, que por meyo dos Barbaros, & por si executá-

raõ os Hereges nas guerras de Parnambuco. 12. 1.

Cruz. Christo em todos os dias de sua vida sempre trouxe a Cruz ás costas. E até ao Ceo a levou consigo; donde a ha de trazer no dia do juizo. 13. 4.

D

Dar. **M** Vito dezeja dar quem pede que lhe peçaõ.

2. 3.

Demonio. Nunca farta aos que tenta, porque os tem mais seguros na fome, que no fastio. 2. 7.

Deos. O que Deos faz de hũa vez não o manifesta de hũa vez; porque no fazer obra segundo as medidas de sua omnipotencia, & no manifestar segundo a capacidade de nossa vista. 2. 1. Fez Deos a seu Filho homem para ter hum Filho, que lhe podesse pedir, & a quem elle podesse dar. 2. 3. Alexandre quando se fez filho de Jupiter não quiz que o nomeassem por filho de Felipe Rey de Macedonia; porque até entre os gentios, & no gentio mais soberbo quem toma a Deos por pay não toma na boca outros pays. 2. 4. Só Deos he o verdadeiro Pay, porque só elle, & não os pays da terra nos dá o ser, & só elle conhece a quem dá. 2. 4. Não nos concede Deos muitas cousas, que lhe pedimos, porque nos não cõvem. 2. 6. Danos o necessario, & não

nao o superfluo, porque nos quer bem mantidos, mas nao enfastiados. 2. 7. Porque gosta Deos de conversar com os simples? 3. 4. O effeito de fallar de Deos he fazer mudos aquelles, com quem falla. *Ibid.* Em todas as suas obras imprime Deos o sigillo, ou caracter da Santissima Trindade. 4. 3. Antes de Christo ser conhecido por Deos para conciliar autoridade a sua doutrina, disse que nao era sua, senao do Padre. 4. 4. Sobre o que Deos diz ninguem pode acrescentar. Porque Deos quando ensina diz tudo: & sobre tudo nao ha nada. 4. 6. Depois de Deos se fazer homem, nem a razao, nem a semrazao humana tem pretexto algum para nao obedecer a tudo o que Deos lhe manda. 5. 4. Deos para conceder o que se lhe pede querse importunado. 5. 5. A misericordia de Deos entao he grande, quando parece injusta. 6. 2. per totum. He melhor que muitas vidas. 6. 5. Deos nao so he bom com os bons, senao tambem com os maos. 6. 8. Perverte a sua misericordia as leys de sua justica. Onde se explica com novidade o verso *cum perverso perverteris. Ibid.* Porque se chama Deos, Deos das vinganças, & nao Deos senao Pay das misericordias. 6. 9. Deos pelos mesmos motivos, porq cõdenna como justo, absolve como misericordioso. 6. 9. Atẽ a Deos importaõ as depẽdencias humanas. 6. 11. O Padar de Deos nao he como

os dos homẽs. Aos homẽs o mesmo comer continuado ainda que seja o Mannã causa fastio, a Deos para lhe dar gosto ha de ser continuado, & o mesmo todos os dias. 8. 4. Os homens ouvem as vozes, Deos os coraçoens. 10. 4. Se Deos nao padecẽra nao podiaõ os homens pagar ao mesmo Deos as dividas de seus peccados. 13. 3. Mas depois que Christo, padecẽo por nõs, as nossas dividas se trespassaõ a elle. *Ibid.* Sem pagarmos as nossas dividas aos homens nao nos pòde Deos perdoar as suas. 13. 8. Em que sentido pòde dizer São Zeno Veronense que Deos se digerio, *se digessit in Deum?* 15. 3. Antes de Deos se digerir manifestando sòmente aos homens a unidade da sua essencia, mais facilmente digeriao os homẽs paos, & pedras, que a Deos; porẽm depois que se digerio manifestando a trindade, & distincão das tres Pelloas Divinas, logo o digeriraõ, & convertẽraõ em sustancia. 15. 3.

Dependencia. Atẽ a Deos importaõ as dependencias humanas. 6. 11.

S. Domingos. Com os terços do Rosario combatia os vicios, & venicia, & triunfava dos mais obstinados. 5. 6. Foi figurado em Gedeão, & nos seus soldados os devotos do Rosario. 12. 7. Os Religiosos de São Domingos significados no Coro dos Profetas, a que se ajuntou Saul mudado em outro homem. 5. 7. *Multa alia passim.*

E

Engenho. **D** Escreve-se hum Engenho de açúcar, & a semelhança, que tem com o Inferno. 14. 8. Para os que trabalhão nos Engenhos escrevêo David tres Salmos, que intitoulou Pro torcularibus. 14. 7. Aos Pretos, que servem nos Engenhos, pertencem do Rosário os mysterios dolorosos. 14. 8. E quam semelhantes são os seus trabalhos aos da Payxaõ de Christo, com cuja memoria õs devem santificar. *Ibid.* 7. Rezando o Rosário nestes infernos não só podem acompanhar os Coros dos Anjos, mas aperfeiçoar o Rosário, que elles cantão no Ceo. E porque, 14. 8.

Exterior. Tem grande pezo diante de Deos os exteriores dos Reys, ainda quando lhe falta o interior da virtude. 6. 7.

F

Filho. **Q**ue os filhos não imitem a seus pays na vida, & na morte he grande milagre. 14. 6.

Fome. A fome hase de medir com o estamago. 2. 7.

G

Galas. **B**astaõ as galas, & as joyas para que as oraçoens da molher não sejaõ puras. 10. 5.

Grandeza. O não caber he argumêto de grandeza. 2. 1. Não basta que as coufas, que se dizem sejaõ grandes, se quem as diz não he grande. 4. 1.

Graca. He como a Ovelha, & o alvedrio como o Leão; & porque. 5. 3.

Guerra. O fim da guerra he a paz. 12. 1. 2.

H

Heregia. **O** Primeiro Herefaria do mundo foi o Demonio, & os primeiros Hereges Adão, & Eva. 11. 2. Todos os Hereges foraõ ensinados pelo Demonio, & muitos tiveraõ Demonios familiares. 11. 2. Como mata a Fé a Heregia; & a Heregia a Fé. *Ibid.* Os Hereges negaõ as tradiçoens. 11. 3. Heregias que se refutaõ, & confundem nos mysterios do Rosário. 11. 3. 4. 5. Heregias confutadas nas suas oraçoens. 6. 7. Vide Rosário.

Hipocrêsia. Quam grave peccado seja. 6. 6. No estilo da Curia de Deos hypocrita, & condenado significa o mesmo. *Ibid.*

Hoje. Hoje he sobrenome do homẽ. Ha

Ha homens de hoje , homens de
enhũa , & homens de nunca. E
eſtes ſão os de enhũa. 2. 7.

I

Igreja. **O** Que faz toda a Igreja
em cõmun , pôde fa-
zer qualquer homem em particu-
lar : & como. 8. 1. Ainda pôde
fazer mais. *Ibid.* O que faz a Igre-
ja em hum anno, fazem os devo-
tos do Roſário cada dia. 8. per tot.
Razoens, que tem a Igreja para
não celebrar os myſterios de
Chriſto todos juntamente, ſenaõ
divididos por dias em diverſos
tempos do anno. 8. 4.

interceſſão. Vide Maria.

João. São João, diz Origenes, que
foi o meſmo Jeſu, que a Virgem
Maria gerou. E em que ſentido
ſe pôde verificar eſte dito. 14. 4.
Crucificado Chriſto havia no
Calvario dous Jeſus, hum na
Cruz, outro ao pé della. E eſte
era São João. 14. 4.

vi. Mais injuſto juiz foi Pilatos pe-
lo ditame, com que condenou a
Chriſto, que pela ſentença, em
que o condenou. 6. 8. Porque o
juiz não pôde condenar, & ab-
ſolver pelos meſmos autos. *Ibid.*

L

Ley. **P**orque ſe chama a Ley de
Deos jugo, ſendo dous os

que levaõ o jugo, & hum o que
guarda a ley? 5. 3.

Louvor. Como diſte David, que ſo-
bre todos os louvores de Deos a-
inda havia de acrescentar? 6. 1.

Lutero. Gabavaſe Lutero de que el-
le, & o Demonio tinhaõ comido
ambos à meſma meſa mais de me-
yo alqueire de ſal. 11. 2. Elle,
Calvino, & outros de noſſo tem-
po quam capitaes inimigos fo-
raõ da Virgem Senhora noſſa.
11. 7.

M

Mandamentos. **O**Vam difficul-

toſa ſeja a guar-
da dos Mandamentos depois do
peccado de Adaõ. 5. 1. O meyo
mais efficaz para os guardar he a
oraçaõ. 5. 2. Adaõ não guardou
o Preceito Divino, porque foi
hum homem taõ bruto, que em
tantas occaſioens de orar, nunca
orou. 5. 3. Para guardar os Man-
damentos he neceſſario da parte
de Deos o influxo, & concurſo
da ſua graça, & da parte do ho-
mem o concurſo, & conſenſo do
ſeu alvedrio. 5. 3. Porque meyo,
ſem antecedente guarda dos Ma-
damentos de Deos, ſe pôde al-
cançar a ſalvação. 6. per tot.

Mão. Para que as mãos, que levam-
os a Deos quando oramos,
não ſejaõ puras, quam pouco ba-
ſta nos homens, & muito mais
nas mulheres. 10. 5. Quem pra
com

com as mãos cheas de sangue não ora : & de quantos modos estão cheas de sangue as mãos. 10. 5.

Mar. He significado no carro de Ezechiel. 9. 3. Quam temeroso seja o mar nos mezes do Inverno. Ainda manso, & quieto he temeroso. E basta não ver mais que mar, & Ceo para causar horror. 9. 1. 2. Tem quatro nomes com outras tantas significações. 9. 2. 3. Nos naufragios do mar como nos da Republica, primeiro se perde a arte, que o navio. 9. 6. Quaesão as ondas do mar, que se chamaão decumanas. 9. 7. Hum dia de tempestade, he como o dia do juizo. 9. 8. O mar quieto he traidor, & debayxo da planicie esconde grandes montes. *Ibid.*

Maria. Quam poderosa he a intercessão da Virgem Maria como Santa, como Maria, & como Mãe de Deos. 1. 10. Intercede cō Deos, & pelos peccadores : & he tão chegada a Deos, com quem intercede, que só lhe falta o ser Deos : & tão chegada aos peccadores, por quem intercede, que só lhe falta o peccado. *Ibid.* He filha de peccadores por natureza, & Mãe de Deos por graça : mas por tal modo de graça, que a mesma natureza, que recebéo dos peccadores para ser sua filha, foi a segunda natureza, que deo a Deos para ser sua Mãe. 1. 10. Invocamos a Senhora como Mãe de Deos, & não como Mãe nossa, porque deste modo a empenha-

mos mais em nosso favor. *Ibid.* Em certo modo mais devemos a coroa da gloria à intercessão da Virgem, que à mesma graça de Deos. *Ibid.* Roga a Senhora por nós, como lhe pedimos, & se gerando a Christo lhe deo o ser humano, rogando-o dalhe o divino. 2. 8. Em todos os mysterios de sua vida pôde Christo parecer somente homem, mas quando Maria o roga não se lhe pode negar o ser divino. E porque. 2. 8. A Virgem Maria concebéo o Verbo no ventre, & na mente, & quanta parte tiverão em hũa, & outra conceição os ouvidos da Senhora. 3. 2. Porque apparecéo a Senhora a São Felippe Benisi em hũa carroça, pela qual tirava hum leão, & hũa ovelha. 5. 3. Christo purga o mundo com rayos, a Virgem Maria com rozas. 5. 6. He tal a misericordia desta Senhora que parece injustiça. 6. 3. Não só os Demonios, & os condenados, mas os mesmos Bemaventurados parece se podem queixar dos excessos de sua misericordia. 6. 4. Ninguem se salva, senão por meyo da Virgem Maria. 6. 4. A misericordia de Deos excede o justo, a de sua Mãe até o injusto excede. 6. 4. Assim como Maria não pôde fazer nada sem Deos, assim Deos não faz merces sem Maria. 6. 5. Em todas as suas leys geraes dispensa Deos, quando assim o quer sua Mãe. 6. 4. 5. 6. Maria pôde tirar os homens da sepultura,

tura, & tambem do inferno. 6. 5. A ſua miſericordia não ſó ſe deve a vida, ſe não as vidas. *Ibid.* Faz que Deos pervaſta as ſuas leys, & como. 6. 9. No tal caſo he a miſericordia filha inteira de Pay, & de Mãy; porque he filha do Pay das miſericordias, & da Mãy da miſericordia. *Ibid.* Como na Virgem Senhora noſſa ſe revogãrão todas as leys, aſſim por amor della as revoga Deos todas. 6. 10. Em quanto Senhora do Roſario he representada na Iris. E neſta representação aſſegura os homens de que Deos lhes perdoará ainda que tenham as meſmas culpas, porque deverão ſer caſtigados. *Ibid.* Sendo o Juiz tão juſto como Chriſto, & a parte tão aſtuta como o Demonio, & a cauſa tão deſeſperada como eſtar condemnado ao Inferno, he tão excellente Avogada a Virgem Maria, que ainda nos taes caſos prevalece. 6. 11. He deſcendente de Rahab natural de Jericó. 7. 2. Na geologia da Virgem ſó ſe contão molheres peccadoras, & não as ſantas, porque a meſma Senhora eſcurece as ſantas, como o Sol as Eſtrellas, & allumia as peccadoras, como a Lua as trevas. 7. 2. A mayor gloria da Virgem puriſſima he lembrarſe de peccadores ſenſuaes para os ſalvar. 7. 5. Não ſe contenta a Senhora que nos louvores que lhe damos ſeja tambem louvado ſeu filho por confequencia, ſe não expreſſamente. 8.

2. Inſtituhio o Roſario para offerrecer, para que nos offerreſſemos a Deos juntamente cada dia, o q̃ a Igreja lhe offerrece dividido em diverſos tempos do anno. 8. 4. Maria ſignifica Eſtrela do mar, & Senhora do Mar. 9. 1. Em quanto Senhora do Roſario exercita mais particularmente eſte dominio ſerenando as tempeſtades, & livrando ſeus devotos de todo o perigo, & naufragio. 9. 4. 5. &c. Provaſe com admiraveis exêmplos. *Ibid.* Não ſó domina os que navegação o mar, que ſão os homens, ſe não tambem os que vivem dentro nelle, que ſão os pexes. 9. 5. Quando Chriſto vê a ſalvar, & a caſtigar juntamente, não vem ſua Mãy com elle. 9. 8. Foi figurada a Virgem na Arca do Teſtamento em todos ſeus tempos, & eſtados. 10. 1. Como ſe verefica na meſma Senhora o que della canta a Igreja: *Cunctas hereſes ſola interemiſti in univerſo mundo.* 11. 2. 3. 4. &c. Na cabeça da Serpente pizou a Virgem Senhora Noſſa, & ſopecou todas as Heregias. 11. 2. Na Cruz foi tres vezes Mãy: Mãy de Chriſto, Mãy de São João, & Mãy dos Pretos. 14. 2. 3. 4. Foi Mãy de Jeſu, que ſe chama Chriſto, & Mãy de Jeſu, que ſe chama João. 14. 4. Foi Mãy dos Pretos, & de que modo. 14. 5. Nos myſterios do ſeu Roſario digerio a Senhora o Sacramento do Corpo, & Sangue de Chriſto, & o invento deſta di-

e ij geitão

gestão foi obra verdadeiramente divina. 15. 3. 4.

Meditação. Não ha homem tão rude, que não saiba meditar, & não medite. 3. 8. Devemos meditar os nossos annos, & quam agradável he a Deos o offerecimento desta meditação. 8. 7. E não só devemos meditar os nossos, senão também os de Christo, & sua Mãy. *Ibid.* As meditações da aranha são menos vans que as nossas. 8. 7.

Melchisedech. Sem Pay, nem Mãy, foi figura de Christo, que não teve Mãy no Ceo, nem Pay na terra. 1. 9.

Misericordia. Então he mayor a misericordia, quando as acções da misericordia se parecem com as da injustiça. 6. 2. Se a misericordia prevalece contra a justiça, como a exalta, segundo o texto: *misericordia superexaltat iudicium?* 6. 3.

Modo. A sabedoria consumada não só consiste nas cousas, que se dizem, se não no modo, com que se dizem. 2. 2. O modo no dizer consiste no meyo de dous extremos, emendando o defeito para que não diga menos, & moderando o excessso, para que não diga mais. 2. 2. No louvar, & no pedir he muito difficiloso guardar o modo devido. *Ibid.*

Molheres. Estragos que fizeram no mundo as mulheres pelo vicio do amor profano. Descrevemse os effeitos do mesmo amor, & co-

mo não deixa potencia na alma, nem sentido no corpo que não domine. 7. 4. Razão, porque he mais violenta, & contumaz esta payxaõ nas mulheres. Dellas usaráõ os Hereges passando os seus falsos argumentos ás suas linguas, para que ervadas as setas com este doce veneno, tivesse a força de matar que por si mesmos não tinham. *Ibid.* Molheres, & filhos são os que empenhaõ os Pays. no que depois não podem pagar. 13. 2. Bastaõ as galas, & as joyas, para que as mãos, que a mulher levanta a Deos quando ora, não se-jaõ puras. 10. 5.

N

Navio. **E** Mbarcouse Christo algúas vezes, não porque elle tivesse necessidade de navio, mas porque os navios tem necessidade delle. 9. 1.

Nutrição. Descrevese a fabrica natural della. Donde se inferem as causas porque sendo o Santissimo Sacramento o mantimento mais excellente, ou não nutre, ou muito pouco. 15. 4.

O

Olhos. **S**E o que se semeia em lagrimas frutifica muito, muito mais frutifica o que se semeia nos olhos. 6. 7.

Oração. He colloquio, pratica, & conversação do homem com Deos. 1. 1. Divide-se em vocal, & mental. 1. 1. Na vocal fallamos nós com Deos, na mental falla Deos connosco. 1. 1. Vide Ouvidos. Quanto o que ora se poem mais longe de Deos, tanto a sua oração chega mais perto d'elle. 1. 3. Na oração de Christo na Cruz: *Deus meus, ut quid dereliquisti me*: porque disse Deos, & não Pay: & porque se poz esta oração em lingua Hebraica. Dase a razão literal. 1. 4. A oração perfeitaissima não he aquella, em que pedimos a Deos para nós, senão aquella, em que pedimos a Deos para Deos. 1. 5. A verdadeira ordem de orar he pedir primeiro para Deos, & depois para nós. 1. 5. Quem na oração pede para todos, alcança para si o que deseja, ainda que o não peça; & ainda que não alcance o que pede para todos. 2. 7. Diferenças da oração mental, & excellencias, que tem sobre a vocal. 3. 1. Na oração mental meditando os mystérios, ouvimos o q̃ nelles nos falla Deos, & concebemos na mente o Verbo, ou palavra divina, ao modo com que o Eterno Padre o concebe, & gera. 3. 2. A hora de pela menha he a propria da oração mental, em que Deos nos falla, & falla em nós, & nós o ouvimos. 3. 2. As orações de que se compoem o Rosário excedem as de todos os Santos, & de todos

os Anjos. 4. 4. Por isso os Evangelistas não quizerão escrever as que fez São João Bautista; & os Anjos, quando ellas se offerecem a Deos, emudecem com as suas. 4. 5. 6. Affeçoarem-se muitos a outras orações he enganoso. & em que consiste. 4. 6. A oração he petição de cousas decentes, & assim a Deos, que as ha de dar, como ao homem, que as ha de receber. 4. 7. Por isso ordenarão consúitos Filósofos em suas feitas, que ninguem podesse orar a Deos senão em voz alta. *Ibid.* A ventagem, que faz a Virgem S. N. aos outros Santos, fazem as orações do Rosário a todas as outras orações. 4. 8. Quem bem ora, bem vive. E assim como ninguem pôde viver sem respirar, assim não pôde viver bem sem orar. 5. 2. A oração he a respiração da alma. Donde se segue, que he necessario orar sempre, & sem intermissão, porque a oração intermutente, como a respiração intermutente, he morte. A efficacia da oração consiste na perseverança. 5. 5. O remedio para recuperar em poucas horas os annos da vida passada, he meditar, & orar. 8. 6. E tambem para acrescentar os mesmos annos. *Ibid.* Só o coração, & as mãos são as q̃ dão voz à lingua, & lingua ao coração d'ate de Deos. 10. 3. Não ouye Deos as orações de muitos, porq̃ os seus corações estão longe, & são mudos. 10. 4. Quam pouco basta nos

c iij ho.

homens, & muito mais nas mulheres para que as suas orações não sejam puras. 10. 5. Toda a diferente Fê, ou Scita tem também differente modo de orar, & differentes orações. E porque. 11. 6. Quando Deos quer apartar de nós a sua misericórdia, aparta primeiro de nós a nossa oração. 13. 5. O não ter per si só. he orar, & o orar, & não ter he orar duas vezes. 13. 5. Ninguém estime pouco a sua oração; porque Deos a estima muito, & a manda logo escrever nos seus livros. *Ibid.*

Ouvidos. Como se pôde, & deve rezar o Rosario pelos ouvidos. 3. per tot. Os ouvidos são as balanças do entendimento. 3. 5.

P

Padre nosso. **S**E Christo nos não mandára dizer *Pater noster*, fora grande soberba chamarmos a Deos Pay nosso, & ainda depois de nolo mandar he grande ouzadia. 1. 4. Quando dizemos, *qui es in Celis*, sobe a nossa oração no Ceo até o Throno de Deos: quando dizemos *Pater noster*, sobe em Deos até o Seyo do Padre. 1. 4. Chamar a Deos Pay nosso he prerogativa própria da Ley da Graça. 1. 4. Entre as sete petições do Padre nosso, porque he a quarta, & a do meyo

panem nostrum quotidianum da nobis. 1. 8. Vide Sacramento. Na oração do Padre nosso só allegamos a Deos o ser Pay sem outra prefecção, ou titulo da nossa parte, nem da sua, porque todas as allegações juntas não chegam a comprehender o que diz esta palavra Pay. 2. 3. Quando pedimos a Deos o seu Reyno, porque não dizemos que nolo dê, senão que venha a nós. 2. 5. Dizer *Sicut Es nos dimittimus* não he allegar merecimentos, mas justificar que somos filhos do mesmo Deos, a quem chamamos Pay. 2. 3. Porque dizemos ainda quando oramos privadamente, Pay nosso, & não Pay meo? 2. 4. Porque advirtamos que todos somos irmaões, & nos estimemos como taes. E os que assim o não fazem não podem dizer a Deos Padre nosso, ainda que sejam Reys, & Imperadores. *Ibid.* Quam grande perfeição encerra em si dizermos a Deos *fiat voluntas tua, sicut in celo, & in terra*. 2. 5. per totum. Ha tanta differença entre fazer Deos a sua vontade, ou ser feita, que fazendo-a pôde fazer Anjos, & só sendo feita pôde fazer Bema-venturados. *Ibid.* Nas petições do Padre nosso se contem tudo o que podemos pedir, & appeterer. 2. 6. Na ultima petição *sed libera nos a malo* se contem as petições das honras, riquezas, &c. 2. 6. Porque nos ensina Christo no Padre nosso só pedir o pão de hoje. 2. 6. per totum. O Padre nos-

foi obra da Peſſoa do Filho , como a Ave Maria do Padre , & do Eſpirito Santo. 4. 3. São Paulo , porque pediu fora do Padre noſſo , nem elle ſoube pedir , nem Deos lhe concedeo o que pedia. 4. 7. A promeſſa de Chriſto *petite, & accipietis, omnis enim qui petit accipit, &c.* Entendeſe propriamente dos que frequentão a oração do Padre noſſo, da qual o Senhor actualmente fallava. 4. 7. No Padre noſſo chamamos a Deos Pay, & na Ave Maria Senhor , & nem o amamos como filhos , nem o reverenciamos como Senhor. 10. 6. E quanto no Padre noſſo dizemos com as palavras , negamos com as obras. 10. 6. Soldados do Padre noſſo por levarem ao tiracolo o Roſario vitoriosos contra o ſuperior poder dos inimigos , que por deſprezo lhe puzerao eſte nome. 12. 8.

Pay. Eſte nome comprehende mais por ſi que todos os titulos, ou motivos, que ſe podem allegar juntos. 2. 3. Nem a liberalidade de Rey, nem o amor de eſpoſo obriga tanto a dar como o nome de Pay. *Ibid.* Só Deos he o verdadeiro Pay, & as razoens porque. 2. 4. Quem tem a Deos por Pay não toma na boca outros Pays. 2.

4.
Paõ. O Paõ de cada dia he paõ do Ceo. Comido com cuidados , nem ſe digere, nem cauſa bons humores; ha de ſe medir com a vida para não parecer pouco. 2. 7

Não ſe ha de meter no meſmo ſe-
leiro o Paõ , & os annos. 2. 7. Aos meſmos que tem muito he neceſſario que Deos lho dê hoje. *Ibid.*

Peccado. Entre todos os que o mundo chama males ſó o peccado he verdadeiro mal. 1. 8. Deſte ſó livrou Chriſto aos ſeus diſcipulos, & Deos a ſeu filho. *Ibid.* Para hum homem dever duzentos milhoés a Deos, não he neceſſario que cometa os peccados a milhares, nem a centos, baſta hum ſó peccado. 13. 2. Pelos peccados vendemos o tempo , & o tornamos a fazer proprio pela boa vida. *Ibid.* Meditar , & chorar os annos da vida paſſada he o unico remedio para os tornar a viver. Recuidalos he revivelos. 1. 6.

Pedir. Não ha mais nobre modo de pedir que não pedindo. 2. 8. Pedir por eſte modo he pedir, & dar. E porque. *Ibid.* Pelo contrario pedir determinadamente o que queremos, he pedir, & mandar juntamente , & querer que Deos nos obedeça a nós , & não nós a elle. 2. 8. Mais devo a quem me dá o que pede, que a quem me dá o que pôde. E muito mais ſe podendo pede. *Ibid.*

Perdão. Quem perdoa as offenſas que lhe fizerao os inimigos , perdoas ſe a ſi meſmo as que tem feito a Deos. 1. 6. E fallo Deos Senhor de ſi meſmo , iſto he do meſmo Deos. E em que ſentido ſe verifica eſta propoſição. *Ibid.*

Pernambuco. Dificuldades de sua recuperação depois da Armada Real derrotada. E perigos da Bahia no mesmo estado. 12. 2. Consideram-se estas dificuldades pela diferença do poder marítimo, & da terra, & pela desigualdade do numero dos soldados. *Ibid.* 3. 5. Prometese á Bahia a defensão, & a Pernambuco a recuperação por meyo do Rosário da Virgem Senhora nossa. *Ibid.* Olinda, & Olinda juntas debayxo do mesmo dominio eraõ a terra de Promissão, & porque. *Ibid.*

Prêgador. Os Prêgadores são as centinelas da Republica, os Pulpitos as guaritas, os Templos as fortalezas. 7. 1. Quam grande he o perigo do Prêgador senão prêga o que deve: & quam grande o dos ouvintes se prêgando o que deve o não executaõ. 7. 1. O que revela a hum Prêgador manda a todos que o prêguem. 12. 1.

Pretos. Os Pretos, ou Etiopes são filhos da Virgem Maria, & alcançaraõ esta dignidade no Calvário. 14. 5. O que se entende não dos gentios, senão dos convertidos a Fé, & quantas graças devem a Deos, & á mesma Senhora por este grande beneficio. 14. 6. Vi-de Engenho.

Príncipe. Não ha de dar tudo em hú dia para pôder dar todos os dias. Dando tudo cuidaõ que ganhaõ a muitos, & perdem a todos; porque não ha Fé sem esperança; nê firmeza sem dependência. 2. 7. Vi-de Rey.

Peixe. Hum mais admiravel que a Balea de Jonas, com notaveis circunstancias. 9. 5.

R

Razão. **Q** Vem tendo razoens para negar não nega, não ha mitter razoens para conceder. 2. 2.

Rey. El Rey David entre os grandes cuidados da Monarchia o teve da devação, & salvação dos trabalhadores. 14. 6. O Rey q toma as contas de sua fazenda por sua propria pessoa terá milhoens a milhares. 13. 2. Rey cõvertido por meyo do Rosário, que não rezava. 6. per tot. Se os Reys não sabem ser bons Reys, ao menos saibão fazer bons vassallos, & como. 6. 11. Para promover o Culto Divino, & o serviço de Deos, são mais aptos instrumentos os Reys ainda que sejaõ máos, que qualquer Ecclesiastico por muito bom que seja. 6. 11. Dase a razão disto. *Ibid.* Tem grande pezo os exteriores dos Reys ainda que lhes falte o interior da virtude. 6. 7. Porque do que os subditos vem nos Reys, tiraõ elles, & Deos grandes utilidades. *Ibid.* São os Reys como a Serpente de Moyses, que só com ser vista saravão os que a viaõ, & são como o fogo da Garça, que a mesma Garça onde estava não queimava, & a terra onde, não estava, santificava. *Ibid.*

Ro-

Rogar. Se ha algũa couſa que poſſa dar divindade, não he outra ſenaõ o rogar. 2. 8. Vide *Maria*.

Rofa. Liliu no Livro dos Cantares, & geralmente na Sagrada Eſcritura ſegundo a propriedade Hebréa ſignifica Roſa. 15. 1. A Roſa he prégador da brevidade da vida. 2. 7. Chriſto purga o mundo com rayos, a Virgem Maria com roſas. 5. 6. Só as Roſas de Jericó eraõ compoſtas de dez folhas. 7. 2. Das eſpinhas da primeira Eva colheo roſas a ſegunda 5. 1. O lavor do candelabro era eſculpido de roſas, & torneado de contas. 1. 8. As roſas do Roſario rezado com mãos impuras cheirão mal a Deos. 10. 5. Coroas de roſas poſtas ſobre a cabeça dos devotos do Roſario. 5. 6.

Rofaria. Compoemſe de Oração vocal, & mental. 1. 1. A voz, ou oração vocal do Roſario he alta, & altiffima na confideração do que pede, a quem pede, & por quem pede. 1. 2. Anna Mãy de Samuel foi figura dos que rézaõ o Roſario. 1. 3. E tambem, & com mayor perfeição Judith. 1. 5. A voz, ou oração vocal do Roſario ſendo altiffima no que diz, ainda he mais alta no modo, com que o diz. 2. per tot. O Roſario ſõ com ſeu nome he prégador da brevidade da vida. 2. 7. Como ſe pode, & ſe deve, & ſe ha de rezar pelos ouvidos. 3. per tot. Rezar o Roſario pelos ouvidos não ſõ he mais conveniente, & mais

util, ſenaõ totalmente neceſſario, ſobpena de não ſer Roſario. 3. 4. 5. 6. Rezar ſõ vocalmente, & não meditar he genero de deſcorrezia, porque converſando com Deos, he fallar tudo, & não ouvir. 3. 4. Os que aſſim rézaõ não ſão devotos: quando muito ſão rezadores, & por iſſo ou cegos, ou mercieiros. *Ibid.* O que mais aggrada a Chriſto no Roſario he a meditação dos ſeus myſterios. 3. 5. O Roſario he collar de peiolas enfiadas, mas ſenaõ ſe reza pelos ouvidos, faltaõlhe á eſpoſa as arrecadas. 3. 5. Quam efficaz ſeja a meditação dos myſterios do Roſario para Chriſto trazer a ſi as almas poſto que negligentes. 3. 5. O effeito deſta meditação he accender os coraçõens em amor de Deos. 3. 6. O modo de meditar o Roſario he ver, o que Deos me diz em cada myſterio, & o que me argue, & reprende com elle. 3. 7. Praxe deſta meditação. *Ibid.* Não ſaber meditar, ou ter muitas occupaçoens ſão as duas eſcuſas, porque ſe deixa de meditar o Roſario. 3. 8. Ambas ſe convencem. *Ibid.* Todas as oraçoens, que ſe rézaõ não por obrigação, mas por eleição propria, ſe devem converter em Roſarios. 4. 2. O Autor das oraçoens, de q ſe cõpoem o Roſario, he Deos, & de tal maneira ſe empenhou neſta grande obra todo Deos, q todas as Peſſoas da Sãtiſſima Trindade as repartirão entre ſi. 4. 3. O Roſario he

hum collar em fôrma de triângulo com rosas de tres folhas feitas de pedras preciosas em confirmação de ser obra da Santissima Trindade. *Ibid.* Daqui se segue, que nenhûas orações quaesquer, & de quem quer, que sejaõ, se podem comparar com as do Rosário. 4. 4. Os que rézaõ o Rosário, nem podem errar no que pedem a Deos, nem Deos lhe pôde negar o que pedem. 4. 7. Razoes porque Deos não pode negar, o que lhe pedimos no Rosário. 4. 7. 8. A ventagem, que faz a Virgem Senhora Nossa aos outros Santos, faz a oração do Rosário ás outras orações. 4. 8. Assim o declarou a mesma Senhora. *Ibid.* A devação do Rosário he o meyo mais efficaz para guardarmos os Mandamentos de Deos. 5. per totum. O Rosário he freo para o alvedrio, & roda de alcatruzes para a graça 5. 3. He composto de oração vocal, & mental: vocal, para pedir a graça: mental, para persuadir o alvedrio. *Ibid.* A virtude, que tem o Rosário para reduzir os homens á guarda dos preceitos divinos, prova-se nas pessoas particulares, nas familias, nas comunidades, & no mundo todo. 5. 6. Mudanças de vida por meyo do Rosário significadas na de Saul. 5. 7. Ha pouca observancia dos Mandamentos de Deos, porque ha poucos devotos do Rosário; & posto que haja muitos que rezem, ha poucos, que o

meditem. 5. 7. Os louvores do Rosário são como os de Deos, que depois de se dizerem todos, ainda ha mais que dizer, & louvar. 6. 1. He tal a virtude, & efficacia do Rosário, que não só faz Bemaventurados os que guardão os Mandamentos de Deos, senão também os que os não guardão. E como. 6. per totum. O Rosário atê não rezado pôde salvar peccadores. Exemplo raro. 6. 3. Ainda que o Rosário seja de calábucos, & as suas contas rosas, se os que o rêzaõ são máos, não cheira bem a Deos. 6. 6. Arvore, que dava por fruto Rosários, & como se podem semear estas arvores mais por meyo do exemplo, que dos exemplos. 6. 7. He singular privilegio da Virgem Maria em quanto Senhora do Rosário revogar Deos por seu amor, & respeito todas as suas leys. 6. 10. A Iris de tres cores he figura do Rosário, & seus mysterios. 6. 10. Como também as rosas de Jericó compostas de 150. folhas. 7. 2. Também o cordão vermelho, com q̃ Rahab livrou os exploradores de Josué. 7. 5. A boca dos que rêzaõ o Rosário he a janela, de q̃ o cordão esteve pendente, & assim como Rahab, & os exploradores se livrão da morte por meyo daquelle cordão, assim se salvão os que se valem do Rosário. 7. 6. 7. Tem o Rosário particular virtude para salvar meretricês; por isto Oseas, que representava a Deos, por man-

mandado do meſmo Deos ſe caſou com hũa, & a comprou com quinze dinheiros, que ſignificaõ os quinze myſterios do Roſario. 7. 7. Confirmaſe tudo com hum notavel exemplo. 8. O que faz a Igreja univerſal cada anno, faz o Roſario todos os dias. 8. 2. 3. per totum. He o Roſario hum Zodiaco, em que a volta, que o Sol dá em hum anno, dá elle em hum dia. São os dias do Roſario annos abreviados, & cada dia dos que o rézaõ compoſto de 375. dias. 8. 2. 3. A Igreja dá tantos dias aos myſterios de Chriſto, quantos ſão os myſterios, & o Roſario, quantos ſão os dias. 7. 4. A Igreja reparte os dias, & os myſterios para ſe accomodar ao faſcio dos homens, & o Roſario ajunta os myſterios, & mais os dias, para ſe accomodar ao goſto de Deos. 8. 4. Para recuperar os annos perdidos, & mal gaſtados não ha meyo mais efficaç, que rezar o Roſario. 8. 6. Qual deva ſer a noſſa primeira meditação, quando tomamos nas mãos o Roſario. 8. 7. O Roſario aſſim quanto aos myſterios, como quanto às oraçoens naceõ em Nazareth. 9. 2. Quam particular virtude tem cõtra as tempeſtades, & perigos do mar. 9. 4. 5. 6. &c. Dividioſe em decadas, porque aſſim ſe dividem as ondas, quando mais furioſas. 9. 7. Para ſer o Roſario bem rezado não ſõ ſe ha de rezar com a boca, ſenaõ com o coração, &

com as mãos. 10. per totum. As duas pontas do Arco celeſte ſão a Divindade, & Humanidade de Chriſto; a corda he a uniaõ hypotatica, & dos myſterios humanos, & divinos, de que ſe compoem o Roſario, ſe formaõ as ſetas, com que as noſſas mãos, & os noſſos coraçãoes ferem o de Deos. 10. 3. Defeitos do Roſario rezado ſõ com a boca, & ſem o coração. 10. 4. Defeitos do meſmo rezado ſõ com a boca, & ſem as mãos. 10. 5. Os que rézaõ o Roſario tem obrigação de fallar como Deos, & de fallar como Anjos. 10. 4. As roſas do Roſario rezadas com mãos impuras cheirãõ mal a Deos. 10. 5. Tanta pureza ſe requer para rezar perfeitamente o Roſario, como para entrar no Ceõ, & para recceber o Santiffimo Sacramento. 10. 5. Rézaõ o Roſario com dolo os que dizem nelle hũa couſa, & fazem outra. 10. 6. O Roſario he hũa univerſal proteſtagaõ da Fé, & nelle ſe refutaõ, & confundem todas as heregias. 11. per totum. Heregias confutadas nos ſeus myſterios. 11. 3. 4. 5. Heregias confutadas nas juas oraçoens. 11. 6. 7. 8. Heregias confutadas na ſua Cruz, & medalhas. 11. 8. Com mayor extenſaõ ſe confutaõ todas as heregias no Roſario, que em todos os tres ſymbolos da Fé. *Ibid.* Porque os Hereges ſõ confeſſaõ as Eſcrituras, & negaõ as tradiçoens, conſta o Roſario, &

seus mysterios de tradiçoens, & Escrituras. 11. 3. O Rosário he a funda de David: prometese por meyo delle a paz, & vitoria dos Portuguezes no Brasil, com a defenſa da Bahia, & recuperação de Pernambuco. 12. per totum. As contas do Rosário ſe convertem em ballas contra os inimigos da Fè. 12. 4. O Rosário ſupre, & acrescenta o numero dos ſoldados, & de que modo. 12. 5. As armas do Rosário podem-nas menear todos, homens, molheres, velhos, meninos, &c. 12. 5. E quando o numero dos ſoldados he inferior, faz que os poucos venção aos muitos. *Ibid.* 6. 7. 8. Os ſoldados de Gedeão forão figura dos que rção o Rosário: & Gedeão do ſeu fundador São Domingos. *Ibid.* 7. Quem quizer dar boas contas a Deos reze pelas do Rosário. 13. per totum. No Rosário mental valemonos dos merecimentos de Chriſto, no vocal valemonos das oraçoens, & interceſſão de ſua Mãe, & com eſtes dous cabedaes nos defempenhamos com Deos de todas as noſſas dividas. 13. 2. Chriſto he devedor a ſua Mãe em todos os mysterios do Rosário, & como elle he devedor a ſua Mãe, & ſua Mãe devedora a nós, & nós devedores a Deos, nos encontramos deſtas dividas não podemos deixar de dar boas contas das noſſas por ſua interceſſão. 13. 6. Provaſe com hum notavel exemplo.

Em previſão de que os Pretos haviaõ de ſer devotos do ſeu Rosário, os livrou Deos, & a Virgem Maria das breñhas, & cegueira da gentildade, em que morrêrão ſeus Pays. 14. 6. Chriſto na Cruz não deo á Senhora nome de Mãe, & os devotos do Rosário a invocação nelle cento & cincoenta vezes com o nome de Mãe de Deos. 14. 7. Aſſim como Chriſto na Cruz rou tres vezes, mas brevemente; aſſim os que tem muito trabalho podem rezar o Rosário abreviado. *Ibid.* Aos Pretos, que ſervem nos Engenhos de açúcar, pertencem do Rosário os mysterios doloroſos. 14. 8. Vide Engenho. O Corpo de Chriſto, que no Sacramento ſe come, no Rosário ſe digere. 15. 2. O Sacramento he o Rosário indigeſto, o Rosário he o Sacramento digerido. 15. 3. O invento deſta digeſtão foi obra verdadeiramente divina. *Ibid.*

S

Sacramento.

O Santiffimo Sacramento he paõ ſubſtancial, & noſſo. E porque. 1. 9. Entre as ſete petigoens do Padre noſſo pedimos o Santiffimo Sacramento, para q̃ poſto como entre dous Emiferios nos fortaleça, aſſim nas tres primeiras que pertencem a Deos, como nas tres ultimas, que nos pertencem a nós. 1. 9. He como o Sol entre

entre os ſete Planetas, que poſto no quarto Ceo allumia os tres de bayxo, & os tres de cima. *Ibid.* O Candelabro do Templo de Salamaõ foi figura do Santiffimo Sacramento, & não ſe faz menção da baze, porque eſtaõ nelle os accidentes ſem ſogetto. 1. 9. Chriſto no Sacramento falla, & mais quer ſer ouvido, que cõmungado; porque ouvido obra com mayor effiacia. 3. 6. Chriſto no Sacramento he ſacrificio de cada dia; & por eſta circumſtancia muito mais agradavel a Deos. 8. 4. Excede neſta circumſtancia ao ſacrificio da Cruz, porque o da Cruz foi de hum ſõ dia, & o da Euchariftia he de todos os dias. *Ibid.* Sendo o Santiffimo Sacramento por antenomaſia o myſterio da Fè, porque não eſtá expreſſo em nenhum dos tres ſymbolos della? 11. 8. A cauſa porque em muitos que cõmungão frequentemente ſe não vem os effeitos do Santiffimo Sacramento, he, porque comemos a Chriſto, mas não o digerimos. 15. 2. Commungado verdadeiramente o Corpo de Chriſto, dali ſe difunde por todas as partes do noſſo, & lhe cõmunica as ſuas virtudes. 15. 2. O que no meſmo Sacramento eſtá indigeſto, ſe digere nos myſterios do Roſario. 15. 3. E para a nutrição da alma he neceſſaria eſta digeſtão. 15. 4. A memoria, entendimento, & vontade ſão as tres potencias, com que ſe faz, & aperfeiçoa, no Sa-

cramento a nutrição das almas. 15. 4. Antes de cõmungar, & depois de cõmungar ſe haõ de meditar, & rumiár os myſterios do Sacramento. 15. 5. Os que os meditaõ, & rumiaõ ſão ſõ dignos de o receber, os que os não meditaõ, nem rumiaõ, indignos. 15. 5. *Senſualidade.* Os outros vicios podem andar ſeparados, & ainda encontrados, o da ſenſualidade, ou juntos em ſi, ou encadeados apoz ſi, ſempre os tráz todos comſigo. 7. 3. Eſta he a beſta do Apocalypſe, que tinha ſete cabeças, & dez pontas: ſete cabeças, porque ſendo hum ſõ peccado domina em todos ſete, & oppoſe a hum ſõ mandamento deſtroee todos 10. *Ibid.* Deſcreveſe a carroça da ſenſualidade, em que vence, & triunfa do mundo. 7. 4. Nas molheres aſſim como he mais afrontoſo eſte vicio, aſſim he mais pernicioſo. 7. 4. Vide molher. Não eſtá ſegura a Fè, onde reina a ſenſualidade. *Ibid.* Pelo peccado da ſenſualidade, dos que chegaõ a idade de o cometer ſão pocos, os que ſe ſalvaõ. 7. 9.

T

Talento. **T** Alentos antigamente ſignificavaõ dinheiro, & hoje o dinheiro he todos os talentos. 13. 2.

Tempo. Como ſe pôde reſgatar o paſſado
fijj fado

fado, & recuperar o perdido. 8. 6.

Vendemolo pelo peccado, & tornamolo a fazer nosso pela boa vida. *Ibid.*

Tentaçao. Porque não pedimos a Deos, que nos livre das tentagoens, senão que nos não deixe cahir nellas. 1. 7. Como modera Deos as forças do Demonio, & da tentação, para que a possamos vencer. *Ibid.* Tenta Deos, tentão os homens, & tentão os Demônios, & para nosso mayor proveito. *Ibid.*

Vitoria.

V Ais importou para a vitoria a Josue a Lua, que o Sol, & como? 12. 4.

Vontade. Como se faz a vontade de Deos no Ceo, & como o podemos nós imitar na terra. 2. 5.

Voz. A vista tem maior esfera, que a voz, com que fallamos, mas a voz, com que oramos, tem mayor esfera, que a vista. 1. 3. Onde chegaõ os Anjos com a vista, chegaõ os homens com a voz. 1. 3.

LAVS DEO.



CA679

V657A

9

